

DEP. LE
H. P.
5386

Campanha do
Sul de Angola
em 1915 ❖ ❖

— RELATÓRIO —
do —
General Pereira de Eça



R. 85265



H. J.
5380

B. V. Braga
14 Jan 1944

I

Preparação das operações

Foi num dos primeiros dias do mês de Fevereiro de 1915 que S. Ex.^a o general Pimenta de Castro, Ministro da Guerra e Presidente do Govêrno, me fez convite para assumir o comando das tropas expedicionárias ao Sul de Angola.

Nessa ocasião S. Ex.^a mostrou-me ser conveniente que, com êste comando, accumulasse o cargo de governador geral da província.

Se é certo que as funções de comando no ultramar, onde os recursos escasseiam e as necessidades das tropas mais se acentuam, são suficientes para absorverem todas as atenções de quem as exerce, certo é também que, para que êsse comando se possa efectuar com os menores atritos e a máxima utilidade, é muito vantajoso que não tenha a sua acção limitada ao campo puramente militar, e que, pelo contrário, ela se estenda a tudo o que possa interessar às operações, o que só se pode conseguir fazendo convergir na mesma pessoa as responsabilidades de comando e as responsabilidades governativas.

Assim o têm demonstrado todas as grandes campanhas coloniais.

Foi por isto, e só por isto, que resolvi accitar a acumulação do govêrno da província de Angola com o comando superior das fôrças que nela iam operar. Assente pelo Govêrno da República que eu me encarre-

gasse da honrosa missão para que me convidou, nas condições que deixo expostas, eu, por minha vez, convidei para meu chefe do estado maior o major de infantaria, com o curso do estado maior, João Ortigão Peres, lente do referido curso na Escola de Guerra.

Este official, com uma verdadeira isenção, com o seu patriotismo e com a sua dedicação pessoal por mim, aceitou o meu convite, aceitação que S. Ex.^a o Ministro da Guerra tornou efectiva, nomeando-o para o referido cargo.

O primeiro trabalho a que procedemos foi à leitura de toda a correspondência trocada entre o Ministro das Colónias, o governador geral da provincia e o então comandante das forças expedicionárias, Sr. tenente-coronel do serviço do estado maior, Alves Roçadas, a fim de ajuizarmos da situação.

Essa leitura levou-me às seguintes conclusões :

1.^a Que a acção das forças da Damaraland no combate de Naulila não foi uma acção a fundo, pois, não tendo elas efectuado a perseguição das nossas, pouco tempo depois se afastaram da fronteira;

2.^a Que o resultado do combate de Naulila, juntamente com a intensa propaganda desde longa data efectuada pelos alemães e com a retirada das nossas forças, teve como consequência natural a rebelião, formal ou latente, de todo o gentio de além Cunene, e da região do Humbe;

3.^a Que, pelas diversas e grandes requisições feitas pelo governador geral de Angola e pelo tenente-coronel Alves Roçadas, se verificava a existência de grandes dificuldades com que se lutava para pôr as tropas enviadas para o Sul de Angola em estado de executarem as operações, dificuldades principalmente derivadas da não existência de uma conveniente linha de *étapes*, do facto de os grandes reforços para ali enviados, depois dos acontecimentos de Naulila, não terem sido precedidos, ou pelo menos acompanhados, de tudo quanto era ne-

cessário para a sua pronta entrada em acção, e ainda da circunstância de as funções de comando e as funções de governo não estarem concentradas na mesma pessoa, o que, apesar de exercidas por dois officiaes muito distintos e patriotas, não pôde deixar de traduzir-se em falta de unidade de acção e em perda de tempo.

As duas primeiras conclusões constituíram a base do projecto de operações que apresentei a S. Ex.^a o Ministro das Colónias, e que foi aprovado com uma ligeira restrição (documento n.º 1).

A 3.^a conclusão forneceu-me elementos para fazer as requisições que julguei necessárias para collocarem as forças do meu comando em condições de realizarem o esforço que lhes havia de exigir, devendo notar que, neste ponto, a leitura da correspondência não me desvendou completamente as dificuldades da situação, que só em Mossâmedes pude bem conhecer.

Uma questão de alta importância me devia merecer também todo o cuidado, era a questão política internacional, e por isso procurei S. Ex.^a o Ministro dos Negócios Estrangeiros e lhe pedi os necessários esclarecimentos.

A nossa beligerância não estava nitidamente declarada; é certo que tinha havido um ataque effectuado pelas forças da Damaraland aos nossos postos e às nossas forças, mas era duvidoso se aquellas forças eram regulares e se tinham procedido de *motu proprio*, constituindo a sua acção um simples incidente de fronteira, ou, se pelo contrário, tinham cumprido ordens do governo local, ou até do Governo da metrópole. Também se dizia que o governo da União da África do Sul tinha encarregado o general Botha de invadir a Damaraland e muito importava saber se este facto se confirmava.

Tudo isto se apresentava ao meu espirito por uma forma pouco definida e exigia que me fôsem fornecidos dados precisos que me indicassem uma maneira de proceder nítida, clara e franca; doutro modo a acção das

fôrças do meu comando podia vir a exercer-se por forma inconveniente, tanto sob o ponto de vista militar como sob o ponto de vista político.

O certo é que nenhuns esclarecimentos consegui obter de S. Ex.^a, e que parti orientado apenas pelo facto de ter sido aprovado o meu projecto de operações, com a restrição a que já me referi, e firmemente resolvido a não perder a menor oportunidade de desagrarar o mais amplamente possível a honra nacional.

Seja-me permitido registar que a diplomacia portugesa, sendo, por vezes, duma indiscrição surpreendente, é, noutras ocasiões, duma reserva tam impenetrável que torna a sua acção inútil para quem nela precise orientar a sua conduta.

Da leitura dos documentos existentes no Ministério das Colónias e do estudo das cartas do Sul de Angola e da Damaraland, pude eu, ainda em Lisboa, fazer uma idea, tam aproximada quanto possível, da situação criada pelos acontecimentos de Naulila, e portanto da tarefa que me cumpria realizar, e nela baseei, como disse, o meu projecto de operações, em que quaisquer que fôssem as modificações a introduzir *in loco*, em harmonia com o conhecimento mais directo dessa situação, tinha de dominar, como fim geral a atingir, a preocupação de se reocupar o território abandonado ao gentio, ocupar a região do Cuanhama, que, sendo nossa *in nomine*, nunca tinha sofrido de facto o nosso dominio e se encontrava desde longa data muito trabalhada pelos alemães da Damaraland, e principalmente castigar a afronta sofrida em Naulila, recebendo condignamente os alemães se elles tornassem ao nosso território, ou passando as nossas tropas a fronteira, para os atingir onde mais conviesse, prestando, em qualquer dos casos, um muito valioso concurso aos nossos aliados da África do Sul.

Tanto do exame das cartas, como do conhecimento de trabalhos de valor executados por distintos officiaes como, por exemplo, os de Ednardo Costa, Alves Roçadas,

Eduardo Marques e João de Almeida, eu concluí que tinha de escolher para base de operações o Humbe, que, pela sua situação estratégica, para tal fim se impunha, pois, encontrando-se coberta pela linha defensiva do Cunene, está, ao mesmo tempo, no centro das comunicações que, do planalto de Mossâmedes se dirigem para o Evale, Cuanhama, Cuamato, Dongoena, e, portanto, nas melhores condições para dali se proceder à submissão do gentio revoltado e, pela sua conveniente distância à fronteira, para aí se basearem operações, quer ofensivas quer defensivas, contra os alemães.

Nessa região devia eu portanto fazer a concentração do grosso das minhas forças, mas impunha-se-me também a obrigação de ter devidamente observada a linha de penetração que do posto de Cuangar se estende pelo vale do Cubango em direcção ao posto A, para daí se dirigir por Cassinga ao planalto de Mossâmedes ou internar-se no distrito de Benguela, e a linha que do Cunene mais directamente se encaminha para o referido planalto, isto é, a linha Otchinjau-Pocolo, Chibia-Lubango.

Certo era que tudo indicava que, no caso de nova incursão alemã por qualquer destas linhas, só se poderiam esperar ligeiras demonstrações, para nos obrigarem a dividir as nossas forças, visto as duas primeiras linhas serem muito extensas, excêntricas e correrem através de uma região pobríssima e em que o inimigo quanto mais se internasse mais perigos correria, e a terceira atravessar terreno difícil e ser facilmente cortada por qualquer movimento de flanco executado pelas tropas que se destacassem do Humbe, ou de qualquer outro ponto conveniente da linha que liga esta região com o planalto de Mossâmedes.

O que era porém incontestável era a necessidade de fazer ampliar no Humbe as operações de um efectivo que não deveria ser inferior a uns 6:000 a 7:000 homens e uns 3:000 solípedes, para o que se tornava necessário

prever o estabelecimento de uma sólida linha de *étapes* de uns 600 quilómetros de extensão, e a necessidade de igualmente ter tropas nas linhas de Cubango e de Otchinja-Pocolo, de muito menor efectivo, mas exigindo também a montagem de linhas secundárias de *étapes*, com menores recursos, mas sendo a do Cubango ainda mais extensa que a linha principal.

Todas estas considerações, acrescidas com o conhecimento de que nos últimos quatro anos tinha havido grande falta de chuvas no sul de Angola e portanto aí dominava a fome, me levaram a, mesmo aqui em Lisboa, considerar como questão capital para a honrosa, mas difícil, missão que me fôra confiada, a dos abastecimentos e dos respectivos transportes, devendo estes últimos ser o mais rápidos possível porque a estreiteza do tempo que eu tinha para realizar as operações, derivada da pressão inglesa exercida na Damareland, que naturalmente atiraria com os alemães para a nossa fronteira, e da necessidade de dar às mesmas operações a maior amplitude antes do começo das chuvas (fins de Setembro), assim o exigia.

Por isso perfilhei todas as requisições em víveres e transportes que se encontravam no Ministério das Colónias ainda por satisfazer; completei-as como julguei conveniente (documento n.º 1-A) reservando-me para, de Angola, as modificar, se o entendesse necessário; insisti pela aquisição imediata de 80 camiões automóveis e 750 carros alentejanos, requisitados com urgência pelo governador geral Norton de Matos; exigi que, partindo eu em 5 de Março, tivesse em Messâmedes, em 1 de Abril, víveres para quatro meses e metade dos transportes requisitados e, em 1 de Maio, víveres para seis meses e a totalidade desses transportes, tencionando montar devidamente as linhas de *étapes*; logo que chegasse a Mossâmedes, principiaria em Abril a escalonar os víveres pelos respectivos postos, completaria em Maio o abastecimento dos depósitos principais do Lubango, Gambos e Humbe e, no fim desse mês ou principios de Junho, po-

deria iniciar as operações de além Cunene com todo o desembaraço.

Infelizmente as promessas feitas de cumprimento destas exigências não foram satisfeitas com o rigor e a pontualidade requeridos, apesar da minha constante insistência, e daí resultaram as dificuldades com que lutei durante toda a minha estada em Angola e que no decurso d'êste relatório ressaltarão.

Tendo embarcado no *África* em 5 de Março, desembarquei em Loanda em 21 dêsse mês e, tendo assumido, neste mesmo dia, o govêrno da província, imediatamente principiei a ocupar-me com o maior ardor de tudo que interessava às operações e ali podia tratar, pensando contudo em prolongar o menos possível a minha estada nessa cidade, porque estava verdadeiramente ansioso de seguir para o sul, a fim de poder *de visu* conhecer a situação.

Não foi porém de pouca utilidade a minha demora em Loanda. Da troca de impressões com o secretário geral e com os governadores dos distritos do Congo e Lunda, colhi a confirmação de que os acontecimentos de Naulila tinham tido a natural repercussão não só no gentio do sul mas também no de toda a província que, por numerosos indícios, revelava, mais ou menos declaradamente, o seu espírito de rebelião, o que me levou a recomendar a êsses governadores, e depois por escrito, a todos os outros distritos, que procurassem contemporizar e fazer face a qualquer manifestação mais evidente de rebeldia com os recursos próprios, pois eu esperava, como efectivamente aconteceu, que o reflexo dos futuros acontecimentos do sul muito contribuiriam para o restabelecimento da quietação em toda a província.

Da revista que passei às tropas estacionadas em Loanda (1' bateria de artilharia de montanha e 1 companhia de infantaria n.º 20) e da forma como ali vi realizar vários exercicios colhi as melhores impressões a respeito do seu aprumo, disciplina e instrução.

Das conferências que tive com o inspector das obras públicas e com o chefe do departamento marítimo resultou para mim o muito desagradável conhecimento das precárias circunstâncias em que se encontravam o caminho de ferro e o pórto de Mossâmedes, tendo tomado immediatamente todas as medidas para lhes melhorar a situação.

Da revista que passei ao depósito de material de guerra concluí que só com os recursos da metrópole podia contar.

Finalmente, da entrevista que concedi ao cônsul inglês fiquei com a valiosa informação de que o general Botha já tinha iniciado as suas operações na Damaraland, e que estava disposto a informar-me do prosseguimento das mesmas, desejando ter, por sua vez, conhecimento da situação das fôrças do meu comando e das suas prováveis operações.

Dada a situação geral em Angola, publiquei uma portaria estabelecendo o estado de sitio em toda a província e mandando pôr em prática, sempre que se tornasse necessário, o regulamento das requisições militares da metrópole, para não prejudicar, com o meu afastamento para o teatro das operações, a administração do resto da província; dela encarreguei o secretário geral, que semanalmente me enviaria um relatório sôbre os assuntos que necessitassem a minha directa intervenção.

Tomadas estas disposições, tratei de embarcar para Mossâmedes, onde cheguei a 7 de Abril, a bordo do vapor *Loanda*, tendo, de caminho, conferenciado com o governador do distrito de Benguela, que ficou informado da minha intenção de fazer seguir oportunamente para Mossâmedes a companhia de infantaria n.º 20 e a bateria de artilharia n.º 3, que se encontravam no Huambo, visto que eu não perfilhava a orientação, que primitivamente houvera, de organizar uma coluna que, partindo daquela localidade, fôsse operar no vale do Cubango, isto por motivo que adiante exporei.

À minha chegada a Mossâmedes a primeira coisa que naturalmente chamou a minha atenção foi a falta de recursos do pôrto em elementos de desembarque e em abrigos para o material (viveres e material de guerra); havia apenas uma pequena ponte (ferro e madeira) com dois velhos guindastos, um a vapor e outro movido a braços; e os barcos para fazerem os transportes entre os vapores e a ponte eram em número muito insuficiente, de forma que estes vapores levavam dias e dias à espera de que lhes chegasse a vez para iniciarem a descarga.

Nas imediações da ponte, o material, de toda a espécie, encontrava-se espalhado ao ar livre, algum já em manifesto estado de deterioração, como, por exemplo, as caixas de rancho confeccionado proveniente da Manutenção Militar (documentos n.º 4 e 5).

Tendo ouvido o capitão do pôrto, mandei, com urgência, construir uma ponte flutuante, que em poucos dias principiou a prestar óptimos serviços, e mandei igualmente requisitar todas as embarcações para activar a descarga dos vapores.

Quanto a abrigos para o material, ordenei que se activasse a construção de um grande barracão, já começado, e mandei vir do Cabo da Boa Esperança encerrados, pois a cobertura a capim era impossível adoptá-la, porque êste não existia, nem sequer para a alimentação do gado, e as fôlhas de zinco não se podiam adquirir nem na província nem na cidade do Cabo, visto a guerra da Damaraland ter absorvido todo o que ali havia. Apenas consegui que o departamento marítimo de Angola cedesse algumas fôlhas de zinco de que dispunha.

Abrigar o material em armazéns alugados ou requisitados era impossível, porque os que havia na cidade estavam todos ocupados por tropas.

Estas eram bastante numerosas. Nada menos de doze unidades as constituíam: um batalhão de infantaria n.º 18; um batalhão de infantaria n.º 19; batarias de

artilharia n.ºs 1, 2, 7 e 8; um esquadrão de cavalaria n.ºs 4 e 5; baterias de metralhadoras, etc.

Encontravam-se espalhadas pela cidade e pelos arredores, umas acantonadas, outras em estacionamento mixto. (Acantonamento e bivaque).

Como havia grande vantagem em ter uma ponte onde os navios atracassem, e esta era realizável no recanto da baía de Mossâmedes denominada o *Saco*, mandei o comandante de engenharia proceder ao seu estudo, e em harmonia com a sua proposta telegrafei para Moçambique, mandando adquirir a madeira necessária para a sua construção.

Infelizmente, o navio que a transportava, tendo apanhado um forte temporal, teve de lançar uma grande parte ao mar, ficando assim prejudicada uma medida que, se tivesse tido realização, muito teria facilitado os desembarques, evitando ao mesmo tempo uma importante despesa com pequenas embarcações.

Tendo visitado todas as unidades, e assistido aos seus exercícios, colhi a mesma impressão agradável que já recebera em Loanda, notando apenas em infantaria n.º 19 grande número de baixas ao hospital, que me foram explicadas pelo facto de essa unidade ter estado durante algum tempo estacionada perto das hortas e num sítio um pouco pantanoso.

Nesta ocasião, as outras unidades expedicionárias encontravam-se nos seguintes locais :

Batalhão de infantaria n.º 14 — Capelongo, Cahama, Gambos.

Batalhão de infantaria n.º 16 — Lubango.

Batalhão de infantaria n.º 17 — Chibia.

Batalhão de marinha — Forno de cal.

Uma bateria de montanha — Forno de cal.

Uma bateria de montanha — Chibia.

Uma bateria de metralhadoras — Chibia.

Um esquadrão de cavalaria n.º 9 — Techiepepe.

Um esquadrão de cavalaria n.º 11 — Humpata.

Uma bateria de metralhadoras — Hufla.

Auxiliares boers — Otchinjau.

Fiz o propósito de, o mais brevemente possível, as ir inspeccionar. Tomadas as medidas mais urgentes relativamente ao pôrto de Mossâmedes, impunha-se-me tratar com a maior actividade e energia do estabelecimento dos serviços da retaguarda, a cuja frente coloquei o major de infantaria, Romeiras de Macedo.

Neste assunto (documento n.º 4) havia a considerar o seguinte:

- a) Os transportes até a base da serra de Chela;
- b) Os transportes através da serra da Chela;
- c) Os transportes do alto da Chela (Quilemba) até a zona das operações.

Quando cheguei a Mossâmedes encontrei este serviço entregue a duas entidades diferentes: uma, o comando da chamada zona do interior, ao delegado do Govêrno da província, tendo a seu cargo os transportes do litoral até o planalto; outra, o comando da zona da retaguarda, ao delegado do comando das tropas expedicionárias, tendo à sua responsabilidade os transportes no planalto.

Comquanto uma tal organização estivesse em harmonia com os princípios gerais estabelecidos para o serviço do exército em campanha na metrópole, ela não correspondia às necessidades de uma campanha colonial, em que é indispensável haver a maior unidade de acção em todos os serviços.

Assim, apesar de tanto a zona do interior como a zona da retaguarda terem à sua frente oficiais distintos e zelosos, a experiência até então feita não aconselhava a conservação de uma tal organização.

Por isso resolvi suprimir a zona do interior e considerar só a zona da retaguarda e a zona de operações, ficando a da retaguarda com todo o serviço entre o litoral e a frente de operações.

Todo o serviço da segunda linha ficou portanto a cargo da Direcção do Serviço de *Étapes*, constantemente orientada pelo comando superior, que assim tinha facilidade em fazer executar as suas ordens.

Para os transportes até a base da serra da Chela havia o caminho de ferro de via reduzida (0^m,60), com pequenas locomotivas já muito esfalfadas e um material circulante muito reduzido e gasto.

Esta linha férrea só era explorada até Vila Arriaga (quilómetro 169) e o máximo rendimento que se tinha conseguido era de 28 a 30 toneladas diárias, que eram consumidas com os transportes exigidos pelos abastecimentos das tropas estacionadas no planalto, não permitindo, portanto, não só o fazer internar as que se encontravam em Mossâmedes, mas também criar os indispensáveis depósitos ao longo da linha de *étapes*.

Impunha-se pois modificar esse estado de cousas com a maior urgência, e, assim, tendo obtido o consentimento de S. Ex.^a o Ministro das Colónias, empreguei os maiores esforços para adquirir locomotivas mais poderosas e mais novas do que as existentes, conseguindo, depois de numerosas canseiras, adquirir três na África do Sul, que ainda tiveram de sofrer transformações na cidade do Cabo, pois tinham sido construídas para via mais larga que a de Mossâmedes, e dei ordem para se continuar a construção da via férrea, que chegou mais tarde a ser explorada até o quilómetro 184, graças aos esforços do capitão Montalvão.

Igualmente tentei estabelecer com carros boeres uma linha de *étapes* de estrada entre Mossâmedes e o planalto, mas a experiência foi infeliz, porque, por falta de água, a maior parte dos carros boers viram-se impossibilitados de marchar por lhes morrerem os bois das respectivas espanas.

Os transportes através da Serra da Chela eram feitos por carregadores, meio êste pouco rendoso e muito caro; por isso, para a hipótese das operações serem prolon-

gadas por qualquer motivo imprevisto, ainda para garantir os transportes indispensáveis para as tropas que no final da campanha ficassem na ocupação, ordenei ao engenheiro Tôrres, muito conhecedor da região e de trabalhos de viação, que procedesse à construção de uma estrada para automóveis que ligasse o *terminus* da via férrea em exploração com o alto da Chela, devendo essa estrada ser facilmente aproveitada para mais tarde, com ligeiras modificações, se transformar na continuação da referida via férrea.

Devo aqui dizer que tendo, na minha passagem no Lobito, conversado com Mariano Machado, director do caminho de ferro de Benguela e grande conhecedor de trabalhos ferroviários em África, elle me garantiu que a linha de Mossâmedes há muito teria subido a serra da Chela se a nossa engenharia tivesse um espírito mais prático e tivesse portanto encarado o problema por forma a fazer essa subida com a bitola de 0^m,60, que se adapta a todos os terrenos, e tivesse renunciado, pelo menos temporariamente, ao projecto de continuar a construção da linha ao longo da serra por forma a poder vir a ser-lhe adaptada a bitola de 1 metro, o que exigia curvas e rampas em condições de tornarem essa construção uma cousa que tende a eternizar-se e que já tem dado lugar a estudos sem conto, que datam de há trinta anos!

Devo ainda acrescentar que Mariano Machado, tendo ido a Mossâmedes no mesmo paquete em que eu fui e, tendo, por sua iniciativa e por mera curiosidade, percorrido a via férrea e subido a serra da Chela, após esta digressão, manteve a sua opinião.

Essa estrada de automóveis ficou completa no final das operações, prestando já grandes serviços na retirada das tropas e continuando a prestá-los, como prolongamento da linha férrea, para a alimentação dos postos de ocupação e das próprias localidades do interior do distrito de Huila.

Um outro assunto a que dediquei a maior atenção foi ao desenvolvimento intenso da construção de estradas para automóveis e linhas telegráficas na direcção do Cunene e do Cubango, para o que mandei proceder a reconhecimentos e fiz seguir para o interior o comandante da engenharia com plenos poderes para dirigir esse trabalho com o concurso das autoridades locais.

O muito que este official conseguiu consta do seu relatório (documento n.º 6).

Tendo, pouco depois da minha chegada a Mossâmedes, ido ali conferenciar comigo o tenente-coronel Alves Roçadas, fui por elle informado da situação no distrito da Huila e prometi-lhe ir brevemente aos Gambos, onde esse official tinha o seu quartel general, pedindo-lhe para conservar o comando (das tropas já estacionadas no planalto) até o inicio das operações, momento em que lhe daria a missão que as circunstâncias aconselhassem e em harmonia com a sua categoria.

A este oferecimento se reservou S. Ex.^a para responder quando eu fôsse aos Gambos, visita que efectuei em fins de Abril, acompanhado pelo chefe do estado maior e por um dos meus ajudantes, tendo feito a viagem, entre o alto de Chela (Quilemba) e os Gambos, de automovel, em circunstâncias que me causaram a mais profunda alegria, pois me mostraram a nenhuma razão que tinham aqueles que, tanto em Lisboa como em Angola, afirmavam ser completo o fracasso a que estava condenado este meio de transporte.

Esta óptima impressão transmiti ao Sr. Ministro das Colónias, instando mais uma vez pela rápida remessa de camiões requisitados.

Logo que cheguei a Mossâmedes e que tomei conhecimento da situação que ali fui encontrar, informei, como me cumpria, o Sr. Ministro por telegramas, confirmados por officios (documento n.º 7).

Iguais informações mandei no meu regresso do planalto, e como nessa ocasião tinha sido nomeado para a

pasta das Colónias o Sr. almirante Teixeira Guimarães, julguei dever, ao fazer os cumprimentos do estilo, provocar uma demonstração da confiança que S. Ex.^a me concedia, a fim de saber se podia continuar os meus trabalhos relativos à preparação das operações.

Foi-me essa confiança afirmada nos termos mais categóricos, porém S. Ex.^a aproveitou a ocasião para me significar quanto o país estava ansioso por ver restabelecido o nosso prestígio perante o gentio, deixando S. Ex.^a claramente entrever que devia ser considerada como uma questão muito secundária, ou mesmo sem importância, a liquidação dos factos ocorridos com os alemães (documento n.º 3).

Não podendo, por forma alguma, deixar de continuar a considerar esta última questão como primacial, assim o comuniquei a S. Ex.^a (documento n.º 8), que, com o seu silêncio, pareceu conformar-se com a minha orientação.

Continuando a ter notícias das operações do general Botha, por intermédio do cônsul inglês, e vendo, por essas notícias, que o avanço das tropas (inglesas) da União progredia com relativa celeridade, de modo a empurrar os alemães para a nossa fronteira, comecei a preocupar-me bastante com a possibilidade de essa fronteira ser atingida antes de as tropas do meu comando ali se encontrarem, e por isso redobrei de esforços para que me fôsem enviados o mais brevemente possível os oitenta camiões, requisitados estando eu ainda em Lisboa, e em telegramas constantemente lembrados, bem como os restantes meios de transporte (carros alentejanos) na mesma ocasião pedidos; mandei o *Ambaca*, ainda a meia descarga, à cidade do Cabo buscar as três locomotivas que ali adquirira por intermédio do nosso cônsul, pois não podia obter qualquer outro transporte, a não ser que esperasse pelo rápido de Moçambique, o que representava uma demora grandíssima e prejudicialíssima; e, tendo recebido comunicação de que dez camiões estavam a che-

gar a Mossâmedes e que os restantes setenta chegariam daí a dias, dispus tudo para poder fazer o mais rapidamente possível a reocupação do Humbe.

Para isso ordenei que se completasse a organização das unidades, pois tinham partido da metrópole incompletas, que se estabelecesse em harmonia com as necessidades das futuras operações a linha de *étapes*, sendo preciso, tanto para uma coisa para outra, desfazer algumas das unidades montadas, para cederem o seu pessoal, gado e até algum material.

A grande dificuldade em obter os elementos necessários para uma conveniente linha de *étapes* através dos distritos de Mossâmedes e Huila levou-me a nem sequer poder pensar em estabelecer uma outra linha baseada no caminho de ferro de Benguela e que com aquela cooperasse, pois mesmo, só para a linha que estabeleci, tive de lançar mão das praças do batalhão de infantaria n.º 14 que ainda estavam em estado de fazer serviço e tive de mandar ir de Loanda uma bateria de montanha e de Benguela a bateria de artilharia n.º 3 e a companhia de infantaria n.º 20, sendo as duas primeiras completamente desfeitas, bem como a bateria de artilharia n.º 2 que estava em Mossâmedes, e uma outra bateria de montanha que se encontrava na Chibia.

A organização da linha de *étapes* foi estabelecida segundo a proposta do director do serviço de *étapes* (documento n.º 9), levemente modificado (*croquis*) e o seu funcionamento consta dos relatórios do mesmo director e do seu chefe de estado maior (documentos n.º 4, 10 e 11); tendo recebido comunicações, ainda que vagas, que assinalavam a presença de alemães no nosso pôsto abandonado do Cuangar, com tendência a internarem-se pelo vale do Cubango, resolvi reforçar as tropas da região de Cassinga e assim mandei um destacamento com o fim de vigiar o referido vale, destacamento cujo comando dei ao major de infantaria Reis e Silva, que recebeu as devidas instruções (documento n.º 12).

Durante esta minha primeira estada em Mossâmedes foram-se sucessivamente montando os diferentes serviços para o que fiz publicar o seguinte:

Instruções para o serviço telegráfico (documento n.º 13).

Instruções para o serviço postal (documento n.º 14).

Instruções para a contabilidade e fiscalização (documento n.º 15).

Instruções para o serviço dos depósitos de fardamento e subsistências (documento n.º 16).

Instruções para o serviço de rebanho de abastecimento e parque de reses (documento n.º 17).

Instruções para o serviço de padarias¹ (documento n.º 18).

Nesta altura teve lugar o primeiro contacto das forças do meu comando com o gentio revoltado, contacto efectuado pelas nossas tropas avançadas que se encontravam no Tchicusse, sob o comando do primeiro tenente Cerqueira, e que, a pedido instante do superior da missão do Tchipelongo, foram em socorro da mesma, inflingindo uma severa lição ao gentio, e portando-se com uma valentia que bem mostrou quanto eu tinha a esperar dessas belas tropas (batalhão de marinha e 15.ª companhia indigena de Moçambique), que mais tarde nos combates de Mongua, tam brilhantemente se houveram.

O que foi esta primeira entrada em operações, não prevista, muito bem o diz o relatório do primeiro tenente Cerqueira (documento n.º 19).

Também por esta ocasião eu estava já elucidado sobre a situação além Cunene, relativamente aos alemães, pois tinha recebido relatórios de reconhecimentos (documento n.º 20) que confirmavam a sua ausência das proximidades de Naulila e de toda a fronteira dali para o sul.

¹ Oportunamente fui também aprovando as propostas dos serviços administrativos (documento n.º 18-A).

Quanto a material de guerra, vide documento n.º 18-B.

Para haver a menor perda de tempo na realização de todas as medidas tendentes à aceleração da entrada em operações, combinei com o chefe do estado maior o seguinte:

Ficar êle em Mossâmedes a ultimar a mobilização das unidades ali estacionadas para providenciar sôbre o desembarque das novas locomotivas e dos automóveis e para pôr as primeiras a trabalhar e os segundos em marcha para o Lubango, e ir eu para esta localidade acompanhado pelo sub-chefe do estado maior e por um dos meus ajudantes, para aí activar tudo o que respeitava às linhas de *étapes*, na direcção de Cassinga e do Cunene, e à preparação do avanço para o Humbe de parte das fôrças estacionadas no planalto, a fim de ali se estabelecer a base das operações a efectuar além Cunene.

Fiz avançar para os Gambos o batalhão de infantaria n.º 17 e a bateria de metralhadoras, que estava na Chibia, e para o Techiepepe o esquadrão de cavalaria n.º 11, que estava na Humpata; forneci ao batalhão de marinha e à 15.ª companhia indígena de Moçambique o que careciam para poderem avançar e constituí o destacamento destinado à reocupação do Humbe (documentos n.ºs 21 a 23) e, tendo-me o chefe do estado maior telegrafado participando que duas novas locomotivas já trabalhavam e que se estava a ultimar a montagem da terceira, a maior, estando ao mesmo tempo em caminho do Lubango os 70 camiões desembarcados no dia 19 de Junho em Mossâmedes (os outros 10 já tinham, dias antes, chegado ao Lubango), telegrafei-lhe, por minha vez, dizendo que marchasse a juntar-se-me, nos Gambos, para iniciarmos o avanço para o Humbe.

Tendo êle ali chegado a 3 de Julho, imediatamente partimos, em automóvel, para o Tchicusse, onde o destacamento destinado a reocupar o Humbe já estava concentrado.

Êste destacamento era comandado pelo coronel Verissimo de Sousa, que tinha como chefe do estado maior o

capitão de artilharia com o curso do estado maior, José Esteves de Mascarenhas.

Um outro destacamento constituído apenas por parte dos esquadrões de cavalaria n.ºs 9 e 11 e pelos auxiliares boers, comandado pelo major Vieira da Rocha, saiu na mesma ocasião dos Gambos igualmente com destino ao Humbe, mas devendo marchar pelo Otchinjau e Dongoena, para bater esta última região.

Havendo toda a conveniência em estabelecer comunicações directas entre os Gambos e o Mulondo, encarreguei o capitão Roby, meu official às ordens, de realizar o reconhecimento dos caminhos entre essas localidades, tendo êsse official iniciado a marcha no referido dia 3 de Julho.

II

Execução das operações

O destacamento destinado à reocupação do Humbe conseguiu alcançar o seu objectivo no dia 7 de Julho, às catorze horas, sem ter encontra-lo a menor resistência por parte do gentio, mas lutando com grandes dificuldades em água, pois as cacimbas que se encontravam ao longo do Caculevar estavam quasi completamente secas.

Momentos depois do destacamento do comando do coronel Verissimo chegar ao Humbe, ai chegou também o destacamento comandado pelo major Vieira da Rocha, o qual conseguiu raziar a região que percorreu sem nenhum entrave (documento n.º 24).

A residência do Humbe, a fortaleza e as casas dos commerciantes foram encontradas incendiadas, tendo o incendio tido lugar por ocasião da retirada de Naulila.

Acampadas as tropas no Humbe, no terreno comprehendido entre a residência e a fortaleza, principiaram as apresentações do gentio, notando se porém que êste se fazia representar quasi exclusivamente por velhos, mulheres e crianças (todos com aspecto esquelético).

Os homens válidos tinham passado o Cunene, procurando refúgio no Cuamato e Cuanhama.

No dia 9 fui, com o chefe do estado maior e outros oficiais do meu quartel general, reconhecer o Cunene, junto do forte Roçadas, e verifiquei que este forte também fôra incendiado, encontrando se nele apenas alguns leitos de ferro em estado de se aproveitarem.

Demorei-me no Humbe até o dia 11 e as informações que ali colhi sobre os alemães e os indigenas eram, quanto aos primeiros, que a sua presença junto à fronteira só se assinalava para os lados de Cuangar, e, quanto aos segundos, que se mantinham na expectativa, nada dispostos a apresentarem-se e, pelo contrário, resolvidos a oporem-se à nossa marcha além Cunene.

Sendo necessário activar o mais possível a concentração no Humbe do grosso das forças do meu comando, e tendo eu reconhecido que a simples acção da minha presença muitas dificuldades fazia desaparecer, resolvi voltar ao Lubango para fazer completar os preparativos para a marcha das unidades que ainda se encontravam no Planalto, mas, como ao mesmo tempo era necessário completar a organização da base de operações no Humbe, fazer reconhecimentos no Cunene e consolidar as disposições contra qualquer tentativa de agressão às tropas já aí estacionadas, por parte dos alemães ou do gentio, ou de ambos os inimigos, julguei conveniente, durante a minha curta ausência, encarregar da orientação directa desses trabalhos o meu chefe do estado maior, que por isso ali deixei, acompanhado de um dos meus ajudantes e de um adjunto do meu quartel general.

Recebi no Lubango o telegrama participando que os alemães da Damareland se tinham rendido ao general Botha, e com verdade devo dizer que foi esta a notícia mais desagradável que em toda a campanha me chegou.

Mas, como o homem põe e Deus dispõe, necessário era adaptar-me à nova situação, encará-la tal como os

factos a apresentavam e tomar immediatamente as medidas correlativas.

Ficava só em campo o gentio, tinha-se portanto simplificado consideravelmente a minha tarefa, mas nem por isso ela tinha ficado, como à primeira vista poderá parecer, uma tarefa fácil.

O gentio revoltado era aguerrido e muito numeroso (Cuanhama, Cuamato, Évale, alguns Cuanbis e foragidos do Humbe e Dongoena), segundo dados colhidos em autoridades, como Eduardo Costa e João de Almeida, e as informações por mim obtidas, o seu efectivo total deveria orçar por uns oitenta a cem mil combatentes, e era necessário ter em conta que tinham o moral muito levantado pela retirada das nossas forças após os acontecimentos de Naulila, e tinham sido em grande parte instruídos e armados pelos alemães, dando-se ainda a circunstância de à frente da coligação se encontrarem os Cuanhamas, que nunca tinham sofrido o nosso domínio e cujo estado de civilização já era, segundo todas as fontes de informações, muito apreciável.

A missão que tinha neste momento a efectuar era portanto a ocupação do Cuanhama e a reocupação de todo o outro território de além Cunene, que tinha sido abandonado, o que representava uma área enorme a submeter simultânea e rapidamente, por isso que havia necessidade de ter as operações terminadas no início das chuvas (fins de Setembro) a fim de não se correr o risco de ficar com as estradas intransitáveis, e havia igualmente necessidade de encurtar o mais possível a permanência além Cunene de grandes efectivos que a importância de coligação gentílica e a necessidade de simultaneidade de acção exigia, porque a deficiência dos meios rápidos de transportes não permitia alimentar êsses efectivos a tam grande distância do litoral (600 quilómetros) senão o tempo indispensável para quebrar a resistência do adversário, ficando depois nas regiões batidas só as tropas indispensáveis para a sua ocupação.

Como a rendição dos alemães tornava desnecessária uma forte observação no vale do Cubango, ficava me disponível o destacamento de Cassinga, do comando do major Reis e Silva, e por isso concebi o seguinte projecto de operações, que depois executei:

Esse destacamento retrocederia para o Capelongo, desceria o Cunene, até o Mulondo, e aí aguardaria ordem para, oportunamente, seguir até o Cafu e ir reocupar o Évale, e, com as restantes forças a concentrar no Humbe, eu constituiria mais três destacamentos: um, bastante forte, para ocupar o Cuanhama; outro, um pouco mais fraco, para reocupar o Cuamato; e outro, ainda mais fraco, para reocupar a Dongoena, Naulina e vigiar as passagens do Cunene dali até as cataratas de Ruacaná.

Poderá parecer uma incoerência que, tendo eu, no meu primeiro projecto de operações, apresentado em Lisboa a S. Ex.^a o Ministro das Colónias, em vista proceder com as forças do meu comando o mais concentradas possível, agora as divida por quatro destacamentos; porém, tal incoerência não existe, porque na guerra é preciso adaptar sempre a nossa conduta às circunstâncias e estas muito tinham variado.

Esse primeiro projecto de operações era para opor a alemães e, portanto, visava a que, por forma alguma, nos viéssemos a chocar com eles sem termos uma garantida superioridade numérica, ao passo que o que eu ia de facto executar era contra indígenas, cujo valor guerreiro, apesar de considerável, se não devia comparar com o dos alemães, e contra indígenas que, pelos motivos atrás apontados, tinham de ser rapidamente batidos, e essa rapidez só com simultaneidade de acção se podia obter, simultaneidade que tinha ainda como consequência muito valiosa o evitar a acção em massa do gentio, pois cada qual trataria, sem dúvida, de defender o seu território logo que o visse atacado.

Além disso, apesar da ausência de telegrafia sem fios,

por mim tam insistentemente pedida e que preciosos serviços prestaria na ligação dos destacamentos, estes, dada a distância a que operariam uns dos outros, poderiam dar-se a mão, em caso de necessidade.

Mas, a aumentar as dificuldades da minha tarefa, ainda havia a circunstância muito embaraçosa de eu, tendo carros alentejanos e muares bastantes para dotar as unidades com os transportes indispensáveis para uma marcha em boas condições, ter de reduzir o mais possível o número de carros e ter de, em vez das duas parelhas por carro que a natureza arenosa do terreno exigia, destinar-lhe apenas uma parelha, vista a impossibilidade de transportar água e forragens para tanto gado, pois a região a atravessar não tinha água nem capim e os camiões mal chegavam para o transporte de víveres e água para o pessoal.

Vejamos rapidamente a razão dêste meu procedimento:

Os carros alentejanos foram carregados, em média, a 750 quilogramas e, como disse, tirados a uma parelha.

1.º Se a carga média dos carros alentejanos regulasse por 500 quilogramas, e fôsem tirados a duas parelhas, resultava o seguinte:

Duplicaria o número de carros;

Quadruplicaria o número de condutores e solípedes.

Exemplificando:

O destacamento do Cuanhama levou uns 140 carros alentejanos, com uma tonelagem de 105:000 quilogramas (a 750 quilogramas cada carro), 140 condutores, 280 solípedes e 140 carros alentejanos.

Para se transportar a mesma tonelagem em carros, a 500 quilogramas e a duas parelhas, seriam precisos 420 condutores, 840 solípedes e 210 carros alentejanos.

Haveria, portanto, um aumento de: 70 viaturas, 560 solípedes e 280 condutores.

Mas como este pessoal e gado teria de ir abastecido de sete dias de viveres e de forragens, como ia abastecida a coluna, temos:

| | Quilogramas |
|---------------------|------------------------------------|
| Viveres | $7 \times 2,58 \times 280 = 5:056$ |
| Forragens | $7 \times 5 \times 560 = 19:600$ |
| | <u>24:656</u> |

que exigiriam para o seu transporte mais 48 carros, 192 solípedes e 96 condutores.

Por sua vez, este pessoal e gado teria de ir igualmente abastecido; temos, pois:

| | Quilogramas |
|---------------------|-----------------------------------|
| Viveres | $7 \times 2,58 \times 96 = 1:733$ |
| Forragens | $7 \times 5 \times 192 = 6:720$ |
| | <u>8:453</u> |

que exigiriam para seu transporte mais 17 carros, 68 solípedes e 34 condutores.

E entrando novamente em conta com o abastecimento deste pessoal e gado temos:

| | Quilogramas |
|---------------------|---------------------------------|
| Viveres | $7 \times 2,58 \times 34 = 614$ |
| Forragens | $7 \times 5 \times 68 = 2:380$ |
| | <u>2:994</u> |

para os quais seriam necessários mais 6 carros, 24 solípedes e 12 condutores.

Repetindo, por último, para este pessoal e gado, as considerações acima feitas, temos:

| | Quilogramas |
|---------------------|---------------------------------|
| Viveres | $7 \times 2,58 \times 12 = 216$ |
| Forragens | $7 \times 5 \times 24 = 840$ |
| | <u>1:056</u> |

Para o transporte dos quais eram precisos mais 2 carros, 8 solípedes e 4 condutores.

Em resumo, tendo o destacamento de Cuanhama levado 140 carros, 280 solípedes e 140 condutores, passaria a levar 283 carros, 1:132 solípedes e 566 condutores.

Isto é: duplicaria o número de carros e duplicaria o número de condutores e solípedes.

2.º Se os carros alentejanos fossem carregados a 750 quilogramas e tirados a duas parelhas, fazendo os cálculos idênticos aos anteriores e que nos dispensamos de reproduzir, ver-se-ia que seriam necessários 162 carros alentejanos, 648 solípedes e 324 condutores.

3.º Por último, se os carros fossem a 500 quilogramas e a uma parilha seriam precisos 218 carros alentejanos, 436 solípedes e 218 condutores.

Do quadro seguinte ressaltam claramente as diferenças em material, pessoal e gado, que resultariam da adopção dum ou outro dos processos apontados:

| | Condutores | Carros alentejanos | Solípedes |
|--|------------|--------------------|-----------|
| Carros a 500 quilogramas e a duas parelhas | 283 | 1:132 | 566 |
| Carros a 750 quilogramas e a duas parelhas | 324 | 162 | 648 |
| Carros a 200 quilogramas e a uma parilha | 218 | 218 | 436 |
| Carros a 750 quilogramas e a uma parilha | 140 | 140 | 280 |

Todos estes processos, à excepção do último, que foi o que realmente se adoptou, eram absolutamente incompatíveis com os meios e recursos de que dispunha.

E são evidentes as dificuldades que resultariam do aumento do pessoal.

Em primeiro lugar, não era possível fazer convergir mais viveres e forragens para a base de operações, pois o rendimento que se obteve nesse serviço foi o máximo que era possível conseguir com os meios de comunicação existentes. Nestas condições, para se aumentar o abastecimento da base de operações, seria forçosamente necessário adiar o início da campanha, o que seria muito prejudicial, por causa da aproximação da época das chuvas.

Mas, admitindo mesmo que não havia inconveniente nesse adiamento, restava outra dificuldade verdadeiramente insuperável: era a impossibilidade de se fazer o abastecimento da água. A este respeito qualquer aumento em pessoal e gado só viria agravar consideravelmente a já de si bem delicada situação do destacamento do Cuanhama.

Com a solução adoptada poderá parecer que os carros iam bastante carregados, e que o esforço exigido ao gado era talvez excessivo. É preciso, porém, não esquecer que esse inconveniente se atenuava rapidamente, chegando mesmo a desaparecer, pois dia a dia se iam consumindo os viveres e forragens transportados nesses carros.

Iniciei, pois, as operações, já com a certeza de que tinha de sujeitar as tropas do seu comando a todas a espécie de desconforto e, o que é mais, à fome e à sede; mas não hesitei um momento em fazê-lo, fiado no seu patriotismo e impulsionado pelo convencimento de que as operações, a não se realizarem naquele momento, só no ano seguinte se fariam, se se fizessem, e que esse adiamento representaria um grande gasto de dinheiro e vidas, e, o que era pior, um grande desprestígio perante o gentio e perante nós próprios.

Iniciadas as marchas de concentração, terminaram no dia 10 de Julho e, constituídos os destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Naulila (documentos n.ºs 25 e 28), ordenei que todos estes e o do comando do major

Reis e Silva, que já se encontrava no Mulondo, e, como atrás disse, se destinava à reocupação do Evale, marchassem sobre os seus objectivos.

Tudo me leva a crer que o destacamento do Cuanhama seria o que encontraria maior resistência, por isso o acompanhei.

Não iniciarei a descrição das operações sem deixar registada a profunda mágoa que me produziu a noticia de que o meu official às ordens, capitão Roby, que, como já referi, encarregara do reconhecimento das communicações entre os Gambos e o Mulondo, encontrou a morte traiçoeira, perto desta última localidade, sendo vítima da sua grande valentia.

Os destacamentos do Evale e de Naulila realizaram a sua missão sem encontrarem a menor resistência (documentos n.ºs 29 a 31); o do Cuamato encontrou alguma resistência por parte do gentio dirigido pelo lenga Chantanguela, mas com alguns tiros feitos pela bataria de montanha foi ella completamente aniquilada (documento n.º 32).

Quanto ao destacamento do Cuanhama, as dificuldades que teve a vencer foram dignas de especial registo (documento n.º 33).

No primeiro dia de marcha (até o Cunene) não houve a menor contrariedade. No segundo dia a passagem do vau da Chimbua, que levou três horas e trinta minutos, custou grandes esforços ao gado e pessoal dos carros e das unidades montadas, o que fez com que a marcha não pudesse ir além da Chana das Palmeiras, mas o gentio não deu sinal de si, encontrando-se apenas vestígios dos espias.

Nos dias 14, 15 e 16 a natureza arenosa do terreno e grande falta de água tornaram a marcha muito morosa, e as *étapes* demasiado curtas (em média 8 quilómetros), continuando a não se ver senão o rasto dos espias, mas,

no fim da marcha do dia 16, ao anoitecer, a cavalaria e os auxiliares assinalaram concentração de gentio na direcção das cacimbas da Mougua, em attitude claramente hostil, e como, segundo as indicações dos guias, essas cacimbas ficavam a uns 2 quilómetros do local de estacionamentos, devido ao adiantado da hora, não podiam ser ocupados immediatamente, mandei durante a noite fazer alguns tiros de artilharia, a fim de evitar que a água fosse envenenada, ou mesmo esgotada, pois neste momento o encontrar água era a minha principal preocupação.

No dia 17 marchámos na direcção das referidas cacimbas, atravessando a zona de terreno chamado *borda da terra*, ou seja a verdadeira entrada no território Cuanhama, e, logo que a exploração (cavalaria e auxiliares) atingiu as proximidades do local onde as cacimbas estavam situadas, foi recebida por viva fuzilaria, feita pelo gentio, que depois soube ser dirigido pelo lenga Calola, encarregado da defesa da fronteira, e que tinha como auxiliares os foragidos do Humbe.

O destacamento fez alto, passou à formação de quadrado, recolheu a exploração e fez alguns tiros de artilharia, que prontamente obrigaram a calar o fogo adverso, saindo então a cavalaria a bater novamente o mato, não encontrando já resistência.

Depois o destacamento continuou a marcha e foi estacionar no sítio em que os guias diziam estarem as cacimbas.

Efectivamente aí encontrámos umas vinte, porém quasi completamente secas.

Até ao cair da tarde, alguns pretos nossos auxiliares, que se tinham espalhado pelo mato em procura de mais cacimbas, vieram dizer que tinham encontrado, a uns 2 quilómetros de distancia, umas trinta com alguma água mas que estavam defendidas pelo gentio, que os recobera a tiro.

Como já tinha morrido bastante gado, de fadiga e sê-

de, e já nos tínhamos visto forçados a abandonar alguns carros, com parte das respectivas cargas, resolvi dar um descanso no dia seguinte e apossar-me dessas caçimbas, transferindo o estacionamento para junto delas.

No dia 18, quando estava a fazer-se os últimos preparativos para levantar o bivaque para êsse fim, pelas oito horas e trinta minutos, vimo-nos repentinamente atacados intensamente, principalmente pelas faces leste e norte, com nutrida e certa fuzilaria de armas aperfeiçoadas.

Respondemos prontamente com fogo de artilharia, metralhadoras e infantaria, mas o gentio, dispendo em abundância de munições e utilizando õptimamente os abrigos oferecidos pelos numerosos morros de salalé e pelo próprio arvoredo, conseguiu aproximar-se muito do quadrado, varrendo-o em todas as direcções com os seus fogos e causando-nos, em pouco tempo, importantes baixas, em officiais, praças e gado; assim, pouco depois de iniciado o combate, encontraram-se gravemente feridos o chefe do estado maior do destacamento, capitão Pires Monteiro; o major Pala, comandante de artilharia; o comandante do trem de combate, capitão Cortês; alferes Mamedo Pires, da 15.^a companhia indígena, e várias praças.

A forte investida afrouxou pelas onze horas e trinta minutos e então mandei sair o grupo de esquadrões, que carregou sobre o gentio, conseguindo dispersá-lo, mas à custa de várias baixas, e entre estas a do alferes Damião, desaparecido, e a do alferes Mateus gravemente ferido (ambos de cavalaria n.º 11).

Foi ainda ferido, durante o combate, o tenente Ataíde de Oliveira, da 15.^a companhia indígena de Moçambique.

Tivemos neste combate 1 official e 15 praças mortas e 6 officiais e 24 praças feridas.

As baixas em solípedes foram 47 mortos e feridos (documentos n.ºs 34 a 36).

Fizemos um largo consumo de munições, tanto de artilharia como de infantaria, derivado da intensidade do ataque e do nervosismo próprio dum primeiro combate. Resolvi adiar a tomada das cacimbas para o dia seguinte e tratar de entrincheirar-me no local em que nos encontrávamos, receando novo ataque durante a noite.

Confesso que não esperava uma tam dura investida do gentio, nem que este estivesse tam bem armado, municiado e instruído.

Verificou-se que tinham muitas Mausers alemãs, muitas Kropatcheks e inúmeras Martini, abundante munição e que eram óptimos atiradores.

As nossas tropas sofreram o seu baptismo de fogo com a maior valentia, sofrendo a primeira investida em pé e procedendo depois à abertura de trincheiras de baixo duma verdadeira chuva de balas.

Sendo de esperar que continuássemos a ser rijamente hostilizados, mandei, nesse mesmo dia, ordem ao chefe do estado maior do serviço de *étapes*, que se encontrava no Humbe, a dirigir o abastecimento e a ligação dos destacamentos, para mandar vir munições da retaguarda e prever a hipótese de qualquer dos destacamentos laterais ter de cooperar com o do Cuanhama, dizendo-lhe que informasse o do Cuamato, que eu sabia ter já atingido o seu objectivo (documento n.º 37) da conveniência de, sendo possível, fazer uma demonstração sobre Ngiva, (embala do soba do Cuanhama) a fim de fazer com que o gentio dividisse os seus esforços e assim diminuísse a opressão que estava a exercer sobre o do Cuanhama (documento n.º 37).

O municiação do destacamento do Cuanhama era ainda abundante, mas julguei conveniente estar prevenido para a pior hipótese.

No dia 19, à mesma hora, durante o mesmo tempo, com o mesmo ímpeto da véspera, fomos novamente atacados, tendo sido morto o capitão Sousa, de infantaria n.º 17, por uma bala que, atravessando o quadrado, o

foi atingir na nuca. Houve também uma praça morta e ferido o tenente Passos e Sousa de infantaria n.º 17, 6 praças e um, condenado (documentos n.ºs 34 e 35).

Terminando o combate, evacuámos os feridos nos camiões de retôrno, mandámos comunicação directa da situação por intermédio de um preto de confiança, ao comandante do destacamento do Cuamato, mostrando-lhe a conveniência de efectuar uma demonstração sôbre a Ngiva; e, pelas quinze horas, iniciámos o deslocamento do quadrado para junto das cacimbas, realizando a marcha debaixo de algum fogo e com o gado quási sem poder puxar, devido à sêde. Foi penoso o pequeno trajecto, mas conseguiu-se tomar posse das cacimbas, que eram muito numerosas, mas tinham muito pouca água.

Porém, mesmo em tam pequena quantidade, essa água representou um grande alívio para as tropas e principalmente para os solípedes. Estes encontravam-se incapazes de qualquer esforço, alguns mal se sustentavam em pé, e por isso tivemos de deixar no local de estacionamento anterior todas as viaturas que estavam vazias, tanto as de víveres como as de munições.

A curta deslocação que efectuámos para a mudança de estacionamento (2 quilómetros) levou-nos duas horas, pois nos próprios tiros das peças constantemente era preciso fazer a substituição das mueres que caíam sem forças.

As cacimbas ficaram defendidas por uma das faces do quadrado e, mal êste ficou estabelecido, procedeu-se com a maior actividade aos trabalhos de fortificação a que todos espontâneamente se entregaram (tropas auxiliares e até serviçais dos auxiliares). Mas apesar de se trabalhar durante toda a noite só se conseguiu abrigar o pessoal.

O estacionamento estava numa muito ligeira elevação, em Chana, mas tinha em todas as partes o campo de tiro muito prejudicado pelo arvoredos, mais ou menos expesso (*croquis E*). Tinha portanto más condições defensivas, mas a posse da água forçava-nos a mantê-lo.

Ao comêço da noite, entre vários pretos que me vie

ram fazer a sua apresentação, apareceu um cuanato, que nos tinha combatido nos dias anteriores, mas que se dizia arrependido e me queria prevenir de que no dia seguinte seríamos atacados pelas sete horas, pelo próprio Mandume, soba do Cuanhama, que já se encontrava na vizinhança do local do estacionamento com 50:000 a 60:000 pretos que tinha conseguido reunir (cuanhamas, cuamatos, evais, alguns cuambis e muitos foragidos do Humbe), com muito bom armamento e cinco carros boers carregados de munições.

Fiquei um pouco desconfiado da sinceridade desta informação, ordenei que o informador fôsse bem tratado, mas ficasse bem seguro, e não aumentei as precauções contra o gentio porque todas eram normalmente tomadas.

Próximo da meia noite, houve alarme provocado pela retirada dos postos à cossaca da face norte, que sentiram o gentio no mato fronteiro avançando, porém, pouco depois, êsses postos voltaram aos seus lugares, não tornando a dar pela presença daquele.

Rompeu o dia 20 em completa quietação e passaram-se as sete horas sem que ela fôsse alterada, o que parecia indicar que as informações fornecidas na véspera pelo cuanato, que atrás citei, eram infundadas, e em todo o bivaque se ia estabelecendo uma natural satisfação pelas tréguas tácitamente concedidas, que muito precisas eram para tratamento do pessoal e gado, e até do material.

Porém ainda não eram sete horas e trinta minutos quando, de repente, se ouviu, de todos os lados, dizer «af vêm êles» e, mal estas palavras eram ditas, todo o quadrado se viu alvejado por intenso fogo, certamente dirigido, e que, como nos dois dias anteriores, visava especialmente os solípedes.

Esta intensidade do ataque manteve-se pelo dia fora, afrouxando apenas um pouco quando as nossas metralhadoras das faces norte e leste (onde êsse ataque foi sempre mais enérgico) encontravam bom alvo.

Os abrigos para o pessoal evitaram que neste houvesse grandes baixas, porém o gado, que não tinha sido possível proteger, caía varado pelas balas em grande quantidade.

As quinze horas julguei necessário dar um pouco de ar ao quadrado, fazendo carregar a cavalaria, devidamente apoiada por alguma infantaria.

Com este fim, mandei perguntar ao comandante do grupo de esquadrões quantos cavalos tinha em condições de fazer serviço; respondeu que tinha vinte e quatro, mas pouco depois participou que tinha havido engano, pois em vez de vinte e quatro só tinha quatro.

Nestas condições, só me restava lançar a infantaria sobre os principais núcleos inimigos, porém hesitei um pouco em fazê-lo, porque para isso era preciso desguarnecer as faces e eu receava que o gentio, que tão destemido se mostrava, se precipitasse sobre alguns dos pontos fracos que nos descobrisse e viesse estabelecer a confusão no quadrado, com todas as funestas consequências.

Mas chegaram as dezasseis horas, a intensidade do fogo não abrandava e não convinha, por forma alguma, deixar chegar a noite sem termos obtido esmagadoras vantagens sobre o gentio e por isso mandei ordem às duas faces mais atacadas, norte e leste, para destacarem pelotões alternados que procedessem ao assalto das posições inimigas.

Esta ordem foi cumprida com um entusiasmo enorme por forças de infantaria 17 e da 15.^a companhia indígena (landins), que guarneciam a face norte, e por forças do batalhão de marinha, que guarnecia a face leste.

Ao primeiro ímpeto, as nossas forças embaçaram perante a resistência do gentio, mas, à segunda investida, levaram tudo de vencida, fugindo o gentio desordenadamente, com o soba à frente, e deixando muitos mortos, alguns horrivelmente mutilados pelo nosso fogo de artilharia.

Devo destacar neste brilhante feito de armas o capitão-

-tenente Cerqueira, que carregou à frente dos seus pelotões, sem que tivesse obrigação de o fazer, dando, mais uma vez, prova da sua tèmpera inexcedivelmente militar, que o fez mostrar sempre aos seus subordinados ser o primeiro em todos os momentos críticos da guerra, quer derivados dos combates quer das privações que à guerra são inerentes, como o primeiro era como seu comandante; e igualmente salientarei o procedimento do capitão de fragata Vasconcelos e Sá, chefe do serviço de saúde, que, tendo estado, de carabina em punho, nas trincheiras da marinha, depois com ela se lançou na carga, com a maior valentia, e o tenente Ataíde de Oliveira, comandante da 15.^a companhia indígena de Moçambique, que, à frente dos seus landins, mais uma vez se portou heróicamente, batendo o *record* dos ferimentos, pois recebeu cinco durante a campanha, sendo o último, recebido neste ataque, gravíssimo.

As baixas foram as seguintes :

Mortos: praças, 15; solípedes, 235. Feridos: oficiais, 3; praças, 15; solípedes, quasi todos. (Documentos n.^{os} 34 a 36).

Terminada a carga, percorri as faces do quadrado, acompanhado pelo chefe do estado maior, a felicitar as tropas pela sua bravura, e o entusiasmo com que fui recebido e com que foi saúdada a Pátria e a República mostraram-me bem nitidamente aquilo que para mim sempre fôra indiscutível, que nada tinha amortecido o valor do soldado português e que só tinha de orgulhar-me pela sua attitude em todas as situações da dura campanha em que estávamos empenhados.

Porém, se grande era a satisfação pelos brilhantes resultados dum combate que durara nada menos de dez horas, das tais que parecem séculos, as minhas preocupações não findavam e apenas mudavam de rumo.

Já na véspera os camiões de reabastecimento não

tinham aparecido e a noite de 20 a 21 decorreu sem que houvesse sinal d'êles.

Reduziu-se a ração para homens e solípedes a $\frac{1}{4}$ e vimos passar os dias 21 e 22 sem que êles chegassem, havendo quasi a certeza de que tinham sido atacados, não só porque os interrogatórios dos prisioneiros e dos pretos que se vinham apresentar assim o indicavam, mas também porque por outra forma se não podia explicar a sua ausência.

Já tinha feito duas tentativas para comunicar com o Cunene, mandando, no dia 21, um automóvel com uma força comandada por um sargento de marinha, e, no dia 22, dois automóveis com metralhadoras e uma força comandada pelo tenente Roma, sem que tivessem regressado ou dado qualquer noticia.

A situação era, sem dúvida, delicada, mas não desesperada, porque nós distávamos apenas uns 35 a 40 quilómetros do Cunene, onde estava o chefe do estado maior do serviço de *étapes*, conhecedor da interrupção das comunicações, e tínhamos na esquerda o destacamento do Evale, na direita os destacamentos do Cuamato e Nau-lila, e na retaguarda a guarnição da base de operações do Humbã, e tudo levava a crer que o referido official, sabedor pela comunicação enviada no dia 18 (documento n.º 37) de que o destacamento do Cuanhama estava a lutar com grandes dificuldades derivadas das baixas em gado e da grande energia com que o gentio estava atacando, e depois, vendo-lhe cortadas as comunicações, havia de ter informado êsses destacamentos acêrca da situação e providenciar para o pronto restabelecimento dessas comunicações.

Era portanto uma questão de horas más a passar, porque, fôsse de onde fôsse, da esquerda, da direita ou da retaguarda, a intervenção havia de dar-se de modo a poder-se prosseguir nas operações.

Dir-se há que eu podia ter destacado forças para a retaguarda a restabelecer a ligação com o Cunene.

Tê-lo-ia feito se tivesse a cavalaria capaz de se mexer, mas, com 4 cavalos aptos a marchar, não podia pensar nela, e mandar infantaria com êsse fim seria grave erro, porque, sendo em pequena força, arriscava-se a ser batida, e, sendo de um efectivo conveniente, ficava então o grosso do destacamento muito desfalcado, e, portanto, em perigo perante qualquer outro ataque como o do dia 20.

Mas é preciso dizer tudo: a infantaria difficilmente venceria a distância ao Cunene, apesar de pequena, atendendo ao seu cansaço, à falta de água e de víveres e à natureza arenosa do terreno; além disso eu receiava que a marcha duma força de infantaria em direcção ao Cunene fôsse interpretada pelo gentio como sendo o início da retirada de todo o destacamento do Cuankama.

O restabelecimento das comunicações tinha, portanto, de ser feito da retaguarda para a frente, e a minha attitude tinha de ser uma única: «saber esperar».

Adoptei-a com a maior firmeza, resolvido a não a modificar por motivo algum, mas, como a situação, era, sem dúvida, angustiosa, decidi, por simples consideração pelos meus camaradas, convocar um conselho de officiaes, constituído pelos comandantes de unidades e chefes de serviços.

Êsse conselho effectou-se às vinte e duas horas do dia 22, num recanto do quadrado, sem que as praças dessem por tal, e nele, depois de uma exposição da situação, a meu convite, feita pelo chefe do estado maior, pedi a opinião aos officiaes presentes, tendo a grande satisfação de ver que, quasi por unanimidade, êsses meus camaradas pensavam como eu.

O dia 23 passou como os dois anteriores, mas, à meia noite, fui acordado pelo meu chefe do estado maior, para me dar conhecimento duma nota que acabara de receber, trazida por um preto, nota em que o comandante do destacamento do Cuamato communicava que êsse destacamento se encontrava a 15 quilómetros da Mongua, e que,

no dia seguinte, até as quinze horas, alcançaria o nosso estacionamento, escoltando um combóio de reabastecimento.

Como por encanto, esta boa nova espalhou-se imediatamente e creio bem que nêssa noite ninguém dormiu mais no acampamento da Mongua!

No dia seguinte, às quinze horas, o coronel Verissimo de Sousa cumpria a sua promessa, e não é vergonha para um soldado o confessar que em vários apontaram lágrimas de alegria e reconhecimento.

Reconhecimento muito merecido, porque foi devido à sua iniciativa e à do seu chefe do estado maior, capitão Esteves de Mascarenhas, que as fôrças do seu comando, que já estavam prontas a marchar directamente sôbre a Ngiva, ao ser conhecido o corte das communicações do destacamento do Cuanhama, mudaram de objectivo e fizeram rumo ao Cunene, a fim de as ir restabelecer; e foi devido à grande resistência e ao elevado patriotismo dessas fôrças que, numa das mais brilhantes marchas que aponta a história das campanhas coloniais, o coronel Verissimo pôde realizar, com o mais completo êxito, a nobre missão que se impôs.

Devo aqui registrar que todos estes acontecimentos, cheios de canseiras e até de angústias, se teriam evitado se as fôrças do meu comando tivessem à sua disposição recursos em telegrafia sem fios, que, ainda em Lisboa, requisitei e pelos quais instei, pois que, se elles existissem, eu teria sempre podido tomar, com a maior rapidez, as medidas que a situação impunha.

O comandante do destacamento do Evale, que, em marcha do Cafu para essa região, recebeu a mesma communicacão que o chefe do estado maior do serviço de *étapes* mandara para o destacamento do Cuamato, julgou dever prosseguir na realizacão do objectivo que eu lhe marcara, porque receou que o gentio interpretasse mal a sua mudanca de muro, e por isso só no dia 27 pôde chegar à Mongua, fazendo-se acompanhar pelo 1.º esquadrão de dragões.

Com os elementos disponíveis destes dois destacamentos, com o que restava do destacamento do Cuanhama e com solipedes que mandei vir da retaguarda, entendi dever organizar um novo destacamento bastante sólido para poder prosseguir nas operações até o termo que lhes fixara no meu projecto de operações, ou seja até a entrada na Ngiva, embala do soba do Cuanhama, e occupação de todo o sobado.

Estando presente o coronel Veríssimo de Sousa, official meu immediato em graduação, a elle competiu o commando deste novo destacamento e muito naturalmente lhe dei para chefe do estado maior o official que nesse cargo já o tinha acompanhado durante toda a campanha, o capitão Esteves de Mascarenhas.

No dia 2 de Setembro iniciou-se a marcha sobre a Ngiva e o que ella representou em intenso esforço para as tropas, apesar de não ter havido combates, consta do respectivo relatório (documento n.º 38), bastando aqui dizer que se repetiram as inclemências já sofridas até a Mongua e originadas pela constituição arenosa do terreno, pela grande falta de água, e ainda pelas erradas informações dos guias, que me garantiram que a última *étape* — Oxinde à Ngiva — era, no máximo, de 12 quilómetros, quando depois, ao percorrê-la, verificámos que é de 28 a 30 quilómetros.

A Ngiva ficava sempre «ali, logo adiante», mas nunca aparecia. Por fim esses guias declararam que estava logo no fim duma chana em que entrámos e que levou tanto tempo a percorrer que os soldados lhe puseram, com muita propriedade, o nome de «chana do infinito».

Durante a marcha só houve algumas escaramuças entre a exploração e o gentio commandado pelo lenga Calola.

Nas libatas que fomos incendiando deu-se a detonação de grandes quantidades de cartuchame que o gentio ali depositara.

Entrámos na embala da Ngiva às catorze horas do

dia 4 de Setembro, encontrando-a ainda fumegante, pois o soba, à nossa aproximação, a mandara incendiar, assim como à missão alemã que lhe fica próximo e de que encontrámos só as paredes.

Tendo-me demorado dois dias na Ngiva, aí recebi apresentações verdadeiramente em massa, ficando com a melhor impressão sobre a índole do gentio Cuanhama, que julgo fácil aproveitar em benefício nosso e dêle próprio.

Pelos interrogatórios dos indígenas e depois segundo confessaram os próprios oficiais ingleses que foram visitar o comandante militar da Ngiva, o Maudume (soba do cuanhama) refugiou-se, com alguns dos seus lengas, na Damaraland, onde lhe mantiveram as honras de soba e onde constitui uma permanente ameaça para o nosso domínio no Cuanhama.

Neste sentido oportunamente fiz a minha reclamação directa e ao mesmo tempo informei o Sr. Ministro das Colónias, ignorando até hoje qual foi o procedimento de S. Ex.^a neste importante assunto.

Como julguei necessário dar a êste território recentemente ocupado uma organização especial, publiquei uma portaria (documento n.º 40), criando o território militar do Baixo Cunene, constituído pelo Cuanhama, Cuamato, Evale e Humbe, e nela procurei estabelecer as precisas garantias para que a sua guarnição não viesse a morrer à fome. Dêle nomeei comandante um oficial com larga fôlha de serviços em África e que na campanha comandara distintamente o batalhão de infantaria n.º 17, o major Pires Viegas.

Preparei tudo para a evacuação das tropas para o litoral e para a metrópole (documento n.º 41), ficando no interior só os indispensáveis para a ocupação, até chegarem os efectivos com que propus que fôsse aumentada a guarnição de Angola.

Nomeei um oficial para intendente em Namakunde (documento n.º 42), a fim de ali, juntamente com um

oficial inglês, tratar dos negócios relativos à zona contestada, até que fôsse demarcada a fronteira.

Em harmonia com os desejos manifestados pelo encarregado dos negócios indígenas na Damaraland, propôs ao Sr. Ministro das Colónias que essa delimitação se fizesse o mais rapidamente possível e, tendo tudo disposto por forma a poder vir tratar da minha muito abalada saúde, pedi para me ser enviado o substituto o mais rapidamente possível, lembrando que a escolha recaísse em pessoa experimentada, como os Srs. Norton de Matos ou Massano de Amorim, e que, enquanto essa pessoa não chegasse a Angola, ficasse a substituir-me o coronel Veríssimo de Sousa, a quem essa substituição por todos os títulos pertencia, transmitindo-lhe eu os poderes que me tinham sido conferidos e que lhe eram indispensáveis.

S. Ex.^a o Ministro das Colónias não se dignou aprovar esta minha proposta, certamente por motivos muito ponderosos mas que desconheço, assim como desconheço as razões que levaram o oficial por S. Ex.^a escolhido para governador geral, interino, de Angola a, logo que assumiu êsse govêrno, anular as portarias que publiquei como natural fecho da minha obra, boa ou má.

O futuro dirá quem errou.

Apesar de largamente ter documentado a minha forma de proceder na da espinhosa missão que tive a honra de desempenhar, muitos documentos deixei de reproduzir, para não me tornar demasiadamente extenso e fugir de parecer ter em vista fazer a acusação de quem quer que fôsse.

Os documentos que mostram o modo como as forças do meu comando actuaram aqui, são todos apresentados; quanto aos outros, na sua maioria, ficam no arquivo, de onde, no entanto, poderão sair, se de tal houver necessidade.

Não junto os relatórios dos chefes dos serviços de saúde e administrativos por ainda não me terem sido entregues.

Resolvi não aguardar a sua recepção para não demorar mais a apresentação deste meu relatório, pois reputo da máxima conveniência que o Governo dêle tome conhecimento, a fim de poder recompensar aqueles que, sob o meu comando, bem mereceram da Pátria e que poderiam tomar como demonstração de pouco apreço pelos seus serviços uma maior demora na sua justa retribuição.

Antes de fazer a enumeração desses serviços e de propor as respectivas recompensas, seja-me ainda permitido fazer umas breves considerações, que julgo convenientes para esclarecimento de alguns pontos importantes, já versados, de relance, no decurso deste relatório, a fim de prevenir críticas, sempre fáceis, quando feitas à *posteriori*, no romanso da vida normal, e, muitas vezes, com quasi absoluto desconhecimento das circunstâncias em que se desenrolaram os acontecimentos sobre que essas críticas incidem.

Um dos pontos que pode merecer reparo é a demora que a maioria das tropas do meu comando teve em Mossâmedes.

Essa demora foi forçada consequência, em primeiro lugar, de para ali terem sido mandadas essas tropas antes de estar convenientemente montada uma linha de *étapes* e, em segundo lugar, de não me terem sido fornecidos os meios de transporte que, aqui mesmo, em Lisboa, pedi, e pelos quais depois constante e urgentemente instei.

; Esta falta de meios de transporte foi também a principal causa das privações que as tropas sofreram durante as operações e depois no início da occupação, pois originou o facto em extremo lamentável de haver postos com enorme falta de viveres, quando em Mossâmedes havia toneladas e toneladas a deteriorarem-se!

; No entanto, findas as operações, o trajecto entre Mossamedes e Ngiva, que anteriormente se fazia em 60 a 80 dias, passou a poder fazer-se, num caso de urgência, em 36 horas!

Isto já representa um melhoramento importante para os distritos de Mossamedes e Huila, que viram a sua linha férrea melhorada e prolongada por estradas de automóveis em direcção ao Cunene e ao Cubango.

Um outro ponto que chamará a atenção dos criticos é o da situação do comando superior no período das operações, pois dirão que havendo vários destacamentos devidamente comandados, o lugar que me estava indicado era à retaguarda de todos êles, longe da atmosfera dos combates, para, com a mais completa serenidade, poder apreciar a situação e providenciar convenientemente.

Se eu assim tivesse procedido, certamente seria defensável a minha conduta, mas eu entendi que o meu dever era expor-me com as tropas do meu comando e, sobretudo, passar com os meus soldados todas as privações que as circunstâncias me forçavam a impor-lhes.

E assim eu acompanhei primeiro o destacamento do Humbe, em cuja marcha os cavalos do meu quartel general estiveram dois dias sem beber, e acompanhei depois os destacamentos do Cuanhama e da Ngiva, cujas dificuldades a vencer foram quasi insuperáveis.

Terei errado, mas continuo convencido de que um chefe só merece esse nome quando mostra aos seus subordinados que tem autoridade para lhes impor os maiores sacrificios, e essa autoridade provém principalmente do exemplo.

Um terceiro ponto fornecerá fácil ataque a quem superficialmente o encarar: «o corte das communicações do destacamento do Cuanhama».

Dir-se há: «Então exactamente o destacamento mais importante, aquele que ia acompanhado pelo próprio general, foi cortado entre o Cunene e a Mongua? Então é porque entre êsses dois locais se não estabeleceram os

postos que deviam ter sido estabelecidos». E dir-se há mais: «Tanto êsse êrro foi cometido que, quando o destacamento do Cuamato foi em socorro do destacamento do Cuanhama, teve o cuidado de estabelecer êsses postos de ligação».

A isso responderei que a distância entre o Cunene e a Mongua é apenas de 35 quilómetros, distância que os camiões percorriam em uma hora e meia; que os combóios de camiões eram devidamente escoltados, tendo sido previsto o caso de lhes dar metralhadoras e que, portanto, se não tinha julgado necessário o estabelecimento de postos entre o Cunene e a Mongua.

A linha de *étapes* prevista era constituída apenas pelos postos da Chimbua (junto ao Cunene), da Mongua e de Oxinde (próximo da Ngiva).

Depois, o facto de vir o refôrço do destacamento do Cuamato permitiu estabelecer não só postos entre o Cunene e a Mongua, mas também entre a Mongua e a Ngiva, mas que de nada serviram, sendo em breve suprimidos.

A causa do corte das communicações foi uma única: foi os camiões terem, na sua quási totalidade, *chauffeurs* civis, que, depois de assistirem aos combates dos dias 18 e 19 de Agosto, ficaram aterrados e, logo que se viram atacados, não pensaram senão em fugir, desmoralizados, não sendo possível aos officiaes que dirigiam os combóios o detê-los.

Alguns dêstes *chauffeurs* ainda depois no estacionamento da Balunganja mostraram bem, perante o simples boato da aproximação do gentio, como perdiam a cabeça, apesar de se encontrarem no centro de um fortíssimo quadrado, constituído por todo o destacamento da Ngiva.

Êste corte das communicações ainda pode dar lugar a outras críticas que visem o chefe do estado maior do serviço de *étapes*, por não ter acedido ao alvitre do commandante da base do Humbe, de ir com tropas desta

base restabelecê-las (documento n.º 43) e o comandante do destacamento do Evale, por ao saber da critica situação em que se encontrava o destacamento do Cuanhama, não ter ido imediatamente socorrê-lo, adiando a marcha para o seu primitivo objectivo.

Quanto ao chefe do estado maior do serviço de *étapes*, acho que procedeu sensatamente e que nada desmerece o rasgo de valentia doº comandante da base do Humbe, porque desguarnecer o Humbe podia representar a transformação de um corte de comunicações *parcial* num corte *geral*, que então poderia traduzir-se num grave revés, risco que não havia necessidade de correr, porque tudo levava a crer que os destacamentos laterais pudessem prestar ao do Cuanhama o preciso socorro, como brilhantemente lhe prestou o do Cuamato.

Quanto ao comandante do destacamento do Evale, também as razões que alega no seu relatório para proceder como procedeu são aceitáveis, porque desistir do seu primitivo objectivo podia dar ao gentio do Evale a impressão duma retirada e permitir que elle reforçasse o Cuanhama.

Passaram-se, pois, as cousas como se deviam passar e cabendo o maior quinhão de elogios ao comando do destacamento do Cuamato pela forma como encarou a situação e pela energia com que, em harmonia com a mesma, procedeu.

Vou terminar, como é de justiça, fazendo também o elogio do adversário, cuja bravura foi inexcusável.

Atacar três dias seguidos um destacamento constituído por duas baterias de artilharia de campanha, quatro baterias de metralhadoras, dois batalhões de infantaria e dois esquadrões de cavalaria, estando estas forças em quadrado, e aproximando-se delas com uma insistência que no último combate durou dez horas, a uma distância que chegou a ser de 50 metros, revela um moral e uma instrução de tiro e de aproveitamento dos abrigos que fariam honra às melhores tropas brancas.

Esse adversário teve quem bem o armasse e instruisse, bem o sei, mas só com uma têmpera verdadeiramente guerreira, entregue a si próprio, se manteria como se manteve até a Mongua, onde a nossa ofensiva quasi que só se pôde efectuar no campo estratégico, pertencendo ao gentio a do campo tático.

E, ainda depois de batido terrivelmente no combate do dia 20 de Agosto, teve o moral preciso para encobrir a sua derrota, evitando as apresentações e só revelando o seu verdadeiro estado quando nos viu dias depois avançar sobre a Ngiva.

Resta-me agora referir-me à forma como procederam as tropas do meu comando e propor as recompensas.

Todas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que sinto em tê-los comandado; porém, julgo merecedor de especial menção o batalhão de marinha.

Esta unidade mostrou sempre a maior correcção, a nítida compreensão dos seus deveres cívicos e militares, tanto no periodo que antecedeu as operações como durante as operações.

Foi, sem o menor exagêro, uma unidade de *élite*, cuja têmpera fica definida dizendo que foi a mais resistente nas marchas, a mais esforçada nos combates e que durante os quatro dias em que na Mongua estivemos reduzidos a um quarto de ração, as suas sentinelas chegaram a cair de fraqueza nos respectivos postos, sendo imediatamente rendidas sem que disso o comando superior tivesse conhecimento, pois essa unidade sabia bem que esse comando nada podia fazer que modificasse de pronto a situação.

São as seguintes as minhas propostas de recompensa:

Coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa. Este oficial foi comandante do destacamento de Mossâmedes; a seguir, comandante militar dos Gambos e comandante dos destacamentos do Humbe, Cuanato e Ngiva, demonstrando em todos estes serviços inteligên-

cia, muita dedicação, energia, actividade, critério e muito boa vontade. Salientou-se especialmente na attitude tomada como comandante do destacamento do Cuamato, quando, depois dêste ter cumprido a sua missão e haver recebido indicação do comando superior para, sendo possível, fazer com o referido destacamento uma demonstração sôbre Ngiva, a fim de aliviar a pressão sôbre o destacamento do Cuanhama, que o gentio estava exercendo, dando ordens prontas e necessárias para tal operação, e ainda porque, tendo no momento de iniciar a marcha recebido comunicação de que o destacamento do Cuanhama tinha as comunicações cortadas, faltando-lhe viveres e munições, immediatamente tomou as medidas em harmonia com a nova situação, ordenando ao seu destacamento uma marcha forçada de flanco, que rapidamente conseguiu restabelecer as referidas comunicações.— Medalha de ouro de valor militar.

Tenente-coronel de infantaria e do serviço de estado maior, João Ortigão Peres. Foi chefe do estado maior do meu quartel general. Desempenhou os seus serviços com a mais elevada competência e com uma lealdade nunca desmentida. A sua serenidade e sangue frio nos combates, revelados pela apreciação exacta das circunstâncias, a maneira como, debaixo de fôgo, se expunha friamente na transmissão de ordens mais importantes, e principalmente no combate de 20 de Agosto, em que, debaixo dum fôgo intensissimo, nas frentes mais fortemente atacadas organizou as cargas de infantaria, que decidiram o combate. Durante quatro dias em que, na Mongua, estavam cortadas as comunicações, estando já reduzidas a uma quarta parte as rações de viveres, situação a mais critica, e ameaçando ser desesperada, mostrou uma força de carácter extraordinária, levantando com o seu exemplo o espirito de todos e até dos que mais abatidos se mostravam; a tudo providenciou, apresentando propostas que mostraram o seu valor e a sua serenidade, sendo devido às medidas que tomou, e a que deu execução, que puderam ter sido restabelecidas as comunicações, e que mais tarde a coluna do Cuanhama pôde completar a sua missão.

Este official já foi condecorado com o grau de cavalleiro da extinta Ordem de Torre e Espada na campanha de Bailundo, onde exerceu as funções de chefe de estado maior.— Medalha de ouro de valor militar.

Capitão de fragata médico, Alexandre Botelho de Vasconcelos e Sá. Este oficial foi chefe do serviço de saúde da expedição do tenente-coronel Roçadas, passando a desempenhar o mesmo cargo no quartel general do comando superior.

No desempenho das suas funções demonstrou a maior dedicação, inteligência e competência técnica. Acompanhou o destacamento do Cuanhama como chefe do serviço de saúde e durante os combates foi de inexcusável previsão, actividade e desembaraço na organização dos postos de socorros e ambulâncias e na execução de curativos e operações difíceis realizadas em feridos de gravidade. Excedendo as suas próprias funções e demonstrando qualidades de energia e grande valentia, por sua própria iniciativa, durante o combate do dia 20 de Agosto, combateu junto do batalhão de marinha, acompanhando o mesmo nas cargas que executou.— Medalha de ouro de valor militar.

Major de infantaria, Alexandre Martins Mamão. Este oficial, até ser promovido a tenente-coronel, comandou o batalhão de infantaria n.º 18, distinguindo-se pela forma como preparou, instruiu e disciplinou o referido batalhão, no que empenhou toda a sua boa vontade e solicitude.— Louvor.

Major de infantaria, João Júlio dos Reis e Silva. Este oficial é inteligente, muito enérgico, disciplinador e activo, impondo-se pelo seu espirito militar. Foi comandante militar de Cassinga e a seguir comandante do destacamento de ocupação do Erate.— Medalha de bons serviços.

Major de infantaria, Alberto Salgado. Este oficial, que havia feito parte da expedição do tenente-coronel Roçadas como comandante do batalhão de infantaria n.º 14, foi mandado comandar o batalhão de infantaria n.º 18, em virtude da promoção do major Mamão, revelando qualidades apreciáveis de oficial inteligente, disciplinador e enérgico.— Louvor.

Major de artilharia, João Afonso Pala. Este oficial foi comandante de um grupo de baterias de artilharia montada e depois comandante da artilharia do destacamento do Cuanhama, demonstrando muita valentia no combate

de 18 de Agosto, em que foi gravemente ferido, tendo evacuado para o Lubango, onde faleceu em 18 de Setembro em consequência dos ferimentos.—Medalha de valor militar.

Major de cavalaria, Ernesto Maria Vieira da Rocha. Este official foi comandante do destacamento de Dongoena e em seguida comandante do grupo de esquadrões que fez parte do destacamento do Cuanhama, demonstrando nestes serviços intelligência e muita dedicação pelo serviço.—Medalha de bons serviços.

Capitão-tenente da armada, Afonso Júlio Cerqueira. Este official commandou, como primeiro tenente, o posto avançado do Chicusse, guarnecido pela sua companhia, do batalhão de marinha, e pela 15.^a companhia indígena de Moçambique. Com parte destas forças avançou, por sua iniciativa, sobre o Tchipelongo, a fim de libertar os missionários que se encontravam cercados pelos gentios, e ali travou combate com estes, conseguindo o seu objectivo e tendo sido ferido.

Nomeado capitão-tenente, passou a exercer o commando do batalhão de marinha, tomando parte nos destacamentos do Humbe, do Cuanhama e de Ngiva. Em todas as situações revelou as mais distintas qualidades de official disciplinador, enérgico, intelligente, activo e valente, impondo-se sempre pelo exemplo. Nos combates travados pelo destacamento do Cuanhama mais uma vez demonstrou as suas brilhantes qualidades de valentia e sangue frio, muito principalmente durante o combate de 20 de Agosto, em que, tendo sido dada ordem para parte das forças do seu commando carregarem à baioneta o gentio, espontâneamente, e por duas vezes, carregou à frente dessas forças.—Medalha de ouro de valor militar.

Capitão-tenente da armada, Caroliano Costa. Este official foi para a Africa como comandante do batalhão de marinha, não o tendo acompanhado durante as operações activas em virtude de, pelo seu estado de saúde, ter de ser evacuado para a metrópole. É official activo, intelligente, enérgico, e muito dedicado pelo seu serviço.—Louvor.

Major de infantaria n.º 17, João Pires Viegas. Este official foi comandante de infantaria n.º 17, entrando na

constituição dos destacamentos do Cuanhama e Ngiva. Revelou ser um oficial muito distinto, salientando-se a sua energia, bom senso, inteligência e todas as qualidades inerentes a um bom condutor de tropas. No destacamento do Cuanhama comandou durante os combates uma das faces, confirmando as suas qualidades de serenidade e valentia já manifestadas noutras campanhas.— Medalha de prata de valor militar.

Major de infantaria, António Eduardo Romeiras de Macedo. Êste oficial desempenhou as funções de director de *étapes*, revelando inteligência, zêlo e muita dedicação pelo serviço.— Louvor.

Capitão de cavalaria e do serviço do estado maior, António Maria de Freitas Soares. Êste oficial, na preparação das operações, e, depois, na realização das mesmas, desde as que tiveram como objectivo a reocupação do Humbe até as primeiras marchas realizadas pelo destacamento destinado a ocupar o território do Cuanhama, deu sempre provas de inteligência, muita actividade e desembaraço. Tendo adoecido no comêço do combate do dia 18 de Agosto, e tendo o seu estado de saúde peorado nos dias seguintes, foi mandado para o Lubango a fim de se restabelecer, não podendo, portanto, tomar parte no final das operações.— Medalha de bons serviços.

Capitão de artilharia e do serviço do estado maior, José Esteves da Conceição Mascarenhas. Quando chegámos a Angola encontrámos êste oficial servindo como chefe do estado maior das tropas comandadas pelo tenente-coronel Roçadas, cujo quartel general estava nos Gambos. Tendo regressado à metropole o tenente-coronel Roçadas, o capitão Mascarenhas continuou a exercer o cargo sob as ordens do coronel Verissimo de Sousa, e depois foi sucessivamente chefe do estado maior do destacamento que ocupou o Humbe, do destacamento que reocupou o Cuamato, e que realizada esta operação marchou em socorro do destacamento do Cuanhama, e por último do destacamento que marchou da Mangua sobre a Ngiva, realizando a ocupação desta. Em todas estas missões deu as mais exuberantes provas de ser um distintíssimo oficial do estado maior, cumprindo-me salientar que foi principalmente devido à sua iniciativa e grande energia o pronto socorro que o destacamento do Cuamato

levou ao do Cuanhama quando este último teve as comunicações cortadas.— Medalha de ouro.

Capitão de infantaria e serviço do estado maior, Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro. Este oficial foi por mim proposto para chefe da 2.^a Repartição do Quartel General do Comando Superior, onde deu sempre provas de inteligência e muita dedicação pelo serviço. Mais tarde foi nomeado chefe do estado maior do destacamento destinado a ocupar o território do Cuanhama, continuando a afirmar as qualidades já referidas e mostrando maior valentia no combate de 18 de Agosto, em que, estando a cavallo a dar conta da execução duma ordem que fôra transmitir, foi gravemente ferido por uma bala que lhe atravessou as duas pernas e lhe matou a montada. Foi evacuado para o Lubango onde esteve em tratamento até o final das operações.— Medalha de prata.

Capitão de infantaria e serviço do estado maior, João Carlos Pires Ferreira Chaves. Este oficial foi algum tempo chefe da 3.^a Repartição do Quartel General do Comando Superior, passando depois para chefe do estado maior do destacamento comandado pelo major Pires e Silva, destinado a observar o vale do Cubango, o que mais tarde desceu o Cunene e reocupou o Evale. Em todos estes serviços mostrou inteligência, muita actividade e desembaraço.— Medalha de bons serviços.

Capitão reformado do quadro colonial, João Inácio Palermo de Oliveira. Este oficial comandou a secção de adidos da Base Marítima e durante as operações serviu como adjunto do comandante de engenharia do destacamento do Cuanhama, que dêle informa o seguinte: «Este oficial foi nomeado comandante da brigada de trabalhadores no princípio de Agosto, marchando imediatamente para o Humbo a fim de assumir o seu comando. Em todos os trabalhos de que foi incumbido revelou sempre competência e dedicação, conseguindo com o seu exemplo e energia que a brigada de trabalhadores, constituída por condenados brancos e indígenas, se tornasse notada pela sua disciplina e dedicação pelo trabalho. Durante a permanência das fôrças na Mongua, apesar de bastante doente, nunca abandonou o serviço, sendo sempre um excelente auxiliar e da maior confiança».— Louvor.

Capitão de infantaria, Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Robi de Miranda Pereira. Êste official, tendo sido nomeado official às ordens do Quartel General do Comando Superior, desempenhou cumulativamente as funções de defensor officioso junto do Tribunal de Guerra, em Mossâmedes, demonstrando em ambos os serviços intelligência e muita dedicação. Tomou parte activa nos trabalhos de preparação da mobilização das unidades onde confirmou aquelas qualidades. Tendo-lhe sido determinado para proceder a um reconhecimento entre as linhas de Caculavar e do Cunene, nele perdeu a vida, junto do Mulondo, vítima duma cilada do gentio e da sua valentia, que o levou a desprezar os avisos feitos pela escolta que o acompanhava.— Medalha de ouro de valor militar.

Capitão de artilharia, António Gorjão Couceiro de Albuquerque. Tendo seguido para Angola como comandante de uma bateria de artilharia de montanha, que foi dissolvida, passou o official às ordens do Quartel General do Comando Superior, desempenhando vários serviços com zelo e dedicação, demonstrando durante as operações activas muito desembaraço.— Medalha de bons serviços.

Capitão de artilharia, António Carlos Cortês. Êste official foi comandante da 1.^a bateria de artilharia de montanha, em cujo comando mostrou qualidades de distinto official de artilharia, disciplinador, enérgico e muito activo. Dissolvida a referida bateria, foi nomeado comandante de um trem de combate do destacamento do Cuanhama, cujo cargo desempenhou com muita dedicação, portando-se com grande valentia no combate de 18 de Agosto, em que foi gravemente ferido, pelo que foi evacuado para o Lubango, onde esteve em tratamento até final das operações. — Medalha de prata de valor militar.

Capitão de artilharia, Anibal Fernandes da Costa Pinto. Foi comandante da 8.^a bateria do regimento de artilharia n.^o 2, em cujo comando mostrou ser official disciplinador e zeloso. Dissolvida esta unidade, foi nomeado comandante do combóio do destacamento do Cuanhama.— Louvor.

Capitão veterinário, Armando Augusto Chaves de Lemos. Êste official desempenhou as funções de chefe dos

serviços veterinários do Quartel General do Comando Superior, revelando competência técnica e dedicação pelo serviço.—Louvor.

Capitão de infantaria, Carlos Ribeiro Borges. Este oficial foi comandante da 1.^a bateria do 3.^o grupo de metralhadoras, confirmando os créditos de oficial disciplinador e enérgico. Dissolvida a referida unidade, foi nomeado chefe do serviço postal militar, em cujo cargo demonstrou muita actividade e zelo.—Louvor.

Capitão de engenharia, Rui Viterbo Fragoso Ribeiro. Foi comandante de engenharia do Quartel General do Comando Superior, e em seguida exerceu o mesmo cargo nos distritos do Humbe, Cuanhama e Ngiva. Em todos os variados serviços da sua especialidade, que dirigiu nas zonas da retaguarda e das operações, revelou inteligência, muita dedicação, energia e competência técnica.—Medalha de bons serviços.

Capitão de infantaria n.^o 14, António Lopes Mateus. Este oficial, tendo feito parte da expedição Roçadas incorporado em um batalhão de infantaria n.^o 14, onde teve à sua guarda o nó de comunicação Cahana—Ediva—Otechinjau, foi, após a dissolução do seu batalhão, nomeado defensor officioso do Tribunal de Guerra, e a seguir incorporado no batalhão de infantaria n.^o 18, que fez parte do destacamento do Cuamato. Salientou-se pelas suas qualidades de inteligência, critério, energia e muita dedicação, pelo serviço, que revelou em todas as circunstâncias.—Medalha de bons serviços.

Capitão médico, Alberto Mendonça. Tendo sido incorporado no batalhão de infantaria n.^o 11, foi depois chefe do serviço de saúde do distrito do Cuamato, distinguindo-se pela forma superior, dedicação, boa vontade e muita competência técnica, no desempenho das suas funções, revelando a par destas qualidades profissionais ser um oficial inteligente e disciplinador, activo e enérgico.—Medalha de bons serviços.

Capitão de artilharia, Abel Joaquim Travassos Valdês. Foi comandante de uma bateria de artilharia de montanha e comandante do distrito do Cuamato, cujas funções

desempenhou com inteligência, dedicação e competência técnica.— Medalha de bons serviços.

Capitão de infantaria n.º 17, Agostinho Barreto Rodrigues de Oliveira. Pela forma como comandou a sua companhia, durante a sua permanência em Angola, em que revelou dedicação, zelo e boa vontade.— Louvor.

Capitão de infantaria n.º 17, João Inácio Guerreiro. Idem do antecedente.— Louvor.

Capitão de infantaria, António Moreira. Foi comandante da bateria de metralhadoras que acompanhou o destacamento do major Pires e Silva, distinguindo-se pela forma como a instruiu e conduziu, revelando qualidades de disciplinador e organizador.— Louvor.

Capitão de infantaria n.º 17, João Francisco de Sousa. Era oficial inteligente, muito ilustrado, disciplinador, activo, tendo sido ferido mortalmente no combate do dia 19 de Agosto, na Mongua.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de cavalaria, Arnaldo Ribeiro de Andrade Piçarra. É um oficial muito activo, inteligente, desembaraçado, disciplinador, apresentando-se como o protótipo do oficial de cavalaria. Comandou o 1.º esquadrão de dragões, que conseguiu reorganizar com os restos de Naulila e elementos novos, instruindo-os rapidamente e dando-lhes a coesão que todos admiraram. No destacamento da Ngiva dirigiu bem o serviço de exploração.— Medalha de bons serviços.

Capitão de infantaria, Álvaro Teles de Azevedo. Este oficial comandou uma bateria de metralhadoras que fez parte dos destacamentos do Humbe, Cuanhama e Ngiva, revelando qualidades de oficial criterioso, activo, disciplinador e enérgico. Nos combates dados pelo destacamento do Cuanhama comandou uma das forças, mostrando durante os mesmos grande serenidade e valentia.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de infantaria, Francisco José Teixeira. Comandou uma bateria de metralhadoras, mostrando-se um

oficial disciplinador, inteligente, enérgico e muito dedicado. Fez parte do destacamento do Cuanhama.— Louvor.

Capitão de cavalaria n.º 11, António Pereira da Cunha e Costa. Comandou o esquadrão de cavalaria n.º 11, que fez parte dos destacamentos do Humbe e Cuanhama. Segundo o comandante do grupo de esquadrões, distinguuiu-se pela forma como comandou a carga do seu esquadrão no dia 18 de Agosto, em que chegou a ser envolvido pelo gentio, tendo de se defender corpo a corpo, concorrendo, pelo esforço da sua unidade, para a vitória final.— Medalha de bons serviços.

Primeiro tenente da armada, Raúl Alexandre Cascais. No desempenho do comando da sua companhia revelou qualidades de oficial inteligente, muito dedicado, activo, enérgico e disciplinador. Quer nas marchas executadas pelos destacamentos do Humbe, Cuanhama e Ngiva, quer nos combates dados no Cuanhama, confirmou todas aquelas qualidades. Distinguiu-se mais pela valentia e sangue frio, tendo cabido à sua companhia o avançar, em 19 de Agosto, para as cacimbas de Mongua, como guarda avançada do destacamento do Cuanhama.— Medalha de prata de valor militar.

Primeiro tenente da armada, Manuel Quintão Meireles. No desempenho do comando da sua companhia, em todas as operações pela mesma efectuada, revelou qualidades de oficial inteligente, activo, enérgico, disciplinador e muito dedicado pelo serviço. Quando dos combates do Cuanhama confirmou aquelas qualidades e mais as de serenidade e valentia.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de infantaria n.º 19, António Rodrigues da Cunha de Azevedo; capitão de infantaria da 16.ª companhia indígena de Moçambique, Jaime Raúl Sepúlveda Rodrigues; capitão de infantaria, comandante da bateria de metralhadoras do 1.º grupo, Manuel Joaquim Crêspo Júnior; capitão de infantaria, comandante duma bateria de metralhadoras, António José Teixeira. Pela forma como exerceram o comando das suas unidades, revelando inteligência, critério, boa vontade e dedicação pelo serviço.— Louvor.

Capitão de artilharia n.º 7, Júlio Ferreira da Silva Alegria. Foi comandante da bateria de artilharia n.º 7, que fez parte do destacamento do Cuanhama, revelando no desempenho dêsse cargo ser official disciplinador e enérgico, conduzindo durante os combates, com muita competência técnica, o fogo da sua unidade.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de artilharia n.º 8, Júlio da Conceição Pereira Lourenço. Foi comandante da bateria de artilharia n.º 8, que fez parte dos destacamentos do Cuanhama e Ngiva, em que mostrou ser um official muito activo, inteligente, disciplinador e dedicado pelo serviço. Nos combates dados pelos destacamentos do Cuanhama dirigiu o fogo da sua unidade com muita competência técnica.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de infantaria, José Martins Carreira. Foi comandante de uma bateria de metralhadoras, que soube disciplinar e instruir com muita competência. Nos combates dados pelo destacamento do Cuanhama comandou a face onde estava a sua bateria e que foi das mais atacadas, revelando grande serenidade e valentia, manifestadas na forma criteriosa como soube, durante estes, conduzir os fogos dando-lhes a intensidade correspondente às diferentes situações.— Medalha de prata de valor militar.

Capitão de infantaria n.º 14, Jorge Frederico Velez Carço. Chegado à provincia de Angola quasi na occasião de ser dissolvido o batalhão de infantaria n.º 14, foi nomeado comandante da base de operações do Humbe, durante as operações dos destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Naulila, demonstrando intelligência, energia, muita dedicação pelo serviço e actividade e ainda apreciáveis qualidades de comando, no momento da interrupção das communicações do destacamento do Cuanhama, quer pretendendo, com uma pequena força transportada em camiões, ir restabelecer as mesmas, quer cedendo do destacamento do Cuamato, para aquele, uma parte das forças da guarnição do Humbe, que lhe permitiram montar os postos de segurança e ligação entre Cunene e a Mongua.— Medalha de bons serviços.

Capitão de artilharia, Carminé de Melo Ribeiro Nobre. Foi nomeado comandante da artilharia de *étapes*,

cargo que desempenhou com inteligência, critério, competência, muita dedicação e grande actividade, que se salientou, sobretudo, durante o período mais crítico e movimentado das operações.—Medalha de bons serviços.

Capitão dos serviços de administração militar, José Marques. Êste official desempenhou com muita dedicação, zêlo, inteligência e extraordinária actividade o cargo de director de transportes.—Medalha de bons serviços ou louvor.

Capitão de infantaria, Anibal Coelho de Montalvão. Prestou grandes serviços, activando e dirigindo a construção da linha férrea até o quilómetro 187, e ampliando a respectiva exploração até o quilómetro 183, no que revelou muita competência, zêlo, inteligência e dedicação.—Louvor.

Capitão de infantaria, Pedro Joice Chalupa. Official já conhecido de campanhas anteriores; foi comandante do pòsto de *étapes* da Quitamba, que assumiu uma importância capital, revelando apreciáveis qualidades de energia, dedicação, zêlo e muita actividade, reconhecidas no regular funcionamento do serviço a seu cargo.—Medalha de bons serviços ou louvor.

Capitão de infantaria, Francisco Pedro Curado. Foi comandante do pòsto de *étapes* da Vila Arriaga, que a seguir acumulou com o quilómetro 183, demonstrando no desempenho destas funções muita dedicação e inteligência, energia e grande actividade, desempenhando-se cabalmente das suas funções.—Medalha de bons serviços.

Capitão de infantaria, José Mendes dos Reis. Fez parte da expedição do tenente-coronel Roçadas, como comandante de uma bateria de metralhadoras, e, sendo dissolvida a sua unidade, director de transportes, cargo que exerceu durante algum tempo visto retirar para a metrópole, tendo sido louvado pelo director de *étapes*, pela forma como organizou e assegurou o funcionamento dos respectivos transportes.—Louvor.

Tenente de infantaria, Humberto de Ataíde. Êste official comandou a 15.^a companhia indigena de Moçambi-

que, após a retirada, por doença, para a metrópole, do seu capitão. Tomou parte no combate do Tchipelongo, merecendo elogios do comandante das forças que o executaram, e sendo ferido gravemente. A seguir fez parte, com a sua companhia, dos destacamentos do Humbe e Cuanhama, mostrando-se um oficial muito inteligente, muito activo, enérgico e disciplinador. Durante os combates havidos no Cuanhama foram-lhe dadas missões de perigo e responsabilidade, revelando em todas muito valor e valentia e sendo ferido várias vezes, a última das quais gravemente, o que levou à sua evacuação, em Setembro, para o Lubango.—Medalha de ouro de valor militar.

Tenente de infantaria n.º 19, Bento Esteves Roma. Foi comandante de vários combóios de camiões e, a seguir, de uma das secções do combóio do destacamento do Cuanhama e do destacamento da Ngiva, revelando-se em todos os serviços como oficial activo, enérgico e muito dedicado pelo serviço. Quando se deu o corte de comunicações do destacamento do Cuanhama aceitou, com visível satisfação, o cargo de comandante de um combóio de camiões que, forçando o bloqueio, foi da Mongua à Chimbua, demonstrando com este acto valentia e espírito de sacrificio.—Medalha de prata de valor militar.

Segundos tenentes da armada, Fernando de Oliveira Pinto, Luís Augusto Ferreira de Castro, João Lôbo dos Santos Moreira, Fernando Fábio Teixeira Dimis, Fortunato Pires da Rocha, Henrique Oliveira Pinto. Distinguiram-se pela inteligência, energia, actividade, resistência à fadiga, espírito disciplinador em todos os serviços, e ainda valentia de que deram mostras nos combates travados no Cuanhama, e em especial na direcção das cargas executadas pelos seus pelotões, no combate de 20 de Agosto.—Medalha de prata de valor militar.

Segundo tenente da armada, Armando Perestrelo Botelho. O mesmo, e mais serenidade, que já antes tinha revelado nos combates de Tchipelongo.—Medalha de prata de valor militar.

Segundos tenentes da armada, Carvalho de Araújo e Juliano António de Carvalho. Pela inteligência, zelo, actividade e dedicação, que sempre mostraram no ser-

viço. Foram estes oficiais evacuados por motivo de saúde, independente da sua vontade, não tendo, por isso, podido seguir as operações até final.—Louvor.

Segundo tenente do quadro da administração naval, Campos Andrade. Pelo zêlo, inteligência, boa vontade, critério e competência com que desempenhou as funções da sua especialidade junto do batalhão de marinha.—Louvor.

Alferes de cavalaria n.º 11, Inácio Caldeira Risques Pereira, alferes de cavalaria n.º 4, Jorge Filipe Coelho Ribeiro. Pela forma como conduziram os seus pelotões e desempenharam todos os serviços que lhes foram determinados, no destacamento do Cuamato.—Louvor.

Tenente de artilharia, Walter Lima. Foi comandante da secção de munições do destacamento do Cuanhama, em que se mostrou um oficial criterioso, inteligente e enérgico. Durante o combate dirigiu com muita serenidade e custo o serviço de remuniciamento das baterias, animando as praças com o exemplo do seu desprezo pelo perigo.—Medalha de prata de valor militar.

Tenente de artilharia, Oliveira Duarte. Foi adjunto da secção de munições do destacamento do Cuanhama, e de camiões. No desempenho de todos os serviços mostrou ser um oficial criterioso, com muita actividade, energia e grande dedicação pelo serviço.—Medalha de bons serviços.

Tenentes de infantaria, Luis Alberto de Oliveira e José Joaquim Ramires. Foram subalternos da bateria de metralhadoras do capitão Azevedo. São bons oficiais e rectos, disciplinadores, muito activos e inteligentes, tendo feito parte dos destacamentos do Humbe, Cuamato e Ngiva, e portando-se bem nos combates da Mongua.—Medalha de bons serviços.

Alferes de infantaria da 15.ª companhia indígena de Moçambique, José Gonçalves Losa. Acompanhou sempre a sua companhia, da qual assumiu o comando após os ferimentos do tenente Ataíde. É bom oficial, disciplinador, activo, enérgico, criterioso e muito dedicado

pelo serviço, tendo-se distinguido no combate de Tchipelongo e nos combates do Cuanhama.—Medalha de prata de valor militar.

Alferes da 15.^a companhia indígena de Moçambique, Albino Mano de Pires. Acompanhou a sua companhia, onde serviu com zelo e dedicação, tendo sido gravemente ferido no combate de 18 de Agosto, pelo que foi evacuado.—Louvor.

Alferes de cavalaria n.º 11, Álvaro Damião Dias e Américo dos Santos Mateus. Bons oficiais, inteligentes e activos, portaram-se com valentia nos combates havidos no Cuanhama, onde carregaram com a sua unidade, tendo o primeiro perdido a vida trucidado pelo gentio, e sendo o segundo gravemente ferido.—Medalha de prata de valor militar.

Alferes de cavalaria n.º 11, Joaquim Pedro de Faria. Desempenhou as funções de ajudante de campo do comandante do grupo de esquadrões do destacamento do Cuanhama e a seguir de oficial às ordens do destacamento de Ngiva. É um oficial inteligente, desembaraçado, enérgico, muito activo e disciplinador. Segundo informa o comandante do grupo, foi este oficial que, no cumprimento de uma ordem recebida d'ele, guiou no combate do dia 18 o esquadrão de cavalaria n.º 4, quando foi chamado a reforçar o esquadrão de cavalaria n.º 11.—Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria n.º 4, José de Sá Nogueira, alferes de cavalaria n.º 11, Zarco Gomes Pereira da Câmara e alferes de cavalaria n.º 4, Eduardo João Maria José de Romero e Luís Filipe Azinhais Mendes. Officiais desembaraçados, inteligentes e activos, portaram-se com valor nas cargas de cavalaria dadas pelos seus esquadrões no combate do dia 18 no Cuanhama.—Medalhas de bons serviços.

Tenente de artilharia n.º 8, Alberto Xavier da França Dória, alferes de artilharia n.º 8, João Emilio Viana Barata, alferes de artilharia n.º 7, António Cândido da Costa Lóbo Ferreira e João Morais Portugal e alferes de artilharia, José de Pina Cabral. Pela forma como

se portaram durante os combates do Cuanhama e pelas qualidades de bons oficiais patenteadas em todos os actos de serviço.— Medalha de bons serviços.

Alferes de artilharia n.º 8, Guilhermino Terrio. Pelas suas qualidades de oficial e ainda, segundo informações do comandante da bateria, porque tendo-se incendiado um armão, num dos combates do Cuanhama, sem atender ao risco que corria, procurou rapidamente a tiragem das granadas de dentro do mesmo, evitando assim um desastre grave.— Medalha de bons serviços.

Alferes de infantaria n.º 17, José Furtado Henriques. Pela valentia e forma como dirigiu a carga executada pelo seu pelotão no combate de 20.— Medalha de prata de valor militar.

Alferes de infantaria n.º 17, Francisco Maria Costa e Andrade. Porque após o combate do dia 18, sendo necessário mandar à retaguarda uma comunicação de responsabilidade, aceitou este serviço com visível satisfação, comandando um combóio de reabastecimento, regressando debaixo de fogo ao quadrado no dia 19, depois da missão concluída, e assumindo logo o comando do seu pelotão no combate que se estava travando.— Medalha de prata de valor militar.

Alferes de infantaria n.º 17, Cândido de Campos Penedo. Porque no acto de ser executada uma carga de baioneta numa das faces, no combate de 20, saiu do seu abrigo, e de pé, num entusiasmo de verdadeiro patriota e bom militar, chamou a atenção das praças, dirigindo-lhes palavras de incitamento e coragem, o que lhe valeu ser alvejado e ferido gravemente pelo inimigo, pelo que foi evacuado.— Medalha de prata de valor militar.

Tenente médico, António Augusto da Veiga e Sousa. Pela serenidade, sangue frio e competência com que se desempenhou do cargo de chefe do posto de socorros de uma das faces do quadrado, nos combates do Cuanhama.— Medalha de bons serviços.

Tenente de infantaria n.º 17, Augusto Valdês de Passos e Sousa. Oficial inteligente, activo, enérgico, portou-se com valentia nos combates de 18 e 19 no Cua-

nhama, tendo neste sido gravemente ferido, pelo que veio a morrer na Mongua, em 2 de Setembro.— Medalha de prata de valor militar.

Tenente de infantaria n.º 17, Alberto Júlio Carapeto. Ajudante do batalhão de infantaria n.º 17, bom oficial, desembaraçado e muito cumpridor dos seus deveres, acompanhou sempre o seu comandante em todas as situações de campanha.— Medalha de bons serviços.

Tenente do serviço de administração militar, Edgar Augusto Cardoso. Foi chefe dos serviços administrativos do destacamento do major Reis e Silva, a quem mereceu a seguinte informação: «cumpriu com o maior zêlo todos os serviços a seu cargo, revelando inteligência, decisão, método e capacidade».— Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria do esquadrão de dragões, Roque Artur de Melo Ferreira de Aguiar. É um oficial activo, inteligente, enérgico e disciplinador, muito desembaraçado, sendo um grande auxiliar do comandante do esquadrão; em Namakunde prestou serviços relevantes e ali ficou em serviço como delegado português na zona neutra, cargo, para que por S. Ex.ª foi incumbido e nomeado.— Medalha de bons serviços.

Alferes de cavalaria n.º 2 e de dragões, David José Carvalho. Foi comandante do pelotão de dragões que com os auxiliares boers esteve em Otchinjau, onde fez vários reconhecimentos. Comandou o pelotão que escoltava o comboio do destacamento do major Reis e Silva, e a seguir foi na Mongua incorporado no 1.º esquadrão de dragões. Em todos os serviços se mostrou oficial muito activo, enérgico, dedicado e cheio de boa vontade.— Medalha de bons serviços.

Tenente de infantaria, João de Sousa Belo. Êste official, tendo sido promovido a capitão quando era subalerno da 2.ª bateria de metralhadoras que estava em operações fazendo parte do destacamento do major Reis e Silva, pediu para continuar com a sua unidade fazendo serviço de subalerno.— Louvor.

Tenente médico, Francisco Cortês Pinto. Foi chefe do serviço de saúde do destacamento de occupação de Evale,

merecendo do seu comandante a seguinte informação. «desempenhou com muito zêlo os deveres do seu cargo, na montagem dos respectivos serviços manifestou actividade e especiais faculdades de organizador».— Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria n.º 9, Francisco Pessoa de Amorim. Pela retirada para a metrópole do respectivo comandante, passou a comandar o esquadrão de cavalaria n.º 9 e depois o destacamento de Naulila. É official activo, inteligente e desembaraçado.— Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria n.º 9, Luís de Camões. Este official accumulou com o serviço do seu esquadrão outros serviços para que foi nomeado, desempenhando-se de todos com intelligência. É bom official, activo e desembaraçado.— Medalha de bons serviços.

Tenente de infantaria dos serviços do estado maior, António de Sousa Cardoso Machado. Este official foi adjunto do Quartel General do Comando Superior, do quartel general do destacamento do Cuanhama e do da Ngiva, demonstrando intelligência e faculdades de trabalho e portando-se com valentia nos combates.— Medalha de prata de valor militar.

Tenente de infantaria dos serviços de estado maior, Joaquim dos Santos Correia. Foi adjunto do quartel general do tenente-coronel Roçadas e a seguir nomeado chefe de estado maior do serviço de *étapes*. Revelou intelligência, grande actividade, critério e grande desembaraço. Durante as operações mostrou especialmente saber êle a grande responsabilidade dos reabastecimentos e sua presença no Cunene; à forma sensata como interpretou as informações que lhe foram enviadas após os combates de 18 e 19 de Agosto, e custosas medidas que adoptou em vista da situação, se deve em grande parte o rápido restabelecimento das communicações do destacamento do Cuanhama.— Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria do serviço de estado maior, Júlio de Abreu Campos. Foi adjunto do Quartel General do Comando Superior, onde mostrou intelligência, muita

dedicação pelo serviço e muito bom senso. Passou depois a adjunto nos destacamentos do Cuamato e Ngiva, onde confirmou estas qualidades.— Medalha de bons serviços.

Tenente dos serviços de estado maior, José Joaquim Ramos. Este official serviu sempre como adjunto do capitão Mascarenhas, primeiro nos Gambos e depois nos destacamentos do Humbe, Cuamato e Ngiva, merecendo àquele official a seguinte informação: «É um official zeloso no cumprimento dos seus deveres, considerando-o um honesto trabalhador e um digno official. Acompanhou sempre a cavalaria demonstrando decisão e sangue frio nas marchas e combates». — Medalha de bons serviços.

Alferes de cavalaria, João Falcão Ramalho Ortigão. Este official foi por mim nomeado para transmitir várias ordens durante os combates no Cuanhama, serviço que desempenhou cabalmente, revelando sangue frio e valentia. Na última *étape* na marcha para a Ngiva, com o maior interesse e risco de vida andou transportando no seu cavalo muitos soldados que haviam caído extenuados pela sede e pela fadiga. — Medalha de valor militar.

Tenente do quadro auxiliar de artilharia, Vítor Manuel Gonçalves Coelho. Foi comandante do Quartel General do Comando Superior, e tanto neste serviço como nos múltiplos de que foi incumbido, na preparação e execução das operações, revelou sempre a maior dedicação, a melhor boa vontade, com extraordinária actividade, competência, zelo e critério, que o tornaram um dos elementos mais prestimosos de que o comando dispôs. — Medalha de bons serviços.

Alferes do quadro auxiliar de artilharia, José Carvalho Cebola. Fez parte da expedição Roçadas e a seguir serviu nos destacamentos do Humbe, Cuamato e Ngiva. Segundo informações do coronel Veríssimo de Sousa, distinguiu-se pelo notável zelo, boa vontade e muita energia com que desempenhou os diferentes serviços de que foi encarregado, resolvendo, por sua iniciativa, dificuldades que poderiam embaraçar a acção do destacamento. — Medalha de bons serviços.

Alferes miliciano de cavalaria, Frederico da Fonseca Rosado e Almeida Pinheiro. Foi ajudante de campo do

coronel Veríssimo de Sousa, que acumulou com todos os serviços de secretaria e outros. Demonstrou inteligência inextinguível, zelo e boa vontade em todos os serviços que cumpriu com lealdade, dedicação e muita competência, o que lhe daria um lugar de destaque mesmo entre os profissionais. — Medalha de bons serviços.

Tenente do secretariado militar, Mário Herculano de Campos Rêgo. Foi chefe da 2.^a Secção da 2.^a Repartição do Quartel General do Comando Superior, demonstrando critério no estudo das questões de justiça que lhe foram atribuídas. — Louvor.

Alferes do secretariado militar, Júlio de Carvalho Vidal. Desempenhou várias funções de serviço inerentes à sua classe, demonstrando dedicação, critério, mérito, boa vontade e ser um trabalhador infatigável. — Louvor.

Tenente do quadro de artilharia, Mário Anselmo. Foi chefe do depósito de material de guerra de Huila e das oficinas anexas, prestando magníficos serviços às unidades em operações, pela solicitude e actividade que demonstrou, revelando igualmente muito zelo e interesse pela Fazenda Nacional. — Louvor.

Tenente de engenharia, Francisco dos Santos Pinto Teixeira. Fez parte da expedição Roçadas, sendo depois nomeado adjunto do Quartel General do Comando Superior. Foi encarregado de grande número de serviços da sua especialidade, nas zonas da retaguarda e de operações, revelando a maior competência e extraordinária dedicação, desempenhando cabalmente todas as missões através mesmo das dificuldades encontradas. — Medalha de bons serviços.

Tenente de engenharia, Henrique Maia. Foi adjunto do Quartel General do Comando Superior, demonstrando nos serviços da sua especialidade competência, dedicação e muito boa vontade. — Louvor.

Alferes de artilharia, Raúl Ferrão. Foi oficial às ordens no destacamento do Cuamato e Ngiva, onde, segundo o seu comandante, prestou bons serviços, demonstrando muito boa vontade e inteligência. — Louvor.

Alferes de artilharia, Gabriel Maria de Barros Nápoles de Sousa Homem. Foi ajudante do serviço de artilharia do Quartel General do Comando Superior, realizando um reconhecimento no planalto de Mossâmedes, onde contraíu uma grave enfermidade. Ainda convalescente passou a prestar serviço na direcção de *étapes*, mostrando ser official activo, enérgico e grande trabalhador. — Louvor.

Alferes do quadro de artilharia, Manuel António Mousinho de Almeida. Prestou serviço na repartição de artilharia do Quartel General do Comando Superior, com zêlo e dedicação. Comandou os trens do Quartel General desde Mossâmedes até o Cuanhama. — Louvor.

Tenente de cavalaria n.º 9, Flausino Correia Tôrres. Serviu em cavalaria n.º 9 e foi ajudante do destacamento de Dongoena e a seguir comandante de cavalaria do destacamento do Cuamato, distinguindo-se em todos os serviços pela inexcedível boa vontade, muito zêlo, intelligência, tenacidade e energia. Um dos factos que mais fez realçar as suas belas qualidades de official foi a de um oferecimento espontâneo no forte do Cuamato, para fazer um reconhecimento ao Cuanhama numa ocasião difficil, domonstrando assim grande valor e grande sacrificio. — Medalha de prata de valor militar.

Alferes de cavalaria n.º 9, João Mário Ferreira Sarmiento Pimentel. Tendo feito parte do esquadrão de cavalaria n.º 9, comandou primeiro um pelotão d'este esquadrão, de vigilância na linha Otchinjau-Swart-Bruy-Driapt, e a seguir os auxiliares boers. Executou vários reconhecimentos, mesmo em território do Damara e em regiões sublevadas e tomou parte nos destacamentos de Dongoena, Naulila e Ngiva. Em todos os serviços se houve com intelligência, muita dedicação, zêlo e valentia. — Medalha de prata de valor militar.

Alferes de artilharia, Joaquim Alberto Silveira. Pela forma como conduziu sempre a sua divisão nos destacamentos do Cuamato e Ngiva, revelando-se um official desembaraçado, activo e enérgico, demonstrando durante os combates competência técnica e sangue frio. — Medalha de bons serviços.

Alferes de artilharia, Caiola Bastos. Fez parte do destacamento do Humbe, Cuamato e Ngiva, onde mostrou notável dedicação e zêlo no desempenho dos serviços da sua bateria e em outros, como no combóio de reabastecimento que foi da Dongoena ao forte Roçadas e dêste veio ao forte do Cuamato, serviços em que revelou qualidades de energia muito apreciáveis.— Medalha de bons serviços.

Tenente de infantaria, Jaime Rodrigues Baptista. Fez parte da bateria de metralhadoras do 1.º grupo, que foi incorporado no destacamento do Cuamato e Ngiva, demonstrando zêlo, boa vontade, energia e actividade em todos os serviços.— Medalha de bons serviços.

Tenente de infantaria n.º 18, Carlos Henriques. Pela forma como desempenhou as funções de comandante de um combóio de reabastecimento de carros alentejanos na ida e regresso do pôrto do Cuamato ao forte Roçadas, serviço que, pela rapidez e boa execução, permitiu que o destacamento do Cuamato provesse os abastecimentos necessários a fazer a sua marcha de socorro ao Cuanhama.— Louvor.

Alferes de infantaria n.º 18, António Vieira Castro e Silva. Pela forma como soube disciplinar, instruir e conduzir o seu pelotão, ainda mesmo debaixo de fogo, e pela dedicação que sempre mostrou pelo serviço.— Louvor.

Alferes de infantaria n.º 18, Vergílio de Almeida. Porque encontrando-se doente nos Gambos e sabendo da marcha do destacamento do Cuamato para o Cuanhama, se apresentou voluntariamente ao serviço no seu batalhão, e com sacrificio da sua saúde acompanhou êste, assumindo o comando do seu pelotão.— Louvor.

Tenente do serviço de administração militar, Manuel da Costa Dias. Pela maneira distinta, boa vontade, dedicação e muita competência no desempenho das suas funções de chefe dos serviços de administração militar do destacamento do Cuamato.— Medalha de bons serviços.

Tenente de cavalaria, Júlio de Moura Borges. Pela forma como desempenhou vários serviços, especialmente

nos carros alentejanos e camiões, sendo um official intelligente, enérgico, activo e muito dedicado pelo serviço.— Louvor.

Tenente de infantaria, Luis de Campos Martins. Este official estando em comissão em África pediu para ser colocado numa unidade de primeira linha, sendo assim incorporado na bateria do capitão . . . , fazendo parte dos destacamentos do Cuanhama e Ngiva, mostrando assim grande vontade de se bater e amor ao perigo.— Medalha de bons serviços.

Alferes de infantaria n.º 14, Miguel António Ponces de Carvalho Passos. Este official pertencendo a infantaria n.º 14, quando foi dissolvido este batalhão, passou a fazer serviço nos camiões, não se poupando a fadigas e privações para que dos transportes se tirasse o máximo do seu rendimento. Acompanhando o destacamento do Cuanhama, continuou no mesmo serviço com a mesma competência, desempenhando-se cabalmente apesar dos successivos ataques que os combóios de reabastecimento sofriam da parte do gentio.— Medalha de bons serviços.

Tenente miliciano de artilharia, Faria Leal, alferes de cavalaria n.º 2, Aurélio de Mendonça e Pinto, alferes de artilharia n.º 2, Duarte Cadima, e alferes de artilharia n.º 1, Areosa Feio. Pela forma como desempenharam os diversos serviços, fatigantes e de responsabilidade, que lhes foram ordenados, mostrando-se cumpridores, activos e muito dedicados pelo serviço.— Louvor.

Tenente de infantaria n.º 17, José Carrasco, alferes de infantaria n.º 17, Domingos José Santos de Lemos, alferes de infantaria n.º 17, Francisco Palma Vargas, tenente de infantaria n.º 17, Francisco Lopes, tenente de infantaria n.º 17, João Francisco, alferes de infantaria n.º 17, Manuel Augusto Farinha da Silva, tenente de infantaria n.º 17, António Brás. Pelo interêsse que lhes mereceu a instrução dos seus pelotões, em que empenharam a sua boa vontade e muita dedicação.— Louvor.

Alferes de infantaria, Francisco Reis Severo, tenente reformado, Diogo Fortunato de Azinhais, tenente do serviço de administração militar, Olival Júnior, tenente do serviço de administração militar, Manuel Mendes, alfe-

res do serviço de administração militar, Carlos Pereira, alferes do serviço de administração militar, Augusto Carreira, tenente de infantaria, João Carlos Teles de Azevedo Franco, tenente de cavalaria, Correia Matias, tenente do serviço de administração militar, Anacleto Rebelo Marques, tenente do serviço de administração militar, Francisco Moreira de Almeida, tenente do quadro auxiliar de artilharia, José Bernardo de Almeida Temudo, tenente do serviço de administração militar, Santos Pereira. Pela inteligência, actividade, zêlo, competência e provas de capacidade que mostraram nos diferentes serviços da linha de *étapes* que estavam a seu cargo.— Louvor.

Luis Gomes, alferes da 2.^a linha, indígena. Pelo critério, actividade e energia desenvolvidos no comando dos serviços indígenas em Mossâmedes.— Louvor.

Olimpio Ferreira Chaves, alferes de infantaria. Êste official dirigiu o serviço das oficinas de reparação dos camiões em vários pontos da linha de *étapes*, com dedicação, zêlo, actividade e bastante competência técnica.— Louvor.

João Centeno de Sousa, tenente de infantaria. Êste official foi nomeado para efectuar um reconhecimento no planalto de Mossâmedes até Cassinga, demonstrando intelligência, actividade e muita dedicação pelo serviço, tendo adoecido, não obstante o que continuou prestando serviço até final das operações na direcção de *étapes*.— Louvor.

Tenente de infantaria da 16.^a companhia indígena, Reis Pereira. Pela boa vontade, energia e dedicação pelo serviço manifestados durante todo o tempo em que a sua companhia esteve nos Gambos, Humbe e Cuamato, cujo destacamento acompanhou.— Louvor.

Arnaldo de Almeida Vidal e Augusto do Amaral Polónio, juizes de direito. Pela forma criteriosa e solicitude desenvolvida nos cargos de auditor do Tribunal de Guerra.— Louvor.

Bartolomeu Paiva, auxiliar porte anexo ao grupo de auxiliares boers. Como chefe do grupo de auxiliares boers, sob o comando do alferes Sarmiento Pimentel,

acompanhou o mesmo official em todas as situações, fazendo parte dos destacamentos da Dongoena, Naulila, Ngiva, merecendo àquele official os mais rasgados louvores pela sua lealdade, energia, actividade e coragem.— Medalha de bons serviços.

José Guerreiro, auxiliar porte anexo (reside no distrito da Huila). Fez parte dos destacamentos do Humbe, Cuanhama e Ngiva. Prestou todos os serviços para que foi nomeado com toda a lealdade, energia e valentia, tendo sido ferido num ataque feito às guerrilhas cuanhamas, que raziam o Cope. Como intérprete foi um elemento valioso.— Medalha de bons serviços.

Bernardino Fernandes Fraga, antigo sargento de cavalaria, auxiliar porte anexo (reside no distrito da Huila). Fez parte do grupo de auxiliares em observação no vale do Cubango e a seguir dos destacamentos do Cuanhama e Ngiva, para onde foi chamado. Homem desembaraçado, inteligente, activo, enérgico e leal, portou-se com valentia durante os combates do Cuanhama. Em especial tem a mencionar-se ter-se oferecido, quando as comunicações estavam cortadas, para ir ao Cope e Humbe pedir o auxílio do destacamento do Evale e obter gado para a alimentação das fôrças, serviço que desempenhou com intelligência, mostrando o seu espirito de camaradagem e de obrigação patriótica.— Medalha de bons serviços ou valor militar.

Manuel de Jesus Lopes, auxiliar porte anexo (reside em Huila). Acompanhou o auxiliar Bernardino Fraga na sua arriscada missão da ida ao Cuanhama, ao Cope e Humbe.— Medalha de bons serviços.

Benue Opper, auxiliar boer (reside na Humpolte). Fez parte do grupo de auxiliares do comando do alferes Sarmento, onde se conservou desde o tempo do tenente-coronel Roçadas até final das operações. Pela sua intelligência, actividade e energia foi-lhe confiado o comando do grupo de auxiliares que ficou guarnecendo o forte da Dongoena, quando da marcha dos restantes para o Cuanhama.— Louvor.

Auxiliar inglês, Gordoan, residente em Huambo. Foi commandante do grupo de auxiliares do destacamento,

do major Reis e Silva, acompanhando-o ao Evale e Mongua e fazendo parte do destacamento da Ngiva. Desempenhou as suas funções com solicitude e lealdade.—Louvor.

Engenheiro, Joaquim Augusto Artur Fernandes Tóres. Proceheu ao estudo e dirigiu a circulação da construção duma estrada de camiões-automóveis ligando o reduto 183 com a estrada Quibumbe-Lubango, demonstrando muita dedicação, inteligência, zelo e competência técnica.— Louvor.

Chefe do serviço postal do caminho de ferro, primeiro aspirante dos correios de Angola, Joaquim de Oliveira, e chefe da circunscrição telegráfica de Huila, José Maria da Horta Simões. Pelo interêsse, zelo, competência, actividade e muita dedicação pelo serviço, manifestados durante as operações.— Louvor.

Major, Francisco Augusto Henrique Segurado Ache-man. Desempenhou o cargo de chefe dos serviços administrativos do comando superior, com zelo e dedicação.— Louvor.

Primeiro tenente, José Monteiro de Macedo. Demonstrou inteligência e grande actividade no cargo de capitão do pórto de Mossâmedes.— Louvor.

Praças especialmente mencionadas pelos comandantes das unidades

Regimento de cavalaria n.º 11

3.º esquadrão, primeiro sargento n.º 326, Joaquim José Galhardas. Desempenhou as funções de sargento ajudante do grupo tático de esquadrões, transmitindo as ordens com serenidade e valor, embora muito exposto ao fogo inimigo, no combate da Mongua, em 15 de Agosto. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, segundo sargento n.º 3, José Alberto Ferro. Na carga do dia 18 de Agosto o gentio mata-lhe a montada; servindo-se da carabina mata um adversário que sôbre uma árvore visava, desaparelha o cavalo e servindo-se doutro cavalo traz o arreo para o quadrado sob o fogo inimigo. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, primeiro cabo n.º 462, António Henriques. Comandando sete praças foi atacado por numerosos indígenas; com sangue frio e decisão faz-lhes frente, empregando a carabina, até que conseguindo afugentá-los monta a cavalo e retira para o quadrado. (Do Sr. major V. da Rocha).— Medalha de valor militar.

3.º esquadrão, segundo cabo n.º 349, Carlos Sampaio. Na carga de 18 de Agosto mata dois indígenas e persegue outro que se ocultava em uma cacimba, e prendendo-o com a prisão do cabrestilho trá-lo para o quadrado, sob o forte tiroteio do inimigo. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, segundo cabo n.º 103, Luís Maria Alves. Na carga de 18 de Agosto mata um indígena, que de perto o alveja, em seguida socorre um camarada a quem outro indígena tinha arrancado a lança, matando também este. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, segundo cabo n.º 58, Manuel de Melo. Na carga de 18 de Agosto, vendo o seu comandante de esquadrão cercado pelo gentio e desarmado, lança-se valentemente, com mais duas praças, sobre o gentio, evitando que o seu superior fôsse morto ou aprisionado. (Do Sr. major V. da Rocha).— Medalha de valor militar.

3.º esquadrão, soldado n.º 458, António Augusto. Idem.— Medalha de valor militar.

3.º esquadrão, soldado n.º 405, Júlio Borges. Idem.— Medalha de valor militar.

3.º esquadrão, soldado n.º 25, António da Cunha. Acompanha o segundo sargento, José Alves Ferro, e avistando-se na orla do arvoredo um indígena que os visava, corre sobre este e mata-o à lançada, isto sob o fogo intenso do gentio. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, soldado n.º 422, José Marques Bento. Avista um indígena tentando derrubar do cavalo um seu camarada, corre imediatamente em defesa deste, apesar do intenso fogo inimigo. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, soldado n.º 471, Manuel de Araújo. Na carga de 18 de Agosto perseguia um grupo de indigenas, quando avista um seu camarada atacado pelo gentio e com o cavallo morto, lança-se em defesa dêste seu camarada e é ferido; retira-se para o quadrado sendo o seu primeiro cuidado, mesmo antes de pensado, indicar que o alferes Mateus estava ferido necessitando que os maqueiros o transportassem para o quadrado. (Do Sr. major V. da Rocha).— Medalha de valor militar.

3.º esquadrão, soldado n.º 404, Jerónimo Pinto. Na carga do dia 18 de Agosto mata um indígena à lançada e descobrindo dois outros em uma cacimba apeia e mata-os a tiro, retirando, sob o intenso fogo do gentio, para o quadrado. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, soldado n.º 95, José Barbosa. Na carga de 18 de Agosto, tendo sido ferido gravemente o alferes Mateus, acompanha sempre êste official, enquanto o gentio os ameaça e sob o intenso fogo adverso. (O Sr. major V. da Rocha cita apenas o facto).— Louvor.

Regimento de cavalaria n.º 4

3.º esquadrão, primeiro sargento n.º 41, Joaquim Pinto. Tomou parte em todos os combates do destacamento do Cuanhama, demonstrando grande decisão, sangue frio e muita energia. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, primeiro cabo n.º 696, Possidónio José Ventura. No combate do dia 18 de Agosto demonstrou qualidades notáveis de valor, sangue frio e iniciativa, corrigindo alças e auxiliando com muito acêrto os seus superiores a fim de manter uma rigorosa disciplina de fogo. (Do Sr. major V. da Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, soldado ferrador n.º 778, Joaquim Guerrinha. Na acção do dia 17, embora não recebesse ordem, esteve na linha de fogo, demonstrando valentia; tomou parte na carga com a sua unidade, evidenciando a mesma qualidade, e, após esta, dispensou a maior solicitude aos solípedes, provando muito zêlo pelo serviço que lhe competia. (Do Sr. major V. Rocha).— Louvor.

3.º esquadrão, soldado n.º 116, José Centeio. Sendo ordenança do comandante do seu esquadrão, demonstrou

nos combates serenidade, valor e muita dedicação, pela maneira rápida e acertada como transmitiu as ordens sob o intenso fogo do gentio.— Louvor.

Regimento de cavalaria n.º 3

4.º esquadrão, soldado n.º 369, Manuel Ganhão. Demonstrou muita coragem e valor no combate da Mongua, em 20 de Agosto, pois que, sob o fogo mais intenso do gentio, prendendo e desprendendo os solípedes que se embaraçavam ou caíam varados pelos projecteis, evitou esta praça que se produzisse grave perturbação no parque onde estacionavam os solípedes. (Louvado por S. Ex.ª o general, ordem de 21).— Louvor.

Regimento de infantaria n.º 17

9.ª companhia, soldado n.º 230, Joaquim Gonçalves. Demonstrou muito valor militar, apresentando-se voluntariamente para fazer parte da escolta do combóio de camiões que marchou para o Humbe, quando estavam cortadas as comunicações do destacamento do Cuanhama, e no cumprimento d'este serviço portou-se com coragem e sangue frio. (Louvado por S. Ex.ª o general em ordem de 27).— Medalha de bons serviços.

9.ª companhia, soldado n.º 184, João Repochinho. Idem.— Medalha de bons serviços.

9.ª companhia, soldado n.º 265, José Maria dos Ramos. Idem.— Medalha de bons serviços.

9.ª companhia, soldado n.º 294, Manuel Ventura. Idem.— Medalha de bons serviços.

9.ª companhia, soldado n.º 349, António Maria. Idem.— Medalha de bons serviços.

10.ª companhia, soldado n.º 139, Joaquim Abílio. Idem.— Medalha de bons serviços.

10.ª companhia, soldado n.º 225, Francisco Maria Torrão. Idem.— Medalha de bons serviços.

10.ª companhia, soldado n.º 321, Bento Lagarto. Idem.— Medalha de bons serviços.

10.ª companhia, soldado n.º 325, Mário Acácio dos Santos. Idem.— Medalha de bons serviços.

10.ª companhia, soldado n.º 357, Francisco António. Idem.— Medalha de bons serviços.

Batalhão de marinha

Segundo sargento n.º 502, Francisco de Aratijo. Idem.— Medalha de bons serviços.

Cabo artilheiro n.º 1:211, João Pereira. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro artilheiro n.º 2:160, Ernesto José Ferreira. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro artilheiro n.º 2:968, João Baptista. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro torpedeiro n.º 1:959, Joaquim A. Rebêlo Carvalho. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro artilheiro n.º 4:234, Higino Augusto Brasão. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 3:929, Joaquim Miguel. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 4:231, Joaquim Vicente Coelho. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 3:785, José Balbino. Idem.— Medalha de bons serviços.

Segundo grumete n.º 3:320, Abílio Nóbrega. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 4:017, António Lopes. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 3:982, Francisco Gomes Canhoto. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 3:910, António Homem da Rocha. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro grumete n.º 3:789, José Gomes. Idem.— Medalha de bons serviços.

Primeiro sargento artilheiro n.º 183, António Augusto de Almeida. Demonstrou valentia e espirito de sacrificio e camaradagem, saindo à frente da linha de fogo a fim de matar a tiros de pistola um chefe indígena que tinha ferido o comandante da força, o que conseguiu, apreendendo-lhe uma espingarda Mauser e um cinturão com munições; combate de Tchipelongo em 25 de Maio. (Do Sr. comandante do batalhão).— Medalha de valor militar.

Segundo artilheiro n.º 3:253, Eduardo Rebêlo. Continuou na linha de fogo depois de ferido, não consentindo que lhe fôsse feito curativo antes de terminado o combate, acto que demonstrou valor e resistência moral; combate de Tchipelongo em 29 de Maio. (Do Sr. comandante do batalhão).— Medalha de valor militar.

Primeiro grumete n.º 3:866, Vergílio Cândido. Idem.— Medalha de valor militar.

Primeiro marinheiro timoneiro sinaleiro, Joaquim do Nascimento. Demonstrou valentia e grande energia, arrojando-se decididamente ao assalto e procurando os pontos mais arriscados na última fase do combate de Tchipelongo. (Do Sr. comandante do batalhão).— Medalha de valor militar.

Primeiro artilheiro n.º 1:711, José Fontes. Idem.— Medalha de valor militar.

Primeiro grumete n.º 3:685, António Inácio da Cruz. Idem.— Medalha de valor militar.

Cabo artilheiro n.º 1:354, Joaquim Antunes da Silva. Demonstrou grande serenidade durante o combate de Tchipelongo, em 29 de Maio, na maneira como executou o tiro e procurou aproveitar as munições, evitando, com a admirável disciplina de fogo, que o gentio atacasse a missão enquanto as forças avançavam para a libata. (Do Sr. comandante do batalhão).— Medalha de bons serviços.

Primeiro marinheiro n.º 951, Ladislau Gomes Fernandes. Idem.— Medalha de bons serviços.

Segundo marinheiro n.º 2:711, Abílio Ferreira da Silva. Idem.— Louvor.

Segundo sargento enfermeiro n.º 3:295, João Augusto da Silva Freire. Demonstrou sangue-frio e muito zêlo, aproximando-se da linha de fogo a fim de aplicar aos feridos os pensos convenientes durante o combate de Tchipelongo, em 29 de Maio. Idem.— Louvor.

Primeiro sargento artilheiro n.º 200, António Manuel dos Santos. Demonstrou valentia e energia, acompanhando voluntariamente um pelotão de infantaria no avanço para as Cacimbas de Mongua, em 29 de Maio. Idem.— Louvor.

Primeiro sargento, serviço geral, n.º 178, Augusto Pereira da Silva. Demonstrou muita valentia e grande valor militar perseguindo uns indigenas que, depois da carga à baioneta do dia 20 de Agosto e após muitas horas de combate, ainda atacavam o quadrado. Idem.— Medalha de valor.

Primeiro sargento artilheiro n.º 183, António Augusto de Almeida. Idem, já citado, n.º 43.

Primeiro sargento artilheiro n.º 200, António Manuel dos Santos. Idem, já citado, n.º 53.

Primeiro sargento, serviço geral, n.º 178, Augusto Pereira da Silva. Demonstrou muito valor e grande espírito de sacrificio na maneira distinta como desempenhou as funções de porta-bandeira, percorrendo a linha de fogo, sempre com a bandeira desfraldada sob um fogo muito intenso, nos combates de Mongua, em 15 e 19 de Agosto, dando a todas as praças do batalhão um alto exemplo de coragem. Idem, já citado, n.º 54.— Está proposto para medalha de valor militar.

15.ª companhia indígena de Moçambique

Segundo sargento Adriano. Demonstrou muito sangue frio e decisão no combate de Tchipelongo, em 29 de Maio, saindo do quadrado debaixo de fogo, a fim de queimar umas libatas que embaraçavam o campo de tiro. Idem.— Medalha de valor militar.

Regimento de artilharia n.º 8

5.ª companhia, segundo sargento n.º 486, Inocêncio Cordeiro. Foi ferido gravemente na cara durante o combate de Mongua, em 18 de Agosto, mostrando serenidade. O Sr. comandante da bateria cita o facto.— Louvor.

5.ª companhia, segundo sargento n.º 484, José Pinto Gonçalves Correia. Foi ferido ligeiramente no peito por uma bala que lhe atravessou o braço durante o combate de Mongua, em 18 de Agosto, mostrando serenidade. Idem.— Louvor.

5.ª companhia, soldado servente n.º 458, José Martins. Foi ferido gravemente no combate de Mongua, em 18 de Agosto, mostrando serenidade. Idem.— Louvor.

5.ª companhia, segundo cabo condutor, Francisco Luis. Foi ferido gravemente no combate de 19 de Agosto,

mostrando a maior serenidade; veio a falecer em consequência dos ferimentos. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, soldado condutor n.º 263, Manuel Luís. Foi ferido ligeiramente no combate de 20 de Agosto, mostrando grande sangue frio. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, primeiro cabo condutor, Manuel Ferreira Calado. Por sua vontade esteve constantemente na linha de fogo durante os combates, demonstrando grande sangue frio e decisão no auxilio prestado aos camaradas que eram obrigados a permanecer junto das peças. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, primeiro cabo ferrador n.º 407, Manuel Martins. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, primeiro cabo condutor n.º 403, Joaquim Marques. Durante o combate de 20 de Agosto uma bala atravessou a parede lateral dum armão e o cartucho duma granada, o que motivou incêndio; esta praça auxiliou dedicadamente, e com grande decisão, o alferes Guilhermino Terrio, na extinção do incêndio, revelando assim apreciáveis qualidades militares de valor e camaradagem. Idem.—Medalha de bons serviços.

5.^a companhia, soldado servente n.º 273, Joaquim Cardoso. Demonstrou grande serenidade e muita valentia no combate de 20 de Agosto, em que saiu do quadrado sob o fogo intensíssimo do gentio, a fim de apanhar uns solípedes que se tinham soltado e se collocaram em frente duma força; prendeu-os e voltou logo para junto da sua secção. Idem.—Medalha de bons serviços.

5.^a companhia, soldado condutor n.º 290, Francisco António da Silva. Demonstrou grande serenidade e espirito de camaradagem durante o combate de 20 de Agosto, em que por sua iniciativa andou constantemente a encher os cantis dos serventes da 2.^a divisão, os quais não se podiam desviar do material. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, segundo sargento artífice n.º 414, João Ferreira da Silva.—Demonstrou muito interêsse pelo

serviço na rapidez com que durante a noite de 13 para 14 consertou umas cangas dos carros à alentejana. Idem.—Louvor.

5.^a companhia, primeiro cabo servente n.º 444, Roberto de Moura. Idem.—Louvor.

3.º Grupo de metralhadoras

2.^a companhia, primeiro sargento n.º 60, Alípio Augusto. Demonstrou grande valor e muita serenidade nos combates da Mongua, em 18 e 19 de Agosto, indo buscar fitas à linha de fogo, carregando-as sob um fogo violento do gentio e incorporando-se em seguida, por sua iniciativa, na linha de fogo, armado de espingarda. Do Sr. comandante da bateria. — Medalha de valor militar.

2.^a companhia, segundo sargento n.º 86, Adelino Soares. Idem.—Idem.

2.^a companhia, segundo cabo n.º 57, Antero Aníbal de Jesus. Demonstrou muita serenidade, auxiliando o carregamento das fitas sob um fogo violento do gentio; foi gravemente ferido no combate de Mongua, em 18 de Agosto. Idem.—Idem.

2.^a companhia, primeiro cabo n.º 69, Fernando Augusto. Demonstrou valor e grande sangue frio no combate de Mongua, em 18 de Agosto, em que foi gravemente ferido, vindo a falecer horas depois. Idem.—Idem.

Chauffeurs

Mário de Almeida. Mostrou muita dedicação pelo serviço e grande valentia na ocasião em que estiveram cortadas as comunicações do destacamento do Cuanhama.—Louvor e uma gratificação.

Humberto Carlos. Idem.—Idem.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1917.—*António Júlio da Costa Pereira de Eça*, general.

ANEXOS

N.º 1

PROJECTO DE OPERAÇÕES ELABORADO EM LISBOA

Ex.^{mo} Sr.—Conquanto só em Angola eu possa formular um projecto definitivo de operações, em harmonia com o conhecimento da situação que lá encontrar, julgo dever desde já informar S. Ex.^a o Ministro, de um modo muito geral, da forma como, baseado nos documentos que me foram fornecidos, eu encaro o problema de Angola e penso em solucioná-lo.

Situação

Alemães.—Vencedores no combate de Naulila, mas, tendo sofrido baixas importantes, não efectuaram a perseguição das nossas forças e, tendo permanecido durante algum tempo no nosso território, terminaram por evacuí-lo, mantendo postos de observação na fronteira.

Indígenas.—Os do extremo sul de Angola, tendo assistido ao insucesso das nossas operações, estão, quasi na totalidade, em rebelião declarada; os das outras regiões, como natural reflexo da situação do extremo sul, encontram-se manifestamente dispostos a, na primeira oportunidade, dar largas ao seu latente espírito de revolta.

Nossas forças.—As do sul de Angola, tendo retirado em boa ordem de Naulila para o Humbe, continuaram depois em completa desordem a retirada do Humbe para os Gambos, como consequência do pânico originado pela destruição do forte Roçadas, ficando abandonado todo o território para além dos Gambos; as das outras regiões são manifestamente insuficientes para sufocarem rapidamente qualquer revolta local.

Objectivos

Como consequência desta situação, os objectivos que eu devo ter em vista são:

1.º Reocupação de todo o território abandonado e consequentemente a reconquista directa do nosso prestígio sobre o gentio do extremo sul de Angola e indirecta sobre o gentio de toda a província;

2.º Fornecer aos governadores elementos para sufocarem prontamente qualquer rebelião que, apesar dessa reconquista, se manifeste nos seus distritos;

3.º Colocar o grosso das forças do meu comando em condições de:

a) Fazer face a qualquer nova investida dos alemães, ou mesmo penetrar no seu território, vingando o insucesso de Naulila, se a situação permitir adoptar, sem perigo, uma atitude ofensiva;

b) Simultaneamente preparar a ocupação do território Cuanhama;

c) Cooperar com os nossos aliados da África do Sul, se eles forcarem os alemães a dirigir-se para a nossa fronteira.

Operações

Para alcançar os 1.º e 3.º objectivos montarei convenientemente a linha de comunicações entre Mossamedes e os Gambos e, oportunamente, entre os Gambos e o Humbe; depois estabelecer-me hei no Humbe com o grosso das forças do meu comando.

O Humbe é um centro de comunicações de onde posso cobrir o planalto de Mossamedes e cair sobre os cuanhamas, ou sobre os alemães que tentem nova incursão, ou ainda buscar as operações que tendam à invasão do território alemão.

Tudo leva a crer que a simples presença de um efectivo numeroso no Humbe tenha como consequência immediata o poder-se proceder sem resistência à ocupação do território Cuanhama e ao restabelecimento dos postos abandonados, mas se assim não succeder obteremos esse *desideratum* pela força.

Não julgo verosímil que os alemães procurem a linha do Cubango para se internarem no nosso território, pois se assim procedessem, deixando no seu flanco esquerdo as forças do meu comando, caminhariam para um completo aniquilamento.

Os alemães, segundo as melhores opiniões, poderão dispor de um total de 4:000 homens de tropas regulares e 3:000 reservistas, mas, tendo de dividir as suas atenções por portuguezes e inglezes, não é provável que se tornem a dirigir para a nossa fronteira com efectivos muito superiores aos que apresentaram no ataque a Naulila, e, sendo assim, cometeriam um erro crasso em se internarem em território portuguez, deixando as forças do meu comando na sua retaguarda, forças cujo efectivo de combate deverá orçar por uns 5:000 a 6:000 homens, na pior hipótese.

A entrada pelo Cubango só se deve esperar se os alemães vierem completamente acoissados pelos inglezes e pretenderem encontrar no território portuguez um refúgio; mas então a sua situação será de molde a serem facilmente desarmados.

Satisfeitas todas as minhas requisições, as forças do meu comando hão-de dispor da maleabilidade precisa para fazer face a essa situação ou a qualquer outra que possa surgir nas proximidades da fronteira ou em qualquer ponto do território da provincia de Angola.

Para alcançar o 2.º objectivo, tratarei, logo que chegue a Angola, de dar aos governadores de distrito os recursos que julgar suficientes para sufocarem prontamente qualquer revolta local.

É meu propósito fugir o mais possível ao emprêgo de muitas colunas, pois a dispersão de forças é inconveniente e acarreta grandes embaraços em abastecimentos e transportes.

Uma coluna forte operando ao sul de Angola fará vantajosamente face a todos os incidentes que aí se deem e levantará o nosso prestígio em toda a provincia, collocando-a numa situação que lhe permita esperar confiadamente o termo da guerra europeia.

Questões importantes a considerar para o bom êxito das operações são também a da vigilância da costa de Angola e a dos transportes marítimos entre Loanda, Lobito e Mossamedes, questões estas para que o governador geral tem chamado a atenção do Govêrno e que eu, ao chegar a Loanda, certamente terei também de abordar, em harmonia com a situação que lá encontrar.—
Pereira de Eça, general.

República Portuguesa.—Ministério das Colónias.—Repartição do Gabinete.—N.º 1.—Ex.º Sr.—Encarregame S. Ex.ª o Ministro das Colónias de comunicar a V. Ex.ª, para seu conhecimento e devidos efeitos, que o Governo apiovou o plano por V. Ex.ª apresentado sobre as operações militares a empreender no sul de Angola, resolvendo, porém, que o objectivo a ter-se em vista, e que no referido plano vem mencionado na alínea a) do n.º 3.º, seja o seguinte: «Fazer face a qualquer incursão no território da provincia e defender a sua integridade e a honra da nação», e que, sobre o assunto de que trata a alínea c) do mesmo n.º 3.º, só possa haver qualquer procedimento de conformidade com as ordens ou instruções que pelo Governo oportunamente forem dadas.

Saúde e Fraternidade.—Repartição do Gabinete do Ministério das Colónias, 2 de Março de 1915.—Ex.º Sr. general António Júlio da Costa Pereira da Eça.—O Chefe da Repartição do Gabinete, *Eduardo Marques*.

Está conforme.—Quartel General do comando superior das forças em operações em Angola.—Angola, 30 de Março de 1915.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

N.º 1-A

Nota dos géneros necessários para o abastecimento
da força expedicionária

N.º 1-A

COMANDO SUPERIOR DAS FÓRCAS EM OPERAÇÕES EM ANGOLA

QUARTEL GENERAL

Serviços administrativos

Nota dos géneros necessários para o abastecimento da força expedicionária

| Géneros | Para | Volumes | Para | Volumes | Para | Volumes |
|--|---------------------------------|---------|----------------------------------|---------|-------|---------|
| | trinta dias — Quilogramas | | oitenta dias — Quilogramas | | | |
| Arroz, acondicionado em sacos de 50 quilogramas | 30:000 | 720 | 96:000 | | 1:920 | |
| Atum, latas, idem, idem | 6:000 | 240 | 16:000 | | 640 | |
| Azeite | 12:000 | 480 | 32:000 | | 1:280 | |
| Bacalhau, acondicionado em sacos de 50 quilogramas | 12:000 | 480 | 32:000 | | 1:280 | |
| Banha | 4:800 | 96 | 12:800 | | 256 | |
| Bolacha, acondicionada em sacos de 50 quilogramas | 108:000 | 2:160 | 288:000 | | 5:760 | |
| Carne com legumes, idem, idem | 6:000 | 240 | 16:000 | | 640 | |
| Cebola, em grades de 25 quilogramas | 3:600 | 1:144 | 9:600 | | 384 | |
| Chouriço, em grades de 100 quilogramas | 43:200 | 432 | 115:200 | | 1:152 | |
| Conserva de carne, em caixas de 25 quilogramas | 3:000 | 1:120 | 8:000 | | 320 | |
| Farinha de trigo, em duas caixas de 25 quilogramas | 126:000 | 2:520 | 336:000 | | 6:720 | |
| Feijão branco, em sacos de 50 quilogramas | 54:000 | 1:080 | 144:000 | | 2:880 | |
| Feijão vermelho, idem, idem | 36:000 | 720 | 96:000 | | 1:920 | |
| Feijão manteiga, idem, idem | 36:000 | 720 | 96:000 | | 1:920 | |
| Feijão frade, idem, idem | 32:000 | 640 | 85:585 | | 1:706 | |

| | | | | |
|--|---------|----------|----------|----------|
| Fermento artificial, em caixas de 25 quilogramas | 252 | 10 | 672 | 27 |
| Grão de bico, em sacos de 50 quilogramas | 36:000 | 720 | 96:000 | 1:920 |
| Leite condensado, em caixas de 25 quilogramas | 2:400 | 96 | 6:400 | 256 |
| Massas de 1. ^a , em duas caixas de 25 quilogramas | 72:000 | 1:440 | 192:000 | 3:840 |
| Pimento doce, idem, idem | 720 | 15 | 1:920 | 40 |
| Sabão, idem, idem | 6:000 | 240 | 16:000 | 640 |
| Sardinha, idem, idem | 6:000 | 240 | 16:000 | 640 |
| Toucinho, idem, idem | 9:360 | 188 | 24:960 | 501 |
| Vinagre, em barris | 14:400 | 252/25 | 672:25 | 672:25 |
| | | 90/45 | 240/45 | 240/45 |
| | | 45/90 | 120/90 | 120/90 |
| | | 2:520/25 | 6:720/25 | 6:720/25 |
| | | 900/45 | 2:400/45 | 2:400/45 |
| | | 450/90 | 1:200/90 | 1:200/90 |
| Vinho, idem | 144:000 | 381:000 | 381:000 | 381:000 |
| Tabaco holandês, caixas de 25 quilogramas | 5:400 | 216 | 14:400 | 576 |
| Tabaco francês | 400 | 16 | 1:075 | 43 |
| Fósforos, caixas | 180:000 | 180 | 480:000 | 480 |
| Papel para fumar, carteiras | 180:000 | 18 | 480:000 | 48 |
| Ranchoz confeccionados, caixas de 25 quilogramas | 5:150 | 206 | 13:775 | 551 |
| Broculos, idem, idem | 200 | — | 675 | 27 |
| Cacau, idem, idem | 200 | 8 | 550 | 22 |
| Chá preto, idem, idem | 10 | 1 | 25 | 1 |
| Chá verde, idem, idem | 20 | 1 | 50 | 2 |
| Chocolate em paus, idem, idem | 40 | 2 | 100 | 4 |
| Farinha de feijão, duas caixas de 25 quilogramas | 400 | 8 | 1:050 | 21 |
| Farinha de grão, idem, idem | 400 | 8 | 1:050 | 21 |
| Fiambre, idem, idem | 50 | 1 | 120 | 3 |
| Manteiga de vaca, em caixas de 25 quilogramas | 400 | 16 | 1:000 | 40 |
| Massa de tomate, idem, idem | 100 | 4 | 200 | 10 |
| Presunto, caixas com cinco presuntos | 150 | 6 | 200 | 16 |
| Queijo da ilha em duas caixas de 25 quilogramas | 150 | 3 | 400 | 8 |
| Tapicca, em caixas de 25 quilogramas | 100 | 2 | 250 | 5 |
| Velas, idem, idem | 2:500 | 100 | 6:600 | 264 |
| Água de Sabroso, garrafas de 1 litro. | 6:000 | 150 | 16:000 | 400 |

| Gêneros | Para | Volumes | Para | Volumes | Volumes |
|--|---------------------------------|---------|----------------------------------|---------|---------|
| | trinta dias — Quilogramas | | oitenta dias — Quilogramas | | |
| Água da Curia, idem | 4:000 | 100 | 10:520 | 100 | 263 |
| Água de Vidago, garrafas de 1/2 litro | 8:040 | 134 | 20:100 | 134 | 335 |
| Fava, em sacos de 50 quilogramas. | 360:000 | 7:200 | 960:000 | 7:200 | 19:200 |
| Aveia, idem, idem | 360:000 | 7:200 | 960:000 | 7:200 | 19:200 |
| Bêlo alimentar, em sacos de 50 quilogramas | 54:000 | 1:080 | 144:000 | 1:080 | 2:880 |

Nota. — O bacalhau pode ser substituído, em parte, por atum em salmoira, na razão de 1 quilograma de bacalhau por 2 de atum. O vinho deve ter 13 graus e ser pasteurizado.

N.º 2

Telegrama. — Loanda, 23 de Março de 1915. — Cônsul inglês recebeu de seu Governô instruções para servir intermediário entre União Sul-Africana e êste Governô relativamente a operações de Guerra. Governô Inglês mantêm-se estranho a estas informações sendo seu delegado aqui via comunicações unicamente. Cônsul inglês pediu informações sôbre effectivos e situação fôrças no sul de Angola e sôbre projecto operações a fim de informar União Sul-Africana.

Informei fôrças que disponho, local onde tenciono concentrá-las e quanto a operações contra alemães, dependente da attitude dêstes e forma como decorrerem operações realizadas por ingleses e instruções que receber de V. Ex.^a

Informei mais só depois 15 de Maio poderei começar operações se forem satisfeitas todas minhas requisições prazos que deixei aí indicados. — *Eça*, general.

N.º 2-A

Confidencial. — Ex.^{mo} Sr. — Conforme tive a honra de comunicar a V. Ex.^a, em telegrama, assumi o comando das tropas expedicionárias e simultâneamente o governô da provincia em 21 do corrente; no mesmo telegrama apresentava eu a V. Ex.^a os meus cumprimentos pela sua nomeação ao alto cargo que está desempenhando no Governô da República Portuguesa, facto êste de que só tive conhecimento à minha chegada a Loanda.

A minha nomeação para os cargos que estou desempenhando resultou única e exclusivamente do convite que me foi feito por S. Ex.^o o Presidente do Ministério e de ser aprovada essa nomeação pelo Conselho de Ministros; mas ao tempo ainda V. Ex.^a não fazia parte do Governô, e assim julgo que não será uma impertinência em desejar saber se mereço a V. Ex.^a a ampla e absoluta confiança que merecia ao seu antecessor.

Devo mais fazer saber a V. Ex.^a que a minha acceitação do convite a que acima me referi foi sob condição de serem aprovadas as propostas que fiz, e cuja verba de aprovações foi lançada pelo antecessor de V. Ex.^a, nos documentos que directamente lhe apresentei a des-

pacho; mas, como por um telegrama de V. Ex.^a tive occasião de ver que uma dessas propostas foi extraviada, com receio de qualquer outro extravio que possa prejudicar a minha acção de comando, tenho a honra de remeter a V. Ex.^a, com este officio, a cópia de todas essas propostas, que já foram aprovadas, antes da minha partida, cuja satisfação julgo absolutamente indispensável e com a certeza da qual eu estou organizando e preparando a acção das tropas no sul de Angola.

Remeto também a V. Ex.^a, e ainda com o receio de qualquer extravio, a cópia do projecto de operações que apresentei ao antecessor de V. Ex.^a, e o officio em que me é comunicada a aprovação, cumprindo-me também comunicar a V. Ex.^a que o conhecimento e as informações que aqui tenho obtido não modificaram o juízo que fizera ao elaborar aquele projecto.

A ordem e a segurança estão dependentes das operações no sul da província, o indígena está hesitante, não se manifesta, e provavelmente só se manifestará depois do resultado das operações militares.

São estas as informações que tenho dos governadores do Congo, da Lunda e de Benguela.

No distrito do Quanza, ultimamente criado, deu-se um pequeno motim e o governador com uma pequena fôrça, mas sufficiente, está lá assegurando o restabelecimento da ordem.

Não julgo de importância o referido motim.

No sul de Angola continua o mesmo estado, sendo para ali que convergem todas as minhas atenções e estou certo de que, logo que comecem as operações, os que se insubordinaram submeter-se hão.

Ainda há pouco alguns carregadores de Loanda, que estiveram trabalhando ao serviço da coluna no distrito de Huila, diziam na sua maneira de falar pitoresca: «há mais soldados brancos do que fôlhas nas árvores».

Quanto aos alemães não há noticia alguma da sua presença na fronteira portuguesa; supponho mesmo que a situação dêles não é a mais favorável, porquanto fui informado de que os portos de Swakopmund e Luderitz estão occupados por navios ingleses, que já há tempo partiram do Cabo para Walfish-Bay 1:500 homens das tropas da U. S. A., que no Cabo se estavam preparando mais 4:500 homens para invadirem a Damaraland.

Como dei conhecimento a V. Ex.^a em telegrama de 23 do corrente, o cônsul inglês em Loanda mostrou-me,

confidencialmente, a cópia de um telegrama de Sir E. Grey, em que este achava conveniente um entendimento entre o Alto Comissário da U. S. A. e o govêrno desta província sôbre operações militares a executar, servindo o cônsul de intermediário, mas unicamente de intermediário, declinando o Govêrno Inglês qualquer responsabilidade sôbre a questão, que seria unicamente, como disse, entre o Alto Comissário da U. S. A. e o govêrno desta província.

É certo que o Alto Comissário, dada a organização política da U. S. A., tem attribuições que não pode ter o governador de Angola; no entanto, como disse a V. Ex.^a, dei ao cônsul as informações pedidas, cuja cópia vai junta a este officio.

A não interferência directa do Govêrno Inglês e a situação do cônsul como informador secreto, transmitindo-me verbalmente as informações, sem deixar qualquer vestígio escrito, é questão que certamente está ligada à questão diplomática, que eu não conheço, apesar de ter feito pedidos nesse sentido, antes de partir, mas o Govêrno da República deve bem conhecer a questão.

Como general comandante das tropas, julgo de vantagem ter as informações de que se trata, pois muito me podem auxiliar no desenvolvimento das operações.

Pôsto isto, vou expor a V. Ex.^a a situação militar no sul de Angola, que é a seguinte:

Um efectivo grande de tropas de todas as armas tendo de operar num vasto teatro de operações, com linhas de communicações extensíssimas e imperfeitas, dispondo apenas de 186 quilómetros de caminho de ferro, exigindo para a alimentação um consumo diário de 30 toneladas (víveres e forragens), tendo de afrontar um clima que não é bom, e sujeitas ainda às doenças que sempre se manifestam quando há grandes aglomerações de tropas que favorecem o desenvolvimento de epidemias, sem facilidade de acantonamentos e sem hospitais; algumas unidades, não tendo recebido ainda o material de guerra que lhes pertence.

Nestas circunstâncias torna-se necessário, para que as tropas tenham um valor militar, providenciar de modo a que se atenda a todas as necessidades que acima dei-xei mencionadas.

As unidades que foram mandadas para esta província depois do combate de Naulila vieram sem a preparação

prévia; não vieram acompanhadas de todo o seu material de guerra, não vieram com as reservas de fardamento, de subsistências, de forragens para solípedes; não se adquiriram os meios de transporte para os abastecimentos, resultou daqui verem-se obrigadas as autoridades a providenciar tumultuariamente, como não podia deixar de ser, para atender às necessidades das tropas.

Assim, o govêrno da província, governos de distritos, comandos das tropas, viram-se na necessidade de requisitar e adquirir donde fôsse mais rápido tudo quanto faltava, dando isso em resultado eu ainda não ter conseguido saber completamente o que se tem requisitado e o que há a pagar.

A despesa é enorme, e eu ainda não pude conseguir ver qual a despesa a fazer-se mensalmente.

Terminando, venho declarar a V. Ex.^a que é absolutamente indispensável:

- 1.º Que sejam satisfeitas todas as minhas requisições;
- 2.º Que seja enviado todo o material de guerra que ficou por embarcar;
- 3.º Que seja tudo remetido ao mesmo tempo, fretando-se navios para êsse fim.

A não se fazer o que acabo de dizer a V. Ex.^a, não hesito em afirmar que é em pura perda que se faz uma despesa enorme e que se consomem muitas vidas.

É esta a situação.

Loanda, 30 de Março de 1915. — Saúde e Fraternalidade. — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro das Colónias. — *Pereira de Eça*, general.

N.º 3

República Portuguesa. — Ministério das Colónias — Repartição do Gabinete. — N.º 6. — Confidencial. — Lisboa, 30 de Março de 1915. — Ex.^{mo} Sr. governador geral da província de Angola. — Em telegrama de 29 do corrente mês, com referência ao de 23 do mesmo mês que V. Ex.^a me dirigiu, disse: «Seu telegrama 23 Março — Queira V. Ex.^a até que receba instruções formais relativas propósitos Govêrno guardar suas relações políticas cónsul inglês amigáveis reservas respeito qualquer acção militar defesa nossos privativos interêsses. Próxima mala esclareço situação. Mando retirar imediatamente Mari-

nha Campos, a quem suspenderá vencimentos se partida não fôr efectuada 1.^a mala».

O superior critério de V. Ex.^a deduziu certamente das minhas palavras, referentes a um incidente restrito havido nas relações officiais de V. Ex.^a com o cônsul britânico, que mantida sempre a mais amistosa deferência com o representante consular da nação à qual nos ligam pactos internacionais que temos na mais elevada estima, é, contudo, nosso propósito manter a acção libérrima em tudo que, fora da explícita e definida efectivação de obrigações derivadas desses pactos, se contém dentro dos direitos soberanos, que são apanágio da nossa independência.

Porque assim seja, viu o Governo sem inquietação ou sensível desprazer, como consequência do relato de V. Ex.^a, que o cônsul britânico, dizado ser a via de comunicação entre o governo de Angola e o da União Sul-Africana, formulou perguntas quanto aos nossos efectivos militares na província e sua localização, bem como em referência aos nossos propósitos com respeito à prática de operações militares em quaisquer zonas.

Muito bem procedeu V. Ex.^a esquivando-se atenciosamente a responder quanto à extensão do emprêgo das forças militares e declarou dependente de resolução do Governo superior, do qual V. Ex.^a é delegado. O incidente ficou, portanto, bem encerrado. Dito isto, passo a outro assunto.

Sabe V. Ex.^a muito bem que variando as circunstâncias políticas e económicas em qualquer época, é de necessidade criar variantes dos anteriores planos, fazendo-as acordes com as novas situações que evolutiva ou bruscamente se apresentam.

Não pode, contudo, o Governo prefixar qual a attitude a assumir no futuro em presença de acontecimentos em África que forcem a alterar o plano preconcebido e correspondente a situações definidas ou a fundadas presunções.

No estado actual da colónia, afectada pela rebelião dos indígenas no sul como a leste da província, deve porém afirmar-se que o primeiro objectivo a realizar pela força militar que está à disposição de V. Ex.^a consiste em reprimir pela força das armas e com o máximo rigor a insurreição dos indígenas, alentada pelo nosso último insuccesso. Quanto ao modo de operar, é V. Ex.^a o chefe

superior que, com os elementos às suas ordens, traça a linha e o plano das operações militares.

Não careço de recomendar a V. Ex.^a a presteza na acção eliminadora das rebeldias, que a nação encara com vivíssima ansiedade, tantos e tam avultados são os prejuizos de vária ordem que a oprimem.

Referi-me, porém, a presunções fundadas que existem respeitando ao movimento de forças alemãs, batidas pelas forças militares da União Sul-Africana.

Duas hipóteses podem ser previstas, e a respeito delas vou indicar a V. Ex.^a quais são as resoluções do Governo, antepondo ao meu dizer, sobre essas hipóteses, a seguinte inequívoca declaração: Portugal não é neste momento beligerante, tendo por inimigo a Alemanha; mas se hostes armadas sob a bandeira desta nação vierem invadir qualquer parte do território português, ficam desde logo rôtas *in loco* todas as boas relações de vizinhança, e se não se renderem incondicionalmente os indivíduos que formam essas hostes, deverão ser rechagados para além da fronteira pelas nossas forças militares e tratados como inimigos sujeitos às leis de guerra.

Do teor desta declaração resulta que se a incursão no território português fôr realizada por forças organizadas, quer seja praticada essa invasão por deliberado propósito hostil, quer por efeito de derrota sofrida em embate com as forças británicas, a nossa acção militar deve desenvolver-se no sentido de immediata repressão do feito, nos termos indicados.

Mas se, sem prática de hostilidades, vierem a inter-nar-se no nosso território simples bandos ou indivíduos isolados, armados ou desarmados, serão todos aprisionados e conduzidos a um campo de concentração, sendo prèviamente desarmados.

Por último, direi a V. Ex.^a que não se afigura provável a entrada, sequer em bandos, de militares alemães nos territórios em que não temos occupação militar. Impossibilitados de obterem nessas regiões as subsistências necessárias, dispersariam em breve tempo e procurariam alcançar nos nossos postos a salvação da vida.

Mas admitida a eventual hipótese, proceder-se há internando-os no campo de concentração, e assim também se fará com respeito a boers associados às forças organizadas da Alemanha, ou aos bandos ou a indivíduos isolados que nos sejam adversos.

São estas as instruções que o Governo manda trans-

mitir a V. Ex.^a para que, melhor definida a situação, possa V. Ex.^a dar-lhes execução.

Saúde e Fraternidade.—*José Maria Teixeira Guimarães.*

N.º 4

Serviço de «étapes»

Relatório do director

Fôrças em operações em Angola. — Mossâmedes, 31 de Outubro de 1915. — Direcção de *Étapes*—Ao Sr. chefe do estado maior do Comando Superior. — Relatório. — Ex.^{mo} Sr.—Antes de entrar, pròpriamente, no relatório do serviço de que fui encarregado, relatório que peço a V. Ex.^a se digne apresentar a S. Ex.^a o general Pereira de Eça, seja-me permitido relembrar aqui as circunstâncias em que eu fui nomeado director do serviço de *étapes* das fôrças em operações em Angola.

Nos fins de Janeiro do corrente ano eu tinha sido nomeado comandante do corpo de policia de S. Tomé, em comissão ordinária de serviço no ultramar, e a respectiva requisição estava para ser enviada ao Ministério da Guerra; nesta ocasião tratava-se no Ministério das Colónias de organizar um destacamento mixto, destinado a operar na região de Cassinga, descendo até ao Cuangar, segundo creio, destacamento que deveria desembarcar no Lobito e que embarcou em Lisboa em 3 de Fevereiro, como V. Ex.^a sabe; ao escolher-se o comandante para esse destacamento, alguém, um amigo meu, decerto, lembrou o meu nome, com o fundamento de que, tendo eu sido governador de Benguela durante alguns anos, era natural que conhecesse o distrito e a região onde o destacamento deveria marchar, antes de se internar no distrito da Huila. Aprovou S. Ex.^a o Ministro das Colónias o alvitre e fui eu chamado ao Ministério, onde cheguei, precisamente, na véspera do embarque do destacamento em questão, e onde S. Ex.^a me perguntou se eu teria dúvida em aceitar «qualquer comando na expedição ao sul de Angola», ao que respondi, prontamente, que não, e que apenas lembrava que, não sendo as minhas relações pessoais com o Ex.^{mo} comandante Roçadas muito cordeais, não seria porventura muito conveniente para o

serviço que eu servisse directamente com S. Ex.^a; a isto respondeu o Sr. Ministro que não podia ainda dizer-me qual o comando que me seria destinado, porque ia ser nomeado um official general para comandar a expedição, superiormente, e que seria esse general quem distribuiria os comandos; retirei-me, assegurando ao Ministro que podia S. Ex.^a contar comigo, *incondicionalmente*, para qualquer serviço na expedição. Confesso que, ao falar assim, nem por um momento me lembrei de que esse serviço poderia vir a ser o de director de *étapes*, porque, se de tal me tivesse lembrado, tê-lo-ia excluído do meu oferecimento; no entanto a minha palavra estava dada e o compromisso tomado com S. Ex.^a e comigo mesmo. Foi por estas considerações, pela amizade pessoal que me liga a V. Ex.^a desde os bancos da escola, pelo respeito que tenho por S. Ex.^a o general, que aceitei o convite de S. Ex.^a, por V. Ex.^a transmitido, de vir para Angola como director de *étapes*.

Não foi nunca assunto da minha especialidade, nem mesmo da minha simpatia, por saber, pela observação directa, quanto elle é ingrato e espinhoso; no entanto aceitei, pelas razões expostas e ainda porque, tendo eu vindo a Angola em comissões consideradas boas — governos de distrito — mal me parecia e aos outros que eu me recusasse a desempenhar um lugar que, de antemão, eu considerava, sem favor, mau. Mau, pela falta de experiência de serviços desta natureza, mau ainda pelas circunstâncias especiais em que teria de trabalhar, numa extensíssima linha de communicações, numa região falta de todos os recursos e com effectivos nunca até então conhecidos, nem por aproximação, nas nossas campanhas colonias.

Parecerá que eu estou, de antemão, a querer desculpar as deficiências do serviço de *étapes*, attribuindo essas faltas a factores alheios à minha vontade; não é assim; eu sei bem que, embora eu dispusesse de todas as qualidades naturais que se exigem para bem desempenhar o lugar de director de *étapes*, o lugar resultaria sempre apagado, pois é, infelizmente, essa a sua característica: quando o serviço corre bem, mal se dá por isso; a menor falta, a menor irregularidade — difficil, senão impossivelmente evitável — nunca são esquecidas, dado, principalmente, o espirito de critica acerba, tam genuinamente portuguez e que mais se agrava aqui, nas colónias.

Expostas assim as circunstâncias em que eu, tam involuntariamente, fui director de *étapes*, vou entrar no relato sumário do serviço que desempenhei. Dividirei essa exposição em duas partes: na primeira occupar-me hei do que se passou desde o meu desembarque em Mossâmedes, em 23 de Março, até o momento em que o chefe do estado maior de *étapes* foi, por minha ordem, ao planalto, onde depois ficou, por ordem de S. Ex.^a o general, em 15 de Junho; na segunda parte tratarei do serviço que desempenhei em Mossâmedes, desde aquela data até 31 de Outubro, em que foi extinta a Direcção de *Étapes*, pelas instruções para a organização e funcionamento dos serviços da retaguarda, de 24 do mesmo mês (documento n.º 1).

Ao desembarcar em Mossâmedes, em 23 de Março, o serviço de *étapes* achava-se já estabelecido, pela ordem de serviço n.º 40, de 10 do mesmo mês, do quartel general do Ex.^{mo} comandante Roçadas, e era director do mesmo serviço o capitão de infantaria, hoje major, Domingos Patacho; a maior parte do pessoal, embora nomeado para os diferentes serviços de *étapes*, ainda não tinha tido tempo de se apresentar, especialmente em Mossâmedes, onde o capitão Patacho, official inteligente, trabalhador e conhecedor do sul de Angola, tratava de transformar os serviços da extinta zona do interior nos de *étapes*.

O que vi, o que fiz e o que entendia nessa ocasião que se deveria fazer, detalhadamente o expus a V. Ex.^a no meu relatório de 5 de Abril, pelo que me dispenso de neste lugar o repetir.

Desembarcado em Mossâmedes S. Ex.^a o general comandante superior e o seu quartel general, começou, desde logo, o trabalho de preparação das operações. Foi este o período mais intenso de trabalho na Direcção de *Étapes*. Para isso muito contribuía a sobreposição, em Mossâmedes, do quartel general, da Direcção de *Étapes* e das unidades; estas principalmente, em número de catorze, pesavam muito sobre o serviço de *étapes*, pelas repetidas requisições que apresentavam, muitas delas sem grande razão, seja dito de passagem, revelando algumas dessas unidades, por vezes, um desconhecimento do funcionamento do serviço de *étapes* e das suas attribuições, que muito aumentava o expediente, sem maior vantagem para ninguém.

Ao mesmo tempo, pela dissolução provisória dalgumas

unidades, afluíu ao depósito de material de guerra grande quantidade e variedade de material que essas unidades entregavam e que, por seu turno, o comando de artilharia de *étapes* tinha de distribuir a outras unidades que dêle careciam; procedia-se, apressadamente, ao fabrico de lanças, de balancis, de hastes para o transporte de munições a dorso de muar, que afinal nem chegaram a prestar serviço; o serviço de saúde e o veterinário recebiam e conferiam os medicamentos e outro material sanitário chegado da Europa, ao mesmo tempo que tinham de expedir para a frente o que era destinado ao serviço na linha de *étapes* e que tinham de acudir às inúmeras requisições das unidades estacionadas em Mossâmedes. Trabalhava-se, emfim. Mas o que mais preocupava a Direcção de *Étapes* não era o trabalho, visto que era essa a sua missão; a minha preocupação constante, creio bem que a de todos nós, era o diminuto rendimento do caminho de ferro de Mossâmedes, pèssimamente servido por quatro velhíssimas e maltratadas locomotivas, constantemente a avariarem-se e que comprometiam, quasi todos os dias, a remessa dos abastecimentos a enviar para a frente; em minha nota n.º 101, de 14 de Abril, expus a V. Ex.ª este melindroso assunto, terminando por apresentar alguns alvitres, dos quais o mais eficaz, segundo o meu modo de ver, era o aproveitamento da linha férrea de Benguela e pôrto do Lobito para o abastecimento dos postos de *étapes* do planalto; ao mesmo tempo o capitão de infantaria, hoje major, José Mendes dos Reis, director do serviço de transportes, apresentava também os seus alvitres, datados de 9 de Abril, tendentes a melhorar o serviço de que estava encarregado; que as suas considerações eram um pouco optimistas provou-se bem com os factos subseqüentes, pois apesar do referido official dizer: «estão, porém, muitíssimo adiantados os trabalhos de construção, e tenho as maiores esperanças de que no fim dêste mês (Abril), o combóio siga até o quilómometro 184, onde se estão preparando os respectivos barracões», o certo é que a construção da linha férrea só em fins de Maio é que chegou, não ao quilómetro 184, mas ao 182.

Um dos alvitres apresentados pelo capitão Reis era o aproveitamento da linha secundaria Munhinho-Chibia, pelo Chacuto; eu confesso que nunca comprehendí muito bem como é que esta linha secundaria aumentava o rendimento do caminho de ferro, e, depois de ter lido os alvitres em questão, procurei o capitão Reis e pedi-lhe

para êle, de viva voz, me explicar o que por escrito não conseguira perceber, mas, nem assim fui mais feliz; eu reconheceria vantagem no aproveitamento da linha Munhinho-Chibia, se fôsse possível organizar combóios no caminho de ferro, especiais para essa linha, paralelamente aos combóios ordinários que diáriamente seguiam para Vila Arriaga; mas não era isso que se dava; os combóios partiam de Mossâmedes com a mesma composição e tonelagem anterior, nem a podiam aumentar pela pouca fôrça das locomotivas e seu diminuto número, deixavam na estação do Munhinho uma parte da carga e continuavam depois a sua viagem para Vila Arriaga, mais leves, é certo, mas nem por êsse facto gastavam menos tempo no percurso. Onde, portanto, o aumento de rendimento no caminho de ferro?

Não foi aprovado por S. Ex.^a o general o meu alvitre de se aproveitar o caminho de ferro de Benguela e as boas estradas do distrito do mesmo nome para o abastecimento das tropas em operações; permita V. Ex.^a que eu, respeitosamente, mas com todo o desassombro, ainda hoje sustente essa minha opinião. O pôrto do Lobito tem um cais acostável, onde circulam os vagões do caminho de ferro, cada um dêstes vagões transporta 20 toneladas ao passo que os do caminho de ferro de Mossâmedes transportam 4, havendo apenas quatro ou cinco plataformas que transportam 10 toneladas; os combóios do Lobito são de 200 toneladas, ao passo que os de Mossâmedes, hoje mesmo com as novas locomotivas, apenas dão, no máximo, 80 toneladas, pêso bruto; além disso no distrito de Benguela há boas estradas, partindo de algumas das estações da Ganda, Huambo, Caconda, etc., que fâcilmente se aproveitariam para o sul. A minha ideia, caso ela tivesse merecido a aprovação superior, era aproveitar a linha de Mossâmedes para a remessa dos abastecimentos diários das fôrças que então estavam no planalto, para o transporte das fôrças que ainda se encontravam em Mossâmedes e para a evacuação de pessoal e material, reservando a linha de Benguela exclusivamente para o abastecimento dos postos de *étapes*, constituindo assim, nos mesmos postos, as dotações precisas para o período das operações activas. Como êsses abastecimentos não eram para consumo immediato e nós estávamos então em Abril, eu aproveitaria no transporte dos gêneros, desde a linha férrea de Benguela para o planalto, todos os carros boers de que pudesse lançar



mão, ficando-me disponíveis os camiões e os carros alentejanos para o abastecimento diário das tropas, desde a Quilemba até o Fôrno da Cal. Creio que vai ser agora adoptada esta medida, para que já foram para o Lobito cincoenta mil rações normais; duvido, porém, que seja a tempo de evitar enormes dificuldades no abastecimento dos postos do Baixo Cunene.

Emfim, com a vinda de três locomotivas (duas de 80 toneladas e uma de 120) em Junho, o serviço de caminho de ferro normalizou-se e as minhas preocupações cessaram por este lado, passando então a tê-las com o serviço de transportes no planalto, visto que ainda não tinham chegado os oitenta camiões *Fiat*; os carros alentejanos, na sua maioria, estavam em consêrto em Mossamedes (devido a serem de péssima qualidade e terem chegado quebrados) e os carros boers, pela falta de capim para o gado, pela maneira como tinham sido redigidos os contratos, pela falta de patriotismo e criminosa má vontade dos carreiros e donos de carros, não prestavam o serviço que era lícito esperar dêles. Este assunto em breve, porém, passou a ser tratado pelo chefe do estado maior de *étapes*, que no seu relatório (documento n.º 2) se lhe refere largamente.

O serviço dos abastecimentos para os depósitos do planalto corria mal; havia erros do passado, acumulados com os da ocasião; tive uma verdadeira luta para conseguir que as existências dos géneros nos depósitos fossem expressas em rações e não quilogramas, como era costume constante, indicação esta que nada diz ao espírito de quem quere, num dado momento, saber o que há e o que falta; nas remessas dos abastecimentos não se obedecia ao elemental princípio de se enviarem dias de víveres completos, resultandô, por exemplo, acumularem-se nos Gambos 1:500 garrafas de conhaque, 7 toneladas de marmelada e de geleia, 16 toneladas de sabão, não havendo, em compensação, em dado momento, mais do que um dia de forragens para os solípedes ali existentes; havia café onde não havia açúcar e onde existia açúcar não havia café; não havia a menor proporção entre os componentes da ração normal, faltando uns géneros por completo, e havendo de outros em enormes quantidades. Tentei pôr cõbro a este estado de cousas, dando ordens terminantes, elaborando, eu próprio, umas tabelas para o carregamento de viaturas (camiões, carros alentejanos, carros boers) por número de

rações normais de reserva, para indígena, de forragens, de modo que, por este processo, qualquer simples soldado, sabendo ler, procedia ao carregamento das viaturas. Que todos os meus esforços resultaram inúteis, ou quasi, di-lo o chefe do estado maior de *étapes* no seu relatório. ¿Por falta de vontade e dedicação dos officiaes a quem estes serviços estavam incumbidos? Não, façolhes essa justiça. Apenas pela rotina, pela falta de experiência de serviços desta natureza. Eu permito-me pensar que é talvez chegado o momento de reorganizar, por completo, o serviço da nossa administração militar, criando, talvez, dois quadros, um destinado a fornecer óptimos tesoureiros secretários dos conselhos administrativos das unidades, sabendo muito bem manejar o registo geral de fundos e tendo a seu cargo o cofre das três chaves, outro quadro destinado a fornecer officiaes capazes de bem desempenharem as funções de provisores das unidades, em campanha, e de dirigirem, com competência, um depósito de um posto principal de *étapes* ou os serviços administrativos de uma coluna. Não é, a meu ver, immobilizados durante anos consecutivos naquele lugar de tesoureiro dos corpos, praticando, apenas, uma vez por ano, nas escolas de repetição, de programa fixo, que se formam officiaes capazes de bem se desempenharem do verdadeiro serviço, que é a razão de ser da administração militar. Não quero com isto cometer a grave injustiça de dizer que não tivesse encontrado alguns officiaes da administração militar competentíssimos no desempenho dos seus deveres, mas estes encontrei-os, principalmente, entre aqueles que, do antecedente, já estavam habituados ao serviço de campanha neste mesmo sul de Angola.

Em fins de Abril visitei, rapidamente, a linha de *étapes* até os Gambos e, confesso, a impressão que de lá trouxe não foi das mais agradáveis, mercê dos factos a que acima me refiro; lutava-se, porém, e sempre se lutou, com a falta de pessoal para o serviço de *étapes*, de modo que impossível era escolher, tendo de me contentar com o que havia, quer no que respeita a officiaes, quer no que diz respeito a sargentos (em exíguo número) e a outras praças; é certo que, pela dissolução do batalhão de infantaria n.º 14, V. Ex.^a me mandou dar bastantes praças; estavam, porém, bastante deprimidas, quer física, quer moralmente falando, e o seu serviço foi sempre muito diminuto.

No mês de Abril pedi a V. Ex.^a autorização para reunir os chefes dos diferentes serviços, a fim de se acordar na maneira de organizar, definitivamente, o serviço de *étapes*; aprovou V. Ex.^a a minha proposta, e dessa reunião, da minha visita à linha de *étapes*, de alguma coisa que li em relatórios de campanhas anteriores (o que, até certo ponto poderia suprimir a minha falta de experiência e de competência em assuntos desta natureza) resultou o projecto de organização que entreguei a V. Ex.^a, datado de 31 de Maio; é claro que não tinha eu a pretensão de apresentar um trabalho bom, nem mesmo mediocre; a minha intenção era, apenas, expor, nas suas linhas gerais, o que eu entendia que deveria ser o serviço de *étapes*; o comando superior, depois de apreciar essas bases, introduziria no projecto as modificações aconselhadas pelas circunstâncias, e, mais ainda, pela competência de quem apreciasse o meu singelo trabalho; as *directivas* de Junho, assinadas por S. Ex.^a o general, mostraram-me, com certa satisfação, devo dizê-lo, que, nas suas linhas gerais, concordavam com aquele projecto.

A 18 de Junho marchava para o planalto o chefe de estado maior de *étapes* com as seguintes instruções, minhas:

a) Harmonizar as dotações dos depósitos de géneros, ordenando a transferência, duns para outros depósitos, dos géneros precisos para que ficassem, quanto possível, completas as rações normais, de reserva, etc.;

b) Dar ao Lubango a acção reguladora dos abastecimentos das duas linhas (Gambos e Cassinga) em face dos effectivos então existentes;

c) Tratar do abastecimento de água na linha principal de *étapes*;

d) Regularizar o serviço de transportes segundo as bases pelo chefe de estado maior de *étapes* apresentadas.

Por incidente direi aqui que, causando-me bastantes apreensões o abastecimento de água, propusera, e fôra aprovado, a aquisição, em Benguela, de cento e cinquenta tambores de ferro, destinados a depósitos fixos e móveis (em camiões).

Pouco depois a linha secundária de *étapes* (Lubango-Cassinga-Cuangar) emancipava-se da tutela da direcção de *étapes*, por assim dizer, e, com as instruções de S. Ex.^a o general, de 16 de Julho, os serviços de *étapes* na linha principal (Lubango-Gambos-Humbe) passavam a ser di-

rigidos pelo chefe do estado maior de *étapes*; os serviços de *étapes* dividiam-se, ficando em Mossâmedes a direcção, o serviço de saúde, o veterinário e parte do de artilharia, fixando-se no Lubango a Repartição dos Serviços Administrativos (em breve subdividida em dois serviços distintos: fiscalização e contabilidade, subsistências e fardamento), o serviço de transportes e o comandante de artilharia de *étapes*. A subdivisão dos serviços administrativos impunha-se desde o princípio; o serviço de fiscalização e contabilidade absorvia, por completo, a atenção do chefe dos serviços e pouco era o pessoal da Repartição para o processo das contas das unidades; assim o chefe dos serviços administrativos de *étapes* nunca teve ocasião de visitar a linha de *étapes*, onde a sua presença era tam necessária, pelos motivos que atrás expus, e a remessa dos abastecimentos para a frente obedecia, apenas, ao tardio e nem sempre certo conhecimento das existências nos postos de *étapes*, e, pior ainda, às requisições telegráficas dos postos, alguns dèles além Lubango (que era considerado o pôsto regulador) e até sem conhecimento dêsse pôsto.

Todavia, se a mudança dos serviços administrativos para o Lubango e a sua subsequente divisão deram os melhores resultados, outro tanto não posso dizer da permanência da Repartição de Fiscalização e processo no planalto: não pequenas perturbações ao serviço causou essa permanência e ainda hoje a está causando. A maioria dos fornecedores, quer das unidades (durante o tempo que permaneceram em Mossâmedes) quer do serviço de *étapes*, proprietários de prédios ocupados pelas fôrças em operações, hoteleiros, etc., reside em Mossâmedes e nem todos têm representantes ou procuradores no planalto; é certo que existia em Mossâmedes o Conselho Administrativo de *Étapes*, mas as suas funções em breve passaram a ser muito excedidas, para obviar aos inconvenientes que resultaram de não haver em Mossâmedes, pelo menos, um delegado da Repartição da Fiscalização e Contabilidade. Êste inconveniente fazia-se sentir, e não pouco, quando se tratava da evacuação de unidades, officiais, praças e operários civis para a Europa; é certo que a Repartição dos Serviços Administrativos tinha dito à Direcção de *Étapes* que as unidades e os individuos vinham para Mossâmedes com os seus vencimentos liquidados até a data do embarque; succedeu, porém, algumas vezes, que, certamente por lapso, deixou de se proceder

assim; por outro lado não poucas vezes se deu o caso de indivíduos, principalmente *chauffeurs* e operários, apresentarem reclamações, já na véspera da partida do vapor, acêrca dos seus vencimentos e gratificações que, por qualquer circunstância, tinham deixado de receber no Lubango; as próprias unidades, que traziam as suas contas encerradas desde o Lubango, por vezes se viram em dificuldades para ocorrerem a despesas em Mossâmedes. Todos estes inconvenientes traziam aumento de serviço para o pessoal existente em Mossâmedes, o qual nem por isso era muito numeroso, e obrigavam, como acima disse, o Conselho Administrativo de *Étapes* a sair muito da esfera das suas atribuições legais.

Acêrca da maneira como correram os serviços de *étapes* e de transportes no planalto durante o período em que êsses serviços foram dirigidos pelo chefe do estado maior de *étapes*, S. Ex.^a o General e V. Ex.^a, que tam de perto acompanharam êsses serviços, já estão habilitados a formar o seu juízo; eu tomei conhecimento dêsse assunto pelo relatório junto, do chefe do estado maior de *étapes*.

No desempenho da missão de confiança de que S. Ex.^a o general me encarregou, pelas suas instruções autógrafas de 16 de Julho e telegramas de V. Ex.^a, de 8 a 9 de Agosto, não foi o trabalho que me fatigou, mas muitas as contrariedades que por vezes me cansaram o espirito, quasi todas elas motivadas pelas requisições relativas a camiões. Eu sabia bem quanto o êxito das operações dependia dos transportes e igualmente sabia que os camiões representavam o melhor e o mais rápido dêsses transportes, desde que pudessem funcionar regularmente.

Ora era esta, precisamente, a dificuldade. Por um lado, as requisições de ferramentas, matéria prima, sobressalentes, etc., de urgente necessidade, enviadas ao Ministério das Colónias em 10 de Abril, eram satisfeitas com uma morosidade tal, de que dá idea clara o facto de que só em fins de Outubro chegaram a Mossâmedes alguns dêsses artigos; por outro lado, os setenta camiões *Fiat* chegados a Mossâmedes em Junho não eram acompanhados de uma única câmara de ar ou pneumático de reserva, quando é certo que nenhum carro, em Lisboa, vai dar a volta da Avenida sem levar o competente *pneu* e câmara; finalmente, o mercado de Mossâmedes é

tudo quanto há de mais mesquinho no que se refere a artigos com aplicação a automóveis, e só nas oficinas dos caminhos de ferro encontrei, por vezes, não muitas, alguns dos numerosíssimos e variadíssimos artigos que, diariamente, me eram requisitados, com urgência, das oficinas do Lubango. Havia, é certo, o recurso de Loanda e de Cape Town, e, quasi sempre, a êsses mercados tive de recorrer; mas que demora na satisfação das requisições, sempre na dependência dos vapores!

Depois, não bastava que os vapores chegassem a Mossamedes: ora preciso tirar de bordo os artigos pedidos e esta era a parte mais trabalhosa e que mais contrariedades me trazia. Para dar uma idea dêsse trabalho, e, principalmente, dos dissabores que com êle tive, não me furto a descrever o que se passou com a descarga do vapor *Peninsular*.

Por telegrama de S. Ex.^a o general, eu sabia que o vapor *Peninsular* devia chegar a Mossamedes em 21 de Agosto, trazendo, entre outra carga diversa, trezentos e quarenta e quatro pneumáticos completos, que era urgente desembarcar e fazer seguir para a frente, onde a sua falta estava a ponto de comprometer gravemente o andamento das operações; parte do dia 21 e o dia 22 passei-os na ponte-cais, debalde esperando o vapor, que, pela má qualidade do carvão, segundo me informou o comandante, só pôde entrar a 23, de manhã; immediatamente me instalei a bordo, dando pressa ás operações da descarga, as quais, é de justiça dizê-lo, corriam sem motivo para reparo. Depois de o comandante ter interrogado vários empregados de bordo, chegou-se á conclusão que os pneumáticos deviam estar no porão de ré; notei logo, com desgosto, que era precisamente sobre a escotilha dêsse porão que vinham vinte mil garrafas de água da Curia, as quais levaram, naturalmente, algum tempo a descarregar; emfim, aberto o porão, eu queria ver, logo ali, os desejados *pneus*. Puro engano: foi preciso descarregar toda a carga de legumes correspondente ao espaço ocupado pela escotilha, abrir o porão inferior, para, finalmente, apparecerem os rôlos de pneumáticos.

Eram quinze horas, e immediatamente vim para terra telegrafar ao chefe do estado maior de *étapes*, dizendo terem apparecido os *pneus* e as câmaras, que eu julgava, muito naturalmente, estivessem juntos dos *pneus*; em pouco tempo tive a desilusão, pois indo novamente a

bordo, soube que naquele porão só vinham os *pneus*, ninguém a bordo se lembrando onde teriam sido carregados os caixotes com as câmaras, o que não deve, de resto, causar estranheza; caixotes havia muitos a bordo, e rolos só tinham sido embarcados os dos pneumáticos.

Emquanto eu, aborrecido já com toda esta demora, debalde apressava a descarga, até aparecerem as câmaras de ar, choviam sôbre a minha secretária os telegramas da Chimbua (chefe do estado maior de *étapes*), e do Lubango (officinas de camiões e director dos transportes), dando pressa à remessa dos *pneus* e câmaras; creio que foi nessa ocasião que, já irritado, respondi ao chefe do estado maior de *étapes* que não era com tantos telegramas que as câmaras haviam de aparecer, e que eu bem sabia o que estava a fazer em Mossâmedes.

Para não fatigar mais o espírito de V. Ex.^a com detalhes desta verdadeira campanha das câmaras de ar, direi apenas que estas só ao cabo de oito dias, depois de terem sido descarregados trinta e seis mil volumes, é que apareceram no fundo de um porão, à proa do *Peninsular*.

Parece que estava ganha a batalha, mas não; as câmaras vinham em enormes caixotes, pezadíssimos, contendo, se não estou em êrro, cem câmaras cada um; foi preciso ainda, a toda a pressa, arranjar caixotes pequenos, onde só coubessem cinco ou seis câmaras, pois só assim se conseguiam volumes de trinta e cinco quilogramas, únicos transportáveis pelos carregadores, entre o quilómetro 183 e a Quilemba.

Estas contrariedades repetiram-se com todos os vapores que trouxeram câmaras de ar e pneumáticos; apenas uma vez a operação correu com mais rapidez: foi quando o vapor *Insulano*, que tinha ido a Cape Town buscar cavalos para levar para Lisboa, veio a Mossâmedes, por pedido meu ao Ministério das Colónias, a fim de deixar aqui uma remessa de câmaras e pneumáticos adquiridos no Cabo; dessa vez, o vapor apenas se demorou uma tarde no pôrto, e a descarga fez-se rapidamente.

Depois do assunto camiões, o serviço mais importante a meu cargo foi o da evacuação do material de guerra e o da repatriação do pessoal; um e outro têm corrido com a regularidade compatível com a disponibilidade de vapores da Empresa Nacional de Navegação.

Parece-me, porém, que mais conviria aos interesses

da Fazenda Pública e ao bom andamento d'êste serviço, que os vapores fôsem fretados pelo Govêrno e não pagos os fretes e as passagens pela tarifa, embora com desconto; a este respeito enviei ao quartel general do comando superior, no Lubango, em 16 de Outubro, a nota n.º 861, em que largamente tratava d'êste importante assunto.

Pelo sistema seguido até agora, os vapores levam os passageiros e carga do Govêrno, e levam ainda carga do comércio, em geral açúcar do norte da provincia ou cacau de S. Tomé; a Empresa ganha assim, por duas maneiras, mas o Govêrno é prejudicado não só pela demora na evacuação, pois a Empresa não cede todo o espaço, ou praça, de cada vapor, mas ainda porque paga por volume de carga e por passagem, embora, como já disse, com desconto. No entanto, com desconto e tudo, a despesa com o vapor *Zaire*, em Setembro, foi de 56.000\$, e com o *Portugal* mais de 60.000\$.

Estes foram os assuntos mais importantes de que tratei como comandante militar de Mossâmedes; outros pequenos detalhes, próprios do comando militar, etc., não merece a pena relatá-los, pela sua pouca importância para a história da Direcção de *Étapes*.

Não entrarei em largas considerações sobre o modo como foram desempenhados os diferentes serviços, quer os próprios da Direcção de *Étapes*, quer os que lhe estavam adstritos. Prefiro juntar a êste relatório os dos chefes d'esses serviços, caso receba todos êles a tempo de o fazer.

O serviço de transportes já se encontra largamente explanado—e bem—no relatório do chefe do estado maior de *étapes*; os serviços marítimos e do caminho de ferro já S. Ex.^a o general apreciou devidamente.

De resto, eu querendo referir-me a êsses serviços, pouco mais poderia fazer do que copiar os relatórios dos seus chefes.

Para terminar o meu relatório, vou referir-me ainda a alguns factos de certa importância, que mais ou menos se prendem com o serviço de *étapes*.

Arrendamentos de prédios em Mossâmedes, requisições militares.—À minha chegada a esta cidade encontrei êste importante assunto um pouco confuso; não se sabia ao certo quais os prédios occupados pelas forças em operações, nem quais os que eram alugados por acôrdo com

os proprietários, nem os que tinham sido requisitados militarmente.

Em notas n.º 127, de 21 de Abril, e n.º 328, de 4 de Junho, expus a V. Ex.^a o que a este respeito então soube.

Houve necessidade de nomear uma comissão para apurar quais eram os prédios ocupados, fazer arrendamentos, relacionar os que tinham sido requisitados militarmente, etc.

Mais tarde foi nomeada a comissão distrital, que teve de ser pouco depois reconstituída, pela ausência de Mossamedes dalguns dos seus membros, e só ultimamente, tendo sido nomeado o delegado de S. Ex.^a o general, é que este assunto começou a ser, finalmente, regularizado.

O mesmo com respeito a transportes marítimos, que tiveram de ser sujeitos ao regime das requisições militares, pois, como tive ocasião de dizer a V. Ex.^a em meu relatório de 5 de Abril, houve proprietários de embarcações que de tal forma elevaram os preços dos fretes (descarga dos vapores), que se fica com a clara impressão que venderam os seus barcos ao Estado, ou pretenderam vendê-los, como se fôsem novos . . . ficando em seu poder.

Vendas de taras.—A circular da 2.^a Repartição do Quartel General do Comando Superior, n.º 86, de 26 de Julho, transcreve o officio n.º 432, de 19 de Junho, da 6.^a Secção da 9.^a Repartição da Direcção Geral das Colónias, ordenando o maior cuidado na conservação das taras dos géneros vindos da metrópole, a venda das que pudessem ser dispensadas e a reexpedição para Lisboa dos sacos vazios, a fim de serem novamente aproveitados.

Não pude dar integral cumprimento a esta ordem: pretendi fazer venda de inúmeros barris vazios servidos a vinho e vinagre, existentes em Mossamedes, e neste sentido dei instruções ao conselho administrativo de *étapes*, que anunciou a venda para determinado dia; ainda appareceu um patriota comerciante que ofereceu \$03(5) por cada barril. Não quis vender. Se procedi mal, seja-me relevada a falta pela intenção que a ditou: recusar-me a deixar que o Estado fôsse explorado. Em Mossamedes o comércio vende os barris vazios por um preço que varia entre \$80 e 1\$50, conforme a capacidade.

Quanto aos sacos, apesar de terem vindo para Mossamedes muitos dos que são remetidos para a frente, principalmente com forragens, já por mais de uma vez tem sido necessário comprar sacos em Mossamedes. A explicação é esta: a maior parte dos géneros vem de Lisboa em sacos de 100 e 150 quilogramas, pelo que não podem circular na Serra da Chela, sendo indispensável subdividir esses volumes em outros cujo peso não exceda 35 quilogramas; a não se fazer assim, o transporte das cargas pela Serra fica sujeita a grandes demoras e irregularidades, visto que se torna excessivamente violento e quasi inexequível o transporte de volumes pesados, embora por dois carregadores. Apesar de todos os meios de transporte, mais ou menos aperfeiçoados, desde o camelo até o camião-automóvel, é convicção minha que só muito tarde poderão ser dispensados os carregadores nas campanhas coloniais e elles lá estão, neste momento, no sul, a concorrerem com esses meios de transporte e, às vezes, com vantagem. Julgo portanto que, sempre que se adquiram géneros, ou quaisquer outros artigos, se deve estabelecer que os vendedores os apresentem acondicionados, quanto possível, em volumes transportáveis por carregadores, 35 quilogramas, peso bruto.

Existência de géneros em Mossamedes.— Eis outro assunto de grande importância, pelo que representa para os interesses do Estado. A elle me referi, largamente, em nota n.º 883, de 10 de Outubro, dirigida ao chefe dos serviços administrativos do comando superior. Pelo artigo 3.º das instruções de S. Ex.^a o general, de 16 de Julho, as atribuições de requisitar géneros passaram dos serviços administrativos do comando superior para a Direcção de *Étapes*; para poder bem desempenhar-me desta parte da minha missão, comecei, muito naturalmente, por querer saber o que existia, o que tinha sido requisitado e para que tempo e para que efectivos devia contar, como base para os meus cálculos; depois da troca de vários telegramas com o chefe dos serviços administrativos do comando superior e com o chefe do estado maior de *étapes*, apurei o seguinte: géneros da Europa não seria preciso requisitar, pois havia, ou estavam em caminho de Mossamedes, os indispensáveis para o consumo até 31 de Março de 1916, para os seguintes efectivos: 6:000 europeus, 1:200 indígenas, 2:000 solípedes até 31 de Dezembro de 1915; 2:000 homens de ocupação até 31 de Março de 1916.

Apurada a existência em Mossâmedes, desde logo me convenci de que nada seria preciso requisitar para Lisboa e assim fiz, pedindo, pelo contrário, para o Ministério das Colónias, que não fôsse ultimada uma remessa de chouriço, cuja aquisição se tornava em Portugal mui difficil, segundo informação da comissão de subsistências do Ministério das Colónias.

Apesar disto, as existências de géneros em Mossâmedes são enormes, delas dá uma pálida idea a seguinte nota dalguns géneros, abatidos já os que hão-de ser consumidos até 31 de Março de 1916:

| | Sobras |
|---|----------------|
| Bolacha e farinha (em globo). | 658 toneladas |
| Legumes secos. | 792 » |
| Massa e arroz (em globo) | 522 » |
| Toucinho e banha (em globo). | 309 » |
| Azeite | 47 » |
| Vinagre. | 47 » |
| Vinho. | 725:000 litros |
| Pimentão | 1 tonelada |
| Chouriço | 80 » |
| Ração para solípedes, mistura | 303 » |
| Bôlo alimentar | 148 » |
| Milho (já depois veio mais). | 615 » |
| Fava | 1:491 » |
| Aveia. | 1:898 » |
| etc., etc., etc. | |

Note V. Ex.^a que êste cálculo está feito grosso modo, pois, evidentemente, o efectivo de 6:000 europeus não se mantém até 31 de Dezembro, visto que muitas unidades já têm sido repatriadas e o número de solípedes está bem longe de atingir 2:000.

Quanto ao milho já se providenciou, mandando para o planalto muito para debelar a verdadeira fome que por lá dizima o gentio; mas, quanto aos restantes géneros, êles não são de consumo fácil, ou antes rápido, por todas as unidades da provincia; em Mossâmedes não há, como V. Ex.^a não ignora, armazéns capazes de receber tais quantidades de géneros, donde a sua ruína; quanto ao vinho, ordenei a sua remessa para os armazéns de Vila Arriaga, onde, pelo menos, está ao abrigo do sol; mas esta medida, claro está, é de efeito temporário e, em pouco tempo, o vinho estará incapaz para o con-

sumo, o que representa, só por si, um prejuízo de 62.250\$.

Resta, talvez, vender ao comércio da provincia êste enorme *superavit* de géneros e de forragens. ¿Pagá-los há o comércio sem prejuízo para o Estado? ¿Merecerá, ainda assim, a pena vender para poupar um maior prejuízo?

Tratando de géneros, vem a propósito falar nos constantes roubos de que elles têm sido alvo; infelizmente, vergonha é dizê-lo, os autores dêsses roubos têm de se ir procurar entre as praças, e, maior vergonha ainda, principalmente entre as próprias encarregadas da sua guarda.

A maior parte dos castigos disciplinares que tive de aplicar tiveram por fundamento o roubo de géneros: roubos em Mossâmedes, roubos nos combóios pelas escoltas, cujas praças chegaram a abrir barris de vinho com a ponta do sabre-baioneta, roubos no Lubango onde, só de uma vez, foram envolvidos mais de 50 soldados do 14. Mas nem os castigos rigorosos conseguiram evitar êste verdadeiro crime contra os interêsses da Pátria.

Uma noite uma sentinela, em Mossâmedes, matou a tiro um pobre preto, que depois se reconheceu estar inocente, com o pretexto de que estava roubando; por isso respondeu o soldado, ficando eu com a convicção de que, perante um exemplo tam frisante, que custou a vida a um homem, os roubos cessassem, ao menos por algum tempo. Quanto me enganêi! Logo na noite seguinte se deram novos roubos. É claro que não são só os soldados a roubarem; pretos e até brancos roubam. Hoje ocorre-me que talvez se tivesse evitado, até certo ponto, êste flagelo, requisitando de Lisboa alguns policas civicos para guarda dos armazéns; elles decerto aceitariam de bom grado a comissão, tanto mais que a disciplina da «rua» em Lisboa não torna muito apeteçível o lugar, e estou certo de que fariam muito melhor o serviço do que as sentinelas do 20, algumas das quais têm sido punidas por se reconhecer serem autoras ou encobridoras de roubos.

A maneira eficaz de evitar estes factos seria guardar os géneros em armazéns fechados; julgo êsse processo quási impossível pela falta de materiais, grande área a fechar, falta de pessoal operário, etc.

Ainda há pouco, como V. Ex.^a sabe, se construiu um *hangar* relativamente grande; de pouco serve, pois não

abriga, com certeza, a centésima parte dos géneros existentes na praia; ainda assim, vale-nos não haver em Mossâmedes nem chuvas, nem a formiga *salalé*; estes dois agentes, a existirem, teriam já, juntamente com os ladrões, resolvido, infelizmente para os interesses do Estado, o problema das enormes sobras de géneros.

É certo que ainda ficam o sol e o cacimbo; graças aos encerados por V. Ex.^a requisitados de Cape Town e algumas folhas de zinco canelado, não se têm ressentido muito, até agora, ao que parece, os géneros, que constituem, na praia de Mossâmedes, uma verdadeira cidade de caixotes, sacaria e barris.

Para finalizar o capítulo sobre géneros resta-me dizer, por incidente, que algumas vezes se notou ser de péssima qualidade parte da sacaria vinda da Europa com os géneros, especialmente forragens, o que comuniquei, em tempo oportuno, superiormente; que a bordo dos vapores da Empresa nem sempre a carga, nas operações de carregar e descarregar, era tratada com o cuidado que seria para desejar, chegando a Mossâmedes, em todos os vapores, numerosos volumes arrombados, barris vazios, ou quasi, etc., o que igualmente comuniquei superiormente; que, pior do que isso, se constatou o facto de também se darem roubos a bordo, ou durante as viagens, ou já depois dos vapores estarem fundeados em Mossâmedes, facto este de que me queixei superiormente e directamente à Empresa Nacional, agência de Mossâmedes.

Comissão de linha.— Por portaria provincial n.º 386, de 28 de Abril, foi nomeada a comissão de linha, por mim presidida, tendo por vogais o chefe da exploração do Caminho de Ferro de Mossâmedes e o chefe do estado maior de *étapes*; cumpriu esta comissão, ou procurou cumprir, as atribuições que o regulamento de campanha lhe confere, estabelecendo horários que procuravam satisfazer às exigências dos transportes militares, etc.; no entanto com uma dificuldade lutou a comissão, durante muito tempo, com outra lutei eu sempre: a primeira foi a falta de locomotivas, só remediada com a vinda das que foram adquiridas em Cap Town; a segunda foi a falta de um engenheiro — um técnico — na comissão, que pudesse, por vezes, com razões profissionais, esclarecer certas dúvidas que se apresentavam e que os limitadíssimos conhecimentos sobre cami-

nhos de ferro (parte exploração) quer meus, quer do chefe do estado maior de *étapes*, não logravam resolver satisfatoriamente.

Cabe aqui registar o valioso auxílio prestado ao caminho de ferro pelo batalhão do regimento de infantaria n.º 18, fornecendo numerosos maquinistas, fogueiros, seralheiros e caldeireiros, sem os quais nunca se teria conseguido montar em tam pouco tempo as novas máquinas, nem satisfazer às necessidades de urgentes reparações no velhíssimo e maltratado material locomotor existente. E não foi ao caminho de ferro que aquela unidade prestou relevantes serviços, por incidente o digo; a quasi todos os ramos de serviço da coluna o batalhão auxiliou, e, muito, pois dispunha de 895 praças artifices, representando 76 profissões.

Falta de fardamento. — Nas directivas para o serviço de repatriação de pessoal e evacuação de material determina S. Ex.^a o general que a cada praça a evacuar para a metrópole seja distribuído um fato de cotim, completo; succedeu, porém, em Setembro, que se esgotou a existência de fardamento do Depósito da Base Marítima, e, como as praças vinham do planalto em estado verdadeiramente precário, a respeito de uniformes, tive de recorrer ao mercado local, onde felizmente encontrei fatos de cotim, do padrão regulamentar, ou com pequena diferença, dos quais fui forçado a adquirir — conforme verbalmente informei V. Ex.^a na sua passagem por Mossamedes — 234 aos preços de 2\$50 e 3\$20. Calçado nunca faltou e creio mesmo que deverá sobrar.

Creio que, embora sumariamente, tenho tratado de todos os assuntos mais importantes relativos ao serviço de *étapes* ou que com elle se prendem. Resta-me fazer referência à acção disciplinar, quer no que ella tem de desagradável — punir — quer no que se refere à satisfação de — louvar. Tive de punir com *repreensão* um alferes de infantaria, como consta da minha nota n.º 559, confidencial, de 31 de Julho.

Puni ainda com quinze dias de prisão correccional dois soldados de infantaria n.º 14, por roubo de géneros no Lubango, obrigando mais cinqüenta praças da mesma unidade que ali prestavam serviço a entrarem com a importância dos géneros roubados (chouriço e vinho) na importância de 100\$; três praças de cavalaria n.º 3 e uma de artilharia n.º 1 com cinco guardas, por faltas leves.

Por participações dadas por mim ao comando militar de Mossâmedes, contra praças de infantaria n.ºs 19 e 20, empregadas nas escoltas dos combóios e nas guardas da ponte-cais, foram ainda punidas algumas praças.

Louvei os seguintes oficiais, pela dedicação e zêlo com que desempenharam vários serviços:

Capitão de infantaria, José Mendes dos Reis, como director de transportes.

Capitão reformado do quadro ocidental, João Carlos Cabral, como encarregado da linha de *étapes* secundária (Lubango—Cassinga).

Capitão de infantaria, Francisco Pedro Curado, como comandante do posto de *étapes* do quilómetro 183.

Capitão da administração militar, José Marques, como director de transportes.

Tenente de infantaria, João Carlos Teles de Azevedo Franco, como adjunto da direcção.

Tenente da administração militar, Anacleto Rebêlo Marques, como chefe do Depósito Central de Subsistências e Fardamentos.

Confirmei o louvor proposto pelo chefe de subsistências e fardamento ao tenente de administração militar, Francisco Moreira de Almeida, como chefe dos Depósitos da Base Marítima.

Tendo, em geral, todos os oficiais e praças cumprido com os seus deveres com patriotismo, zêlo e dedicação, não posso deixar de apontar os que acima deixo relacionados, como tendo-se salientado na forma como procederam.

Registos de correspondência, exclusivamente, da Direcção de *Étapes*:

Recebida — 2:498 notas, telegramas e outros documentos.

Expedida:

Notas — 1:106.

Telegramas — 883.

Nesta correspondência comprehende-se a da comissão de linha, embora tenha registos especiais. Estes dados referem-se ao período em que eu desempenhei o lugar de director de *étapes* — 23 de Março a 31 de Outubro.

Mossâmedes, 31 de Outubro de 1915. — *António Eduardo Romeiras de Macedo*, major de infantaria.

N.º 5

Serviço de «étapes»

Relatório do capitão dos portos de Mossâmedes

Serviços prestados ao Estado desde 1 de Janeiro a 31 de Outubro

Por ordem superior em 1 de Janeiro a capitania assumiu a gerência dos serviços de Estado, os privativos do distrito de Mossâmedes e os das forças em operações, deixando os relativos à expedição de ser desempenhados por particular, por contrato, cujas bases principais de remuneração eram:

| | |
|--|------|
| Por cada passageiro desembarcado | 530 |
| Por cada animal desembarcado | 1570 |
| Por cada tonelada de carga. | 3500 |

Dos mapas juntos se verifica que o movimento total a cargo da capitania foi de:

Passageiros embarcados ou desembarcados, 25:311;

Animais embarcados ou desembarcados, 3:145;

Carga e bagagem embarcada ou desembarcada, 21:391¹/₁.

Por esse motivo, e devido à carestia de material próprio, teve a capitania de fretar lanchas, batelões, caiques e rebocadores, por os não possuir, por meio de requisições militares, enquanto não recebia o material preciso que por ordem superior fôra encomendado. A liquidação dessas requisições, que deve ter sido feita pela comissão avaliadora nomeada, não é do conhecimento desta repartição, motivo porque não menciono a importância total dos fretes.

Aplicando, porém, as taxas de contrato ao movimento havido, obtém-se a verba de 77.114\$30, quantia que o Estado teria de despender se vigorasse o mesmo.

Tendo sido dotada a capitania em Abril, Maio e Agosto com um escaler a vapor, dois batelões de ferro de 55 toneladas, vindos de Loanda, duas lanchas de madeira de 15 toneladas construídas em Mossâmedes, duas pontes flutuantes e duas embarcações maneiras para o serviço de amarrações e demais acessórios precisos, de harmonia com as minhas indicações, material que custou:

Escaler a vapor, duas lanchas de madeira, ponte pequena e uma embarcação com acessórios, 7.373\$57, aqui-

ridos pela comissão de melhoramentos; ponte grande, uma embarcação ligeira e acessórios, 4.386\$20, pela expedição, e feito mais despesas, um confronto entre os serviços prestados pelo material indicado e o seu custo permite verificar a conveniência da sua aquisição.

As despesas foram:—

| | |
|---|-------------------|
| Material adquirido | 11.759\$76 |
| Conservação, reparação, etc. (a) | 2.676\$45 |
| Combustível consumido (b) | 1.171\$15 |
| Reboque de Loanda para Mossâmedes . . (c) | 400\$00 |
| Soma | <u>16.007\$27</u> |

Não entrando em linha conta com os preciosos serviços prestados pelas pontes flutuantes, que permitiram um serviço intensivo nas descargas evitando o pagamento de sobre-estadias aos vapores, o material flutuante foi empregado:

| | |
|--|-------------------|
| Escaler a vapor durante 86,5 dias, sendo alugado custaria | 2.595\$00 |
| Escaler automóvel durante 106,5 dias, sendo alugado custaria | 2.662\$00 |
| Batelão n.º 1 durante 81,5 dias, sendo alugado custaria. | 2.445\$00 |
| Batelão n.º 2 durante 80,5 dias, sendo alugado custaria, | 2.415\$00 |
| Lancha n.º 1 durante 34 dias, sendo alugada custaria. | 515\$00 |
| Lancha n.º 2 durante 33 dias, sendo alugada custaria. | 495\$00 |
| Soma | <u>11.127\$50</u> |

de harmonia com os fretes mínimos de embarcações de iguais ou semelhantes categorias, neste meio.

(a) Na verba indicada figura incluída a importância de 891\$ gasta com a alimentação do pessoal militar, bônus forçado, em qualquer situação, o que reduziria a totalidade das despesas a 15.116\$17.

(b) Tomado para base o preço de 30\$ por tonelada.

(c) Tomado para base o pedido pelo vapor *Ambriz* para esse serviço.

Sem prejuízo de serviço, parte dêste material foi fretado por autorização superior, rendendo:

| | |
|----------------------------|-------------------|
| Escaler a vapor | 81\$500 |
| Escaler automóvel. | 187\$500 |
| Batelão n.º 1. | 794\$500 |
| Batelão n.º 2. | 574\$500 |
| Soma | <u>1.636\$500</u> |

Confronto :

| | |
|---|---------------------------------------|
| Despesas efectuadas. | 16.007\$27 |
| Rendimento do material fretado | 1.636\$500 |
| Economia proveniente do emprêgo do material do Estado | 11.127\$50 |
| Diferença | <u>12.763\$50</u> <u>3.243\$77</u> |

Valor do material no estado actual, apenas com poucos meses de serviço, desvalorizado, com exagêro, em metade do seu custo 6.000\$00

Lucro obtido. 2.756\$23

o que demonstra clara e terminantemente que a economia produzida com a excelente medida tomada superiormente, encarregando a capitania de todos os serviços do Estado e dotando-a para tal fim com os necessários elementos, cobriu as despesas efectuadas, ficando um saldo com o que se poderia mandar construir mais duas lanchas, como se vê do quadro seguinte:

Custo do material adquirido:

| | |
|--|------------|
| Escaler a vapor, pôsto em Mossâmedes. | 3.568\$20 |
| Duas lanchas de madeira, iguais | 2.200\$500 |
| Escaler automóvel | 900\$500 |
| Duas embarcações maneiras, serviço das pontes. | 335\$500 |

Mossâmedes, 31 de Outubro de 1915.— O Capitão do Porto,

Desembarque de passageiros, animais, bagagem, material de guerra e abastecimentos

| Data | Vapores | Passageiros | Animais | Carga | | Observações |
|---------------|-----------------|-------------|---------|--------|-----------|-------------|
| | | | | Volume | Toneladas | |
| Janeiro . . | 2 | 14 | - | - | - | |
| " | 7 | 123 | - | - | - | |
| " | 10 | 30 | - | - | - | |
| " | 19 | 276 | - | - | - | |
| " | 22 | 143 | - | - | - | |
| " | 23 | 630 | - | - | - | |
| " | 23 | 24 | - | - | - | |
| | Total | 1.240 | - | - | - | |
| Fevereiro . . | 1 | 346 | - | - | - | |
| " | 1 | 320 | - | - | - | |
| " | 3 | 74 | 296 | - | - | |
| " | 4 | - | - | - | 193 | Carvão. |
| " | 5 | 258 | - | - | - | |
| " | 6 | 1.018 | - | 12:211 | - | |
| " | 9 | 398 | - | - | - | |
| " | 9 | 927 | - | - | - | |
| " | 11 | 17 | - | - | 40 | |
| " | 18 | 17 | - | - | - | |
| " | 22 | 248 | 462 | - | 1.400 | |
| " | 22 | 1.223 | - | 18:137 | - | |

| | | | | | |
|----|--------------------------------|-------|-------|--------|-------|
| 25 | Mississipi | 100 | 704 | — | 1:300 |
| 26 | Ambaca | 500 | — | 9:722 | — |
| 28 | Angola | 639 | — | — | — |
| | Total | 6:085 | 1:462 | 40:070 | 2:933 |
| 3 | Beira | 3 | — | — | — |
| 8 | Cazengo | 350 | — | — | — |
| 9 | Venezia | 118 | 757 | — | 42 |
| 18 | Massabi (canhoneira) | 171 | — | 381 | — |
| 22 | Insulano | 75 | 296 | — | — |
| 23 | Africa | 118 | — | — | — |
| 24 | Ambriz | 247 | — | — | — |
| 25 | Malange | 505 | — | — | — |
| 26 | Africa | 3 | — | — | — |
| 31 | Peninsular | 642 | — | 12:000 | — |
| 22 | Cabo Verde | — | — | 38:000 | — |
| | Total | 2:232 | 1:053 | 50:381 | 42 |
| 7 | Loanda | 741 | — | — | — |
| 13 | Zaire | 86 | — | 24:476 | — |
| 22 | Ambriz | 20 | — | — | — |
| | Total | 850 | — | 24:476 | — |
| 15 | Salvador Correia | 196 | — | — | — |
| 19 | Ambriz | 355 | — | — | — |
| 21 | Ambaca | 285 | — | 38:862 | — |
| 27 | Insulano | 47 | 297 | — | — |
| | Total | 883 | 297 | 38:862 | — |

10 automóveis.

| Data | Vapores | Passageiros | Animals | Carga | | Observações |
|-------------|--------------------------|-------------|---------|--------|-----------|-------------|
| | | | | Volume | Toneladas | |
| Junho . . . | | | | | | |
| 1 | Cazengo | 120 | - | - | - | |
| 3 | Angola | 190 | - | - | - | |
| 8 | Malange | 23 | - | - | - | |
| 12 | Ambaca | 1 | - | - | 350 | |
| 13 | Peninsular | - | - | 26:404 | - | |
| 21 | Zaire | 72 | - | 34:949 | - | |
| 21 | Ambriz | 39 | - | - | - | |
| 21 | Africa | 73 | - | - | - | |
| 28 | Loanda | 90 | - | - | - | |
| | Total | 608 | - | 61:353 | 350 | |
| Julho . . . | | | | | | |
| 5 | Svador Correta | 53 | - | - | - | |
| 15 | Cabo Verde | 170 | - | - | - | |
| 30 | Gran Buchanan | - | - | - | 750 | |
| | Total | 222 | - | - | 750 | |
| Agosto . . | | | | | | |
| 3 | Portugal | 24 | - | - | - | |
| 14 | Cazengo | 382 | - | - | - | |
| 22 | Ambriz | 67 | - | - | - | |
| 23 | Peninsular | - | - | 41:704 | - | |
| 23 | Malange | 378 | - | - | - | |
| 24 | Insulano | 57 | 296 | - | - | |
| 26 | Dondo | 187 | - | - | - | |
| | Total | 1:035 | 296 | 41:704 | - | |

70 automóveis.
4 carros da Cruz Vermelha.

Carvão.

| | | | | | | |
|--------------------|----|-----------------------------|-----|---|--------|---|
| Setembro | 13 | <i>Insulano</i> | - | - | 1:028 | - |
| " | 14 | <i>Loanda</i> | 369 | - | - | - |
| " | 21 | <i>Ambaca</i> | 13 | - | 23:912 | - |
| | | Total | 382 | - | 30:940 | - |
| Outubro | 1 | <i>Ambriz</i> | 86 | - | - | - |
| " | 5 | <i>Cabo Verde</i> | - | - | 23:209 | - |
| " | 13 | <i>Portugal</i> | 42 | - | - | - |
| " | 15 | <i>Massabi</i> | 130 | - | - | - |
| " | 25 | <i>Massabi</i> | 83 | - | - | - |
| | | Total | 341 | - | 23:209 | - |

Serviço de repatriação

Embarque de passageiros, animais, bagagens, material de guerra, etc.

| | | | | | | |
|---------------------|----|-----------------------------|-----|----|-----|---|
| Janeiro | 10 | <i>Malange</i> | 17 | - | - | - |
| " | 21 | <i>Loanda</i> | 19 | - | - | - |
| " | 25 | <i>Africa</i> | 147 | - | - | - |
| | | Total | 183 | - | - | - |
| Fevereiro | 17 | <i>Zaire</i> | 515 | 24 | 669 | - |
| Março | 1 | <i>Portugal</i> | 20 | - | - | - |
| " | 5 | <i>Mozambique</i> | 15 | - | - | - |
| " | 13 | <i>Cazengo</i> | 69 | - | - | - |
| " | 21 | <i>Ambriz</i> | 8 | - | - | - |
| " | 29 | <i>Malange</i> | 700 | - | - | - |
| | | Total | 802 | - | - | - |

| Data | Vapores | Passageiros | Animais | Carga | | Observações |
|-------------|-----------------|-------------|---------|--------|-----------|-------------|
| | | | | Volume | Toneladas | |
| Abril . . . | 8 | 345 | - | - | - | |
| " . . . | 12 | 20 | - | - | - | |
| " . . . | 13 | 120 | - | - | - | |
| " . . . | 23 | 10 | - | - | - | |
| " . . . | 24 | 196 | - | - | - | |
| " . . . | 28 | 15 | - | - | - | |
| " . . . | 30 | 76 | - | - | - | |
| | Total | 782 | - | - | - | |
| Maio . . . | 1 | 155 | - | - | - | |
| " . . . | 2 | 6 | - | - | - | |
| " . . . | 9 | 670 | - | - | - | |
| " . . . | 12 | 589 | - | - | - | |
| " . . . | 20 | 8 | - | - | - | |
| " . . . | 29 | 3 | - | - | - | |
| | Total | 1:431 | - | - | - | |
| Junho . . . | 4 | 359 | - | - | - | |
| " . . . | 11 | 440 | - | - | - | |
| " . . . | 22 | 48 | - | - | - | |
| " . . . | 26 | 21 | - | - | - | |
| " . . . | 30 | 183 | - | - | - | |
| | Total | 1:051 | - | - | - | |

| | | | | | | | | |
|---------------|----|----------------------|-------|---|---|---|---|---------|
| Julho . . . | 2 | Loanda | 125 | - | - | - | - | - |
| " | 15 | Beira | 15 | - | - | - | - | - |
| " | 17 | Zaire | 532 | - | - | - | - | - |
| " | 21 | Mogambique | 19 | - | - | - | - | - |
| " | 24 | Cabo Verde | 467 | - | - | - | - | - |
| | | Total | 1:158 | - | - | - | - | - |
| Agosto . . . | 4 | Africa | 5 | - | - | - | - | - |
| " | 11 | Portugal | 004 | - | - | - | - | 28:136 |
| " | 16 | Dondo | 475 | - | - | - | - | - |
| " | 18 | Cazengo | 492 | - | - | - | - | - |
| " | 25 | Malange | 209 | - | - | - | - | 37:768 |
| " | 26 | Mogambique | 5 | - | - | - | - | - |
| " | 26 | Insulano | 33 | - | - | - | - | - |
| | | Total | 1:823 | - | - | - | - | 65:904 |
| Setembro . . | 3 | Peninsular | 19 | - | - | - | - | 35:778 |
| " | 7 | Dondo | 25 | - | - | - | - | - |
| " | 16 | Beira | 413 | - | - | - | - | - |
| " | 18 | Loanda | 537 | - | - | - | 5 | - |
| " | 29 | Ambaca | 303 | - | 6 | - | - | 72:050 |
| " | 30 | Zaire | 921 | - | - | - | - | 26:236 |
| | | Total | 2:233 | 6 | 6 | 5 | - | 131:064 |
| Outubro . . . | 18 | Cabo Verde | 16 | - | 7 | - | - | - |
| " | 18 | Massabi | 63 | - | - | - | - | - |
| " | 21 | Portugal | 1:020 | - | - | - | - | 162:510 |
| " | 22 | Beira | 77 | - | - | - | - | - |
| " | 26 | Massabi | - | - | - | - | - | 48:950 |
| " | 31 | Massabi | 210 | - | - | - | - | 56:050 |
| | | Total | 1:395 | 7 | 7 | - | - | 267:510 |

RESUMO

| Meses | Número de vapores | Número de passageiros | Número de animais | Carga em volumes | Carga em toneladas |
|----------------------|-------------------|-----------------------|-------------------|------------------|--------------------|
| Desembarcado | | | | | |
| Janeiro | 7 | 1:240 | — | — | — |
| Fevereiro | 14 | 6:085 | 1:462 | 40:070 | 2:933 |
| Março | 11 | 2:232 | 1:053 | 50:381 | 42 |
| Abril | 3 | 850 | — | 24:476 | — |
| Maió | 4 | 883 | 297 | 38:862 | — |
| Junho | 9 | 608 | — | 61:353 | 350 |
| Julho | 3 | 222 | — | — | 750 |
| Agosto | 7 | 1:095 | 296 | 41:704 | — |
| Setembro | 3 | 382 | — | 30:940 | — |
| Outubro | 5 | 341 | — | 23:209 | — |
| Total | 66 | 13:938 | 3:108 | 310:995 | 4:075 |

| | | | | | |
|----------------------|------------|---------------|--------------|----------------|----------------|
| Embarcado | | | | | |
| Janeiro | 3 | 183 | 24 | 669 | — |
| Fevereiro | 1 | 515 | — | — | — |
| Março | 5 | 802 | — | — | — |
| Abril | 7 | 782 | — | — | — |
| Maió | 6 | 1:431 | — | — | — |
| Junho | 5 | 1:051 | — | — | — |
| Julho | 5 | 1:158 | — | — | — |
| Agosto | 7 | 1:823 | — | — | 65:904 |
| Setembro | 6 | 2:233 | 6 | 5 | 134:064 |
| Outubro | 6 | 1:395 | 7 | — | 267:510 |
| Total | 57 | 11:373 | 37 | 674 | 467:478 |
| Total geral | 119 | 25:311 | 3:145 | 311:669 | 4:452,5 |

Tomando para média dos volumes o pêso de 50 quilogramas e igual pêso para a bagagem de cada passageiro, o pêso total da carga é de:

| | Quilogramas |
|------------------------------|-------------------|
| Volumes | 15.583:450 |
| Carga em toneladas | 4.542:478 |
| Bagagens | 1.265:550 |
| Soma | 21.391:478 |

totalidade que fica aquém da verdade por se ter desprezado o excedente sôbre o pêso médio em centenas de volumes grandes e pesados, tais como automóveis, carros da Cruz Vermelha, carroças alentejanas, etc. (artilharia).

N.º 6

Serviço de engenharia

Relatório

Para maior clareza êste relatório compreende duas partes, a primeira referindo-se ao período que precedeu o das operações, Março a Junho de 1915; a segunda ao período das operações, Julho a Setembro de 1915.

i.ª Parte

Tendo sido nomeado para fazer parte, como comandante da engenharia, do Quartel General do Comando Superior das forças em operações no sul de Angola, fiz a minha apresentação no Ministério das Colónias a S. Ex.^ª o Sr. general comandante, em Fevereiro de 1915, sendo nessa ocasião dado conhecimento pelo Sr. chefe do estado maior das requisições de pessoal e material de engenharia anteriormente feitas pelo Sr. coronel Alves Rodrigues e incumbido de propor as novas requisições que haveria a fazer, em harmonia com os efectivos que deviam operar no sul de Angola e com o objectivo que se procurava alcançar.

Nesta conformidade fizeram-se novas requisições de material que em grande parte foram satisfeitas, e em 19 de Fevereiro uma requisição de pessoal compreendendo: meia companhia de sapadores mineiros; uma secção de projectores oxi-acetilénicos de 400 milímetros de diâmetro transportados a dorso de mular; uma secção divisória de pontes e cinco secções de telegrafia sem fios com o alcance de 350 quilómetros.

Esta última requisição não foi satisfeita, apesar das repetidas instâncias de S. Ex.^ª o Sr. general; a falta do pessoal e material nela indicados bastante se fez sentir, sobretudo as secções de telegrafia sem fios, não só nos trabalhos preparatórios que se executaram no período anterior ao das operações, como também durante as operações.

Tendo o Quartel General do Comando Superior desembarcado em Mossâmedes no mês de Abril, deu-se desde logo comêço aos trabalhos preparatórios necessários para se poderem com brevidade iniciar as operações, cabendo, de entre êsses trabalhos, ao serviço de en-

genharia os que diziam respeito ao estabelecimento de linhas telegráficas e telefónicas e construção de estradas para camiões e reparação das existentes. E tendo-se procedido aos reconhecimentos necessários, que foram executados por mim e pelos meus adjuntos, tenentes de engenharia, Francisco Pinto Teixeira e Henrique Mora, deu-se começo àqueles trabalhos.

Linhas telegráficas e telefónicas.— Por proposta minha de 12 de Maio o serviço telegráfico nos distritos de Mossamedes e Huila ficou exclusivamente subordinado à autoridade militar, sendo o comandante de engenharia nomeado chefe do serviço telegráfico militar, passando o mesmo serviço a ser regulado pelas instruções de 18 de Maio, elaboradas pelo comandante de engenharia e superiormente aprovadas.

Militarizado o serviço telegráfico, procurou dar-se o maior incremento à construção de novas linhas telegráficas e à conclusão doutras cuja construção tinha anteriormente sido começada por determinação do Sr. coronel Alves Roçadas.

Nesta conformidade elaborou-se um projecto de estabelecimento de linhas telegráficas e telefónicas, tendo por fim garantir as comunicações com a retaguarda e entre as colunas que viessem a operar nos vales do Cacoluvar, Cunene e Cubango.

As linhas telegráficas e telefónicas indicadas naquele projecto, e que successivamente foram sendo construídas, são as seguintes:

1.º Linhas construídas até o mês de Setembro:

| | Quilómetros |
|--|-------------|
| Cassinga—Pósto A | 192 |
| Capelongo—Mulondo | 120 |
| Lubango—Quilómetro 184 do Caminho de Ferro de Malange | 26 |
| Gambos—Pocolo | 42 |
| Pocolo—Otchinjau | 110 |
| Otchinjau—Ediva | 60 |
| Humbe—Chicuce | 60 |
| Humbe—Forte Roçadas | 8 |
| Humbe—Chimbua | 22 |
| Total | <u>640</u> |

2.º Linhas em construção no mês de Setembro :

| | Quilómetros |
|---------------------------------|-------------|
| Mulondo-Quiteve | 54 |
| Forte Roçadas-Cuamato | 55 |
| Chimbua-Ngiva | 90 |
| Ngiva-Namacunde | 30 |
| Total | <u>229</u> |

3.º Linhas projectadas mas não começadas a construir :

| | Quilómetros |
|----------------------------|-------------|
| Gambos-Mulondo | 130 |
| Quiteve-Cafu | 48 |
| Cafu-Chimbua | 26 |
| Cafu-Evale | 75 |
| Evale-Cafima | 90 |
| Humbe-Naulila | 54 |
| Cuamato—Otoquero | 20 |
| Cuamato-Naloeque | 10 |
| Cuamato-Ngiva | 44 |
| Total | <u>497</u> |

Resumindo :

1.º Linhas construídas até o mês de Setembro, 640 quilómetros.

2.º Linhas em construção no mês de Setembro, 229 quilómetros.

3.º Linhas projectadas mas não construídas, 497 quilómetros.

O pessoal empregado na construção de linhas telegráficas compunha-se de praças da secção de engenharia que fazia parte da expedição do comando do Sr. coronel Alves Roçadas, pessoal civil das circunscrições telegráficas de Mossamedes e Huila e condenados brancos e indígenas.

Com este pessoal constituíram-se várias brigadas de construção que, primitivamente sob a direcção do tenente de engenharia Francisco Pinto Teixeira e mais tarde sob a minha direcção, construíram as linhas indicadas.

O material de linha e de estação preciso para estas linhas pertencia à coluna de operações, tendo por ela sido requisitado directamente.

Em todas as estações telegráficas que se criaram foram montadas mesas Morse e, na maior parte delas, telefones, e em algumas das estações já existentes montaram-se novas mesas Morse e telefones. Igualmente para as novas estações e para algumas das existentes se adquiriu mobiliário.

Para os 497 quilómetros de linhas telegráficas projectadas, mas não começadas a construir à data da retirada do quartel general para a metrópole, o material necessário ficou depositado no Depósito de Material de Guerra do Lubango.

No *croquis* junto se indicam as linhas existentes em 1914, as construídas em 1915, as em construção e as projectadas, indicando-se também por sinais convencionais a natureza das estações montadas e a montar.

Estradas para camiões.— Anteriormente à chegada de S. Ex.^a o Sr. general já se tinha iniciado a construção de algumas estradas para camiões, tendo o tenente de engenharia Francisco Pinto Teixeira sido encarregado de ver se era possível conduzir um camião até o Cuamato e de fazer reconhecimentos da directriz da estrada que partindo do Lubango se dirigisse ao forte do Cuamato. Este reconhecimento, que através de inúmeras dificuldades foi levado a efeito com notável energia pelo tenente de engenharia Francisco Pinto Teixeira, não chegou ao forte do Cuamato por este official ter recebido ordem de retirar quando tinha chegado a Damaquero, por se ter iniciado a retirada das forças depois do desastre de Naulila.

Feito este reconhecimento, deu-se começo à construção da estrada Lubango, Chibia e Lugango, Quilemba, sendo d'este trabalho encarregada a comissão de estradas de Lubango. Por esta mesma época se começou também a atacar a construção de outros troços da estrada para o Humbe.

Chegado, porém, a Mossamedes S. Ex.^a o Sr. general e feita a sua primeira visita ao distrito de Huila, fui encarregado de dirigir todo o serviço de construção e reparação de estradas em todo o distrito, devendo dar o maior incremento aos trabalhos de reparação e construção de estradas que estavam sendo executados.

Em vista desta ordem, visitei todos os trabalhos de construção e reparação que estavam sendo executados e fiz os reconhecimentos necessários para a escolha das directrizes de novas estradas, sendo d'estes reconhecimen-

tos o mais importante o feito a Cassinga, pela enorme distância percorrida e pelas grandes dificuldades encontradas, depois do que se organizaram brigadas de construção e reparação.

Estas brigadas, que com dificuldade se organizaram devido à relutância dos indígenas em virem trabalhar, eram contituidas, em geral, por cinqüenta a sessenta homens, trabalhadores indígenas dirigidos por um capataz branco, ganhando os indígenas \$10 diários e alimento e os capatazes brancos \$80 a 1\$ diários.

Com estas brigadas procedeu-se a uma grande reparação das estradas existentes, conclusão de outras e abertura de novas estradas, ficando estes trabalhos a cargo da comissão de estradas do Lubango, administrador da Chibia, padres da missão Quihita, tenente de infantaria Stockler, Companhia de Mossâmedes e comandante dos postos militares de Quipungo, Capelongo e Cassinga. A direcção superior dêstes mesmos trabalhos ficou a meu cargo.

Terminados estes trabalhos organizaram-se para todas as estradas brigadas permanentes de conservação constituídas por dez trabalhadores indígenas, dirigidos por um capataz indígena, vencendo, respectivamente, \$10 e \$20 diários e alimentação, e que tinham a seu cargo a conservação de cada trôço de 10 quilómetros de estrada.

As estradas construídas até o mês de Setembro são as seguintes:

| | Quilómetros |
|-------------------------------|-------------|
| Lubango-Quilemba | 19 |
| Lubango-Chibia | 43 |
| Chibia-Quipungo | 120 |
| Quipungo-Capelongo | 70 |
| Capelongo-Cassinga | 120 |
| Chibia-Quihita | 50 |
| Quihita-Gambos | 55 |
| Gambos-Pocolo | 42 |
| Gambos-Rio da Areia | 25 |
| Gambos-Ediva | 98 |
| Ediva-Humbe | 85 |
| Humbe-Forte Roçadas | 8 |
| Total | <u>735</u> |

Nas estradas Lubango-Quipungo e Capelongo-Cassinga aproveitou se parte da estrada para carros boers

já existentes, que foi convenientemente reparada e alargada.

As estradas construídas foram destinadas exclusivamente ao trânsito de camiões.

As estradas Lubango-Quilemba e Lubango-Humbe foram devidamente quilometradas e nelas colocados os respectivos marcos e placas marcando as directrizes e outras marcando os pontos onde os camiões deviam diminuir a velocidade.

Além das estradas indicadas construiu-se também outra para camiões desde o quilómetro 184 da linha férrea de Mossâmedes até o quilómetro 16 da estrada Lubango-Quilemba. Esta estrada que foi estudada e construída pelo engenheiro Sr. Tôrres, do caminho de ferro de Mossâmedes, vence com um notável e feliz traçado as inúmeras dificuldades da Serra da Chila, sendo de um grande alcance para o problema de abastecimento das tropas da ocupação e para o desenvolvimento económico do distrito de Hufla, pois permite a ligação directa da testa do caminho de ferro com o interior do distrito por meio de camiões automóveis.

2.ª Parte

Tendo S. Ex.^a o Sr. general determinado que uma coluna marchasse a fazer a reoccupação do Humbe, fui nomeado para acompanhar o quartel general do comando superior.

Feita a concentração no Chicuce, iniciou-se a marcha no dia 4 de Julho.

Durante a marcha, que se executou com regularidade, fez-se sentir bastante a falta de água. As cacimbas encontradas em vários pontos estavam quasi esgotadas, sendo com dificuldade que se procedeu à sua limpeza e alargamento, trabalho que foi executado por condenados brancos e indígenas dirigidos pelo segundo sargento de engenharia, Trajano Ambrósio da Silva.

A quantidade de água obtida foi sempre insignificante, devido principalmente à falta de aparelhos para pesquisas de água, cuja requisição tinha sido feita em tempo competente por S. Ex.^a o Sr. general e que nunca foi satisfeita.

Depois da chegada da coluna ao Humbe deu-se começo, depois dos reconhecimentos a que procedi, à construção das linhas telegráficas Humbe-Chicuce, Humbe-

Forte Roçadas e Humbe-Chimbua, na extensão total de 90 quilómetros, construção que ficou concluída no fim do mês de Julho e que foi executada por brigadas constituídas por praças de engenharia, guarda-fios civis e de condenados brancos e indígenas.

Durante o tempo de permanência da coluna no Humbe procedeu-se à reparação dalguns edificios, que foram destinados a enfermarias, quartel general e estação telegráfica, trabalhos de acampamento e construção de barracões para arrecadação de géneros.

Igualmente se montaram duas oficinas de serralheiro-ferreiro e carpinteiro, onde se fizeram várias reparações de carros, tanques para água e outro material.

Nesta mesma época se procedeu ao melhoramento da passagem do Cunene, em frente do Forte Roçadas, construindo-se na margem direita um atêrro de 130 metros de extensão e outro de 40 metros na margem esquerda, rampas de acesso nas duas margens e elevação do vau por meio de faxinas e carris.

Este trabalho foi executado por praças de engenharia, trabalhadores indígenas e condenados brancos e indígenas, sob o comando do Sr. capitão de infantaria, João Inácio Palermo de Oliveira, comandante da brigada de trabalhadores, que, com a maior energia e dedicação, me coadjuvou sempre em todos os trabalhos.

Nos postos de *étapes* do Lubango, Chibia, Gambos e Humbe foram montados depósitos de material de engenharia e telegráfico.

Tendo S. Ex.^a o Sr. general fixado o dia 12 de Agosto para se iniciar a marcha dos destacamentos do Cuanhama e Cuamato, recebi ordem para preparar o material de engenharia que devia acompanhar estes destacamentos.

O pessoal e material de engenharia destinado a cada um dos destacamentos foi o seguinte:

Destacamento do Cuanhama

Brigada de trabalhadores. — Comandante, capitão de infantaria, João Inácio Palermo de Oliveira, 1 segundo sargento de artilharia, 2 cabos de artilharia, 70 condenados brancos e indígenas.

Secção de projectores. — 5 praças de engenharia, 1 projector oxi-acetilénico de 400 milímetros de diâmetro e respectivas cargas, transportado num carro alentejano.

Secção de material. — 1 carro de ferramenta de batalhão, 1 carro de ferramenta de esquadrão, 3 carros alen-

tejanos transportando ferramenta de terraplenagem e destruição, petardos de tutol, ferramenta de carpinteiro, e ferreiro, cordas de ligação e amarras, 1 carro alentejano para viveres e ferragens.

Destacamento do Cuamato

Brigada de trabalhadores.— Comandante, segundo sargento de engenharia, Trajano Ambrósio da Silva, 20 condenados brancos e indígenas.

Secção de projectores.— 5 praças de engenharia, 1 projector oxí-acetilénico de 400 milímetros de diâmetro e respectivas cargas, transportado num carro alentejano.

Secção de material.— 1 carro de ferramenta de batalhão, 1 carro alentejano transportando ferramentas de terraplenagem, destruição, petardos de tutol, ferramentas de carpinteiro e ferreiro, cordas de ligação e amarras.

Em ambos os destacamentos os condenados transportavam cada um uma catana e uma ferramenta de terraplenagem (pás, picaretas, machados, machadinhas e enxadas).

As praças dos batalhões de infantaria e marinha transportavam ferramentas portáteis, e a todas estas praças e às das companhias indígenas de infantaria, baterias de metralhadoras e artilharia, esquadrão de cavalaria tinham sido distribuídos sacos para terra, sendo dois por praças para os batalhões de infantaria, marinha e companhias indígenas de infantaria, e um por praças das outras unidades.

Concentradas as forças no Humbe, iniciou-se no dia 12, pelas dezassete horas, a marcha dos dois destacamentos, tendo eu sido nomeado para acompanhar o destacamento do Cuanhama, como comandante de engenharia.

A marcha realizada naquele dia pelo destacamento do Cuanhama efectuou-se com regularidade, chegando a coluna à margem do Cunene, junto do vau Chibua, onde estacionou pelas quinze horas.

Feito rapidamente por mim o reconhecimento do vau da Chibua depois da chegada da coluna, e reconhecida a impossibilidade da passagem dos camiões, devido à grande extensão do areal da margem, começou-se imediatamente a preparar esta passagem. Para esse fim, a brigada de trabalhadores começou a cortar caniços (único material que havia nas proximidades), para se constituir

uma plataforma que permitisse a passagem dos camiões no areal, ao mesmo tempo que na margem esquerda se preparava a rampa de saída.

A solução adoptada foi a única compatível com o pouco tempo da que se dispunha e a falta de materiais, visto que, não tendo eu feito, anteriormente à marcha da coluna, o reconhecimento do vau, não se preparou com antecedência a sua passagem, como por mim foi lembrado mas não levado a efeito por se não desejar indicar ao inimigo o local da passagem da coluna.

No entanto, o trabalho que se executou naquele dia, e que terminou já de noite, permitiu que no dia seguinte um combóio de vinte camiões fizesse a passagem do vau sem menor dificuldade.

Nas marchas efectuadas nos dias seguintes, a brigada de trabalhadores teve por vezes de desembaraçar a estrada de marcha cortando árvores e arbustos e arrancar as viaturas de tracção animal, que, devido à natureza do terreno, se enterravam com frequência.

No dia 17, tendo a coluna parado numa pequena chana e havendo conhecimento de que na frente, a uns 800 metros, existiam cacimbas, dirigi-me para lá acompanhado pelo Sr. capitão Palermo de Oliveira e alguns condenados, a fim de mandar proceder à sua limpeza e aprofundamento. Este trabalho não pôde ser levado a efeito nessa ocasião por, alguns instantes depois da nossa chegada ao local das cacimbas, termos sido atacados de surpresa e quasi à queima-roupa, pelo inimigo que se dirigia ao encontro da coluna, sendo nós obrigados a recolher ao quadrado.

Tendo, porém, o inimigo sido obrigado a retirar pelo fogo da artilharia e pela cavalaria, novamente me dirigi para as cacimbas que estavam completamente secas e que, apesar dos trabalhos que nelas se fizeram, apenas deram alguns litros de água.

Na tarde do dia 17 a coluna marchou para o local das cacimbas onde estacionou, começando logo a brigada de trabalhadores a desembaraçar o campo de tiro derubando árvores e destruindo morros de salalé, no que se fez um largo emprêgo dos petardos de tutol.

Depois do combate do dia 18, tendo-se reconhecido a necessidade de entrincheiramento, foi determinado que as guarnições...

A planta e perfis adoptados são indicados no *croquis* junto.

Reorganizada a coluna que devia marchar a tomar Ngiva, o pessoal e material de engenharia, ficou constituído da seguinte forma:

Brigada de trabalhadores — comandante, capitão de infantaria João Inácio Palermo de Oliveira; segundo sargento de engenharia Trajano Ambrósio da Silva; 2 cabos de artilharia; 80 condenados brancos e indígenas.

Secção de projectores — 5 praças de engenharia; 2 projectores oxo-acetilénicos de 400 milímetros de diâmetro e respectivas cargas, transportados em 2 carros alentejanos.

Secção de material — 3 carros alentejanos transportando ferramentas de terraplenagem, de destruição, petardos de tutol, ferramentas de carpinteiro e ferreiro, cordas de ligação e amarras.

Os condenados transportavam cada um uma catana e uma ferramenta de terraplenagem ou destruição.

Para acompanhar o destacamento da Ngiva fui nomeado como comandante de engenharia.

Durante as marchas efectuadas por este destacamento, nos dias 2, 3 e 4 de Setembro, a brigada de trabalhadores teve várias vezes de desembaraçar a estrada de marcha e nos estacionamentos procedeu-se ao desembaraçamento do campo de tiro e construíram-se entrancheamentos nas faces e abrigos para os postos de socorro e ambulância.

Durante todas as noites trabalharam os dois projectores oxo-acetilénicos colocados em dois ângulos opostos do quadrado.

Na Ngiva traçou-se, no local da embala do soba, o forte da Ngiva, constituído por um reduto quadrado de 60 metros de face com um perfil igual ao do da Mongua.

No dia 6 de Setembro retirei para o Lubango em companhia do Sr. capitão Palermo de Oliveira, tendo ainda ficado na Ngiva o segundo sargento de engenharia Trajano Ambrósio da Silva, as praças de engenharia e a brigada de trabalhadores que começou a construir o forte sob o comando do mesmo segundo sargento.

Em todos os trabalhos que foram incumbidos ao serviço de engenharia fui coadjuvado pelos seguintes oficiais e praças:

Capitão de infantaria, João Palermo de Oliveira. — Este oficial foi nomeado comandante da brigada de trabalhadores no princípio do mês de Agosto, marchando ime-

diatamente para o Humbe, a fim de tomar o comando da mesma brigada. Em todos os trabalhos de que foi incumbido revelou sempre competência e dedicação, conseguindo com o seu exemplo e energia que a brigada de trabalhadores, constituída por condenados brancos e indígenas, se tornasse notada pela sua disciplina e dedicação pelo trabalho.

Durante a permanência das forças em Mongua, este official, apesar de doente, nunca abandonou o serviço, tendo sido sempre para mim um excelente auxiliar em que eu depositava a maior confiança.

Tenente de engenharia, Francisco Pinto Teixeira. — Este official fez parte da expedição do comando do Sr. coronel Alves Roçadas, como comandante de uma secção mixta de engenharia, constituída por um segundo sargento, três primeiros cabos e catorze soldados, sendo mais tarde nomeado adjunto do serviço de engenharia do Quartel General do Comando Superior. Foi encarregado de um grande número de trabalhos, tais como reconhecimentos, construção de linhas telegráficas e estradas, trabalhos de acampamento nos Gambos, Forno da Cal e Tchiepepe, abertura de poços, etc., nos quais revelou a maior competência e extraordinária dedicação, tendo sempre, e muitas vezes através dum grande número de dificuldades e com sacrificio próprio, desempenhado cabalmente todas as missões de que foi incumbido.

O mesmo official foi também encarregado de dirigir as oficinas de reparação de camiões no Lubango e Gambos, serviço em que mais uma vez mostrou as boas qualidades de trabalho, competência e energia.

Tenente de engenharia, Henrique Mora. — Este official fez parte do Quartel General do Comando Superior como adjunto ao serviço de engenharia. Foi também um bom auxiliar que eu tive nos serviços de que foi incumbido, executando importantes reconhecimentos. Tendo, porém, adoecido gravemente, não pôde tomar parte nas operações, ficando depois de melhorado no Lubango a dirigir o serviço de engenharia de *étapes*. Terminadas as operações, dirigiu a construção das linhas telegráficas para a Ngiva e Cuamato, construiu uma barca de passagem no Cunene, em frente do Forte Roçadas, e projectou e começou a construir no Lubango vários barracões em madeira e adobe para *garage* dos camiões. Em todos estes trabalhos mostrou sempre ser competente e dedicado.

Segundo sargento, Trajano Ambrósio da Silva, n.º 134

da 6.^a companhia do 2.^o batalhão do regimento de sapadores mineiros.—Fez parte da secção mixta de engenharia que acompanhou a expedição do comando do Sr. coronel Alves Roçadas. Pelas informações do tenente de engenharia, Pinto Teixeira, e pela minha própria observação, reconheci neste sargento um excelente auxiliar, trabalhando com a maior boa vontade e dedicação.

Auxiliou o tenente de engenharia, Pinto Teixeira, no grande número de trabalhos executados pela secção de engenharia e fez parte do destacamento do Humbe, Cuamato e Ngiva, onde trabalhou por forma a merecer o meu reconhecimento.

Primeiro cabo, João António Maia, n.^o 16 da 2.^a companhia do batalhão de campanha.—Fez parte da secção mixta de engenharia e foi o chefe da brigada de construção de várias linhas telegráficas, tendo tido uma longa permanência no mato, sendo muito dedicado pelo serviço.

Dos condenados que faziam parte da brigada e trabalhadores alguns há que pelo seu comportamento e dedicação pelo trabalho, antes e durante as operações, são merecedores de elogio, tomando eu a liberdade de solicitar a S. Ex.^a o general que interceda junto dos poderes superiores para que lhes seja reduzido o número de anos de degrêdo, como recompensa dos serviços prestados. Os números destes condenados são os seguintes:

Condenados brancos

- 1.^a companhia D. D. A.—N.^{os} 59, 201, 141, 101, 263.
- 2.^a companhia D. D. A.—N.^{os} 29, 35, 282, 40, 231, 125, 199, 217, 284, 12, 225, 78.
- 3.^a companhia D. D. A.—N.^o 34.
- 5.^a companhia D. D. A.—N.^{os} 145, 87, 78.

Condenados indigenas

- Presos civis—N.^{os} 33, 35.
 - 3.^a companhia D. D. A.—N.^{os} 20, 31, 195, 163, 208, 192, 37, 118, 50, 52, 177.
 - 5.^a companhia D. D. A.—N.^o 43.
- Rui Fragoso Ribeiro*, capitão de engenharia.

N.^o 7

Ex.^{mo} Sr.—Como tive a honra de participar a V. Ex.^a, cheguei a Mossâmedes no dia 7 do corrente; a falta de

transportes e a necessidade de me pôr ao corrente dos negócios da provincia obrigaram-me a estar em Loanda dez dias.

É por isso que só agora vou expor detalhadamente a V. Ex.^a a situação em que se encontram as fôrças expedicionárias, devendo desde já dizer a V. Ex.^a que o aspecto das tropas tem-me produzido boa impressão; noto zêlo e interêsse da parte dos officiaes, nota-se disciplina, e compreende-se bem que assim seja desde que os officiaes são os primeiros a dar o exemplo.

Nesta exposição vou tratar seguidamente de distribuições das tropas, do material de guerra, dos viveres e forragens, do fardamento, do material de engenharia, do serviço sanitário, do serviço veterinário e do serviço de transportes.

Distribuição das tropas.—A distribuição das tropas, que encontrei e que ainda não modifiquei, é a seguinte:

Em Loanda, uma companhia de infantaria n.º 20 e uma bateria de artilharia de montanha.

Em Benguela, uma companhia de infantaria n.º 20 e a bateria de artilharia n.º 3.

Em Mossamedes, os batalhões de infantaria n.ºs 18 e 19, as baterias de metralhadoras, o esquadrão de cavalaria n.º 4, as baterias de artilharia n.ºs 1, 2, 7 e 8, uma diligência do 2.º esquadrão de dragões da provincia, que se está reorganizando, e a direcção do serviço de *étapes*, compreendendo o serviço de transportes.

No planalto temos:

Chibia:

- 16.^a companhia indígena de Moçambique;
- Cavalaria n.º 11;
- 1.^a bateria de montanha;
- Batalhões de infantaria n.º 17;
- 2.^a bateria do 3.º grupo de metralhadoras.

Lubango:

- Batalhão de infantaria n.º 16;
- 2.^a bateria do 1.º grupo de metralhadoras;
- 2.^a bateria do 2.º grupo de metralhadoras;
- 1.º esquadrão de dragões;
- 2.º esquadrão de dragões;

5.^a companhia de depósito;
17.^a companhia indígena de Angola.

Capelongo:

10.^a companhia de infantaria n.º 14;
1 divisão Erardt.

Cassinga:

15.^a companhia indígena de Angola;
Destacamento do Baixo Cubango.

Pocolo:

1.^a companhia europeia.

Gambos:

Quartel general;
9.^a e 12.^a companhias de infantaria n.º 14;
Secção de engenharia;
1.º pelotão da 2.^a companhia europeia;
16.^a companhia indígena de Angola.

Forno da Cal:

Batalhão de marinha;
15.^a companhia indígena de Moçambique;
2.^a bateria de artilharia de montanha.

Material de guerra.—As unidades ainda não têm todo o seu material de guerra, sendo para notar que as baterias de artilharia n.ºs 3, 7 e 8 nem sequer têm ainda as peças nem tampouco os arreios, o que representa estar-se fazendo uma despesa grande com o vencimento do pessoal das três baterias, que por emquanto não podem prestar serviço, serviço que aliás é importantíssimo nas operações a empreender.

Esta circunstância não me era desconhecida quando saí de Lisboa, e tanto que apresentei ao antecessor de V. Ex.^a uma proposta a êste respeito; tenho, contudo, uma esperança: é que aquele material venha no vapor *Zaire*.

O batalhão de infantaria n.º 19 só no dia 6 do cor-

rente pôde distribuir o armamento às praças, por isso que, vindo todos os caixões sem indicação do que contém, a distribuição complica-se duma maneira extraordinária.

Eu peço a V. Ex.^a, e encarecidamente, que se digno tomar em consideração uma proposta que apresentei ao seu antecessor, para que junto às 5.^a e 6.^a Repartições da Direcção Geral das Colónias esteja servindo uma comissão em que entrem um official da administração militar, um do serviço do estado maior e outro de artilharia, a fim de ser encarregada do serviço de expedição de artigos de toda a natureza, visto que o pessoal daquelas repartições já é pouco para o serviço normal nas circunstâncias ordinárias, sendo-lhes materialmente impossível satisfazer a tudo na presente occasião.

Serviço de subsistências.—É urgente que sejam satisfeitas as minhas requisições a este respeito, e tais como as fiz.

A questão essencial é que venha o que é necessário e que se possam fazer os transportes com regularidade.

Quando me referir a transportes, eu direi a V. Ex.^a como encontrei o serviço de subsistências.

Fardamento e calçado.—É urgente que seja satisfeita a minha requisição; os fardamentos precisam consertos, as reservas especiais das unidades estão quasi esgotadas; no combate de Naulila perderam-se muitos artigos de fardamento; as praças estão, por assim dizer, bivacadas, o que muito arruína o vestuário e calçado.

A requisição que fiz é perfeitamente exequível: há todos os artigos no Depósito Central de Fardamentos, artigos que eu mandei fazer quando fui Ministro da Guerra.

Digne-se V. Ex.^a notar que é também indispensável que seja satisfeita a requisição de fardamentos para o 2.^o esquadrão de dragões, que não tem capotes, que anda rôto e quasi descalço, como ontem observei numa visita que fiz ao quartelamento dessa unidade.

Material de engenharia.—Antes de partir apresentei ao antecessor de V. Ex.^a uma requisição de pessoal e material para o serviço de engenharia; essa requisição precisa ser satisfeita, tanto em material telegráfico, como em material para o serviço de sapadores mineiros, e é preciso que seja satisfeita a requisição de uma secção divisionária de pontes.

Tudo isto é necessário e eu apelo para o bom critério de V. Ex.^a, a fim de julgar e tomar na consideração que merecem os milhares de opiniões contraditórias que aparecem quando se trata de qualquer serviço importante e que a maior parte das opiniões desconhece por completo.

Serviço sanitário. — O estado sanitário das praças que se acham em Loanda é satisfatório e ali dispõe-se de um bom hospital; as praças que estão em Benguela (no Huambo) estão em boas condições; o Huambo é uma localidade muito salubre.

Em Mossamedes, onde é maior a acumulação das tropas, tendo havido bastantes casos de febres palustres e outras doenças, tem havido casos fatais; o batalhão de infantaria n.º 19, principalmente, tem dado um grande contingente para o hospital.

Contudo, o chefe do serviço de saúde das tropas expedicionárias informa-me que o estado sanitário nada tem de alarmante; que o grande número de baixas foi devido, a princípio, ao batalhão de infantaria n.º 19 ter estacionado num local menos salubre, e, além disso, a abusos das praças, menos bem reprimidos; a este respeito já dei as minhas ordens para se evitar esses abusos, e impuz a completa responsabilidade ao major comandante do batalhão.

A aglomeração, inevitável por enquanto, das tropas em Mossamedes e a pequena capacidade do hospital, apenas para 50 doentes, exigiu a realização das providências propostas pelo chefe do serviço de saúde, e relativas a armarem-se tendas tipo Cunha Belém, nuns terrenos adjacentes ao hospital, trabalho que ontem mesmo mandei começar.

¡No hospital de Mossamedes havia ontem 185 doentes, sendo a capacidade para 50!

Estavam doentes deitados por toda a parte onde se podia colocar um colchão.

Agora vão modificar-se as condições e espero que com resultado satisfatório.

O meu antecessor adquiriu na cidade do Cabo uns hospitais por £ 6:000, hospitais que, por proposta do chefe do serviço de saúde, vou mandar instalar no planalto, em locais que vão ser reconhecidos, fixando-se, contudo, desde já, o estabelecimento de um ou mais destes hospitais na Humpata, onde vou estabelecer um depósito de convalescentes, evitando-se assim a evacuação

de doentes para a metrópole, e, portanto, não se desfalando tanto os efectivos, por motivo de doença ou ainda de ferimentos, notando-se, contudo, que em todas as campanhas, e muito principalmente nas campanhas coloniais, as baixas por motivo de doença são sempre muito superiores às que provêm dos ferimentos.

Logo que eu possa concentrar tudo no planalto, o hospital de Mossâmedes satisfaz como hospital de evacuação; e, quando as operações terminarem, que as tropas voltem a Mossâmedes, para embarcar para a metrópole, as disposições que tomei e a oportuna aquisição, nessa ocasião, de uma casa, devem satisfazer, se bem que, no fim da campanha, as baixas são muitas, porque ao clima vem juntar-se o cansasso.

Além do que fica exposto, é indispensável que seja satisfeita a minha requisição de hospitais de sangue, coluna de transportes de feridos e coluna de hospitalização, por isso que estas formações são destinadas a acompanhar as tropas.

Eu apresentei ao antecessor de V. Ex.^a a minha proposta e dei todas as indicações para se conseguirem os elementos para constituir as formações, por isso que, quando fui Ministro da Guerra, providenciei neste sentido, e sei que existe todo o material para as constituir.

Serviço veterinário.—A organização d'este serviço é mais rudimentar ainda, não me foi presente proposta alguma do chefe d'este serviço.

Os solípedes estão alojados em barracas ligeiras, e parecem-me muito razoavelmente instalados; o aspecto que apresentam é muito regular.

O que se torna, porém, indispensável é a satisfação das requisições de ferraduras e cravos, que aqui se não podem adquirir.

Serviço de transportes.—É este serviço, a meu ver, a questão capital para o êxito das operações.

Mossâmedes não tem recursos para as necessidades das tropas; tudo vem de fora por via marítima; assim temos a atender à carga dos navios que transportam o material de toda a espécie, à arrumação d'esse material, à sua classificação, à sua distribuição, e, por último, ao seu transporte para a zona das operações, e para assegurar a linha de *étapes* ou linhas de *étapes*, que haja necessidade de estabelecer, conforme as circunstâncias.

a) *Descarga dos navios.*—Mossâmedes tem uma pe-

quena ponte que está bastante arruinada, que não é acostável aos vapores, com um guindaste muito cansado e que poucas garantias oferece; é muito pequeno o número de embarcações para o serviço de descarga; assim já dei ordem para se pôr em execução o regulamento de requisições da metrópole, a fim de resolver estas dificuldades.

No entanto, compreende bem V. Ex.^a a prudência que é necessário ter no procedimento a seguir, por isso que, se é indispensável que toda a carga para a expedição seja desembarcada, se é uma questão de economia muito para atender não demorar aqui os paquetes, é também indispensável não privar a população de Mossamedes das mercadorias de que necessita para viver.

Nestas circunstâncias tomei a seguinte resolução:

1.º Pela comissão de melhoramentos do pôrto de Mossamedes adquirir o material necessário, sendo paga a despesa pelo fundo da mesma comissão;

2.º Mandar, por proposta do comandante de engenharia e dos engenheiros em serviço na localidade, construir uma ponte no local denominado o Saco, ponto acostável aos vapores de carreira, e cujo custo orça por 20 a 25 contos, paga pelos fundos das forças expedicionárias, por adiantamento, e depois pelo caminho de ferro, visto servir para este.

Esta ponte é uma necessidade urgente para a ocasião, deve ser dum grande alcance quando as forças retirarem, e é um melhoramento para o caminho de ferro e para a cidade de Mossamedes, tanto mais que fica em ligação com o caminho de ferro.

A sua utilização mais tarde pela cidade de Mossamedes deve ser regulada de modo que, longe de afectar os seus interesses, constitua um beneficio, o que é fácil.

A ordem está dada e permita-me V. Ex.^a que lhe diga que uso desta iniciativa por ser absolutamente indispensável, e se eu não proceder assim, nem posso, nem devo, continuar a exercer o comando que me foi conferido.

b) *Arrumação do material.* — O material de toda a espécie está acumulado na praia, a descoberto, exposto ao tempo, inutilizando-se; não houve a preparação indispensável e prévia para se receber aqui um efectivo tão grande e que tem de ser acompanhado de tudo quanto necessita, para viver e para combater; não se sabia o que havia a receber; não se constituíram armazéns.

Agora afigura-se-me já tarde para construir os arma-

zéns, leva muito tempo a sua construção, e assim mandei adquirir encerados para resguardar, principalmente, a sacaria.

Nós temos a preocupação das economias; a preocupação de tolher as iniciativas de quem comanda e é responsável; ora esta maneira de proceder dá em resultado, quasi sempre, desperdícios; depois não se quer gastar, mas quando as occasiões se apresentam criticas há então o nervosismo, quero-se tudo depressa, sem um plano, sem método, resultando daí fazerem-se despesas improduttivas.

Digne-se V. Ex.^a atender ao que se gasta com o vencimento das tropas que, por emquanto, não podem deixar de estar inactivas; e a vantagem e economia que haveria applicando-se esses fundos à preparação para receber as tropas, e mandando-as marchar depois; mas não, não se pensa assim, mandam-se os homens sem o material, sem os víveres, sem a preparação de armazéns, sem a preparação de meios de transporte.

c) *Classificação do material.* — O material que se recebe apenas traz a indicação «refôrço expedicionário», e é pouco; os conhecimentos da carga vêm, às vezes, um mês, e mais, depois, o que é muito; a necessidade de descarregar obriga a andar depressa e veja V. Ex.^a que complicações para a separação, classificação e distribuição do material.

Foi isto que o comando das tropas previu em Lisboa, quando propôs a comissão, junto às 5.^a e 6.^a Repartições da Direcção Geral das Colónias, a que acima me referi.

Nós estamos costumados a mandar effectivos pequenos para as colónias, agora é um effectivo muito grande, acarreta grandes despesas, ninguém quer o odioso de as fazer, mas todos querem mandar tropas para a guerra, e quem aqui está, quem tem toda a responsabilidade que resolva, mas não gaste dinheiro, são tudo guerras de pretos.

Ou há ou não há necessidade do actual refôrço militar à provincia. Se há, gasta-se o que fôr necessário para o bom êxito das operações, se não há, não se exponham as tropas ao clima, às doenças, e não se gaste dinheiro inutilmente.

Não é com os combates que me preocupo, a vida de um homem não tem valor, com o que me preocupo é com o êxito, com o resultado positivo, que sòmente se

pode obter, com uma boa organização de todos os serviços.

d) Distribuição do material. — O que acabo de dizer a V. Ex.^a relativamente à classificação do material applica-se completamente à sua distribuição; é necessário abrir todas as caixas, todos os volumes para se saber o que contém. ¡ Que trabalho e que tempo perdido isto representa!

e) Transporte para a zona de operações. — O transporte para a zona de operações é feito pelo caminho de ferro e por todos os meios que se podem aproveitar pela via ordinária.

No momento presente o abastecimento das tropas que estão no planalto faz-se do modo seguinte: pelo caminho de ferro desde a vila Arriaga até a Quilemba, por carregadores e por sete automóveis desde a Quilemba até o Lubango, por carros *boers* do Lubango para diante.

O caminho de ferro com as suas locomotivas muito cansadas, apesar da boa vontade do pessoal, pouco mais dá de rendimento do que o preciso para assegurar a alimentação das tropas, carregadores e solípedes que estão no planalto, mas eu tenho de concentrar lá todas as forças, tenho de mandar na frente preparar os depósitos de víveres, tenho de transportar todo o material de guerra, hospitais, as tropas apeadas, pelo menos.

Digne-se V. Ex.^a atender ao que fica exposto, e compreenderá que os meus pedidos devem ser todos satisfeitos, porque se as operações não começarem no meado de Maio arriscam-se a fracassar, e daí a necessidade de se tratar activamente de concentrar as forças no planalto.

Os carregadores custam \$40, incluindo a alimentação, além de dois panos, sabão, etc.; são milhares e milhares, dando pouco rendimento e representando uma despesa enorme que quero restringir.

Os sete camiões transportam, no máximo, 10 toneladas todos juntos.

O transporte por carros *boers*, segundo um contrato que foi feito antes da minha chegada, custa 23\$40 a 28\$08 por carro, transportando cada um 2:250 a 2:780 quilogramas; ora o rendimento dos carros *boers*, a meu ver, é pequeno, embora tenham capacidade para uma carga relativamente grande; o tempo que gastam na viagem é muito, e o rendimento é função destes dois elementos.

Para pequeno efectivo pode convir, para grandes efectivos produz pouco.

Foi para atender a isto que reforcei e fiz a minha proposta para a aquisição de 80 camiões.

Julgo absolutamente indispensável que se proceda como vou ter a honra de expor a V. Ex.^a

1.^o *Caminho de ferro.*—Pôr de parte o estudo da variante.

Depois de ter visto aqui a questão, e considerá-la uma solução morosa, determinei que se levasse a linha férrea até o quilómetro 182, o que está quasi feito, e que se preparasse dali até o Lubango uma estrada para camiões.

Ainda, para que o caminho de ferro dê o rendimento indispensável, é necessário que venham as locomotivas a que se refere o meu telegrama de ontem.

Eu tenho de resolver uma questão de momento, não posso estar à procura do óptimo, não posso estar dependente de opiniões de altos técnicos com o seu restrito ponto de vista; e, por isso, trato com os técnicos daqui, que vêem as circunstâncias em que estou, que são práticos, como são o director do caminho de ferro (engenheiro Miranda Guedes) e o director do caminho de ferro de Benguela; assim é necessário que quanto antes se adquiram as locomotivas de que trata o meu telegrama de ontem.

Ontem mesmo telegrafei ao cônsul no Cabo, para me informar se é possível fazer ali a aquisição, o preço porque se obtêm e o tempo necessário para satisfazer a encomenda

2.^o *Camhões.*—São indispensáveis, aqueles que eu requisitei não são de mais.

É certo que se adquiriram aqui alguns, mas sou informado que não satisfazem.

Eu devo dizer a V. Ex.^a que, levada a linha férrea até o quilómetro 182, e construída a estrada para camiões que mandei fazer, obtêm-se o que se precisa já, e asseguram-se as comunicações do planalto com Mossamedes, bastando que para os camiões mais tarde se estabeleçam umas tarifas que permitam a conservação o mais despendas d'este meio de transportes.

3.^o *Os carros alentejanos.*—São necessários não só para a linha de *étapes*, mas ainda para constituir os trens regimentais e até os trens de combate.

4.º *Os camelos.*—Também devem dar bons resultados.

Ainda não foram empregados, por não terem cangalhas para o transporte das cargas; essas cangalhas foram entregues ontem e vou já mandá-las para a Vila Arriaga, a fim de dispensar carregadores dispendiosíssimos e com pequeno rendimento.

A questão financeira.—A despesa necessária para a realização destas operações é enorme.

Não posso por enquanto dizer a V. Ex.^a qual a despesa mensal, por isso que estou agora a ajuntar as contas das despesas que se fizeram antes de eu ter assumido o comando.

As dificuldades extraordinárias em que se viu o meu antecessor no governo da província deu origem, como não podia deixar de ser, a um serviço tumultuário nas requisições; era necessário resolvê-la de pronto, daí o facto de muitas autoridades a requisitarem.

Eu, porém, visto ter na minha mão o comando e o governo da província, estou em melhores condições e já dei as minhas ordens para só eu requisitar.

Vou terminar, pedindo a V. Ex.^a todo o seu apoio, pedindo a V. Ex.^a toda a liberdade de acção, porque somente assim poderei desempenhar a minha missão.

Em questões desta natureza toda a gente apresenta alvitres, todos dão opinião, todos apreciam, todos criticam, mas um só é que é responsável, e esse um sou eu, que quero assumir a inteira responsabilidade, e da qual darei contas a V. Ex.^a

Foi nestas condições que aceitei o comando e é somente nestas condições que o posso e devo desempenhar.

Saúde e Fraternidade.

Mossâmedes, 11 de Abril de 1915.—Ex.^{mo} Sr. Ministro das Colónias.—*Pereira de Eça*, general.

N.º 8

Governo Geral de Angola. — Serviço da República. — N.º 38-M. — Confidencial. — Ex.^{mo} Sr. — Acuso recebido o officio confidencial n.º 6, de V. Ex.^a, datado de 30 de Março último, no qual V. Ex.^a se digna comunicar-me as instruções do Governo da República, relativas à mi-

nha maneira de proceder, como comandante das forças expedicionárias.

Começa V. Ex.^a por se referir às relações do cônsul britânico comigo, relações que o Governo viu sem inquietação, ou sensível desprazer, mas que eu vi com muita satisfação por isso que, se não fôsem as informações dêle, eu não teria outras de verdadeiro valor, e V. Ex.^a bem compreende quanto eu preciso informações de confiança.

Nas instruções, a que me estou referindo, digna-se V. Ex.^a chamar a minha atenção para a questão indígena e para o caso de uma invasão das tropas do SW. alemão, frisando principalmente a questão indígena, por ser esta a que mais apaixonou a opinião pública, ou antes, como V. Ex.^a se digna dizer, «que a Nação encara com vivíssima ansiedade».

A êste respeito devo informar a V. Ex.^a que a *questão indígena*, com os efectivos de que disponho, e sendo satisfeitas todas as minhas requisições, reputo-a uma questão que não apresenta dificuldades; para mim a *questão importante* é a que pode resultar de qualquer movimento das tropas de Damaraland para a fronteira, ou em território nosso.

As informações que tenho dão um rápido movimento para a nossa fronteira; a sede do governo da colônia está em Grootfontein; abandonaram Winduck, não querendo combater ali, onde deixam mulheres e crianças, reservando-se para fazer resistência em Grootfontein; ora as tropas alemãs do SW. africano são aguerridas, não desanimam; se como se vê forem acossadas pelas tropas do general Botha, hão-de procurar incomodar-nos, supondo-nos, talvez, fracos, hão-de tentar quaisquer compensações, pretendendo apoderar-se de território nosso, o que talvez agrade ao partido nativista de Angola.

Para atender a isto, para me opor a qualquer investida, e para desfazer a impressão do insucesso de Naulila e do massacre do Cuangar, é necessário estar forte, e portanto não despendar forças, ter acentuada superioridade numérica, ter tudo na mão.

Por êste motivo julgo prejudicial, antes de bem esclarecida a questão da Damaraland e que me parece que em breve se esclarecerá, julgo prejudicial, repito, distrair de qualquer modo forças para operações com indígenas; para estas todo o tempo é tempo.

De resto V. Ex.^a compreende que bater indígenas,

somente não têm resultado; é necessário pacificar, fazer a occupação do território batido, completar a acção militar; para isso torna-se necessário distrair tropas; daí vem logo um desfalque de forças.

Quanto à attitude dos indígenas, as informações que tenho dão-me o seguinte: o Humbe, logo que vir começar o avanço das tropas para o seu território, submete-se, e, submetido ou batido, se fôr necessário, há-de ser devidamente castigado; o Cuamato está nas mesmas circunstâncias; o Cuanhama é que há-de apresentar resistência, principalmente na povoação em que está a mão do soba.

Aqui tem V. Ex.^a o que eu penso a este respeito e que me parece não estar fora, na sua idea geral, das instruções do Governo; não queira V. Ex.^a ver nesta minha maneira de pensar uma preocupação de beligerância com a Alemanha; eu direi a V. Ex.^a que, se os alemães vierem pedir a nossa protecção, como emigrados, ou entregando-se como prisioneiros, hão-de ser tratados com a humanidade que é uma característica da nobreza do povo portuguez; se, porém, se apresentarem como inimigos, hei-de recebê-los com a energia devida, para o que preciso ter as forças concentradas.

Eu peço a V. Ex.^a que me não suponha animado de pruridos de militarismo; o que eu entendo, e por o julgar patriótico, é que devo estar preparado para, no caso de pretenderem as forças alemãs invadir, com as armas na mão, o nosso território, levantar o prestigio e a dignidade nacional; isto primeiramente; depois a questão indígena.

Vou terminar agradecendo, muito reconhecido, o apoio que V. Ex.^a se tem dignado dar-me, e que revela, bem que, às suas qualidades de estadista, V. Ex.^a reúne as mais distintas qualidades militares; e que portanto avalia a liberdade de acção que deve ter o commando, e os sacrificios em dinheiro que o país precisa fazer, porque operações desta natureza, com grandes effectivos, sem recursos para se proceder ao abastecimento, com uma linha de communicações extensíssima e a necessidade de prover outras linhas, exigem uma despesa assustadora; embora haja o máximo escrúpulo, é necessário despende muito, aliás os sacrificios que até hoje se têm feito são em pura perda.

V. Ex.^a, como muito conhecedor, que é, das colónias portuguezas onde tantos serviços prestou, sabe bem a

falta de recursos que há, e eu agora, apesar de estar em muito melhor situação que o meu antecessor, ainda me vejo em muitas dificuldades e, Ex.^{mo} Sr., cada vez faço mais justiça ao governador que me precedeu, que êsse, então, viu-se numa situação difficilima e que com a sua energia procurou vencer.

Saúde e Fraternidade. — Mossâmedes, 5 de Maio de 1915. — Ao Ex.^{mo} Sr. Ministro das Colónias. — O Governador Geral de Angola, *Pereira de Eça*, general.

N.º 9

Organização do serviço de «étapes»

I

Linhas de comunicação

a) Linha principal

(Mossâmedes—Lubango—Gambos—..., desenvolvimento cerca de 350 quilómetros até Gambos).

1.º trço. Linha férrea de Mossâmedes.— Em exploração até o quilómetro 184 (provisoriamente até Vila Arriaga, a partir de 5 de Junho até o quilómetro 182). Rendimento útil diário, em média, 32 toneladas. Logo que aumente o material de tracção, com a vinda de novas locomotivas, deve o rendimento útil garantir o abastecimento de todas as forças em operações.

2.º trço. Caminho para carregadores, pela Chela (provisório).— Entre o quilómetro 184 (provisoriamente Vila Arriaga, a partir de 5 de Junho quilómetro 182) e Quilemba, ou sejam 6 quilómetros (até 5 de Junho, 16 quilómetros). 1:800 carregadores transportam, diariamente, toda a carga que é levada pelos combóios, à excepção dos volumes pesados, que são carregados em carros boers e que transitam pelo...

Caminho de carros boers (provisório).— Entre o quilómetro 184 (provisoriamente Vila Arriaga, a partir de 5 de Junho quilómetro 182) e o Lubango.

Estrada para automóveis (definitiva).— Entre o quilómetro 184 e Lubango. Logo que esteja concluída esta estrada será suprimido o transporte de cargas por car-

regadores, pela Serra da Chela, bem como, segundo todas as probabilidades, por carros boers, entre o quilómetro 184 e Lubango.

3.º trôço. Caminho para automóveis.— Entre Qui-lemba e Lubango, o 2.º trôço funde-se com êste e dá lugar ao definitivo.

4.º trôço. Estrada para automóveis.— Entre o quilómetro 184 e Lubango—Chibia—Gambos—... , que será a continuação natural do caminho de ferro, e por ela transitarão todos os abastecimentos, munições, material sanitário, etc., servindo igualmente de linha principal de evacuação de doentes, feridos, material apreendido, etc.

Como linha subsidiária tem esta linha o...

Caminho para carros boers.— Partindo da estação de Munhino e destinado ao trânsito de carros boers que, por enquanto, transportam volumes pesados e impróprios para serem conduzidos pelos carregadores que fazem serviço entre o *terminus* da linha férrea e a Qui-lemba.

b) Linha secundária

(Lubango—Quipungo—Capelongo—Cassinga—... , desenvolvimento entre Lubango e Cassinga, cêrca de 325 quilómetros).— Destinada ao abastecimento e evacuação do destacamento que há-de operar no vale do Cubango. É actualmente um caminho para carros boers, que vai ser adaptado ao trânsito de automóveis.

Poderá ser, como linha paralela, a partir do ponto A, para o Cuangar, o curso do rio Cubango, navegável em quási todo êsse percurso, desde que se consigam lanchas com motor ou mesmo jangadas, para se fazerem os transportes.

II

Funcionamento do serviço de «étapes»

Mossâmedes.— Estação depósito encarregada de receber toda a carga vinda nos vapores; de adquirir quaisquer gêneros ou artigo por exploração local; da expedição de todos os abastecimentos pelo caminho de ferro, segundo instruções a receber.

Deve dispor do seguinte pessoal:

1 capitão da administração militar, director do depósito, acumulando com o lugar de delegado do serviço de transportes;

1 oficial subalterno, do mesmo serviço, especialmente encarregado da recepção, conservação e expedição de géneros, dietas e forragens;

1 oficial subalterno, do mesmo serviço, encarregado da recepção, conservação e expedição de fardamento, material de subsistências, material sanitário, medicamentos, etc.;

1 oficial subalterno de artilharia, ou do serviço auxiliar, encarregado de receber e expedir o material de artilharia e o de engenharia;

Os sargentos e outras praças indispensáveis para os serviços de amanuenses, fiéis de depósitos, etc.;

1 encarregado (indígena) de 400 carregadores para o serviço de carga e descarga. O serviço da descarga dos vapores continua a ser feito pela capitania do porto.

Provisoriamente, enquanto permanecerem em Mossamedes as unidades aqui estacionadas actualmente, e a secção de carros alentejanos, há mais:

Officinas gerais para reparação de material de artilharia, engenharia e carros alentejanos, com artífices contratados e das unidades;

Uma enfermaria veterinária para o tratamento dos solpedes das referidas unidades e dos carros.

Observações.— A instalação, ou antes, transformação, da Estação Depósito, deve fazer-se logo que a sede da Direcção de *Étapes* e o Depósito Central de Subsistências e Fardamento mudem para o Lubango, o que se realizará quando o serviço do caminho de ferro, pelo aumento de locomotivas, dê garantia de regular funcionamento.

Munhino.—Pôsto de transição.— Encarregado de receber a carga transportada em caminho de ferro, destinada aos carros boers que transitam pelo caminho Munhino—Chacuto—Chibia.

Tem o seguinte pessoal:

1 oficial subalterno, comandante do pôsto;

4 soldados europeus;

50 carregadores.

Base de *étapes* (estação *terminus* do caminho de ferro.— Recebe toda a carga que é transportada pelo caminho de ferro, com excepção da que fica na estação do Munhino, e expede-a pelos camiões, eventualmente pelos

carros boers, para a linha principal de comunicações, 2.º trôço definitivo.

Provisòriamente, enquanto não está concluída a estrada para automóveis, entre o quilómetro 184 e Lubango, expede essa carga por carregadores para Quilemba, e por carros boers para Lubango.

Pessoal :

1 capitão comandante da base e comandante de estação de caminho de ferro ;

1 official subalterno, delegado do serviço dos transportes ;

2 sargentos para auxiliarem o serviço ;

1 sargento encarregado da escrituração e de um pequeno depòsito de géneros, para o abastecimento do pessoal do pòsto, tropas em trânsito e pessoal do caminho de ferro ;

Um destacamento de soldados indígenas para guarda dos depòsitos, etc. ;

Carregadores para o transporte de cargas para Quilemba (serviço provisório) e para o serviço de carga e de descarga. (Dispõe actualmente de uma enfermaria, dirigida por um facultativo do quadro de saúde de Angola e S. Tomé e Príncipe, para tratamento dos carregadores em serviço no transporte de cargas e que deve desaparecer, logo que êsse serviço cesse). Deve ter ainda, para o serviço da artilharia e engenharia de *étapes*, um sargento e um cabo e um soldado quarteleiro.

Quilemba — Pòsto de transição — Encarregado da recepção das cargas transportadas por carregadores, desde o *terminus* da linha férrea, da sua expedição para Lubango, por camiões ou carros boers.

Dispõe do seguinte pessoal :

1 capitão de infantaria, delegado dos transportes ;

2 sargentos ;

50 carregadores ;

20 soldados indígenas.

Observação.— Êste pòsto, logo que seja construída a estrada de automóveis, pode ser suprimido.

Lubango.— Sede da direcção, provisòriamente em Mossamedes, mas que para ali mudará logo que esteja assegurado o serviço regular dos combóios.

Serviços administrativos. — Depósito Central de Subsistências e Fardamento, provisoriamente em Mossâmedes, e a mudar nas mesmas condições da direcção.

Pessoal de que deve dispor:

1 capitão de infantaria ou de administração militar, director;

1 oficial subalterno da administração militar, encarregado do depósito de torragens;

2 oficiais subalternos, do mesmo serviço, encarregados do depósito de rações normais (sendo um para atender aos fornecimentos para a linha dos Cambos e outro para a linha de Cassinga);

1 oficial subalterno do mesmo serviço encarregado do depósito de fardamento e rações de reserva;

1 sargento encarregado do depósito de dietas;

Sargentos e outras praças para o serviço de amanuenses, fiéis, guardas, etc.;

Parque de reses conforme proposta já apresentada, convindo que seja dirigido por um oficial, com o pessoal necessário.

Padarias. — Actualmente existem duas secções de padaria, n.ºs 1 e 2, a primeira em Mossâmedes, e a segunda no Lubango, ambas a cargo dos serviços administrativos de 1.ª linha. Ignoro se esse serviço parará, como julgo, para os serviços de *étapes*. Sendo assim, decerto cessará a padaria de Mossâmedes, logo que as forças aqui estacionadas marchem para o planalto, ficando a funcionar a do Lubango, que talvez convenha mesmo mudar mais para a frente: Gambos, por exemplo, criando, além desta, uma em Cassinga, para as forças que hão-de operar no vale do Cubango. Que eu julgo bastante difícil o abastecimento de pão a forças de efectivos tão elevados, já pelo peso que esse abastecimento representa, já pelo volume, o que demanda um grande número de viaturas de marcha rápida — camiões-automóveis, de que não será fácil dispor, para tantos outros serviços são elles indispensáveis.

Serviço de engenharia. — Parque de engenharia — Centralizando o abastecimento para as duas linhas de comunicações.

Officinas gerais de reparação. — Comuns aos serviços de engenharia, artilharia e camiões-automóveis, utilizando nas suas instalações as oficinas do depósito de material de guerra do distrito da Huila.

Serviços de engenharia. — Depósitos de material de

guerra, aproveitando para a sua instalação o depósito de material de guerra do distrito de Huíla, respectivos paióis, etc.

Officinas gerais de reparações. — Estabelecidas nas condições indicadas para os serviços de engenharia.

Serviço de saúde. — O pouco que sei acêrca da organização destes serviços leva-me a concluir que haverá no Lubango:

Depósito Central de Medicamentos e Material Sanitário. — Além, com certeza, do serviço de hospitalização, o qual, segundo me disse o director do hospital, na minha recente ida ao Lubango, não está encorporado no serviço de saúde de *étapes*.

Serviço veterinário. — Enfermaria veterinária — No quartel do esquadrão de dragões, para cento e trinta solípedes.

Depósito de medicamentos, material de pensos e siderotécnico.

Serviço de transportes. — Secção de camiões-automóveis — Sede da secção:

Officinas de grandes reparações comuns aos serviços de engenharia e artilharia;

Depósito central de gasolina, óleo, sobressalentes;

Secção de carros boers, sede da secção, isto é, onde se realizam os diversos contratos, requisições, etc.;

Secção de carros alentejanos — Sede da secção.

Depósito central de carros, não distribuídos às unidades e serviços.

Officinas de reparações, carros, arreios.

Deverá ser o Lubango o ponto de partida comum para as duas linhas: Lubango-Gambos e Lubango-Capelongo-Cassinga.

Linha principal Lubango-Gambos

Chibia (pôsto principal de *étapes*).

Serviços administrativos. — Depósito avançado de subsistências, tendo como pessoal um gerente administrativo (oficial subalterno) e os sargentos e outras praças indispensáveis para o serviço.

Serviços de artilharia. — Depósito central de munições, com um oficial subalterno, um sargento e duas praças.

Outras reparações. — Aproveitando talvez as oficinas de António José de Almeida, existentes na localidade.

Serviços veterinários. — Pôsto de socorros veterinários para oito a dez solípedes.

Quilhita (pôsto ordinário de *étapes*). — Tendo apenas um depósito avançado de géneros a cargo de um sargento, com um cabo e quatro soldados.

Gambos (testa de *étapes* de estrada, provisória).

Serviços administrativos. — Funcionará como parque de reabastecimento. (Actualmente funciona, porém, como posto de *étapes* tendo em Cahama um pôsto anexo).

Serviços de engenharia. — Parque ou secção de reabastecimento. (A deslocar com a deslocação da T. E. E).

Oficina para pequenas reparações. — Idem.

Serviços de artilharia. — Depósito de munições de *étapes*.

Oficina de reparações ligeiras.

Serviço de saúde. — Depósito avançado de medicamentos e material sanitário. Além do serviço de hospitalização a fixar.

Serviço veterinário. — Enfermaria veterinária, para cento e vinte solípedes.

Depósito de material de pensos, medicamentos e material siderotécnico.

Linha secundária Lubango-Cassinga

Superintende em todos os serviços desta linha, como delegado do director de *étapes*, um official (capitão reformado do quadro ocidental).

Rio da Velha (pôsto de *étapes*).

Caculovar (pôsto de *étapes*).

Capunda-Cabilongo (pôsto de *étapes*).

Tcheungo (pôsto de *étapes*).

Todos estes postos se destinam a fornecer às tropas, em marcha, água, capim para o gado, lenha, etc., e têm apenas como guarnição, ou devem ter, três soldados indígenas.

Quipungo (pôsto principal de *étapes*).

Serviços administrativos. — Depósito avançado de subsistências, tendo como pessoal um gerente administrativo e os sargentos e mais praças indispensáveis para o serviço.

Serviço veterinário. — Posto de socorros veterinários.

Homoc (posto de *étapes*).

Chipopia (posto de *étapes*).

Estes postos têm as mesmas funções dos que são propostos para a linha entre Lubango e Quipungo e com o mesmo pessoal (três soldados indígenas).

Capelongo (posto principal de *étapes*).

Com uma organização análoga à do P. P. de Quipungo, sendo, além disso, a sede da delegação da Direcção de *Étapes*.

Falta a indicação dos postos a estabelecer entre Capelongo e Cassinga, que ainda não foi recebida do official encarregado de montar esse serviço.

Cassinga (testa de *étapes* de estrada provisória).

Serviços administrativos. — Funcionará como parque de reabastecimento.

Actualmente o serviço de *étapes* não passa de Capelongo, devendo ser prolongado até Cassinga, logo que a este respeito receba proposta do official encarregado da montagem desta linha.

Serviço de engenharia. — Deverá ter :

Parque ou secção de reabastecimentos ;

Officinas de reparações.

Serviço de artilharia. — Deverá ter :

Depósito de munições de *étapes* ;

Officina de reparações ligeiras.

Serviço de saúde. — Deverá ter :

Depósito avançado de medicamentos e material sanitário ;

Além do serviço de hospitalização a fixar.

Serviço veterinário. — Deverá ter :

Enfermaria veterinária para quarenta solípedes ;

Depósito de medicamentos, material de pensos e siderotécnico.

Deveria aqui apresentar uma relação do pessoal de que ainda carece o serviço de *étapes*. Não é possível fazê-lo por não dispor para esse fim de vários elementos,

como seja a proposta relativa ao funcionamento da linha Lubango-Cassinga, indicações concretas acêrca do funcionamento da serviço de saúde. De resto o pessoal em serviço nas *étapes* há-de fatalmente variar com o prolongamento das duas linhas de comunicações, disponibilidade de oficiais e praças das unidades, etc.

III

Funcionamento dos diversos serviços

Tendo exposto, dum modo geral, o funcionamento do serviço de *étapes*, julgo conveniente detalhar o funcionamento de cada um dos serviços que têm representação na Direcção de *Étapes*.

Serviço de engenharia

Não dispondo a direcção do pessoal técnico para dirigir este serviço, está elle entregue ao serviço de artilharia, cujo comandante acumula com o lugar de comandante de engenharia.

O serviço de engenharia está assim estabelecido:

Mossamedes — Depósito de recepção. — Desempenha as funções que o seu próprio nome indica, isto é, recebe da Europa, ou da exploração local, o material de engenharia e expede-o pela linha férrea, segundo ordens recebidas do comandante de engenharia de 1.^a linha.

O seu pessoal é o mesmo do serviço de artilharia.

Enquanto estão em Mossamedes as unidades aqui existentes, actualmente, executam-se também pequenas reparações de material, o que cessa logo que as mesmas unidades retirem.

Estação *terminus* do caminho de ferro, funciona como depósito de transição, tendo como missão apenas receber o material chegado do caminho de ferro, guardá-lo e expedi-lo na primeira oportunidade e segundo ordens recebidas para as linhas de *étapes*.

Não dispõe de pessoal especial.

Lubango — Parque de engenharia. — Onde será centralizado todo o material destinado a constituir as secções de reabastecimento das testas de *étapes*, das duas linhas Lubango-Gambos e Lubango-Cassinga.

Officinas de reparações. — Por princípio económico, o

ainda pela falta de pessoal operário, estabelecem-se no Lubango oficinas gerais, comuns aos serviços de artilharia, engenharia e transportes (secções de carros alentejanos e de camiões-automóveis), convindo aproveitar, para a instalação dessas oficinas, o que existe já no Depósito de Material de Guerra do distrito de Huíla. Parte das máquinas, ferramentas e matérias primas, destinadas estas especialmente a camiões, foram, já há tempo, requisitadas ao Quartel General do Comando Superior.

Gambos — Testa de *étapes* de estrada. — Parque ou secção de reabastecimento. Oficinas para pequenas reparações (estas instalações serão deslocadas com a testa de *étapes* de estrada).

Cassinga — Testa de *étapes* de estrada. — Parque ou secção de reabastecimento (a deslocar com a testa de *étapes* de estrada).

Serviço de artilharia

A partir da retaguarda para a frente, os serviços de artilharia de *étapes* devem constar de:

Depósitos;

Officinas;

Escalões de reabastecimento.

Depósitos na linha férrea:

Depósito de recepção — Mossâmedes.

Depósito de transmissão — *Terminus* da linha férrea.

Depósito na linha de *étapes*:

Depósito de material de guerra — Lubango.

Depósito central de munições — Chibia.

Depósitos de munições de *étapes* — Testas de *étapes*.

Officinas:

Officinas gerais — Mossâmedes (provisória) e Lubango.

Officinas de reparações ligeiras — Postos de *étapes* importantes.

Escalões de reabastecimento:

Depósito volante de munições — Na zona de operações.

Secção de reabastecimentos — Na zona de operações.

Serviço na linha férrea

Este serviço acha-se já descrito quando se tratou do funcionamento do serviço de *étapes*, pelo que se torna dispensável repetir o que ali ficou dito.

Serviço na linha de «étapes»

Igualmente este serviço se acha descrito quando tratei do funcionamento geral do serviço de *étapes*.

Serviço de reabastecimento de munições na zona de operações

Como parece que não existe coluna de munições de primeira linha, será preciso prolongar o serviço de reabastecimento da segunda linha para além das testas de *étapes* de estrada, ficando assim o remuniamento das forças a cargo de artilharia de *étapes*.

Nestas condições, propõe o comandante de artilharia o seguinte:

Cada coluna de tropa será seguida por uma coluna de munições, composta de dois escalões, designados da seguinte maneira (da retaguarda para a frente):

Depósito volante de munições;

Secção de reabastecimento.

O depósito volante de munições marcha no trem de combate, e a secção de reabastecimento marcha no combóio.

Os dois escalões terão sensivelmente a mesma dotação em munições e a sua composição depende do efectivo das forças a reabastecer. Para base do cálculo do número de viaturas necessárias, parece ao comandante de artilharia de *étapes* razoável com o seguinte remuniamento, relativo a cada escalão:

Infantaria, 100 tiros por espingarda;

Metralhadoras, 5:000 tiros por metralhadora;

Cavalaria, 60 tiros por carabina;

Artilharia, 130 tiros por peça.

Estas munições serão transportadas em carros de munições de infantaria, carros de munições de artilharia, carros alentejanos, carros boers e camiões-automóveis, constituindo em cada escalão duas secções de munições: uma de infantaria e outra de artilharia, cada uma delas sob o comando de um oficial.

Na constituição de cada secção deve entrar, pelo menos, um camião-automóvel para ocorrer a qualquer necessidade urgente de transporte de munições junto das forças.

O número das restantes viaturas a requisitar fica dependente dos efectivos e dos seguintes dados:

Cargas médias:

Carro alentejano, 500 quilogramas;
 Carro boer, 2:000 quilogramas;
 Carro de munições de infantaria, 14:000 cartuchos;
 Carro de munições de artilharia, 110 granadas;
 Camião-automóvel, 1:500 quilogramas;
 Muar de munições, 100 quilogramas.

O serviço de remuniamento das forças de infantaria deve fazer-se por trasbordo dos cunhetes de munições dos carros para as muares de munições de primeira linha; o serviço de remuniamento de artilharia deve fazer-se por troca de carros de munições, contanto que sejam entregues ao serviço de artilharia de *étapes* os cinco carros que excedem o «*pé de guerra*» de cada bateria.

Serviços administrativos

Acham-se descritos quando tratei do funcionamento geral dos serviços de *étapes*.

Serviços de saúde

Só de um modo muito geral posso referir-me a este serviço, por depender a sua organização de várias propostas entregues, directamente, ao quartel general, pelo Sr. chefe dos serviços de saúde de primeira linha.

Assim, haverá em Mossâmedes um depósito de recepção, e, segundo creio, um hospital fixo (Hospital Militar e Civil).

No Lubango será criado o depósito central de medicamentos e material sanitário.

Nos Gambos, um depósito avançado de medicamentos e material sanitário.

A respeito deste serviço é quanto posso dizer.

Serviço veterinário

I

Estabelecimentos veterinários de hospitalização e evacuação

Sem contar com a enfermaria veterinária que está sendo montada em Mossamedes, e que é de instalação provisória, deverão organizar-se três enfermarias veterinárias de carácter mais definitivo:

Uma no Lubango e uma em cada testa de *étapes* de estradas, das linhas Lubango-Gambos... e Lubango-Cassinga...

Para estabelecer a primeira utilizar-se hão as cavalariças do quartel do 1.º esquadrão de dragões, onde é possível, e em boas condições, hospitalizar até 130 solípedes, doentes, feridos e extenuados.

Para estabelecer as duas enfermarias utilizar-se hão quaisquer construções adequadas ou facilmente adaptáveis, se porventura as houver nesses locais, ou construir-se hão abarracamentos apropriados, embora de estrutura simples e fácil (pelo menos o chamado pau a pique) com coberturas de capim. Deverá contar-se com uma hospitalização provável de 40 solípedes para a enfermaria da T. E. E. na linha Lubango-Cassinga... e com uma hospitalização provável de 120 solípedes para a enfermaria da T. E. E. da linha Lubango-Gambos...

Cada uma destas três enfermarias deverá ter, bem separado e como dependência muito útil e necessária, um pequeno abarracamento-cavalariça (enfermaria de isolamento) destinado a receber para tratamento e observação os solípedes que apresentarem sintomas suspeitos de doença contagiosa (10 a 12 para cada enfermaria de isolamento).

Como complemento indispensável a estes estabelecimentos de hospitalização e evacuação, que assim ficam bastante distanciados, deverão montar-se ao longo das duas linhas de comunicação «postos de socorros veterinários» em pequenos abarracamentos-cavalariças de estrutura ligeira e capacidade para 8 a 10 solípedes, destinados a prestar tratamento e descanso a todos os solípedes em trânsito, que de tal necessitem, e a tornar mais fáceis as evacuações das enfermarias das T. E. E. para a enfermaria do Lubango, toda a vez que se torne ne-

cessário desaccumular as primeiras dos doentes, feridos e extenuados, cujo estado demande tratamento tam prolongado que os impossibilite de voltarem a tomar parte nas operações.

Na hipótese das duas enfermarias das T. E. E. ficarem estabelecidas, respectivamente, no Humbe e em Cassinga, os postos de socorros veterinários a montar são seis: três na linha de comunicações Lubango-Humbe (colocados na Chibia, Gambos e Cahama) e três na linha Lubango-Cassinga (colocados no Caculovar, Quipungo e Capelongo). Para outras hipóteses a montagem dos postos de socorros veterinários deverá ser feita em similares condições de número e situação.

II

Depósitos de material sanitário e siderotécnico

Junto a cada enfermaria veterinária, em casa ou abarracamento apropriado, deverá montar-se um depósito para reabastecimento de medicamentos, material de pensos e siderotécnico da respectiva enfermaria, dos postos de socorros mais próximos, e das unidades e formações de primeira linha. Por este facto deverão ter mais importância os depósitos situados nas T. E. E. e, portanto, mais fartamente providos.

III

Pessoal técnico e auxiliar

A execução dos serviços veterinários de *étapes* deverá competir:

a) A um official veterinário que, como chefe do serviço e junto da direcção de *étapes*, dirigirá e regulará todo o serviço segundo os preceitos regulamentares e em harmonia com as instruções técnicas especiais, que oportunamente lhe serão transmitidas;

b) A três officiaes veterinários, directamente subordinados ao chefe, como directores dos depósitos e cumulativamente chefes clínicos das enfermarias;

c) A dois ferradores em cada enfermaria, como pessoal de enfermagem. Dada, porém, a deficiência deste pessoal para todas as necessidades das tropas, pode substituir-se em cada enfermaria um dos ferradores por uma

praça habilitada com conhecimentos de medicina veterinária, pois particularmente se sabe haver três alunos dos 2.º e 3.º anos do curso de veterinária (1 cabo do batalhão de infantaria n.º 18 e 2 soldados do batalhão de infantaria n.º 16) que podem ser aproveitados com vantagem nesse serviço de enfermagem. De resto esse pessoal de enfermagem deverá ainda auxiliar o serviço do depósito respectivo.

d) Aos tratadores devidamente enquadrados, em número suficiente para cada enfermaria, para o serviço de guarda, trato e penso dos solpedes hospitalizados.

Esse pessoal auxiliar, reduzido ao mínimo indispensável para uma hospitalização máxima, deverá ser composto de 1 segundo sargento e 15 soldados para as enfermarias do Lubango e do Humbe (?) e de 1 primeiro cabo e 9 soldados para a enfermaria da T. E. E. na linha de Lubango-Cassinga;

e) A 1 ferrador para cada posto de socorros veterinários.

De sorte que, em resumo, o pessoal técnico auxiliar necessário à execução dos serviços deverá ser o seguinte:

Chefe dos serviços: 1 oficial veterinário.

Enfermaria e depósito do Lubango:

- 1 oficial veterinário.
- 1 segundo sargento.
- 1 ferrador.
- 1 praça, aluno do curso veterinário.
- 15 soldados tratadores.

Enfermaria e depósito na T. E. E. da linha Lubango-Humbe:

- 1 oficial veterinário.
- 1 segundo sargento.
- 1 ferrador.
- 1 praça, aluno do curso veterinário.
- 15 soldados tratadores.

Enfermaria e depósito na T. E. E. da linha Lubango-Cassinga:

- 1 oficial veterinário.
- 1 primeiro cabo.
- 1 ferrador.

1 praça, aluno do curso veterinário.
9 soldados tratadores.

6 postos de socorros veterinários: 6 ferradores.

IV

Material

Cada enfermaria deverá possuir: 1 ambulância veterinária, 1 par de bôlsas de ferrador, 1 oficina de ferrador e cravos e ferraduras necessários.

Cada depósito deverá possuir: medicamentos, materiais de penso e de manipulação necessários. Parte do material siderotécnico disponível, incluindo ferraduras e cravos.

Cada pôsto de socorros veterinários deverá possuir: 1 par de bôlsas de ferrador e uma pequena dotação em medicamentos, pensos e material siderotécnico.

Para reabastecimento do material sanitário e siderotécnico entre estes estabelecimentos de segunda linha e as unidades e formações de primeira linha não se torna necessário o emprêgo de viaturas especiais, por isso que tais reabastecimentos não deverão normalmente ultrapassar o pêso máximo de 100 a 150 quilogramas em volumes reduzidos, podendo por isso ser facilmente distribuídos e acomodados por diversas viaturas, utilizadas em outros reabastecimentos.

Quanto ao serviço veterinário junto dos parques de reses, êle poderá ser feito pelos oficiais veterinários encarregados das enfermarias veterinárias das T. E. E. se, como é de prever, os referidos parques forem estabelecidos junto das T. E. E. Isto em relação aos parques de primeira linha.

Quanto aos parques de reses a estabelecer na zona de *étapes*, no Lubango, o serviço veterinário seria desempenhado pelo oficial veterinário encarregado da enfermaria veterinária do Lubango.

Serviço telegráfico

Como êste serviço se acha todo englobado, sob a direcção do comando de engenharia de primeira linha, nada se me oferece dizer sôbre o seu funcionamento.

Serviço postal

Logo que o Quartel General do Comando Superior deixe de estacionar em Mossamedes, deverá organizar-se aqui uma estação postal de *étapes*. Esta estação, bem como todo o serviço postal de *étapes*, devem reger-se por instruções que, sei, foram elaboradas pelo Quartel General, e que peço me sejam entregues logo que possível fôr.

Serviço de transportes

Como serviço anexo ao de *étapes*, embora com uma organização semi-autónoma, existe uma direcção do serviço de transportes, subdividida nas seguintes secções:

Secção de camiões automóveis, secção de carros alentejanos, secção de carros boers e secção de camélos.

Estes diversos meios de transporte, além dos carregadores, têm sido empregados conforme as circunstâncias. Parece-me, porém, poder dizer, acêrca do seu emprego, o seguinte:

Os camiões-automóveis deveriam ter o mais largo emprego se o seu número pudesse ser muito mais elevado do que realmente virá a ser, mesmo depois de recebidos os 70 que ainda se esperam da Europa. Assim, apenas com o número que existe, ou virá a existir, supponho bem que aqueles não poderão chegar, de modo nenhum, para os diversos serviços que deles careçam. Estes serviços creio que são combóios de água para abastecimento de tropas em primeira linha, transporte de géneros entre as T. E. E. e as forças em primeira linha, secções de reabastecimentos de munições e, finalmente, combóios de *étapes*. Estes serviços têm de ser prestados, como se sabe, em duas linhas de *étapes* divergentes, uma Lubango-Gambos, outra Lubango-Cassinga, e não se deve perder de vista que, devido ao mau estado dos camiões, etc., o número dos camiões em consêrto e fora de serviço será forçosamente elevado.

Quanto aos carros boers e carros alentejanos, nunca poderão substituir os camiões-automóveis por lhes faltar a qualidade essencial, a velocidade. Assim o seu emprego, se bem que em larga escala, terá de ser circunscrito a acompanharem as forças em marcha, enquanto elas marcharem dentro da zona da retaguarda, e a fa-

zerem parte dos trens regimentais, e neste caso, ainda assim, apenas os carros alentejanos. Quanto ao seu emprêgo nos combóios de *étapes*, é valioso, decerto, mas moroso em extremo.

Os camelos parecê que estão indicados para a constituição dos trens de combate e julgo mesmo ser esta a idéa de S. Ex.^a o general comandante superior, quanto ao seu emprêgo.

Eis o que sôbre os diversos meios de transporte se me oferece dizer.

Mossâmedes, 31 de Maio de 1915.—O Director de *Étapes*, António Eduardo Romeiras de Macedo, major de infantaria.

N.º 9-A

BOLETIM

Situação das dependências do serviço de «*étapes*»
no dia 31 de Maio de 1915

| Designações | Situaç.º |
|--|-------------------------------|
| Quartel general da Direcção de <i>Étapes</i> | — Mossâmedes. |
| | E. D. . . . Mossâmedes. |
| | P. Esp. . . . Munhino. |
| | E. T. E. . . . Vila Arriaga. |
| | P. Esp. . . . Quilemba. |
| | P. P. E. . . . Lubango. |
| Linha principal de <i>étapes</i> | P. P. E. . . . Chibia. |
| | P. E. . . . Caungo. |
| | P. P. E. . . . Quihita. |
| | P. E. . . . Biriambundo. |
| | P. E. . . . Cahama. |
| | T. E. E. . . . Gambos. |
| Comando de <i>étapes</i> | P. A. . . . Cahama. |
| | P. P. E. . . . Quipungo. |
| Linha secundária. | P. P. E. . . . Capelongo. |
| | |
| Reserva de pessoal e tropas de <i>étapes</i> | — |
| Serviço de engenharia. | P. E. E. . . . Mossâmedes. |
| | S. R. Gambos. |
| | M. C. M. M. . . . Mossâmedes. |
| Serviço de artilharia. | D. M. Lubango. |
| | D. M. Chibia. |
| | D. M. Gambos. |

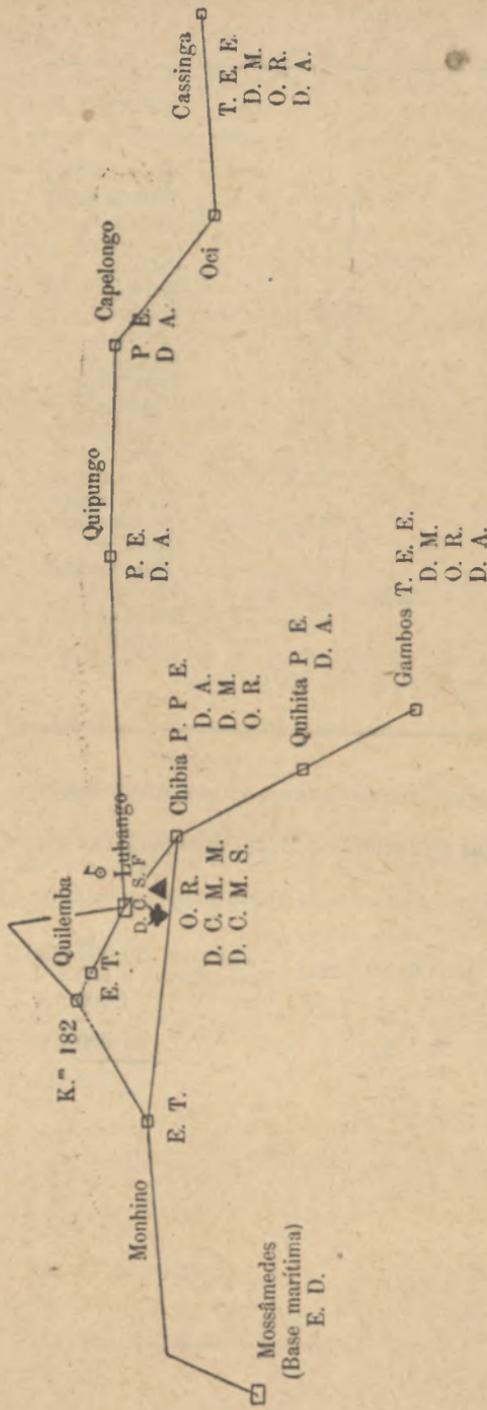
| Designações | | Situação |
|------------------------------------|----------------|---------------|
| | D. C. S. F. | Mossâmedes. |
| | - | Vila Arriaga. |
| | - | Quilemba. |
| | D. Int. . . . | Lubango. |
| Serviços administrativos | D. Dist. . . . | Chibia. |
| | D. Int. . . . | Quihita. |
| | D. | Gambos. |
| | DA. | Cahama. |
| | D. | Quipungo. |
| | DA. | Capelongo. |
| | H. | Lubango. |
| Serviço de saúde | P. S. | Vila Arriaga. |
| | H. | Chibia. |
| Serviço veterinário | D. M. V. . . . | Mossâmedes. |
| Pagadoria | - | Mossâmedes. |
| | Delegado | Mossâmedes. |
| | » | Munhino. |
| Serviço de transportes | » | Vila Arriaga. |
| | » | Quilemba. |
| | » | Lubango. |
| | » | Chibia. |
| Serviço telegráfico. | - | - |
| Serviço postal | - | - |

Distribuição dos aprovisionamentos na zona de «étapes»

Aprovisionamentos fornecidos às forças em operações

Às forças estacionadas no distrito de Huila é diariamente fornecido o seguinte:

| | |
|---|---|
| Tropas (6:000 homens e 1:000 solípedes) | { Viveres . 12:000 Quil. Forragens . 5:000 » |
| Carregadores | |
| Soma | <u>21:000</u> » |



P. P. E. Pôsto principal de *étapes*.
 P. E. . . . Pôsto de *étapes*.
 T. E. E. Testa de *étapes* de estrada.
 E. D. Estação de depósito.
 E. T. Estação de transição.
 δ Direcção de *étapes*.

D. C. M. M. Depósito Central de Munições e Material.
 D. M. . . . Depósito de Munições.
 O. R. . . . Oficina de reparações.
 D. C. M. S. Depósito Central de Material Sanitário.
 D. A. . . . Depósito avançado.
 D. C. S. F. Depósito Central de Subsistências e Fardamentos.
 Parque de réses.
 Padaria.

N.º 10

Relatório

Direcção de *Étapes*. — Lubango, 29 de Setembro de 1915. — Ao Sr. Director do Serviço de *Étapes*. — Mossamedes. — Do Chefe do Estado Maior do Serviço de *Étapes*.

I. — Serviço de que fui encarregado:

Em 15 de Junho recebi de V. Ex.^a, em virtude de determinação de S. Ex.^a o general, a incumbência de «visitar as linhas de *étapes* e regular o seu funcionamento, segundo indicações dadas por V. Ex.^a e que são em resumo as seguintes:

A) Harmonizar as dotações dos depósitos de géneros, ordenando a transferência, de uns para outros depósitos, dos géneros precisos para que ficassem, quanto possível, completas as rações normais, de reserva, etc.;

B) Dar ao Lubango a acção reguladora dos abastecimentos das duas linhas (Gambos e Cassinga) em face dos efectivos então existentes;

C) Tratar do abastecimento de água na linha principal de *étapes*;

D) Regularizar o serviço de transportes, segundo as bases por mim apresentadas.

A minha vinda ao planalto era ordenada na mesma ocasião em que S. Ex.^a o general partia para o planalto acompanhado pelos Srs. sub-chefe do estado maior e chefe dos Serviços Administrativos do Comando Superior.

No quilómetro 183, e ao apear-se da carruagem, S. Ex.^a o general chamava-me e dizia-me: «mande víveres e munições, é o que preciso».

II. — A situação em 16 de Junho de 1915:

Por motivos que são alheios a este relatório, vinha o comando superior reconhecendo a necessidade de iniciar as operações e instando junto do serviço de *étapes* por que este serviço activasse os seus trabalhos.

Mas o serviço lutava com dificuldades, umas impossíveis então de remover, e eram as que derivavam do pequeno rendimento do caminho de ferro, outras consequência da orientação que estava sendo seguida.

O gráfico que deixei nessa direcção mostra que nalguns periodos de 10 dias o rendimento do caminho de ferro era inferior ao consumo no planalto, sendo a diferença pedida aos depósitos, mas fazendo-se os abastecimentos duma maneira muito irregular em consequência das desproporções dos géneros existentes; nuns havia absoluta falta, noutros havia em quantidade relativamente demasiada.

A nomeação da comissão de linha, de que V. Ex.^a como eu fazíamos parte, não podia remover aquella dificuldade que derivava principalmente da insufficiente dotação do caminho de ferro em meios de tracção.

Mas tinham sido requisitadas novas máquinas ao Cabo e na ocasião da minha vinda para o planalto já se encontravam nas oficinas do caminho de ferro em Mossâmedes, tratando-se activamente da sua montagem.

Podia por isso prever-se que dentro em alguns dias esta dificuldade estaria removida, devendo por isso toda a atenção ser dirigida para o planalto, onde os serviços parecia não decorrerem como era necessário. Entre as várias questões que exigiam a minha atenção estavam, e em primeiro lugar, a do abastecimento de subsistências e o serviço de transportes.

O seu conhecimento exacto impunha-se.

III. — Estado do abastecimento de subsistências:

Na ocasião em que vim para o planalto, era a Repartição dos Serviços Administrativos, com sede em Mossâmedes, que indicava ao depósito desta cidade os géneros que diáriamente devia expedir, pelo caminho de ferro, para o planalto. Esta orientação era evidentemente errada. A Repartição dos Serviços Administrativos, em Mossâmedes, tendo como único guia as relações de existência enviadas pelos gerentes dos depósitos e desconhecendo os géneros em trânsito, as necessidades do consumo (que não obedecia a determinações rigorosas) e não tendo até essa data visitado a linha de *étapes*, verificando em cada depósito a existência que acusavam os preceitos seguidos na conservação e renovação dos géneros, etc., não podia de forma alguma dirigir convenientemente esse serviço.

A orientação então seguida e outras tentativas antes e depois feitas com o mesmo fim mostravam que esse serviço andava positivamente às apalpadelas e isso derivado da maneira errada como esta questão estava sendo interpretada.

O estado dos abastecimentos de subsistências no planalto dependia de dois factores:

a) Existências nos depósitos:

b) Géneros em trânsito em carros boers.

Existências em depósitos:

Quilemba.— Este depósito acusava em 16 de Junho de 1915 a seguinte existência:

Vinho, 50 toneladas.

Forragens, 85 toneladas.

Diversos, 50 toneladas.

Estes números dispensam por si quaisquer comentários; são o reflexo da orientação que estava sendo seguida na remessa de subsistências para o planalto.

Era este depósito considerado como de transição entre o da estação *terminus* do caminho de ferro e a do Lubango.

A meu ver deveria ter sido sempre considerado como um anexo do do Lubango. Nesse sentido orientei depois o serviço.

Lubango.— Ponto de convergência das duas linhas de abastecimentos (Gambos e Cassinga), estava naturalmente indicado que lhe fôsse atribuída a função de depósito regulador. Era o primeiro depósito organizado em vista da recepção, conservação e expedição de géneros.

Expedia este depósito os géneros para as duas linhas e tinha ainda a distribuição de géneros às unidades que em efectivo sempre relativamente elevado se encontravam nesta localidade.

Natural e necessário era por isso que lhe fôsse dada plena liberdade de requisição para Mossâmedes. Não acontecia assim, como já expus, e o Lubango nem conhecimento tinha do que lhe era enviado.

Sabe V. Ex.^a que a essa direcção chegavam algumas vezes requisições urgentes de géneros dos depósitos de Chibia e Gambos, e isto decerto porque o Lubango as não podia satisfazer.

Vim encontrar o depósito do Lubango em via de organização. A circunstância de o official encarregado deste depósito ter sido nomeado poucos dias antes e ter por isso necessidade de delimitar as responsabilidades da sua gerência, tanto mais que não lhe havia sido feita uma entrega do depósito como seria necessário, e ainda a circunstância do grande movimento deste depósito, em virtude da recepção, expedição e distribuição de géneros, não permitiam o conhecimento exacto, nos primeiros dias, da existência dos géneros.

Entretanto foi combinada com este official a maneira de orientar o serviço do abastecimento de subsistências. Daqui e do que, como chefe da 2.^a Repartição do extinto quartel general do Ex.^{mo} tenente-coronel Roçadas, tive occasião de observar, concluí que, sendo impossível estabelecer de pronto a conveniente proporção nos géneros existentes nos diversos depósitos, a orientação mais conveniente seria que o depósito de Mossamedes e desde logo iniciasse uma remessa regular de géneros, em vista das necessidades presentes e previstas, e, por meio de requisições extraordinárias a Mossamedes e transferências de géneros dêsse para outros depósitos, se fôsse procurando estabelecer a desejada proporção dos géneros.

Como sintoma do estado em que encontrei estes serviços, bastará dizer que depósitos havia que tinham necessidade de pedir aos da frente géneros que já dêssem depósitos tinham saído.

É assim que no dia 18 de Junho, ao mesmo tempo que enviava para os Gambos quatro camiões com forragens, pedia áquele depósito que para o Lubango enviasse 500 quilogramas de açúcar.

É, porém, conveniente observar desde já que, a não ser nos depósitos destinados apenas a viveres de trânsito, a que podia e convinha attribuir uma dotação certa, não era possível em pouco tempo nem convinha manter uma proporção absoluta e conforme uma determinada tabela.

Não era possível porque nalguns depósitos havia muitos géneros incapazes para consumo, cuja quantidade e qualidade ainda não estavam precisamente averiguadas e ainda porque, por motivos que adiante exporei, não era conhecida a quantidade e qualidade dos géneros em trânsito em virtude da falta de indicações officiais e ainda pela constante variação de trabalhadores e necessidade de utilizar alguns géneros, milho, feijão, arroz, etc., para transacções com os indígenas.

O que estava, pois, naturalmente indicado, era que nos depósitos destinados a viveres de trânsito, como Chibia, Quihita, Binguiri, etc., se lhes attribuisse uma dotação certa conforme uma determinada tabela, e que nos outros, como Lubango, Gambos, etc., se permitisse uma certa folga nalguns géneros já indicados e outros para fazer face ao que indiquei, sem prejuízo da indispensável proporção nos destinados ao abastecimento e rea-

bastecimento das tropas. Mas embora assim fôsse, o meu objectivo devia ser atenuar o mais possível a desproporção existente, procurando uma proporção razoável. Nesse sentido orientei os meus esforços.

Resolvida, pois, a orientação a seguir nas requisições para Mossâmedes, base em que devia assentar depois todo o movimento de víveres, dirigi a V. Ex.^a, em 19 de Junho, a requisição que transcrevo :

«A fim regular abastecimentos é indispensável Lubango requisite rações completas e Mossâmedes forneça integralmente. Também é preciso gêneros em trânsito, motivo requisições anteriores ou extraordinárias, se não confundam com as de rações completas. Nestas condições solicito V. Ex.^a ordens necessárias para execução e fiscalização a fim de ser satisfeita desde já seguinte requisição. Requisito para depósito Lubango, harmonia últimas instruções serviços administrativos: 42 000 rações normais R. N. tabela I; 5:000 rações indígenas R. I.; 14:000 rações forragens R. F. Esta requisição constitui uma série. Satisfeita esta, director depósito Mossâmedes sem necessidade nova requisição irá remetendo sucessivas séries, informando depósito Lubango data começa e termina carregamento cada série. Estas são consideradas requisições ordinárias. Oportunamente serão feitas requisições extraordinárias a fim constituir rações completas com gêneros vierem a ficar em desproporção. Em cada série volumes devem trazer letra indicativa série, exemplo — 1.^a série.

Guias respectivas devem trazer igual indicação. Todas estas requisições são destinadas Lubango que satisfará toda requisição frente.

Falta qualquer género não prejudica restantes. Disciplina abastecimentos depende da comparticipação metódica depósito e transportes Mossâmedes na execução desde já remessas forma evitar confusão ou perda tempo. Espero assim alcançar objectivo V. Ex.^a».

A circunstância de V. Ex.^a me ter indicado, relativamente à regularização do serviço de abastecimento de subsistências, que era êsse o «fim principal para que S. Ex.^a o general tinha ordenado a minha vinda» e os termos em que está redigido o meu telegrama, mostrando que eu considerava a sua integral satisfação como base para se conseguir a disciplina dos abastecimentos, fa-

ziam-me esperar que o que eu solicitava de V. Ex.^a seria absolutamente satisfeito, tanto mais que o resultado obtido ficava inteiramente à responsabilidade das atribuições que me tinham sido dadas. Nessa conformidade dei aos delegados dos serviços de transportes no quilómetro 183 e Quilemba as necessárias indicações para que, em face da nova orientação, não sobreviessem equívocos prejudiciais ao serviço.

Nos dias 16 e 19 ocupei-me ainda doutros serviços a que adiante me referirei.

No dia 20 continuei a minha visita à linha de *étapes*.

Chibia. — Neste depósito havia a mesma desproporção de géneros. O gerente administrativo, o Sr. tenente da administração militar, Manuel Mendes, conhecia e dirigia bem o serviço, procurando remediar faltas de que não tinha a responsabilidade.

Quihita. — Êste depósito estava confiado ao segundo sargento da administração militar, Manuel Dias Vasconcelos, sargento cuidadoso.

Dos géneros existentes, alguns, como a farinha, massa e bacalhau, estavam na sua quási totalidade incapazes para consumo. Foram depois empregados no pagamento ao gentio de serviços prestados e na compra de capim.

Mais tarde foi êste sargento, por motivo de doença, substituído pelo segundo sargento de infantaria, Augusto António de Oliveira, muito dedicado e cuidadoso, que neste depósito prestou muito bons serviços.

Gambos. — Neste depósito o serviço decorria mal. Os dois oficiais da administração militar, ambos alferes, sem experiência e doentes, vendo-se assoberbados com serviço, não tinham conseguido orientar êste dum modo satisfatório, apesar dos seus esforços, pois lhes reconheci dedicação pelo serviço.

O movimento neste depósito era relativamente grande, não só em vista da recepção dos géneros vindos do Lubango em camiões e carros boers, mas ainda em consequência da distribuição às unidades ali estacionadas e remessa de géneros às unidades do Pocolo, Otchinjan, Forno de Cal, Tchiepepe e Cahama. O abastecimento era feito sem qualquer método ou previsão; daí resultavam bastantes sobressaltos para as unidades estacionadas naquelas localidades, alguns dos quais se fizeram

sentir na própria Direcção de *Étapes*, em Mossâmedes. As suas causas serão indicadas adiante quando tratar do serviço de transportes.

Não foi possível conhecer aqui a existência exacta dos géneros do depósito; a existência dada não merecia confiança.

Como grande quantidade de géneros estava incapaz para o consumo, foi determinada a sua separação e pedido um balanço rigoroso para se conhecer a existência exacta. Aos gerentes foram dadas as indicações necessárias para a orientação a seguir de futuro.

Forno de Cal e Binguero. — No dia 22 de Junho acompanhei S. Ex.^a o general numa visita aos depósitos do Forno de Cal e Binguero. Neste havia pequena quantidade de géneros; naquele, porém, em maior quantidade.

Também foram visitadas as cacimbas e determinados alguns trabalhos de limpeza no Binguero. Nestes dois pontos havia bastante água.

No depósito do Forno de Cal foram também dadas as necessárias indicações para a separação dos géneros em mau estado e conservação dos restantes.

O depósito do Forno de Cal ficava desde então considerado como um anexo do dos Gambos.

No dia seguinte parti para o Lubango onde se tornava necessário assegurar a continuidade dos trabalhos iniciados e impulsionar os serviços de abastecimentos e transportes.

No dia 24 de Junho podia já, com alguma aproximação, organizar-se um mapa do estado dos abastecimentos dos diversos depósitos, embora a verificação não estivesse ainda completa e por isso não estivessem inteiramente separados os julgados incapazes para o consumo.

Existência nos diversos depósitos

| Forno de Cal | Litros ou quilogramas | | | | Gêneros | Observações |
|--------------|-----------------------|---------|--------|---------|---------------------------------------|-------------|
| | Gambos | Quihita | Chibia | Lubango | | |
| — | 142 | 540 | 10:016 | 197 | Café | |
| — | 4:906 | 600 | — | 1:815 | Açúcar | |
| — | 56:500 | 6:600 | 1:430 | 3:091 | Farinha | |
| 6:661 | 26:624 | 5:980 | 5:358 | 36:493 | Legumes secos | R. N. |
| 2:350 | 21:134 | 6:000 | 1:341 | 10:943 | Massa | |
| 4:363 | 2:681 | 2:000 | 4:506 | 19:717 | Arroz | |
| 300 | 5:271 | 1:115 | 2:955 | 12:105 | Toucinho | |
| 450 | 2:155 | 150 | 677 | 6:249 | Azeite | |
| — | 1:584 | — | 2:087 | 5:093 | Banha | |
| 545 | 18:789 | 467 | 1:308 | 6:450 | Sal | |
| 600 | 12:160 | — | 1:727 | 1:678 | Vinagre | R. N. |
| 18 | 43 | 45 | 183 | 53 | Pimenta | |
| — | — | — | 5:822 | 8:151 | Vinho | |
| 900 | 3:457 | — | 1:831 | 7:592 | Chouriço | |
| 2:688 | 49:677 | 2:000 | 5:325 | 7:235 | Bacalhau | |
| 12:000 | 59:608 | — | 83 | 20:501 | Bolacha | |
| 4:252 | 15:612 | — | 2:012 | 1:365 | Conservas de carne ou peixe | |
| 6:006 | 10:566 | — | 103 | — | Rancho confeccionado | R. R. |
| — | — | — | — | — | R. R. M. Militar | |
| 1:500 | 1:199 | — | — | — | Atum e sardinha | |
| — | 1:220 | — | 1:800 | 7:272 | Forragens | R. F. |
| — | 23:200 | 1:000 | — | 769 | Fuba e feijão | |
| — | — | — | — | — | Arroz e milho | |
| — | 4:981 | — | — | 391 | Peixe seco | R. I. |
| — | — | — | — | — | Azeite de peixe | |
| — | 443 | — | 143 | 1:170 | Tabaco | |
| — | 138 | — | — | 0,200 | Tabaco francês | |
| — | 1:973 | — | — | 555 | Tabaco holandês | |
| — | 127:461 | — | — | — | Papel de fumar | |
| — | 24:279 | — | — | 2:410 | Fósforos ex. | |
| 2:000 | 16:466 | — | 534 | 2:937 | Sabão | |
| — | 2:658 | — | — | 190 | Aguardente | |
| — | 1:230 | — | — | 4:077 | Carbureto | Diver- |
| — | — | — | — | 20 | Farinha Maisene | soas |
| — | — | — | — | 106 | Fava | |
| — | 123 | — | — | 50 | Tapioca | |
| — | 864 | — | — | — | Manteiga de vaca | |
| — | 6:287 | — | — | — | Marmelada | |
| — | 2:433 | — | — | — | Velas | |
| — | 1:059 | — | — | — | Geleia | |

No rápido exame deste mapa sobressai imediatamente a desproporção enorme nos géneros, não só dum para outro depósito, como no mesmo depósito; assim:

1.º O depósito dos Gambos, onde havia mais de 80:000 rações de víveres, embora com falta dalguns géneros, tinha apenas forragens para um dia; no de Quihita não havia forragens. No conjunto a deficiência de forragens era enorme e eu tive de pedir depois a Mossâmedes perto de 200 toneladas em remessas extraordinárias para restabelecer o indispensável equilíbrio.

2.º No Lubango, onde faltavam por completo conservas e rancho confeccionado, R. R. tipo Manutenção Militar, conservas de peixe, atum, sardinha, etc., havia 7 toneladas de chouriço e igual quantidade de bacalhau.

3.º Nos Gambos, onde havia forragens apenas para um dia, 1:220 quilogramas, existiam mais de 7 toneladas de marmelada e geleia e 16 toneladas de sabão.

4.º A Chibia não tinha açúcar e tinha 10 toneladas de café, entretanto nos Gambos havia 5 toneladas de açúcar e apenas 142 quilogramas de café.

Viveres em trânsito. — Se o conhecimento exacto das existências dos depósitos não foi possível, o conhecimento, embora aproximado, dos víveres em trânsito foi na ocasião impossível.

Eu considero víveres em trânsito os transportados apenas em carros boers, pela demora dos seus trajectos; os transportados em camiões, passando num mesmo dia da carga dum para a doutro depósito, não são aqui considerados.

Os carros boers transportavam então géneros para os seguintes destinos:

De Lubango, para Chibia, Gambos, Quipungo, Quihita, Capelongo e Cassinga.

Da Chibia, para Quihita, Gambos, Quipungo e Capelongo.

De Gambos, para Forno de Cal, Tchiepepe, Cahama e Otchinjau.

Esta questão prende-se intimamente com a dos transportes e por isso a tratarei aqui ligeiramente.

O principal movimento de carros era o do Lubango para diversos destinos; depois o dos Gambos. Da Chibia poucos carros partiam. Como já referi, o conhecimento dos géneros em trânsito era absolutamente necessario. Por isso instei junto dos depósitos do Lubango e Gambos para que me comunicassem. Depressa reco-

nheci a falta dum registo rigoroso. No Lubango havia uma delegação do serviço de transportes onde devia haver o indispensável registo do movimento dos carros. Era evidentemente natural que no depósito devia ficar registado por cada carro a carga-saída com indicação da data, quantidade e qualidade dos géneros, números do carro, nome do carreiro e proprietário, etc. Por sua vez o delegado do serviço de transportes devia ter um registo análogo. E, como isto é naturalmente simples e indispensável, procurei a verificação no confronto dos dois registos. A falta de concordância nas indicações que me eram dadas levou-me depressa a esta conclusão: no depósito como na delegação dos transportes não me podiam fornecer indicações que merecessem confiança. Devo recordar aqui o que já expus: o depósito de Lubango estava em via de organização; o official, então gerente, não podia ser culpado por faltas que vinham do antecedente e estava empenhando dedicadamente os seus esforços para o melhoramento do serviço.

Na Chibia o movimento era insignificante; os officiais encarregados do depósito e transportes desempenhavam o serviço duma maneira satisfatória, para o que decerto contribuía a sua permanência naquella pòsto havia já meses.

Nos Gambos este serviço estava mal orientado. Conhecia, é certo, os géneros que tinham sido carregados para os diversos postos da frente, embora de um modo insufficiente e sem garantias de confiança. Mas o gerente não sabia dos géneros que chegavam ao seu destino a não ser duma maneira indirecta, e quando as unidades, estacionadas na Cahama e Otchinjau, lhe requisitassem urgentemente géneros, recorrendo então aos camiões para acudir à situação.

Na minha passagem pelo pòsto foram dadas as instruções convenientes para a orientação do serviço no futuro, mas dada a grande distância a que alguns postos se encontravam, nomeadamente Cahama e Otchinjau, só daí a alguns dias o serviço podia ser normalizado.

Este foi o estado em que encontrei o serviço dos abastecimentos de subsistências no planalto. Impossível era, em face do exposto, regularizá-lo de pronto.

S. Ex.^a o general, que vinha acompanhando de perto toda esta questão, dizia que, não podendo esperar-se que os serviços viessem a correr bem, se empenhassem todos os esforços para que corressem o menos mal pos-

sível. Foi para o conseguir que empenhei os meus esforços.

Do que fica exposto se conclui que os únicos elementos de que então dispunha eram constituídos pelas existências dos diversos depósitos, que, como já disse, não podiam ainda ser consideradas rigorosas. Estas faziam-me conhecer dum modo aproximado as necessidades dos diversos depósitos. Em face destes elementos informei em 28 de Junho o depósito do Lubango do movimento dos géneros a efectuar para os depósitos da Chibia, Quihita e Gambos, indicando a ordem por que devia ser feita a remessa e os meios de transporte a utilizar.

A maior parte dos camiões e nos primeiros dias todos os carros boers foram empregados exclusivamente no transporte de forragens.

No dia 29 era enviada aos diversos depósitos a indicação dos géneros que em face da dotação arbitrada tinham a receber do pósto anterior e a enviar para o imediato.

Orientando assim o serviço do planalto, tendo dirigido a V. Ex.^a a requisição que definia a orientação a seguir na remessa de géneros de Mossamedes para o Lubango, estava lançada a base donde se esperava a tam desejada disciplina dos abastecimentos.

IV. — *Serviço dos transportes.* — Os meios de transporte que estavam sendo utilizados pelo serviço de *étapes* eram: a) carregadores; b) camiões; c) carros boers. Os camelos existentes no Lubango, à disposição do serviço de *étapes*, estavam, quando vim ao planalto, na sua quasi totalidade incapazes de serviço. Depois foram mandados, à medida que iam estando em condições de serviço, a diversos destinos: comandos de Cassinga, Gambos, etc. Os carros alentejanos existentes no planalto estavam todos distribuídos às unidades. A S. Ex.^a o general propus que estes carros fôsem aproveitados, os do Lubango para o transporte de géneros da Quihita, os da Chibia para o transporte do Lubango para aquela localidade.

Tendo S. Ex.^a aprovado, foram expedidas ordens nesse sentido e no Lubango os carros disponíveis do serviço privativo das unidades foram empregados nesse serviço, organizando-se vários combóios.

Os da Chibia não chegaram a ser utilizados para este serviço, porque, quando se encontravam reparados e iam ser utilizados, foram iniciadas as marchas de concentra-

ção. Os carros sucessivamente vindos de Mossamedes foram e têm sido aproveitados nos transportes de géneros e material urgente, tendo-se organizado combóios para Gambos e Humbe, e dois combóios para o transporte urgente de gasolina para Gambos, que depois seguiram com géneros até ao Humbe.

Últimamente foi organizado um combóio destes carros para Capelongo. No regresso estes carros têm sido utilizados para o transporte de doentes, mochilas ou sacos de praças que marcham a pé e material diverso. A sua pequena velocidade de transporte é compensada com a sua relativa rapidez da marcha, podendo dizer-se que o seu rendimento é aproximadamente de 1/2,5 do carro boer.

a) *Carregadores.* — Em 16 de Junho os carregadores estavam sendo empregados nos transportes de 183 quilogramas para a Quilemba. Dêste pôsto, e devido à falta de camiões, estavam também alguns sendo mandados ao Lubango, recurso que por várias vezes tem sido empregado para remediar a falta temporária de camiões.

Em 5 de Agosto propus a S. Ex.^a o general que fôsse reduzido a 25 o número de forragens e de víveres transportados pelo caminho de ferro, pois na ocasião se encontravam já 314 toneladas na Quilemba e 80 em Vila Arriaga, tendo assim com o existente no Lubango e em trânsito garantido o abastecimento para todo o período de operações e podendo, por isso, facilitar-se o transporte de carga para o comércio, e aproveitar os carregadores disponíveis no quilómetro 183 para o transporte de carga da Quilemba para o Lubango, dispensando carros.

Esta proposta mereceu a aprovação de S. Ex.^a o general e em 6, por ordem do mesmo Ex.^{mo} Sr., a comuniquei a V. Ex.^a

Tendo, em seguida à entrada em N'giva, S. Ex.^a o general determinado que fôsse postos à minha disposição na Chimbua os auxiliares bailundos em número aproximado a 450, que tinham acompanhado a coluna do Evalé, foram os mesmos aproveitados como carregadores no transporte de géneros da Chimbua para a Mongua, do Chicusso para Humbe e Mongua, etc.

Actualmente, no território do baixo Cunene, também se está recorrendo a indígenas para transporte de géneros. A sua utilização é vantajosa. Na Chimbua dava-se-lhes como alimentação uma quantidade de géneros que

não excedia 0,400 quilogramas, fazendo-lhes a compensação em carne. Podê dizer-se que o rendimento de 45 carregadores corresponde ao de um carro boer.

b) *Camiões*.— Importante foi o serviço prestado pelos camiões durante todo o tempo de preparação e execução das operações, como importante tem sido também o auxílio prestado durante a evacuação.

A sua velocidade permitiu em muitas vezes acudir a situações difíceis. No decurso d'êste relatório ficará isto bem evidenciado.

Na ocasião em que cheguei ao planalto era muito reduzido o número de camiões ao serviço. Dos 80 camiões *Fiat* esperados, tinham apenas chegado a Mossâmedes 10, dos quais 9 ao planalto por ter ficado um no Giraul em resultado de avaria.

Comecei, como era natural, por uma visita às oficinas do Lubango, então dirigidas pelo Sr. alferes de infantaria F. Chaves. Imediatamente reconheci que os esforços e boa vontade d'êste oficial não chegavam para fazer face às exigências do serviço e que era indispensável impulsioná-lo antes da chegada dos novos camiões. Nessa ocasião existiam à disposição das forças os camiões constantes do seguinte quadro:

| Marcas | Prontos para serviço | Em reparação ou avariados | Total | Observações |
|-----------------------|----------------------|---------------------------|-------|---|
| <i>Fiat</i> | 8 | (a) 9 | 17 | (a) No Giraul um. |
| <i>Unic</i> | 1 | 2 | 3 | |
| <i>Napier</i> | 1 | 5 | 6 | |
| <i>Wils</i> | 1 | 2 | 3 | |
| Diversos . . . | — | 21 | 21 | 2 em Vila Arriaga e 2 em Mossâmedes. |
| <i>Soma</i> | 11 | 39 | 50 | |

Dêstes, apenas os camiões *Fiat* faziam serviço para os Gambos. Os restantes eram empregados quasi exclusivamente entre Lubango e Quilemba.

A quasi totalidade dos camiões incluídos na designação «Diversos» não chegou a fazer serviço, uns por estarem completamente inutilizados, outros por não poderem ser utilizados nas nossas estradas. O único camião que fez bom serviço e em boas condições foi o da marca *Fiat*. A aquisição dos restantes representou uma despesa inútil.

Algumas tentativas para pôr os camiões no Lubango, sem prejuízo dos transportes por caminho de ferro, não deram resultado. O reconhecimento que fiz até próximo do Giraul e os esforços do Sr. alferes Chaves não foram bem sucedidos, reconhecendo-se a impossibilidade de os levar ao Lubango pela via ordinária, tendo afinal de recorrer-se ao caminho de ferro para o seu transporte. Mas a estrada de Vila Arriaga ao Lubango encontrava-se em péssimas condições para a marcha dos camiões e daí resultou que alguns chegaram já avariados ao Lubango, antes mesmo de terem prestado qualquer serviço. Poderia com antecedência ter-se mandado proceder a algumas ligeiras reparações nas estradas; na ocasião era impossível por falta de tempo e carregadores.

Expus a S. Ex.^a o general a situação em que tinha encontrado o serviço dos camiões e propus a nomeação do Sr. tenente de engenharia Teixeira para o dirigir.

S. Ex.^a aprovou o foram dadas as ordens necessárias para a sua urgente apresentação. Ficou no Lubango enquanto o Sr. alferes Chaves ia para os Gambos, onde era indispensável a montagem duma pequena oficina de reparações ligeiras. Pouco depois S. Ex.^a autorizava gratificações ao pessoal por motivos de trabalho extraordinário ou da sua dedicação pelo serviço.

Estes camiões passaram a ser empregados no transporte de géneros mais urgentes em vista das necessidades do consumo.

Durante a primeira quinzena de Julho chegaram ao Lubango os 70 camiões esperados e passaram a ser utilizados nos transportes de géneros para os diversos pontos segundo a orientação que adiante indicarei.

Como já expus, o serviço prestado pelos camiões foi importante e sem êle não se teriam realizado as operações. Pena foi que se não pudesse desde o princípio dar a êste serviço a orientação que lhe convinha. Mas por diversos motivos, e entre eles a urgência nos transportes, não foi possível regularizá-lo dum modo conveniente, principalmente no que dizia respeito ao movimento. Deveria ter-se constituído logo ao princípio uma companhia de camiões para a sua organização, administração, disciplina, etc., dotado dos quadros indispensáveis ao movimento como ao funcionamento das oficinas.

Êste pessoal deveria ter vindo de Lisboa com os primeiros camiões, pois aqui só à custa das unidades podia ser obtido e estas encontraram-se logo de princípio des-

falcadas em consequência dos que regressavam à metrópole por motivo de doença. Na parte técnica as dificuldades foram sempre muitas. De Lisboa veio pessoal em grande parte sem prática do serviço, e isto tanto nos *chauffeurs* como nos mecânicos. A muita dedicação dos oficiais empregados neste serviço se deve o rendimento que deles se tirou.

Contava-se desde o princípio com 6 carros-officinas e o respectivo pessoal. Veio apenas uma, insufficientemente provida, de sorte que o auxílio que veio a trazer foi muito inferior ao esperado. Projectava-se e eram indispensáveis oficinas nos Gambos, Ediva e Humbe, além das do Lubango, tanto para reparações demoradas como para acudir a avarias ligeiras durante os trajectos. Mas a falta dos carros-officinas, do material e pessoal indispensáveis, prejudicou tudo, e os simulacros de oficinas dos Gambos, Ediva e Humbe são apenas o resultado da boa vontade e dedicação dos oficiais que dirigiam este serviço. A falta de sobressalentes foi sempre sentida, obrigando um grande número de carros a ser conservado fora do serviço.

Apesar, porém, do que fica exposto relativamente às dificuldades com que se lutou constantemente no serviço dos camiões, o seu auxílio às operações foi valioso e indispensável. Pode sem receio de erro grosseiro dizer-se que a tonelagem transportada em camiões deve aproximar-se muito da transportada em carros boers. Também se pode dizer que o rendimento dos camiões é aproximadamente quádruplo do do carro boer.

c) *Carros boers*.—O carro boer occupou ainda nesta campanha um lugar importante. Desapareceu, é facto, dos destacamentos, de junto das tropas, mas nem por isso o seu trabalho foi menos útil. Como já indiquei, a tonelagem transportada em carros boers, e num período que pode ir de 15 de Junho até 30 de Setembro, deve igualar, se não exceder, a transportada em camiões no mesmo espaço de tempo.

Anteriormente a este espaço de tempo o carro boer foi por assim dizer o único meio de transporte. Isto basta pois para mostrar a importância deste serviço nesta campanha. O carro boer foi o único meio de transporte das forças do comando do Ex.^{mo} Sr. tenente-coronel Rochadas, e desde a marcha destas para o sul começou com intensidade o serviço dos transportes.

O desastre de Naulila trouxe como consequência a

perda de muitos carros boers e muitos foram os requerimentos, pedindo indemnizações por perda de carros ou bois, que afluíram ao quartel general dos Gambos.

Depois da retirada e em vista da previsão de futuras operações, foi chamado ao serviço o maior número possível de carros e começou a constituição dos depósitos de Gambos e postos aquê m dêste. Para o sul iam apenas os carros necessários ao transporte de gêneros exigidos pelo consumo. Em Abril foi iniciado o pequeno depósito do Forno de Cal em consequência das más condições do depósito dos Gambos.

A maneira como estava decorrendo o serviço dos carros levou o referido quartel general a criar em princípios de Março uma Direcção dos Serviços dos Transportes que ainda hoje se mantém.

A princípio exercia a sua acção apenas sobre os carros boers, depois foi abrangendo os outros meios de transporte. Até princípios de Junho foi director dêstes serviços o Sr. capitão de infantaria José Mendes dos Reis, depois o Sr. capitão da administração militar José Marques.

O constante movimento de um grande número de carros no trajecto de Vila Arriaga até Cahama foi a pouco e pouco fazendo aparecer dificuldades à alimentação do gado, primeiro porque o capim foi escasseando, depois porque a água começou por sua vez a faltar em certos pontos.

Em Abril, e motivado por um accidente do caminho de ferro que paralizou o respectivo movimento de combóios durante um dia, partiu da Direcção dos Serviços de Transportes ordem para que um grande número de carros seguisse do planalto para Mossâmedes a receber carga. Em quasi todo esse trajecto o capim falta e insignificantes eram os depósitos de água.

Esta determinação não foi precedida de qualquer trabalho tendente a reconhecer as condições da marcha. A este respeito expus eu a V. Ex.^a nessa Direcção o meu modo de ver, mostrando alguns inconvenientes que daí adviriam em vista das operações projectadas.

Em virtude da ordem dada e dos esforços da Direcção dos Transportes para sua execução, chegaram a Mossâmedes os primeiros carros em 11 de Maio e até 6 de Junho entraram em Mossâmedes 81 carros boers.

¿Porque não foram mais carros? Porque alguns proprietários de carros, conhecedores das condições do tra-

jecto, conseguiram evitá-lo. Desta determinação resultou um grande desastre para o serviço de transportes, à parte o grande prejuízo para o Estado, em consequência da perda de carga e grande número de indemnizações.

Dos carros, os que conseguiram alcançar o Lubango estavam na quasi totalidade inutilizados. O gado morreu quasi todo e grande número de carros ficou abandonado com a respectiva carga ao longo do caminho. A fome e a sede mataram a maior parte do gado.

Este desastre fez-se sentir sempre no planalto e ainda hoje alguns carros estão abandonados por não ter ainda sido possível trazê-los para o Lubango.

Alguns carros receberam a carga em Mossâmedes directamente para Capelongo.

É, pelo que fica exposto, fácil de prever o estado em que fui encontrar no planalto o serviço dos carros boers. O desastre da ida dos carros a Mossâmedes, a grande duração do período do serviço, as dificuldades cada vez maiores na alimentação e a falta de auxílio da parte do Estado tinham lançado este serviço num estado verdadeiramente lamentável.

Os carros em condições de prestarem serviço estavam sendo utilizados segundo as necessidades de ocasião e não em virtude de qualquer orientação derivada das exigências do consumo ou da constituição dos depósitos.

Daqui derivaram constantes deslocamentos da maioria dos carros de uns para outros trajectos.

Transcrevo o seguinte telegrama enviado em 8 de Junho pelo delegado do Lubango para Mossâmedes: «Registo existente secção respectiva acusa 604 carros e carroças todo distrito e contratados Benguela estando matriculados até hoje 446. Situação estes presentemente Chibia 18 Gambos 9 Capelongo 58 Cassinga 2 Munhino 37 Vila Arriaga 17 Quilemba 28 Mossâmedes 85 consêrto Lubango 39 licença tratamento gado 62 serviço local 2 comércio 22. Há carros não trabalham falta gado outros não admitem consêrto. Oficinas lutam dificuldades falta material. Outros carros ignoro destino nunca aqui passaram desde há muito fazem serviço coluna linha Cassinga».

Neste telegrama indica-nos o delegado dos transportes no Lubango a existência de 254 carros em trânsito e 39 em consêrto, numa totalidade de 377 carros, cuja situação indica. Que estes dados não são rigorosos, mostrarão os seguintes elementos doutro telegrama com a

mesma origem recebido em Mossâmedes, a meu pedido, a 10 do mesmo mês :

| | |
|------------------------------|-----|
| Carros em trânsito | 219 |
| Carros em consêrto | 40 |
| Diversas situações | 90 |
| Total | 349 |

O confronto destas duas situações indica o estado em que se encontrava êste serviço.

Em face do estado em que encontrei êste serviço várias medidas desde logo se impunham e entre elas :

- a) Regularizar a distribuição dos carros pelos diversos trajectos segundo uma orientação definida;
- b) Facilitar a reconstituição das espanas aos proprietários de carros inactivos por falta de gado;
- c) Facilitar a reparação dos carros;
- d) Procurar que fôsem feitos os trajectos dentro dos itinerários marcados;
- e) Transferir para o Lubango a direcção dêstes serviços até então em Mossâmedes.

a) *Distribuição dos carros.*— Os carros boars poderiam ser destinados ao transporte de gêneros para o consumo ou para a constituição dos depósitos. Como era insignificante o número de camiões ao serviço tomei como base para a distribuição as exigências do consumo. Satisfeitas estas, os restantes seriam distribuídos como fôsse conveniente. Eu podia contar com uma média de 240 carros ao serviço.

À disposição da linha secundária (Cassinga) ficavam 77 carros em virtude de determinação de Sua Ex.^a o general, a que adiante me referirei.

Restava pois tratar apenas da linha principal. As necessidades do consumo, em vista dos efectivos então existentes (16-6) no planalto e as exigências em transportes vão indicadas no seguinte quadro, considerando suprimido o trajecto do Chacuto, de que tratarei adiante:

| Localidades | Consumo diário (quilogramas) | Depósito de onde se abasteceu | Número de carros precisos | Observações |
|---|------------------------------|-------------------------------|---------------------------|---|
| Linha secundária | 3:000 | Lubango | 77 | Para o transporte de 10 toneladas diárias de carga pesada. |
| Trajecto Vila Arriaga-Lubango | — | — | 44 | |
| Chibia | 3:000 | Lubango | 10 | Camhões, depois carros alentejanos, Idem. |
| Gambos | 10:000 | » | 80 | |
| Pocelo | 400 | Gambos | — | Foi abastecido muitas vezes por camiões. Carros alentejanos ou camiões. |
| Forno de Cal | 1:500 | » | — | |
| Tchipepe | 1:400 | » | — | |
| Otchinjau | 350 | » | 4 | |
| Cahama | 3:500 | » | 12 | |
| Chicusso | — | — | — | |
| Soma | — | — | 327 | |

Observações. — A falta de géneros do Lubango obrigava muitas vezes a enviar carros boers à Quilemba, e neste trajecto se conservou depois uma média de 25 carros. As necessidades do consumo exigiam, pois, o número mínimo de 227 carros boers ao serviço.

Transmitidas as necessárias indicações no sentido da nova orientação a dar a este serviço, vejamos a nova distribuição em 18 de Julho confrontada com a situação em 8 de Junho:

| Localidades | Número de carros precisos | Situação em 8 de Junho | Situação em 18 de Julho |
|---------------------------------|---------------------------|------------------------|-------------------------|
| Linha secundária | 77 | 60 | (a) 61 |
| Trajecto Vila Arriaga-Lubango . | 44 | (b) 54 | (b) 72 |
| Chibia | 10 | 18 | 16 |
| Gambos | 90 | 9 | 106 |
| Quilemba-Lubango | (c) - | 28 | 22 |
| Mossâmedes-Lubango | - | (d) 85 | (d) 15 |
| <i>Soma</i> | 221 | 254 | 292 |

Observações.— Os carros necessários à Cahama e Otchinjau estão incluídos nos Gambos.

(a) Os restantes estão incluídos nos enviados à Quilomba.

(b) Incluídos os enviados ao Munhino que seguiram por Vila Arriaga.

(c) Os indispensáveis.

(d) Do antecedente.

Como consequência das medidas adoptadas e que irei indicando, os diversos trajectos tinham as suas dotações satisfeitas por excesso e tinha aumentado de 38 o número de carros ao serviço, tomando por base a situação indicada em 9 de Junho, ou de 73, tomando por base a situação acusada em 10 de Junho. Tomando a média o número de carros ao serviço tinha aumentado de 55.

b) *Reconstituição das espanas.*— A necessidade urgente da remessa de géneros para a frente levava a procurar todos os meios de aumentar o número de carros ao serviço. Mas um grande número de carros encontrava-se fora de serviço em virtude da falta ou fraqueza do gado.

No primeiro caso era indispensável que conforme os contratos fôsem indemnizados os proprietários cujo gado tinha morrido ao serviço; no segundo caso que aos mesmos fôsem feitos os indispensáveis adiantamentos por conta das importâncias já vencidas, visto que a maior parte nada tinha recebido.

As contas iam a processo a Mossâmedes à Repartição dos Serviços Administrativos (2.ª Secção), o que tornava

necessária a ida ali dos proprietários e a perda por isso de grande número de dias em virtude da demora nos processos.

Para obviar ao primeiro dos inconvenientes apontados propus em 26 de Junho a S. Ex.^a o general, e foi aprovado, «que para satisfazer a condição 7.^a do contrato para transportes em carros boers sejam desde já postos à disposição de cada um dos gerentes administrativos do Lubangô e Gambos 100 bois».

Para obviar ao segundo propus na mesma ocasião, e foi aprovado pelo mesmo Ex.^{mo} Sr., «que para satisfazer a condição 17.^a do mesmo contrato seja o gerente administrativo do Lubango habilitado com a quantia de 5 contos, não podendo os abonos feitos ser superiores a um têtço da importância a receber».

Os interesses do Estado ficavam acautelados e os serviços melhoravam. O que se tornava evidentemente necessário era a transferência para o Lubango da Direcção dos Serviços de Transportes, o que alguns dias depois propus a S. Ex.^a e, tendo sido aprovado, determinou a sua vinda para aqui. Necessário foi também continuar a conceder licença para descansos do gado que depois dos trajectos mais difíceis (Vila Arriaga e Gambos) chegasse ao Lubango absolutamente incapaz dum serviço immediato.

c) *Reparação dos carros.*— Um grande número de carros, no Lubango e Chibia, encontravam-se partidos. Os proprietários não mandavam proceder ao seu consêrto, alegando a falta de recursos por não lhes terem sido pagos os serviços já prestados. No Lubango havia em 16 de Junho perto de 80 carros nestas condições; na Chibia talvez mais de 20. Urgia, pois, sem prejuízo para o Estado, mandar proceder à reparação dos que necessitassem de consêrto pouco demorado, que permitisse a sua utilização num curto prazo. A importância dos respectivos consertos lançada nas respectivas guias era depois descontada na importância a receber, considerada assim como um abono, nas mesmas condições em que se fazia o abono de adiantamentos, etc.

A S. Ex.^a o general expus no Lubango o que a êste respeito havia e o que entendia se devia fazer. S. Ex.^a aprovou com entusiasmo.

Comecei desde logo a dar as necessárias indicações ao delegado dos transportes e encarregado do material de guerra no Lubango, e na minha passagem na Chibia

encarreguei o delegado dos transportes ali de organizar um projecto de utilização das oficinas locais; na Quihita e Gambos dei também indicações no mesmo sentido e respectivamente ao sargento encarregado do posto e gerente administrativo. As requisições de pessoal e material feitas pelos directores das oficinas do Lubango (que eram a da delegação de transportes do serviço de *étapes* e a do distrito) foram quasi completamente satisfeitas, e tendo S. Ex.^a depois autorizado as gratificações necessárias para recompensar o trabalho extraordinário (ocasiões houve em que se trabalhou de dia e de noite, como quando foi necessário proceder a uns trabalhos de fundição no Lubango para as baterias de metralhadoras poderem iniciar a marcha quando lhes tinha sido determinado), as diferenças de vencimento, etc., as oficinas tomaram grande impulso e o resultado correspondeu ao esforço empregado. É de justiça citar aqui o Sr. tenente J. Maria Anselmo, encarregado do depósito de material de guerra do distrito, pela constante boa vontade e dedicação com que se encarregava e se desempenhava de todos os serviços. Na Chibia, o Sr. capitão Isidoro Francisco elaborou um projecto de utilização das oficinas locais que foi aprovado por S. Ex.^a o General, sendo desde logo postos à sua disposição os fundos necessários que eu recebi nos Gambos, por terem demorado muitos dias os que eu pedi para Mossamedes. Para a Quihita foi mandada alguma ferramenta para facilitar as reparações ligeiras nos carros em trânsito.

O trabalho destas oficinas (Lubango e Chibia) foi duma grande utilidade. Sem elas as operações teriam fatalmente sido retardadas de muitos dias. Houve períodos dum trabalho muito intenso. Além dos carros boers pode dizer-se que todos os carros alentejanos por ali passaram. Na marcha das unidades para o planalto, a quasi totalidade dos carros chegava a Chibia incapaz de todo o serviço, recorrendo as respectivas unidades a expedientes, a fim de os conseguir trazer até ali. Alguns foram abandonados e estes eram depois mandados buscar pelo delegado de transportes na Chibia ou trazidos por unidades que conseguiam chegar com os seus em melhores condições. Em 16 de Junho encontrei nas oficinas da delegação de transportes 39 carros em conserto. Activados os trabalhos e facilitadas as reparações, em 18 de Julho estavam 79 carros nas mesmas oficinas.

O Sr. director dos serviços de transportes mandou ainda proceder a alguns consertos na Humpata em carros que ali estavam.

O quadro seguinte é claro na sua simplicidade:

Carros consertados de Junho a Setembro

| Localidades das oficinas | Natureza dos carros | |
|--------------------------|---------------------|-------|
| | Alentejanos | Boers |
| Lubango | 144 | 190 |
| Chibia | 132 | 84 |
| Humpata | - | 18 |
| <i>Soma</i> | 276 | 292 |
| <i>Total</i> | 568 | |

d) *Itinerários*.— Os itinerários que encontrei regulando a marcha dos carros boers pareceram-me nalguns trajectos apertados. Tomei como máximo da diária 15 quilómetros e além disso todos de dois dias, para a carga e descarga. Com o fim de interessar os carreiros na observação dos itinerários propus em 23 de Junho a S. Ex.^a o general, e foi aprovado, «que aos carreiros que fizeram o percurso dos trajectos marcados conforme os respectivos itinerários lhes seja dada a gratificação diária de \$10. Esta ser-lhe há abonada no fim de cada trajecto (ida e volta) e paga em dinheiro ou género».

A partir do mês de Julho passou a fazer-se a fiscalização d'este serviço, na linha Lubango-Gambos e trajecto Vila Arriaga, primeiramente por diligências de cavalaria do comando de cabos e depois por officiaes devidamente escoltados.

Só a organização, porém, de combóios conseguiu regularizar este serviço. São tantos e tam diversos os expedientes empregados por alguns proprietários ou carreiros para fugirem aos seus deveres para com o Estado que não haveria fiscalização capaz de evitar algumas faltas.

O trajecto Lubango-Gambos pode ser feito por três caminhos: o do Pocolo, pouco seguido; o da Chibia, mais seguido, e o de Caculovar, o mais seguido e o melhor.

Mas é sabido que o carreiro que de qualquer modo quere fugir aos seus deveres não se demora no caminho,

afasta-se dêste 1 ou 2 quilómetros e interna-se no mato onde não é fácil descobri-lo. E isto fazem-no muitas vezes logo à saída do ponto de partida, para, deixando abandonado o carro com a carga, voltarem com a espana a empregá-la noutro serviço, ou a substituir o gado bom bom por outro incapaz de serviço, que no fim de um ou dois dias cai e lhe dá o direito de exigir a respectiva indemnização.

Quando eu vim ao planalto, o carreiro recebia no pôsto, e juntamente com a carga, o original da respectiva guia de carga, que o acompanhava, ficando o duplicado no pôsto. E, como nada mais se fazia, nem o pôsto que entregava a carga sabia se esta chegava ao seu destino, nem o pôsto de destino sabia o que lhe era enviado. Remediu-se isto como era natural e indispensável, determinando aos postos onde os carros recebiam a carga que enviassem pelo correio um triplicado da guia. A vantagem que daí resulta é por si evidente.

Mas estas dificuldades, principalmente no que respeita aos donos dos carros e carreiros, não são particulares a esta campanha. O Ex.^{mo} tenente-coronel Roçadas, no seu relatório da campanha do Cuamato (1907), cita bastantes irregularidades, como excessos grandes de itinerário, etc., e até uma greve de carreiros que esteve a ponto de levantar sérias dificuldades.

De tudo isto se conclui que a má vontade e a má fé dos carreiros e dalguns donos de carros são factores com que deve contar quem tem de utilizar em grande escala o serviço do carro boer.

e) *Transferência da Direcção dos Serviços de Transportes.*— Em 4 de Julho expus a S. Ex.^a o general a necessidade de que a Direcção dêstes serviços viesse para o Lubango. Tendo S. Ex.^a aprovado, foi determinada a sua transferência. Para lamentar foi que mais cedo não tivesse vindo, pois creio que assim teria sido beneficiado o serviço.

Mas a questão do carro boer apresenta-se logo a quem reconhecer a necessidade de o utilizar duma maneira importante.

Não tive ocasião de o acompanhar no seu arrastamento moroso e irregular, mas o repetido contacto a que os serviços nos obrigam fez-me conhecer algumas das suas propriedades, ou antes do seu serviço.

Tratarei por isso e ligeiramente só dalguns que julgo mais interessantes.

1.º Os contratos e o arrematante:

São vários os contratos realizados com o Estado para a utilização dos carros boers. A sua análise deixa-nos a impressão da pouca habilidade ou deficiente conhecimento das exigências do serviço na elaboração dalguns contratos. Esta questão é particularmente digna dum aturado estudo donde muitos e interessantes ensinamentos haveria a tirar para as futuras campanhas.

O Estado oferece todas as garantias aos proprietários; estes não têm os seus deveres tam bem definidos como os seus direitos.

Uma circunstância chamou a minha atenção no Lubango, a função do arrematante, contrato de 10 de Março de 1915. É uma entidade que parece dever servir de intermediário entre o Estado e os proprietários, a quem o Estado dá como prémio 4 por cento da importância dos fretes.

Não reconheci a utilidade desta entidade, cujos serviços foram inteiramente dispensáveis e quasi nulos. Esta entidade deveria conhecer este serviço em todos os seus detalhes, ter os seus fiscais de serviço, etc. Mas não, pois que nem sequer conhece os caminhos seguidos pelos carros! Chamei um dia esta entidade para lhe pedir uns esclarecimentos sobre as condições dos caminhos seguidos pelos carros boers no trajecto Lubango-Gambós, e só sabia um caminho, o da Chibia. Conhecia a importância a receber, não por uma escrituração própria, mas pelos elementós que colhia no serviço de transportes.

Em 19 de Junho o delegado dos serviços de transportes no Lubango informava-me de que, em seguida a receber ordem para enviar carros boers pelo Chacuto, o tinha intimado a apresentar-lhe carros para esse fim, e até aquella data ainda nenhum tinha apresentado. O serviço de transportes tratou directamente de tudo, recorrendo ás autoridades civis ou militares para conhecer da existência de carros fora de serviço, promover a sua apresentação, etc. A meu ver os interêsses do Estado exigem que os serviços desta entidade sejam apreciados com rigor e verificadas as responsabilidades que incumbem nas faltas havidas e principalmente no excesso de itinerários.

É também para estranhar que, tendo a campanha de 1907 mostrado os inconvenientes deste processo, se viesse de novo, e quando era de prever um serviço muito mais intenso, a recorrer ao arrematante. O mais conve-

niente teria sido tratar directamente com os donos dos carros, organizando-se combóios devidamente escoltados e tendo desde o princípio e sempre pronto a ser applicado o recurso da requisição militar.

2.º Falta de água e capim :

Foi a maior dificuldade com que este serviço lutou, principalmente no trajecto Quihita-Gambos. O capim e água faltaram quasi por completo, em consequência das circunstâncias já apontadas e da dificuldade das chuvas na época própria. Também com dificuldade era feito o trajecto Lubango-Vila Arriaga pela deficiência do capim e mau estado do caminho. Água havia aqui alguma e em princípio de Agosto foram mandadas limpar as cimas do Rio dos Burros, Chaungo, e mandadas abrir outras. O gado morria em grande quantidade pelo cansaço, fome ou sede, ou ficava caído nos caminhos, obrigando os carreiros, quando esgotados os vários expedientes para o fazer levantar, a confiá-lo à guarda dos indígenas para o seu tratamento.

Ao pósto de Quihita e Gambos foi determinado o fornecimento de capim aos carreiros, a título de abono, mas nem todos recorriam a esse meio para evitar a morte do gado com a esperança na indemnização ou para não reduzir a importância dos fretes.

À medida, porém, que iam aumentando as dificuldades deste serviço, iam sendo cada vez maiores as exigências dos abastecimentos em vista das operações. Daí a necessidade de recorrer a novos meios para vencer as dificuldades sempre crescentes.

Em 20 de Julho o Sr. capitão José Marques, director dos transportes, propunha que os carros passassem a ser acompanhados por bois fornecidos pelo Estado destinados a irem substituindo os que morressem nos trajectos e se conseguir assim a chegada dos carros ao seu destino.

Como aditamento, e de acôrdo com o mesmo senhor informei que se ia proceder à organização de combóios devidamente comandados. S. Ex.^a o general aprovou, autorizando que à disposição dos serviços de transportes fôsem para esse fim postos os fundos necessários.

Desde então os carros passaram a fazer os trajectos em combóios com 8 carros em média e perdas de gado muito diversas; o serviço melhorou bastante e os depósitos dos Gambos e Chicusso conservaram-se sempre em condições de garantir os abastecimentos da frente.

Antes de passar a nova questão é meu dever frisar aqui a cooperação activa, inteligente e dedicada que sempre o serviço, que fui encarregado de dirigir, encontrou no Sr. capitão da administração militar, José Marques, nomeado director do serviço de transportes em 2 de Junho.

V. *Linha do Chacuto*.— Em 8 de Maio, por proposta do Serviço dos Transportes, era instalada a delegação dos transportes do Munhino, destinada a receber as 10 toneladas diárias de carga pesada, transportada pelo caminho de ferro e que até então seguia para Vila Arriaga. Do Munhino a carga seguiria em carros boers para a Chibia pelo caminho do Chacuto. Ordens foram dadas nesse sentido e ficámos nessa Direcção persuadidos de que os carros circulavam por aquela linha levando à Chibia a carga pesada deixada no Munhino pelo caminho de ferro.

Quando em 16 de Junho cheguei ao Lubango e junto do delegado dos transportes, dalguns donos de carros boers e carreiros, pedi esclarecimentos vários para a minha orientação, uma cousa notei logo: a linha do Chacuto não estava sendo seguida.

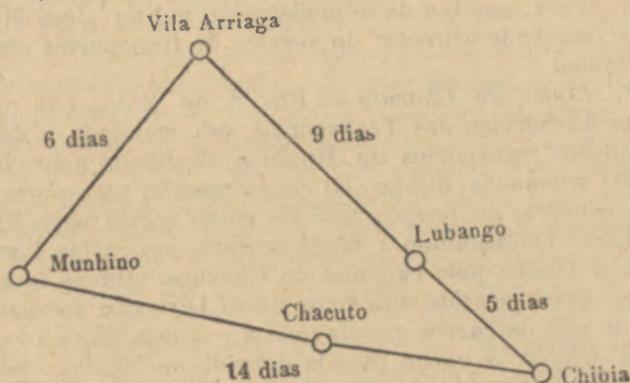
Em face disto enviei em 17 ao delegado dos transportes no Munhino o telegrama que transcrevo:

«3.º Informo V. Ex.ª que segundo dizem aqui carreiros vão receber carga não seguem Chacuto mas sim volta dos Burros, o que prejudica e atrasa serviço tornando-se necessário averiguar e providenciar».

Disto informei V. Ex.ª em meu telegrama 4, de 17 de Junho de 1915.

Daquela delegado recebi em 18 o telegrama que transcrevo: «230 referência seu 3 informo guias têm sido passadas via Chacuto com declaração verbal. Informo sei particularmente que carreiros não seguem itinerário por ser impossível sua opinião por mau estado caminho, falta de água, capim. Informo mais que alguns carreiros falaram não voltar mais aqui sem que Estado se responsabilize por estrago carros e morte bois. Julgo mais nada poder fazer que intimar cumprimento itinerário». Fica assim confirmado que os carros não seguiam para aquela linha. O esboço mostra o número de dias que os carros gastam nos diversos trajectos (ida e volta). A primeira cousa que se verifica é que os carros levavam o mesmo tempo a ir da Chibia a Vila Arriaga ou ao Munhino. Mas como alguns carros partiam do Lubango ou teriam de

ir levar a carga ao Lubango, havia para estes o percurso a mais num carro ou noutro do Lubango à Chibia, ou seja 2,5.



Mas como os carros iam para Vila Arriaga gastavam sem necessidade mais seis dias o que quer dizer que para o mesmo rendimento em transportes (abstraindo do lado económico) se empregavam inútilmente neste serviço 24 carros boers. Em face do exposto, não havia dúvida de que o trajecto de Chacuto (cemitério dos carros, como lhe chamam alguns donos de carros), devia imediatamente ser pôsto de parte e nesse sentido transmitidas as necessárias indicações, tendo préviamente exposto a questão a S. Ex.^a o general, que a aprovou.

VI. *Linha secundária*.—As operações projectadas na região de Cassinga tinham levado à organização duma linha secundária de *étapes*, que partindo do Lubango servisse as tropas em operações naquela região. Desta linha ficou encarregado, como delegado da Direcção de *Étapes*, o Sr. capitão Carlos Cabral. Quando em 16 de Junho cheguei a Lubango encontrei aqui este official, bem como o comando da região de Cassinga. As circunstâncias de então faziam prever que as operações mais importantes viriam a realizar-se no Baixo Cunene, embora houvesse possibilidade de operar na região de Cassinga. Desde que se iniciassem aquelas operações a Direcção de *Étapes* teria de deslocar-se para o sul, T. E. E., acompanhando de perto as operações. Além disso o comando da região de Cassinga desejava que lhe fôsse concedida toda a liberdade de acção naquela região. Daqui se depreende a necessidade de que a Direcção de *Étapes*

ficasse livre de cuidados com respeito à linha secundária, e esta ficasse inteiramente à disposição daquele comando. Nos dias 16 e 17 de Junho assisti a umas conferências no Lubango entre os Srs. sub-chefe do estado maior e chefe dos serviços administrativos do comando superior, comandante e chefe do estado maior do comando de Cassinga.

Estudadas as bases em que havia de assentar esta questão, foram submetidas à apreciação de S. Ex.^a o general, e tendo sido aprovadas, foi determinado o seguinte, conforme comuniquei a V. Ex.^a em telegrama 4, de 17 de Junho, e nota 26, de 21 do mesmo mês:

1.º A linha secundária de *étapes* (Quipungo-Cassinga) fica desde já sob a dependência directa do comando militar de Cassinga.

2.º O abastecimento da região de Mulongo fica a cargo da linha secundária.

3.º As requisições de subsistências e material de toda a espécie serão feitas directamente pelo delegado de *étapes* ao comando de *étapes* do Lubango, que nesta localidade se porá à disposição daquele delegado.

4.º A disposição da linha secundária de *étapes* serão postos 100 carros boers, dos quais serão já entregues 77 e os 23 restantes serão entregues à medida que se forem apresentando os requisitados ao distrito de Benguela.

5.º Logo que pela apresentação de carros requisitados aos distritos de Benguela, a totalidade de carros boers à disposição da linha secundária exceda o número de 100, será feita ao comando superior pelo comando militar da região de Cassinga a respectiva comunicação.

6.º Para efeitos de contabilidade e fiscalização o delegado desta linha fica subordinado à Direcção de *Étapes*.

Ao referido delegado foi por mim feita a respectiva comunicação e entregue uma relação dos carros que ficavam ao serviço daquela linha. A dotação ficou desde logo completa porque eu determinei que dos carros disponíveis do Lubango se tirassem os necessários para aquele fim. A questão da linha secundária ficava assim resolvida e toda a minha atenção podia ser dirigida para a linha principal. Indicada assim duma maneira geral a resolução dalgumas questões que com mais urgência chamavam a minha atenção, e indicada também a orientação dada ao serviço de abastecimentos de subsistências e transportes, resta-me indicar rapidamente como o serviço decorreu até que fui mandado regressar ao quartel general do comando superior.

VII. *15 de Junho a 7 de Julho.*—No mesmo dia em que cheguei ao Lubango indicou-me S. Ex.^a o general o seu propósito de acompanhar de perto a marcha dos diversos serviços no planalto, dando-me instruções em harmonia com as suas intenções e autorizando-me a tomar quaisquer medidas urgentes que as conveniências do serviço exigem.

Já expus a V. Ex.^a a orientação que dei ao serviço do abastecimento de subsistências, aos serviços dos transportes, e como tinham ficado resolvidas as importantes questões do Chacuto e linha secundária. Restava-me então aguardar que de Mossamedes fôsse satisfeito o solicitado por mim a V. Ex.^a em meu telegrama 11 de 19, para que o serviço das subsistências entrasse numa nova fase, pois, enquanto isso se não fizesse, o Lubango continuaria a lutar com dificuldades. Em 29 de Junho parti para os Gambos (Tchibemba), visitando de camião os postos da Chibia e Quihita, onde deixei indicações para a orientação do serviço, como já referi. Também eu já expus a V. Ex.^a como encontrei o serviço de subsistências e transportes nos Gambos, e as providências que tomei. Uma das causas que estava contribuindo para a desproporção dos géneros era a irregularidade do consumo. Para o remediar tinha o Comando Superior determinado que a tabela 2.^a das I. S. S. F., de 28 de Abril, fôsse posta em vigor tornando obrigatória a substituição do pão por bolacha e o consumo de bacalhau duas vezes por semana.

Nesta ocasião expus a S. Ex.^a o general a orientação que tencionava dar à remessa de subsistências de Mossamedes para os Gambos e que da satisfação da minha requisição esperava a regularidade dos abastecimentos. S. Ex.^a aprovou e suponho que nesse sentido telegrafou a V. Ex.^a Tendo em 22 acompanhado S. Ex.^a o general ao Forno de Cal, Tchiepepe e Binguíro, em visita aos respectivos postos, regresssei em 23 ao Lubango onde se tornava necessário continuar a impulsionar o serviço de abastecimento. S. Ex.^a o general tencionava fazer iniciar a marcha para o Humbe em 1 ou 2 de Julho.

Preparação da marcha sobre o Humbe.—Em 26 de Junho recebi ordem para promover o imediato abastecimento dos postos de Binguíro, Tchiepepe e Otchinjau, conforme o seguinte quadro :

| Postos | Número de rações | | Dia em que devia estar terminado |
|---------------------|------------------|-----------|----------------------------------|
| | Homens | Solípedes | |
| Binguiro | 1:500 | 700 | 27 |
| Tchicusso | 15:000 | 7:000 | 29 |
| Otchinjau | 1:200 | 1:200 | 29 |

Neste mesmo dia e em face das existências conhecidas de Gambos, Forno de Cal e Binguiro, foram dadas as ordens necessárias aos depósitos de Lubango e Gambos; aquele para remessa de forragens e géneros que faltavam na frente; a este para utilizar os existentes no Forno de Cal e Gambos e promover a immediata remessa de géneros necessários. Este serviço decorreu de modo satisfatório. Sendo o efectivo do destacamento do Humbe de 1:500 homens e 700 solípedes, ficava o posto do Tchicusso com 10 dias de viveres e forragens para abastecer os trens regimentais do destacamento e garantir o reabastecimento no caso de este não poder ser feito dos Gambos. Aquele movimento dos géneros foi feito em camiões.

O destacamento do Humbe levou consigo o número de dias de viveres e forragens necessários para a sua marcha até o Humbe. E no próprio dia da chegada (7 de Julho) foi reabastecido por um combóio de camiões que safu dos Gambos.

Marcha das unidades para o planalto. — Em 27 de Junho veio S. Ex.^a o general ao Lubango e eu fui mandado chamar a conferenciar com o Sr. sub-chefe do estado maior. S. Ex.^a tinha resolvido apressar a marcha das unidades para o planalto e nós devíamos combinar a data mais conveniente para o incio da marcha e de locais para o estacionamento conforme a situação dos abastecimentos.

Em 25 de Junho tinha V. Ex.^a informado que uma das máquinas novas (31) tinha sido experimentada com bom resultado, e em 27 deviam seguir 80 toneladas. Entretanto os camiões seriam transportados para o planalto e era provável que no dia 5 de Julho já aqui estivessem todos ou quasi todos.

A situação ficaria desafogada, mas não convinha fazer seguir as unidades do Lubango para a frente, em-

quanto os depósitos se não encontrassem suficientemente abastecidos.

Isto determinou S. Ex.^a a ordenar que as baterias de metralhadoras, quartel general e secção de munições ficassem na Chibia e as baterias de artilharia 2 e 8, cavalaria 4 e infantaria 18 seguissem para o Lubango.

A bateria de artilharia 1 ficaria na Chibia até seguir para Cassingã e a bateria de artilharia 7 aguardaria também aí a oportunidade de seguir para os Gambos.

Também S. Ex.^a então resolveu que, sem prejuízo do abastecimento do Humbe, se procurasse reunir nos Gambos a maior quantidade possível de subsistências e as existências que então mostravam que, regularizadas as remessas de Mossâmedes, e contando com um maior rendimento do caminho de ferro e utilização dos camiões, se poderia colocar naquele pôsto, e até 25 de Julho, 60 dias de víveres e forragens.

Por circunstâncias que são alheias a este relatório, este projecto não foi pôsto em execução, e foi resolvido criar no Humbe o depósito projectado para os Gambos.

Em 29 de Junho resolvi ir a Mossâmedes conferenciar com V. Ex.^a a expor como tinha encontrado os diversos serviços no planalto, as providências que tinham tomado e saber do motivo por que a minha requisição não tinha até então sido satisfeita.

Em 30 cheguei a Mossâmedes e nesse mesmo dia expus verbalmente a V. Ex.^a as questões referidas. (Sabe V. Ex.^a que nesse mesmo dia S. Ex.^a o general perguntava o que tinha motivado a minha ida aí e que 5 dias depois determinava que ficasse definitivamente no planalto).

No dia 1 de Julho conferenciei com o Sr. chefe dos serviços administrativos de *étapes*, acêrca da minha requisição. Soube então que por este senhor tinha sido dada ao depósito de Mossâmedes a ordem que transcrevo, pela importância que lhe attribuo:

«Serviço da República.—Fôrças em operações em Angola—Direcção de *étapes*—Repartição dos Serviços Administrativos—1.^a Secção.—N.º 197.—Mossâmedes, 24 de Junho de 1915.—Ao Sr. Director do Depósito Central de Subsistências e Fardamentos—Mossâmedes.—Do chefe dos serviços administrativos de *étapes*.—O Sr. director do Depósito Central de Subsistências e Fardamento dará as ordens precisas para que seja observado o seguinte, ficando sem efeito, até determinação em

contrário, as ordens dadas sôbre remessas de víveres para a frente:

1.º Remeter para o depósito de subsistências do Lubango 6:800 rações de víveres de reserva (Manutenção Militar, completas) e 6:800 rações de conservas de peixe, atum ou sardinha (de 500 gramas);

2.º Além destas rações devem seguir diariamente, também para o Lubango, um dia de víveres normais, um dia de víveres para indígenas e as forragens precisas para abastecer 6:800 europeus, 1:300 indígenas e 2:600 solípedes;

3.º O excesso de toneladas de caminho de ferro será absorvido pela remessa das seguintes rações: R. N., 42:000; R. I., 20:000; R. F., 14:000; estas rações (as do n.º 3) constituem uma série, terminada a qual V. Ex.^a fará seguir nova remessa, independentemente de ordens, devendo informar o director dos Depósitos de Subsistências e Fardamento do Lubango da data em que começa e termina o carregamento de cada série.

Estas remessas são consideradas requisições ordinárias, devendo ser feitas oportunamente requisições extraordinárias a fim de se completarem na frente as rações incompletas.

Os volumes, bem como as guias, devem levar a letra indicativa da série (ex. 1.ª série).

Se porventura faltar algum género para o completo destas rações, será substituído conforme a tabela das substituições, e não havendo destas, fará seguir os restantes géneros, tendo o cuidado de completar estas rações logo que as haja e mencionando nas guias esse facto.

Do cumprimento rigoroso destas ordens fica V. Ex.^a responsável, devendo começar a sua execução sem perda de tempo. — *Bento de Vasconcelos M. de Magalhães, capitão*.

Eu fiz logo saber ao Sr. chefe dos serviços administrativos que essa ordem não estava conforme com a minha requisição nem com as determinações de S. Ex.^a o general e vinha prejudicar a orientação que eu pretendia dar ao serviço dos abastecimentos de subsistências.

Se V. Ex.^a confrontar esta ordem com a minha requisição, pag. 5, e lembrar as indicações de V. Ex.^a, e as responsabilidades que eu vinha assumindo em consequência das atribuições que S. Ex.^a o general me vinha dando, concordará decerto em que esta questão estava

colocada duma maneira muito desagradável para mim, tanto mais, que V. Ex.^a em seu telegrama 322, de 25 de Junho, me dizia que a minha requisição estava em via de satisfação. Parti de Mossâmedes em 1 de Julho sem ter tido tempo de esclarecer esta questão. Adiante voltarei a tratá-la.

Na Quilemba foi a minha atenção chamada pelo delegado dos transportes para o grande número de encomendas postais destinadas ao comércio que ali estava aguardando transporte. Em nome de S. Ex.^a o general indiquei àquele delegado que não fizesse seguir, em virtude da falta de transportes com que estávamos lutando, para o Lubango as encomendas, informando disto o chefe da estação para que este promovesse a sua remessa para ali, o que fez. O comércio estava recorrendo às encomendas postais como um expediente que lhe permitia receber no Lubango grande quantidade de artigos de comércio que, como mercadoria, não podia transportar pelo caminho de ferro. Expus depois esta questão a S. Ex.^a o general e foram dadas ordens para que as encomendas ficassem em Mossâmedes à disposição dos destinatários.

Chegado ao Lubango, importantes e urgentes questões me levaram a ir conferenciar com S. Ex.^a o general. O comando de Cassinga, vendo, por não ter sido aprovado o contrato elaborado pelo Sr. tenente da administração militar, G. Melo Sárrea, prejudicados os abastecimentos pelo distrito de Benguela, achava insufficientes os recursos de que dispunha; o serviço de transportes continuava a lutar com grandes dificuldades que o respectivo delegado no Lubango não podia vencer; no Lubango-Quilemba havia falta de alguns géneros, entre elles farinha, enquanto na Quilemba estavam 11 toneladas de bacalhau e 8 de chouriço. Infantaria 18 devia partir dentro de poucos dias para o planalto absorvendo o caminho de ferro durante três dias, o que viria causar embaraços, tanto mais que o transporte dos camiões só deixava que as subsistências viessem em pequena quantidade.

Parti por isso em 3 para os Gambos e daqui em 4 para o sul a alcançar o destacamento do Humbe, que S. Ex.^a o general acompanhava. O destacamento tinha iniciado na manhã desse dia a marcha sobre o Humbe, partindo do Tchicusso. Cheguei ao local do bivaque e tendo exposto o que referi, foi por S. Ex.^a resolvida a

transferência imediata da Direcção dos Serviços de Transportes para o Lubango; ao encarregado do governo de Benguela tinha sido por S. Ex.^a determinado que promovesse o abastecimento do destacamento de Cassinga por Benguela e procurasse obter o maior número possível de carros; a marcha das unidades deveria executar-se como tinha sido determinado.

De regresso dos Gambos combinei com o Sr. chefe dos serviços administrativos do comando superior, que nos Gambos estava dirigindo o abastecimento do destacamento do Humbe, a maneira de utilizar os camiões e carros boers, ficando resolvido que, até o regresso aos Gambos de S. Ex.^a o general, 20 camiões ficassem ao serviço no trajecto Gambos-Humbe, e os restantes no transporte de géneros para o depósito dos Gambos; dos carros boers só iriam para o Humbe os que fossem dispensáveis a êsse serviço. Em 6 regresssei ao Lubango. Neste dia apresentou-se nos Gambos o Sr. tenente do estado maior Cardoso Machado, que, como adjunto do Sr. chefe dos serviços administrativos do comando superior, passava a dirigir o serviço dos abastecimentos dos Gambos ao Humbe.

VIII. 8 de Julho a 11 de Agosto.—Em 7 de Julho o destacamento entrou no Humbe e S. Ex.^a o general regressou no dia imediato aos Gambos, onde fui em 10 a fim de combinar a distribuição dos meios de transporte, camiões, em face da nova situação.

Ficava então resolvido que dos 44 camiões então disponíveis ficassem 23 ao serviço do Humbe e 21 no serviço Quilemba-Lubango-Gambos. Cada um destes números iria sendo aumentado até 40 pois então se esperava manter 80 camiões em serviço.

Dos 40 camiões à minha disposição eu empregaria o número indispensável no transporte de géneros de Quilemba para o Lubango, bem como no transporte de alguns géneros mais urgentes para os postos da Chibia e Quihita e todos os restantes nos transportes para os Gambos.

Também nessa ocasião foi resolvido desdobrar a Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*, ficando a 1.^a Secção, subsistências e fardamento, directamente subordinada à Repartição dos Serviços Administrativos do Corpo de Segurança para o que estaria junto de mim um seu delegado, que foi o Sr. capitão Filipe de Souza.

Em 13 regresssei ao Lubango.

As remessas de viveres e forragens para o Lubango continuavam mal e a minha requisição por satisfazer. Em 4 de Julho faltava farinha no Lubango e Quilemba; em 7, forragens. Ao mesmo tempo estavam sendo enviados, em grande quantidade, bacalhau e chouriço, já em grande quantidade no Lubango.

Nesta ocasião a falta de gado no Lubango para abater tinha-me levado a pedir aos Gambos que o mandasse para aqui, e já em 5 estavam 43 bois a caminho; entretanto daí a Repartição dos Serviços Administrativos determinava ao Lubango a remessa de 50 bois para os Gambos.

As unidades estavam em marcha para o Lubango e a necessidade de apressar os transportes de géneros mais urgentes tinha levado a suspender a remessa de vinho para a frente. Em 8 de Julho o Sr. director do D. C. S. F. enviava-me uma nota queixando-se da maneira como estava decorrendo o serviço e instando pela sua regularização. Em 9 enviei cópia de uma nota a V. Ex.^a com a minha nota n.º 78 onde expunha a situação difícil que poderia resultar para as operações do facto de continuar a irregularidade no serviço de transportes: Tendo entretanto sido resolvido o desdobramento da Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*, foi o sr. capitão Filipe de Sousa a Mossâmedes com a missão de fazer com que o depósito observasse o meu telegrama e fôsem desde logo enviados, como requisição extraordinária, os géneros necessários, não já para estabelecer em absoluto a desejada proporção nos géneros, o que então era impossível em vista das immediatas exigências da situação, mas para satisfazer as necessidades da ocasião. Depois disso os transportes de géneros de Mossâmedes para o Lubango decorreram com mais regularidade.

Em 15 de Julho, S. Ex.^a o general partia para Mossâmedes. Foram então publicadas as instruções para o serviço de abastecimentos com a data de 16 de Julho de 1915, assinadas por S. Ex.^a o general, cujos artigos 4.º e 5.º transcrevo por definirem as minhas atribuições e em parte as minhas relações de subordinação: «4.º A Direcção do Serviço de *Étapes* terá, como seu representante no Lubango, o seu chefe do estado maior, que dirigirá no planalto o serviço de abastecimentos das forças em operações. 5.º Junto do chefe do estado maior da Direcção do Serviço de *Étapes* estará um oficial de administração militar que é o delegado do chefe dos

serviços administrativos de 1.^a linha, competindo-lhe portanto a execução do que fôr determinado em meu nome pelo referido chefe do estado maior». Em 19 do mesmo mês eram publicadas as instruções para o serviço de camiões, assinadas pelo mesmo Ex.^{mo} Sr., cujo artigo 1.^o transcrevo: «1.^o O serviço dos camiões é dirigido em meu nome no Lubango pelo chefe do estado maior do serviço de *étapes* e nos Gambos pelo oficial do estado maior incumbido da mobilização e concentração de subsistências no Humbe». Na sua passagem em 18 de Julho pelo Lubango, em conferência com o Sr. sub-chefe do estado maior e em harmonia com a determinação de S. Ex.^a o general para que as unidades estivessem em 10 de Agosto concentradas no Humbe, foi escolhido o dia 23 para o início das marchas de concentração. Esta data foi depois adiada para 24.

A marcha das unidades fez-se conforme o seguinte quadro:

Marchas de concentração

| Unidades | Effectivos | | Dias de partida | | | Dias de chegada ao Humbe |
|---|------------|-----------|-----------------|--------|--------|--------------------------|
| | Homenes | Solteiros | Lubango | Chibia | Gambos | |
| Infantaria n.º 19 | 324 | 41 | 24 | - | - | 9 |
| Infantaria n.º 18 | 708 | 106 | 25 | - | - | 10 |
| Quartel General do Comando Superior | 83 | 126 | - | 25 | - | 5 |
| Artilharia n.º 8 | 195 | 202 | 25 | - | - | 7 |
| 2/VI metralhadoras | 54 | 30 | - | 27 | - | 9 |
| Ambulância de combate n.º 1 | 19 | 28 | - | 27 | - | 7 |
| 1/I metralhadoras | 52 | 34 | - | 27 | - | 9 |
| Ambulância de combate n.º 2 | 58 | 82 | 28 | - | - | 10 |
| 1/II metralhadoras | - | - | - | 28 | - | 10 |
| 3/II metralhadoras | - | - | - | 28 | - | 10 |
| Secção de munições | 67 | 125 | - | 29 | - | 10 |
| Cavalaria n.º 4 | 170 | 170 | 29 | - | - | 8 |
| Artilharia n.º 7 | 200 | 203 | - | 31 | - | 10 |
| Infantaria n.º 17 | - | - | - | - | 30 | 7 |

Ao comando superior pedi que pelas unidades fôsem observadas as seguintes disposições, visto por esse comando ter sido determinado que comportassem três dias de víveres e forragens:

1.^o Que requisitassem ao Depósito Central de Subsistências

tências e Fardamento (Lubango), as rações normais e forragens para a alimentação do seu efectivo durante dois dias e rações de reserva para um dia, dotação que constitui o abastecimento do trem regimental, o qual será reabastecido nos postos da Chibia, Quihita e Gambos.

2.º Para o caso da falta de carne em qualquer dos dias de marcha as unidades requisitarão chouriço necessário para a substituição em dois dias.

3.º As requisições aos postos de *étapes* deverão ser feitas com a antecedência possível.

4.º Os postos de *étapes* fornecerão carne às unidades nos dias de abastecimento nas respectivas localidades e gado para abater no dia imediato, quando a distância entre este e o posto seguinte for superior a uma *étape*.

Aos gerentes dos depósitos de Lubango, Chibia e Quihita foram comunicadas estas disposições, bem como as indicações relativas aos efectivos e dias de passagem e descanso nesses postos.

Para o posto da Quihita foi o oficial meu adjunto, Sr. tenente da administração militar, M. A. Olival, a fim de dirigir ali o serviço durante a passagem das unidades.

Nestes postos o serviço decorren bem sem falta de quaisquer géneros.

No posto de Biriabundo faltou água para algumas unidades, devido à aglomeração destas. Nas cacimbas deste posto, que tinham mandado abrir e limpar, a água foi toda consumida pelas primeiras unidades que aí chegaram. Nos outros postos não faltou água.

Nesta ocasião a existência nestes depósitos era a seguinte:

Existências em 25 de Julho de 1915

| Géneros | Lubango (a) | Chibla | Quihita | Em trânsito em carros boers (b) |
|--------------------------------------|----------------|---------------|---------------|---|
| Rações normais: | | | | |
| Café | 1:777 | 5:289 | 600 | - |
| Açúcar | 320 | 293 | 480 | - |
| Bolacha | 3:688 | 8:217 | 700 | 3:480 |
| Farinha | 47 | - | 2:623 | 2:500 |
| Legumes secos | 20:607 | 2:824 | 6:464 | 6:800 |
| Massa | 2:273 | 7:193 | 7:472 | - |
| Arroz | 8:213 | - | - | 3:700 |
| Toucinho | 12:248 | 2:347 | 1:115 | - |
| Azeite | 2:960 | 2:935 | 135 | - |
| Banha | 3:334 | - | - | - |
| Sal | 3:148 | 673 | 452 | - |
| Vinagre | 2:434 | 762 | 480 | - |
| Pimentão | 287 | 63 | 45 | - |
| Vinho | 18:309 | 385 | - | - |
| Chouriço | 13:412 | 4:306 | - | - |
| Bacalhau | 18:513 | 4:397 | - | - |
| Rações racionadas: | | | | |
| Café (incluído acima) | - | - | - | - |
| Açúcar (incluído acima) | - | - | - | - |
| Bolacha (incluída acima) | - | 3:150 | - | - |
| Conservas de carne | 1:500 | 1:810 | - | - |
| Rancho confeccionado | - | - | - | - |
| A. R. M. Militar | 4:017 | - | - | 2:700 |
| Conservas de peixe | 4:700 | 757 | - | 2:500 |
| Vinhos (incluídos acima) | - | - | - | - |
| Rações de forragens | 48:000 | 21:387 | 19:460 | 94:000 |

(a) Depois de abastecidas as unidades.

(b) Aproximado.

Em 1 de Agosto fui aos Gambos chamado a conferenciar acêrca da orientação a dar aos abastecimentos, pois que S. Ex.^a o general tinha resolvido prosseguir as operações em 12.

Ficou resolvido que se procurasse enviar para o Humbe os víveres e forragens necessários para, com os que já ali estavam e seriam enviados até 12, ficar assegurado o abastecimento das forças em operações e depois o das destinadas à ocupação. Além disto seria necessário colocar nos postos de Chibia, Quihita, Gambos, Tchicusso e Humbe os víveres necessários ao abastecimento das unidades durante a evacuação.

Calculava-se então que no Humbe, e até 12, poderiam ser postos 15 dias de víveres e forragens e esperava-se que, com os camiões que ficassem disponíveis, se obteria o rendimento necessário para o transporte diário de meio dia de víveres e forragens. Mas o incêndio de Tchicusso e as repetidas avarias dos camiões, reduzindo o número destes, prejudicaram bastante aqueles cálculos.

Nessa ocasião expus a S. Ex.^a a vantagem de que fôsem activados os trabalhos de construção da estrada de camiões, procurando-se que esta fôsse inaugurada antes de terminarem as operações. Tendo S. Ex.^a concordado, foram dadas as ordens necessárias nesse sentido.

Como a gasolina então existente nos diversos depósitos me parecesse insufficiente para assegurar o serviço dos camiões até a chegada do *Dondo*, esperado com 3.000 caixas de gasolina, pedi as providências necessárias ordenando S. Ex.^a as ordens precisas nesse sentido.

A existência de gasolina era então (1 de Agosto) a seguinte:

| | |
|--------------------------|---------------------|
| Mossâmedes | 146 caixas |
| Quilómetro 183 | 190 caixas |
| Quilemba | 958 caixas |
| Lubango | 430 caixas |
| Total | <u>1:720 caixas</u> |

Como o consumo regulava por uma média de 100 caixas e se não sabia a data certa da chegada do *Dondo*, era conveniente tomar providências para evitar a paralisação ou redução forçada do serviço dos camiões por falta de gasolina.

Em 5 de Agosto, como no Lubango e Quilemba, em consequência do maior rendimento do camiabo de ferro, houvesse a quantidade de viveres e forragens suficientes para garantir os abastecimentos durante todo o período das operações, propus a S. Ex.^a a redução para 25 toneladas diárias dos géneros a transportar, o que S. Ex.^a aprovou e me encarregou de comunicar a V. Ex.^a Isto permitia-nos deslocar do quilómetro 183 para a Quilemba algumas centenas de carregadores que, utilizados no transporte de géneros daqui para o Lubango, nos dispensavam alguns carros boers que a falta de camiões obrigava a continuarem no percurso do trajecto.

Durante este período foram muitos os camiões que se inutilizaram e quasi todos no trajecto Gambos-Humbe. Além disso a falta de câmaras e outros sobressalentes obrigou a conservar muitas vezes alguns inactivos. Em 22 de julho estavam inactivos nos Gambos, por falta de câmaras, 20 camiões.

Durante este período fez serviço no trajecto Lubango-Gambos uma média de 16 camiões.

Em 5 de Agosto recebi no Lubango as notas de V. Ex.^a n.ºs 555 e 556.

A primeira respondi com a minha nota n.º 321, de 7 do mesmo mês. Na nota n.º 556 determinava V. Ex.^a que lhe enviase de 10 em 10 dias um relatório de todos os factos que interessassem à Direcção de *Étapes*, constando deste relatório as ordens ou instruções por mim recebidas do Q. G. C. S., e as expedidas por mim em nome de V. Ex.^a

A V. Ex.^a comuniquei todas as ordens ou instruções escritas que recebi do referido quartel general, e que interessavam ao conjunto do serviço de *étapes*; V. Ex.^a decerto não se referia às ordens ou instruções verbais relativas a assuntos de importância restrita ou às muitas ordens transmitidas em notas, muitas delas completamente alheias ao serviço de *étapes*. Isto, bem como a regularidade na remessa das comunicações, sabe V. Ex.^a porque não pude executá-lo; os factos que se deram, o papel que neles ocupei e os serviços que desempenhei explicam-no melhor do que as razões que eu pudesse alegar.

IX. *12 de Agosto a 4 de Setembro.* — Em 9 de Agosto parti do Lubango para o Humbe. Aqui recebi, em 10, a ordem de serviço n.º 1 que enviei por cópia a V. Ex.^a, na parte em que interessava ao serviço de *étapes*. Pelo

artigo 1.º desta parte da ordem continuava eu encarregado de dirigir o serviço dos abastecimentos, estendendo a minha acção até as forças em operações.

A situação dos abastecimentos não era tam desafogada quanto seria para desejar. O incêndio do Tchicusso no dia 5 e o grande número de camiões variados tinham prejudicado os projectos feitos a que já referi. Contudo o estado de abastecimento do depósito dos Gambos era bom e ao Tchicusso pouco faltava para a lotação fixada. No Humbe havia aproximadamente os 15 dias de viveres e forragens previstos.

No Humbe, considerado como base de operações, estava dirigindo os serviços administrativos o Sr. tenente de administração militar, J. R. Costa Júnior.

Conforme a determinação do comando superior, o destacamento do Cuamato, no efectivo de 1:300 homens e 460 solípedes, devia levar nos seus tons regimentais 5 dias de viveres, sendo 3 de viveres de reserva e 2 normais e 5 dias de forragens correspondentes aos dias 13 a 17. Para o primeiro dia, 12, seriam distribuídos viveres normais. A disposição deste destacamento e para o transporte de água seriam postos 8 camiões. A partir do 6.º dia (17) os camiões do destacamento viriam à retaguarda para o reabastecimento do destacamento.

O destacamento do Cuanhama, no efectivo de 2:620 homens e 1:260 solípedes, levaria consigo 8 dias de viveres de reserva (14 a 21) e 8 dias de forragens, sendo abastecido em viveres normais e forragens nos dias 12 e 13, do Humbe. A sua disposição seriam postos 24 camiões.

Se as operações decorressem segundo as previsões feitas, o destacamento do Cuamato alcançaria o Cuamato em 16, iniciando a evacuação em 21, logo que o destacamento do Cuanhama entrasse na N'giva. Este devia alcançar a embala em 20 e, descansando em 21, iniciaria a evacuação em 22.

Emquanto a munições calculava-se como sendo suficientes ás transportadas nos trens de combate das unidades e secção de munições do destacamento do Cuanhama.

Em 12 as duas colunas iniciavam a marcha sobre os respectivos objectivos.

A minha disposição ficavam 12 camiões, pois os restantes estavam avariados ou inactivos por falta de sobressalentes. Dêstes, 8 eram absorvidos pelo transporte de gasolina. Os restantes foram empregados no transporte

de géneros dos Gambos e Tchicusso para o Humbe e depois para o forte Roçadas, onde, de acôrdo com os respectivos comandos, os devia pôr à sua disposição para o reabastecimento dos seus trens regimentais. Entretanto foi dada ordem ao depósito dos Gambos para fazer seguir o maior número possível de carros boers para o Tchicusso e a Cahama e Tchicusso para o fornecimento de bois quando as espanas não pudessem completar os trajectos.

Com o fim desembaraçar alguns camiões do transporte de gasolina foram organizados no Lubango dois combóios de carros alentejanos, um em 18 de Agosto com 26 carros e o segundo em princípio de Setembro com 24 carros. Ambos os combóios transportaram a partir dos Gambos géneros para o Humbe; o primeiro forneceu ainda as muares para a organização do destacamento da N'giva; o segundo foi no regresso utilizado para a evacuação de pessoal e material.

O destacamento do Cuamato entrou no forte deste nome em 15.

O destacamento do Cuanhama, tendo sido violentamente atacado em 18, era obrigado a suspender provisoriamente a sua marcha sobre a N'giva. Neste dia recebia eu ordem no Humbe para com urgência enviar munições a este destacamento para artilharia de campanha, para Mauser, etc. Isto determinou a remessa de munições Mauser dos Gambos e de munições para artilharia de campanha do Lubango.

Para este fim foram organizados aqui dois combóios de camiões, o primeiro dos quais, 5 camiões, partiu às 24 horas de 19 e chegou ao Humbe na tarde de 20, transportando 500 granadas e acessórios diversos. O segundo combóio, 3 camiões, partiu no dia imediato transportando 390 granadas.

Na maneira como foi executado este serviço, rápido e inteligentemente dirigido pelos Srs. capitães Nobre, de artilharia, e José Marques, de administração militar, encontra-se bem distintamente evidenciado o que se consegue com boa vontade e dedicação.

Também são dignos de serem notados os Srs. tenente Teixeira, de engenharia, e alferes Cadima, comandante do primeiro combóio, pelos esforços empregados, o primeiro no arranjo dos camiões e o segundo para os conseguir levar tam rapidamente ao seu destino.

No dia 19, tarde, o combóio do Cuanhama foi atacado, perdendo 7 camiões e sendo obrigado a retroceder.

O destacamento do Cuanhama ficou desde então com as comunicações cortadas e só no dia 24, devido ao auxílio do destacamento do Cuamato, as viu restabelecidas e continuando o seu abastecimento. Da minha interferência nestes factos darei conta a Sua Ex.^a o general noutro relatório.

Enquanto o destacamento do Cuanhama teve as suas comunicações cortadas e se providenciava para as restabelecer, foram os camiões disponíveis empregados no transporte de géneros do Tchicusso para o Humbe.

Em 24 o destacamento do Cuamato entrava na Mongua escoltando um combóio de 15 camiões com víveres, forragens e munições.

O número de camiões ao serviço estava então reduzido a 32, número que não foi depois excedido.

Em 28 de Agosto fui à Mongua conferenciar com o comando superior acêrea do prosseguimento das operações sobre a N'giva. Em 29 fui para a testa da ponte da Chimbua, onde fiz instalar uma estação telegráfica.

Em 29 chegava o destacamento do Evale à chana da Cuacula, e tendo sido dissolvido, os víveres e forragens de que dispunha, foram na quasi totalidade transportados para a Mongua pelos auxiliares bailundos. Esta circunstancia auxiliou-nos bastante, pois, como é de prever, o prolongamento do período de operações e a sucessiva redução dos recursos em transportes estavam obrigando a um exercício de serviço de camiões disponíveis, que, com grande dificuldade, poderia manter-se.

O destacamento do Cuamato pediu em 20 que lhe fôsem enviadas munições de 7^{ma} MTR. Foi organizado nos Gambos um combóio de dois camiões com 320 granadas das quais só 160 foram do Humbe requisitadas por aquele comando.

Em 31 de Agosto era organizado o destacamento da N'giva no efectivo aproximado de 2:400 homens e 700 solípedes, devendo em 1 de Setembro iniciar-se a marcha sobre a N'giva. Em consequência de avarias nalguns camiões, que fizeram demorar a chegada de víveres de reserva dos Gambos, foi a partida do destacamento adiada para 2. O destacamento levou consigo 4 dias de víveres de reserva. A sua disposição deviam ser postos 20 camiões, mas, em consequência das avarias referidas, em 1 de Setembro só podia dispor na Chimbua de 16 que nesse dia seguiram para a Mongua.

O destacamento entrou em N'giva em 4 de Setembro.

Durante este período houve necessidade de recorrer

aos dois depósitos, Gambos ou Tchicusso, conforme a existência neste e o grau de urgência dos géneros.

X. 5 a 29 de Setembro. — Em 5 de Setembro, tendo sido dissolvido o destacamento, foi criado o comando militar do Baixo Cunene, compreendendo o Evale, Cuanhama, Cuamato, Naulila e Humbe. Foram nomeados o Ex.^{mo} coronel Veríssimo de Sousa e o Sr. capitão do serviço do estado maior, J. E. C. Mascarenhas, para dirigirem a evacuação.

Segundo as previsões anteriores às operações deveria ficar na ocupação do Cuanhama o efectivo aproximado de 1:000 homens e 120 solípedes. Além disso a evacuação devia ser rapidamente executada para reduzir de pronto os efectivos na frente e deixar desafogado o serviço dos abastecimentos. Os factos porém passaram-se de modo diverso, trazendo grandes dificuldades ao serviço dos abastecimentos. Os efectivos mantiveram-se na sua quasi totalidade nos diversos postos até próximo do dia 15, fazendo-se a evacuação duma maneira muito lenta, conservando-se a maior parte dos homens nalguns postos aguardando o transporte em camiões.

Em 6, S. Ex.^a o general, com parte do seu quartel general, partia para os Gambos e daqui para o Lubango. No mesmo dia partiam 7 camiões *Fiat* com praças do batalhão de marinha. Eu tinha proposto ao comando superior que a evacuação em camiões fôsse feita sobre os Gambos a fim de mais rapidamente reduzir os efectivos no Cunene e por ter os Gambos uma situação desafogada. Mas estes camiões seguiram contra as minhas indicações dos Gambos para o Lubango, e no dia seguinte lutei com sérias dificuldades no sul, pois os abastecimentos se estavam fazendo quasi dia a dia.

Mas o pessoal evacuado sobre os Gambos empenhava todos os seus esforços para em camiões e imediatamente seguir para o Lubango. Esta circunstancia levou-me a partir em 9 para os Gambos. A partir desta occasião a situação e o abastecimento das tropas estavam assegurados. A constituição dos depósitos exigia, porém, ainda hoje, a redução não só dos efectivos na frente mas dos calculados para occupação e que eram então aproximadamente 1:800 homens e 300 solípedes, 1:000 quando foram organizadas as duas companhias de infantaria montada e completados os efectivos. Não recebi até hoje as instruções que hão-de regular esta questão.

Era então oportuno iniciar a liquidação dalguns pequenos depósitos, como Quihita, Binguíro, Cavalaua, e Cahama. Os depósitos da Chibia e Tchicusso seriam liquidados depois e este só quando os carros boers pudessem ir até o Humbe.

Parti para o sul dando instruções nestes postos para o fim indicado. Os depósitos de Binguíro, Cavalaua e Cahama eram insignificantes, pois nesta linha os depósitos com víveres de trânsito eram os de Gambos, Tchicusso e Humbe. No posto de Binguíro havia aproximadamente 10 toneladas, 300 quilogramas no de Cavalaua e 10 toneladas no da Cahama. Os géneros seriam, como é natural, enviados para a frente e o material diverso para os Gambos.

Tendo visitado os postos guarnecidos e a guarnecer pelas tropas de ocupação, Cafu, Cuanhama, Cuamato, Naulila e Donguena, regresssei ao Humbe.

Com o comando do baixo Cunene ficou resolvido que o tenente Costa Júnior continuaria no Humbe dirigindo os abastecimentos das tropas dos territórios daquele comando e tendo como auxiliares oficiais nos postos do Humbe, N'giva e Cafu, este para a fiscalização do serviço dos carros boers no trajecto Mulondo-Cafu e remessa dos géneros por estes transportados para N'giva.

Então tinham já chegado vários carros à Mongua e Cafu dos destinados ao abastecimento do destacamento do Evale, e em 8 e 23 do mês corrente tinham partido do Lubango dois combóios de carros boers, o 1.º com 22 carros e o 2.º com 42, destinados ao Cuanhama e fazendo a marcha pelo Cunene.

Em 26, segundo informações daquele oficial, estavam no Cafu e Mongua os géneros necessários para assegurar o abastecimento dos tropas até o fim de Novembro, faltando apenas 2:000 toneladas de géneros diversos que seriam remetidos dos Gambos.

A exploração dos recursos locais na zona de *étapes* limitou-se a aquisição de gado bovino para abater, ração, e capim. Mas últimamente havia alguma falta de gado, tendo do Humbe que recorrer aos Gambos, Cahama e Tchicusso. Quando da dissolução do destacamento do Evale vieram para a Chimbua 20 carros que eu fiz demorar ali na previsão, em caso de absoluta necessidade, de ter de recorrer a este gado para consumo. Entretanto o gado, incapaz quasi todo do serviço imediato, descansava. Depois foram mandados seguir uns para o

Lubango outros para Benguela, transportando aqueles material a evacuar.

O serviço dos camiões continuou sempre a lutar com dificuldades provenientes da falta de sobressalentes, principalmente de câmaras, em consequência do seu grande consumo.

Em 7 de Setembro ardeu a oficina de camiões nos Gambos inutilizando-se todas as ferramentas e sobressalentes que ali estavam, entre estes 24 câmaras.

Em 12 consegui que definitivamente fosse dada a este serviço a orientação que há muito vinha pedindo, sendo criada uma companhia do comando do Sr. capitão de infantaria Carlos Borges, com a sua organização, administração e disciplina e subordinada ao conjunto dos serviços apenas para efeitos da sua utilização. Este serviço foi sempre, principalmente depois das instruções de S. Ex.^a o general que, por cópia, enviei a V. Ex.^a, directamente tratado com o comando superior. Ultimamente procedeu-se à remoção para as oficinas dos camiões que as exigências do serviço tinham obrigado a deixar provisoriamente nos locais onde se tinham avariado. Em 18 foi nomeado o Sr. tenente de engenharia Teixeira para dirigir este serviço.

A estrada de camiões no trajecto Lubango-Gambos está em bom estado; no trajecto Gambos-Humbe o seu estado é mau e com as chuvas deve vir a carecer de importantes reparações. De acôrdo com o Sr. chefe do estado maior do comando superior ficou resolvido encarregar o sr. Endricks da sua reparação, com interferência do encarregado do governo do distrito.

Este relatório, forçadamente incompleto, por não ser baseado nos dos oficiais que ainda continuam dirigindo alguns serviços, mostrará a V. Ex.^a a execução dada no seu conjunto ao serviço que fui encarregado de dirigir.

O Chefe do Estado Maior de *Étapes*.— *Joaquim dos Santos Correia*, tenente.

Relatório ¹

Lubango, 29 de Setembro de 1915.—Ao Sr. Chefe do estado maior do comando superior.—A *Ordem de*

¹ Considerando este relatório como complemento do que dirigi ao Sr. director de *étapes*, e de que junto um exemplar, omitirei aqui o que naquêle fica exposto.

serviço n.º 1, do quartel general do comando superior, de 10 de Agosto de 1915, publicada no Humbe, conservando as atribuições que até então me tinham sido dadas, determinava que eu estendesse a minha acção até as forças em operações.

A mesma ordem dava ao comandante militar da base de operações (Humbe), entre outras as seguintes atribuições:

a) Pôr à disposição do chefe do estado maior do serviço de *étapes* todos os recursos que, pelo mesmo, lhe foram requisitados;

b) Tomar as medidas necessárias à segurança, disciplina e hygiene da base de operações, reprimindo os crimes e delitos cometidos pelo pessoal sob as suas ordens e pelos europeus ou indígenas;

c) Conservar-se em constante ligação com as testas de ponte que forem criadas ou com quaisquer postos que forem destacados, adoptando as medidas necessárias para a conservação e protecção das vias de comunicação de toda a espécie;

d) Conservar e procurar restabelecer as comunicações com as forças em operações.

Pela organização dos destacamentos do Cuanhama e Cuamato, transportava o primeiro 8 dias de víveres e de forragem e tinham à sua disposição 24 camidões para o abastecimento da água; o segundo, 5 dias de víveres e de forragens e 8 camidões para o abastecimento de água. O primeiro destacamento deveria ainda ser directamente abastecido do Humbe nos dias 12 e 13 e o segundo no dia 12.

Com o Sr. chefe do estado maior do destacamento do Cuamato conferenciei no dia 11, ficando combinado o serviço de reabastecimento até depois da sua chegada ao Cuamato. Este serviço decorreu de modo que pode dizer-se regular, tanto no período das marchas sobre o Cuamato como depois na marcha sobre a Mongua.

Quanto ao destacamento do Cuanhama mostrou-me na tarde de 10 o Sr. chefe dos serviços administrativos d'este destacamento a sua nota n.º 13, dirigida ao Sr. chefe dos serviços administrativos da B. O., onde lhe fazia a requisição dos géneros necessários às refeições de 12 e 13.

Em 11, este último official dizia-me que com aquele tinha combinado tudo o que dizia respeito a esta questão. Passei, por isso, a tratar doutras questões que chamavam a minha atenção.

Quando em 12, depois da partida dos destacamentos, fui ao depósito saber como tinha decorrido o serviço dos abastecimentos, reconheci que ao destacamento não tinham sido enviados os géneros com a antecedência necessária e tomei providências tendentes a remediar o inconveniente havido. Este resultou, a meu ver, de não ter sido observada a disposição a) do artigo 3.º da alínea o) da *Ordem de serviço* n.º 1 do quartel general do comando superior, determinando que eu serviria de intermediário entre os destacamentos e os chefes dos diversos serviços na retaguarda.

Também estes géneros poderiam ter sido transportados em camiões acompanhando o destacamento, tanto mais que estes só a partir do dia 13 seriam necessários ao abastecimento da água.

Não permitindo os camiões de que eu dispunha prover ao reabastecimento dos trens regimentais dos destacamentos, propus mandar pôr os géneros na Chimbua e com isso concordou o comandante do destacamento do Cuanhama. Com o comandante do destacamento do Cuamato tinha eu combinado pôr os abastecimentos à disposição no Forte Roçadas e em 15 saía desta testa de ponte um comboio de carros alentejanos, organizado naquele destacamento com um dia de víveres e forragens; os reabastecimentos posteriores foram feitos com camiões d'este destacamento.

Com os Srs. sub-chefes do quartel general do comando superior e do destacamento do Cuanhama tinha eu combinado que os carros alentejanos, à medida que fôsem sendo descarregados, fôsem mandados à retaguarda para com êles organizar comboios com géneros. As quebras havidas no gado de tracção não o deixaram fazer.

Em 18, recebi de V. Ex.^a uma nota, datada de 17-Mongua, comunicando o combate d'este dia e conquista de cacimbas com alguma água. Comunicava-me ainda V. Ex.^a que eu deveria estudar a possibilidade de abastecer a região do Cuanhama através do Cuamato, criar depósitos de víveres e forragens no Humbe e telegrafar a S. Ex.^a o Ministro um resumo do conjunto das operações realizadas.

Quanto à primeira determinação, era minha intenção propor a utilização da linha do Cuamato, abastecendo-se a N'giva pelo forte do Cuamato e a Mongua pelo Damaquero, e continuando a fazer-se a passagem do rio no vau do Forte Roçadas.

Os depósitos no Humbe não foram criados por ter sido depois determinado que os géneros seguissem directamente para os postos prevenindo as dificuldades que, com as chuvas, viriam para a passagem do Cunene.

A S. Ex.^a o Ministro enviou o seguinte telegrama:

«Informo V. Ex.^a dia 12 foi iniciado segundo período operações.

Coluna Cuamato passou Cunene dia 12, foi atacada dia 13, sendo inimigo pôsto em fuga pela artilharia, tornou ser atacada dia 15 na Inhoca e repellido inimigo entrou mesmo dia forte Cuamato que inimigo não teve tempo destruir.

Coluna Cuanhama que acompanho passou Cunene em 13, alcançou ontem Mongua cujas cacimbas inimigo tentou defender atacando coluna às 10 horas, mas sendo repellido após 15 minutos fogo artilharia. Coluna prossegue marcha amanhã.

Coluna Evale tendo descido de Capelongo ao longo Cunene alcançou Cafu dia 16, prossequindo marcha amanhã. — *Governador Angola*».

Na tarde de 18 recebi Humbe nota de V. Ex.^a comunicando o combate dêsse dia, as dificuldades em que a coluna do Cuanhama se encontrava e o propósito de S. Ex.^a o general de aguardar o reabastecimento de munições e víveres para prosseguir a marcha.

Em *post-scriptum* indicava V. Ex.^a a conveniência duma demonstração da coluna do Cuamato em direcção à N'giva.

Também V. Ex.^a determinava que da informação remetida fôsse enviada cópia ao destacamento do Cuamato.

O carácter de urgência e de absoluta necessidade que revestia a requisição de munições levou-me a sacrificar o transporte de géneros para a satisfazer, determinando para o Lubango e Gambos as providências indicadas no outro relatório e fazendo proceder a uma revisão no material de guerra existente no Humbe, onde foram encontradas 34 granadas 7,5 M. T. R., e dois garrafões com liquido, que seguiram na manhã de 19.

Na mesma tarde em que recebi a nota referida partiu um official em camião levando a informação ao destacamento do Cuamato, que na manhã do dia seguinte completei, enviando cópia da nota.

As informações que eu vinha obtendo pelos comandantes de combóios, *chauffeurs* e praças evacuadas acerca das dificuldades encontradas pelo destacamento

na sua marcha e ainda as trazidas pelos feridos no combate de 18, acêrca da atitude do gentio e das perdas sofridas no gado, tinham-me convencido da conveniência de que o destacamento do Cuamato viesse a cooperar directamente com o do Cuanhama. Por êste motivo e ainda porque a marcha do destacamento do Cuamato sôbre a N'giva me viria a criar grandes dificuldades para o seu reabastecimento, disse em aditamento à indicação de V. Ex.^a que, «a meu ver, esta não tolhia ao comando dêste destacamento a liberdade de proceder como julgasse conveniente em harmonia com a situação».

Ao destacamento do Evale enviei na manhã de 19 cópia da nota referida por um telegrafista civil, a cavalo.

Do destacamento do Cuamato recebi em resposta na tarde de 19 um telegrama de que destaco o seguinte:

«Nosso destacamento avança amanhã, 20, às 4 horas para Ombumbo dentro fronteira Cuanhama e no caminho N'giva ficando neste forte de guarnição a 16.^a companhia indígena.

Conforme situação aconselhar, assim avançaremos ou não dia imediato sôbre N'giva.

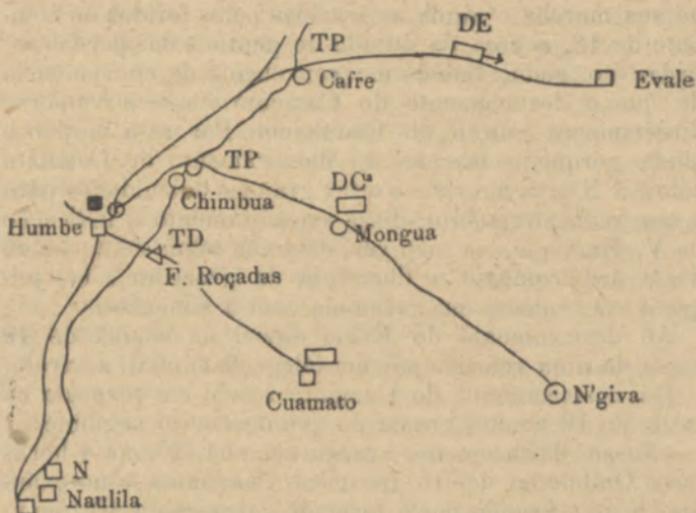
Rogo vá dar disto imediato conhecimento ao destacamento Cuanhama a fim cooperar connosco, tomando ofensiva, manhã 21».

Dêste telegrama dei eu conhecimento a V. Ex.^a em minha nota 449, que devia ser levada na manhã de 20.

As 22 horas de 19, tendo conhecimento de que o destacamento do Cuanhama tinha tornado a ser atacado, redigi outra nota para o destamento do Evale onde dizia: «O destacamento do Cuanhama tornou a ser atacado no seu estacionamento da Mongua. O destacamento do Cuamato a fim de cooperar com aquele marcha amanhã sôbre a N'giva». Esta informação devia ser levada na manhã de 20 por um sargento a cavalo.

Em 19 fui informado de que o destacamento de Naulila, tendo batido a Hinga e ocupado Naulila, ia marchar para Ruacaná.

Em 20 às 2 horas fui chamado ao telefone da Chimbuá, pelo sr. alferes Ponce que me informou ter o combóio do seu comando sido atacado na tarde de 19 e obrigado a retroceder, perdendo 5 camiões. Na ocasião em que recebi esta comunicação, a situação das nossas forças dava o seguinte, tomando como provável a do destacamento do Evale:



A guarnição do Humbe, constituída por duas companhias de efectivo muito reduzido e das quais tinham sido destacados dois pelotões para as testas de ponte, não podia tentar o restabelecimento das comunicações; pois, além de ser insuficiente, qualquer tentativa empreendida comprometia a segurança da própria base. A solução que se me afigurou mais conveniente foi a seguinte: marchar o destacamento do Cuamato sobre a Mongua, do Evale sobre a Chimbua a estabelecer os postos de ligação; reforçar a guarnição do Cuamato com o destacamento de Naulila. É assim que redigi uma nota ao destacamento do Cuamato expondo-lhe a nova situação e deixando à sua iniciativa a deliberação a tomar, pois evidentemente a marcha sobre N'giva ficava desde logo prejudicada e se impunha naturalmente a marcha sobre a Mongua. O queurgia era que a comunicação chegasse ao seu destino antes de aquele destacamento iniciar a marcha em direcção à N'giva, o que consegui, tendo a comunicação partido do Humbe, levada pelo Sr. alferes Chaves de infantaria, em camião, 30 minutos depois de ter recebido a respectiva informação.

Na mesma ocasião partia ao encontro do destacamento do Evale o sargento a que atrás me refiro, em camião, portador de nova comunicação onde expunha a situação, e lembrava a conveniência de aquele destacamento «vir guardar o vau da Chimbua».

O Sr. alferes Chaves voltou trazendo a informação verbal de que o destacamento do Cuamato viria restabelecer as comunicações. Dêstes factos, bem como das resoluções por mim tomadas, teve conhecimento o Sr. comandante militar do Humbe.

A nota de V. Ex.^a, as informações dos oficiais feridos chegados em 19 à tarde, de que na ocasião da sua saída do estacionamento da Mongua novo combate se estava empenhando, o conhecimento do corte das comunicações e a circunstância dos destacamentos do Cuamato e Evalo se encontrarem bastante afastados, faziam-nos considerar como bastante difícil a situação do destacamento do Cuanhama e estudar a possibilidade de providências mais urgentes. E, como o Sr. comandante militar fôsse de opinião que se aventurasse alguns camiões devidamente escoltados, eu propus que com os Srs. capitães então no Humbe, Borges, Fontoura e Azevedo, nos reúnissemos em conselho e estudássemos a situação.

Reúnidos às 13 horas de 20, expôs o Sr. comandante militar a sua opinião de que se devia tentar o restabelecimento das comunicações organizando um combóio de camiões devidamente escoltados por praças da guarnição do Humbe, que o referido oficial se oferecia para comandar. Expus eu depois que o prosseguimento das operações exigia que o reduzido número de camiões em serviço não fôsse exposto sem uma protecção que desse garantias de ser bem sucedida qualquer tentativa, pois uma nova perda de camiões não só impossibilitaria o avanço posterior sobre a N'giva, mas ainda ficaria prejudicado o abastecimento das tropas até a Mongua, o que poderia acarretar um desastre; que o combóio proposto, sendo regularmente escoltado, poucos géneros transportaria, e embora alguns camiões conseguissem chegar até a Mongua, teríamos, quando muito, conseguido forçar o cêrco estabelecido e não restabelecer as comunicações, como era necessário para assegurar a continuidade dos transportes; que o destacamento do Cuanhama sendo bastante forte poderia, se o julgasse absolutamente necessário, tentar qualquer meio de vir à retaguarda no todo ou em parte, e se o não fazia era porque não desistia do seu objectivo; que deveríamos pedir ao destacamento do Cuamato para apressar o mais possível a sua marcha, pois quer partisse do Damequero sobre a Mongua, quer o fizesse pela Chimbua, alcançaria aquele estacionamento em 23 ou 24, até quando o destacamento do Cua-

nhama, embora com sacrifício, poderia aguentar-se; que além disto se aguardava resposta do destacamento do Evale, e que com qualquer dos dois destacamentos o combóio seguiria com a necessária segurança. Concordearam os Srs. capitães Borges, Fontoura e Azevedo com a minha opinião, e de comum acôrdo foi resolvido que o Sr. capitão Borges partisse em camião ao encontro do destacamento do Cuamato a expor a situação. Êste official partiu às 14 horas e foi encontrar aquele destacamento no Damequero, donde voltou informando que o destacamento viria o mais depressa possível pela Chimbua restabelecer as communicações.

Em 20 à tarde chegava ao Humbe o *chauffeur* Albano, portador duma nota assinada pelo Sr. sub-chefe do estado maior do comando superior, indicando como necessário o apoio do destacamento do Cuamato.

No mesmo dia às 23 horas recebia communicação dêste destacamento pedindo que determinasse ao destacamento do Evale para marchar para a Chimbua e ao de Naulila que marchasse para o Cuamato a reforçar a guarnição daquelle pôsto.

Tendo já providenciado emquanto ao primeiro e aguardando a deliberação do destacamento do Cuamato para proceder em conformidade emquanto ao segundo, expedi em 21, em nome de S. Ex.^a o general, ordem ao destacamento de Naulila para marchar para o forte do Cuamato, ordem que foi prontamente executada.

Na manhã de 21 parti do Humbe em camião ao encontro do destacamento do Cuamato que encontrei um pouco além do Forte Roçadas e com cujo comando conferenciei.

De regresso ao Humbe, recebi, de tarde, do destacamento do Evale a seguinte nota datada de 20: «S. Ex.^a o Sr. major comandante encarrega-me de comunicar que a coluna está a um dia de marcha do Evale e que reputa inconveniente retroceder sem fazer a sua occupação, que se deve realizar amanhã. Feita a occupação, amanhã mesmo retiraremos para o vau da Chimbua».

Recebida esta communicação voltei ao Forte Roçadas e aí foi resolvido pelo comandante do destacamento enviar ordem ao Sr. comandante do destacamento do Evale para marchar immediatamente para o vau da Chimbua. Também o Sr. chefe do estado maior propôs, e eu concordei, substituir as suas praças estropiadas por outras do 19, para o que no mesmo dia partiu do Humbe para

a Chimbua o Sr. capitão Azevedo com 100 praças de infantaria n.º 19.

De regresso ao Humbe fiz seguir a ordem referida acima ao seu destino, sendo seu portador o Sr. tenente de cavalaria Moura Borges em camiões. Este, porém, sofreu um desastre próximo do Cafu e a ordem foi daí levada ao seu destino por um indígena pôsto à disposição daquele oficial pelo comandante do Cafu.

Neste dia 21 enviei a V. Ex.^a por dois indígenas uma nota cifrada e em duplicado informando das medidas tomadas.

Em 22 recebi no Humbe a nota de V. Ex.^a datada das 18 horas de 21 por intermédio dum serviçal do auxiliar José Guerreiro.

Neste dia fui à Chimbua conferenciar com o Sr. chefe do estado maior do destacamento do Cuamato e aí encontrei o Sr. tenente Roma portador duma nota de V. Ex.^a datada das 13 horas de 22. Neste dia ficou organizado o combóio de camiões, sob o comando do Sr. tenente Roma, que devia acompanhar o destacamento do Cuamato.

Em 23 este combóio, adiantando-se ao destacamento, foi atacado e obrigado a retroceder. Em 24 entrou no estacionamento da Mongua com o destacamento, ficando desde então estabelecidas e asseguradas as comunicações.

Em 26 recebi de V. Ex.^a uma nota onde, entre outras determinações, vinha a de comunicar ao destacamento de Naulila que por S. Ex.^a o general ficava encarregado da ocupação de Naulila e Ruacaná. Transmiti essa determinação em 27, mas, tendo chegado ao seu destino em 5 de Setembro, só nesta data aquele destacamento seguiu para Naulila.

Em 28 fui à Mongua conferenciar com V. Ex.^a acerca do prosseguimento das operações, e ficou resolvido que eu poria 20 camiões à disposição do destacamento de N'giva.

Estavam então bastantes camiões fora de serviço por falta de câmaras de ar. Mas o *Peninsular* tinha chegado a Mossâmedes em 23 trazendo camaras e era de esperar que antes do dia 30 estivessem no Humbe, tanto mais que eu tinha pedido para Mossâmedes a organização dum dos combóios de forma a serem imediatamente transportadas para o quilómetro 183, e Lubango tinha dado instruções no mesmo sentido. Mas, contra toda a

expectativa, as câmaras só foram encontradas no vapor em 31, e além disto 16 camiões, que em 30 partiram dos Gambos, avariaram em grande número entre Gambos e Ediva e outros próximo da Chimbua. Daqui resultaram dificuldades inesperadas, como comuniquei a V. Ex.^a em minhas notas de 29 e 31, e a impossibilidade de pôr à disposição do destacamento mais do que 17 camiões para em 2 prosseguirem as operações.

Da maneira como foi desempenhado o conjunto do serviço de cuja direcção S. Ex.^a o general me encarregou, dou conta no relatório dirigido ao Sr. director de *étapes*, de que junto um exemplar.— O Chefe do Estado Maior de *Étapes*.— *Joaquim dos Santos Correia*, tenente.

N.º 11

Serviço de transportes

Relatório

Ex.^{mo} Sr.—Pela minha nota n.º 360, desta data, que já lhe enviei, ficou V. Ex.^a conhecendo algumas das muitas dificuldades com que lutei de Junho a Outubro, inclusive, dêste ano, para procurar corresponder à confiança que em mim depositou, nomeando-me director dos serviços de transportes, anexos à Direcção de *Étapes* que S. Ex.^a o general acertadamente confiou a V. Ex.^a

Se aceitei tal encargo foi tam sòmente para corresponder à sua muita amabilidade, porque já contava com as inúmeras contrariedades que a cada passo haviam de surgir; mas as minhas previsões estavam bastante longe de supor que essas contrariedades haviam de ser tantas e de tam alta importância como aquelas a que alludem os meus telegramas n.ºs 649 e 859, a já alludida na nota n.º 360 e esta que acompanha êste relatório. Mas, emfim, o caminho é de espinhos, os tempos são de sacrificios e eu não podia ser uma excepção. O que deveras sinto é não ter correspondido à confiança que V. Ex.^a depositou no signatário dêste relatório.

A linha de *étapes* que já estava estabelecida em 2 de Junho, data da ordem que me nomeia director dos serviços de transportes, já de Mossâmedes à Chibia, tendo eu delegados nos extremos da linha e nos seguintes pos-

tos intermédios: Muninho, Vila Arriaga, então *terminus* do caminho de ferro, Quilemba e Lubango. A sede da direcção dos meus serviços foi em Mossâmedes até 6 de Julho, passando para Lubango no dia seguinte, onde continuou até 31 de Outubro, data da sua extinção.

A delegação do Muninho, que havia sido estabelecida em Maio para satisfazer as necessidades do serviço da linha Muninho-Capelongo, pelo Chacuto e Chibia, apenas funcionou até Julho, por se reconhecer que o caminho do Chacuto é de difícil prática para qualquer sistema de viação.

A delegação de Vila Arriaga passou em Junho para o quilómetro 183, pelo prolongamento da via férrea até ali, ficando uma subdelegação em Vila Arriaga dependente da delegação do quilómetro 183.

A delegação da Chibia foi extinta em 10 de Outubro por desnecessária. Para seus delegados nos Gambos, Humbe, Cafu e Ngiva, foram nos primeiros dias de Outubro nomeados pelo comando superior, respectivamente, os Srs. tenentes de administração militar, Mendes, Freitas, Mesquita e Cruz, que nas mesmas localidades desempenhavam as funções de gerentes administrativos, com que continuaram.

Tiveram os serviços de transportes secções de: camões, com sede no Lubango, extinta nos primeiros dias de Outubro, pela organização da companhia de automóveis; carros boers, também com sede no Lubango; camelos, organizada em Março, com sede em Mossâmedes, passou para o planalto, com sede no Lubango, sendo extinta em fins de Junho, em virtude da nota n.º 1-973 do comando superior, ficando ainda alguns camelos à directa responsabilidade dos serviços de transportes a meu cargo, onde hoje ainda existem 21 que não foram distribuídos às unidades, em geral por não poderem prestar serviço devido a ferimentos originados pelas cangalhas, ou por qualquer outra incapacidade; carros alentejanos, com sede em Mossâmedes, onde se tem conservado, mas tendo no planalto e além Cuene a maior parte do material, pessoal e animal, onde tem prestado bons serviços, principalmente os combóios que de Mossâmedes saíram sob o comando dos Srs. tenente Moura Borges e Lúcio Martins, com destino à Chibia e Lubango, via Chacuto, de difícil prática; os combóios formados no Lubango, com destino ao Humbe e que a maré forçada ali chegaram em boas condições sob o co-

mando, um do Sr. tenente Moura Borges, outro do Sr. alferes Pina Cabral, outro do Sr. tenente Matias, outro do Sr. tenente Faria Leal, e ainda outros que daqui têm seguido para os Gambos e Capelongo, sob o comando de sargentos e cabos, sem que tenha havido nota alguma desagradável com o serviço destes combóios de carros alentejanos, que só têm o defeito de darem insignificante rendimento, comparado com o elevado número de pessoal e gado de que carecem, principalmente sendo os condutores europeus.

Este inconveniente desaparecerá em breve pelo emprêgo de condutores indígenas, que, como auxiliares, já estão ao serviço do combóio do Sr. tenente Moura Borges, indo um auxiliar com cada carro e respectiva parelha, vigiados por condutores europeus, em número de um por cada dois carros e igual número de parelhas.

Ao meu delegado em Mossamedes solicitei, em telegrama n.º 873, de que junto cópia, que apresentasse directamente a V. Ex.^a todos os elementos que possam interessar para o seu relatório.

Sobre os transportes em caminho de ferro nada direi, porque V. Ex.^a os apreciou melhor do que eu.

O Sr. tenente Quadros informou-me de que havia entregue a V. Ex.^a o arquivo da extinta delegação de transportes do Muninho, informando-o do serviço ali prestado.

O meu delegado no quilómetro 183 expõe claramente no seu relatório, que junto, pedido pelo meu telegrama n.º 874, de que também junto cópia, a maneira como os serviços de transportes se executaram em Vila Arriaga e no quilómetro 183, e V. Ex.^a sabe tam bem como eu, ou melhor, como os serviços ali foram montados e executados sob a hábil direcção do capitão Curado, tanto nos referentes aos efectuados por carros boers e alentejanos e camiões entre Vila Arriaga e Lubango, para os volumes de peso superior a 35 quilogramas, como os efectuados por carregadores subindo a serra até Quilemba, e ainda últimamente os feitos pelos camiões *Fiat*, que têm podido ir ao quilómetro 183 pela estrada especialmente construída para camiões, partindo do quilómetro 16 a contar do Lubango, na estrada Lubango-Quilemba.

A média diária da carga saída do *terminus* do caminho de ferro e de Vila Arriaga, desde 12 de Março a 31 de Outubro, foi de 29:699 quilogramas, sendo de

1:742 a média diária de carregadores, de 2 a de carros boers e de 1 a de camiões, e ainda a de 6 a de cavalos de raça Cabo Verde que ali estiveram para transporte de pessoal que dêles careceram para subir a serra.

Para preparar a estrada dos camiões do quilómetro 16, já referido, até o quilómetro 183, foram para ali mandados, por ordem superior, um camião *Vils*, que voltou no dia seguinte por não poder ser aproveitado ali, sendo substituído por um carro alentejano tirado a duas parelhas, o qual também foi dispensado por não poder ser utilizado no serviço a que era destinado, e por fim quatro bois que ainda lá andam, creio que a puxar a um cilindro.

O meu delegado na Quilemba, capitão Chalupa, apresentou, a meu pedido verbal, o seu relatório referido a 30 de Setembro, relatório que junto a êste, sendo a parte relativa ao mês de Outubro pedida no meu telegrama n.º 875, de que também junto cópia.

O serviço de transportes na Quilemba também foi bem executado pelo expedito capitão Chalupa, fazendo-se os transportes dali ao Lubango por meios mixtos de camiões, carros boers e alentejanos, carregadores e camelos, sendo a média diária de 4 camiões de diferentes marcas, 3 carros boers, poucos alentejanos e ainda menos camelos e 928 carregadores, sendo o rendimento geral médio diário de 22:542 quilogramas.

Teve ainda a Quilemba 7 cavalos, em média diária, e 19 muares em Setembro e Outubro, para o transporte de pessoal que dêle carecesse para dali ir ao quilómetro 183, e ainda tipóias em número suficiente para o transporte do pessoal doente dali ao caminho de ferro.

As maiores dificuldades foram no Lubango, para fazer seguir para a frente tudo quanto era necessário à manutenção das tropas avançadas, empregando-se todos os meios de transporte ao nosso dispor e aqueles de que foi preciso lançar mão, sendo de oito a média diária dos camiões, de três a de carros boers, de dois a de carros alentejanos e alguns camelos até Capelongo, em Junho e Outubro, até os Gambos também em Outubro, tudo formando combóios devidamente comandados.

Os carros boers só desde Julho, sendo de 18 toneladas a média diária de carga transportada do Lubango para a frente.

Os camiões capazes de serviço, que não carregaram no *terminus* do caminho de ferro ou no Lubango, foram em-

pregados no serviço da frente, carregando nos Gambos, Tchicusso, Humbe, etc.

Os carros boers seguiam sem formação de combóios antes de 20 de Julho, sendo applicadas multas àqueles que não cumpriam os itinerários, tendo por algum tempo, também antes de 20 de Julho, um prémio de alguns centavos por cada dia aquelles que fizessem as viagens em número de dias inferior ao estabelecido.

Como tal processo não deu o resultado previsto, foi, por S. Ex^a o general, resolvido que todos os carros boers daqui saíssem formando combóios devidamente escoltados, tomando os respectivos comandantes nota dos bois que morressem nas viagens para serem substituídos pelas reservas de gado confiadas aos mesmos comandantes, sendo os proprietários dos carros dispensados do pagamento do gado assim fornecido, para que os carros seguissem ao seu destino com a urgência reclamada pelas necessidades de serviço.

Só assim muitos dos proprietários dos carros boers se resolveram, depois de instantes solicitações que lhes fiz e mandei fazer, a apresentar os seus carros para o serviço da pátria, como se vê das respectivas relações juntas, a primeira referida a 14 de Julho que mostra a inscrição de 417 destes carros, e a segunda, referida a 31 de Outubro, que consta de 577, não entrando neste número os carros que carregaram no Huambo com destino à linha de Capelongo e que nunca vieram ao Lubango, como disse na minha nota n.º 360.

A linha de Cassinga teve uma independência que me não compete apreciar, mas que deu em resultado não serem por mim conhecidos todos os meios de transportes que possuía, porque além dos 77 carros e 12 camelos mandados pôr à sua disposição, muitos outros carros utilizou, dos que já ali se encontravam, e todos aquelles que vieram do Huambo, como fica dito.

Os itinerários que estavam estabelecidos para as diferentes linhas foram ali alterados sem que tais alterações me fôsem comunicadas apesar de solicitadas por intermédio do Sr. chefe de estado maior de *étapes*, apresentando-se agora muitas guias de carros pelas quais é difficil liquidar as contas de serviços prestados, guias em que até os auxiliares fizeram menção da morte de bois por excesso de serviço e outras com idênticas declarações assinadas pelo Sr. tenente Edgar Cardoso, mas rasureadas as palavras indicativas da quantidade de bois

mortos, e ainda outras em que os auxiliares e carroiros se limitavam a dizer que os Srs. alferes Andrade e tenente Edgar haviam tomado conhecimento da morte do gado cujo pagamento agora é reclamado pelos seus proprietários.

Os célebres contratos que hoje se consideram rescindidos, como disse na nota n.º 360, foram causa do mau serviço prestado pelos carros boers, aqueles que alguns serviços prestaram, de entre todos aqueles a quem o Estado teve de pagar tam avultadas quantias.

Todos estes serviços teriam produzido muito mais e com menos algumas centenas de contos despendidos, se no início das operações se não pensasse em contratos mas tam sómente em chamar ao serviço todas as viaturas necessárias, pelos processos regulamentares.

Assim teríamos, pois, maior rendimento no serviço de transportes com diminuto dispêndio comparado com o que se fez, e teríamos evitado muito desgosto sofrido pelo pessoal incumbido de fazer mover tais meios de transporte.

Parece que os contratos deviam facilitar a nossa acção que se limitaria a requisitar aos arrematantes os carros precisos para este ou aquele serviço a executar nas datas que fôsem indicadas, de harmonia com os itinerários estabelecidos e segundo a urgência dos mesmos serviços, estando os carros sempre prontos para carregar, mas nada disto succedeu.

Não houve desculpa que os arrematantes, proprietários e carroiros não apresentassem, sempre que dêles se lhes exigia uma parcela do cumprimento dos seus deveres.

Eram os carros partidos, que careciam de mais ou menos demorados consertos; era falta de dinheiro para pagar estes consertos que os proprietários das oficinas do Lubango, Chibia e Humpata diziam não poderem mandar executar sem o immediato pagamento, porque não confiavam nos proprietários dos carros ou porque não podiam empatar os seus diminutos capitais, e ainda porque estas oficinas não estavam habilitadas, pelo seu diminuto pessoal operário, a realizar tantos consertos no prazo de tempo que as necessidades do serviço exigiam; eram as faltas de gado de tracção, pela morte de muitas das suas primitivas «spans»; a falta que diziam ter do preciso numerário para compra de novos bois; era a falta de géneros para alimentação dos carroiros, etc.

Para remover todas estas difficuldades montou-se no Lubango uma officina destinada aos indispensáveis concertos de carros boers e depois também dos carros alentejanos, sendo a princípio proficientemente dirigida pelo Sr. alferes Luvás que ali tinha um bom mestre (sargento artifice Tavares), onde se têm executado os concertos que é dado exigir do pessoal operário nela empregado; garantindo-se também o pronto pagamento de todos os concertos que fôsem feitos nas officinas particulares do planalto, em carros que viessem prestar serviço à columna de operações, sendo as importâncias de todos estes concertos lançadas nas contas dos proprietários dos carros, regulando os preços dos effectuados na officina do Estado pela tabela dos fixados pelas officinas particulares; abonaram-se, a título de adiantamento, por conta dos serviços prestados e a liquidar, ou a prestar; abonaram-se os géneros indispensáveis para regular alimentação do pessoal dos carros, e assim se conseguiu alguma cousa do que com tanta facilidade poderíamos ter para os precisos transportes exigidos por todos os serviços da columna.

Houve, é certo, algumas excepções, mas foram ellas tam poucas que não merecem menção especial.

A falta de capim e água foram causa de grande mortandade de gado de tracção dos carros boers, principalmente entre Quihita e Gambos, Gambos-Tehicusso, pelo que os combóios de carros boers formados no Lubango com carga para Além-Cunene, passaram, desde Setembro, a seguir alternadamente uns pelos Gambos e outros por Quipungo, Capelongo, Mulondo e margem do Cunene.

Dos 68 carros boers que em Maio foram carregados em Mossâmedes, com destino a Capelongo, poucos ali chegaram, descarregando uns no Lubango outros na Chibia, alguns para concerto e a maior parte por falta de gado devido à mortandade havida nos bois dêsses carros durante a viagem pela falta de água e capim entre Mossâmedes e Munhino, tendo até alguns dêstes carros feito entrega de parte da sua carga em diferentes cantões da linha férrea, para por esta via serem entregues em Vila Arriaga, porque os bois que tiravam os carros já não podiam arrastar o carro com a carga recebida em Mossâmedes.

Parte da carga de três carros pertencentes a Manuel de Araújo e Joaquim de Araújo, da Chibia, ainda está

sendo recolhida pelos carros de Francisco de Magalhães, que mandei ao Chacuto em virtude da participação que me foi apresentada pelos Araújo's em 28 de Setembro.

Estes cidadãos, que diziam não ter gado para tirar os seus três carros que tinham no Chacuto com a carga do Estado recebida em Mossamedes em 28 de Maio e que deviam entregar no Capelongo em 19 de Junho, foram vender 40 bois ao mesmo Estado, na Chibia, em 11 de Outubro, ao preço de 305 cada boi, os quais ali foram distribuídos a outros carros que iam para os Gambos, para onde seguiram em marcha regular.

Este assunto está pendente para que, efectuada a entrega da carga que vai a caminho do Chacuto para a Chibia, sejam pedidas aos Srs. Araújo's as contas do seu incorrectíssimo procedimento.

Os serviços de evacuação de pessoal e material têm sido executados por forma a não serem prejudicados os transportes necessários ao serviço da frente, principalmente do Lubango para a retaguarda, aproveitando todas as viaturas que sem prejuízo do serviço da frente têm ido à Quilemba, os camiões que nas mesmas condições têm ido à Quilemba e ao quilómetro 183, e ainda todos os carregadores de retôrno para a Quilemba e quilómetro 183. As passagens em camiões fornecidas ao pessoal militar e civil ao serviço militar e funcionários do distrito da Huila foram na média de 7, do Lubango à Quilemba ou quilómetro 183, e o de 2 para a frente (Chibia, Gambos, Humbe, N'giva, Evale, Quipungo, Capelongo, Mulondo e Cassinga), nos meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro.

Os transportes realizados por meio de carregadores, do terminus do caminho de ferro até o alto da Serra da Quilemba e da Quilemba ao Lubango foram, como é sabido, os mais dispendiosos, mas o pessoal indígena que os executou bem merece ainda uma recompensa por tam violento trabalho, recompensa que poderia consistir na dispensa do pagamento do imposto de cubata no ano de 1915-1916 a todo o indígena que na sua terra prove ter prestado este serviço, e às famílias dos que morreram na execução dos mesmos serviços ou na viagem de repatriação.

Os serviços prestados pela delegação na Chibia são os que constam do relatório do Sr. capitão Isidoro, que

junto, assim como a cópia do meu telegrama em que pedi aquele documento.

Os meus delegados nos Gambos e Humbe estão especialmente incumbidos de, sem prejuizo dos serviços de abastecimento dos depósitos de occupação, fazerem reunir nos Gambos, onde está funcionando uma officina para reparação de carros alentejanos e quaisquer outras viaturas ao serviço das forças avançadas, os 28 carros e carroças que o Sr. tenente Costa Dias, chefe dos serviços administrativos no Humbe, em Junho, diz ter encontrado na marcha do destacamento dos Gambos ao Humbe e num reconhecimento às duas estradas Humbe-Dongoena, viaturas que actualmente pertencem ao Estado que as pagou por indemnização a proprietários de carros perdidos durante as retiradas de Naulila e do Humbe; e quaisquer outras viaturas, entre as quais alguns carros alentejanos, que as unidades abandonaram por qualquer circunstância de força maior, e que se encontram no Cuamato, em Naulila, na estrada de Dongoena, Vau do Calueque, etc.

O segundo sargento Carreira foi por mim incumbido de percorrer os caminhos de carros do Lubango a Vila Arriaga, de Vila Arriaga ao Munhino, do Munhino à Chibia pelo Chacuto a da Chibia ao Lubango pela Hufla, a fim de fazer reunir no Lubango algumas viaturas que me consta terem sido abandonadas por algumas das unidades que passaram por estes caminhos.

As albardas de que trata o telegrama n.º 637 de V. Ex.^a ainda não prestaram serviço, por só há poucos dias terem ficado prontas as cilhas indispensáveis, e ainda por ser pouco o pessoal europeu para condutores de gado a empregar neste meio de transporte, mas em breve poderão auxiliar os serviços entre Lubango e Humpata, granja da Humpata e Hufla, onde se encontra elevado número de gado muar, que assim poderá vir buscar a sua alimentação logo que os condutores indígenas estejam habilitados a prestarem este serviço sem o concurso dos europeus. Estes e todos os artigos disponíveis dos carros alentejanos do planalto estão convenientemente arrumados em casa própria no Lubango.

Todos os officiais e sargentos postos à minha disposição para os serviços dos transportes cumpriram com lealdade e dedicação todos os serviços de que os incumbi, fazendo-se obedecer pelos subordinados na execução dos mesmos serviços, a qualquer hora do dia ou

da noite em que foi preciso atender a todas as exigências de ocasião.

Lubango, 31 de Outubro de 1915.—O Director dos Transportes, *José Marques*, capitão de administração militar.

**Relação do pessoal empregado
nos serviços de transportes, a partir do «terminus»
do caminho de ferro**

Média diária

Terminus do caminho de ferro:

| | |
|-------------------------|----|
| Oficiais, | 2 |
| Sargentos, | 2 |
| Outras praças | 1 |
| Capatazes. | 7 |
| | 12 |

Quilemba:

| | |
|---------------------------|----|
| Oficiais. | 2 |
| Sargentos. | 1 |
| Outras praças. | 5 |
| Capatazes. | 2 |
| Praças indígenas. | 16 |
| | 26 |

Lubango:

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Oficiais (a) | 10 |
| Sargentos (a) | 8 |
| Outras praças (b) | 40 |
| <i>Chauffeurs</i> civis | 80 |
| Mecânicos civis | 10 |
| Condenados (c) | 14 |
| Operários civis (d) | 9 |
| Serventes indígenas (e) | 90 |
| | 161 |

(a) Incluindo camiões.

(b) Idem, sendo 8 serralheiros, 23 *chauffeurs* e 2 vulcanizadores. De Julho a Outubro mais 16 nas oficinas de carros, sendo 10 carpinteiros, 2 serradores, 3 ferreiros e 1 malhador.

(c) Idem, 4 torneiros e 6 serralheiros.

(d) Idem, 6 carpinteiros, 3 pedreiros, 1 funileiro, 1 serralheiro e 3 serventes.

(e) Carpinteiros de oficina de carros boers e alentejanos.

Chibia :

| | |
|-------------------------|-------|
| Oficial | 1 |
| Sargento | 1 |
| Outras praças | 1 |
| Condenados | 10 |
| Indigenas | 60 |
| | <hr/> |
| | 73 |

Lubango, 31 de Outubro de 1915.— O Director dos Transportes, *José Marques*, capitão de administração militar.

Relação dos camiões existentes em 16 de Julho de 1915

| Marcas | Serviços | Reparação | Aviados | Total | Observações |
|------------------------------|----------|-----------|---------|-------|----------------------------------|
| <i>Fiat</i> | 78 | 4 | 5 | 87 | - |
| <i>Unic</i> | 1 | 1 | 1 | 3 | - |
| <i>Napier</i> | - | 4 | 2 | 6 | Lubango. |
| <i>Denis</i> | 1 | - | 1 | 2 | Idem. |
| <i>Albion</i> | 1 | 5 | 1 | 7 | Idem. |
| <i>Vill's</i> | 1 | 1 | 1 | 3 | Idem. |
| <i>Laire</i> | - | - | 4 | 4 | 1 Vila Arriaga. 1 Mossâmedes. |
| <i>Kolher</i> | - | 1 | 1 (a) | 2 | - |
| <i>Americano</i> | - | - | 1 | 1 | Mossâmedes. |
| <i>Dion-Bouton</i> | - | - | 1 | 1 | Idem. |
| <i>Straker</i> | - | 1 | 2 | 3 | 1 Mossâmedes. 2 Lubango. |
| <i>Halford</i> | - | - | 1 | 1 | 1 Lubango. |
| Soma | 82 | 17 | 21 | 120 | |

(a) 1 Vila Arriaga.

Lubango, 16 de Julho de 1915.—O Comandante da Secção, *Varejão*, capitão.

Está conforme.—Lubango, 31 de Outubro de 1915.—O Director dos Transportes, *José Marques*, capitão de administração militar.

Relação dos carros boers e suas situações, referida
a 14 de Julho de 1915

| Localidades em que se encontram | Quantidades |
|---------------------------------|-------------|
| Gambos | 110 |
| Vila Arriaga | 45 |
| Capelongo | 60 |
| Chibia | 16 |
| Munhino | 18 |
| Quilemba | 12 |
| Serviço local | 3 |
| Mossâmedes | 4 |
| Apreendidos | 1 |
| A disposição local | 14 |
| Licença | 46 |
| Consêrto | 88 |
| Soma | 417 |

Nota.—Os seis carros dos Araújo, da Chibia, que estão no Chacuto, não têm números no registo.

Lubango, 14 de Julho de 1915.—O Encarregado da Secção, *José Maria de Sousa e Brito*, tenente.

Está conforme.—Lubango, 31 de Outubro de 1915.—O Director dos Transportes, *José Marques*, capitão de administração militar.

Relação dos carros boers e suas situações,
referida a 31 de Outubro de 1915

| Localidades em que se encontram | Quantidades |
|---------------------------------|-------------|
| Gambos | 72 |
| Vila Arriaga | 4 |
| Capelongo | 62 |
| Chibia | 11 |
| Chimbua | 85 |
| Licença | 34 |
| Por não terem gado | 155 |
| Consêrto | 75 |
| Apreendidos (a) | 2 |
| Mossâmedes | 1 |
| Serviço local (b) | 6 |
| Humbe | 2 |
| Ignora-se | 51 |
| Comércio | 2 |
| Missão da Huila | 2 |
| Nlgiva | 8 |
| Não sazem serviço (c) | 4 |
| Soma | 577 |

(a) Foi para Mossâmedes em 17 de Junho. Não se apresentando ainda é de Johannes Vander Merve.

(b) Os 3 carros dos Araújo não têm número no registo.

(c) N.º 52, de D. Carolina de Jesus, não faz serviço por não ter um só boi. — N.º 230, de D. Maria Figueira Teles, não faz serviço por ordem do comandante das forças. — N.º 350, de José Teixeira Arrais, foi requisitado militarmente e a comissão foi de parecer que não podia prestar serviço. — N.º 353, de João Alves, não faz serviço por ter vendido os sete bois que lhe restavam da espana.

Lubango, 31 de Outubro de 1915. — O Chefe da Secção, *José Francisco Filipe*, tenente.

Está conforme. — Lubango, 31 de Outubro de 1915. — O Director dos Transportes, *José Marques*, capitão de administração militar.

Movimento de transportes pela via férrea

| Meses | 1.ª classe | | | | | 2.ª classe | | | | | 3.ª classe | | | |
|-----------------------|------------|-------|---------|------------|--------|------------|---------|------------|--------|-------|------------|------------|--------|--|
| | Graul | K. 54 | Munhino | V. Arriaga | K. 182 | K. 54 | Munhino | V. Arriaga | K. 182 | K. 54 | Munhino | V. Arriaga | K. 182 | |
| Abril, desde 13 . . . | 1 | - | 1 | 23 | - | - | 1 | 16 | - | - | 4 | 174 | - | |
| Maió | - | - | 6 | 11 | - | - | 4 | 12 | - | - | 34 | 76 | - | |
| Junho | - | - | 3 | 7,5 | 50 | - | 2 | 47 | 41 | 5 | 15 | 17 | 877 | |
| Julho | - | 1 | 1 | 5 | 59 | - | 2 | 48 | 72 | 9 | 3 | 25 | 1:021 | |
| Agosto, até 13 . . . | - | - | - | - | 15 | - | - | - | 20 | - | - | - | 52 | |
| Agosto, desde 13. . . | - | - | - | - | 2 | 1 | - | 4 | 4 | - | - | 16 | 55 | |
| Setembro | - | - | - | - | 10 | - | 4 | - | 27 | - | - | 5 | 65 | |
| Outubro | - | - | - | 2 | 13 | - | 1 | 2 | 19 | - | 1 | 1 | 215 | |
| Total | 1 | 1 | 11 | 48,5 | 149 | 1 | 14 | 129 | 183 | 14 | 57 | 314 | 2:285 | |

Em 13 de Agosto começou a minha gerência como Delegado dos Trans feito em vagões de carga. Para Vila Arriaga foi requisitado meio bilhete

Mossâmedes, 31 de Outubro de 1915.— O Delegado de Trans

durante a gerência da Direcção de «Étapes»

| Carregadores | | | Solípedes | | Carga | | | |
|--------------|------------|--------|------------|--------|-----------|-------------|-------------|-------------|
| Munhino | V. Arriaga | K. 182 | V. Arriaga | K. 182 | K. 54 | Munhino | V. Arriaga | K. 182 |
| - | 784 | - | 5 | - | - | 4:660 | 318:677 | - |
| 123 | 2 | 35 | - | 56 | 5:241 | 49:734 | 1.000:103 | - |
| - | - | 53 | - | 27 | 5:266 | 73:614,5 | 51:283 | 555.961 |
| - | - | 300 | - | 6 | 19:069,55 | 31:555,025 | 416:225,5 | 1.228.055 |
| - | - | 667 | 40 | 190 | - | - | 56:326 | 361:685 |
| - | 54 | - | 20 | 99 | - | - | 49:503 | 598:904 |
| - | - | 388 | - | 1 | - | - | 115:574 | 928:380,6 |
| - | - | - | - | - | - | - | 238:340 | 898:726 |
| 123 | 840 | 1:443 | 65 | 379 | 27:576,55 | 159:563,525 | 2.346:031,5 | 4.581:711,6 |

portes. Por falta de material, 80 por cento dos transportes de pessoal foi para um filho menor do capitão Sr. J. Henrique de Melo.

portes, *João Carlos Teles de Azevedo Franco*, tenente.

Movimento de tropas pela via maritima

| Meses | Lisboa | | | | | | |
|-----------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|---------|------------------|----------|--------|
| | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | Cavalos | Carga | | |
| | | | | | Volumes diversos | Cunhetos | Carros |
| Desde 12 de Abril | 7 | 4 | 98 | — | — | — | — |
| Maió | 15 | 6 | 90 | 1 | — | — | — |
| Junho | 6 | 12 | 267 | 1 | 2 | — | — |
| Julho | 17 | 29 | 461 | 2 | — | — | — |
| Agosto, até 13 | 8 | 27 | 487 | 2 | 3 | — | — |
| Agosto, desde 13 | 8 | 7 | 248 | — | 134 | — | — |
| Setembro | 72 | 95 | 884 | 6 | 13 | 1:441 | 126 |
| Outubro | 42 | 81 | 950 | 7 | 241 | 835 | 36 |
| | 175 | 261 | 3:485 | 17 | 393 | 2:276 | 162 |

Os números em egípcio representam transportados a bordo da canho de transportes.

Mossâmedes, 31 de Outubro de 1915.— O Delegado de Trans

durante a gerência da Direcção de «Etapas»

| Loanda | | | | | Benguela | | | | Lobito | | | Novo Redondo | | | | Cabinda | | | Lourenço Marques | | | Moçambique | | | Cap-Town. | | | |
|-----------------|-----------------|-----------------|--------------|-----------------------|-----------------|-----------------|-----------------|--------------|-----------------|-----------------|--------------|------------------------------|-------------------------|-------------------------------------|-------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|---|
| 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | Carregadores | Carga — Volumes | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | Carregadores | 1. ^a | 2. ^a | Carregadores | Novo Redondo Carregadores | Cabinda Carregadores | Lourenço Marques 3. ^a | Moçambique 3. ^a | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | |
| - | 7 | - | 197 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| - | - | 50 | 517 | 1 | - | 1 | - | 545 | - | - | - | 70 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1 | 2 | - | 259 | - | 2 | 1 | - | 239 | - | - | - | 41 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1 | - | 4 | 264 | - | - | - | - | - | - | 1 | 196 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| - | 1 | 43 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| - | 1 | - | 496 | - | - | 2 | - | 170 | - | - | - | 135 | - | - | - | - | - | - | 2 | 3 | 29 | - | - | - | - | - | - | |
| - | 4 | 1 | 178 | - | - | - | - | 462 | - | - | - | 8 | 1 | 3 | - | - | - | 1 | 2 | 42 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1 | 1 | - | 158 | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 2 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 5 | 17 | 98 | 2:069 | 2 | 2 | 4 | - | 1:417 | - | 2 | 196 | 254 | 1 | 46 | 5 | 3 | 5 | 71 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

neira *Massabi*. Em 13 de Agosto começou a minha gerência como delegado

portos, *João Carlos Teles de Azevedo Franco*, tenente.

Secção de carros alentejanos

Relatório

Convidado em princípios de Março pelo capitão Sr. José Mendes dos Reis, que nessa ocasião fôra nomeado director dos transportes das fôrças em operações ao Sul de Angola, para organizar e comandar uma secção de carros alentejanos, que deveria acompanhar as fôrças na zona de operações, vacilei ao principio em aceitar este convite, não porque me julgasse sem fôrças para resolver as mil dificuldades que certamente ia ter num serviço que antecipadamente reputava árduo, mas sim porque tinha mágoa em abandonar o 1.º esquadrão de dragões em que durante quinze meses servi e ao qual me orgulhava em pertencer.

Acedi, porém, ao convite não só por representar para mim uma deferência, mas ainda porque me era sobremaneira agradável servir sob o comando do mesmo Sr. capitão, por saber a iniciativa que costumava dar aos seus subordinados, e a maneira como costumava assumir a responsabilidade do que ordenava, o que actualmente não é vulgar.

Houve ainda a circunstância de o Ex.^{mo} coronel Roçadas me incitar a que aceitasse, prometendo-me que na occupação do Cuanhama, depois de organizada a secção, eu comandaria o 1.º esquadrão, minha única ambição. Tendo recebido guia no Lubango parti para Mossâmedes, onde me apresentei a 11 de Março, sendo-me nesse mesmo dia indicados os elementos com que podia contar para a organização.

Organização

A secção dos carros alentejanos, que não teve a missão a que se destinavam, foi organizada com os seguintes elementos:

A) Pessoal

A 14 de Março consegui que me fôsem distribuídos, para cooperarem na organização da secção, o primeiro sargento Jerónimo Bemvindo e o segundo sargento Eugénio Vieira Leote, que foram encarregados de procurar na praia todo o material disperso, depois da escolha feita pelas unidades aquarteladas em Mossâmedes.

Não foi tarefa fácil, visto a praia estar apinhada de volumes.

Estes sargentos, depois de organizada a secção, ficaram, respectivamente, encarregados do rancho e da escrituração.

Em 20 de Março apresentou-se o segundo sargento José Rodrigues de Sousa, de cavalaria n.º 3; em 27 o segundo sargento António Cândido de Magalhães, e em 2 de Abril o segundo sargento Manuel da Silva. Estes dois últimos estavam em serviço nas colónias. Do Lubango veio o civil João de Oliveira, que foi contratado para, como técnico, montar os carros e arreios, ministrando ainda a instrução ao pessoal destinado ao serviço de condutores.

B) Animal

As muares que da metrópole vieram destinadas à secção achavam-se, quando cheguei a Mossâmedes, distribuídas por diferentes unidades, algumas já ao serviço das mesmas, por terem incompletos os seus efectivos, mas que por ordem telegráfica do Sr. comandante tiveram de ser entregues na secção a 18 de Março, na totalidade de 374. As unidades que as entregaram foram as seguintes:

| | |
|---|-----|
| 2.ª bateria do 6.º grupo de metralhadoras | 6 |
| Esquadrão de cavalaria n.º 11 | 4 |
| Esquadrão de cavalaria n.º 4 | 105 |
| Sargento Henriques | 105 |
| 5.ª bateria de artilharia n.º 7 | 1 |
| 5.ª bateria de artilharia n.º 2 | 84 |
| 1.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras | 6 |
| 2.º grupo de guardião para uma bateria | 7 |
| Bateria de artilharia n.º 1 | 80 |

Soma das muares recebidas nas unidades 374

Receberam-se ainda as seguintes muares:

| | |
|---|-----|
| Desembarcadas em Março do vapor <i>Cabo Verde</i> | 333 |
| Desembarcadas em Maio do vapor <i>Insulano</i> | 194 |

Total das muares desembarcadas. 527

Total das muares desembarcadas e recebidas das unidades 901

C) Material

Carros.—A secção tomou ao princípio conta de 52 carros que se encontravam na praia e que faziam parte da primeira remessa requisitada para a metrópole, da qual não pude precisar o número por muitos dos carros se encontrarem distribuídos pelas unidades aquarteladas em Mossâmedes. Da segunda remessa receberam-se 142, sendo 86 do vapor *Zaire* e 56 do *Cabo Verde*. Além destes carros receberam-se diferentes caixotes com material destinado aos arreios e com o qual consegui fazer 252, sendo necessário para os completar requisitar aos serviços administrativos 180 mantas para os conser-tos dos *mulins*.

D) Aquartelamento

Só em 17 de Março a secção arranjou o quartel que fôra ocupado pelo esquadrão de cavalaria n.º 11. A primeira idea foi a construção dum quartel, o que não pôde ser levado a efeito por não haver pessoal disponível para fazer um que pudesse comportar tam elevado número de muares. Então adequou-se, ainda que deixando muito a desejar, o deixado pelo esquadrão de cavalaria n.º 11.

Descritos os elementos da organização passarei a fazer acêrca de cada um as respectivas considerações.

Pessoal

Officiais.—Durante todo o período que decorreu de 14 de Março a 30 de Maio serviram na secção os tenentes Júlio de Moura Borges e Lúcio Martins. Êste último oficial só em 8 de Maio veio para a secção fazer serviço, para o que a 7 recebeu a sua guia. Veio por consequência para a secção já fora do período intenso de trabalho. O tenente Júlio de Moura Borges apresentou-se na secção em 20 de Março e cooperou por consequência em toda a organização. Na secção prestaram estes officiais diferentes serviços, sendo ainda encarregados de comandar dois combóios de 90 carros, o 1.º de 50 e o 2.º de 40. Estes carros foram destinados às unidades aquarteladas no Lubango, Chibia e Gambos. Da maneira como estes officiais se desempenharam, apenas poderei aqui tratar do Sr. Júlio de Moura Borges, visto que o tenente Lúcio Martins não apresenta o seu relatório, sabendo apenas particularmente não se haver conduzido mal no desem-

penho da missão de que foi encarregado. Enquanto ao Sr. tenente Júlio de Moura Borges não precisaria aqui falar d'ele, pois bastaria o seu relatório, entregue na Direcção de *Utapes*, para se ter a convicção da maneira como o serviço decorreu. A ordem em que tudo marchou, o bom estado em que se fez a entrega do material e animal e ainda os elementos elucidativos que o seu relatório forneceu são provas evidentes. Nem mesmo outra cousa seria de esperar da sua intelligência, resistência, critério e faculdades de trabalho, qualidades estas de que sempre tem dado provas, já na organização já depois.

Sargentos.— Se dos sargentos alguem houve com menos vontade de trabalhar, no entanto os sargentos Bemvindo, Leote, Sousa e Magalhães, mostraram sempre vontade e dedicação pelo serviço. É preciso aqui deixar expressa a valiosa cooperação prestada pelo Bemvindo, primeiro sargento. Activo, muito trabalhador, revelando extraordinária dedicação pelo serviço (se me fôsse lícito) louvára-lo-ia sem escrúpulos de que os seus predicados fôsem postos em d'úvida.

Soldados.— Os soldados recebidos não corresponderam bem ao fim a que foram destinados, em primeiro lugar porque não vieram para a secção no período mais intenso de trabalho, e, em segundo, porque, sendo provenientes das companhias de equipagens e das baterias de artilharia, não conheciam o trabalho com os carros alentejanos, deixando além disso a desejar em questões de disciplina, boa vontade, sendo alguns péssimos tratadores, o que pode attribuir-se em parte ao facto de serem recebidos sem que houvesse para elles alojamentos para serem vigiados. Talvez também concorresse para a sua má vontade a falta de fardamento e calçado que durante bastante tempo se manifestou. Sem alojamento e calçado, sem fardamento, sem mantas, não se pode exigir aos soldados o que se lhes exige quando nada lhes falta. Alguns impedidos que os Srs. officiaes não queriam, por serem mal comportados, eram mandados fazer serviço na secção. Pelo contrário, 59 praças recebidas do extinto esquadrão de cavalaria n.º 3, por serem do Alentejo e exercerem ali a profissão de carreiros, prestaram bom serviço, sendo sempre disciplinados, trabalhando com vontade e cuidando escrupulosamente das parelhas que lhes eram distribuidas.

Animal.— Este na sua maioria era bom, vindo no entanto muitas muares pequenas e a que deixaram certa-

mente crescer os cascos para aparentar a altura exigida. Das muares recebidas tirei a impressão de ter havido duas remontas, uma espanhola, outra portuguesa, esta última muito melhor. As muares vindas das unidades foram entregues na secção apenas presas com arames e sem cabeçadas, dando por consequência grande trabalho para as vigiar, principalmente depois de destruídas as grades do aquartelamento, o que lhes permitia a fuga. Deve-se, pois, evitar a vinda de muares sem prisões, porque, por muito bem tratadas que elas sejam em liberdade, nunca êsse tratamento se pode comparar com o que teriam se estivessem presas. Certamente estas muares não vieram de Portugal à sôlta, mas ou porque nessas unidades em que estiveram adidas destruísem as cabeçadas ou porque lhas tivessêm tirado, o que é facto é que na secção houve um extraordinário trabalho, com a data de água a 901 muares, distribuição de grão, etc. Após a minha chegada a Mossamedes requisitei 300 coleiras e 300 correntes, mas desta requisição apenas me foram fornecidas 100 coleiras e 89 correntes. E, apesar de não haver cabeçadas, ainda consegui, com pouca despesa, fazer 52 cabeçadas e bastantes coleiras que me permitiram que, de 500 muares distribuídas às unidades, não fôsse uma única sem cabeçada e corrente.

Material.— Os cinquenta e dois carros encontrados na praia eram na maioria ordinários.

A duas causas se pode attribuir isto. Ou à falta de escrúpulos da parte dos fornecedores, que aproveitaram a ocasião para vender tudo o que de mau tinham nas suas oficinas, ou então ao facto da pessoa encarregada da aquisição desconhecer o assunto ou confiar em demasia nos fornecedores.

Estes certamente pensaram que não podiam ser desmascarados, devido aos carros virem para África. Em qualquer dos casos o crime ressalta, porque o Estado não pode gastar somas fabulosas com cousas que não aproveita. E de futuro devem empregar-se os esforços e adoptar-se o sistema de nomear para determinadas comissões pessoas com categoria profissional, a quem se dê liberdade de acção nas compras, mas a quem paralelamente se peçam as máximas responsabilidades, de forma a que o Estado não fique lesado e o serviço prejudicado.

Dos cinquenta e dois carros nem todos puderam, nem mesmo com grandes concertos, ser aproveitados, e assim

dez tiveram de ser postos de parte, uns por haverem sido recebidos da metrópole podres e sem conserto, outros porque, segundo soube por informações, foram inutilizados por algumas unidades aquarteladas em Mossâmedes.

Estas, com a pressa de possuírem carros, não atenderam a que as peças de uns não servissem invariavelmente aos outros, e assim os armaram mal, empregando nos leitos duns as rodas doutros. Como não funcionassem limaram-lhes buchas, cortaram-lhes maçãs, inutilizando-as por completo, visto não poderem ser applicadas aos carros a que eram destinadas, nem aos escolhidos pelas unidades.

Arbitrando a cada carro o valor de 80\$ em Portugal e calculando em 20\$ a despesa de transporte e consertos em Africa, atirou-se fora uma importância de 1.000\$ que se teriam aproveitado se na praia houvesse alguêm encarregado de fiscalizar a recepção dos artigos e a distribuição pelas unidades.

Teve por consequência o Estado, além do enorme prejuízo da compra, o prejuízo resultante da má distribuição e funcionamento.

Cangas

Estas eram não só ordinárias, como de pequenas dimensões, podendo, na melhor das hipóteses, ser applicadas a burros, nunca, porém, a muares.

Utilizando-as nas muares deu em resultado muitas destas inutilizarem-se, visto toda a força ser feita com o pescoço quando devia ser feita com o peito, de forma a evitar que as muares, para fugirem ao pucho, se deitassem como muitas vezes aconteceu, cruzando os membros e ferindo-se muito, o que impedia que fizessem serviço. A tais cangas corresponderam *mulins* pequenos que completaram o desastre.

Uma vez que faço referência ao material, não deixarei de dizer a maneira como este material foi recebido nas colónias.

Não sendo os volumes acompanhados de guias, dizendo qual o número de objectos que cada um contém, impossível se torna a quem está encarregado da recepção fazer uma fiscalização rigorosa.

A chegada dos volumes ignorava-se as quantidades que cada um continha, de forma que assim se protegiam os roubos, tanto a bordo como depois na praia, como tive occasião de verificar.

Parece-me, pois, que todas as vezes que tenhamos de

fazer requisições para as colónias, devemos exigir que os volumes sejam acompanhados de guias que indiquem as quantidades que contêm.

Tive ocasião de verificar que aos arreios da primeira remessa faltavam muitas mantas, correias de cabeçadas, etc., Houve faltas? Houve roubos? Foram estes em Lisboa? Foi na Praia de Mossamedes, onde tudo esteve abandonado? Impossível indagar, visto a falta de elementos na ocasião da recepção.

Com o mapa a seguir apresentado se prova claramente que houve faltas.

Carros recebidos nos vapores «Zaire» e «Cabo Verde»

Vapor *Zaire* :

| | |
|---------------------------------------|----|
| Com a marca <i>Beja</i> | 25 |
| Com a marca <i>Baleisão</i> | 5 |
| Com a marca <i>Cuba</i> | 12 |
| Numerados de 1 a 44 | 44 |
| | 86 |
| Soma | 86 |
| Dêstes foram para conserto | 28 |

Vapor *Cabo Verde* :

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Numerados de 1 a 58 | 56 |
| Para conserto | 18 |
| Total dos carros recebidos | 142 |

Material

Arreios recebidos

| | |
|--|-----|
| Golpelhas com arreios | 100 |
| Idem com <i>mulins</i> | 33 |
| Idem com arriatas e barrigueiras | 2 |
| Idem com cabeçadas | 2 |
| Idem apenas com barrigueiras | 2 |

Faltas

| | |
|--|----|
| Mantas | 7 |
| Cangalhas, chavelhas e cabrestos | 37 |

Nas 100 golpelhas com barrigueiras:

| | |
|---------------------------------|----|
| Sisgolas de cabeçadas | 28 |
| Cabeçadas cortadas | 1 |

Os carros da segunda remessa eram muito melhores, talvez pelo facto de os fornecedores não terem mais nada mau que pudessem vender ao Estado.

Também me parece que todas as vezes que tenhamos de empregar coiros de bois, os devemos adquirir na provincia, com o que se fará uma economia. Um coiro em Portugal custa 10\$, e no distrito de Huila apenas 2\$. Fazendo a conta aos aparos vindos, sem mesmo entrar com o transporte, ter-se-ia feito uma economia de 3.000\$ se tivessem sido comprados na Huila.

Aquartelamento

Foi a secção de carros instalada no aquartelamento deixado pelo esquadrão de cavalaria n.º 11. É este quartel um pátio gradeado tendo por face 90 metros.

O efectivo do esquadrão era de duzentas cabeças de gado, de forma que com dificuldade se poderiam lá alojar trezentas e vinte sete muares da primeira remessa.

Daqui se pode perfeitamente deprender a dificuldade em alojar novecentas e uma que depois se receberam.

A caserna de cavalaria n.º 11 era ao centro do pátio, havendo ainda aqui uma pequena arrecadação.

A primeira idea, ao ter conhecimento do número de muares a receber, foi construir pelo lado exterior, em volta do gradeamento, manjedouras, o que me permitia, a cada face 90 metros e ao espaço por muar 1 metro, alojar novecentas e vinte muares.

Esta idea era difficil de pôr em prática. Não havia carpinteiros, a madeira em Mossâmedes pouca e caríssima, impedindo-nos de fazer requisições, e, finalmente, as muares serem recebidas sem coleiras ou cabeçadas, o que me impedia de com segurança as deixar fora do gradeamento.

Com a chegada dos carpinteiros do Alentejo para a montagem e conserto dos carros, ficava com carpinteiros, mas faltava ainda a matéria prima.

Por esta ocasião requisitei prisões e, na esperança de que me fôsse fornecido o número requisitado, comecei a construção, substituindo a madeira de Mossâmedes por troncos de árvores mandados vir de Vila Arriaga, únicos que resistiam a animais que tudo roíam pela falta de capim. A par desta vantagem ofereciam ainda a de ficarem quasi de graça.

Calculo que a economia com o emprêgo desta madeira fôsse de 400\$. Com os referidos troncos, adaptando-lhes

chapas de zinco, foram construídos 400 metros de manjedouras.

Isto só tarde se conseguiu, tendo portanto sido grande a dificuldade de alojar as novecentas e uma muares que ficaram durante bastante tempo à sólta no pátio, com um tratamento deficientíssimo.

Destruíram em breve as construções de cavalaria n.º 11, deitando por terra as manjedouras, comendo as lonas dos toldos da caserna e arrecadação. Com tanto animal à sólta não só se impunha a saída da caserna para fora do pátio como ainda a construção de uma secretaria. Em mistura com as mulas não podiam viver 200 homens, como o não podiam estar um dia inteiro sob uma nuvem de pó as pessoas que necessitavam de permanecer durante o dia na secretaria, que era uma pequena barraca coberta de zinco, também dentro do pátio. Tiveram, pois, de ser construídos alojamentos para praças, oficinas para carpinteiros e ferreiros, manjedouras, arrecadação e cozinha para o rancho dos adidos feita na secção e uma secretaria.

Descritos os elementos de organização e as obras de maior necessidade para o funcionamento da secção vou referir-me ao

Funcionamento

A secção nunca teve o fim a que a queriam destinar a princípio. Foi umas vezes companhia de depósito, outras companhia de adidos, onde todas as praças em trânsito iam comer, dormir e receber consulta médica, e ainda outras teve o carácter de alquilaria, fornecendo carros para todos os serviços, inclusivamente condução de malas e outros que sempre houve antes de montados os carros. Foi tal a mania dos carros que até chegaram a abusar, pois a algumas unidades chegaram a ser fornecidos num mês 326 carros. O número de carros que diariamente eram fornecidos foi avultado e roubavam muito tempo à organização dos arreios e distribuição de muares às unidades.

Muare distribuídas às unidades

| | |
|--|-----|
| Entregues na Chibia pelo Sr. tenente Moura Borges | 3 |
| Ao esquadrão de cavalaria n.º 4 | 2 |
| Ao 2.º grupo de metralhadores (1.ª bateria) | 4 |
| Ao esquadrão de cavalaria n.º 11 | 4 |
| Ao Sr. capitão Albano de Melo | 1 |
| Conduzidas à Chibia e Gambos pelo Sr. tenente Moura Borges | 201 |

| | |
|---|------------|
| Conduzidas à Chibia pelo Sr. tenente Lúcio Martins | 161 |
| Entregues ao esquadrão de dragões | 8 |
| Entregues a artilharia n.º 7 | 24 |
| Entregues a infantaria n.º 19. | 43 |
| Entregues ao 1.º grupo de metralhadoras (1.ª bata- ria). | 23 |
| Entregues ao 6.º grupo de metralhadoras (2.ª bata- ria). | 23 |
| Entregues ao 2.º grupo de metralhadoras (3.ª bata- ria). | 24 |
| Entregues ao 3.º grupo de metralhadoras (1.ª bata- ria). | 17 |
| Entregues ao esquadrão de cavalaria n.º 4 | 6 |
| Entregues ao grupo de metralhadoras (1.ª bateria) | 16 |
| Entregues ao grupo de metralhadoras | 12 |
| Soma das mulas entregues | <u>572</u> |

A fim de facilitar o serviço e a fiscalização do tratamento foram as parelhas numeradas, correspondendo sempre a cada parelha um carro com o mesmo número da parelha e o mesmo tratador. Esta orientação não pôde ir até o fim, devido às notas urgentes que constantemente eram recebidas e que desorganizavam todo o serviço, e ainda ao gado doente trazido pelas unidades para a secção em substituição de gado bom que a secção lhes dava. As ordens e contra-ordens recebidas sem ser pela Direcção de *Étapes* trouxeram uma completa desorganização.

Carros distribuídos até 30 de Maio

| | |
|---|------------|
| Às unidades em serviço no mato (diligência do te- nente Moura Borges) | 50 |
| Às unidades em serviço no mato (diligência do te- nente Lúcio Martins) | 40 |
| Ao grupo de metralhadoras. | 2 |
| A infantaria n.º 19 | 6 |
| A artilharia n.º 7 | 4 |
| Ao esquadrão de cavalaria n.º 4 | 1 |
| Ao 2.º grupo de metralhadoras | 2 |
| Ao 2.º grupo de metralhadoras (6.ª bateria) | 3 |
| Ao 1.º grupo de metralhadoras (1.ª bateria) | 3 |
| Ao esquadrão de dragões | 1 |
| Total dos carros distribuídos | <u>113</u> |

Arreios

Vieram da metrópole desarmados, trazendo apenas as peças, que os deviam compor, dando por consequência bastante trabalho a adaptá-los às muares.

Serviço próprio da secção

Rancho.—Desde o início fez a secção rancho para as praças pertencentes à mesma, fornecendo-se-lhes água fervida, para assim evitar as doenças que então grassavam em Mossâmedes. Pouco tempo, porém, durou esta ordem, visto que tendo em 9 de Abril ido ao Lubangó, quando voltei já o rancho era feito na 4.^a companhia de depósito, o que trouxe graves dificuldades ao serviço. Recebendo as praças o rancho fora da secção, perdiam diariamente cinco horas em ir recebê-lo a outras unidades. Assim, o café que devia ser distribuído às seis horas nunca foi antes das nove e dez horas, perdendo, portanto, três horas de serviço exactamente de manhã quando era mais urgente, acontecendo ainda por vezes ficarem praças sem tomar café e havendo reclamações de praças que ficavam sem rancho. Impunha-se apresentar esta questão na Direcção de *Étapes*, o que fiz, obtendo do director, Ex.^{mo} major Romeiras de Macedo, autorização para o rancho ser novamente feito na secção, atendendo às razões apresentadas, mas ordenando-me ao mesmo tempo que as praças do quartel general, e alguns adidos em pequeno número, também fôsem alimentados pela secção. Em pouco tempo a secção de carros estava transformada em secção de adidos, apesar de em Mossâmedes haver sido criada uma só para esse fim.

Com o regresso das unidades do mato, infantaria n.^o 14, marinha, etc., teve a secção de fornecer rancho a 500 praças. Reclamei, alegando não só haver uma secção de adidos, como ainda não ser este o fim para que me tinham convidado, mas apesar da justiça que o Ex.^{mo} director reconhecia nas minhas reclamações, só mais tarde foi autorizado que o rancho dos adidos passasse a ser feito pelos adidos a cargo do capitão Sr. Palermo de Oliveira, fornecendo a secção de carros o pessoal para a cozinha, o que ainda causava dificuldade, atendendo à falta de graduados e de pessoal habilitado para rancheiros da secção de carros alentejanos.

Data de água

Para conseguir diariamente dar água ao gado foi necessário fazer com os carros uma manga, ligando o quartel com o pátio onde o gado ia beber, por este estar à solta e não poder ser conduzido pelos tratadores. Eram as datas de água muito trabalhosas e ao mesmo tempo muito deficientes. As muares que primeiro entravam impediam com os couces que as restantes se aproximassem dos bebedouros, ficando diariamente muitas sem beber.

Outro mal resultava ainda desta maneira de dar a água.

Apareceu por esta ocasião o mormo, sendo algumas muares contagiadas na data de água por ser difícil reconhecê-lo em tam elevado número e à solta, para depois as isolar, impedindo o alastramento da doença.

Com a alimentação aconteceu o mesmo.

Algumas muares, logo que o grão era distribuído, não deixavam que as restantes se aproximassem das manjedouras, ficando muitas durante dias sem comer.

Parece à primeira vista ter sido desleixo de quem superintendia nos serviços, como por vezes se quis mostrar, mas não. Algumas notas foram feitas à Direcção de *Étapes*, que, apesar da boa vontade em satisfazer todos os pedidos, nada pôde melhorar a situação, devido ao facto de não ter Loanda satisfeito os pedidos.

Doenças

Em 901 muares o número de doenças foi relativamente pequeno, vindo de bordo algumas tam doentes que após o dia de desembarque tiveram de ser abatidas.

Foram abatidas e morreram as seguintes:

| | |
|------------------------------|---|
| Suspeitas de mormo | 6 |
| Fractura completa | 1 |
| Cólica. | 1 |
| Astenia geral. | 2 |
| Indigestão de água | 1 |

Total das muares abatidas até 30 de Maio 11

Oficinas

Oficinas de carpinteiro. — Montaram, durante o tempo a que o relatório se refere, 194 carros. Fez-se com os car-

pinteiros de carros uma grande economia. O conserto de 52 carros numa oficina de Mossâmedes importou em 87\$. Os operários do Alentejo durante um mês conservaram 194 carros, construíram 400 metros de manjedouras, construíram barracões e oficinas e ainda algumas lanças para a artilharia de *étapes*, gastando-se apenas 240\$, importância dos vencimentos dos quatro operários.

Oficina de ferreiro.—Nesta oficina fizeram-se os consertos nos mesmos carros, apertaram-se todos os parafusos e buchas, fizeram-se quarenta prisões para cabeçadas, gastando-se apenas 42\$.

Oficina de correeiro.—Apesar das muares terem sido recebidas sem prisões nenhum gado foi assim entregue. Adquiriu-se coiro no mercado, com o qual se fizeram 152 cabeçadas e 65 coleiras, sendo depois o pessoal empregado na construção de tanques de lona.

Desembarque

Foi sempre difícil por ter coincido com a maior falta de pessoal. Chegou a remessa do Lubango, *Insulano*. Tinha apenas a secção duas praças disponíveis, sendo com estas que se fez o desembarque de 194 muares. Pedi mais praças, mas foi inútil o pedido por não haver que pudessem ser fornecidas à secção. Daqui se conclui quanto foi trabalhoso um serviço que durou das doze às vinte e três horas.

Serviço e diligências ao mato

Foram duas as diligências saídas da secção. Uma do comando do tenente Sr. Moura Borges em 11 de Maio e outra do comando do tenente Sr. Lúcio Martins. Se por vezes houve grandes dificuldades não foram elas criadas nem pelo major Ex.^{mo} Sr. Romeiras de Macedo, nem pelo capitão Sr. José Mendes dos Reis, que sempre resolveram tudo que apresentei, confiando no meu serviço, satisfazendo todas as requisições e todas as compras, facilitando-me tudo. E embora por vezes se dissesse que na secção nada se fazia, o que é facto é que o trabalho foi insano, ainda que de pouco brilho.

Vão juntas ao relatório algumas fotografias referentes à secção.

Mossâmedes, 9 de Novembro de 1915.—O Comandante da Secção, *Artur Augusto Correia Matias*, tenente de cavalaria.

N.º 12

Instruções para o comando militar da região de Cassinga

É criado desde já o comando militar da região de Cassinga, cuja acção político-militar se exercerá sobre toda a região do distrito da Huila desde Capelongo até o vale do Cubango. A sede do comando será inicialmente em Capelongo.

1.º A missão do comando militar de Cassinga consistirá:

a) A observar quaisquer movimentos de forças alemãs ou indígenas que tentem avançar pelo vale do Cubango ou do Cuito com o fim de penetrar no nosso território ou procurar recursos existentes no mesmo;

b) A opor-se a esses movimentos não se empenhando a fundo a não ser que circunstâncias favoráveis permitam uma acção enérgica e de resultados garantidos;

c) Caso as circunstâncias não permitam uma acção enérgica e de resultados garantidos, demorar o avanço das forças inimigas até ser convenientemente reforçado ou apoiado;

d) Caso as forças alemãs entrem no nosso território na qualidade de emigrados, desarmar os indivíduos que compõem as referidas forças, apreendendo-lhes todo o armamento e material considerado de guerra;

e) Comunicar ao comando superior todos os movimentos relativos ao inimigo e às próprias forças, de modo a ter o referido comando sempre ao corrente da situação.

2.º Para o desempenho da sua missão o comando militar de Cassinga dispõe:

a) De um comando;

b) De um batalhão de infantaria, de uma bateria de metralhadoras, de um esquadrão de dragões, de uma bateria de artilharia montada e dos serviços auxiliares correspondentes que lhe forem atribuídos;

c) De todas as guarnições e postos militares existentes na região de Cassinga.

3.º A composição do comando será a seguinte:

a) Comandante, major João Júlio dos Reis e Silva;

b) Adjunto do serviço do estado maior, exercendo as funções de chefe do estado maior, capitão João Carlos Pires Ferreira Chaves;

c) Delegado do chefe do serviço veterinário, tenente João Jorge Lobato Guerra;

d) Delegado do chefe dos serviços administrativos, tenente Edgar Cardoso;

e) Do restante pessoal necessário à acção do comando escolhido nas mencionadas unidades.

4.º As tropas que constituem a guarnição do comando militar de Cassinga serão abastecidas pela linha Lubango ou Chibia—Quipungo—Capelongo, devendo as requisições para abastecimentos ser directamente feitas pelo comando do destacamento ao director de *étapes* ou a um seu delegado que expressamente seja nomeado para esse efeito.—*João Ortigão Peres*, major.

N.º 13

Serviço de engenharia

Instruções para o serviço telegráfico

1.º O serviço telegráfico está compreendido na zona de operações e na zona da retaguarda, que serão constituídas pelos distritos de Mossamedes e da Huíla. Na primeira é exercido pelas estações telegráficas e telefónicas de campanha, estações de telegrafia sem fios, estações telegráficas e telefónicas permanentes que existam na respectiva área.

2.º O pessoal que desempenha o serviço nas zonas de operações ou da retaguarda é civil ou militar, sendo aquele o pessoal dos telégrafos da provincia.

3.º Na zona de operações, o pessoal, tanto militar como civil, está subordinado ao comandante de engenharia, como chefe de serviço telegráfico de companhia. Na zona da retaguarda o pessoal está subordinado ao comandante de engenharia de *étapes*, como chefe do serviço telegráfico de *étapes*. Provisóriamente, enquanto se não apresentar o official de engenharia, que tiver sido nomeado para comandante de engenharia e de *étapes*, o pessoal civil ou militar em serviço na zona de operações e na zona da retaguarda ficará directamente subordinado ao comandante de engenharia das forças em operações.

4.º A fiscalização do modo como é executado o serviço telegráfico na zona de operações e na zona da retaguarda será exercida pelo comandante de engenharia das forças em operações e comandante de engenharia de

étapes, ou, em seu nome, pelos oficiais de engenharia, seus adjuntos.

5.º Os comandantes de engenharia das forças em operações e de *étapes* poderão, como chefes do serviço telegráfico das respectivas zonas, requisitar e repartir o pessoal telegráfico civil, segundo as circunstâncias especiais do serviço.

6.º Os chefes das circunscricões telegráficas dos distritos de Mossamedes e Huila cumprirão o disposto no artigo 218.º do regulamento dos serviços telegráficos da província de Angola, de 18 de Agosto de 1898, devendo, pelo que diz respeito ao estabelecido nos n.ºs 4.º, 5.º, 8.º e 14.º, entenderem-se préviamente com os respectivos chefes do serviço telegráfico militar.

7.º Os chefes do serviço telegráfico militar nas zonas de operações e da retaguarda disporão, para execução do serviço que dirigem, de todo o material telegráfico e telefónico de campanha e permanente que existir nas respectivas zonas.

8.º A transmissão dos telegramas, quando na mesma ocasião concorrerem vários de categorias diferentes, verifica-se pela ordem seguinte:

- a) Telegramas oficiais urgentes;
- b) Telegramas oficiais ordinários;
- c) Telegramas de serviço urgente;
- d) Telegramas de serviço ordinário;
- e) Telegramas particulares urgentes;
- f) Telegramas particulares ordinários.

Têm preferência porêm sobre todos os telegramas que notificarem perigo na estação ou na localidade. Também se transmitem em primeiro lugar os telegramas de serviço urgentes, quando comunicam qualquer avaria ou ordenam a reparação dela, se esta avaria tiver por efeito a demora do serviço de qualquer estação.

Contudo, quando está a ser transmitido um telegrama, ainda mesmo dos últimos na ordem mencionada acima, a transmissão não será interrompida pelo facto de ser entregue na estação um telegrama de categoria superior, a não ser que este seja de absoluta urgência. Os telegramas da mesma categoria serão transmitidos pela estação expedidora segundo a ordem por que foram depositados, e pelas estações intermédias segundo a ordem de recepção.

Nas estações intermédias serão equiparados os de transmissão e os de trânsito que tenham de seguir pelos

mesmos fios, e transmitidos indistintamente segundo a hora de depósito ou recepção.

9.º Entre duas estações em comunicação, os telegramas da mesma categoria serão transmitidos alternadamente. Quando a importância do tráfego o justifique e haja acôrdo entre os chefes das estações em correspondência, as permutações efectuar-se hão por séries de telegramas. Os telegramas de uma série serão considerados como formando uma só transmissão. Todavia, quando recebidos, não serão conservados até o fim da série, devendo ser dada saída a cada telegrama logo que o segundo estiver começado. Cada série compreenderá, quando muito, cinco telegramas, se as transmissões tiverem lugar pelo aparelho Morse, escrevente ou acústico.

Os telegramas de mais de cem palavras pelo aparelho Morse escrevente, ou de mais de cento e cinquenta pelo acústico, serão considerados como constituindo uma série. A estação que tiver terminado uma série continuará a transmissão quando lhe fôr apresentado um telegrama com prioridade sobre os que o correspondente tiver para transmitir, a não ser que este tenha de conferir um telegrama, ou já tenha começado a transmissão. Os telegramas de categoria superior quanto à ordem de transmissão não entram na categoria das séries alternadas.

10.º Quando no decurso da transmissão dum telegrama se der interrupção nas comunicações telegráficas regulares, a estação a partir da qual a interrupção se tiver produzido procurará que o telegrama seja enviado ao seu destino, ainda que não haja meio de transmissão por outra via telegráfica. O sobrescrito deverá ter a indicação: *telegrama*. Quando houver impossibilidade, pelo motivo de interrupção ou outra qualquer causa, de receber a repetição do telegrama, esta circunstância não impedirá a entrega do telegrama ao destinatário, devendo comunicar-se-lhe qualquer rectificação, se a houver.

11.º A minuta dos telegramas conterá sempre a hora do entendido na estação receptora.

12.º Os telegramas serão entregues mediante recibo.

13.º Todos os incidentes e acidentes que ocorrerem durante a transmissão e recepção serão inscritos imediatamente nas partes do aparelho. Sempre que uma estação comunicar com outra não deixará sob pretêxto algum de ser registada essa comunicação na parte do aparelho.

14.º Cada rôlo de fita Morse, depois de utilizado, será

retirado do aparelho, ficando assim proibido colocar fita nova ao rôlo já servido.

15.º Cada estação deve explorar aquelas com que se corresponde directamente, quando no período de três horas não receba serviço ou exploração. As estações principais deverão todos os dias, a uma hora convencionada, dar às outras a hora oficial.

16.º Nenhuma estação de serviço limitado poderá fechar sem que préviamente receba o sinal de encerramento das estações de que dependem. Entre duas estações em correspondência directa o sinal de encerramento é dado em geral pela que tem serviço mais prolongado, ou, em igualdade de horário normal, pela que se acha mais directamente ligada a outra de serviço mais prolongado; as estações que receberem o sinal de encerramento deverão, quando tenham serviço para transmitir, notar às correspondentes esta circunstância e, sempre que ela se der, será adiado o encerramento até estar concluído todo o serviço.

17.º O segredo dos telegramas é inviolável, qualquer que seja a autoridade ou poder público que pretenda devassá-lo e seja qual fôr o fundamento ou pretêxto alegado, salvo o exposto no número seguinte.

18.º Nenhuma autoridade estranha ao serviço telegráfico poderá nele intervir, excepto no caso em que a sua intervenção seja requisitada pelos empregados daquele serviço ou nos delitos por elles ou contra elles cometidos.

19.º As disposições dos dois números anteriores não compreendem os casos em que a autoridade militar competente intervenha para formação do processo criminal.

20.º O sigilo telegráfico estende-se a todos os documentos e serviços que tenham relação com os telegramas e quaisquer assuntos profissionais.

21.º Os originaes dos telegramas só podem ser patentes ao expedidor e ao destinatário, reconhecendo-se a sua identidade.

22.º É expressamente proibida a permanência nas estações às pessoas estranhas ao serviço telegráfico.

23.º Não é permitido o uso dos aparelhos para assuntos estranhos ao serviço.

24.º Quando numa estação se partir a fita ou tiver de ser renovada, o telegrafista de serviço mencionará êste facto na parte do aparelho do seguinte modo :

«Declaro que se partiu a fita (ou foi renovada) às ... horas, rubricando-a nas extremidades».

- 25.º As comunicações telefónicas podem ter lugar :
- a) Para conversação entre duas autoridades militares para assuntos de serviço;
 - b) Para transmissão dum despacho escrito, depositado em estação telefónica;
 - c) Para reexpedição dum telegrama recebido em uma estação telegráfica, que deva ser transmitido a outra estação ligada com aquela sómente por comunicação telefónica. Aos despachos nas condições das alíneas b) e c) serão applicados os preceitos estabelecidos para os telegramas, e far-se há uso dos mesmos impressos. A transmissão, quando os despachos sejam redigidos em português, far-se há por grupos não excedentes a cinco palavras, de acôrdo com a estação que tiver de receber. Logo que esta mande transmitir, dir-se há o primeiro grupo esperando aviso para continuar e assim se praticará até o fim do despacho. Quando os despachos não forem redigidos em português, a transmissão terá lugar por letras separadas. Quando uma estação telefónica estiver recebendo um despacho, mandará repetir as palavras ou letras que não perceber ou lhe oferecerem dúvida. A repetição deve ser feita immediatamente pela estação que transmitiu. Terminada que seja a recepção e conferido o número de palavras, a estação que recebeu repetirá seguidamente o despacho na sua íntegra para a estação transmissora.

26.º Em tudo que não esteja em desacôrdo com as presentes instruções seguir-se há, para a execução do serviço, o regulamento dos serviços telegráficos da provincia de Angola de 18 de Agosto de 1898.

Quartel General em Mossâmedes, 18 de Maio de 1915.—O Chefe dos Serviços Telegráficos Militares, *Rui Frago Pereira*, capitão.

N.º 14

Serviço postal

Manda Sua Ex.^ª o General, comandante superior das forças e governador geral, aprovar e pôr em execução as «instruções para o serviço postal militar» das mesmas forças.

Quartel General em Mossâmedes, 5 de Junho de 1915.—O Chefe de Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Instruções para o serviço postal

I — Generalidades

O serviço postal da coluna terá por fim assegurar as comunicações postais das forças em operações.

Relações com o serviço ordinário

O serviço postal ordinário, na zona de guerra, continua a executar-se segundo as prescrições dos regulamentos do serviço postal em tempo de paz e pelas alterações que, pelo comandante da coluna e por intermédio do chefe do serviço postal da mesma, ao qual ficam subordinados os chefes das estações postais ordinárias, forem determinadas.

O serviço postal da coluna regula-se pelas determinações do serviço postal ordinário e pelas presentes instruções; faz distribuir pelas unidades e serviços a correspondência que lhes for destinada e expedir a proveniente das mesmas unidades, entregando, logo que seja preciso, ao serviço postal ordinário, a endereçada a civis residentes na zona de guerra, bem como toda a que se destinar ao resto da província ou à metrópole.

II — Organização

O serviço postal da coluna compreenderá, sob o ponto de vista da sua organização e funcionamento:

a) Uma direcção do serviço postal, funcionando junto do quartel general da coluna, superintendendo em todo o serviço postal da mesma e composta de:

- 1 subalerno (chefe do serviço postal);
- 1 sargento secretário.

b) Um serviço postal de primeira linha, funcionando na zona de operações;

c) Um serviço postal de segunda linha, funcionando na zona de *étapes*.

A) Serviço postal de primeira linha

O serviço postal de primeira linha tem por fim assegurar as comunicações postais das tropas; na zona de operações, com a zona da retaguarda e, por intermédio desta, com o resto da província e com a metrópole.

O serviço postal da primeira linha compreenderá:

- A) *Uma direcção do serviço postal de primeira linha;*
 B) *Uma estação postal central* — funcionando junto do quartel general da coluna e composta de:

1 subalterno (chefe do serviço postal);
 1 sargento (secretário do serviço postal); e
 1 praça por cada batalhão ou grupo.

C) *Tantas caixas de correio quantas as unidades em operações;*

D) *Eventualmente, quando se organizarem destacamentos operando de modo independente, o seja julgado necessário, haverá tantas estações postais quantos os destacamentos organizados, funcionando junto dos comandos dos mesmos.*

B) Serviço postal de segunda linha

O serviço postal da segunda linha tem por fim assegurar as comunicações postais das tropas da zona da retaguarda, com a zona de operações e com o resto da província e com a metrópole.

O serviço postal da segunda linha compreenderá:

- A) *Uma direcção de serviço postal de segunda linha* — funcionando junto da direcção de *étapes* e composta de:

1 oficial do quadro dos correios da província (primeiro aspirante).
 1 sargento secretário.
 4 praças.

- B) *Uma estação postal central* — funcionando junto da base marítima de *étapes* e composta de:

1 subalterno.
 1 primeiro cabo.
 3 soldados.

C) *Uma estação postal anexa* — funcionando junto da estação testa de *étapes* de estrada ou, quando esta não existir, da estação testa de *étapes* de caminhos de ferro e composta de:

1 subalterno.
 1 sargento.
 4 soldados.

D) *Tantas caixas do correio* — quantos os postos de *étapes* e funcionando junto dos mesmos.

C) Atribuições do pessoal do serviço postal

Chefe do serviço postal da coluna. — Ao chefe do serviço postal da coluna, superintendendo em todo o serviço postal da coluna e desempenhando cumulativamente as funções de chefe do serviço postal de primeira linha, compete-lhe:

a) Dirigir e fiscalizar na zona de guerra o serviço postal da coluna;

b) Estudar todas as questões de que seja encarregado pelo chefe do estado maior da coluna, relativas à organização e funcionamento do serviço postal;

c) Apresentar, por sua iniciativa, propostas tendentes a garantir o bom funcionamento do serviço;

d) Elaborar e enviar ao chefe do serviço postal de *étapes*, aos chefes das estações postais de primeira linha e das estações postais ordinárias as instruções técnicas necessárias, assegurando-se da sua execução;

e) Dispor do pessoal do serviço postal e propor a distribuição do material segundo as conveniências do serviço;

f) Requisitar ao chefe do estado maior da coluna o pessoal o material militar necessários;

g) Adotar as providências necessárias para a instalação e funcionamento das repartições, conforme as ordens do respectivo comando e instruções técnicas;

h) Recorrer, eventualmente, ao serviço postal ordinário existente na zona de operações.

Chefe do serviço postal de «étapes». — Ao chefe do serviço postal de *étapes* compete:

a) Adotar as providências necessárias para execução do serviço na zona de *étapes*, e, por delegação do chefe do serviço postal da coluna, elaborar e enviar aos chefes de estação postal de *étapes* as instruções necessárias para a execução do respectivo serviço;

b) Apresentar, por sua iniciativa, propostas tendentes a garantir o bom funcionamento do serviço postal de *étapes*;

c) Requisitar superiormente o pessoal que necessitar para a execução do serviço, distribuindo-o como julgar conveniente;

d) Assegurar as comunicações postais entre a estação testa de *étapes* e os locais superiormente indicados para a ligação com o serviço postal de 1.^a linha, quando esta ligação se não estabeleça na estação testa de *étapes*;

e) Adaptar o serviço postal de *étapes* nas estações do serviço ordinário existentes na zona da retaguarda e criar as que forem necessárias;

f) Fazer transportar nas viaturas do serviço postal os fundos que se destinam à pagadoria.

Chefe de estação postal.— Ao chefe de estação postal compete:

a) Organizar no local que superiormente lhe fôr indicado a correspondente estação postal, por cujo funcionamento é o único responsável;

b) Apresentar, por sua iniciativa, propostas tendentes ao bom desempenho do serviço;

c) Requisitar ao chefe de que depender o pessoal e material militar necessários.

A) Dependência do pessoal do serviço postal

Chefe do serviço postal da coluna.— O chefe do serviço postal da coluna depende, por intermédio do chefe do estado maior da coluna, do comando da mesma.

Chefe do serviço postal de «étapes».— O chefe do serviço postal de *étapes* depende, por intermédio do respectivo chefe do estado maior, da Direcção de *Étapes*, e no que diz respeito à disciplina, à expedição e segurança da correspondência, continuando a depender tecnicamente do chefe do serviço postal da coluna.

Chefe de estação postal.— O chefe de estação postal depende, directamente, da autoridade militar da localidade, no que diz respeito à disciplina, à expedição e segurança da correspondência e à situação da estação, continuando a depender, tecnicamente, do respectivo chefe do serviço postal.

Relações entre os chefes de serviço e entre estes e o comando.— Todas as relações entre os chefes do serviço postal e entre estes e os respectivos comandos são exercidas por intermédio do respectivo chefe do estado maior.

E) Registos e arquivos.— Além de registos estabelecidos para o serviço ordinário, nas estações postais, as repartições terão mais os seguintes registos:

- a) Registo da correspondência com o chefe do serviço postal do escalão imediatamente superior;
- b) Registo da correspondência com o chefe do estado maior e com outras autoridades;
- c) Elementos para a estatística.

III — Funcionamento

Generalidades

Isenção de franquia e marcação da correspondência.— A correspondência ordinária expedida por militares e civis fazendo parte do exército na zona de guerra é isenta de franquia, devendo porém ser toda marcada na estação expedidora com um carimbo indicando a data e a unidade ou a direcção a que pertence esta estação.

Correspondência registada.— A distribuição da correspondência registada continuará a cargo das estações postais ordinárias.

Os expedicionários que pretendem seguir a sua correspondência sob registo apresentá-la hão nas estações postais ordinárias, mediante afixação da respectiva estampilha.

Horários.— Os chefes do serviço postal e os chefes de estação, segundo as instruções superiores que receberem, elaboram os horários de recepção do correio, que serão afixados nas estações em local bem visível, e dos quais dão conhecimento imediato à autoridade militar de que dependerem, para esta os comunicar às tropas.

Serviço de 1.ª linha

Movimento de correspondência

A) Unidades e serviços.— Os batalhões de infantaria, unidades e demais serviços directamente subordinados ao quartel general da coluna recebem e expedem a correspondência por intermédio da estação do mesmo quartel general.

O official de dia nas unidades e serviços fará reunir

a correspondência a expedir, a fim de a mandar à hora fixada na estação postal do quartel general, onde o portador receberá a correspondência destinada à respectiva unidade ou serviço, a qual será mandada distribuir por aquele oficial empregando para isso os meios que julgar mais convenientes.

B) Estação postal central do quartel general. — Reunida a correspondência nesta estação, será devidamente acondicionada depois de separada em grupos correspondentes à metrópole, ao resto da província, à zona de *étapes*, aos diferentes destacamentos e à cada estação postal militar que funcione na zona de operações, segundo as indicações estabelecidas pelo chefe do serviço postal de 1.ª linha.

A correspondência classificada nos quatro primeiros grupos será entregue na estação postal testa de *étapes*.

Os portadores da correspondência regressam à estação postal do quartel general, depois de receberem do serviço de 2.ª linha a correspondência que lhes é destinada, a qual será distribuída, na estação postal do quartel general, pelas outras estações postais da zona de operações e pelas outras unidades e serviços.

A permuta da correspondência classificada no último grupo far-se há segundo as instruções do chefe do serviço postal da coluna.

Serviço postal de 2.ª linha

Estação postal da testa de *étapes*

A) Correspondência vinda da zona de operações. — Esta correspondência é recebida na estação testa de *étapes* já classificada nos seguintes grupos:

- 1.º Correspondência destinada à metrópole.
- 2.º Correspondência destinada à província.
- 3.º Correspondência destinada aos diferentes destacamentos.

4.º Correspondência destinada à zona de *étapes*.

A correspondência do 4.º grupo é separada nesta estação em tantos grupos quantos os postos de *étapes* estabelecidos, e enviada directamente aos seus destinos.

A correspondência do 3.º grupo é enviada directamente para as estações dos diferentes destacamentos.

A correspondência do 2.º grupo é imediatamente entregue na estação postal ordinária mais próxima.

A correspondência do 1.º grupo é enviada directamento para a estação postal da base marítima.

B) *Correspondência das tropas estacionadas na área de acção da estação testa de «étapes»*. — Esta correspondência classifica-se em dois grupos:

1.º A destinada à zona de operações e que será enviada pelos portadores de correspondência do serviço de 1.ª linha para a estação postal do quartel general.

2.º A restante correspondência que será classificada como a correspondência da alínea a) e como ela distribuída.

C) *Correspondência destinada à zona de operações*. — Esta correspondência vinda já reunida da estação de base marítima e dos diferentes postos de *étapes* é reunida com a que, com igual destino, exista na estação testa de *étapes* e entregue aos portadores de correspondência de 1.ª linha que a conduzem à estação postal do quartel general.

Estação postal de base marítima

A correspondência recebida da estação postal ordinária, juntamente com a das unidades existentes na área da estação, é classificada e grupada pela seguinte ordem:

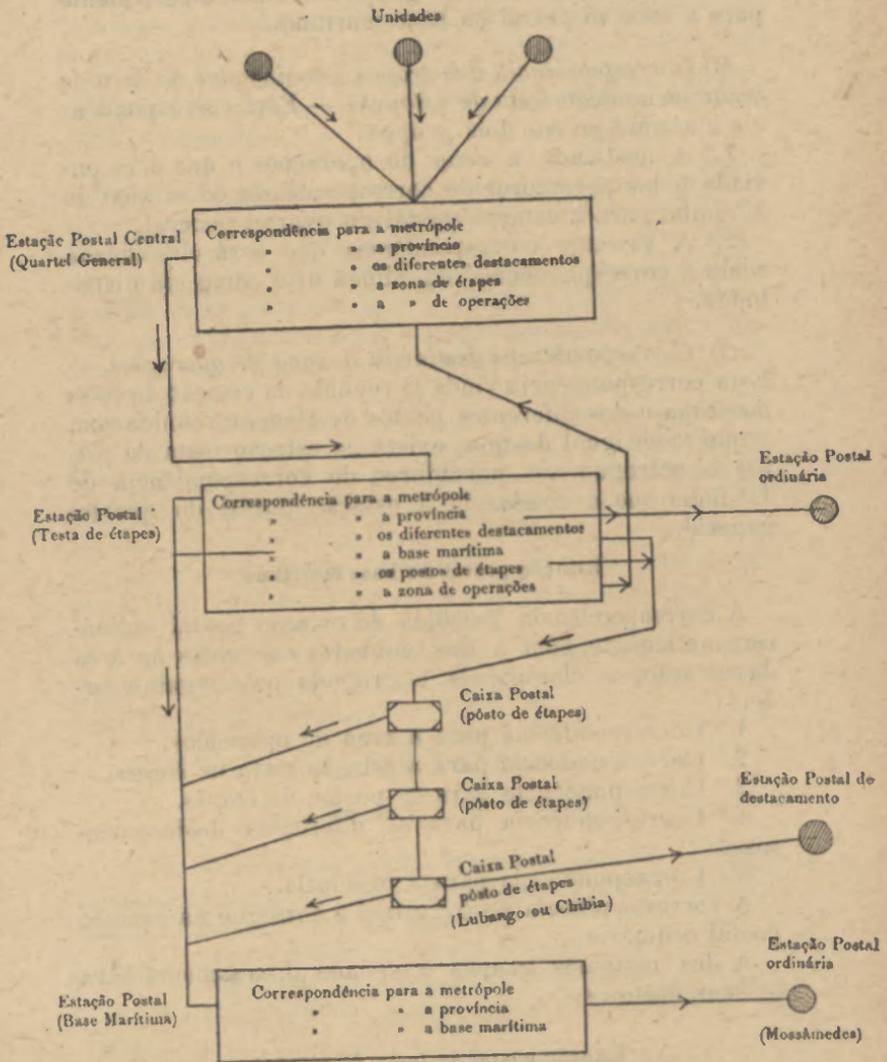
- 1.º Correspondência para a zona de operações.
- 2.º Correspondência para a estação testa de *étapes*.
- 2.º Correspondência para os postos de *étapes*.
- 4.º Correspondência para os diferentes destacamentos.
- 5.º Correspondência para a província.

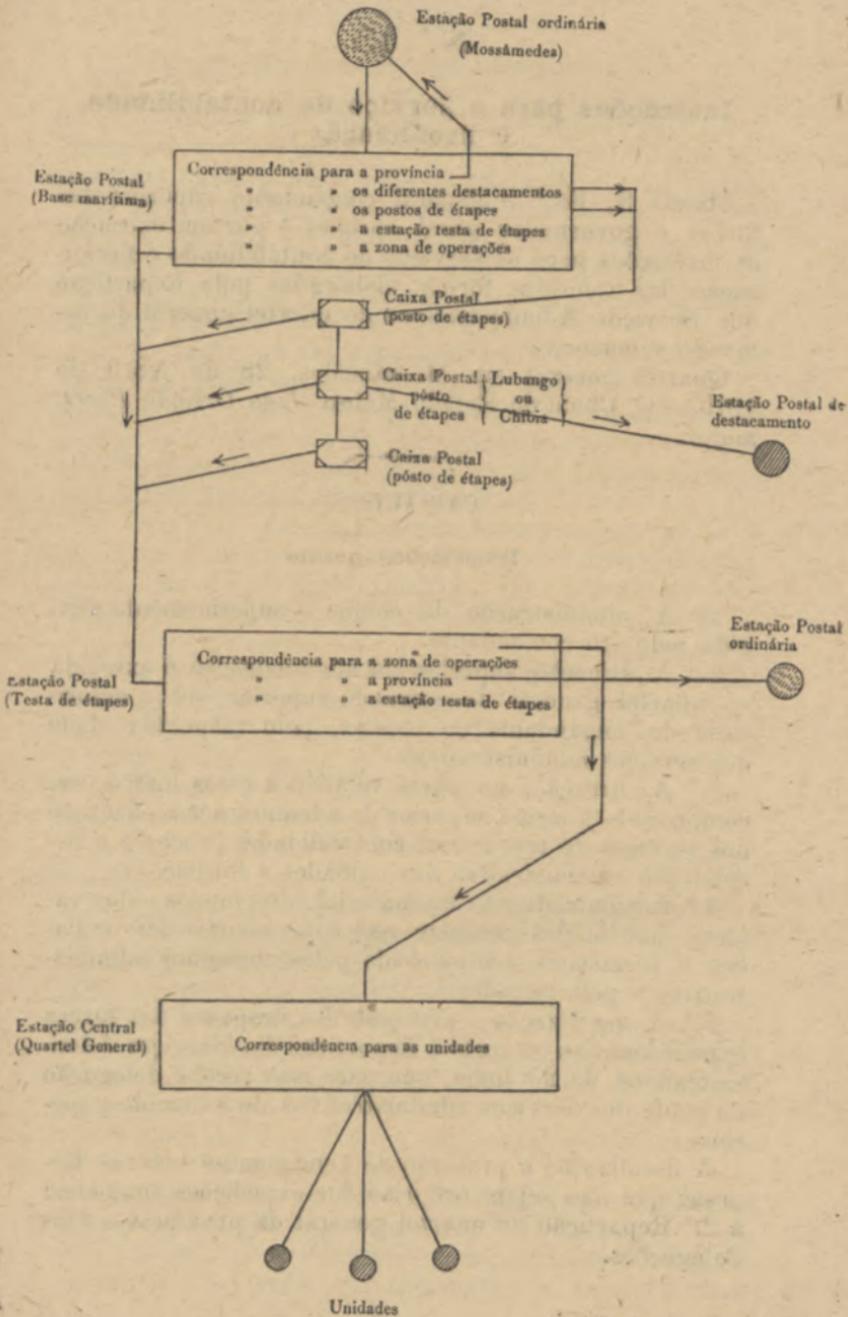
A correspondência do 5.º grupo é entregue na estação postal ordinária.

A dos restantes grupos é enviada directamente para os seus destinos.

Estação postal da testa de «étapes»

Nesta estação procede-se de modo idêntico à anterior, entregando aos portadores de correspondência de 1.ª linha destinada à zona de operações que a conduzem à estação postal do quartel general.





N.º 15

Instruções para o serviço de contabilidade
e fiscalização

Manda S. Ex.^a o general comandante superior das forças e governador geral aprovar e pôr em execução as instruções para os serviços de contabilidade e fiscalização das referidas forças, elaboradas pela Repartição dos Serviços Administrativos do quartel general do comando superior.

Quartel general em Mossâmedes, 28 de Abril de 1915.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

CAPÍTULO I

Disposições gerais

1.º A administração da coluna é superiormente dirigida pelo seu comandante.

2.º A direcção superior da administração é exercida no quartel general do comando superior, sob a autoridade do comandante da mesma, pelo respectivo chefe dos serviços administrativos.

3.º A direcção, na parte relativa a estas instruções, compreende a acção superior da administração, execução dos serviços de tesouraria, contabilidade, processo e fiscalização administrativa das unidades e formações.

4.º A administração do material, dos fundos e dos valores distribuídos compete aos comandantes das unidades e formações e é exercida pelos conselhos administrativos e pela pagadoria.

5.º A fiscalização e processo das despesas das forças expedicionárias compete à Repartição dos Serviços Administrativos da 2.ª linha, que para isso recebe delegação do chefe dos serviços administrativos do comando superior.

A fiscalização e processo de vencimentos e outras despesas que não sejam próprias das expedições competem à 2.ª Repartição do quartel general da província e suas delegações.

CAPÍTULO II

Repartições dos serviços administrativos

6.º A coluna terá duas repartições dos serviços administrativos: uma junto do quartel general e outra nos serviços de 2.ª linha, tecnicamente subordinada àquela.

7.º A Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior, que funciona sob a direcção superior do respectivo chefe de serviços administrativos, competem as atribuições indicadas no n.º 37.º das I. S. S. e n.º 106.º das I. S. Q. G. (R. C. 2.ª parte); e

a) Verificar os autos de incapacidade e de perdas de géneros, fardamento e material de subsistências que tenham de ser submetidos à aprovação do comandante superior, pelo chefe dos serviços administrativos;

b) Conhecer a existência dos fundos na pagadoria e nos cofres das unidades e formações;

c) Preparar as requisições de fundos que fôr necessário fazer ao Ministério das Colónias para ocorrer às despesas das forças expedicionárias e que o chefe dos serviços administrativos tenha de submeter à apreciação do respectivo comandante.

8.º A Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha compreenderá duas secções: 1.ª, subsistências e fardamento; 2.ª, contabilidade e fiscalização.

Compete-lhe:

a) Na parte relativa a subsistências e fardamento, as atribuições indicadas no n.º 60.º das instruções para o serviço de subsistências (2.ª parte do regulamento de campanha);

b) Na parte relativa a contabilidade e fiscalização:

1.º Conhecer a existência dos fundos na pagadoria, unidades e formações de 1.ª e 2.ª linha;

2.º Preparar as requisições de fundos que fôr necessário fazer para que a pagadoria respectiva esteja sempre convenientemente dotada e que tenham de ser remetidas ao chefe dos serviços administrativos do comando superior;

3.º Formular as guias em duplicado das quantias que devam dar entrada na pagadoria;

4.º Registar os fundos requisitados por documentos interinos e autorizados pelo respectivo chefe;

5.º Verificar e processar os documentos de despesas correntes das forças expedicionárias e as extraordinárias.

rias que o comandante da coluna expressamente determinar por escrito;

6.º Remeter, quando lhe fôr determinado, à Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior uma conta corrente das quantias recebidas, abonadas e liquidadas, no prazo que fôr indicado;

7.º Enviar mensalmente ao chefe dos serviços administrativos do comando superior uma conta corrente das receitas e despesas processadas e liquidadas no decorrer do mês anterior, a fim de ser enviada à 9.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública.

CAPÍTULO III

Administração

SECÇÃO I

Da pagadoria

9.º À pagadoria compete, além das atribuições constantes dos n.ºs 26.º e 27.º do regulamento de contabilidade (1.ª parte):

a) Enviar diáriamente à Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior um boletim da existência do numerário em cofre;

b) Manter em dia a escrituração do livro Caixa.

SECÇÃO II

Dos conselhos administrativos eventuais

10.º Em cada unidade ou formação haverá um conselho administrativo composto pela forma seguinte:

a) No quartel general do comando superior: presidente, o chefe do estado maior; vogal, o comandante do quartel general; tesoureiro, o official provisor;

b) Na Direcção de *Étapes*: presidente, o chefe do estado maior; vogal, um dos adjuntos; tesoureiro, um dos subalternos do serviço de administração militar em serviço na Direcção, que servirá também de provisor;

c) Nos grupos de artilharia, de metralhadoras, de esquadrões e batalhões de infantaria, quando constituírem unidades administrativas: presidente, o comandante; vogal, o ajudante; tesoureiro, o official provisor;

d) Nas batarias ou esquadrões administrativamente independentes: presidente, o comandante; vogal, o official immediato; tesoureiro, um dos subalternos;

e) Nas formações sanitárias: presidente, o chefe da formação; vogal, o official immediato em gradação; tesoureiro, o official da administração militar da formação ou quem as suas funções desempenhar;

f) Nas formações administrativas: presidente, o chefe da formação; vogal, o official immediato; tesoureiro, um dos subalternos.

Nas unidades e formações em que, por falta de officiais, não seja possível constituir o conselho administrativo, a sua administração é exercida pelo comandante, chefe ou director, coadjuvado pelo seu immediato.

11.º Aos conselhos administrativos compete essencialmente:

a) A administração interna em todos os seus pormenores;

b) A gerência das receitas destinadas à respectiva unidade ou formação e a sua aplicação legal;

c) A autorização para o pagamento das despesas effectuadas;

d) A fiscalização a exercer sobre as batarias, esquadrões, companhias e gerentes administrativos;

e) Executar e fazer cumprir todas as disposições destas instruções e das especiais relativas à administração.

12.º Para auxiliar o tesoureiro no desempenho dos serviços que lhe competem será nomeado um amanuense que satisfaça às condições gerais preceituadas na primeira parte do regulamento de mobilização.

13.º Os conselhos administrativos só podem deliberar em sessão, estando presentes todos os seus membros, e reúnem-se por convocação do presidente, no local e à hora que elle determinar.

14.º Os membros do conselho têm voto deliberativo e direito de propor, começando a votação pelo vogal mais moderno ou menos graduado, e votando por último o presidente.

15.º As deliberações do conselho administrativo serão tomadas por unanimidade ou maioria de votos e registadas por meio de actas assinadas por todos os seus membros, nos casos previstos pelo número seguinte.

16.º Quando algum dos membros do conselho não se conformar com a deliberação tomada, fará consignar

essa circunstância na acta e precederá a sua assiuatura de declaração de vencido, ficando assim isento de toda a responsabilidade que por aquela deliberação lhe poderia advir.

17.º Das sessões só se lavrará acta :

- a) Quando não houver unanimidade nas resoluções ;
- b) Quando as deliberações tiverem por objecto a venda ou incapacidade de solípedes e material ;
- c) Quando tiverem de deliberar sôbre assunto não previsto nos regulamentos e nestas instruções ;
- d) A requerimento dalgum dos membros do conselho, ou quando qualquer dos membros do conselho fôr substituído, a fim de que nela fique registada a existência em cofre e se a escrita está em dia.

18.º Os membros do conselho administrativo que deixarem de exercer o seu cargo responderão por quaisquer faltas ou contravenções relativas ao tempo da sua gerência, nos termos do número seguinte.

19.º Os membros do conselho administrativo são solidáriamente responsáveis quando não tenham feito declaração de voto em contrário da resolução tomada :

- a) Pelos valores que lhes estejam entregues ;
- b) Pelas resoluções não conformes com as leis, regulamentos e mais disposições vigentes e pelos pagamentos que autorizam em contravenção das mesmas leis, regulamentos e disposições ;
- c) Pela falta de cumprimento de quaisquer preceitos legais ou regulamentares ;
- d) Pelas consequências resultantes do pouco zêlo no desempenho das suas funções administrativas e pela falta de cumprimento das deliberações tomadas ;
- e) Pelos extravios de dinheiro ou outros que devam attribuir-se à falta de providências que pelo conselho devessem ser tomadas ;
- f) Pelos valores que em face dos saldos acusados no livro caixa e na conta mensal devam existir no cofre.

20.º Os prejuízos causados ao Estado pelos conselhos e gerentes administrativos serão integralmente pagos pelos responsáveis, além da responsabilidade criminal ou disciplinar em que incorram.

Quando houver mais do que um responsável, cada um dêles pagará a parte que lhe competir pelo prejuízo total, proporcionalmente ao sôlido e ao tempo por que exerceu o cargo pelo qual lhe adveio a responsabilidade.

21.º Todos os assuntos relativos à administração das

diferentes unidades ou formações que devam ser submetidos à apreciação do comandante superior da coluna serão tratados por intermédio da Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior.

22.º Todas as quantias que, como receita do Estado, forem recebidas pelos conselhos administrativos deverão dar entrada na pagadoria, mediante guia passada pela respectiva repartição dos serviços administrativos.

23.º Os conselhos administrativos entregarão aos comandantes das companhias, esquadrões ou baterias as quantias que julgarem necessárias para ocorrer às despesas destas.

24.º Os comandantes destas unidades são encarregados, sob a autoridade dos conselhos administrativos e vigilância dos comandantes de batalhões ou grupos administrativamente constituídos, da administração das suas unidades, competindo-lhes a execução de todos os actos administrativos, sendo por elles responsáveis bem como pela respectiva escrituração e contabilidade e ainda pela exacta observância das disposições legais, competindo-lhes mais também e muito especialmente zelar os interesses individuais das praças, atendendo escrupulosamente aos seus direitos e aos do Estado.

SECÇÃO III

Fundos permanentes

25.º Os fundos permanentes são destinados a ocorrer às diferentes despesas das unidades durante a campanha.

26.º Logo que regressem à metrópole, as unidades solicitarão a guia da 9.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública a fim de entregarem os respectivos fundos permanentes que tenham recebido.

SECÇÃO IV

Alimentação

27.º Todos os oficiais, praças e indivíduos civis, ao serviço da coluna, têm direito a uma ração de víveres, fornecida por conta do Estado, não se fazendo por esse motivo desconto algum nos seus vencimentos.

28.º Durante as operações a alimentação será assegurada:

- a) Pelas distribuições normais;
- b) Pelas rações de reserva.

Na alimentação das tropas ter-se há em vista, na parte aplicável, tanto quanto possível, o determinado no capítulo vi das instruções para o serviço das subsistências (2.ª parte do R. C.).

29.º A alimentação será em regra abonada em géneros devendo os oficiais e praças, que marchem isolados, apresentar documentos da despesa feita com a sua alimentação.

Quando qualquer fracção duma unidade não possa receber os géneros alimentícios do trem regimental, o seu comandante providenciará de forma que a alimentação seja sempre fornecida.

30.º A alimentação será requisitada diariamente, para o que os comandantes das companhias, esquadrões e batarias entregarão na tarde de cada dia aos provisores os respectivos vales, devendo sempre ser distintos os destinados à alimentação dos homens dos destinados à alimentação dos solípedes.

31.º As unidades devem ter em vista que o conhecimento dos efectivos exactos dia a dia é uma das bases principais para o regular funcionamento do serviço de subsistências, devendo consequentemente os vales ser entregues aos oficiais provisores mencionar o número exacto de homens e solípedes a alimentar, ficando responsáveis os comandantes das companhias, esquadrões e batarias, pelo estricte cumprimento dêste número e do antecedente.

32.º As operações relativas ao serviço de subsistências regimental estão a cargo dos oficiais provisores, cujas atribuições estão preceituadas no capítulo iv das I. S. S. (2.ª parte do R. C.).

33.º A inutilização e extravio dos géneros alimentícios, por caso de força maior, serão justificados por meio de um auto assinado pelo responsável e remetido à Reparação dos Serviços Administrativos do Comando Superior.

34.º As rações de alimentação são as que constam das tabelas anexas a estas instruções.

SECÇÃO V

Fardamento

35.º Todas as despesas de fardamento das praças em campanha correm por conta do Estado, sendo-lhes, consequentemente, distribuídos todos os artigos de fardamento e feitos todos os consertos de que necessitarem sem que por isso lhes seja feito desconto algum.

36.º O tempo de duração dos artigos dependerá dos trabalhos de campanha e a sua ruína prematura será justificada pelos comandantes das companhias, esquadrões e baterias, etc., perante os respectivos conselhos administrativos.

37.º O renovo dos artigos durante a campanha será assegurado pelas reservas regimentais e pelas reservas gerais.

38.º Os artigos de fardamento que se tornarem necessários, quando se tenham esgotado as reservas regimentais, serão requisitados mensalmente pelas companhias, esquadrões e baterias aos respectivos conselhos administrativos, para estes, por sua vez, os requisitarem à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha.

a) Os conselhos administrativos, em face das requisições das companhias, formularão a requisição geral que remeterão à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha, devolvendo às companhias as suas requisições devidamente;

b) A Repartição dos Serviços Administrativos, em presença das requisições dos conselhos administrativos, providenciará para que sejam satisfeitas essas requisições;

c) Na 2.ª linha serão os artigos empacotados por batalhões, grupos e formações, companhias, baterias e esquadrões independentes e remetidos para a 1.ª linha, a fim de serem entregues aos respectivos oficiais provisores;

d) Os oficiais provisores efectuarão as distribuições em presença das requisições visadas pelos conselhos administrativos e entregues pelas companhias, esquadrões, baterias, etc.

39.º Os conselhos administrativos enviarão mensalmente à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha relações dos artigos de fardamento que distribuírem das reservas regimentais, a fim de oportunamente se proceder à sua liquidação, nos termos da disposição 5.ª do decreto de 9 de Março de 1906.

40.º Os artigos de espólio aproveitáveis serão distribuídos oportunamente às praças que dêles precisarem e incluídos nas relações a que se refere o número antecedente, ou serão entregues pelas unidades, quando regressarem à metrópole, aos conselhos administrativos dos corpos a que pertençam, para lhes darem o devido destino.

41.º É permitido aos oficiais requisitarem, eventualmente, às companhias, esquadrões, baterias, etc., artigos de fardamento de que necessitem e que façam parte da reserva geral, devendo a sua importância ser-lhes descontada nos seus vencimentos do mês em que forem recebidos.

42.º A inutilização e extravio dos artigos de fardamento, por caso de força maior, serão justificados por meio dum auto assinado pelos responsáveis e remetido à Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior.

43.º Os consertos de fardamento serão executados pelas oficinas que funcionarão normalmente durante os períodos de estacionamento, servidas por praças das unidades que tenham as profissões de alfaiate e sapateiro.

SECÇÃO VI

Renôvo e consêrto de material de guerra, material de engenharia, material sanitário e material de subsistências

44.º Os artigos destinados a substituir os que se inutilizarem serão requisitados aos depósitos existentes na 2.ª linha por intermédio das respectivas repartições do quartel general do comando superior.

45.º Os artigos cujos consertos e reparações não seja possível efectuar nas oficinas das unidades serão remetidos para os depósitos de 2.ª linha, a fim de ali serem consertados ou utilizadas as suas partes aproveitáveis.

46.º Os conselhos administrativos incluirão nas contas mensais, modelo n.º 1, a enviar à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha, as despesas que fizerem com os consertos efectuados nas suas oficinas, sob a rubrica «Material».

SECÇÃO VII

Ferragem

47.º O serviço de ferragem dos solípedes será efectuado por ferradores das próprias unidades ou daquelas a que seja mais fácil recorrer.

48.º Os cravos e ferraduras precisos para reconstituir a reserva das unidades e formações de 1.ª linha serão requisitados directamente pelos conselhos administrativos à Repartição dos Serviços de Artilharia do quartel general. Na 2.ª linha os cravos e ferraduras serão fornecidos pelo depósito de material de guerra de *étapes*.

49.º As despesas de manufactura de ferragem serão incluídas nas contas mensais a enviar à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha, pelo depósito de material de guerra de *étapes*.

50.º Nas unidades inferiores a ferragem dos solípodés será requisitada pelo sargento de dia, por meio de relação (modelo n.º 2), em presença da qual o respectivo comandante ou chefe autoriza ou ordena a ferragem necessária. Os ferradores das respectivas unidades inferiores, tendo presentes estas relações, preenchem e assinam os vales juntos às mesmas, a fim de lhes serem fornecidas as ferraduras e cravos precisos.

Estas relações e vales documentam a saída da ferragem do caderno de contabilidade em campanha.

CAPÍTULO VI

Fiscalização

SECÇÃO I

Abono e processo de vencimentos e outras despesas

51.º Os vencimentos dos officiaes serão abonados em relações mensais segundo o modelo n.º 2, em duplicado. Nos originaes dessas relações serão colados os selos correspondentes à totalidade de vencimentos de cada official.

52.º Os vencimentos das praças abonar-se hão, como na metrópole, em relações de vencimentos duplicadas, descontando-se a cada praça, em casos especiais, as pensões deixadas às famílias, prestações para pagamento de adiantamentos, dívidas de fardamento e as importâncias destinadas aos hospitais.

53.º Os vencimentos dos officiaes e praças falecidos serão abonados no ultramar até as datas dos falecimentos, e as importâncias que elles não chegarem a receber serão entregues pelos conselhos administrativos eventuais das unidades expedicionárias, depois do seu regresso à metrópole, aos conselhos administrativos dos respectivos corpos, para lhes darem o destino que superiormente lhe fôr determinado.

54.º As praças de 1.ª classe que, na data em que desatarem para a província, forem devedoras por artigos de fardamento, continuar-se hão a fazer os descontos preceituados no regulamento de 3 de Março de 1904 até completo pagamento dos seus débitos.

55.º Os vencimentos de que tratam os n.ºs 51.º e 52.º serão abonados, pelos conselhos administrativos, da dotação do fundo permanente e serão incluídos na primeira conta mensal a enviar a processo à Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha.

56.º O abono de vencimentos terá lugar desde o dia de embarque, no porto de Lisboa, para todos os oficiais e praças, até o dia de desembarque no mesmo porto.

57.º Os oficiais e praças que, tendo regressado do serviço de campanha e havendo sido presentes à junta hospitalar de inspecção, obtenham licença para se tratar ou convalescer de doenças obtidas em campanha, terão direito, durante os noventa primeiros dias de licença, aos vencimentos que perceberiam se estivessem prontos para todo o serviço.

58.º Os oficiais e praças em tratamento nos hospitais da província de ferimentos adquiridos no serviço de campanha, e bem assim os oficiais e praças que baixem aos hospitais de sangue, não sofrerão por tal motivo desconto algum nos seus vencimentos.

59.º Aos oficiais ou aspirantes a oficiais em tratamento nos hospitais ou enfermarias da província serão descontados diáriamente 2 quintos da importância dos soldos das suas patentes na metrópole e deixarão de receber gratificações durante o tempo de tratamento.

60.º Por cada praça de 1.ª classe que, nas condições acima indicadas, baixar aos referidos hospitais, será descontada quantia igual à importância do pré abonado na metrópole e a ração de pão pelo seu equivalente de \$03, com excepção dos sargentos, que descontam unicamente o pré abonado na metrópole. Igual desconto e mais a importância da consignação para rancho será feito às praças de 2.ª classe.

61.º Os hospitais e enfermarias formularão relações mensais em duplicado dos oficiais e praças que estiverem em tratamento e organizarão as contas das despesas que fizerem, remetendo umas e outras ao chefe dos serviços administrativos de 2.ª linha, que lhes processará título para haverem a importância total da pagadoria.

Semelhantemente se procederá relativamente às despesas efectuadas com os funerais das praças e officiais.

62.º Os officiaes ou praças que forem tratados nos hospitais ou ambulancias da benemérita Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha não descontarão, por esse motivo, quantia alguma nos seus vencimentos.

Para despesa da alimentação dos doentes será abonada à referida benemérita Sociedade a quantia diária de \$50 por cada official ou praça europeia e a de \$24 por cada praça indígena.

63.º Todas as outras despesas serão abonadas em face de documentos comprovativos, que devem acompanhar a conta mensal.

64.º O abono de vencimentos e outras despesas é feito pelos conselhos administrativos dos fundos permanentes, os quaes se vão reconstituindo com os títulos processados pela Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha em face das contas mensais.

65.º Os conselhos administrativos enviarão à respectiva repartição dos serviços administrativos, até o dia 15 de cada mês, a conta mensal (modelo n.º 1), discriminada pelas seguintes rubricas: «Vencimentos», «Viveres», «Forragens», «Fardamento», «Despesas diversas», «Despesas extraordinárias».

66.º Os documentos respeitantes a cada lançamento serão reunidos por meio de um verbete onde todos se relacionarão, pelos respectivos totais, entrando como receita, na conta mensal, os descontos feitos nos vencimentos de officiaes e praças.

A conta mensal será acompanhada duma relação dos géneros e artigos fornecidos pelos serviços administrativos.

67.º Verificada e liquidada a conta mensal pela Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha, esta passará o competente título (modelo n.º 3) a fim de ser satisfeito pela pagadoria.

68.º As importâncias de que as unidades em campanha eventualmente necessitarem para occorrer às suas despesas, por não haverem recebido em tempo oportuno os títulos processados das despesas liquidadas, serão sacadas por meio de recibos interinos assinados pelos conselhos administrativos e visados pelo chefe dos serviços administrativos da 2.ª linha.

Estes recibos serão registados na Repartição dos Serviços Administrativos de 2.ª linha e resgatados pelos títulos definitivos.

SECÇÃO II

Inspeção às pagadorias e conselhos administrativos

69.º Sempre que fôr julgado conveniente, o chefe dos serviços administrativos do comando superior, como delegado do mesmo comando, procederá ao exame da escrita e verificação da existência em cofre na pagadoria e nos conselhos administrativos das unidades e formações.

SECÇÃO III

Atribuições e deveres dos oficiais das repartições dos serviços administrativos

70.º Na parte relativa a contabilidade e fiscalização compete, especialmente, ao chefe dos serviços administrativos de 2.ª linha:

- a) Dirigir e fazer executar os serviços da tesouraria, contabilidade e processo;
- b) Visar todos os documentos que hajam de ser pagos pela pagadoria;
- c) Apresentar ao director de *étapes* todos os assuntos sobre os quais haja de recair despacho;
- d) Fazer expedir à pagadoria as ordens para nela entrarem as quantias que houver a receber;
- e) Ter sempre exacto conhecimento dos fundos existentes na pagadoria e nos cofres das unidades e formações;
- f) Propor ao chefe dos serviços administrativos do comando superior tudo que julgue necessário para a boa execução do serviço de contabilidade e fiscalização e quaisquer alterações a fazer nestas instruções;
- g) Propor ao director de *étapes* a colocação e distribuição do pessoal sob as suas ordens, conforme julgar mais conveniente aos interesses dos serviços.

SECÇÃO IV

Vencimentos

71.º Além da alimentação os oficiais e praças terão os vencimentos constantes das tabelas n.ºs 7 e 8.

72.º As praças de 1.ª e 2.ª classes serão abonadas as gratificações de readmissão e de classe a que tiverem direito.

CAPÍTULO VI

Contabilidade e escrituração

SECÇÃO I

Contabilidade

73.º Para efeito de vencimentos, alimentação e fardamento, os estados maiores e menores dos regimentos e dos batalhões ou grupos serão incluídos nos efectivos dos primeiros esquadrões, companhias ou batarias.

74.º Os comandantes das unidades inferiores requisitarão mensalmente ao respectivo conselho administrativo as quantias que forem necessárias para ocorrer às suas despesas próprias.

75.º No fim de cada mês as unidades inferiores entregarão aos respectivos conselhos administrativos os recibos facturas das despesas feitas, com os quais resgatarão os recibos das quantias abonadas.

76.º As unidades inferiores, salvo casos especiais, não adquirem víveres, forragens, combustível para aquecimento ou para confecção de alimento, palha para camas e tabaco, que lhes serão sempre distribuídos pelo official provisor.

77.º As relações de vencimentos serão formuladas mensalmente e assinadas pelos comandantes das unidades inferiores, verificadas e visadas pelos comandantes dos batalhões, grupos ou formações, depois do que serão entregues aos conselhos administrativos para receberem a sua importância e resgatarem os respectivos recibos interinos.

78.º Nas observações das relações de vencimentos seguir-se-hão os princípios vigentes no tempo de paz. Na indicação das situações dos officiaes considerar-se-hão:

a) Desertores, os que notóriamente se ausentarem por tempo sufficiente para serem considerados como tais;

b) Prisioneiros, os que notóriamente tiverem caído prisioneiros do inimigo ou de nações neutrais;

c) Desaparecidos, os que se presumam mortos mas de quem não tenha sido possível constatar o óbito;

d) Falecidos, aqueles de cuja morte haja testemunho;

e) Ausentes, os que faltarem às chamadas e que não estejam incluídos nas alíneas anteriores.

79.º As relações dos vencimentos serão entregues nos conselhos até o dia 10 do mês immediato àquele a que dis-

serem respeito, dia até o qual devem ter sido pagos os vencimentos.

80.º Os conselhos administrativos, logo que recebam os documentos de despesa das companhias, organizam a conta mensal (modelo n.º 1).

81.º Quando por qualquer circunstância imprevista e devidamente justificada as contas das despesas das companhias, esquadrões e baterias não forem recebidas pelos conselhos administrativos a tempo de serem incluídas na conta mensal, serão lançadas na conta mensal do mês seguinte àquele a que digam respeito.

82.º As despesas com funerais serão por conta do Estado, e incluídas na conta mensal sob a rubrica «Despesas diversas».

83.º O diário das rações (modelo n.º 4) será documentado com os vales das rações, servindo o referido diário de documento para o registo de saída de géneros.

a) Neste diário as distribuições devem ser registadas por unidades inferiores, não devendo haver desacôrdo entre a sua escrituração e a dos cadernos de contabilidade em campanha;

b) Nas formações sanitárias a alimentação consumida pelos oficiais e praças em tratamento será escriturada em separado da destinada ao pessoal privativo das mesmas formações.

84.º Os vales das fracções devem ser distintos para víveres, forragens, palha para camas e combustível para aquecimento.

Esses vales indicarão o número de homens e soltípedes com direito a vencimento de ração de alimentação em cada dia, levarão a data da distribuição, e serão nesta data lançados nos cadernos de contabilidade.

Os vales de rações serão sempre assinados pelos comandantes das unidades inferiores e entregues ao official provisor que calcula as quantidades de géneros, combustível, etc., a distribuir a cada unidade inferior.

Os vales das rações de reserva devem sempre trazer bem claro «víveres de reserva».

85.º Os géneros e gados recebidos pelos provisores serão sempre escriturados nos respectivos livros de armazém (modelo n.º 5).

a) As entradas serão comprovadas com os duplicados dos cadernos de vales e as saídas com os diários das rações e eventualmente com os autos de perdas ou incapacidade;

b) As entradas de artigos de fardamento serão documentadas com as guias de remessa e as saldas com as requisições das unidades inferiores.

86.º Quando qualquer praça mude de unidade ou recolha à metrópole, será acompanhada de um boletim (modelo n.º 6), em que se mencionarão, além dontras indicações úteis, os artigos de fardamento, material de guerra, etc., que levar consigo. Estes artigos serão abatidos no capítulo IV do caderno de contabilidade da unidade a que a praça pertença, e aumentados no daquela para onde a praça tiver passagem. Depois de feito o aumento no caderno de contabilidade será o boletim enviado ao conselho administrativo para se fazer o aumento à carga geral da unidade.

87.º As perdas ou inutilizações de géneros e de material serão justificadas por um auto (modelo n.º 7) assinado pelo comandante da unidade inferior e por duas testemunhas presenciais, sendo seguidamente enviado ao conselho administrativo, que por sua vez o enviará à respectiva Repartição dos Serviços de Comando a quem compita apreciar a perda ou inutilização. Os géneros e material referidos serão abatidos à carga dos respectivos registos depois de autorizado o abate por aquelas repartições.

88.º Os artigos de fardamento, arreios, utensílios e armamento, serão pedidos pelos comandantes ou chefes das unidades inferiores por meio de uma requisição (modelo n.º 8), por elles assinada e visada pelo comandante do batalhão, grupo ou esquadrão a que pertençam. Estas requisições serão distintas por cada espécie de material e, depois de satisfeitas, serão aumentadas nos cadernos de contabilidade, sendo este aumento justificado pela respectiva guia de remessa. As requisições de fardamento são entregues aos oficiais provisores, as de material de guerra ao oficial de tiro e armamento ou a quem as suas vezes fizer.

89.º As despesas feitas pelos comandantes das unidades inferiores com a compra de artigos de expediente, ingredientes e artigos de limpeza, conservação e conservas de artigos de material, serão comprovadas por meio de recibos ou declarações justificativas.

Quando se trate de compra de géneros, proceder-se há como se acha preceituado nas I. S. S. para os oficiais provisores. As pequenas despesas de que não seja possível cobrar recibo serão comprovadas por uma decla-

ração assinada pelo comandante ou chefe da unidade inferior.

90.º No fim da campanha, as rações de reserva distribuídas às tropas e não consumidas serão entregues aos oficiais provisores, e descarregadas às respectivas unidades inferiores.

91.º Toda a contabilidade das unidades inferiores é feita no respectivo caderno de contabilidade em campanha, modelo n.º 33 do R. M.

No capítulo I d'este caderno escriturar-se hão desde o primeiro dia de embarque até o desembarque em Lisboa todas as alterações, tais como: baixas e altas aos hospitais, punições, louvores, etc., e bem assim todos os artigos de fardamento que forem distribuídos às praças por conta do Estado, e as importâncias dos consertos que eventualmente forem feitos em artigos do seu uniforme. É em presença destas alterações que se completa oportunamente, nas unidades a que pertençam, a escrituração dos competentes registos. Nas fôlhas respectivas do mesmo capítulo devem ser indicados resumidamente os louvores e punições impostas aos homens anteriormente ao primeiro dia de embarque, e os tipos dos diferentes artigos de fardamento que vestem.

92.º Terminada a campanha e liquidadas as contas, os cadernos de contabilidade ficam arquivados na respectiva unidade.

93.º Como princípio, nenhum oficial ou praça poderá baixar ao hospital sem o respectivo título de baixa. No caso de alta, o oficial ou praça será acompanhado do respectivo título até a unidade a que pertença. No caso de falecimento, o título de alta é enviado à unidade a que o oficial ou praça pertença para averbamento e arquivo.

94.º O quartel general do comando superior, considerado como unidade administrativa para o efeito de vencimentos, alimentação e fardamentos, compreende duas secções:

1.ª Comando, estado maior e serviços de engenharia, artilharia, saúde, veterinários e administrativos;

2.ª Escolta, e serviços, postal, de justiça e polícia.

Em cada secção a contabilidade é regulada pelo que fica determinado para as unidades inferiores.

As atribuições administrativas de comandante de unidade inferior competem:

Na 1.ª secção ao comandante do quartel general;

Na 2.^a secção ao oficial mais graduado.

95.º A Direcção de *Étapes* será considerada uma unidade administrativa para os efeitos indicados no artigo anterior. Um dos adjuntos, nomeado pelo director de *étapes*, desempenhará as funções administrativas que competem a um comandante de unidade inferior.

96.º Nos postos de *étapes* a alimentação ficará a cargo do respectivo comandante de *étapes*, conforme o disposto no n.º 110.º do R. E.

97.º Os oficiais e praças que não pertençam a unidades de coluna ou da província serão abonados dos seus vencimentos pelo conselho administrativo da Direcção de *Étapes*.

98.º Em qualquer dos casos em que, nos termos do R. A. V. de 3 de Março de 1904, tenham de ser liquidadas as contas correntes de fardamento das praças de 2.^a classe, não deixará de ser computado para esse fim o desconto virtual relativo ao tempo em que elas tenham tido vencimento de campanha.

99.º Nas guias de marcha e nas baixas ao hospital, dos oficiais ou praças que tenham de separar-se das unidades a que pertençam ou de recolher à metrópole, mencionar-se hão os vencimentos a que tenham direito, os descontos que lhe devam ser feitos, até quando vão pagos, e quaisquer outros esclarecimentos indispensáveis para lhes serem feitos os vencimentos nas unidades para onde tenham passagem ou às quais forem adir.

SECÇÃO II

Escrituração

I

Nas companhias, esquadrões, baterias, secções e formações

100.º Os livros e impressos relativos ao serviço de contabilidade e fiscalização, cuja escrituração compete às unidades inferiores, são os seguintes:

Caderno de contabilidade, modelo n.º 33, do regulamento de mobilização.

Relação de vencimentos, modelo n.º 2.

Relação de vencimentos, modelo da metrópole.

Vale de rações, modelo n.º 9.

Certificado, modelo n.º 15 das I. S. S. (R. C. 2.^a parte).

Facturas.

- Requisição de artigos, modelo n.º 8.
 Boletim de passagem, modelo n.º 6.
 Baixa aos hospitais, modelo n.º 10.
 Auto de perdas e incapacidade, modelo n.º 7.
 Relação de consertos.
 Relação de ferragens, modelo n.º 11.

101.º O caderno de contabilidade destinar-se há à escrituração sumária das diversas operações de contabilidade das unidades inferiores e terá o formato 0^m,20 por 0^m,30, incluindo as margens, com capa flexível para ser facilmente transportado pelos primeiros sargentos ou encarregados da escrituração, que o devem conservar em todas as circunstâncias.

O caderno de contabilidade divide-se nos sete capítulos seguintes:

a) Capítulo I. Destina-se a registar as alterações na situação e factos sucedidos que se relacionem com o pessoal e animal; abrangerá 120 fôlhas e dividir-se há em três partes: primeira, oficiais; segunda, praças; terceira, solípedes;

b) Capítulo II. Destina-se à distribuição de vencimentos e abrangerá 10 fôlhas, devendo haver em cada página 40 linhas úteis O comandante assinará no fim de cada distribuição efectuada;

c) Capítulo III. Destina-se a registar as rações recebidas, sua composição e bem assim a existência das rações de reserva; abrange 6 fôlhas abertas e divide-se em duas partes: primeira, rações para homens; segunda, rações para solípedes.

No fim de cada mês o comandante assinará as respectivas fôlhas;

d) Capítulo IV. Destina-se a registar as cargas de material; abrange 15 fôlhas e divide-se em nove partes:

- 1.ª Armamento munições e acessórios;
- 2.ª Equipamentos individuais e metais;
- 3.ª Arreios e equipamentos para solípedes;
- 4.ª Equipamentos regimentais, instrumentos bélicos e músicos, ferragem, taras e artigos não classificados;
- 5.ª Material de engenharia;
- 6.ª Material sanitário;
- 7.ª Material de subsistências;
- 8.ª Fardamento;
- 9.ª Arquivos;

e) Capítulo V. Destina-se a registar as quantias reco-

bidas e pagas, indicando a proveniência de umas e a aplicação de outras e abrange 2 fôlhas.

Os saldos são entregues no conselho administrativo com a conta mensal;

f) Capítulo VI. É o diário da situação das praças e mapa das fôrças e abrange 3 fôlhas abertas. A soma dos homens presentes com a dos ausentes deve dar o efectivo da unidade;

g) Capítulo VII. É um *memorandum* no qual se registam quaisquer factos que, não sendo objecto dos capítulos antecedentes, convenha contudo averbar. Abrange 5 fôlhas.

102.º O vale de rações, modelo n.º 9, serve para as unidades inferiores requisitarem ao provisor as rações de víveres, ferragens, combustível, palha para camas e tabaco. Formular-se há um vale para cada uma destas espécies de rações.

103.º O certificado (modelo n.º 15), das I. S. S. (do regulamento de contabilidade, 2.ª parte) serve de documento para os conselhos administrativos pagarem a alimentação fornecida pelos habitantes e consumida pelas unidades inferiores, destacamentos e militares isolados.

104.º A factura, modelo n.º 17, das I. S. S. destina-se a justificar as compras effectuadas pelos comandantes das unidades inferiores, de destacamentos, etc.; discriminará os géneros e artigos adquiridos e deverá, para documentação das despesas, ter o recibo passado pelo respectivo vendedor.

105.º A requisição de artigos, modelo n.º 8, destina-se a indicar o número e espécie de artigos que as unidades inferiores necessitem receber por intermédio dos conselhos administrativos.

106.º O boletim de passagem, modelo n.º 6, destina-se a mencionar os artigos de fardamento, de material de guerra e quaisquer outros que as praças levem consigo quando tenham de recolher à unidade de depósito.

107.º A baixa aos hospitais, modelo n.º 10, serve de documento para oficiais e praças darem entrada nos hospitais e ambulâncias, devendo ter no verso o boletim de passagem.

108.º O auto de perdas e incapacidade, modelo n.º 7, destina-se a justificar as perdas e incapacidade de géneros e de artigos de material de guerra e outros, pertencentes ao Estado.

109.º A relação dos consertos será do modelo usado no tempo de paz, e destina-se a documentar a manufatura respectiva, quando feita nas oficinas militares, ou a despesa efectuada quando os consertos sejam executados por operários civis, que neste caso deverão passar recibo na própria relação.

110.º A relação de ferragem, modelo n.º 11, serve para requisitar a ferragem que se tornar necessária aos solípedes da unidade.

II

Nos batalhões, grupos e formações

111.º Os livros e impressos relativos ao serviço de contabilidade e fiscalização, cuja escrituração compete aos oficiais provedores, são os seguintes:

a) Livro de armazém, modelo n.º 5;

b) Diário das rações, modelo n.º 4;

c) Livro de contas correntes;

d) Caderno copiador, modelo n.º 11, do regulamento de contabilidade;

e) Caderno de vales, modelo n.º 12;

f) Caderno de ordens e requisições e livretes de recibos de requisições;

g) Facturas, modelo n.º 17, das I. S. S.;

h) Autos de perdas e incapacidade, modelo n.º 7.

112.º O livro de armazém tem o formato de 32 centímetros por 21^{cm},5 e destina-se ao registo de entrada e saída de géneros, fardamento e material de subsistências. Divide-se em cinco partes:

1.ª Viveres normais;

2.ª Viveres de reserva;

3.ª Forragens;

4.ª Fardamento;

5.ª Material de subsistências.

113.º O diário de rações, modelo n.º 4, tem o formato de 32 centímetros por 21^{cm},5 e destina-se ao registo de rações distribuídas às unidades inferiores pelo oficial provedor.

114.º O livro de contas correntes tem o formato de 32 centímetros por 21^{cm},5 e destina-se ao registo das importâncias recebidas e despendidas pelo oficial provedor.

115.º O caderno copiador, além do fim a que é destinado por outros regulamentos, destina-se mais para o

oficial provisor tomar quaisquer apontamentos sôbre a contabilidade a seu cargo.

116.º O caderno de vales destina-se ao fim indicado no n.º 300.º das I. S. S. (2.ª parte do regulamento da contabilidade) devendo indicar, além do preceituado no referido número, em algarismos, o pêsô de cada género pedido, quando se trate de víveres normais, de carne e de forragens.

Cada caderno de vales será composto de fôlhas, modelo n.º 12, convenientemente picotados, que se destinam à cópia de vales; a cópia será obtida por meio de papel quimico.

117.º Os cadernos de requisições e livretes de recibos de requisições destinam-se ao fim determinado no n.º 299.º das I. S. S. (2.ª parte do regulamento da contabilidade).

118.º As facturas e antos de incapacidade, destinam-se aos fins indicados nos n.ºs 104.º e 108.º

III

Nos conselhos administrativos

119.º Nos conselhos administrativos haverá os seguintes livros e impressos cuja escrituração compete ao official tesoureiro :

- a) Livro de actas;
- b) Livro de contas correntes;
- c) Livro de carga, modelo n.º 34-I, do regulamento de mobilização;
- d) Contas mensais, modelo n.º 1;
- e) Requisições de artigos, modelo n.º 8.

120.º O livro de contas correntes, com o formato indicado no n.º 114.º, destina-se a registar as quantias recebidas e pagas pelos conselhos administrativos, devendo uma das contas destinar-se à escrituração da conta caixa e as outras ao lançamento das importâncias abonadas por cédulas às unidades inferiores e respectivo resgate, e bem assim ao de quaisquer fornecimentos que não sejam immediatamente pagos.

A conta-caixa deverá ser escriturada por forma que os lançamentos sejam devidamente classificados pelos artigos da conta mensal.

121.º O livro de carga destina-se a registar a carga do material à responsabilidade dos conselhos administrativos e divide-se em sete partes, conforme será preceituado na 3.ª parte do regulamento de mobilização.

122.º A conta mensal, modelo n.º 1, é do formato de 32 centímetros por 21^{cm},5 e é destinada à prestação mensal de contas dos conselhos administrativos perante a Repartição dos Serviços Administrativos.

123.º A requisição, modelo n.º 8, serve para os conselhos administrativos requisitarem às respectivas repartições dos serviços do quartel general os artigos de material que necessitarem as unidades inferiores.

IV

Na Repartição dos Serviços Administrativos da 2.ª linha

124.º Na Repartição dos Serviços Administrativos da 2.ª linha haverá para o serviço de contabilidade e fiscalização os livros seguintes:

a) Registo de abonos e processos, modelo da conta mensal;

b) Registo de requisições de fundos, modelo n.º 13;

c) Registo de ordens de pagamento, modelo n.º 14;

d) Registo de recibos interinos, modelo n.º 15.

125.º O registo de abono e processos é formado por folhas do modelo n.º 1 e destinam-se ao lançamento das contas mensais das unidades e formações, depois de verificadas e liquidadas.

126.º O registo de requisições de fundos, modelo n.º 13, é do formato de 30 centímetros por 21^{cm},5 e destina-se a registar as quantias pedidas para habilitar convenientemente a pagadoria e as que na mesma pagadoria derem entrada por meio de guias passadas pela respectiva Repartição dos Serviços Administrativos.

127.º O registo de ordens de pagamento é formado por folhas, modelo n.º 14, convenientemente picotadas, com o formato de 32 centímetros por 21^{cm},5, e nele serão formuladas as ordens de pagamento das quantias que os conselhos administrativos tenham a receber por liquidação dos suas contas mensais, ficando a constituir propriamente o registo o respectivo talão.

128.º O registo de recibos interinos será do formato de 32 centímetros por 21^{cm},5 e destina-se a registar os recibos das quantias que os conselhos administrativos tenham eventualmente de requisitar à pagadoria por intermédio da Repartição dos Serviços Administrativos.

TABELAS



TABELA I

Ração de viveres em estacionamento prolongado

| Ração normal | Gramas | 1.ª substituição | Gramas | 2.ª substituição | Gramas |
|--------------------|--------|--------------------|--------|--------------------|--------|
| Café | 15 | Chocolate com | | Café com açú- | |
| Açúcar | 30 | açúcar | 30 | car. | 45 |
| Pão | 500 | Bolacha | 400 | — | — |
| Carne (pêso com | | Chouriço | 360 | Bacalhau | 250 |
| osso) | 600 | — | — | — | — |
| Legumes secos | 500 | Arroz | 300 | — | — |
| Massa | 300 | — | — | Azeite | 20 |
| Toucinho | 30 | Banha | 40 | | |
| Azeite | 40 | | | | |
| Sal | 40 | | | | |
| Cebola | 10 | | | | |
| Vinagre | 40 | | | | |
| Pimento | 2 | | | | |
| Vinho, 4 decili- | | | | | |
| tros. | | | | | |

A divisão dos gêneros para a 2.ª e 3.ª refeições fica ao critério dos comandantes das unidades, de forma que não sejam excedidas as quantidades indicadas nesta tabela, podendo ser feitas as substituições autorizadas pela tabela n.º 15 das Instruções para o Serviço de Subsistências, com exceção da batata que substituirá os legumes secos na razão de 1:500 gramas por cada 500 gramas de legumes secos.

Quando as unidades se alimentem pelos recursos locais ou convenha aproveitar parte desses recursos, far-se hão também as substituições indicadas na referida tabela.

Quando, estando-se em estacionamento prolongado, inesperadamente se receba ordem de marcha, distribui-se, para a segunda refeição do primeiro dia de marcha, uma ração de chouriço ou de conserva com o pêso indicado na tabela III.

TABELA II

Ração de viveres em marcha e operações

| Ração normal | Gramas | Substituição | Gramas |
|-------------------------------|--------|---------------------------|--------|
| Café | 15 | Chocolate com açúcar. . . | 30 |
| Açúcar | 30 | Bolacha | 400 |
| Pão | 500 | Chouriço | 400 |
| Carne (pêso com osso) . . . | 650 | — | — |
| Legumes secos | 280 | Arroz | 150 |
| Massa | 150 | — | — |
| Toucinho | 20 | Banha | 25 |
| Azeite | 25 | | |
| Sal | 25 | | |
| Cebola | 25 | | |
| Vinagre | 20 | | |
| Pimento | 1 | | |
| Vinho, 4 decilitros (a) . . . | | | |

Em marcha e operações o rancho será cozinhado uma só vez por dia, reservando-se para a segunda refeição do dia seguinte parte da carne cozinhada.

Quando não seja possível cozinhar o rancho, empregar-se hão as rações de reserva ou os ranchos confeccionados. Quer umas, quer outros, só poderão ser consumidos por ordem expressa do comando.

(a) Quando possível.

TABELA III

Segunda refeição a distribuir no caso a que se refere a observação à tabela I

| Ração normal | Gramas | 1.ª substituição | Gramas | 2.ª substituição | Gramas |
|---------------------------|--------|--|--------|--|--------|
| Carne | 400 | Chouriço | 250 | Conserva de carne com legumes (1 lata) | 500 |
| Conserva de atum (1 lata) | 250 | Conserva de sardinhas (1 lata) | 250 | Conserva de carne | 250 |

A lenha para confecção dos ranchos para europeus, a que se referem as tabelas, quando não possa ser cortada será fornecida na razão de 2^k,600, diariamente, por cada homem.

TABELA IV

Ração para trajecto em caminho de ferro
e, eventualmente, de reserva

| Géneros | Gramas | Observações |
|---------------------------------------|--------|---------------------|
| Café. | 15 | } Por praça. |
| Açúcar. | 30 | |
| Bolacha | 400 | |
| Pão (a) | 500 | |
| Conservas de carne ou peixe | 250 | |
| Vinho, 4 decilitros (a) | - | } Para duas praças. |
| Rancho confeccionado | 1:000 | |

Esta ração será fornecida às tropas quando não haja ou possa ser fornecida a ração constante da tabela n.º 9 das Instruções para o Serviço de Subsistências (Regulamento de Campanha, 2.ª parte).

(a) Só na ração para caminho de ferro.

TABELA IV-A
Ração de desembarque

| Gêneros | Gramas |
|---------------------------|--------|
| Café | 15 |
| Açúcar | 30 |
| Pão | 500 |
| Bolacha | 400 |
| Legumes secos | 280 |
| Massa ou arroz | 150 |
| Toucinho | 20 |
| Azeite ou banha | 25 |
| Sal | 25 |
| Vinagre | 20 |
| Pimento | 1 |

As tropas transportarão consigo duas rações de víveres de desembarque.

O depósito da estação *terminus* do caminho de ferro distribuirá para completar a ração de desembarque:

Por cada oficial ou praça:

Carne, pêso com osso, 650 gramas.

Vinho, 4 decilitros.

Por cada solípede:

Todas as vezes que seja possível, palha ou capim,
5 quilogramas.

TABELA V
Ração para indígenas

| Gêneros | Gramas |
|--|--------|
| Viveres | |
| Fuba | } 800 |
| Farinha de milho | |
| Arroz | |
| Feijão | } 350 |
| Peixe fresco | |
| Peixe sêco | 220 |
| Carne com osso | 240 |
| Azeite de palma | 40 |
| Azeite | 30 |
| Sal | 20 |
| Diversos | |
| Tabaco (semanalmente distribuído ao domingo) | 200 |
| Sabão (semanalmente distribuído ao domingo) | 200 |
| Lenha (quando a não possa cortar) | 1:000 |

TABELA VI
Ração de forragens em estacionamento prolongado

| Ração normal | Quilo-gramas | 1.ª substituição | Quilo-gramas | 2.ª substituição |
|-----------------|--------------|------------------|--------------|---|
| Cevada ou aveia | 2,000 | Cevada e aveia | 2,500 | 1:000 gramas de bôlo alimentar substituindo 1:200 gramas de grão. |
| Fava | 1,500 | Fava | 2,500 | |
| Milho | 1,500 | | | |

TABELA VI-A

Rações de forragem em marcha e operações

| Géneros | Rações | |
|-------------------------------------|----------------------------|--------------------------------|
| | Normal — Quilogramas | De reserva — Quilogramas |
| Grão. | 6 | 6 |
| Palha, feno ou capim sêco | 3 | — |

Disposições especiais relativas à alimentação e alojamento dos oficiais e sargentos expedicionários ao sul de Angola, quando em estacionamento prolongado.

Alimentação

Quando em estacionamento prolongado, em localidades com recursos, os oficiais e sargentos constituirão ranchos, os primeiros até 1\$20 e os segundos até \$90 com a alimentação diária, correndo nestes casos a despesa com a aquisição de utensílios de cozinha e de mesa por conta dos arranchados.

Aos oficiais e sargentos isolados, ou quando por qualquer motivo se não possam constituir ranchos, poderá ser abonada a alimentação pelo seu equivalente em dinheiro ou permitindo o alimentar-se em hotéis, mediante contrato sumário entre os proprietários destes e um delegado do chefe dos serviços administrativos de *étapes*, ou comandantes das unidades respectivas em localidades em que não haja delegado do chefe dos serviços administrativos, não podendo as importâncias diárias a abonar aos oficiais e sargentos, ou a pagar aos hoteleiros, ser superior às acima indicadas.

A despesa de alimentação será, segundo os casos, documentada com as contas dos hotéis ou com recibos dos fornecedores enviados a processo por intermédio dos conselhos administrativos ou eventuais por lançamento na conta corrente mensal.

Alojamentos

Nas mesmas condições de estacionamento prolongado, o Estado procurará, quanto possível, alugar casas com a mobília indispensável para oficiais e sargentos. Quando isso não seja possível, poderá ser abonada até a quantia de \$60 diários para alojamento de cada oficial em hotéis, ou em casas particulares onde por esse serviço seja exigida remuneração.

As contas de despesa com alojamentos serão prestadas de forma idêntica às da alimentação e submetidas a processo por intermédio dos conselhos administrativos eventuais.

TABELA VII
Soldos e gratificações dos oficiais
(Decreto de 8 de Março de 1906)

| Patentes | Soldos | Gratificações | | | |
|-----------------|---------|--------------------------------------|------------|-------------------|-------------------------|
| | | Engenharia e serviço do estado maior | Artilharia | Médicos militares | Outras armas e serviços |
| Coronel | 240,500 | 40,500 | 40,500 | 30,500 | 30,500 |
| Tenente-coronel | 216,500 | 40,500 | 30,500 | 30,500 | 15,500 |
| Major | 195,500 | 32,500 | 30,500 | 25,500 | 15,500 |
| Capitão | 165,500 | 30,500 | 25,500 | 20,500 | 10,500 |
| Tenente | 135,500 | 25,500 | 15,500 | 10,500 | 5,500 |
| Alferes. . . . | 105,500 | 15,500 | 5,500 | 10,500 | 5,500 |

TABELA
Prés das
(Decreto de 9 de

| Postos | Engenharia | | |
|---------------------------------------|---------------------|----------------|---------|
| | Praças montadas | Praças apeadas | |
| Sargento ajudante | 1\$80 | 1\$80 | |
| Primeiro sargento. | 1\$35 | 1\$35 | |
| Segundo sargento. | 1\$05 | 1\$05 | |
| Sub-chefe de música | -\$- | -\$- | |
| Músico de 1.ª classe. | -\$- | -\$- | |
| Músico de 2.ª classe. | -\$- | -\$- | |
| Músico de 3.ª classe. | -\$- | -\$- | |
| Mestre de clarins | 1\$03(5) | -\$- | |
| Contramestre de clarins | \$79(5) | -\$- | |
| Mestre de corneteiros | -\$- | -\$- | |
| Contramestre de corneteiros | -\$- | -\$- | |
| Sargento ferrador. | 1\$34 | -\$- | |
| Cabo ferrador | \$85(5) | -\$- | |
| Soldado ferrador | \$41(5) | -\$- | |
| Seleiro-correio | \$52(5) | -\$- | |
| Correio. | -\$- | -\$- | |
| Serralheiro ferreiro | -\$- | -\$- | |
| Carpinteiro. | \$52(5) | -\$- | |
| Espingardeiro | -\$- | -\$- | |
| Clarim. | \$70(5) | \$48 | |
| Corneteiro | -\$- | -\$- | |
| Primeiro cabo | \$47(5) | \$46(5) | |
| Segundo cabo ou soldado | \$41(5) | \$40(5) | |
| Aprendizes de | Música | -\$- | |
| | Clarim. | \$41(5) | \$32(5) |
| | Corneteiro. | -\$- | -\$- |

LA VIII

praças

Março de 1906)

| Artilharia | | Cavalaria | Infantaria | Saúde | Administração militar | |
|-----------------|----------------|-----------|------------|-------|-----------------------|----------------|
| Praças montadas | Praças apeadas | | | | Praças montadas | Praças apeadas |
| 1880 | 1880 | 1880 | 1880 | - | - | - |
| 1835 | 1855 | 1835 | 1835 | 1835 | 1835 | 1835 |
| 1805 | 1805 | 1805 | 1805 | 1805 | 1805 | 1805 |
| - | - | - | 1880 | - | - | - |
| - | - | - | 1865 | - | - | - |
| - | - | - | 1820 | - | - | - |
| - | - | - | 875 | - | - | - |
| 1803(5) | - | 1803(5) | - | - | 1803(5) | - |
| 879(5) | 854 | 879(5) | - | - | 879(5) | - |
| - | - | - | 860 | 860 | - | - |
| - | - | - | 854 | 854 | - | - |
| 1824(5) | - | 1824(5) | - | - | 1824(5) | - |
| 885(5) | - | 885(5) | 885(5) | - | 885(5) | - |
| 838(5) | - | 835(5) | 835(5) | - | 835(5) | - |
| 852(5) | - | 852(5) | - | - | 852(5) | - |
| - | - | - | 851 | - | - | 851 |
| 1824(5) | - | - | - | - | - | - |
| 852(5) | - | 852(5) | 851 | - | 852(5) | - |
| - | - | 852(5) | 851 | - | - | 851 |
| 870(5) | 848 | 870(5) | - | - | 870(5) | 848 |
| - | - | - | 836 | 836 | - | - |
| 847(5) | 846(5) | 841(5) | 837(5) | 875 | 841(5) | 837(5) |
| 838(5) | 837(5) | 835(5) | 832(5) | 860 | 835(5) | 832(5) |
| - | - | - | 832(5) | - | - | - |
| 838(5) | 832(5) | 835(5) | - | - | 835(5) | - |
| - | - | - | 832(5) | - | - | - |

MODELOS

NOTA— As dimensões dos livros, mapas e impressos não podem ser superiores às do papel almaço vulgar.

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

Ano económico de 19... a 19...

(a)...

Conta mensal do mês de... de 19...

DEVE

HAVER

| | | | | | |
|-------------------------|-----|-----|---|----------------|--------|
| Recebido por Interinos | | | Pessoal | | |
| | | | Vencimentos | | |
| | | | Despendido com as relações de vencimentos. . . | | |
| | | | Viveres | | |
| | | | Compra de géneros para rações normais de viveres. | | |
| | | | Fardamento | | |
| | | | Despesas de manufacturas. | | |
| | | | Material | | |
| | | | Ferragens | | |
| | | | Compra de géneros para rações de ferragens. . . | | |
| | | | Despesas diversas | | |
| | | | Expediente, iluminação, palha para camas, combustível, pequenos concertos no material, etc. | | |
| | | | Despesas extraordinárias | | |
| | | | (Todas as despesas não incluídas nas rubricas anteriores e superiormente autorizadas) . . | | |
| Líquido a receber . . . | --- | --- | | --- | --- |
| Soma | ... | ... | | Soma | |

Quartel em ..., ... de ... de 19...

O Conselho Administrativo,

...
...
...
...
...
...

Verificada e liquidada na importância de ... de que se passa o respectivo título.

Repartição dos Serviços Administrativos, ... de ... de 19...

O Oficial do processo,

...

NOTA—A pagadoria satisfará a importância do título entregando os interinos e o líquido e receber em numerário.

EXÉRCITO PORTUGUÊS

Provincia de ...

Distrito de ...

(b) ...

(a) ...

(c) ...

Ano económico de 19...-19...

Mês de ...

Relação de vencimentos dos oficiais da referida ... no indicado mês...

| Postos | Nomes | Exercícios | Vencimentos | | | Descontos | | | | | | | | | Líquido a receber | Observações | | |
|--------|-----------|------------|-------------|--------------|------|------------------|--------------------------|------------------|--------------------------|----------|----------------------|------------------------|-----------------|--------|-------------------|-------------|--------------|------|
| | | | Bêido | Gratificação | Soma | Divida a Fazenda | Caixa Geral de Depósitos | Montepio Oficial | Compensação para reforma | Hospital | Despesas de patentes | Cooperativas Militares | Colégio Militar | Pensão | | | Adiantamento | Soma |
| | Somas ... | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Recebemos d... a quantia de ... líquido dos descontos acima mencionados. Quartel em ... de ... de 19...

(a) Regimento, (b) Batalhão, (c) Esquadrão ou companhia, (d) Assinaturas dos oficiais que recebem, sobre os réios respectivos.

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

FORÇAS EM OPERAÇÕES EM ANGOLA

Direcção de «Étapes»

Ordem de pagamento n.º ...

REPARTIÇÃO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

2.ª Secção

Contabilidade e fiscalização

Pague-se

O Chefe dos Serviços Administrativos,

...

Esc. ...

A pagadoria entregará ao ... em presença desta ordem de pagamento a quantia de ... a que tem direito ...

Repartição dos Serviços Administrativos de ..., em ... de ... de 19...

O Oficial do processo,

F. ...

...

Esc.: ...

Título n.º ...
 Passagem a favor do conselho administrativo de ... por liquidação de contas do mês de ... de 19...
 Em ... de ... de 19...

O Oficial do processo,

...



EXÉRCITO PORTUGUÊS



BOLETIM DE PASSAGEM DE UNIDADE

... grupo

... *bataria*

| Número | Posto ou classe | Nome | Idade e estado | Data da incorporação | Castigos e louvores | Débito à Fazenda | Armamento completo | Armamento completo e acessórios | Fardamento | Roupa branca | Pequeno equipamento | Reserva de reserva | Observações | | | | | | | | | | | |
|--------|-----------------|------|----------------|----------------------|---------------------|------------------|--------------------|---------------------------------|------------|------------------|---------------------|--------------------|---------------|------------------|----------------|--------------------|---------|-----------|----------|--------|---------|--|--|--|
| | | | | | | | Armamento completo | Cartuchos | Capote | Dólmã de serviço | Calças | Segundo barrete | Botas (pares) | Polainas (pares) | Crevas (pares) | Alpergatas (pares) | Camisas | Camisolas | Ceroulas | Lenços | Toalhas | | | |

Quartel em ..., de ... de 19...

O Comandante,

...

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

Auto de batalhão ... companhia

Proponho para serem abatidos à carga de ... de ...

| Designação | Quantidade | Observações |
|------------|------------|-------------|
| | | |

Quartel em ..., ... de ... de 19...

O Comandante,

...

Aos ... dias do mês de ..., reúnida a comissão abaixo assinada, julgou fundamentadas as causas de ...

Quartel em ..., ... de ... de 19...

A Comissão,

...

...

...

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

(a) ...

(b) ...

Requisita-se à ... os artigos de ... abaixo designados:

| Designação dos artigos | Quantidade | Motivo da requisição | Observações |
|------------------------|------------|----------------------|-------------|
| | | | |

... de ... de 19...

O Conselho Administrativo,

F...

F...

F...

...

(a) Unidade.

(b) Batalhão, grupo ou formação.

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

Regimento de ...
... batalhão

Mês de ...
... companhia

Vale de rações para o dia ...

| | | | |
|---------------------|---|--------------------|---|
| Homens | { | Oficiais | ₧ |
| | | Praças | ₧ |
| | | Soma | ₧ |
| Solípedes | | | ₧ |

Quartel em ..., ... de ... de 19...

O Comandante,

F. ...

...

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

(a) ...

Vai dar entrada na (b) ... a praça abaixo designada.

| | | |
|--------------------------------------|-----------------|--------------------------|
| Batalhão | | |
| Companhia, esquadrão ou bateria. . . | | |
| Números | | |
| Pôsto | | |
| Nome | | |
| Filiação | | |
| Naturalidade | { Freguesia . . | |
| | { Concelho . . | |
| Data do nascimento | | |
| Estado | | |
| Residência da família | { Freguesia . . | |
| | { Concelho . . | |
| Data da incorporação no activo . . . | | |
| Estado de pagamento | | |
| | | Moléstia . . . (c) . . . |
| | | Observações . . . |

Quartel em ..., ... de ... de 19...

O Comandante,

...

Entrou na enfermaria de ... d'êste hospital em ... de ... de 19... às ... horas, começando a vencer no dia ...

O Médico de dia,

...

Número de ordem no registo de doentes ...
Último dia de vencimento ... de ... de 19...

O Chefe da Secretaria,

...

- (a) Corpo.
(b) Hospital ou enfermaria.
(c) Rubrica do médico de serviço.

(Dimensões : 25^{cm} × 19^{cm}).

Relação dos artigos que esta praça leva para ...

| Pertencentes à Fazenda | Número de artigos | Próprios da praça | Número de artigos |
|------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | | | |

Vencimento a que tem direito ...

O Comandante d... (a),

...

(a) Companhia, esquadrão ou bateria.



Relação dos solipedes que precisam ser ferrados

(a)...

| Números | Ferraduras | Cravos | Cabelos | Observações |
|---------|------------|--------|---------|-------------|
| | | | | |

Quartel em ..., ... de ... de 19...

(b)...

(a) Designação do corpo.

(b) Assinatura do sargento de dia.

Vale de ferragem

(a)...

O Ferrador,

Ferraduras ...
 Cravos ...
 Quartel em ... de ... de 19...

EXÉRCITO PORTUGUÊS



Regimento ...

... batalhão

Vale n.º ...

| | | |
|-----------|------------------|-------------------|
| Rações de | Café | Quilogramas . . . |
| | Açúcar | Quilogramas . . . |
| | | Quilogramas . . . |
| | | Quilogramas . . . |

Recebidos do ...

Em ... de ... de 19...

O Oficial Provisor,

F. ...

...

N.º 16

Instruções para os depósitos de subsistências e fardamentos de «étapes»

CAPÍTULO I

Disposições gerais

1. *Missão*.— Os depósitos de subsistências e fardamento de *étapes* têm por missão reunir, conservar e distribuir os diferentes abastecimentos destinados às tropas.

2. *Pessoal*.— O pessoal dos depósitos é constituído pelas seguintes categorias:

Gerente administrativo;

Adjuntos;

Amanuenses;

Fiéis;

Serventes (indígenas);

Carregadores (indígenas).

3. *Animal*.— O animal dos depósitos será o constante dos quadros anexos a estas instruções.

4. *Material*.— O material que deve constituir a dotação dos diferentes depósitos é o constante nos quadros anexos a estas instruções.

5. *Superintendência no serviço*.— Os depósitos estão directamente subordinados à Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes* em tudo quanto diga respeito à execução dos serviços que por estas instruções lhes são cometidas.

6. Os depósitos de subsistências e fardamento, quando constituindo formações autónomas, regulam-se no respeitante a administração e regime interno pelo que se acha estabelecido para as unidades administrativamente independentes.

No caso contrário, a sua administração compete ao conselho administrativo da Direcção de *Étapes* ou aos comandantes de *étapes* das localidades onde estejam estabelecidos.

CAPÍTULO II

Gerência e execução do serviço

Atribuições do pessoal

7. *Gerente administrativo*.— Compete-lhe:

a) Dirigir a carga e descarga dos abastecimentos levados ou trazidos pelos combóios de *étapes*, quando o comandante de *étapes* não presida a este serviço;

b) Entregar ou receber os géneros nas estações de caminho de ferro quando vindos pela via férrea ou junto do depósito quando vindos pela via ordinária, devendo, no primeiro caso, o serviço de carga e descarga, apesar de feito pelo pessoal dos serviços administrativos, ser dirigido pelo comandante de estação;

c) Nos depósitos servidos pelo caminho de ferro, tomar conhecimento pelo chefe de estação ou de *étapes*, das horas de partida dos combóios, a fim de ter prontas as remessas a enviar pelos mesmos combóios;

d) Satisfazer as requisições de géneros que lhes sejam feitas pelos comandante de *étapes* para a alimentação das tropas em trânsito e mais pessoal do serviço de *étapes*;

e) Corresponder-se directamente com o seu chefe de serviço na Direcção de *Étapes* sobre os assuntos de interesse administrativo e entender-se com o comandante de *étapes* para a execução das ordens recebidas;

f) Fazer a distribuição do serviço pelo pessoal;

g) Executar e fazer escriturar sob a sua direcção os diferentes registos de depósito.

8. *Adjuntos*.— Compete-lhes:

a) Coadjuvar o gerente em todos os serviços, executando-os conforme as indicações deste.

9. *Amanuenses*.— Compete-lhes:

a) Fazer, sob a direcção do gerente e dos adjuntos, a escrituração do depósito.

10. *Fiéis*.— Compete-lhes:

a) A guarda e conservação dos géneros e artigos contidos nos diferentes armazéns do depósito, cumprindo as ordens do gerente e dos adjuntos;

b) Coadjuvar o gerente e os adjuntos na escrituração do depósito.

11. *Serventes e carregadores*.— Compete-lhes:

a) Executar os trabalhos braçais que lhes sejam determinados.

Classificação dos depósitos

12. Os depósitos classificam-se pela forma seguinte:

a) Depósito da base marítima;

b) Depósitos anexos;

c) Depósito central de subsistências e fardamento;

d) Depósito dos postos principais de *étapes*;

e) Depósito da testa de *étapes* de estrada.

Missão especial dos diferentes depósitos

13. As missões especiais dos diversos depósitos são as constantes das ordens e instruções particulares dadas a cada um dos diferentes gerentes administrativos.

Divisão dos serviços nos depósitos

14. Nos depósitos são divididos os serviços em secções pela forma seguinte:

- 1.^a secção — Rações normais e de forragens;
- 2.^a secção — Rações de reserva, dietas e diversos géneros;
- 3.^a secção — Distribuição;
- 4.^a secção — Fardamento, matérias primas e material.

CAPÍTULO III

Funcionamento do serviço

15. *Generalidades.*—Os gerentes administrativos procurarão que se mantenham sempre as dotações fixadas para os respectivos depósitos.

Logo que qualquer abastecimento baixe do seu limite mínimo o gerente administrativo dará conhecimento do facto ao comandante de *étapes* e requisitará ao depósito da retaguarda a quem compita êsse fornecimento.

16. O gerente administrativo organiza e faz manter em dia o inventário geral de todos os géneros que constituam as rações de viveres, ração de reserva e dietas, forragens, reserva geral de fardamento e artigos oferecidos por quaisquer comissões estranhas ao exército.

17. Todos os volumes existentes nos depósitos devem ter exteriormente, e por forma bem visível, a indicação da qualidade e quantidade do respectivo conteúdo.

18. As forragens que separadamente por géneros dêem entrada no depósito serão misturadas pela forma seguinte: aveia ou cevada, 2 quilogramas; fava, 1^k,5, e milho, 1^k,5, depois do que serão ensacadas em sacos de 60 ou de 30 quilogramas.

19. Nos armazéns de fardamento, os artigos pertencentes ao Estado devem ficar separados dos oferecidos por entidades ou comissões civis, devendo estes últimos, quando fornecidos, serem acompanhados de guias especiais para que as unidades tenham conhecimento da sua

proveniência e assim o façam publicar nas ordens regimentais.

20. Os diferentes depósitos devem ter oficinas de caixoteiros e do latoeiro, agulhas de enfardar e outros artigos para reparação de taras danificadas, não devendo em caso algum carregarem-se volumes nestas condições.

21. Quaisquer requisições militares que os gerentes administrativos necessitem de fazer para completar as dotações dos respectivos depósitos devem ter sido previamente autorizadas pelos comandantes de *étapes*.

22. *Recepção de géneros.*— Os géneros são recebidos pelo gerente administrativo que os faz distribuir pelas diferentes secções, que por sua vez lhes dão entrada nos diferentes registos.

23. *Pesagens.*— Deve haver o máximo cuidado na recepção dos géneros adquiridos por conta do Estado, verificando-se sempre cuidadosamente as pesagens, visto haver fornecedores pouco escrupulosos que procedem dolosamente nessa operação.

Dão-se, em virtude disto, as seguintes indicações sobre o assunto:

Uma fraude muito vulgar de certos vendedores é a de deixar sempre, como por descuido, um pêso num dos pratos da balança, mantendo-o constantemente durante consecutivas pesagens. Por esta forma o equilíbrio revelador não fica visível, facilitando assim consideravelmente a fraude.

Esta prática não deve ser consentida e sempre que se note tentativa para fazê-la deve suspeitar-se que o fiel não existe, devendo exercer-se a máxima vigilância em ulteriores pesagens.

Admitindo que os pesos de que o vendedor se serve estão devidamente aferidos, o que deve ser sempre verificado, as fraudes só podem ser feitas por meio de manejos que têm por fim falsear momentaneamente o funcionamento da balança durante a operação da pesagem, devendo verificar-se, sempre, previamente, o equilíbrio da balança.

São as seguintes as principais indicações sobre o modo de verificar as pesagens nos diferentes tipos de balanças:

Balanças de suspensão.— É indispensável verificar o equilíbrio da balança antes e depois da pesagem, evitando-se além disso a conhecida fraude de se collocarem dis-

simuladamente objectos pesados nas correntes de suspensão dos pratos ou ainda nestes.

Balanças de mostrador.— São balanças pequenas usadas no comércio e caracterizadas pela colocação dos pratos na parte superior do aparelho e com as articulações ocultas na parte interna. Um dos tipos mais usados é a balança Bérenger.

Estas balanças prestam-se à fraude mais ainda do que as anteriores, por permitirem a colocação de pesos amovíveis na sua parte inferior, no lado do prato que há-de receber a mercadoria.

A fim de se evitarem erros propositados ou acidentais na anotação do peso, convém contraprovar sempre a pesagem, alterando o prato destinado à mercadoria com o destinado aos pesos.

Balanças decimais e centesimais.— As fraudes mais vulgares nestas espécies de balanças são as seguintes:

a) Emprêgo de pesos ocultos sob o prato. No caso de não ser móvel esse peso, facilmente se descobrirá a fraude ao ficar a balança em equilíbrio. Esse peso pôrêr pode ser móvel e neste caso por meio de um simples fio, que assentando no solo passe despercebido ao comprador e se ligue já ao ponto morto de apoio do travessão, já à haste potencial, durante a mesma pesagem, para produzir maior efeito ainda. Neste caso, a verificação feita depois de tirados os pesos e a mercadoria não denunciara a fraude, que uma cuidadosa vigilância, todavia, facilmente impedirá.

No caso de haver suspeita, deve-se inspeccionar as travessas colocadas sob o prato.

b) Deslocamento do cilindro ou esfera afinadora. A esfera ou o cilindro, colocados na extremidade de um braço oscilante, servem para estabelecer o perfeito equilíbrio da balança quando descarregada.

É indispensável certificar-se de que a esfera ou cilindro não possam ser movidos à mão. A afinação só deverá fazer-se com uma chave especial que acciona uma porca móvel, avançando ou retrocedendo em volta do parafuso na direcção do eixo do braço oscilante. Se a esfera afinadora tiver movimento sobre esse braço, com um simples toque, que poderá passar despercebido, desviar-se há do fiel, modificando sensivelmente as condições de equilíbrio.

O movimento livre da esfera afinadora é motivo para recuar a balança.

c) Deslocamento momentâneo dos pontos de apoio dos diversos órgãos.

As articulações que actuam sobre o braço oscilante transmitem a sua acção por meio de peças côncavas que devem descansar exactamente sobre os cutelos.

Duas cavilhas adstritas ao braço protegem o canal contra qualquer deslocamento accidental.

Se faltar alguma dessas cavilhas ou estiver torcida o desviada anormalmente, o ponto de suspensão pode sair do seu lugar, casual ou intencionalmente, durante a pesagem, induzindo a um resultado falso.

A ausência de uma das cavilhas ou das duas, ou o seu desvio anormal, são causas de recusa da balança.

Básculas romanas.— Diferem das anteriores apenas em que o equilibrio, em lugar de obter-se por meio de pesos colocados num prato, effectuam-se por meio de um pêso móvel ao longo do braço oscilante graduado.

Podem dar lugar às mesmas fraudes referidas anteriormente. Além disso, o emprêgo do pilão indicador deve ser especialmente fiscalizado sob os seguintes pontos de vista:

1.º O comprador deve precaver-se contra os erros de leitura.

2.º É necessário certificar-se sempre, descarregada a balança, de que o pilão está junto do fiel no zero. Esta precisão deve corresponder normalmente à situação extrema do pilão, cujo movimento ao longo do braço graduado estará limitado por uma esfera fixa formando escalão. Se todavia este escalão, regalado pelo zero, houver sido modificado por desbaste accidental ou propositado, por meio de lima, neste caso o indicador poderá retroceder para além do zero e a verificação da balança descarregada feita nestas condições não tem valor algum.

3.º É conveniente assegurar-se de que se não tirou peça alguma da corrediça ou pilão durante a pesagem; esta observação refere-se principalmente ao torniquete de pressão ou de ajustamento que costuma estar colocado sob o pilão.

Um bom método de reconhecimento rápido das básculas romanas é o de effectuar-se uma pesagem com pesos de ferro devidamente aferidos. Se a balança estiver perfeita, o indicador do pilão deve marcar exactamente o pêso total dos pesos que servirem para a experiência.

Pontes básculas.— Estas balanças, usadas nos caminhos de ferro e nas fábricas ou grandes armazéns de entrepostos, não são mais do que básculas romanas de

grandes dimensões, podendo dar assim lugar às mesmas fraudes.

O seu uso deve ser objecto de escrupulosa atenção pelos motivos abaixo indicados.

1.º O seu mecanismo, bastante complicado, torna mais fácil a fraude e difficil a sua descoberta.

2.º Operando fraudulentamente sobre grandes pesagens pode o comprador numa só vez sofrer grandes perdas.

3.º O vendedor fraudulento pode fazer com que a báscula pese a mais ou a menos: a mais, se se trata de vender mercadorias ou de descontar a tara das compradas (carros vazios, por exemplo), a menos se se pretende comprar géneros ou descontar a tara dos vendidos.

4.º O pêso próprio da plataforma da ponte varia segundo as condições atmosféricas ou com as substâncias estranhas (poeiras, terra, etc.) que possam ficar nelas depositadas accidentalmente, o que exige frequentes verificações.

5.º A presença de cavalos atrelados pode influir nas pesagens, ou por assentarem as patas trazeiras sobre os bordos da plataforma, ou por estar muito trazeira a carga (nos carros de duas rodas) com tendência a levantar o cavalo diminuindo-lhe o pêso, ou ainda por exercer o cavalo um movimento de tracção para diante ou para trás, etc. Para evitar estes inconvenientes convirá desatrelar os cavalos.

6.º Algumas pontes bási culas têm dois braços graduados, cada um com seu pilão, o que complica a leitura e exigindo que se tenha o cuidado de examinar se os indicadores dos pilotos caem exactamente nos números lidos nas escalas graduadas.

7.º As alavancas de transmissão ao aparelho de leituras do esforço exercido sobre a plataforma estão collocadas ordinariamente num bloco de alvenaria, coberto parcial ou totalmente com uma prancha móvel para se inspeccionarem as partes inferiores do aparelho, e têm-se descoberto várias disposições engenhosas com que commerciantes ou industriais fraudulentos conseguem carregar transitóriamente essa alavanca com um pêso adicional (um ladrilho, um pedaço de chumbo, etc.), cujo efeito será tanto maior quanto mais próximo se encontre da haste potencial.

Suspeitando-se de qualquer fraude, devem ser revis-tadas immediatamente as peças inferiores, occultas sobre a plataforma.

8.º O aparelho indicador está algumas vezes colocado num local fechado, onde fica o encarregado de pesagem, e é necessário então vigilância junto dêste último e junto da plataforma.

9.º Ter-se há cuidado em que o encarregado de pesagem não actue nem com o pé, nem de qualquer outra forma, sôbre a haste potencial para evitar o livre movimento desta.

Balanças romanas. — As balanças romanas são pouco usadas. Prestam-se difficilmente à fraude desde que se encontrem afinadas e sensíveis, estado em que se supõe encontrarem-se todas as balanças a que se alludiu.

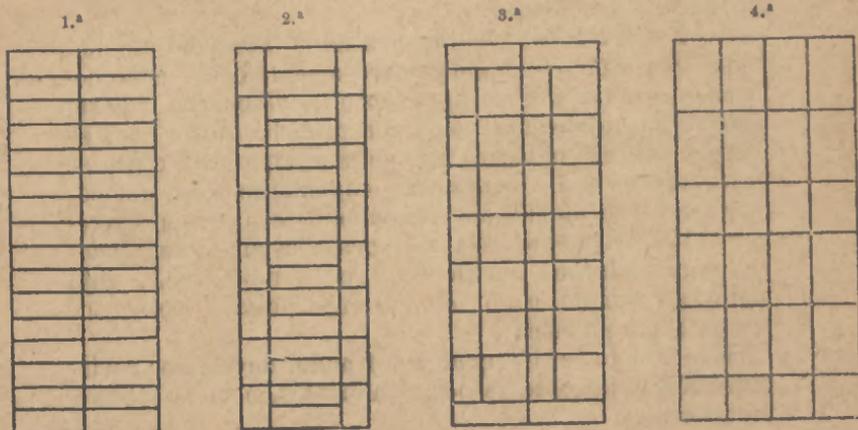
Convirá, no emtanto, proceder a uma verificação rápida tendente a assegurar-se que o pilão ou corredeira, colocado em qualquer divisão, dá o equilibrio depois de várias oscilações, com um pêso aferido dessa divisão.

Armazenagem e conservação de diferentes gêneros e artigos

24. As caixas e sacos devem ser dispostos nos depósitos em pilhas, quando possível regulares, não encostados às paredes e deixando-se entre umas e outras espaços para permitir a livre circulação do ar e a passagem do pessoal incumbido dos diferentes serviços.

As pilhas de sacos e caixas não devem ser irregulares, o que dificulta a contagem, tornando-se além disso pouco sólidas.

Os sacos podem dispor-se em pirâmides de 15 ou em quatro camadas pela forma seguinte :



Cada rectângulo dos gráficos acima representa um saco. A primeira camada que assenta sobre o pavimento, recebe pela ordem indicada as três seguintes, resultando disto que os sacos, a pilha, ficam cruzados tanto no sentido do comprimento como no da largura, contribuindo isto para o perfeito travamento da pilha.

Pode-se aumentar ainda o número das camadas repetindo a ordem descrita, porque a altura, desde que o alinhamento seja cuidadoso, não prejudicará a segurança da pilha; convém, todavia, não pôr mais de oito camadas.

Conservação dos diferentes gêneros e artigos

Subsistências

25. Os gerentes dos depósitos devem ter muito em vista que lhes compete a boa arrumação e perfeito funcionamento dos serviços no depósito, cabendo-lhes a responsabilidade da danificação de qualquer género que se reconheça ser causada por negligência sua.

São os seguintes os principais cuidados que se devem ter com os gêneros armazenados :

Açúcar.—É um género de difícil conservação, muito sensível à humidade e por isso convindo tê-lo em sacos colocados de pé sobre tábuas de madeira a permitir a circulação do ar por entre elles, em sitio secco, bem ventilado e arredado das paredes do depósito.

Arroz.—O arroz é de fácil conservação devido à sua constituição e coesão. No entanto é conveniente que esteja em sacos de pé sobre tábuas, de forma a preservá-lo da humidade do solo e das paredes.

Café torrado.—O café conserva-se facilmente em sacos ou, melhor ainda, em caixas fechadas. Para impedir a perda do seu sabor e aroma especial, o melhor processo é deitá-lo em sacos, que se metem dentro doutros sacos, guardando-o depois em caixas herméticamente fechadas.

Os sacos para o café devem ser fortes e tapados, devendo se empregar todos os esforços para que o café não perca o seu aroma.

Bolacha.—As caixas com bolacha devem estar em local secco e ao abrigo de humidade.

Quando guardada durante anos, devem ser abertas as

caixas e limpem-se as bolachas do pó e dos insectos que a atacam, que costumam começar a desenvolver-se na primavera.

Conservas.— As conservas de carne, peixe, legumes, etc., devem estar em local fresco e bem ventilado, quanto possível.

Os pavimentos térreos e mesmo subterrâneos são convenientes, desde que sejam enxutos.

O local onde estejam as conservas para distribuição deve estar preparado de forma que os fundos das latas estejam sobre plataformas ou estantes colocadas umas sobre as outras, sem estar em contacto com as paredes e apresentando à vista o fundo das latas.

As caixas com conservas devem ser manejadas com precaução nas cargas e descargas, para evitar fendas nos recipientes ou latas motivadas por choques.

As conservas em depósito devem ser inspeccionadas de quando em quando, a fim de se ver se há latas avariadas ou próximas disso, o que se reconhece:

1.º Pelo abaùlamento dos fundos das latas, que devem, quanto possível, estar patentes à vista;

2.º Por fendas ou orificios nas latas pelos quais ressume a parte líquida das conservas;

3.º Pelo mau cheiro que se espalha nos armazéns, proveniente das latas rebentadas pelo excesso de gases nelas desenvolvidos ou com fendas provenientes de choques ou de oxidação.

Em todos estes casos devem retirar-se as latas avariadas ou suspeitas e submeterem-se a uma minuciosa inspecção.

Forragens (grão). — Aplica-se-lhes o que dissemos ao falarmos do arroz.

Legumes secos.— Os legumes secos (grão, feijão, etc.) são também de fácil conservação, convindo, todavia, armazená-los em locais enxutos, isentos de humidade e em condições idênticas às do arroz.

Sal.— O sal não é muito sujeito a alterações. No entanto, como a humidade pode dissolvê-lo ocasionando uma perda considerável do género, deve ser pôsto em local sêco; o sal conserva-se muito bem em barricas ou caixas que tenham servido para toucinho ou carnes salgadas.

Toucinho.— Êste género vem geralmente em latas, que devem ser colocadas em local sêco e fresco.

Vinho.— O vinho deve ser conservado quanto possível a coberto e em local fresco.

Quando isto não seja possível ou quando tenha de estar exposto ao sol, o que deve ser durante o menos tempo possível, é necessário regar com água os barris para evitar que se desconjuntem ou desfundem.

Sempre que em qualquer barril de vinho se note falta de líquido convém atestá-lo preenchendo o que faltar com vinho do mesmo lote.

Fardamento

26. Todos os artigos de fardamento e calçado devem ter etiquetas indicando o número e a data em que foram recebidos.

Nas prateleiras e entre as filas de artigos deve-se deixar espaço para a circulação do ar.

Artigos de algodão.— Colocam-se uns sobre os outros, em pilhas de altura conveniente para a limpeza e distribuição.

Artigos de lã.— Estes artigos, demasiado atacáveis por diferentes insectos, convém que sejam sacudidos na primavera e no outono, bem como antes de empacotá-los, para tirar-lhes as larvas da traça.

Como os ovos e as larvas da traça morrem à temperatura de 37°, bastará expor os artigos, bem estendidos, ao sol, em dias bem quentes durante uma ou duas horas, voltando-se depois do lado oposto depois de bem sacudidos e escovados, durante igual tempo.

Quando esta operação se não possa fazer, por falta de calor, pelo menos arejam-se e sacodem-se com frequência.

Para impedir o desenvolvimento da traça deve-se também polvilhar os artigos com pimenta moída, cânfora ou naftalina, substâncias que pelo seu aroma penetrante afugentam a traça.

Os capotes devem ser colocados em prateleiras ou estantes em pilhas que em caso algum devem ter mais de 15 artigos sobrepostos.

Calçado.— O calçado deve ser guardado em local fresco e bem ventilado, agrupado por medidas e pendurado, sempre que seja possível, e de maneira a não estar em contacto com as paredes. Deve evitar-se o tê-lo em caixas e, sempre que não possa ser guardado de outra forma, deve-se arrumá-lo de modo a não ficar comprimido.

Com o tempo o calçado vai perdendo a sua gor-

dura própria tornando-se quebradiço o cabedal, sendo por esse motivo necessário engordurá-lo de quando em quando.

A substância mais própria para isso é uma mistura de $\frac{3}{4}$ de óleo, de preferência azeite de peixe, e $\frac{1}{4}$ de sebo de vaca. As solas, todavia, não devem ser untadas com essa substância mas sim uma vez por ano com óleo de linhaça cozido.

Fornecimentos

27. Normalmente, as requisições de fardamento só poderão ser satisfeitas quando assinadas pelos comandantes de unidades.

Gêneros alimentícios poderão fornecê-los quando pedidos por meio de requisições $\frac{m}{8}$ das I. S. S. formuladas pelos oficiais provisoros, comandantes de unidades, destacamentos, de formações e de reconhecimentos. Estas requisições indicarão sempre os efectivos em homens e solípedes a alimentar.

Recebido qualquer pedido de gêneros, o gerente administrativo do depósito a quem ele seja dirigido requisita ao comandante de *étapes* os meios de transporte para satisfazê-lo no mais curto prazo possível. No caso de o depósito a que é feito o pedido não possuir as quantidades requisitadas, remeterá aquelas de que puder dispor e requisitará ao depósito da retaguarda o necessário para satisfazer o pedido e completar a sua dotação.

Os fornecimentos serão feitos sempre a começar pelos gêneros ou artigos há mais tempo em depósito, a fim de se renovarem as dotações.

28. O depósito central de subsistências e fardamento dirige as suas requisições ao chefe dos serviços administrativos de *étapes*.

O depósito de base marítima, Mossâmedes, remete para a frente os gêneros ou número de rações completas que forem determinadas pelo chefe dos serviços administrativos de *étapes*.

29. As diferentes secções procedem à remessa dos gêneros e artigos requisitados, quer pela via férrea, quer pela ordinária, para as unidades estacionadas na localidade, em presença das ordens do gerente administrativo ou das requisições dos oficiais provisoros das unidades.

30. Na organização dos combóios de subsistências de *étapes* ter-se há sempre em vista que as remessas

deverem ser feitas em rações completas, fazendo-se o carregamento dos vagões por forma que cada um destes transporte um número exacto de rações.

31. Nas remessas por via ordinária lar-se há o possível por que cada viatura transporte um número certo de rações completas.

Nos carregamentos dos carros colocar-se hão os volumes maiores e mais pesados por baixo, de preferência as caixas, devendo os sacos ir por cima.

32. As guias de remessa serão feitas em separado para subsistências, fardamento e material.

Nas guias de remessa de subsistências indicar-se há sempre o líquido (ou unidades de contagem) dos géneros para rações e dietas.

33. Os gerentes administrativos evitarão que sejam enviados para a frente géneros ou artigos estragados ou em comêço de deterioração, caixas com faltas, latas sem as respectivas caixas, barris incompletos, sacos rotos, etc., tendo muito em vista o inconveniente de se perder cousas durante o trajecto, mas também o de pagar o Estado o transporte de objectos inúteis com prejuízo da remessa de recursos de que há necessidade na frente.

34. Os depósitos devem fornecer géneros a todos os indivíduos que estejam ao serviço do Estado, separando-se, porém, as requisições conforme se tratar de pessoas que têm alimentação por conta do Estado ou de indivíduos que devem pagá-la.

35. As importâncias das requisições de géneros para a alimentação de indivíduos ao serviço do Estado, e que a ela não tenham direito gratuitamente, serão debitadas mensalmente à secretaria do distrito, que providenciará sobre o seu pagamento à Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*. No número daqueles indivíduos incluem-se os auxiliares, os carreiros e os carregadores que acompanhem funcionários da província, cujo pagamento esteja previsto no orçamento.

36. Aos auxiliares, carreiros e carregadores fornecer-se hão, quando solicitados, e não existirem à venda nas localidades, apenas os géneros correspondentes às rações de marcha, ou para os indígenas— conforme aqueles sejam brancos ou pretos— e sómente para os dias de itinerário para a frente, ou até o primeiro depósito à retaguarda.

Estes géneros ser-lhes hão debitados nas guias pelos preços da tabela, aumentados de 30 por cento.

37. *Aquisição de géneros de produção local.* — Sempre que nas localidades onde estejam estabelecidos os depósitos possam adquirir-se géneros ou artigos como: gado para abater, capim, lenha, etc., sê-lo hão por meio de compra a dinheiro ou por permutação com os indígenas, presidindo sempre à comissão encarregada de efectuar os contratos o comandante de *étapes*.

38. Os depósitos terão uma dotação de capim correspondente à do número de rações de grão para solípedes e o número de cabeças de gado bovino correspondente ao número de rações de carne necessárias para completar as rações normais de víveres das suas dotações.

39. Os depósitos requisitarão os fundos necessários, de maneira a estarem munidos do indispensável numerário para satisfazer as importâncias dos géneros e artigos cuja aquisição tenha de ser feita a pronto pagamento.

40. *Inutilização e abates.* — Quando quaisquer géneros sofram quebras, venham trocados os volumes ou faltem nos mesmos, os gerentes administrativos formularão autos, modelo n.º 7, das instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização, que entregarão aos comandantes de *étapes* respectivos, que por sua vez os remeterão, mensalmente, devidamente visados, à Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*, fazendo-se o abate com carácter provisório, nos livros de armazém dos géneros e artigos a que elles digam respeito, a fim de não serem contados nas dotações dos depósitos.

CAPÍTULO IV

Escrituração

41. *Generalidades.* — A escrita dos diferentes depósitos será constantemente mantida em dia, indicando-se sempre nela o número de rações de cada género, componente das rações normais de víveres, forragens, reserva, e o peso líquido e unidades dos géneros para dietas e outros.

Os gerentes administrativos enviam mensalmente à Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes* uma relação dos géneros fornecidos e enviados para a frente e outra com o número de homens e solípedes alimentados no comando de *étapes*, discriminados por unidades e

por profissões e cargos (auxiliares, cocheiros, carregadores, pessoal dos correios e telégrafos, etc.), a quem tenham fornecido géneros.

Os fornecimentos feitos a outros depósitos são indicados apenas pela designação do depósito reabastecido e quantidades de géneros remetidos.

Os gerentes administrativos prestarão mensalmente ao chefe dos serviços administrativos de *étapes* contas da sua gerência, fornecerão todos os elementos para que os comandantes de *étapes* possam organizar a conta corrente das despesas effectuadas com reparações de estradas, construções, cortes de capim e de lenha, etc., a qual será também enviada mensalmente à Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*.

42. *Livros, mapas e impressos.* — Os diferentes livros, mapas e impressos a escriturar nos depósitos, são:

Livro de armazém — Serve para nele se registar as entradas e as saídas de géneros.

Registo de requisições — Lançar-se hão nele as requisições recebidas e satisfeitas pelo depósito.

Registo de guias de transporte — Devem constar nele as guias de transporte conferidas. Pode servir para isso o triplicado da própria guia.

Registo do movimento de transportes (ou de carros em trânsito) — Registrar-se hão nele os carros vindos com carga para os depósitos ou transportando carga para outros depósitos e respectivamente as datas das chegadas e das partidas.

Guias de transportes e requisições — Devem ser arquivadas em pastas.

QUADROS

Depósitos de subsistências e fardamentos de «étapes»

Material, utensílios e artigos diversos
que constituem a sua carga

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| Armamento, munições e acessórios | |
| I—Armamento | |
| Pistolas de repetição | — |
| II—Munições | |
| Cartuchos com bala para pistola | — |
| III—Acessórios | |
| Acessórios para limpeza e artigos de reserva para pistola | — |
| Equipamentos regimentais, artigos, acessórios e diversos | |
| I—Bandeiras | |
| Bandeiras verdes | 1 |
| Lanternas com vidros verdes | 1 |
| Hastes para bandeira ou lanterna | 1 |
| II—Material de bivaque | |
| Caldeiros para 20 praças | 1 |
| Colecção de artigos de cozinha | 1 |
| III—Material de aquartelamento | |
| Balanças decimais | 2 |
| Colecção de pesos para balança decimal | 2 |
| Medidas de fôlha para líquidos (jogos) | 1 |
| IV—Oficinas | |
| Oficina de caixoteiro (completa) | 1 |
| Oficina de latoeiro (completa) | 1 |
| V—Artigos e reservas diversas | |
| Lanternas de acetilene | 2 |

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| Equipamento individual e metalls | |
| I—Equipamentos | |
| Equipamento n.º 1 para artilharia | — |
| Equipamento n.º 2 para artilharia | — |
| Material sanitário | |
| Estojos de penso individual | — |
| Livros, cartas e artigos de expediente | |
| Registos de correspondência (colecções) | 2 |
| Diário de campanha | 1 |
| Registo de requisições | 1 |
| Registo de guias | 1 |
| Livro de armazém | 1 |
| Pastas para arquivo | 2 |
| Artigos de expediente (dotações) | 1 |
| Impressos (dotações) | 1 |

Depósitos de subsistências e fardamentos de «étapes»

Pessoal e animal que fazem parte do seu completo

| | Homens | | Solípedes | | Viaturas | |
|---|-----------|--------|-----------|------------------|------------|------------|
| | Officiais | Yraças | De sela | De tiro ou dorso | De 2 rodas | De 4 rodas |
| Gerente (oficial do S. A. M.) | 1 | 1 | 1 | | | |
| Adjuntos (oficiais subalternos) | (a) | (a) | | | | |
| Amanuenses (sargentos ou cabos) | | (a) | | | | |
| Fiéis (sargentos ou cabos) | | (a) | | | | |
| Serventes (indígenas) | | (a) | | | | |
| Carregadores (indígenas) | | (a) | | | | |

(a) Os necessários.

Dotações dos depósitos

Rações normais e grão para solípedes

Mossâmedes—60 dias para :

| | |
|---------------------------|---------------|
| 3:500 europeus | 210:000 R. N. |
| 2:900 indígenas | 174:000 R. I. |
| 2:000 solípedes | 120:000 R. F. |

Lubango—30 dias para :

| | |
|--------------------------|--------------|
| 2:800 europeus | 84:000 R. N. |
| 500 indígenas | 15:000 R. I. |
| 400 solípedes | 12:000 R. F. |

Chibia—30 dias para :

| | |
|--------------------------|--------------|
| 1:500 europeus | 45:000 R. N. |
| 100 indígenas | 3:000 R. I. |
| 400 solípedes | 12:000 R. F. |

Gambos—60 dias para :

| | |
|--------------------------|---------------|
| 3:300 europeus | 198:000 R. N. |
| 600 indígenas | 36:000 R. I. |
| 700 solípedes | 42:000 R. F. |

Rações de reserva

| | |
|--|--------------|
| Mossâmedes—25 dias para 3:500 homens | 87:000 R. R. |
| Lubango—10 dias para 2:800 homens | 28:000 R. R. |
| Chibia—10 dias para 1:500 homens | 15:000 R. R. |
| Gambos—10 dias para 3:300 homens | 33:000 R. R. |

ANEXOS

Tabela para cargas de viaturas

Viveres normais

| Géneros | Carro alente- tejano | Camião | Carro boer |
|---------------------------|-------------------------|-------------------------|---------------------------|
| | 500 kg. 250 rações | 1:200 kg. 500 rações | 2:500 kg. 1:250 rações |
| Café | 3,750 | 9 | 18,750 |
| Açúcar | 7,500 | 18 | 37,500 |
| Pão ou bolacha | 125 | 300 | 625 |
| Legumes secos | 70 | 168 | 350 |
| Massa ou arroz | 37,500 | 90 | 187,500 |
| Chouriço | 22,500 | 54 | 112,500 |
| Toucinho | 5 | 12 | 25 |
| Azeite ou banha | 6,250 | 15 | 31,250 |
| Sal | 6,250 | 15 | 31,250 |
| Vinagre | 5 | 13 | 25 |
| Pimenta | 0,250 | 0,600 | 1,250 |
| Vinho | 100 | 240 | 500 |
| Tabaco | 3,750 | 9 | 18,750 |
| Fósforos | 1,250 | 3 | 6,250 |
| Papel de fumar | 1,250 | 3 | 6,250 |
| Sabão | 7,500 | 18 | 37,500 |

Observações.—As quantidades estão expressas em quilogramas, peso líquido.

Tabela para cargas de viaturas

Viveres de reserva (conservas)

| Géneros | Carro alente- jano | Camião | Carro boer |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------------|---------------------------|
| | 500 kg. 250 rações | 1:200 kg. 600 rações | 2:500 kg. 1:250 rações |
| Café | 3,750 | 9 | 18,750 |
| Açúcar | 7,500 | 18 | 37,500 |
| Bolacha | 100 | 240 | 500 |
| Conserva de carne ou peixe. . | 62,500 | 150 | 332,500 |
| Rancho confeccionado | 125 | 300 | 625 |
| Vinho | 100 | 240 | 500 |

Rações para indigenas

| Géneros | Carro alente- jano | Camião | Carro boer |
|---------------------------|-----------------------|-------------------------|---------------------------|
| | 500 kg. 250 rações | 1:200 kg. 600 rações | 2:500 kg. 1:250 rações |
| Fuba | 360 | 800 | 1:600 |
| Feijão ou arroz | 90 | 200 | 400 |
| Azeite de palma | 18 | 45 | 80 |
| Sal | 9 | 20 | 40 |
| Tabaco | 12,600 | 28 | 56 |

Observações. — As quantidades são em quilogramas, pêso líquido.

Tabela para cargas de viaturas

Forragens

| Géneros | Carro alente- jano | Camião | Carro boer |
|--------------------------|-----------------------|------------|------------|
| | 90 rações | 200 rações | 450 rações |
| Aveia | 270 | 600 | 1.350 |
| Fava | 135 | 300 | 675 |
| Milho | 135 | 300 | 675 |
| Ou ração lotada. | 540 | 1.200 | 2.700 |
| Grão. | 405 | 900 | 2.025 |
| Bôlo alimentar | 162 | 360 | 850 |

Gado para abater

| | Rações (europeus) | Rações (indígenas) |
|---------------------|----------------------|-----------------------|
| | Boi grande. | 400 |
| Boi médio | 300 | 600 |
| Garrote | 200 | 400 |

N.º 17

Instruções para o serviço no rebanho
de abastecimento e parques de reses

1.ª PARTE

Rebanho de abastecimento

CAPÍTULO I

Designações gerais

1.º *Fim*.—O rebanho de abastecimento tem por missão o abate de gado e fornecimento de carne às tropas em operações, sempre que esta não possa ser obtida por outra forma pelos oficiais provisores.

2.º *Pessoal*.—O pessoal do rebanho é constituído pelas seguintes categorias:

Chefe;

Sargento;

Primeiros cabos;

Soldados montados;

Magarefes;

Ajudantes de magarefe e cortadores;

Condutores de gado e auxiliares (indígenas).

O número de indivíduos de cada uma das categorias é constante dos quadros anexos a estas instruções.

3.º *Animal*.—O animal do rebanho será constituído no respeitante a solípedes de sela, de tiro e de transporte a baste pelos números constantes dos quadros anexos a estas instruções.

Relativamente a gado para abater, a dotação do rebanho será o número de cabeças necessário para fornecer dois dias de carne ao efectivo que tenha de reabastecer.

4.º *Material*.—O material que deve constituir a dotação do rebanho é o constante dos quadros anexos a estas instruções.

5.º *Superintendência no serviço*.—O rebanho de abastecimento funciona na zona de operações e pode ficar ou não adstrito, para efeitos administrativos, à coluna de ríveres.

O rebanho de abastecimento será directamente subordinado:

1.º Ao chefe dos serviços administrativos do comando em tudo quanto diga respeito à execução dos serviços que por estas instruções lhe são cometidos;

2.º No caso de estar adstrito à coluna de víveres, ao chefe desta, em tudo quanto diga respeito à administração da sua formação.

6.º O rebanho de abastecimento, quando constituindo unidade autónoma, regula-se, no respeitante a administração e regime interno, pelo que se acha estabelecido para as unidades administrativamente independentes.

CAPÍTULO II

Gerência e execução do serviço

7.º *Atribuições do pessoal.*— Ao chefe do rebanho de abastecimento compete:

a) Dirigir a marcha do rebanho, prescrevendo as disposições necessárias para a condução, estacionamento e segurança do gado;

b) Fazer entrega do gado vivo às unidades ou mandar abatê-lo, distribuindo a carne conforme as ordens que tiver recebido;

c) Efectuar a exploração dos recursos locais em gado bovino adulto e, em caso de necessidade, em vitelas, porcos, cabras, etc.;

d) Auxiliar com o pessoal sob as suas ordens e quando lhe seja determinado, o serviço de matança do gado distribuído, quando esta fôr feita pelas unidades;

e) Auxiliar, em caso de necessidade, com o pessoal sob as suas ordens, o serviço de matança do gado destinado às unidades, quando feita em matadouros civis;

f) Regular o movimento dos escalões do rebanho, quando esse movimento não tenha sido superiormente determinado;

g) Fixar, quando as unidades tenham de ser abastecidas de carne abatida pelo rebanho:

1.º A hora em que o trabalho de matança e desmancho das reses deve estar concluído;

2.º A hora da partida do escalão destinado ao reabastecimento de carne às unidades;

3.º As disposições necessárias para garantir a regularidade da marcha, tendo em especial atenção os anda-

mentos e o estado de nutrição dos diferentes animais que constituam o escalão do rebanho;

h) Regular, quando a hora da chegada ao novo local de distribuição ou de estacionamento não fôr superiormente fixada, o movimento do escalão destinado ao reabastecimento, por forma que elle atinja de manhã e antes que o calor se faça sentir intensamente, esse local de distribuição ou de estacionamento;

i) Regular, quando as circunstâncias exijam a organização de mais de um local de matança ou de distribuição, a constituição da fracção do escalão do rebanho que deva marchar para cada local;

j) Fazer verificar pelos officiaes provisores das unidades e formações o pêsso, em carne distribuivel, de cada animal que lhe seja fornecido pelo rebanho;

l) Efectuar a administração do pessoal e gado do rebanho.

Deveres das praças que façam parte do efectivo do rebanho

8.º Aos sargentos compete:

a) Fazer, sob a direcção do chefe, a escrituração do rebanho;

b) Executar os diferentes serviços que pelos regulamentos competem aos sargentos das unidades, bem como quaisquer outros que lhes sejam incumbidos pelo chefe do rebanho.

9.º *Primeiros cabos, soldados montados e condutores de viaturas.*—Compete-lhes desempenhar os serviços concernentes aos seus postos e aptidões, de que forem encarregados pelo chefe do rebanho.

10.º *Magarefes e ajudantes de magarefes.*—Compete-lhes:

a) Fazer o abate das reses pelo método que lhes fôr superiormente indicado, tendo o máximo cuidado em que esse abate se faça nas melhores condições de limpeza e hygiene;

b) Apresentar-se para serviço no melhor estado possível de asseio corporal e de limpeza de vestuário, dando parte immediatamente ao chefe do escalão a que pertença de qualquer moléstia que lhes sobrevenha e que possa prejudicar a saúde dos individuos a quem a carne é destinada;

c) Conservar em perfeita ordem e limpeza as instalações e o material de que fizerem uso;

d) Aos magarefes compete ainda chefiar os turnos de pessoal destinado ao abate de gado quando haja vários locais de matança.

11.º *Condutores de gado e auxiliares indigenas.*— Compete-lhes:

a) Auxiliar os magarefes e ajudantes de magarefe na limpeza do material e dos locais da matança;

b) Executar quaisquer outros serviços braçais que lhes sejam ordenados;

c) Conduzir o gado pela forma que lhes fôr indicada.

CAPÍTULO III

Noções técnicas sôbre carnes

12.º As disposições constantes das instruções «Serviços de subsistências—Carnes» (2.ª parte do regulamento de campanha) devem servir de directiva para os serviços técnicos do rebanho relativamente aos seguintes assuntos:

I. Escolha dos animais.

II. Classificação dos animais em relação ao seu rendimento em carne limpa.

III. Recepção e marcação dos animais.

IV. Instalação e alimentação dos animais.

V. Marcha e transporte dos animais.

VI. Matança e preparação do gado; talho da carne.

VII. Distribuição da carne.

VIII. Generalidades sôbre algumas substâncias alimentares que podem ser utilizadas como substituintes da carne dos bovinos, ovinos, caprinos e suínos.

IX. Perdas e avarias.

CAPÍTULO IV

Conservação e transporte de carnes

13.º A carne, sendo género de fácil e rápida alteração, necessita de cuidados especiais para a sua conservação.

14.º A carne, quando não seja transportada no carro próprio, deve ser, quando enviada para pequenas distâncias, envolta em fôlhas verdes e coberta com pano de maneira a preservá-la das moscas e da poeira.

O que acima fica dito applica-se apenas à carne destinada a ser consumida dentro de curto prazo.

Quando se deseje conservar a carne durante algum tempo há vários processos dos quais os principais são os seguintes:

15.º *Processo de frigorífico.*—É indubitavelmente o melhor processo. Para levá-lo a efeito submete-se a carne, durante algum tempo, em instalação apropriada, a uma temperatura a 20º abaixo de 0º, podendo assim conservar-se a carne semanas e até meses.

Para consumi-la é necessário desgelá-la, progressivamente, durante seis horas pelo menos.

Em lugar da congelação, pode-se fazer apenas a refrigeração da carne em instalações apropriadas onde é conservada a temperatura entre 0º a 3º.

Apresenta, além da dificuldade das instalações, o inconveniente de necessitar, para o seu transporte, de vagões especiais e de linhas férreas, pois que o transporte em carros da carne congelada originaria a sua rápida deterioração¹.

16.º *Processo da semi-salga.*—Para fazer uso d'êste processo é conveniente abater a rês num local devidamente desinfectado com potassa ou cloreto de zinco, com ferramenta previamente passada pelo fogo, devendo, além disso, os aventais e toalhas de que se servirem os homens terem ido previamente à estufa ou, pelo menos, bem lavados e passados por água fervente.

Em seguida, evitando partir qualquer osso, dividir-se hão as diferentes massas musculares respeitando as aponevrosas, esvaziar-se hão as bôlsas sinoviais e extrair-se há a medula o mais completamente possível, visto a alteração começar a produzir-se em volta dela, e, finalmente, proceder-se há à semi-salga.

Para esta operação é necessário que o pessoal dela encarregado tenha as mãos bem lavadas e as unhas cortadas e limpas.

A semi-salga compreende duas partes: primeiramente, desembaraçam-se de gorduras, fácilmente alteráveis, os pedaços de carne, que devem ter de 5 a 10 quilogramas de pêso; em seguida banham-se êsses pedaços com uma

¹ A falta de instalações frigoríficas e de material apropriado para êste processo faz com que não se alongue a descrição das diferentes operações d'êste método, aliás o mais perfeito e sem dúvida alguma o sistema do futuro para o reabastecimento dos exércitos em carne.

mistura de 40 partes de sal refinado para 100 de vinagre.

Finalmente, dispõem-se os pedaços de carne entremeados de ligeiras camadas de sal em sacos previamente fervidos e pode-se fazer em seguida o seu transporte.

A carne, preparada por este processo, pode conservar-se facilmente durante um período de um a dez dias.

Para consumir a carne semi-salgada é necessário lavá-la previamente e tanto mais cuidadosamente quanto maior fôr o prazo durante o qual ela tenha sido conservada nesse estado e cortando-se os pedaços que por acaso não estejam em bom estado.

A superfície da carne tratada por este processo fica um pouco acinzentada; isto pode evitar-se juntando salitre à solução de vinagre e sal.

O seu aspecto interior é o de um pouco menos vermelha do que a fresca, mas pelo sabor não difere desta.

17.º *Processo por injeção intra-venosa.*— Este processo, também conhecido pelo nome Claveri, seu inventor, consiste no seguinte: abatida a rês, sangra-se completamente e injecta se-lhe pela veia jugular uma solução de sal das cozinhas e ácido acético.

A carne tratada por este processo conserva durante semanas o seu aspecto normal, não exalando cheiro algum desagradável.

18.º *Salga.*— Este processo de conservação da carne é de todos tam conhecido que não é necessário apresentar neste a sua descrição.

CAPÍTULO IV

Instalações de matadouros e talhos improvisados

19.º Quando nas localidades onde tenha de fazer-se o abate não haja instalação especialmente destinada para isso, improvisam-se matadouros de campanha, segundo o indicado no n.º 86.º das instruções, «Serviço de Subsistências, Carnes», segunda parte do regulamento de campanha.

Para esartejar a carne, se não houver nas proximidades árvores de porte suficiente para delas se dependurarem as reses, armam-se cabrilhas vulgares de três madeiros.

Poder-se há substituir a cabrilha, cravando no solo duas estacas com a altura aproximadamente de 2^m,40 e

distanciadas de 3^m,60, às quais se sobrepõe uma vara suficientemente resistente para nela se dependurarem duas reses bovinas. No caso de serem em maior número as reses a esquartejar, colocam-se tantas estacas e varas, à distância indicada, quantas as necessárias.

CAPÍTULO V

Alimentação e abastecimento de carne durante as operações

20.º *Distribuição da carne.*— A distribuição da carne às tropas é regulada pelas seguintes disposições:

a) Sempre que seja possível, distribui-se diáriamente uma ração de carne fresca a cada oficial ou praça.

b) Nos dias de marcha, o reabastecimento de carne efectuar-se há com gado abatido nos locais de estacionamento da tropa.

A aquisição e colocação d'este gado ali deverão ser feitas ou pelos serviços administrativos da primeira linha ou pelos serviços de *étapes*, conforme fôr superiormente determinado.

c) Quando fôr impossível distribuir carne fresca, as tropas consomem conservas de carne que serão substituídas por meio de trens de víveres regimentais e eventualmente pela coluna de víveres, que serão, por sua vez, reabastecidos pelos serviços de *étapes*. A carne fresca que sobrar, efectuada a distribuição, será ligeiramente salgada ou envolvida em fôlhas verdes, para ser em primeiro lugar distribuída no dia immediato.

21.º *Reabastecimento das unidades em carne.*— Como princípio, o reabastecimento de carne para as unidades e formações efectua-se por exploração dos recursos locais executada pelos oficiais provisores. Contudo, êste reabastecimento será efectuado pelos rebanhos de abastecimento ou pelos parques de reses, na insuficiência dos recursos locais, no caso de não convir recorrer a estes, ou ainda quando convenha renovar os animais que os constituam.

22.º O gado destinado a reabastecimento das tropas deve ser abatido, segundo a temperatura, na tarde ou noite da véspera, ou na madrugada do dia em que tenha de ser feita a distribuição da carne.

O gado proveniente da exploração efectuada pelos oficiais provisores é sempre abatido, sob a sua direcção

técnica, pelo pessoal das unidades e formações, ou pelo dos postos de *étapes* com o material de que disponham, contudo, o reabastecimento de carne pode ser feito, como já noutra parte se disse, com carne que se encontre já abatida nas localidades.

As pequenas unidades e formações que, pelo seu limitado efectivo, não possam consumir uma rês completa, serão reunidas, para o efeito do reabastecimento de carne, a outra unidade ou formação que estacione nas proximidades, devendo com êste fim provocar as ordens necessárias do respectivo comandante de estacionamento.

23.º O reabastecimento de carne pelo rebanho de abastecimento pode ser feito quer em gado, quer em carne.

No primeiro caso o reabastecimento pode ser feito durante a marcha na ocasião em que os trens regimentais reúnam às respectivas unidades ou nos locais de reabastecimento dos trens regimentais.

24.º Quando o reabastecimento de carne para as unidades tenha de ser efectuado ou completado na localidade pelo rebanho, no caso de o gado dever ser abatido pelo pessoal dêste último, convirá organizar dois ou três locais de reabastecimento de carne, servido cada um por um turno de magarefes, a fim de evitar-se a acumulação de um grande número de viaturas e facilitar-se a execução do serviço ao pessoal do rebanho. Nestas circunstâncias, os oficiais provisores entregam ou mandam entregar nos locais de reabastecimento, para êsse fim designados, ao chefe do rebanho ou ao seu delegado, vales (modelo xvi) das I. S. S. (R. C. 2.ª parte) indicando o número de rações necessárias.

25.º No caso do reabastecimento se efectuar com gado vivo, o chefe do rebanho ou o seu delegado em cada local de reabastecimento calcula e fornece a cada official provisor o número de cabeças correspondentes.

26.º Quando por falta de formação da segunda linha ou de postos de *étapes* que forneçam gado, e pelo intenso calor se preveja que, mesmo abatendo o gado no ponto de partida para a nova *étape* na madrugada do dia de marcha, a carne abatida não se conservará em bom estado até o momento de ser utilizada, não se effectua o reabastecimento das unidades com carne já abatida, procedendo então do modo seguinte:

a) Longe do inimigo, os officiais provisores, os magarefes e ajudantes, com as necessárias viaturas, precedem a coluna, reúnem nos novos locais de estaciona-

mento o gado necessário e que seja possível obter, comecem a matança e efectuem o talho da carne por forma que esta possa ser distribuída quando as tropas chegarem aos locais de estacionamento.

Quando não haja formações ou postos de serviços de *étapes* que forneçam o gado, ou quando não seja possível o lançar-se mão dos recursos locais, um escalão do rebanho ou o gado necessário poderá avançar entre a guarda avançada e o grosso da coluna, ou mesmo preceder aquela.

b) Na proximidade do inimigo, quando não se possa ou não convenha abater gado, as tropas não serão reabastecidas com carne fresca mas sim com conservas de carne ou peixe, e especialmente com chouriço, géneros estes que serão distribuídos às tropas nos novos locais de estacionamento.

27.º *Emprêgo do rebanho de estacionamento.* — Normalmente, um dos escalões do rebanho de abastecimento marcha na retaguarda da coluna dos trens regimentais; o outro escalão marchará onde as circunstâncias o aconselharem.

Em casos excepcionais e durante épocas de intenso calor, quando não convenha ou não possa abater-se o gado na véspera ou na madrugada do dia de marcha e transportar a carne em carros, um escalão do rebanho de abastecimento pode, quando constituído por animais que possam acompanhar marchas das tropas, marchar entre a guarda avançada e o grosso da coluna, ou mesmo preceder aquela, no caso da marcha se efectuar longe do inimigo, ou marchar entre as forças e as colunas dos trens regimentais no caso contrário.

O escalão do rebanho destinado ao reabastecimento das unidades é sempre acompanhado do respectivo material de matança, transportado a dorso ou em viaturas ligeiras.

28.º *Reabastecimento dos rebanhos de abastecimento.* — Os rebanhos de abastecimento reabastecem-se por exploração local, recorrendo aos parques de reses do serviço de *étapes* quando forem nulos ou insuficientes os recursos locais ou quando convenha renovar os animais que constituem estes parques.

O gado dos rebanhos de abastecimento deve ser renovado periódicamente, ainda mesmo que o reabastecimento de carne possa ser completamente assegurado por exploração local. Neste caso, os rebanhos reabastecerão

as unidades e o gado proveniente da exploração local será destinado ao abastecimento dos rebanhos. Compete aos chefes dos serviços administrativos formular, com este fim, as propostas necessárias.

CAPÍTULO VI

Composição de rações — Substituições

29.º *Composição das rações.*— O pêso das rações de carne é o constante das tabelas I, II, III, IV IV-A e V das instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização.

30.º *Substituições.*— Quando tenha de fazer-se uso de substituições estas serão feitas segundo as indicações constantes das tabelas das «Instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização», e, nos casos omissos pela tabela n.º 15, «Das substituições na ração normal de víveres», «Das instruções do serviço de subsistências», (regulamento de campanha, 2.ª parte), proporcionalmente, e tendo em atenção a diferença de pêso das rações de carne.

CAPÍTULO VII

Escrituração

31.º *Livros, mapas e impressos.*— Os livros, mapas e impressos que devem constituir o arquivo do «Rebanho do Abastecimento» são os que pelos regulamentos e instruções em vigor competem às unidades e formações independentes quando funcionem como formação autónoma, e às unidades inferiores quando esteja adstrito à coluna de víveres.

Além desses, escriturar-se hão no «Rebanho» o registo do gado para abater e registo de matança, modelos XI e XII das instruções superiores de S. S. (R. C., 2.ª parte).

II PARTE

Parques de reses

CAPÍTULO VIII

32.º *Missão.*— Os parques de reses têm por missão principal o fornecimento de gado para abater aos reba-

nhos de abastecimentos ou aos provisoires de unidades e formações.

33.º *Pessoal*. — O pessoal dos parques de reses é constituído pelas seguintes categorias:

Chefe;

Veterinário;

Sargento;

Primeiros cabos;

Soldados montados;

Soldados apeados;

Condutores de gado e auxiliares (indígenas).

O número de indivíduos de cada uma dessas categorias é o constante dos quadros anéxos a estas instruções.

Quando junto dum depósito se constitua um parque de reses, ficará êste a cargo do respectivo gerente, que requisitará ao comandante de *étapes* o pessoal que lhe falte para seu serviço.

34.º *Animal*. — O animal dos parques de reses será constituído, no respeitante a solípedes de sela e de tiro, pelos números constantes dos quadros apensos a estas instruções.

Estes números poderão, em casos especiais e mediante proposta do chefe dos serviços administrativos, ser aumentados ou diminuídos, consoante as necessidades do serviço.

No respeitante a gado para abater, a dotação de cada parque será fixada em função dos rebanhos, unidades e formações a abastecer mediante proposta do chefe dos serviços administrativos de quem o parque directamente depende.

35.º *Material*. — O material dos parques de reses é o constante dos quadros apensos a estas instruções, o qual poderá ser aumentado ou diminuído segundo as circunstâncias referidas ao tratar se do material.

36.º *Superintendência no serviço*. — Os parques de reses funcionam normalmente na zona de *étapes*, de cuja direcção ficam dependentes.

Em casos excepcionais, poderá a Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior determinar que qualquer parque de reses fique temporariamente adstrito aos serviços de 1.ª linha.

Sobre assuntos técnicos, os parques correspondem-se directamente com a Repartição dos Serviços Administrativos respectiva. Sobre quaisquer outros assuntos cor-

respondem com o chefe do estado maior (2.^a Repartição do Quartel General do Comando Superior), ou com o chefe do estado maior da Direcção de *Étapes*, conforme os casos.

Os parques de reses, quando constituam unidades autónomas, regulam-se no respeitante a administração e regime interno pelo que se acha estabelecido para as unidades administrativamente independentes.

CAPÍTULO II

Gerência e execução do serviço

Atribuições do pessoal

37.^o *Chefe*. — Compete-lhe :

a) Providenciar para que a dotação do parque em gado para abater se mantenha no número superiormente fixado efectuando, sempre que seja necessário, a exploração dos recursos locais e provocando nesse sentido as ordens do chefe dos serviços administrativos de quem directamente dependa;

b) Adoptar as providências necessárias para que o pessoal e animal do parque fiquem convenientemente alojados, fazendo construir para isso as necessárias instalações;

c) Fornecer o gado para abater que lhe seja requisitado, nomeando, no caso da entrega não ser feita no local onde se encontra o parque, o pessoal de conduta ao qual dará as instruções necessárias para que a marcha do gado se faça nas melhores condições;

d) Efectuar com o pessoal do parque o abate do gado necessário para as tropas que transitam pelo local onde se encontra estabelecido o parque;

e) Centralizar as informações sôbre recursos da região em gado para abater e enviá-las ao chefe dos serviços administrativos de quem directamente dependa;

f) Efectuar a administração do pessoal e gado do parque.

38.^o *Veterinário*. — Compete-lhe :

a) Prestar os cuidados clínicos ao gado do parque e ao pertencente ao Estado e existente na localidade onde estiver estabelecido o parque;

b) Dar conhecimento superiormente da aparição de qualquer epizootia no gado do parque ou no da região

onde estiver estabelecido, tomando neste último caso todas as providências para evitar a sua propagação e o seu contágio ao gado do parque.

39.º *Sargentos.* — Compete-lhes:

a) Fazer, sob a direção do chefe, a escrituração do parque;

b) Executar os diferentes serviços que pelos regulamentos competem aos sargentos, bem como quaisquer outros de que sejam encarregados pelo chefe do parque.

40.º *Cabos, soldados montados e apeados.* — Compete-lhes:

a) Desempenhar os diferentes serviços de que forem encarregados pelo chefe do parque, consoante os seus posto e aptidões.

Para integral cumprimento da missão dos parques, convém que alguns dos soldados apeados tenham as profissões de magarefes e ajudantes de magarefes.

41.º *Condutores de gado e auxiliares (indígenas).* — Compete-lhes:

a) Auxiliar o pessoal do parque na limpeza das instalações e currais do gado;

b) Conduzir o gado pela forma que lhes fôr indicada;

c) Executar quaisquer outros serviços braçais que lhes sejam ordenados.

CAPÍTULO IX

Escrituração

42.º *Livros, mapas e impressos.* — O arquivo dos parques de reses é constituído pela forma idêntica à do rebanho de abastecimento.

Nos parques escriturar-se hão também o registo do gado para abater e o registo de matança, modelos XI e XII das I. S. S. (R. C., 2.ª parte).

QUADROS

Rebanho de abastecimento

Pessoal, animal e viaturas que fazem parte do seu completo (a)

| | Homens | | Solípedes | | Bois para abater | Viaturas | |
|--|----------|--------|-----------|------------------|------------------|------------|------------|
| | Oficiais | Praças | De sela | De tiro ou baste | | De 2 rodas | De 4 rodas |
| Chefe (subalerno do S. A. M.) | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Veterinário (subalerno do corpo de veterinários militares) | (b) | (a) | (a) | - | - | - | - |
| Segundos sargentos | - | 3 | 3 | - | - | - | - |
| Primeiros cabos | - | 3 | 3 | - | - | - | - |
| Soldados montados | - | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Magarefes | - | 6 | - | - | - | - | - |
| Ajudantes de magarefe | - | 14 | - | - | - | - | - |
| Condutores de gado (auxiliares indígenas) | - | 10 | - | - | - | - | - |
| Carros de material | - | - | - | 8 | - | 2 | - |
| Solípedes para transporte a baste | - | - | - | 2 | - | - | - |
| Carro de bagagens e viveres | - | - | - | 4 | - | 1 | - |
| Carro de carne | - | - | - | 4 | - | 1 | - |

(a) Estes números poderão ser alterados sempre que as circunstâncias o aconselharem.

(b) Sai de uma das unidades nas ocasiões necessárias.

Parque de reses

Pessoal, animal e viaturas que fazem parte do seu completo (a)

| | Homens | | Solípedes | | Bois para abater | Viaturas | |
|--|----------|---------|-----------|------------------|------------------|------------|------------|
| | Oficiais | Pracças | De sela | De tiro ou baeto | | De 2 rodas | De 4 rodas |
| Chefe (subalerno do S. A. M.) | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Veterinário (subalerno do corpo de veterinários militares) | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Segundos sargentos | - | 3 | 3 | - | - | - | - |
| Primeiros cabos | - | 3 | 3 | - | - | - | - |
| Soldados montados | - | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Magarefes | - | 6 | - | - | - | - | - |
| Ajudantes de magarefe | - | 14 | - | - | - | - | - |
| Condutores de gado (auxiliares indigenas) | - | 10 | - | - | - | - | - |
| Carro de material | - | - | - | 4 | - | 1 | - |
| Carro de bagagens e viveres | - | - | - | 4 | (b) | 1 | - |

(a) Estes efectivos são os destinados ao parque de reses da T. E. E. Os dos outros parques de reses terão os indispensáveis para a missão a que se destinam.

(b) O número que fór superiormente indicado.

Rebanho de abastecimento

Material e utensilios diversos que constituem a sua carga

| Artigos | Quantidades |
|--|-------------|
| Armamento, munições e acessórios | |
| I—Armamento | |
| Pistolas de repetição | — |
| Espadas completas | — |
| Sabres-baionetas a/p (comp.) | — |
| II—Munições | |
| Cartuchos com bala para pistola | — |
| Equipamentos regimentais, artigos acessórios e diversos | |
| I—Equipamentos regimentais | |
| 1.º Bandeiras, etc. | |
| Bandeiras verdes | 1 |
| Lanternas com vidros verdes | 1 |
| Haste para bandeira ou lanterna | 1 |
| 2.º Material de bivaque | |
| Caldeiros para 40 praças | — |
| Colecções de utensilios de cozinha | — |
| 3.º Material de subsistências | |
| Albardões com cangalha do carro de material do rebanho | 2 |
| Cepos de madeira | 2 |
| Colecções de ferramentas e acessórios | 1 |
| Caixas de material de matança | 2 |
| Caixa n.º 1 | 1 |
| Caixa n.º 2 | 1 |
| Caixa n.º 3 | 1 |
| Peças para bois | 10 |
| Reposteiros de carga | 1 |
| 4.º Material de sapadores | |
| Corda (rôlo de 30 metros) | 1 |
| Machados encabados | 2 |
| Enxadas | 4 |
| Pás | 4 |

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| 5.º Artigos e reservas diversas | |
| Cravos atarracados | - |
| Ferraduras de mão | - |
| Ferraduras de pé | - |
| Lanternas de acetilene | - |
| Equipamento individual e metais | |
| I—Equipamento | |
| Equipamento n.º 1 para artilharia | - |
| Equipamento n.º 3 para infantaria | - |
| Equipamento n.º 2 para artilharia | - |
| Arrelos e equipamentos para solípedes | |
| I—Arreios | |
| 1.º Arreios completos | |
| Arreios para cavalos O | - |
| Arreios para cavalos P | - |
| II—Equipamento para solípedes | |
| 1.º Equipamentos completos | |
| Equipamentos para cavalos (completos) | - |
| Material sanitário | |
| Mochilas de pensos | 1 |
| Estojes de penso individual | - |
| Rações, taras e utensílios | |
| I—Rações | |
| Rações de reserva, para homens | - |
| Rações de reserva, para solípedes | - |
| Viveres do trem regimental { Para homens | - |
| { Para solípedes | - |
| Viveres para trajecto em { Para homens | - |
| caminho de ferro { Para solípedes | - |

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| Livros, cartas, instrumentos e artigos de expediente | |
| Cadernos de contabilidade em campanha (dotação) . . . | 1 |
| Registos de correspondências (coleções) | 2 |
| Diário das rações | 1 |
| Diário de campanha | 1 |
| Registo de gado para abater | 2 |
| Registo de matança | 2 |
| Artigos de expediente (dotação) | 1 |
| Impressos (dotação) | 1 |

Repartição dos Serviços Administrativos, 25 de Maio de 1915.

Parques de reses

Material, utensilios e artigos diversos que constituem a sua carga

| Artigos | Quantidades |
|--|-------------|
| Armamento, munições e acessórios | |
| I — Armamento | |
| Pistolas de repetição | 6 |
| Espadas (completas) | 4 |
| Espingardas 6 ^{mm} ,5 =/901. | 23 |
| II — Munições | |
| Cartuchos com bala para pistola | — |
| Cartuchos 6 ^{mm} ,5 =/901 | — |
| Equipamentos regimentais, artigos acessórios e diversos | |
| I — Equipamentos regimentais | |
| 1.º Bandeiras, etc. | |
| Bandeiras verdes | 1 |
| Lanternas com vidros verdes. | 1 |
| Haste para bandeira ou lanterna. | 1 |
| 2.º Material de bivaque | |
| Caldeiros para 40 praças | 2 |
| Coleções de utensilios de cozinha | 2 |
| 3.º Material de subsistências | |
| Coleções de material de matança e talho (D. M. A.) . . | 2 |
| 4.º Material de sapadores | |
| Arame zincado (rolos) | 1 |
| Corda (rolos de 30 metros) | 2 |
| Enxadas | 4 |
| Machados encabados | 2 |
| Pás | 4 |
| 5.º Artigos e reservas diversas | |
| Cravos atarracados | — |
| Ferraduras de mão | — |
| Ferraduras de pé | — |
| Lanternas de acetilene | — |
| Marca de ferro para gado | 1 |

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| Equipamento individual e metais | |
| I—Equipamentos | |
| Equipamento n.º 1 para artilharia | 6 |
| Equipamento n.º 2 para artilharia | 1 |
| Equipamento n.º 3 para infantaria | 23 |
| Arreios e equipamentos para solípedes | |
| I—Arreios | |
| Arreios para cavalo O. | — |
| Arreios para cavalo P. | — |
| II—Equipamentos para solípedes | |
| 1.º Equipamentos completos | |
| Equipamentos para cavalos (completos) | — |
| Material sanitário | |
| Mochilas de pensos | 1 |
| Estojos de pensos individuais | 29 |
| Rações, taras e utensílios | |
| I—Rações | |
| Rações de reserva | 58 |
| { Para homens | — |
| { Para solípedes | — |
| Viveres do trem regimental | — |
| { Para homens | — |
| { Para solípedes | — |
| Viveres para trajecto em caminho de ferro | 29 |
| { Para homens | 17 |
| { Para solípedes | 17 |
| Livros, cartas e artigos de expediente | |
| Cadernos de contabilidade em campanha (a) | 1 |
| Carta itinerária do Sul de Angola | 1 |
| Registos de correspondência | 2 |
| Diário das rações | 1 |
| Diário de campanha | 1 |
| Registo de galo para abater | 1 |
| Registo de matança | 1 |
| Artigos de expediente (dotações) | 1 |
| Impressos (dotações) | 1 |

(a) Quando o parque funcione como formação administrativamente independente.

Anexo A

Áreas de dispersão de gado no Sul de Angola

Principais centros de criação

Calcula-se que a riqueza pecuária em animais aproveitáveis para a alimentação no distrito da Huíla seja a seguinte em números redondos (1910):

| Regiões | Número de cabeças de gado | | | |
|--|---------------------------|--------|--------|---------|
| | Bovino | Suíno | Ovino | Caprino |
| Lubango | 12:000 | 5:000 | 800 | 2:800 |
| Humpata | 16:000 | 5:300 | 1:400 | 1:600 |
| Huíla | 3:000 | 1:100 | 200 | 500 |
| Chibia | 14:000 | 4:000 | 2:000 | 3:000 |
| Gambos e Pocolo | 50:000 | 8:000 | 5:000 | 8:600 |
| Quiungo e Capelongo | 22:000 | — | 3:000 | 5:000 |
| Humbe e Donguena | 32:000 | — | 6:000 | 10:000 |
| Cuamato | 10:000 | — | — | 2:000 |
| Cafu, Camba e Quiteve | 10:000 | — | — | — |
| Mulondo | 2:500 | — | — | — |
| Dombondola | 6:500 | — | — | — |
| Evale, Handa e Cafima | 12:000 | — | — | — |
| Cuanhama | 50:000 | — | — | — |
| Massava (Pósto A) | 8:000 | — | — | — |
| Cuangar | 6:000 | — | — | — |
| Diversas regiões | 30:000 | 10:000 | 8:000 | 10:000 |
| Número total de cabeças no distrito | 284:000 | 33:400 | 26:400 | 33:500 |

N.º 18

Instruções para o serviço das secções
de padaria

Manda S. Ex.^a o General comandante superior das forças e governador geral aprovar e pôr em execução as instruções para o serviço das secções de padaria das referidas forças, elaboradas pela Repartição dos Serviços Administrativos do Quartel General do Comando Superior.

Quartel General em Mossâmedes, 27 de Maio de 1915.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

CAPITULO I

Disposições gerais

1.º *Fim*.—As *secções de padaria* são destinadas ao fabrico do pão necessário para a alimentação das tropas que estacionam nas localidades onde as secções têm as suas sedes, das forças em trânsito e das que lhes forem determinadas.

A *secção de padaria* que funcione na T. E. E., ou à sua frente, é destinada, principalmente, a fabricar o pão necessário para ser transportado na secção automóvel de reabastecimentos, a fim de abastecer as tropas na 1.ª linha.

2.º *Pessoal*.—O pessoal de cada secção é constituído pelas seguintes categorias:

- Chefe (oficial do S. A. M.);
- Sargento;
- Mestre de padaria (sargento ou cabo);
- Contramestre (cabo ou soldado);
- Soldado montado;
- Padeiros de 1.ª classe (cabos ou soldados);
- Padeiros de 2.ª classe (soldados);
- Padeiros de 3.ª classe (soldados);
- Serventes de padaria (soldados);
- Auxiliares (indígenas).

Na falta de pessoal técnico militar poderão ser empregados, por ordem superior e em caso de absoluta neces-

sidade, como serventes de padaria, condenados que tenham as profissões civis de padeiro e forneiro, os quais continuarão na secção, quanto possível, sob o regime especial do D. G. D. A.

O pessoal será dividido em tantas brigadas quantos os turnos de horas que devam trabalhar seguidamente, de dia ou de noite.

3.º *Animal*.—O animal das secções será, por via de regra, constituído pelos números designados nos quadros apensos a estas instruções. Todavia, nas secções com missão especial, as dotações serão modificadas em harmonia com o fim a que sejam destinadas.

4.º *Material*.—O material que deve constituir a dotação de cada secção é o constante dos quadros anexos a estas instruções, applicando-se lhe, no respeitante às secções com missão especial, o que ficou determinado relativamente a animal.

5.º *Superintendência no serviço*.—As secções de padaria podem funcionar na zona de operações ou na zona de *étapes*, competindo à Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior o resolver se devem ficar adstritas aos serviços de 1.ª ou 2.ª linha.

Quando adstritas a qualquer dos serviços de 1.ª ou de 2.ª linha as secções correspondem-se directamente sobre assuntos técnicos com a Repartição dos Serviços Administrativos correspondente. Sobre todos os outros assuntos correspondem-se com o chefe do estado maior (2.ª Repartição do Quar el General), ou com o chefe do estado maior da Direcção de *Étapes*, conforme os casos.

6.º As secções de padaria constituem unidades autónomas, regulando-se, no respeitante a administração e regime interno, pelo que se acha estabelecido para as unidades administrativamente independentes.

CAPÍTULO II

Gerência e execução do serviço

7.º *Atribuições do pessoal*.—O chefe da secção de padaria está directamente subordinado:

1.º Ao chefe dos serviços administrativos do comando superior, quando a secção esteja adstrita aos serviços de 1.ª linha;

2.º Ao chefe dos serviços administrativos de *étapes*, quando a secção fique adstrita aos serviços de 2.ª linha.

8.º *Atribuições e deveres do chefe de secção.* — Ao chefe de secção compete:

a) Comunicar as ordens e instruções recebidas do chefe dos serviços administrativos do comando superior ou do chefe dos serviços administrativos de *étapes*, seguindo os casos, prescrevendo todas as disposições necessárias para assegurar o seu exacto cumprimento;

b) Regular os movimentos do combóio da secção, empregado no transporte do pão fabricado;

c) Fixar, quando a secção tenha de se deslocar:

1.º A hora a que o trabalho deve cessar;

2.º A hora de partida;

3.º As disposições necessárias para garantir a regularidade da marcha.

d) Vigiar a marcha da secção e as condições em que é feita a sua instalação no novo local de fabrico;

e) Regular, quando a hora de chegada ao novo estacionamento não fôr superiormente fixada, o movimento da secção por forma a que ela atinja de madrugada o novo local de fabrico;

f) Tomar todas as disposições necessárias para que nas deslocações da secção o local escolhido para instalação desta seja adaptado ao seu fim e pronta a secção para funcionar no mais curto prazo possível;

g) Tomar as medidas necessárias para que no prazo fixado superiormente a secção disponha do número de rações de pão de idamente enxuto que tenha sido incumbida de fabricar, devendo, com este fim, dar as ordens necessárias para que a instalação da secção seja feita com a maior rapidez possível;

h) Fiscalizar cuidadosamente a preparação dos fermentos, especialmente daqueles que tenham de ser empregados durante a noite;

i) Vigiar cuidadosamente os trabalhos de amassadura, enforramento e desenforramento do pão, por forma a evitar os prejuízos resultantes da cozedura, quer incompleta, quer em extremo demorada;

j) Vigiar que o pão acabado de fabricar seja disposto em estantes especialmente feitas para isso ou improvisadas, por forma a permitir o seu rápido enxugo;

k) Vigiar a arrumação do pão fabricado, nos sacos, canastras ou caixas destinados ao seu transporte, por forma a evitar o seu esmagamento;

l) Providenciar no sentido que os fermentos transportados nas viaturas da secção, ao chegar ao novo local

de fabrico, estejam em condições de ser imediatamente empregados;

m) Dirigir a execução dos trabalhos da instalação, de maneira a utilizarem-se todos os locais em condições de servir, e de modo a evitar, quanto possível, o emprêgo de tendas e barracas de madeira;

n) Mandar proceder, logo após a chegada ao local do estacionamento, dada a hipótese de ali existirem fornos, aos trabalhos de amassadura, e, caso êsses fornos estejam arrefecidos, proceder ao seu aquecimento;

o) No caso de não existirem na localidade fornos já construídos e que possam ser aproveitados, proceder com a máxima urgência à construção de fornos improvisados ou semi-permanentes, conforme o tempo de que se dispuser e a presumível demora no estacionamento;

p) Mandar proceder ao aquecimento da água para a amassadura a tempo de se poder proceder à laboração nas condições superiormente indicadas;

q) Mandar armar, com a possível brevidade, tendas ou barracas-padarias, quando não possam ser utilizadas para o trabalho as casas ou barracões existentes na localidade;

r) Fiscalizar assiduamente os trabalhos de amassadura, enforramento e desenforramento feitos por operários civis, quando sejam utilizados estes em padarias particulares;

s) Efectuar a administração do pessoal e gado da secção;

t) Dirigir o serviço da secretaria da secção;

u) Desempenhar as funções de official provisor.

Deveres das praças da secção

9.º *Sargento*.— Compete-lhe:

a) Fazer, sob a direcção do chefe, a escrituração da secção;

b) Executar os diferentes serviços que pelos regulamentos competem aos sargentos das unidades, bem como quaisquer outros que lhe sejam incumbidos pelo chefe da secção.

10.º *Mestre de padaria*.— Compete-lhe:

a) Dirigir o trabalho da padaria, de dia e de noite, devendo estar presente sobretudo na ocasião da preparação dos fermentos e das massas e na rendição das brigadas;

b) Tomar nota dos géneros empregados de maneira a poder-se verificar exactamente o produto em pão da farinha empregada;

c) Verificar os pesos dos géneros recebidos para panificação;

d) Fiscalizar as pesagens do pão na tendadura e verificar se as rações cozidas têm o devido peso;

e) Evitar que os padeiros desperdicem os géneros destinados à panificação ou não os utilizem em condições de produzir o máximo rendimento, participando ao chefe qualquer falta cometida nesse sentido;

f) Providenciar para que os trabalhos de panificação se façam nas melhores condições de limpeza e hygiene, vigiando, por consequência, não só por que os padeiros se apresentem e trabalhem nas melhores condições de asseio pessoal, mas também por que todos os utensílios empregados sejam escurpulosamente limpos;

g) Providenciar por que o material e instalações de padaria sejam utilizados apenas para o fim especial a que são destinados;

h) Evitar que, sem autorização do chefe, entrem nas instalações especialmente destinadas à padaria indivíduos estranhos ao exército;

i) Vigiar pela boa conservação das instalações, fornos e material da padaria, pelos quais é directamente responsável.

11.º *Contramestre de padaria.*—Compete-lhe:

a) Executar os trabalhos de panificação pela forma que se achar superiormente determinada, actuando sobretudo pelo exemplo, mas dando conhecimento ao mestre de qualquer falta de que tenha conhecimento;

b) Auxiliar o mestre de padaria, substituindo-o na sua falta ou impedimento.

12.º *Fiel do depósito de pão.*—Compete-lhe:

a) Receber, por meio de guia, as rações de pão fabricadas na padaria, entregando-as às unidades mediante o vale, modelo n.º 16, das I. S. S.;

b) Dar conhecimento ao mestre de padaria da entrada no depósito de quaisquer rações defeituosas ou estragadas, e como tais devam ser refugadas;

c) Velar pela boa ordem e limpeza do depósito de pão, pelas quais é responsável.

13.º *Padeiros e serventes de padaria.*—Compete-lhes:

a) Executar diferentes operações de panificação pela forma indicada pelo mestre de padaria, sendo pecuniá-

riamente responsáveis por qualquer género ou ração que, por negligência sua, se perder ou danificar;

b) Apresentar-se para serviço no mais perfeito estado de asseio individual e de limpeza de vestuário, dando parte imediatamente ao chefe de padaria de qualquer moléstia que lhes sobrevenha e que possa prejudicar a saúde dos indivíduos a quem o pão é destinado;

c) Conservar em perfeita ordem e limpeza as instalações e o material de padaria de que fizerem uso.

14.º *Auxiliares.*—Compete-lhes:

a) Executar todos os serviços braçais de que sejam encarregados.

CAPÍTULO III

Noções sumárias sobre panificação

15.º *Matéria prima.*—Na panificação podem empregar-se farinhas de diversos cereais. Sendo todavia a ração do pão das nossas tropas em campanha a de trigo extreme, será relativamente à deste cereal que se dão as indicações que abaixo seguem.

16.º *Fôrça da farinha.*—A fôrça de uma farinha depende da qualidade e da quantidade do seu glúten. É a elasticidade e consistência do glúten o que permite obter-se um pão leve, em virtude de permitirem a formação na massa de cavidades que retêm o ácido carbónico proveniente da fermentação, o qual, desenvolvendo-se, origina as cavidades que aumentam o volume da massa e dão ao pão a sua característica leveza.

17.º *Armacenagem de farinha.*—A farinha de trigo contém 9 a 14 por cento de água. Submetida a um calor demasiado fraco para libertá-la da sua água, mas suficiente para favorecer a fermentação, esquentada e azeda. A farinha é extremamente sensível às exalações das substâncias estranhas, não devendo, por esse motivo, ser colocada próximo de líquidos azedados, de legumes estragados ou de substâncias que exalem vapores nocivos. Deve ser posta em locais frescos, secos e bem ventilados, podendo, nestas condições, conservar-se durante um ano e mais. A temperatura mais favorável é a de 21º ou menor ainda. As temperaturas mais elevadas favorecem a fermentação ácida e o encaroçamento.

18.º *Qualidades de conservação das farinhas.*—A farinha melhora com o tempo — até um certo limite, três a quatro meses — estando geralmente admitido que não deve ser empregada antes de decorridos, pelo menos, trinta

dias após a moagem. É conveniente não a conservar por mais de um ano. A aparição de parasitas, animais ou vegetais é um indício do comêço de decomposição do glúten e, conseqüentemente, de avaria da farinha. O gorgulho e larva invadem freqüentemente, nas regiões tropicais, a fariuha, tornando-se indispensável passá-la à peneira. É mesmo vulgar encontrarem-se insectos em farinhãs contidas em caixas forradas de fôlha, devido umas vezes à existência dos germes na farinha anteriormente ao acondicionamento e outras vezes a falhas de recipientes que permitem a êsses insectos o virem depor neles os seus ovos.

19.º *Exame e verificação das farinhas.*—A côr da farinha, de boa qualidade, não deve ser branca em absoluto, mas sim de um branco levemente amarelado.

A farinha demasiado branca deixa perceber que lhe foi tirada a maior parte, do seu glúten ficando quasi reduzida ao amido.

Ao tato, a farinha não deve apresentar-se húmida nem pegajosa. A farinha de boa qualidade solta-se com facilidade dos dedos quando apertada na mão, conservando contudo as impressões dos sulcos das mãos. Quando se projecta um punhado dela de encontro a uma superficie vertical, o ficar uma boa parte dela como que suspensa dessa superficie é indício de que é rica em glúten. Rolando-a entre os dedos, não deve parecer demasiado macia nem demasiado uniforme. Ao paladar, a farinha deve parecer adocicada e sem sabor algum ácido. Amassada, a farinha de boa qualidade, é elástica e dúctil, absorvendo muita água e conservando a forma que se lhe dá ao amassá-la. A farinha de má qualidade pega-se aos dedos, estende-se na superficie sôbre a qual é amassada, não chegando nunca a tomar a forma persistente, por mais farinha que se lhe junte.

20.º *Peneiração da farinha antes da panificação.*—Convém peneirar a farinha antes de amassá-la. Como já anteriormente se disse, as farinhas, mesmo as mais limpas, contêm freqüentemente insectos e impurezas de natureza vária.

Fermentos

21.º *Fermentação.*—A farinha de trigo é composta, principalmente, de amido e de glúten. Para que estas substâncias sirvam para o fim para que são empregadas, é necessário que sejam transformadas em produtos mais

solúveis: é este o papel da fermentação panar. A humidade e uma temperatura uniforme de 27° a 32° favorecem a fermentação, a qual pode produzir-se de duas maneiras:

a) Espontaneamente, em determinadas condições de humidade, de calor e de ventilação: é o caso do primeiro fermento, o que se produz sem o emprêgo de qualquer parcela da massa fermentada. Os esporos da fermentação flutuam constantemente no ar, fixando-se e desenvolvendo-se sempre que encontram um meio em que estejam reunidas as condições exigidas para o seu desenvolvimento;

b) Artificialmente e em virtude da acção de uma porção de massa já fermentada.

22.º A fermentação obtida artificialmente é a mais empregada, usando-se para obter o fim que se deseja uma certa quantidade de massa fermentada que se denomina «isco velho».

A fermentação, com efeito, pode produzir-se sem se juntar à massa fermento estranho; não teria, todavia, a rapidez de acção desejada e correr-se-ia o risco de dar-se uma outra espécie de fermentação, a ácida, por exemplo, e estragar-se assim toda a massa.

Fermentos empregados na panificação

23.º *Levedura*.—É o fermento empregado normalmente na panificação, conservando-se, para esse fim, de umas amassaduras para outras, um pedaço de massa fermentada que se denomina «isco velho». Neste processo produz-se quasi exclusivamente a fermentação (com pequeníssima fermentação ácida); o gás carbónico, que tende a libertar-se, é retido pelo glúten, obtendo-se assim um pão leve e com o miolo de aparência esponjosa.

Deixando-se, porém, adiantar demasiadamente a fermentação e elevando-se a temperatura acima de 32° produz-se a fermentação acética e o pão sai azedo.

24.º *Fermento artificial*.—Na falta de «isco velho», pode empregar-se o fermento artificial fornecido pelo comércio.

Pão sem fermento

25.º Os resultados que se têm em vista obter com a fermentação podem conseguir-se com o emprêgo de ingredientes químicos dos quais os principais são:

a) Carbonato de amónia;

- b) Carbonato de soda e ácido azótico;
 c) Carbonato de soda e crémor de tártaro.

Estes ingredientes apresentam a vantagem de, em casos de urgência, poupar-se o tempo empregado na preparação do fermento.

Tem, todavia, as desvantagens de não serem êsses produtos vendidos pelo comércio em estado de absoluta pureza, podendo por isso, neste caso, tornar-se nocivos à saúde e, além desta, a de deteriorar-se rápidamente o pão fabricado com êles.

Para fabricar pão com êsses ingredientes, vulgarmente denominados «pós para panificação», procede-se pela forma seguinte:

Espalha-se a farinha por igual no fundo da masseira e peneiram-se em seguida os pós para panificação sobre a farinha, tendo-se o cuidado de desfazer quaisquer porções encaroçadas que, a serem deixadas ficar assim, causaríam manchas amarelas no pão. Feito isto, misturam-se bem os pós com a farinha.

Dissolve-se o sal na razão de 550 gramas apenas para cada 60 quilogramas de farinha e usando-se para isso água fervida, fria.

Junta-se água à farinha com os pós para panificar, amassa-se tudo, tende-se e enforna-se rápidamente, cozendo depois o pão no forno bem quente. Para fazer bem pão com os pós de panificar, é necessário enforná-lo dentro de meia hora após a mistura dos pós com a farinha.

Não se deve usar sal em proporção superior à acima indicada, aliás o pão sairá pesado, escuro e salgado.

26.º *Pão arejado*.— Conseguem-se também resultados aproximadamente idénticos aos obtidos pela fermentação introduzindo artificialmente na massa, em recipientes apropriados, o gás carbónico com a pressão mínima de 27 quilogramas por centímetro quadrado.

Fermentação panar

27.º *Indicações diversas*.— Qualquer massa que tenha mais de um tço do seu pso em glicose, não fermenta sem a acção duma levedura.

A fermentação cessa logo que a proporção de alcool atinja 18 por cento; diminuindo-se a percentagem de alcool pela adição de nova massa, a fermentação recomeça.

Juntando-se à massa ácidos enérgicos ou uma grande

porção de sal, destrói-se o princípio activo do fermento e a fermentação pára.

Na prática, a fermentação suspende às temperaturas inferiores a 19° e superiores a 35°.

O ar, embora não seja indispensável para a fermentação, favorece-a, todavia, notavelmente.

A banha de porco, que nalguns países juntam à massa para impedir o pão fabricado de secar demasiado rapidamente, pode retardar sensivelmente a fermentação quando adicionada em proporção elevada.

A temperatura mais favorável para a fermentação por levedura é a de 27°. Para conservar-se, o isco deve ser mantido em local onde a temperatura seja superior a 13°.

Pão

28.º *Classificação geral.*—Há duas espécies de produtos que na generalidade podem ser denominados pão:

a) O pão fermentado, que compreende todas as espécies de pão em cujo fabrico se recorrer à fermentação; é o normalmente empregado na alimentação;

b) O pão não fermentado ou ázimo, do qual pode ser tomado como tipo, usado na alimentação das tropas, a bolacha.

Fabrico do pão

29.º *Métodos gerais.*—Há dois métodos gerais para fabrico do pão:

a) Processo de amassadura directa, em que se juntam todos os elementos por uma só vez, fazendo-se os refrescos, preparo e amassadura ao mesmo tempo, em lugar de se operar por diferentes vezes e a horas diversas;

b) Processo por refrêscos, preparos e amassadura, em que se faz um primeiro refrêscos, seguido de um segundo refrêscos e de um preparo, empregando-se nestas operações todo o isco e aproximadamente metade da farinha e $\frac{4}{5}$ da água e juntando-se-lhe na amassadura propriamente dita o resto da farinha e da água.

30.º O processo indicado na alínea b) é o empregado normalmente nas padarias militares, sendo para o pão abiscoitado a massa mais macia, trabalhada durante mais tempo e usando-se para cozedura forno menos quente, sendo a cozedura mais demorada.

Directivas para a marcha das operações da amassadura de 60 quilogramas de farinha pelo processo a que se alude na alínea b):

| Operações | Duração | Gêneros | Quantidades | Observações |
|-----------------------------|-------------|-----------------|----------------------------|---|
| Isco | 4 a 5 horas | Farinha Água | 2 quilogr. 1,5 litro | Estas quantidades podem variar; veja-se a observação abaixo. |
| Refrêscos quando necessário | - | Farinha Água | Quant. var. Quant. var. | Caso não se tenha de fabricar pão algum por se ter de marchar, ou por outro motivo, refrescar-se há o isco de 21 em 24 horas. Cada refrêscos levará a água necessária para a massa ficar segura, devendo o isco ser embrulhado numa tela e colocado em local fresco. O refrêscos é sempre constituído pelo duplo do isco existente, devendo nessa conformidade guardar-se dum fabrico para o outro um peso de isco em função do número de dias que mediar entre um e outro fabrico. |
| Fermento | 30' a 45' | Farinha Água | 6 quilogr. 6 litros | Amassa-se o isco com esta farinha e água devendo a massa ficar bem segura e ser estancada em caixas ou nas masseiras até apresentar uma crosta arredada, sinal de que está em condições de começar-se a amassadura propriamente dita. Da massa deste fermento tira-se uma |

| Operações | Duração | Gêneros | Quantidades | Observações |
|--|--|------------------------|--|--|
| | | | | pequena porção (o isco) que se guarda para subsequentes amassaduras. |
| Amassadura | 1 hora | Farinha Sal Água | 50 quilogr. 1,3 litros 25 litros | Esta água é empregada em quantidade fixa. Para os «banhos» empregam-se quantidades variáveis — conforme a dureza da massa. |
| Estanca | 2 horas | — | — | |
| Cortar, pesar e tender | 45' | — | — | |
| Pêso da massa tendida | — | — | 100,645 | Não se conta por insignificante com o pêso da sêmea ou farinha necessária para o enfarinhamento da massa e das masseiras. |
| Transporte : Enfornamento | 8 ^h 15' a 9 ^h 30' | — | — | |
| | 10' | — | — | |
| Cozedura | 20' a 30' | — | — | |
| Desenfornamento | 10' | — | — | |
| Pêso do pão ao sair do forno (aproximado). | — | — | — | |

Nota. — Admite-se, para o cálculo acima feito, que o pêso de 1 litro de água tópicada é de 990 gramas, e o de sal 1 quilograma.

31.º *Indicações gerais.*—A temperatura mais favorável para a amassadura é a de 27º. Convém que a soma das temperaturas da água, da farinha e da atmosfera não exceda 116º. Quando a temperatura da padaria seja demasiado baixa, usar-se há água mais quente e vice-versa, evitando-se, todavia, o emprêgo de água excessivamente quente, que pode destruir o fermento. Nos casos de extrema baixa de temperatura, ao ar livre, sobretudo, recorrer-se há ao emprêgo de fogueiras à entrada da barraca-padaria.

32.º A mistura deve ser feita com muito cuidado para distribuir o isco por toda a massa, que constitui o refrêscos, e para distribuir os encaroçamentos que possam formar-se a fim de permitir ao ar o penetrar em toda a massa, visto que o oxigénio favorece a fermentação.

Uma amassadura cuidadosa e completa faz com que se rompam as bôlhas onde existe ácido carbónico e faz chegar a acção do fermento a toda a massa, dando-lhe uma textura homogénea.

Um trabalho imperfeito de amassadura reconhece-se pelo exame do miolo do pão, que se apresentará, neste caso, grosseiramente granuloso e de estrutura heterogénea.

A coloração da côdea depende da percentagem de glicose e da temperatura do forno.

33.º Acontece algumas vezes que o pão sai do forno como que achatado, o que o torna desagradável à vista. Este facto pode ser originado pelas causas seguintes:

1.ª Se o isco é muito recente formar-se hão grandes espaços vazios sob a côdea, que terá uma côr escura avermelhada, enquanto que o miolo apresentar-se há cinzento e baço;

2.ª Se a côdea tem boa côr e o miolo se apresenta bem estruturado, é porque o acidente foi devido a estar a massa demasiadamente mole;

3.ª Se a côdea se apresenta enrugada e o miolo muito escuro é porque a massa foi demasiado trabalhada.

34.º *Amassadura.*—A massa deve ser amassada cuidadosamente para dar-lhe a necessária homogeneidade, seguindo-se as operações de corte e da pesagem.

35.º *Pesagem.*—Na pesagem da massa para as rações deve ter-se em vista que um pedaço de massa com 500 gramas de pêso perde, aproximadamente, de 40 a 50 gramas com a cozedura e o enxugo, de maneira que é necessário levar essa perda em linha de conta ao fazer-se a pesagem.

Quando se dispõe de pouco tempo a regra é aumentar um pouco o peso das rações.

36.º *Tendadura.*—Aos pedaços de massa, depois de pesados, é necessário dar-se-lhes forma, trabalhando-os de maneira a não ficarem com cavidades cheias de gases; a ração tendida, colocada no taboleiro com bragal ou no cêsto de arame forrado de linhagem, deve conservar a sua forma e não se espapaçar.

37.º *Complemento da fermentação.*—As rações de pão alvo, de trigo, depois de tendidas, devem ser colocadas em taboleiros cobertos com panos denominados bragais ou em cêstos de arame forrados de linhagem.

Como a temperatura aumenta gradualmente, do pavimento para cima, convêm, no caso de haver estames ou prateleiras, que se vão colocando os taboleiros ou cêstos metálicos, de baixo para cima também.

38.º *Cozedura.*—É necessário ter-se grande cuidado com a temperatura do forno, a qual, no fundo, deve atingir de 200º a 230º. O meio para verificar, com exactidão, a temperatura do forno é o uso do pirómetro, substituído na prática, sobretudo em campanha, pela simples inspecção do forneiro experiente, metendo a mão no forno ou introduzindo neste um pequeno pedaço de massa, que deve ficar amarelada em cinco minutos. Enquanto se carrega o forno, e mesmo alguns minutos depois, deve-se deixar aberto o registo para permitir que se evolem a humidade e as poeiras.

O trabalho da fermentação da massa não tem cessado e esta, ao entrar no forno, deve ter atingido o duplo do seu primitivo volume.

No forno o pão duplica de volume decorridos 15 a 20 minutos.

Durante a fermentação o gás carbónico torna a massa porosa e aumenta-lhe o volume. Enformado o pão, o calor penetra-o até o centro e, matando o fermento, faz parar o trabalho da fermentação, mas o gás carbónico, já formado, aumenta de volume. O pão deve ficar com a sua côr característica no espaço de 15 a 20 minutos. Se o forno está excessivamente quente a côdea fica escura e consistente antes de ficar bem cozido o miolo, tornando-se assim o pão pesado e encontrando-se nele veios com aparência gomosa e largas cavidades.

39.º A formação da côdea é devida ao intenso calor e à secagem da parte exterior depois da tendadura; o glúten transforma-se numa espécie de goma resistente e

parte do amido numa substância mais solúvel, a dextrina. A cor amarelo-escura é devida à secagem e a uma transformação química denominada «caramelização». O miolo, próximo da côdea, suporta uma temperatura de 150° ou superior ainda; a temperatura diminui à medida que se aproxima do centro, onde raramente ultrapassa 94°, embora em termómetros de máxima se tenha registado 100 graus. Se a acção desta temperatura ou glúten adquire a consistência necessária para dar ao pão uma forma invariável e manter a sua estrutura celular, mesmo depois da desapareição do gás que a produziu, compreende-se, pois, como o miolo apresenta aspecto idêntico em todo o interior do pão, apesar da temperatura da cozedura variar da periferia para o centro.

40.° A duração da cozedura pode fixar-se em dez minutos por cada 2 centímetros de espessura do pão. É óbvio, pois, que os pães pequenos podem ser cozidos muito mais rapidamente em fornos muitos quentes, bem como a conveniência de não pôr a cozer, juntamente, senão pães de dimensões iguais.

41.° Para impedir que a côdea se forme com demasiada rapidez, costumam alguns industriais molhar a parte inferior do pão ou «lar» antes de enformá-lo ou ainda introduzir vapor de água no forno durante a cozedura.

Desejando-se que o pão apresente uma superfície brilhante, como no «pão vienense», basta molhá-lo logo à saída do forno.

Em casos especiais, pouco vulgares, aliás, em campanha para obter pães bem separados e conservando-se bem e ao mesmo tempo impedir uma formação de côdea demasiado rápida, pode-se untar o pão com banha de porco logo após a tendedura e ainda depois da saída do forno.

42.° *Enxugo*. — Quando o pão sai do forno a côdea apresenta-se seca e dura; quando bem cozido dá um som cavo quando percutido e o miolo é húmido e elástico.

Passadas horas uma parte da humidade do interior invade a côdea e amolece-a e a restante combina-se quimicamente com o miolo, dando-lhe uma aparência de secura. Quando o pão chega a este estado, isto é, passadas dezóito a vinte e quatro horas, diz-se que está enxuto, sendo essa a melhor ocasião para consumi-lo.

Para que o enxugo se faça bem, os pães, ao serem desenfornados, devem ser colocados em estantes ou prate-

leiras, deixando-se espaço entre uns e outros, a fim de permitir a livre circulação do ar.

43.º *Transporte do pão fabricado.*— Sempre que seja possível transportar-se há o pão coberto, a fim de preservá-lo das poeiras e das moscas que podem infectá-lo. O pão, em virtude da sua estrutura porosa, recebe facilmente germes de moléstias várias; convêm por isso transportá-lo em viaturas fechadas, ou, pelo menos, cobertas e com encerados bem limpos.

Alterações do pão

44.º O pão pode sofrer várias alterações provenientes de causas diversas que podem chegar a torná-lo impróprio para consumo.

As principais são as abaixo designadas.

45.º *Bolor.*— Vários bolores de côres diferentes podem atacar o pão. Êsses bolores são originados por esporos que flutuam no ar, desenvolvendo-se logo que encontram condições favoráveis de alimentação, de calor e de humidade. Podem desenvolver-se no interior ou no exterior do pão.

Nos países tropicais acontece algumas vezes que, pão recentemente cozido e transportado em viaturas cobertas com encerados, cobre-se de bolor em poucas horas; é isto devido a que a humidade do pão é retida pelo encerado e o bolor encontra assim condições ideais para o seu desenvolvimento.

O pão deve estar em livre comunicação com o ambiente durante o enxugo e ser depois colocado em local sêco e fresco.

46.º *Pão azêdo.*— A acidez no pão provém geralmente de fermentações ácidas que se produzem na massa. Estas fermentações são na maioria dos casos provocadas pela pouca limpeza dos utensílios e masseiras, em que os micro-organismos se podem desenvolver nas fendas da madeira, etc.

A acidez do pão pode ainda provir das fermentações acética e láctica que se produzem quando acaba a fermentação alcoólica, como no caso de excesso de preparo.

O pão pode também tornar-se ácido, ao fim dum certo tempo, devido ao contacto de micro-organismos existentes no ar.

CAPÍTULO IV

Alimentação e reabastecimento de pão durante as operações

47.º *Fornecimento de pão às tropas.*— Sempre que seja possível, o pão que entra na composição da ração normal de viveres será distribuído às tropas quer directamente pelas secções de padaria, quer por intermédio da secção automóvel de reabastecimento, que o recebe das referidas secções. O reabastecimento dos T. V. R. será feito com bolacha, recebida directamente dos depósitos de subsistências de *étapes*, ou por intermédio da secção automóvel de reabastecimento, conforme os casos.

Quando a secção automóvel de reabastecimento não possa distribuir directamente o pão às tropas, os T. V. R. distribuirão a bolacha das rações normais que transportam e reabastecer-se hão do pão da referida secção automóvel para efectuar a distribuição às tropas no dia seguinte. O reabastecimento assim indicado continuará enquanto a secção automóvel não possa efectuar a distribuição.

Na determinação do género — pão ou bolacha — a empregar na composição da ração ter-se hão em vista as existências de farinha e bolacha, devendo consumir-se, de preferência, este último género quando dêle haja grande quantidade ou se aproxime o limite teórico da sua duração.

48.º *Reabastecimento das secções de padaria.*— O reabastecimento das secções de padaria, em farinha e sal, efectua-se, sempre que seja possível e sem dependência de ordem especial, por exploração dos recursos locais.

No caso de insuficiência ou de falta de recursos locais esse reabastecimento será feito pelos depósitos de *étapes*, utilizando-se para isso o combóio da secção ou viaturas especialmente contratadas, para isso.

O combustível para aquecimento dos fornos, salvo caso excepcional, é sempre obtido por exploração local, para o que se utilizarão os auxiliares da secção.

CAPÍTULO V

Composição de rações, substituições

49.º *Composição das rações.*— As rações de pão serão de farinha de trigo extreme alva; o seu peso é o constante das tabelas I, II, III, IV e IV-A das instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização.

50.º *Substituições.*— Quando por falta absoluta de farinha ou de bolacha tenha de fazer-se uso de substituições, estas serão feitas segundo o determinado na tabela n.º 15 «Das substituições na ração normal de víveres» das I. S. S. (2.ª parte do regulamento de campanha), proporcionalmente e tendo em atenção a diferença de peso das rações de pão.

CAPÍTULO VI

Escrituração

51.º *Livros, mapas e impressos.*— Os livros, mapas e impressos que devem constituir o arquivo de cada secção de padaria são os que pelos regulamentos e instruções em vigor competem às unidades e formações administrativamente independentes e o registo do fabrico de pão, modelos n.ºs 21 e 22 das I. S. S. (2.ª parte do regulamento de campanha).

52.º *Registo de entrada e saída de géneros para panificação.*— Este registo escritura-se pela forma seguinte: lançar-se hão as entradas por requisições pondo nas observações os números destas. Balançar-se há o registo nos dias 10, 20 e último de cada mês; o balanço será feito somando as entradas e as saídas e achando as diferenças entre aquelas e estas e verificando se as existências em depósito condizem com as acusadas pelo registo. Dêste balanço (modelo n.º 1) será enviada cópia, no dia imediato aos acima indicados, à Repartição dos Serviços Administrativos da qual a secção directamente dependa.

53.º *Registo do fabrico de pão.*— Este registo escrever-se há por amassaduras, para o que se modificará a epígrafe que encima as três primeiras colunas do modelo constante das I. S. S. (2.ª parte do regulamento de campanha). Nos mesmos dias e referido às mesmas datas a que se aludiu ao tratar-se do modelo n.º 21 será enviado à Repartição dos Serviços Administrativos de quem a secção directamente dependa um boletim (modelo n.º 2) relativo ao movimento dêste registo.

54.º *Relação das rações de pão fornecidas.*— As secções de padaria enviarão mensalmente à Repartição dos Serviços Administrativos de *étapes*, até o dia 5 do mês imediato àquele a que se refiram, uma relação das rações de pão fornecidas às diferentes unidades e formações.

QUADROS

Secção de padaria

Pessoal, animal e viaturas
que fazem parte do seu completo (a)

| | Homens | | Solípedes | | Bois para tracção | Viaturas | |
|---|-----------|--------|-----------|---------|-------------------|---------------|-----------------|
| | Officiais | Praças | De sela | De tiro | | De duas rodas | De quatro rodas |
| Chefe da secção (subalerno do S. A. M.) | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Segundos sargentos | - | 2 | 2 | - | - | - | - |
| Primeiros cabos | - | 2 | - | - | - | - | - |
| Soldados montados | - | 1 | 1 | - | - | - | - |
| Padeiros e forneiros | - | 16 | - | - | - | - | - |
| Serventes de padaria | - | 8 | - | - | - | - | - |
| Auxiliares (indígenas) (b) | - | 12 | - | - | - | - | - |
| Carro de material | - | - | - | - | - | - | - |
| Combóio da secção | - | - | - | 4 | - | 1 | - |
| (c) | - | - | - | 4 | 40 | 1 | 2 |

(a) Estes números poderão ser alterados, consoante as circunstâncias.

(b) Em época de operações.

(c) Este número poderá ser aumentado em caso de necessidade.

Secção de padaria
Material, utensílios e artigos diversos
que constituem a sua carga

| Artigos | Quantidades |
|--|-------------|
| Armamento, munições e acessórios | |
| I — Armamento | |
| Pistolas de repetição | 3 |
| Espadas completas | 2 |
| Sabres-baionetas a/p completos. | — |
| II — Munições | |
| Cartuchos com bala para pistola | 72 |
| Equipamento individual e metais | |
| I — Equipamentos | |
| Equipamento n.º 1 para artilharia | 2 |
| Equipamento n.º 3 para infantaria | — |
| Equipamento n.º 2 para artilharia | 1 |
| Equipamentos regimentais, artigos e acessórios diversos | |
| I — Equipamentos regimentais | |
| 1.º Bandeiras, etc. | |
| Bandeira verde. | 1 |
| Lanterna com vidros verdes | 1 |
| Haste para bandeira ou lanterna | 1 |
| 2.º Material de bivaque | |
| Baldes para beber (M. K.) completos | 3 |
| Caldeiro de ferro para 40 praças | 1 |
| Coleções de utensílios de cozinha | 1 |
| 3.º Material de sapadores | |
| Colheres de pedreiro | 3 |
| Enxadas | 7 |
| Machadinhas com cabo | 4 |
| Machados com cabo | 2 |
| Moldes para adobes | 7 |

| Artigos | Quantidades |
|---|-------------|
| 4.º Viaturas | |
| Carros alentejanos | 2 |
| Carros <i>boers</i> | 2 |
| 5.º Material de subsistências | |
| Côstos de arame forrados de linhagem | 200 |
| Fôlhas de ferro para fornos | 5 |
| Masseiras desmontáveis | 7 |
| Pás de madeira para enfornar, com cabo | - |
| Pás de madeira para enfornar, sem cabo | 14 |
| Raspadeiras de ferro | 7 |
| 6.º Artigos diversos | |
| Bacia de ferro esmaltada ou zinco | 1 |
| Balança Roberval | 1 |
| Lanternas de acetilene | 7 |
| Lona para barracas padarias (peça de 30 metros) | 1 |
| Pucaros de ferro esmaltado (1 de 2 litros e 1 de 1 litro) | 2 |
| Pano cru para bragais (peça de 200 metros) | 1 |
| Termómetro | 1 |
| Arrelos e equipamentos para solípedes | |
| I — Arreios | |
| 1.º Arreios completos | |
| Arreios para cavalo O. | 1 |
| Arreios para cavalo P. | 3 |
| II — Equipamentos para solípedes | |
| 1.º Equipamentos completos | |
| Equipamentos para cavalo | 4 |
| Material sanitário | |
| Mochilas de pensos | 1 |
| Estojes de penso individual | - |
| Rações, taras e utensílios | |
| I — Rações | |
| Rações de reserva: | |
| Para homens | - |
| Para solípedes | - |

| Artigos | Quantidades |
|--|-------------|
| Viveres do T. R. : | |
| Para homens | - |
| Para solípedes | - |
| Viveres para trajecto em caminho de ferro: | |
| Para homens | - |
| Para solípedes | - |
| II — Taras e utensilios | |
| Caixa de material para distribuições nº907 Livros e artigos de expediente | |
| Cadernos de contabilidade em campanha (dotações) . . | 1 |
| Registos de correspondência (coleções). | 2 |
| Diário de rações | 1 |
| Registo das ordens | 1 |
| Registo da entrada e saída de géneros para panificação | 2 |
| Registo do fabrico de pão | 2 |
| Artigos de expediente (dotações) | 1 |
| Impressos (dotações) | 1 |

**Gratificações de trabalho
às praças das secções de padaria**

| Classes | Gratificação por dia útil de trabalho |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| Mestre de padaria. | \$60 |
| Contramestre de padaria. | \$40 |
| Padeiros de 1.ª classe | \$20 |
| Padeiros de 2.ª classe | \$16 |
| Padeiros de 3.ª classe | \$12 |
| Serventes de padaria | \$12 |

MODELOS

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS A ANGOLA — 1915

*Secção de padaria n.º ...*Balço dos géneros destinados à panificação
referido a ... de ... de 19...

ENTRADA

SAÍDA

| Data | | Farinha | | Sal | Combustível | | Data | | Farinha | | Sal | Combustível | |
|-------------|-----|---------|--|-----|-------------|--------|------|-----|---------|--|-----|-------------|-------|
| Mês | Dia | | | | Lenha | Carvão | Mês | Dia | | | | Carvão | Lenha |
| Do anterior | | | | | | | | | | | | | |
| Soma . . . | | | | | | | | | | | | | |
| Saído . . . | | | | | | | | | | | | | |
| Saldo . . . | | | | | | | | | | | | | |

Declaro que a existência em depósito confere com este saldo.

... de ... de 19...

O Chefe da Secção,

...

EXÉRCITO  PORTUGUÊS

FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS A ANGOLA — 1916

Secção de padaria n.º...

Boletim de fabrico n.º ...

De ... de ... a ... de ... de 19...

| | | | |
|---|---|---------------------------------|-----|
| Géneros entrados no fabrico. | } | Farinha | ... |
| | | Sal | ... |
| | | Água | ... |
| | | Combustível. | ... |
| Rações | } | Do antecedente | ... |
| | | Fabricadas | ... |
| | | Soma | ... |
| | | Distribuidas. | ... |
| | | Refugadas | ... |
| | | Que ficam em depósito | ... |

Percentagem (a) ...

..., ... de ... de 19...

O Chefe da Secção,

...

(a) A percentagem calcular-se há multiplicando o número de quilogramas de pão produzido por 100 e dividindo o produto pelo número de quilogramas de farinha empregada.

N.º 18-A

Propostas dos serviços administrativos

(Proposta n.º 1)

Ex.º Sr.—Pelo estudo a que procedi sobre o fornecimento de subsistências para as forças expedicionárias à província de Angola, baseado nos elementos fornecidos pela 5.ª Repartição da Direcção Geral das Colónias, cheguei às seguintes conclusões:

a) Têm sido fornecidas até hoje 877:125 rações de víveres;

b) Até o fim de Fevereiro corrente devem as forças consumir aproximadamente 531:080 rações;

c) No dia 1 de Março fica uma reserva de 346:037 rações ou sejam aproximadamente trinta e quatro dias de víveres;

d) Tem a 5.ª Repartição das Colónias, prontas a embarcar, 487:875 rações ou sejam cerca de quarenta e oito dias de víveres.

Segundo informa a mesma Repartição devem embarcar nos vapores de 16 e 19 do corrente 220:875 rações, correspondentes a vinte e dois dias de víveres, devendo as restantes 258:000 rações embarcar nos vapores de Março. Sendo assim, a primeira remessa (220:875 rações) só estará completa em Mossâmedes, aproximadamente, a 22 de Março, e a segunda (258:000) a 22 de Abril, o que me parece demasiado tarde.

Nestes termos proponho:

1.º Que a remessa de 478:875 rações que a 5.ª Repartição das Colónias tem pronta a embarcar siga rapidamente para Mossâmedes, devendo esta remessa efectuar-se ainda no corrente mês;

2.º Que nos vapores de passageiros, e não de carga, por serem muito morosos, a sair em Março, sejam enviados pelo menos sessenta dias de víveres normais e mais 20:000 rações de víveres de reserva, dividindo-se esta carga pelos três vapores;

3.º Que nos vapores dos meses seguintes sigam sempre em cada um dos meses quarenta dias de víveres, sendo vinte e cinco no dia 1 e quinze no dia 22;

4.º Que todo o fornecimento de víveres passe a ser feito por intermédio da Manutenção Militar, que se encarregará de o pôr a bordo devidamente acondicionado;

5.º Que a Empresa Nacional de Navegação reserve sempre a necessária tonelagem de arqueação para poderem effectuar-se os transportes acima referidos;

6.º Que sejam aprovadas as condições juntas relativas às embalagens dos géneros a enviar.

Julgo que assim ficará convenientemente assegurado o serviço de subsistências para a base de operações e, se esta proposta merecer a aprovação de S. Ex.ª o general comandante, peço que sejam tomadas as necessárias providências para a sua execução.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Francisco Segurado Achemann*, major.

Nota.—Esta proposta inicial foi substituída pela n.º 2 em vista das instruções dadas pelo Ex.º general comandante.

(Proposta n.º 2)

Para se fazer o abastecimento conforme as instruções do Ex.º general comandante, isto é, para que em 1 de Abril se possam dispor de quatro meses de víveres, em 1 de Maio de seis meses de víveres, torna-se necessário:

1.º Que sejam expedidas desde já para Mossâmedes as 478:875 rações que a 5.ª Repartição das Colónias tem prontas a embarcar;

2.º Que em Março e Abril sejam expedidas, em cada um dos meses, oitenta dias de víveres e oitenta dias de grão para solípedes;

3.º Que nos meses subseqüentes sejam enviados, em cada mês, trinta dias de víveres e trinta dias de grão para solípedes;

4.º Que no mês de Março sejam enviadas mais 20:000 rações de víveres de reserva;

5.º Que seja fretado um vapor, ou mesmo navio de vela, para transportar farinha de trigo da Argentina para Mossâmedes.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 3)

Proponho que sejam requisitados os seguintes artigos de farmamento:

| | |
|---|--------|
| Botas novo modelo | 30:000 |
| Calças de cotim para praças apeadas | 15:000 |

| | |
|---|--------|
| Calças de cotim para praças montadas. | 5:000 |
| Camisas | 10:000 |
| Ceroulas | 10:000 |
| Camisolas | 10:000 |
| Capotes para praças apeadas | 200 |
| Capotes para praças montadas | 50 |
| Dólmanes de serviço | 20:000 |
| Grevas, pares | .500 |
| Cobertores de lã | 500 |
| Chapéus capacetes | 500 |

Lisboa, Fevereiro de 1915. — O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

* Nota.— A requisição consequente desta proposta não foi satisfeita por completo.

A remessa dos artigos foi muito irregular e houve sempre falta de fardamento necessário para satisfazer às exigências do serviço.

(Proposta n.º 4)

Proponho que sejam requisitados os seguintes artigos à Inspeção dos Serviços Administrativos:

| | |
|--|-----|
| Maceiras desmontáveis | 12 |
| Cêstos metálicos para enformar pão. | 240 |
| Caixas n.º 1 do carro de material de subsistências, modelo 907 | 3 |
| Caixas n.º 2 do carro de material de subsistências, modelo 907 | 3 |
| Caixas n.º 3 do carro de material de subsistências, modelo 907 | 3 |
| Reposteiros de 2 ^m ,50×2 ^m , material de subsistências, modelo 907 | 3 |
| Ferramenta de utensílios complementares, idem (jogos) | 3 |
| Albardões com cangalhas, idem | 6 |
| Peias para bois, idem. | 20 |
| Caixa-cozinha Manfrede Woiss. | 1 |
| Caixas para distribuições, modelo 907 | 12 |
| Lona para barracas padarias (metros). | 100 |
| Bandeirolas rectangulares, verdes, de filele | 25 |
| Chapas de 2 ^m ×1 ^m de fólha de ferro n.º 13 | 18 |

Lisboa, 19 de Fevereiro do 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 5)

Em virtude do telegrama do Ex.^{mo} Governador Geral de 19 do corrente, proponho:

1.º Que nos meses de Março e Abril próximos sejam enviados em cada um dos meses 480:000 quilogramas de milho para rações de solípedes.

2.º Que nos meses subsequentes sejam enviados em cada um dos meses 180:000 quilogramas de milho para solípedes.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 6)

Proponho que o Conselho Administrativo do Quartel General seja dotado com um fundo permanente de 500\$, a exemplo do preceituado na disposição 7.^a do decreto de 9 de Março de 1906.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 7)

Fazendo parte actualmente de cada bateria de artilharia, bateria de metralhadoras e esquadrão de cavalaria um oficial subalterno de administração militar, como provisor, não se justificando a necessidade de tal entidade para tão pequenos effectivos, proponho:

1.º Que a cada batalhão de infantaria, grupo de esquadrões, grupo de baterias de artilharia, grupo de baterias de metralhadoras e quartel general do comando superior, seja destinado um subalterno do serviço de administração militar para provisor.

2.º Que todos os restantes officiaes do serviço de administração militar sejam postos à minha disposição a fim de os distribuir pelos diferentes serviços conforme julgar mais conveniente à boa organização dos mesmos serviços.

3.º Que o tenente do serviço de administração militar Magalhães Correia, que se acha em Loanda como provisor da bateria de artilharia de montanha, seja desde já posto à minha disposição, devendo seguir desde já para Mossamedes com o quartel general.

Loanda, 29 de Março de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 8)

Proponho que os serviços administrativos da coluna tenham a organização seguinte:

Direcção e serviços administrativos de primeira linha:

- a) Trens regimentais;
- b) Coluna de víveres;
- c) Rebanho de abastecimento;
- d) Secção de reabastecimento de água.

Serviços administrativos de segunda linha:

- a) Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*;
- b) Depósito de subsistências e fardamentos;
- c) Depósitos avançados;
- d) Parque de reabastecimentos;
- e) Parque de reses;
- f) Secções de padaria;
- g) Combóios de *étapes*;
- h) Depósito de base marítima e anexos;
- i) Pagadoria.

Direcção e serviços administrativos de primeira linha:

Direcção.—A direcção superior dos serviços administrativos é exercida no quartel general das forças em operações, sob a autoridade do comando superior, pelo chefe dos serviços administrativos da coluna e que desempenha cumulativamente funções de chefe dos serviços administrativos de primeira linha coadjuvado por três adjuntos, oficiais do S. A. M.

A superintendência técnica do chefe dos serviços administrativos da coluna e a sua secção fiscalizadora abrange todos os serviços administrativos de primeira e segunda linhas, competindo-lhe as atribuições indicadas nos n.ºs 71.º a 74.º das I. S. S. (2.ª parte do regulamento de campanha).

Trens regimentais.—Os trens regimentais dividem-se em dois escalões: trem de víveres e trem de bagagens.

O trem de víveres tem as funções indicadas no n.º 33.º das I. S. S. e transporta um dia de víveres normais, um dia de grão para solípedes e um dia de víveres de reserva.

Os trens regimentais são dirigidos pelos oficiais provisores, sendo cada escalão comandado por um vague mestre.

Coluna de víveres.—A coluna de víveres transporta um dia de víveres normais e um de grão para solípedes; será comandada por um subalerno da S. A. M.

Rebanho de abastecimento.—Tem a dotação de dois dias de carne em gado bovino para abater e divide-se em dois escalões. Normalmente um escalão marcha com os trens regimentais e o outro onde fôr julgado mais conveniente.

Terá por chefe um subalerno do S. A. M.

Secção de reabastecimento de água—Tem por missão efectuar o reabastecimento de água das tropas na zona de operações sempre que as unidades não possam obtê-la nos locais de estacionamento ou nas suas proximidades; fracciona-se tanto quanto seja necessário a fim de efectuar o mais prontamente possível o reabastecimento das unidades.

O serviço desta secção será dirigido por um oficial do S. A. M.

Serviços administrativos de 2.^a linha

Repartição dos Serviços Administrativos.—Tem a seu cargo o serviço de subsistências e fardamento de 2.^a linha e o serviço de contabilidade e fiscalização de toda a coluna.

Divide-se em duas secções: 1.^a, subsistências e fardamento e a 2.^a contabilidade e fiscalização, e competem-lhe as atribuições indicadas no n.º 60 das I. S. S., e na parte respeitante a contabilidade e fiscalização mais as consignadas à 2.^a secção dos serviços administrativos de *étapes*, a que competem as atribuições indicadas no n.º 58.º do R. E., sendo coadjuvado por quatro adjuntos, subalternos do S. A. M. e da administração naval.

Depósito de subsistências e fardamento.—Este depósito será estabelecido no Lubango e funciona como regulador, abastecendo os depósitos avançados, parque de reabastecimento, ou directamente as forças em operações. Terá por chefe um oficial do S. A. M. coadjuvado por um oficial subalerno.

Depósitos avançados.—Nos postos principais que as circunstâncias aconselharem serão constituídos depósitos avançados como determina o n.º 61.º do regulamento de *étapes*.

Cada depósito avançado terá por chefe um oficial, sendo possível do S. A. M., coadjuvado pelo pessoal indispensável.

O depósito da T. E. E. terá por chefe um oficial do S. A. M. e como adjuntos os oficiais necessários para comandarem as secções do parque de reabastecimento.

Nos postos de *étapes* haverá pequenos postos de subsistências para as tropas ali em serviço e em trânsito.

Parque de reabastecimento.—Estaciona junto da T. E. E., tendo por fim o indicado no n.º 67.º das I. S. S. Terá tantas secções quantos os dias necessários para ser deslocada a T. E. E., sem prejudicar o reabastecimento das forças em operações. Cada secção compreenderá um dia de víveres normais, grão para solípedes e gado para abater.

Parques de reses.—Serão constituídos na T. E. E. e nos locais onde as circunstâncias o aconselharem, com a dotação que oportunamente fôr determinada, devendo a do parque da T. E. E. ter tantos dias de carne quantas as secções do parte de reabastecimento. Cada parque de reses terá por chefe um subalerno do S. A. M.

Secções de padaria.—Funcionam na T. E. E. e nos locais que oportunamente forem indicados.

A dotação em pessoal e material de cada secção será a necessária para o fabrico de um dia de pão para todo o efectivo de europeus da coluna. Cada secção de padaria terá por chefe um subalerno do S. A. M.

Combóios de «étapes».—Os transportes de subsistências e fardamento na linha de *étapes* subordinar-se hão ao preceituado no n.º 123.º do R. E.

Secções automóveis.—No caso de ser possível organizar-se uma ou mais secções automóveis para o serviço de subsistências de 1.ª linha, serão suprimidas a secção da coluna de víveres e as secções de parque de reabastecimento que forem julgadas dispensáveis.

Depósito da base marítima e depósitos anexos.—Todos os aprovisionamentos que, vindos por via marítima, se destinem às forças em operações, são desembarcados nesta estação e aí devidamente armazenados para com elles se organizarem as remessas destinadas ao depósito de subsistências e fardamento. Este depósito terá por chefe um capitão do serviço de administração militar e quatro adjuntos oficiais, sendo possível do S. A. M.

Os abastecimentos transportados no caminho de ferro serão descarregados e armazenados no primeiro depósito anexo para serem remetidos com a possível brevidade para o anexo da Quilemba.

Dêste depósito seguirão para o depósito de subsistências e fardamento.

Pagadoria.— Para todo o serviço da coluna haverá uma pagadoria funcionando normalmente junto da Repartição dos Serviços Administrativos de *Étapes*. A pagadoria compete o determinado no n.º 103.º do R. E. e no n.º 108.º das I. S. Q. G. Terá por chefe um oficial do serviço de administração militar.

O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achermann*, major.

(Proposta n.º 9)

Dizendo o govêrno do distrito da Lunda, na sua nota n.º 765, de 13 do corrente, dirigida ao quartel general da província, que até o mês de Maio próximo futuro pode dispor dos seguintes abastecimentos:

| | Toneladas |
|-------------------------------|-----------|
| Feijão da província | 60 |
| Fuba | 500 |
| Milho | 160 |
| Batata doce | 60 |

Proponho:

1.º Que se determine ao supramencionado govêrno que assegure este fornecimento e o faça expedir para Loanda, a fim de seguir para Mossâmedes à medida que houver oportunidade.

2.º Que em Loanda sejam estes abastecimentos convenientemente armazenados, havendo com êles o necessário cuidado para a sua boa guarda e conservação.

3.º Que, quando fôr julgado necessário e conveniente, o quartel general da província contrate barcos à vela para transporte de material e subsistências de Loanda para Mossâmedes. Estes contratos devem ser feitos por tonelagem da carga a transportar.

O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achermann*, major.

(Proposta n.º 10)

Proponho que às praças das companhias de subsistências estacionadas nesta localidade seja ministrada instrução, especialmente técnica, por dois oficiais do serviço de administração militar, por mim nomeados e sob a minha superintendência, enquanto as mesmas praças não receberem o devido destino.

Mais proponho que, para facilidade de execução desta

proposta, todas as praças pertencentes às companhias de subsistências sejam adidas à mesma unidade.

O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 11)

Atendendo a que não há uniformidade na alimentação das tropas, e que convém regular este assunto;

Havendo no depósito de subsistências de Mossamedes géneros que, pela sua demora nesta localidade e falta de armazéns, se estão deteriorando e perdendo;

Sendo os pedidos de abastecimentos feitos na metrópole para o efectivo total da expedição:

Proponho:

1.º Que sejam adoptadas e publicadas as tabelas juntas.

2.º Que as unidades estacionadas em Mossamedes requisitem ao referido depósito os géneros de que careçam para o seu consumo, tendo em atenção o seguinte:

a) As unidades deverão formular as suas requisições de forma que o fornecimento seja sempre em volumes completos, entregando no fim do estacionamento os géneros que excederem;

b) Deixarão de ser fornecidos os géneros cujas dotações se queiram conservar completas, o que será indicado ao chefe do depósito;

c) Aos oficiais provisórios compete receber os géneros do depósito em globo para a sua unidade e fazer as distribuições às unidades inferiores.

Mais proponho que sejam entregues ao serviço de saúde de *étapes* todos os medicamentos e que, economia da Fazenda, cesse o fornecimento, pelas farmácias locais, de medicamentos que possua o depósito do referido serviço.

O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 12)

Estando nos postos de Capelongo, Cassinga e Mulondo, tropas com o efectivo de 275 europeus, 252 indígenas e 3 solípedes;

Existindo em Caconda, mais próximo do posto de Capelongo do que este posto fica do Lubango, cerca de 33 toneladas de géneros adquiridos para consumo das forças expedicionárias.

Encontrando-se no Huambo um official de serviço de administração militar que deve recolher ao serviço de *étapes*;

Informando a Secretaria Militar do distrito de Benguela haver, entre o Huambo e Quilengues, 39 carros boers;

Sendo certo que muito convém reduzir o mais possível o consumo dos géneros que pelo caminho de ferro de Mossamedes estão sendo transportados para o planalto:

Proponho:

Que o official do serviço de administração militar referido seja encarregado de proceder ao contrato dos precisos carros boers e fazer transportar os géneros existentes no depósito de Caconda para os depósitos de Capelongo, Cassinga e Mulondo.

Mossamedes, 14 de Abril de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 13)

Para assegurar o reabastecimento das tropas que devem operar no distrito da Huila;

Verificando, no mapa da força, referido a 29 do antecedente, que se encontram no distrito da Huila 191 officiais, 4:875 praças europeias, 1:054 praças indígenas, 3:540 carregadores e 955 solípedes, e que, com a percentagem calculada indispensável para quebras e erros ou mudança nos efectivos, perfaz um total de 6:079 europeus, 5:512 indígenas e 1:146 solípedes, e que para o abastecimento destas forças são precisas subsistências com um peso bruto de 24 toneladas;

Sendo informado de que, nestes últimos onze dias, o caminho de ferro de Mossamedes não tem transportado, em média, mais de 21 toneladas de subsistências por dia, e que, a não ser aumentada a tonelagem de transporte, deve ter como resultado que as forças estacionadas no distrito da Huila venham a sofrer privações;

Sendo certo que se torna necessário assegurar o reabastecimento das tropas actualmente estacionadas em Mossamedes que tenham de marchar para aquele distrito;

Existindo nos depósitos que, para abastecer forças expedicionárias, se constituíram em Benguela cerca de

130 toneladas de víveres, 250 de grão para solípedes, e 850 quilogramas de carbureto e, verificando pelos reconhecimentos a que mandei proceder, podem os comerciantes de Benguela fornecer os recursos em quantidade suficiente;

Podendo os carros boers fazer o transporte entre as estações da Ganda ou Huambo, no caminho de ferro de Benguela à Chibia, no prazo de vinte dias;

Cumprindo-me pelo disposto no n.º 108.º das instruções para o serviço dos quartéis gerais em campanha, n.º 25.º e n.º 234.º do regulamento de campanha (1.ª parte), conjugados com o n.º 122.º das instruções para o serviço de subsistências do mesmo regulamento, propor e tomar as providências para que, por todas as formas, seja assegurada a alimentação das tropas expedicionárias :

Proponho, como providências imediatas :

a) Que o caminho de ferro de Mossâmedes transporte diariamente um mínimo de 30 toneladas de subsistências;

b) Que sejam tomadas as providências necessárias para colocar no distrito da Huila, pela via Benguela-Huambo-Chibia, quinze dias pelo menos de víveres e de grão para solípedes para alimentação do efectivo total das tropas expedicionárias, antes que as tropas estacionadas em Mossâmedes iniciem a sua marcha para o planalto. Mossâmedes, 14 de Abril de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 14)

Sendo conveniente que toda a escrituração e contabilidade das unidades expedicionárias se faça com método e de modo uniforme, e que se reúnam num diploma único as determinações dispersas por diferentes regulamentos e disposições :

Proponho que na colúna de operações ao sul de Angola sejam postas em execução as instruções juntas o que, no caso de S. Ex.ª o general as aprovar, seja autorizada a sua impressão.

Mossâmedes, 26 de Abril de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 15)

Atendendo a que se encontram actualmente em Mossâmedes 4 cabos e 82 soldados das tropas de equipa-

gens, que estão sem receber instrução da sua especialidade;

Atendendo a que essas praças são na sua quasi totalidade destinadas às formações administrativas das forças em operações;

Atendendo a que provavelmente as viaturas dessas formações serão quasi todas do sistema alentejano, que quasi nenhuma das referidas praças sabe guiar, visto serem quasi todas do norte de Portugal;

Atendendo ainda a que se encontra nesta cidade uma secção de transportes com carros do sistema alentejano:

Proponho que todas as praças da companhia de equipagens que não estejam impedidas como tratadores de cavalos de oficiais sejam mandadas praticar na secção de transportes em Mossamedes, na condução de carros do sistema alentejano.

Mossamedes, 28 de Abril de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

Disposições especiais

A alimentação de oficiais e praças será em regra fornecida em género.

Quando em estacionamento prolongado, em localidades com recursos, os oficiais e sargentos constituirão ranchos ou messes, podendo despende os primeiros até 1\$20, e os segundos até \$90 com a alimentação diária, correndo nestes casos a despesa com a aquisição de utensílios de cozinha e de mesa por conta dos arranchados. Este material será entregue nos depósitos do Estado quando se dissolverem as messes ou ranchos.

Aos oficiais e sargentos isolados, ou quando por qualquer motivo não se possam constituir messes ou ranchos, será permitido o alimentarem-se em hotéis, mediante contrato sumário entre os proprietários destes e um delegado do chefe dos serviços administrativos de *étapes* ou comandantes das unidades respectivas, não podendo as importâncias diárias a pagar aos hoteleiros ser superiores às acima indicadas.

A despesa da alimentação será, segundo os casos, documentada com as contas dos hotéis ou com recibo dos fornecedores dos ranchos ou messes, e enviadas a processo por intermédio dos conselhos administrativos ou eventuais, por lançamento na conta corrente mensal.

Nas mesmas condições de estacionamento prolongado,

o Estado procurará, quanto possível, alugar casas com a mobília indispensável para alojamento de oficiais e sargentos.

Quando isso não seja possível, poderá ser abonada até a quantia de \$60 diários pelo alojamento de cada oficial em hotéis ou em casas particulares, onde por êsse serviço seja exigida remuneração.

As contas de despesa com alojamento serão prestadas de forma idêntica à da alimentação e submetidas a processo por intermédio dos conselhos administrativos ou eventuais.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

TABELA I

Em estabelecimento

| Ração normal | Gramas | 1. ^a substituição | Gramas | 2. ^a substituição | Gramas |
|---------------------------------|--------|------------------------------|--------|------------------------------|--------|
| Café | 15 | Chocolate com açúcar | 30 | Café com açúcar | 45 |
| Açúcar | 30 | Bolacha | 400 | | |
| Pão | 500 | Chouriço | 360 | Bacalhau | 250 |
| Carne (pêso com osso) | 600 | Arroz | 300 | | |
| Legumos secos | 500 | Banha | 40 | Azeite | 20 |
| Massa | 300 | | | | |
| Toucinho | 30 | | | | |
| Azeite | 40 | | | | |
| Sal | 40 | | | | |
| Cebolas | 10 | | | | |
| Vinagre | 40 | | | | |
| Pimento | 2 | | | | |
| Vinho | 0,4 | | | | |

A divisão dos gêneros para a 2.^a e 3.^a refeições fica ao critério dos comandantes das unidades, de forma que não sejam excedidas as quantidades indicadas nesta tabela.

Quando as unidades se alimentem pelos recursos locais ou quando convenha aproveitar parte dêstes recursos poderão ser feitas as substituições segundo o previsto na tabela n.º 15 das instruções para o serviço de subsistências do regulamento de campanha.

Quando inesperadamente se receba ordem de marcha, distribui-se para a 2.^a refeição do 1.º dia de marcha uma ração de chouriço ou latas de conserva com o pêso indicado na tabela III.

TABELA II
Rações de viveres

| Ração normal | Gramas | Substituição | Gramas | | |
|---------------------------|--------|-------------------------|--------|-----------------|----|
| Café | 15 | Chocolate com açúcar. . | 30 | | |
| Açúcar. | 30 | Bolacha | 400 | | |
| Pão | 500 | | | | |
| Carne (pêso com osso) . . | 650 | Arroz | 150 | | |
| Legumes secos | 230 | | | | |
| Massa | 150 | | | | |
| Toucinho | 20 | | | Banha | 25 |
| Azeite | 25 | | | | |
| Sal | 25 | | | | |
| Cebolas | 5 | | | | |
| Vinagre | 20 | | | | |
| Pimento | 1 | | | | |
| Vinho (a) | 0,4 | | | | |

(a) Quando possível.

Em marcha e operações o rancho será cozinhado uma só vez por dia, reservando-se para a 2.^a refeição do dia seguinte parte da carne. Quando não seja possível cozinhar o rancho, empregar-se-ão as rações de reserva ou os ranchos confeccionados, quer umas, quer outros só poderão ser consumidos por ordem expressa do comando.

TABELA III

| Ração normal | Gramas | 1. ^a substituição | Gramas | 2. ^a substituição | Gramas |
|-----------------|--------|------------------------------|--------|------------------------------|--------|
| Carne | 400 | Chouriço . . | 250 | Carne com legumes . . | 500 |
| Atum | 250 | Sardinha . . | 250 | Conserva de carne . . . | 250 |

TABELA IV

Ração para o trajecto em caminho de ferro
e acidentalmente de reserva

| Géneros | Grammas | |
|------------------------------|---------|---------------------|
| Pão | 500 | } Por praça. |
| ou bolacha | 400 | |
| Conserva de carne ou peixe | 250 | } Para duas praças. |
| Rancho confeccionado | 1.000 | |
| Vinho | 0,4 | |

TABELA V

Ração de desembarque

| Géneros | Grammas |
|---------------------------|---------|
| Café | 15 |
| Açúcar | 30 |
| Pão | 500 |
| ou bolacha | 400 |
| Legumes secos | 280 |
| Massa ou arroz | 150 |
| Toucinho | 120 |
| Azeite ou banha | 25 |
| Sal | 25 |
| Vinagre | 20 |
| Pimento | 1 |

Forragens

Ração de forragens — grão. 5 quilogramas

Disposições

As tropas transportarão consigo duas rações de víveres de desembarque. O depósito da estação *terminus* do caminho de ferro distribuirá para completar a ração de desembarque:

Por cada oficial ou praça — carne (pêso com osso) 650 gramas; vinho, 0,4.

Por cada solípede, todas as vezes que seja possível — palha ou capim, 5 quilogramas.

(Proposta n.º 10-A)

Tendo sido notificado a S. Ex.^a o governador do distrito da Lunda para ter à disposição 160 toneladas de milho e 60 toneladas de batata doce: proponho que seja suspensa a aquisição destes géneros, em virtude da aquisição feita pelo Ministro das Colónias conforme telegrama de 17 do corrente relativamente ao milho, e quanto à batata pela sua fácil deterioração.

Mossâmedes, 10 de Abril de 1915. — O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 16)

Atendendo a que está prevista na proposta para organização dos serviços administrativos das forças expedicionárias a criação de secções de padaria, e parque de reses;

Atendendo a que as praças da companhia de subsistências se acham já divididas em dois grupos pelas especialidades de padeiros e magarefes, para efeitos de instrução, devendo começar oportunamente a trabalhar no fabrico de pão e abate de gado;

Atendendo a que se torna indispensável, para que a disciplina e a preparação técnica das praças da companhia de subsistências nada deixem a desejar, que os seus instrutores e naturais chefes tenham sobre elas a indispensável acção administrativa e disciplinar: proponho:

1.º Que se organizem desde já, como formações administrativas da 1.^a linha, a secção de padaria n.º 1 e parque de reses n.º 1;

2.º Que façam parte dessas formações as praças da companhia de subsistências, fazendo parte da coluna que hajam tido respectivamente a instrução de padeiros e a de magarefes;

3.º Que sejam nomeados chefes, respectivamente, da secção de padaria n.º 1 e do parque de reses n.º 1 os tenentes do S. A. M., Alcide de Oliveira e António Álvaro dos Santos Pereira.

Mossâmedes, 11 de Maio de 1915. — O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 17)

Em virtude da comunicação que me foi feita pelo adjunto desta Repartição, tenente do serviço de administração militar, José Ribeiro da Costa Júnior; e

Atendendo a que o pão para consumo das tropas estacionadas no Lubango está sendo fornecido por padarias particulares ao preço de 506 cada quilograma, fornecendo ainda o Estado a farinha, o que, para o consumo médio actual de 800 quilogramas representa um encargo para a Fazenda de 485 diários;

Tendo sido presentes ao adjunto várias propostas, das quais a mais vantajosa é a da firma J. Teixeira Soares & Comandita, que aluga por 105 diários os seus fornos, com capacidade de produção superior a 1:000 quilogramas diários, todo o material e utensílios correspondentes, a lenha e luz necessárias, cedendo, ainda, um depósito onde podem armazenar-se a farinha e sal para o fabrico durante o mês;

Atendendo a que se encontra ao serviço das forças em operações o capitão quartel-mestre, reformado, do quadro occidental, Francisco Sobral, que tem prática do serviço de panificação;

Atendendo a que o Estado pode economizar desde já mais de 305 diários, e que não há actualmente contrato para fornecimento de pão às tropas estacionadas no Lubango; e, finalmente,

Atendendo a que é de toda a vantagem organizar desde já a 2.^a secção de padaria, para com os fornos que estão sendo reparados no quartel dos dragões e outros que ali se podem constituir ou alugar no Lubango fabricar todo o pão de que ali se necessite, proponho:

1.^o Que o capitão quartel-mestre, reformado, do quadro occidental, Francisco Sobral, seja encarregado, como meu delegado, de entender-se com o representante da firma J. Teixeira Soares & Comandita, no sentido de tomar de arrendamento para o Estado, conforme a proposta desta firma, os fornos, material, instalações e utensílios necessários ao fabrico de pão, e proceder ao respectivo inventário;

2.^o Que ao mesmo capitão quartel-mestre sejam mandadas apresentar as praças de infantaria n.^o 16, que tenham o officio de padeiro, a fim de serem impedidas no serviço de panificação, emquanto ali se não apresentarem as das companhias de subsistências que estão em Mossamedes;

3.^o Que o referido official requirite ao depósito de subsistências do posto de *étapes* a farinha e sal necessários;

4.^o Que logo que funcione a secção de padarias assim

constituída cesse o fabrico de pão pelas padarias particulares, para as forças estacionadas no Lubango;

5.º Que as unidades e estabelecimentos militares no Lubango requisitem, diariamente, ao chefe de secção de padaria as rações de pão necessárias para o dia imediato.

Mossâmedes, 11 de Maio de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 18)

Atendendo a que está prevista na proposta para a organização dos serviços administrativos das forças expedicionárias a criação de secção de padaria;

Atendendo a que começará brevemente na vila Sá da Bandeira o fabrico de pão pelos serviços administrativos;

Atendendo a que é indispensável para assegurar esse fabrico, bem como para regularidade da contabilidade e escrituração que dêle resultam, que estejam a cargo de uma formação administrativa e disciplinar sobre as praças: proponho:

1.º Que se organize, desde já, na vila Sá da Bandeira (Lubango), como formação administrativa de 1.ª linha, a secção de padaria n.º 2;

2.º Que façam parte dessa secção as praças das companhias de subsistências que estejam naquela vila e na Chibia, e bem assim, provisoriamente, as praças do 3.º batalhão de infantaria n.º 16 que tenham a profissão de padeiros e de forneiros;

3.º Que seja nomeado, provisoriamente, chefe da secção o capitão quartel-mestre, reformado, do quadro occidental, Francisco Sobral.

Mossâmedes, 11 de Maio de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 19)

Em virtude do que foi proposto pelo chefe dos serviços administrativos de *étapes* e da informação do serviço veterinário;

Atendendo a que havia em 30 de Abril, no depósito de Mossâmedes, mais de 67 toneladas de bôlo alimentar para solípedes, e que tendo-se descarregado mais quan-

tidades do vapor *Zaire*, o aprovisionamento desse genero excederá actualmente 100 toneladas;

Atendendo a que é da máxima urgência a distribuição às unidades estacionadas em Mossâmedes de bôlo alimentar, não só para habituar os solípedes a êsse alimento, mas também para evitar que, devido à prolongada exposição ao sol e ao cacimbo, tal género se estrague em grande quantidade: proponho:

1.º Que se dêem as convenientes ordens para que às unidades estacionadas em Mossâmedes seja fornecido bôlo alimentar para os solípedes, devendo começar o fornecimento pelo mais antigo que houver em depósito;

2.º Que se providencie para que as unidades acima referidas arraçom de bôlo alimentar os solípedes, durante vinte dias consecutivos, na razão de 1 quilograma diário por cabeça, isto como complemento da ração de marcha que actualmente se lhes distribui.

Mossâmedes, 13 de Maio de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 20)

Tendo terminado a instrução de padeiro e forneiro das praças das companhias de subsistências, fazendo parte dos efectivos expedicionários, e achando-se organizada e em elaboração a secção da padaria n.º 1;

Atendendo a que as praças que prestam serviço na aludida secção têm um trabalho bastante violento, visto a elaboração ter de ser contínua, a fim de poder dar o rendimento superior para as fôrças estacionadas em Mossâmedes, tendo-se organizado dois turnos, sendo um para trabalhar de dia e outro de noite;

Atendendo a que estas praças, quando em serviço na Manutenção Militar, além de todos os seus vencimentos ordinários, tinham uma gratificação especial, que era variável segundo o trabalho produzido ou fixa, conforme trabalhavam na sede ou nas sucursais do referido estabelecimento;

Atendendo a que algumas destas praças estão na coluna com vencimentos inferiores aos que percebiam na metrópole, visto que na sede da Manutenção Militar, onde faziam serviço os padeiros, tiram em média, gratificações de trabalho superior a \$30 diários;

Atendendo a que o fabrico de pão pelas praças da coluna traz incontestáveis vantagens para a alimentação

das forças e economia para a Fazenda, que pode ser computada em importância superior a \$03 por cada quilograma de pão fabricado:

Proponho que às praças que prestam serviço na secção de padaria sejam abonadas as seguintes gratificações, que são as mesmas que a Manutenção Militar paga nas suas sucursais:

- Mestre de padaria, \$60;
- Contramestre, \$40;
- Padeiros de 1.^a classe, \$20;
- Padeiros de 2.^a classe, \$16;
- Padeiros de 3.^a classe, \$12.

Mossâmedes, 17 de Maio de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 21)

Sendo de urgente necessidade fazer com que o funcionamento dos serviços de subsistências satisfaça às actuais necessidades das forças expedicionárias e convindo fixar diversas medidas tendentes a regular a constituição, conservação e renovação dos diferentes aprovisionamentos, bem como a assegurar a alimentação das tropas e abastecimento dos depósitos de víveres nas diferentes linhas: proponho:

1.º Adoptar-se há a seguinte classificação para os géneros constitutivos das rações:

- a) Rações normais (R. N.);
- b) Rações de reserva (R. R.);
- c) Rações para indígenas (R. I.);
- d) Rações de forragens (R. F.);
- e) Dietas e rações para oficiais (D. e R. O).

2.º São as seguintes, provisoriamente, as diferentes dotações a reunir nos diferentes depósitos de *étapes*:

Estações normais e grão para solípedes

Mossâmedes, 60 dotações, para:

- 3:500 europeus—210:000 R. N.
- 2:000 solípedes—120:000 R. F.

Vila Arriaga:

- 2:900 indígenas—174:000 R. I.

Lubango, 30 dotações, para:

2:800 europeus — 84:000 R. N.
500 indígenas — 15:000 R. I.
400 solípedes — 12:000 R. F.

Chibia, 30 dotações, para:

1:500 europeus — 45:000 R. N.
100 indígenas — 3:000 R. I.
400 solípedes — 12:000 R. F.

(Proposta n.º 21)

Sendo de urgente necessidade fazer com que o funcionamento dos serviços de subsistências satisfaça às actuaes necessidades das forças expedicionárias, e convindo fixar diversas medidas tendentes a regular a constituição, conservação e renovação dos diferentes aprovisionamentos, bem como a assegurar a alimentação das tropas e abastecimentos dos depósitos de viveres nas diferentes linhas:

Proponho:

1.º Adoptar-se há a seguinte classificação para os géneros constitutivos das rações:

- a) Rações normais (R. N.);
- b) Rações de reserva (R. R.);
- c) Rações para indígenas (R. I.);
- d) Rações de forragens (R. F.);
- e) Dietas e rações para officiaes (D. R. O.).

2.º São as seguintes, provisóriamente, as diferentes dotações a reunir nos diferentes depósitos de *étapes*:

Rações normais e grão para solípedes

Mossâmedes, 60 dotações para:

3:500 europeus — 210:000 R. N.
2:000 solípedes — 120:000 R. F.

Vila Arriaga, 2:900 indígenas — 174:000 R. I.

Lubango, 30 dotações para:

2:800 europeus — 84:000 R. N.
500 indígenas — 15:000 R. I.
400 solípedes — 12:000 R. F.

Chibia, 30 dotações para:

1:500 europeus — 45:000 R. N.

100 indígenas — 3:000 R. I.

400 solípedes — 12:000 R. F.

Gambos, 60 dotações para:

3:300 europeus — 198:000 R. N.

600 indígenas — 36:000 R. I.

700 solípedes — 42:000 R. F.

Rações de reserva

Mossâmedes, 25 dotações para 3:500 homens — 87:500 R. R.

Lubango, 10 dotações para 2:800 homens — 28:000 R. R.

Chibia, 10 dotações para 1:500 homens — 15:000 R. R.

Gambos, 10 dotações para 3:300 homens — 33:000 R. R.

3.º A ração de reserva terá a seguinte composição:

Café, 15 gramas.

Açúcar, 30 gramas.

Bolacha, 400 gramas.

Conserva de carne com legumes (uma lata), 500 gramas.

Ou conserva de carne ou peixe (uma lata), 250 gramas.

Rancho confeccionado (para dois homens) (uma lata), 1:000 gramas.

4.º Tomar-se hão, desde já, as providências necessárias para regular o abastecimento dos diferentes depósitos, a fim de se completarem as dotações fixadas no n.º 11.

5.º Fixar-se hão, sem demora, as dotações de viveres que os diferentes postos de *étapes* devam ter além do necessário para as respectivas guarnições.

6.º Far-se hão seguir para o distrito da Hufla, com a possível brevidade, os géneros existentes no depósito de viveres de Mossâmedes que excedam a dotação fixada no n.º 11.

7.º Os géneros actualmente existentes no depósito de P. P. E. da Quihita serão mandados seguir imediatamente para os Gambos.

8.º Fica expressamente proibido aos depósitos de ví-

veres o fornecerem géneros constitutivos das rações de reserva, salvo a oficiais e praças que tenham marchas isoladas, e, eventualmente, a destacamentos, quando a duração do *étape* exceda um dia e não disponham de material de confecção do rancho em marcha.

9.º A bolacha excedente das rações de reserva considerar-se há no cômputo do número das rações normais como substituindo o pão.

10.º Tomar-se hão as providências necessárias para se proceder imediatamente à moagem de todo o trigo que ainda exista no Lubango, Humpata, Huila e Chibia.

11.º Dar-se hão as ordens necessárias para se fazer a torrefacção do café existente nos diferentes depósitos.

12.º O «massango» que há nos depósitos do Lubango, Chibia e Gambos destinar-se há a rações para indígenas.

13.º Proceder-se há rapidamente à lotação de todos os géneros constitutivos da ração de forragem actualmente armazenados nos diferentes depósitos.

14.º Os diversos depósitos enviarão diariamente à Repartição dos Serviços Administrativos do Quartel General do Comandó Superior um boletim telegráfico dos respectivos movimentos de rações, a fim de naquela repartição se manter, constantemente em dia, a agenda dos abastecimentos.

Mossâmedes, 18 de Maio de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 22)

Sendo conveniente regulamentar e dar uniformidade aos serviços das secções de padarias das forças expediçionárias, tanto sob o ponto de vista técnico como sob o ponto de vista da administração geral das forças e das relações das secções referidas, com as diferentes unidades e formações, e nada havendo ainda regulado sobre o assunto: proponho que nas forças em operações em Angola sejam postas em execução as instruções juntas e que, no caso de S. Ex.^a o general comandante as aprovar, seja autorizada a sua impressão.

Mossâmedes, 27 de Maio de 1915.— O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 23)

Sendo conveniente regulamentar e dar uniformidade aos serviços dos rebanhos de abastecimentos e parques

de reses, sob o ponto de vista da administração geral das forças e das relações dessas formações com as unidades e com as outras formações, e nada havendo ainda regulado sobre o assunto: proponho que nas forças em operações em Angola sejam postas em execução as instruções juntas o que, no caso de S. Ex.^a o general comandante as aprovar, seja autorizada a sua impressão.

Mossâmedes, 15 de Junho de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 24)

Atendendo a que está prevista na organização dos serviços administrativos das forças expedicionárias a criação de um rebanho de abastecimento, proponho:

1.º Que se organize desde já, como formação administrativa de 1.ª linha, o rebanho de abastecimento;

2.º Que seja nomeado chefe dessa formação, acumulando com o cargo que provisoriamente exerce, o chefe do parque de reses n.º 1;

3.º Que tenham passagem ao rebanho de abastecimento o pessoal e animal do parque de reses n.º 1, necessários para completar o efectivo daquela formação, em harmonia com o quadros fixados nas instruções para o serviço do rebanho de abastecimento e parque de reses.

Mossâmedes, 19 de Junho de 1915.—O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 25)

Proponho:

1.º Que às unidades e formações de 1.ª linha, que vão entrar em operações, seja recomendado que devem requisitar aos depósitos de subsistências das T. E. E. as precisas rações de víveres de reserva para ser distribuída e transportada uma por cada oficial ou praça;

2.º Que às mesmas unidades e formações sejam transmitidas as instruções juntas, a fim de serem lidas a todas as praças;

3.º Que a cada uma das referidas unidades seja distribuída uma ração de víveres de reserva, para efeito das mencionadas instruções.

Mossâmedes, 20 de Junho de 1915.—Na ausência do Chefe, o Adjunto mais graduado, *Amadeu D. Vieira de Castro*, capitão.

Instruções

1.^a A alimentação com víveres de reserva é apenas para os casos extraordinários que as circunstâncias da guerra geralmente provocam.

2.^a A ração de víveres de reserva tem por fim prevenir os homens contra a falta de alimentação, nos casos seguintes :

a) Quando, apesar de todas as boas vontades, não seja possível distribuir durante dois dias consecutivos a ração de víveres normais ;

b) Quando, na ocasião do combate, é preciso cuidar especialmente do reabastecimento de munições.

3.^a Um militar nunca deve abandonar nem tocar na ração de víveres de reserva, senão com ordem do seu comandante. Com esta ração, a espingarda e os cartuchos, o penso individual, um homem está sempre preparado para a guerra, não esquecendo a água.

4.^a Quando receba ordem de consumir a ração de víveres de reserva, a praça faz de manhã o café, que toma com parte da bolacha ; ao almoço come a ração de carne com outra parte da bolacha ; ao jantar faz a sopa para comer com o resto da bolacha.

Nota. — Estas instruções devem ser lidas, tendo presente uma ração de víveres de reserva, explicando-se a preparação conforme as indicações que vêm impressas nos involucros do café e da sopa.

Mossâmedes, 20 de Junho de 1915. — Na ausência do Chefe, o Adjunto mais graduado, *Amadeu D. Vieira de Castro*, capitão.

(Proposta n.º 26)

Proponho :

1.º Que os trens de víveres regimentais, além de dois dias de víveres normais, transportem um dia de conservas de carne ou peixe (rações de 500 gramas), a fim de ser substituída a carne, quando na proximidade do inimigo não possa ser abatido o gado e a carne distribuída às unidades.

2.º Que o serviço de *étapes* providencie a fim de ter à disposição do serviço de subsistências de 1.^a linha, quando se iniciem as operações, o gado seguinte :

a) Na T. E. E. principal, 50 reses bovinas ;

b) Na T. E. E. secundária, 16 reses bovinas ;

c) Em cada uma das T. E. E., diariamente, um têrço destas dotações, a fim de se efectuar o reabastecimento da primeira linha, logo que comecem as operações.

3.º Que o mesmo serviço providencie também de forma a serem remetidos para a T. E. E. principal (depósito dos Gambos), os géneros precisos para completar 300:000 rações de víveres normais e 120:000 de forragens, a fim de serem deslocadas para a frente e entregues às formações da primeira linha as que se tornarem necessárias.

4.º Que o tenente C. M. Freitas marche em missão especial desta Repartição, a fim de propor e tomar as providências necessárias para o abastecimento das tropas que estão além da T. E. E. principal, e futura deslocação do depósito mais avançado, e fazer o reconhecimento sob o ponto de vista de recursos em água.

Mossamedes, 21 de Junho de 1915.— Na ausência do Chefe, o Adjunto mais graduado, *Amadeu D. Vieira de Castro*, capitão da administração militar.

Lotações das unidades em viaturas

Artilharia montada

Bateria de artilharia n.º 1

- 5 carros alentejanos com forragens para dois dias.
- 1 carro alentejano para víveres para dois dias.
- 2 carros alentejanos para bagagens.

1.º grupo de artilharia de montanha

Estado maior e menor

1 carro alentejano para víveres para dois dias (este carro transporta também víveres das baterias que excedam a capacidade dos carros para víveres das mesmas baterias).

1 carro sanitário.

(As bagagens serão distribuídas pelos carros de bagagens das baterias).

Uma bateria :

- 1 carro alentejano para víveres para dois dias.
- 5 carros alentejanos para forragens para dois dias.
- 2 carros alentejanos para bagagens.

2.º grupo de artilharia de montanha

Idem, excepto o carro alentejano para material sanitário.

Grupo de artilharia de montanha

Estado maior e menor do grupo

1 carro alentejano para material sanitário.

Os víveres, forragens e as bagagens, serão distribuídos, respectivamente, pelos carros de víveres, forragens e bagagens das baterias.

Uma bateria :

2 carros alentejanos para munições.

1 carro alentejano para substituir o carro da bateria.

2 carros alentejanos para víveres para dois dias.

2 carros alentejano para forragens para dois dias.

2 carros alentejanos para bagagens.

Cavalaria

1.º esquadrão de dragões

1 carro alentejano para víveres para dois dias.

4 carros alentejanos para forragens para dois dias.

1 carro alentejano para bagagens.

3 camelos (3 cunhetes cada camelo).

Grupo de esquadrões

Estado maior e menor

3 carros alentejanos para víveres para dois dias.

2 carros alentejanos para forragens para dois dias.

As bagagens serão distribuídas pelos carros de bagagens dos esquadrões.

Esquadrão de cavalaria n.º 4 ou 11

2 carros alentejanos para bagagens.

Esquadrão de cavalaria n.º 9

1 carro alentejano para bagagens.

Batalhão de marinha

3 carros alentejanos para víveres para dois dias.
 2 carros alentejanos para forragens para dois dias.
 3 carros alentejanos para bagagens.
 8 camelos. I. (9 cunhetes cada camelo).

Batalhão de infantaria n.º 16**Estado maior e menor**

7 carros alentejanos para víveres para dois dias.
 2 carros alentejanos para material sanitário.
 4 carros alentejanos para forragens para dois dias.
 16 muares. I.

Cada companhia:

2 carros alentejanos para bagagens.
 2 muares. I.

Batalhão de infantaria n.º 17**Estado maior e menor**

7 carros alentejanos para víveres para dois dias.
 3 carros alentejanos para forragens para dois dias.
 16 muares. I.

Cada companhia:

2 carros alentejanos para bagagens.
 2 muares. I.

Batalhões de infantaria n.º 18 e 19**Estado maior e menor**

7 carros alentejanos para víveres para dois dias.
 3 carros alentejanos para forragens para dois dias.
 16 muares. I.

Cada companhia:

2 carros alentejanos para bagagens.
 2 muares. I.

1.ª Companhia europeia

2 carros alentejanos para viveres e forragens para dois dias.

1 carro alentejano para bagagens.

3 camelos (9 cunhetes cada camelo).

2.ª Companhia europeia

2 carros alentejanos para viveres e forragens para dois dias.

1 carro alentejano para bagagens.

4 camelos. I. (9 cunhetes cada camelo).

15.ª Companhia indigena de Moçambique

2 carros alentejanos para viveres e forragens para dois dias.

1 carro alentejano para bagagens.

4 camelos. I. (9 cunhetes cada um).

Metralhadoras

Estado maior e menor

Grupo (2 baterias):

1 carro alentejano para material sanitário.

1 carro alentejano para viveres e forragens.

As bagagens serão distribuídas pelos carros de bagagens das baterias.

Cada bateria do grupo:

| | | |
|--|------------|-------|
| 1 carro alentejano para viveres e forragens para dois dias | 52 × 3,6 = | 187 |
| 2 carros alentejanos para bagagens | 40 × 12 = | 480 |
| | | <hr/> |
| | | 667 |

Baterias de metralhadoras adstritas aos batalhões

1 carro alentejano para viveres e forragens.

2 carros alentejanos para viveres e bagagens.

Gambos, gerente, alferes Juvenal Augusto Carreiro.
 Humbe, gerente, tenente António Álvaro dos Santos
 Pereira.

Cafu, gerente, sargento.

Comando militar do Alto Cunene (Capelongo), oficial
 de administração militar, o oficial da administração mi-
 litar presente no comando.

Comando militar do Baixo Cunene (Ngiva), oficial de
 administração militar, tenente Joaquim Ribeiro da Cunha.

Observação.— Para a entrega dos depósitos aos novos
 gerentes observar-se hão, na parte não renovada, as ins-
 truções publicadas por esta Repartição em 26 de Setem-
 bro próximo passado.

Emquanto os oficiais nomeados gerentes a adjuntos
 dos diferentes depósitos não puderem tomar conta dos
 lugares para que são nomeados por esta proposta, de-
 sempenharão estes cargos os oficiais que actualmente os
 estão desempenhando.

Um dos adjuntos do depósito da base marítima acumu-
 lará estas funções com as de delegado da secção de con-
 tabilidade e fiscalização encarregado da liquidação de
 vencimentos de oficiais em trânsito. — O Chefe dos Ser-
 viços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 29)

Para execução da Organização dos Serviços Adminis-
 trativos das Forças Expedicionárias, a partir de 1 de
 Novembro de 1915, proponho que o pessoal dos serviços
 administrativos tenha as colocações seguintes :

Repartição dos Serviços Administrativos

Chefe, capitão Bento Vasconcelos Meneses Magalhães.

1.ª Secção — Chefe, capitão Eduardo Hipólito de Cam-
 pos.

2.ª Secção — Chefe, tenente Gaspar Ribeiro de Sousa
 Mascarenhas.

2.ª Secção — Adjunto, tenente Alcide de Oliveira.

2.ª Secção — Adjunto, tenente Bráulio Ludgério de
 Freitas.

3.ª Secção — Chefe, José Marques.

3.ª Secção — Adjunto, tenente José Gomes Ferreira
 de Mesquita.

4.^a Secção — Pagador (interino) e tesoureiro do Quartel General do Comando Superior, alferes de cavalaria Carlos Alberto Novais e Silva.

Depósitos

Base marítima (Mossâmedes) — Gerente, tenente César Martin de Freitas.

Base marítima (Mossâmedes) — Adjunto, tenente Horácio de Oliveira Marques.

Base marítima (Mossâmedes) — Adjunto, alferes Carlos Augusto Pereira.

Vila Arriaga — Gerente, sargento.

Quilómetro 183 — Gerente, alferes de infantaria João dos Reis Severo.

Quilemba — Gerente, alferes miliciano António Luís Caria Rodrigues.

Lubango — Gerente, tenente Manuel Mendes.

Lubango — Adjunto, alferes Adriano Joaquim de Carvalho.

Chibia — Gerente, sargento.

Lubango, 26 de Outubro de 1915. — O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 30)

Atendendo a que findou a missão que ao rebanho de abastecimento competia desempenhar, e achando-se liquidada a formação, proponho:

1.º Que seja dissolvido o rebanho de abastecimento em 31 do corrente, passando-se guias às praças que o compõem para se apresentarem na secção de adidos no Lubango.

O arquivo da formação deverá ser mandado entregar na Repartição dos Serviços Administrativos do Comando Superior.

O material de subsistências que lhe está em carga deverá ser expedido para a base marítima nos termos da directiva para a evacuação das tropas.

Lubango, 30 de Outubro de 1915. — O Chefe dos Serviços Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

(Proposta n.º 31)

Atendendo ao excesso de serviço que têm tido os amauenses em serviço nesta Repartição, e à dedicação e

zêlo com que têm desempenhado os trabalhos de que os tenho incumbido, e a exemplo do que me consta ter sido feito para os de idêntica Repartição do Quartel General do Ex.^{mo} tenente-coronel Roçadas, proponho, caso V. Ex.^a as julgue justas, as gratificações de \$30 diários aos sargentos e de \$20 aos cabos para as praças abaixo designadas e nos períodos que também vão indicados:

Segundo sargento de infantaria n.º 31, Augusto Ant6nio de Oliveira, de 25 de Março de 1915 e de 29 de Setembro de 1915.

Segundo sargento de infantaria n.º 31, Alfredo de Almeida Barros da Silva Ramos, de 25 de Março a 19 de Julho de 1915 e de 17 de Outubro de 1915 a 31 do corrente.

Segundo sargento de cavalaria n.º 2, J6lio Estevens, de 14 de Agosto a 4 de Outubro de 1915.

Primeiro cabo de artilharia n.º 3, Jos6 de Mendonça Rita, de 15 de Junho a 19 de Agosto de 1915.

Primeiro cabo do 2.º esquadr6o de drag6es de Angola, Ant6nio Lino de Brito, de 16 a 31 do corrente.

Lubango, 31 de Outubro de 1915. — O Chefe dos Serviç6s Administrativos, *Segurado Achemann*, major.

N.º 18-B

Serviç6 de «*6tapes*»

Relat6rio do comandante da artilharia de «*6tapes*»
do serviç6 realizado
desde 1 de Março at6 31 de Outubro de 1915

Fui nomeado comandante de artilharia de *6tapes* depois de ter feito a minha apresentaç6o nos Gambos, no quartel general do destacamento do Sr. tenente-coronel Roçadas, em 1 de Março de 1915.

Em 21 do mesmo m6s apresentei-me na direcç6o de *6tapes*, em Moss6medes, tendo assumido neste dia a direcç6o do serviç6 de artilharia.

Durante a minha viagem dos Gambos para a retaguarda deixei organizado, ou pelo menos esboçado, em cada p6sto de *6tapes* o serviç6 que dizia respeito ao material de guerra.

Por proposta minha, aprovada por S. Ex.^a o coman-

dante do destacamento, ficaram encarregados dêsse serviço os seguintes officiaes:

Nos Gambos, alferes do quadro auxiliar de artilharia,
J. Carvalho Cebola;

Na Chibia, tenente do quadro auxiliar de artilharia,
Joaquim dos Santos;

No Lubango, tenente do quadro auxiliar de artilharia,
J. Maria Anselmo;

Em Vila Arriaga, alferes da administração militar,
Armando de Serpa Rosa;

Em Mossâmedes, alferes do quadro auxiliar de artilharia, António Isidoro Serafim.

Quando cheguei a Mossâmedes encontrava-se, numa grande extensão da praia daquela cidade, um amontoado de caixotes contendo diverso material, especialmente material de guerra de engenharia, entre os quais predominava uma enorme quantidade de cunhetes de munições de artilharia, metralhadoras e armas portáteis; estas munições deviam constituir o municiação das unidades que compunham a nova coluna de operações que se estava organizando.

Aquele amontoado de caixotes, em completa desordem, misturado com os materiais de construção de quatro hospitais desmontáveis, dava lugar a uma enorme confusão que era urgente fazer terminar, porque, além de todos os outros inconvenientes, havia mesmo um perigo iminente pelo que dizia respeito às munições de artilharia, que se contavam por dezenas de milhares.

Efectivamente, grande número de cunhetes encontrava-se partido, ficando a descoberto e desprotegidos os fundos dos cartuchos carregados e escorvados, que qualquer corpo estranho podia percutir com facilidade, ocasionando um acidente grave.

Em vista disso, mandei proceder immediatamente à separação e arrumação metódica das munições, construindo mesmo na praia um paiol provisório, tendo sido também concertados os cunhetes partidos.

Para a guarda dos acessórios de munições e outros explosivos, que exigem maiores cuidados, como escorvas, espoletas, porta-fulminantes, petardos, etc., foi aproveitado parte de um barracão cedido pelo comerciante Morgado.

Relativamente ao restante material, apresentei ao Sr. director do *étapes* as seguintes propostas que mereceram a aprovação de S. Ex.^a:

1.º Que fique funcionando em Mossâmedes uma repar-

tição subordinada ao comando da artilharia de *étapes*, tendo como chefe o alferes do quadro auxiliar de artilharia, António Isidoro Serafim;

2.º Que essa repartição tome conta de todo o material de guerra que se encontra disperso pela praia e várias dependências, fazendo-o guardar em arrecadações, e bem assim todo o material pertencente às unidades e que estas não devam transportar em 1.ª linha.

3.º Que havendo grande número de caixotes de material, cujo conteúdo e destino se ignora, sejam esses caixotes abertos e o material disposto metódicamente em depósito, por forma a poderem ser satisfeitas rapidamente as requisições autorizadas das forças em operações.

4.º Que a casa ou casas destinadas a depósitos de munições, e mais material seja entregue ao serviço de artilharia de *étapes*, com a maior brevidade possível, a fim de evitar as causas de ruína e extravio de material a que dá lugar a sua actual situação.

5.º Que seja nomeado, pelo menos, um sargento, um cabo e dez carregadores para o serviço privativo do depósito de artilharia de *étapes* em Mossâmedes.

O depósito de Mossâmedes começou desde logo a funcionar, adquirindo uma importância sucessivamente crescente à medida que ia dando entrada o material vindo da metrópole com a designação de «Refôrço expedicionário», material das unidades dissolvidas (esquadrão de cavalaria n.º 3, bateria de artilharia n.º 3, 3.ª bateria de artilharia de montanha, bateria de metralhadoras, 1.ª bateria, 3.º grupo, e ainda o material de reserva que todas as unidades tinham trazido da metrópole, em grande quantidade, e que por falta de meios de transporte foram obrigados a deixar em depósito.

O papel d'este depósito de Mossâmedes foi principalmente de recepção e de guarda de material, visto que as unidades tinham trazido da metrópole todo o material de que careciam.

No entanto algumas distribuições houve ainda a fazer, motivadas pelas modificações a que obrigou a marcha do terreno arenoso desta região do sul de Angola; essas modificações foram, principalmente, as seguintes:

Todas as viaturas das baterias de metralhadoras passaram a ser puchadas a duas parelhas;

O municiação dos batalhões de infantaria passou a ser transportado a dorso por muares de munições, pon-do-se de parte os carros de munições de infantaria.

Estas modificações levaram-se a efeito com bom êxito, distribuindo aos batalhões de infantaria os arreios de carga usados nas muaras de tracção das baterias de metralhadoras, e fornecendo a estas baterias arreios de baterias de artilharia.

Além destas, houve ainda que fazer a distribuição de arreios, armamentos e equipamentos às formações sanitárias e administrativas que foram organizadas em Mossâmedes, à custa dos elementos das unidades dissolvidas.

Passados cêrca de dois meses depois de constituído o paiol provisório da praia a que atrás aludi, vendo que a grande maioria das munições existentes devia ficar em Mossâmedes, já porque o municionamento das unidades era exagerado (24:000 granadas 7,5 T. R. m/904, cêrca de 8.000:000 de cartuchos de infantaria e 2.000:00 de cartuchos para metralhadoras), já porque não havia maneira de transportar senão uma pequena fracção dessas munições para o planalto, pareceu-me necessário tratar de organizar um paiol definitivo com as indispensáveis condições de segurança e de boa conservação das munições, condições estas que o paiol provisório não oferecia.

Como houvesse várias dificuldades em arranjar instalação para um paiol nestas condições e não quisesse por mim só assumir a responsabilidade da continuação das munições na praia, completamente desabrigadas e sem as necessárias condições de segurança, propus que uma comissão de oficiais de artilharia fôsse nomeada com o fim de resolver o assunto.

O quartel general mandou reúnir uma comissão composta pelo comandante de artilharia do comando superior, tenente-coronel Sr. José Pereira Caldas, pelo seu adjunto alferes de artilharia, Sr. Barros Nápoles, e por mim.

Essa comissão tinha por fim resolver o assunto da instalação do paiol e de elaborar umas instruções para o serviço de artilharia de *étapes*.

O primeiro assunto ficou desde logo resolvido com a aprovação da proposta por mim apresentada à comissão de instalar o paiol na casa desabitada da Aguada, pertencente ao Visconde de Giraul, fazendo-lhe a requisição militar visto o proprietário, ou seu procurador, não querer alugar a dita casa pelo processo dos contratos ordinários. A referida casa, para onde foram transportadas

as 5:000 toneladas de munições (aproximadas), oferece não só as condições de abrigo e segurança, como também as de comodidade, por ficar próximo da linha férrea.

Relativamente ao segundo trabalho da comissão:— elaborar instruções para o serviço de artilharia de *étapes*— devo dizer que ainda nessa ocasião nada tinha sido apresentado nesse sentido, porque me faltavam absolutamente os dados para qualquer trabalho, os quais de dia para dia esperava que me fôsem fornecidos pelas instâncias superiores (organização da coluna, efectivos, itinerários, fixação do municciamento de primeira e segunda linha, etc.).

Já numa reunião dos chefes dos serviços de *étapes*, efectuada em 24 de Maio sob a presidência do director de *étapes*, Sr. major Romeiras de Macedo, e com a assistência do comandante da artilharia, Sr. tenente-coronel Pereira Caldas, eu tive ocasião de apresentar um esboço de organização do serviço a meu cargo, que não podia ter um carácter definitivo, official, visto não assentar em dados precisos, que só poderiam ser fornecidos pelo quartel general do comando superior. Efectivamente essa organização, que dias depois apresentei ao Sr. director de *étapes* sob a forma de propostas, a pedido de S. Ex.^a teve de ser modificada, principalmente na parte relativa ao serviço de remunicciamento, quando me foram fornecidos, como vogal da citada comissão, os esclarecimentos de que necessitava. Apresentei então à comissão as seguintes

Instruções para o serviço da artilharia de «*étapes*»

Ao serviço de artilharia de *étapes* da coluna de operações no Sul de Angola compete:

- 1.º O reabastecimento de munições e mais material de guerra das forças em operações.
- 2.º A guarda e conservação do material entregue nos depósitos e do evacuado durante as operações.
- 3.º Evacuação para a metrópole do material entregue pelas unidades, depois de terminadas as operações, e do que fôr encontrado no campo.

Organização geral do serviço

Parque de artilharia de «étapes».— O parque de artilharia de *étapes*, directamente subordinado ao comando superior de artilharia de *étapes*, compreende:

- a) Depósito da base marítima de Mossamedes;
- b) Depósito anexo em Vila Arriaga;
- c) Depósito de material do Lubango;
- d) Depósito central de munições na Chibia;
- e) Depósitos de munições de *étapes* nas testas de *étapes*;
- f) Secções de munições;
- g) Oficinas de reparações no Lubango e Humbo.

Serviço nos depósitos.— Os depósitos do serviço de artilharia de *étapes* têm por missão geral receber, guardar e enviar ao destino que fôr determinado, o material de guerra que lhes fôr entregue.

Os chefes de depósitos podem receber, independentemente da autorização superior, os artigos de material que lhes forem entregues pelas unidades ou formações. Não podem porém satisfazer, sem a devida autorização, qualquer requisição a não ser em casos de urgência, e nestas condições deverá ser feita comunicação imediata ao comandante da artilharia de *étapes*.

Em cada depósito os artigos deverão estar separados, tanto quanto o permitirem as condições das arrecadações, por unidade, a fim de facilitar a sua entrega a essas unidades, depois de determinadas as operações. Em cada depósito deve haver um registo de carga de material (modelo n.º 1) onde será escriturada a entrada e saída.

A entrega de material nos depósitos deve ser feita por um oficial e acompanhada duma relação em duplicado; uma destas relações fica no depósito; a outra é entregue com a verba de «recebido» à autoridade que entregar o material.

Os documentos de entrada de material das unidades devem ser arquivados em pastas separadas, correspondendo cada pasta a uma unidade. Quando haja de ser fornecido algum artigo pertencente a uma unidade, junta-se aos documentos dessas unidades uma nota indicativa do destino que tiveram esses artigos. Os documentos de saída de material são arquivados numa pasta única e numerada por ordem de datas.

Depósito da base marítima.—Este depósito instalado em Mossâmedes é especialmente destinado a receber todo o material desembarcado, fazendo-o depois seguir ao seu destino. O material recebido é separado em duas classes:

- 1.^a Material com destino especial;
- 2.^a Material para reserva geral da expedição.

O primeiro será remetido ao seu destino na primeira oportunidade; o segundo fica em depósito até ulterior determinação. Este depósito têm como dependência um paiol, instalado na casa da Aguada, do Visconde de Giraul, e, como anexo, um depósito de munições em Vila Arriaga, unicamente destinado a guardar as munições que não tiverem transporte imediato para a frente.

Pessoal do depósito:

- 1 oficial do quadro auxiliar de artilharia;
- 1 sargento;
- 2 cabos ou soldados quarteleiros;
- 2 carpinteiros;
- 6 carregadores.

Pessoal do depósito anexo: um sargento e os carregadores necessários.

Depósito de material do Lubango.—Este depósito, estabelecido no Lubango, é destinado especialmente a receber e guardar todo o material evacuado pelas forças. Junto d'êste depósito funcionam as oficinas de reparação. Este depósito funciona com o pessoal do depósito de material de guerra do distrito de Huila e suas dependências, reforçando-se com elementos da coluna quando isso fôr necessário.

Depósito central de munições.—Este depósito, organizado na Chibia, é especialmente destinado a armazenar a dotação de munições de 2.^a linha, que fôr fixada superiormente, tendo a seu cargo o abastecimento dos depósitos avançados e secção de munições.

Pessoal do depósito: um oficial de artilharia ou do quadro auxiliar, um sargento, dois cabos ou soldados e seis carregadores.

Depósito de munições de «étapes».—Estes depósitos são organizados nos postos principais e testas de *étapes* e têm por missão especial o abastecimento das secções de munições. A sua dotação depende da dotação fixada para as secções de munições e da facilidade de comunicações com o depósito da retaguarda.

Pessoal do depósito: um sargento, um cabo, um soldado e seis carregadores.

Secções de munições.—As secções de munições constituem depósitos móveis para o remuniamento, destinados a estabelecer a ligação com o trem de combate da 1.^a linha. Cada destacamento deverá ser seguido por uma secção de munições, composta com as seguintes viaturas: carros de munições de artilharia, carros de munições de infantaria, camiões e eventualmente carros boers ou alentejanos, constituindo duas secções: secção de munições de artilharia e secção de munições de infantaria, sob o comando de um oficial.

Para o cálculo do número de viaturas que devem entrar na composição das secções de munições deve contar-se com as seguintes cargas:

- Carro de munições de artilharia, 110 granadas.
- Carro de munições de infantaria, 14:000 cartuchos.
- Camião automóvel, 1:500 quilogramas.
- Carros boers, 2:000 quilogramas.
- Carros alentejanos, 500 quilogramas.

e com os seguintes pesos:

- Cunhete com 700 cartuchos, 6^{mm},5, ^m/904, 22,5 quilogramas;
- Cunhete com 600 cartuchos, 8^{mm}, ^m/96, 24 quilogramas;
- Cunhete com 800 cartuchos, 6^{mm},5, ^m/904, 25 quilogramas;
- Cunhete com 500 cartuchos, 6^{mm},5, ^m/96, 17,5 quilogramas;
- Cunhete com 5 granadas c/b, 7^c,5, T. R., ^m/904, 54,5 quilogramas;
- Cunhete com 5 granadas explosivas, 7^c,5, T. R., ^m/904, 56,2 quilogramas;
- Cunhete com 8 granadas c/b, 7^c, T. R., 55,2 quilogramas;
- Cunhete com 8 granadas explosivas, 7^c, T. R., 56 quilogramas.

Situação da secção de munições.—A secção de munições manter-se há em geral na testa de *étapes* com as viaturas carregadas e prontas a ocorrer às primeiras necessidades de remuniamento da 1.^a linha.

Funcionamento geral do serviço de remuniamento

Duma maneira geral cada depósito tem a seu cargo manter constante a dotação de munições fixada para o depósito seguinte.

A secção de munições estacionada na testa de *étapes*, logo que receba indicação, avançará até encontrar as viaturas e muares de munições de 1.^a linha, realizando nesse ponto o remuniamento por troca de carros ou trasbordo, conforme as circunstâncias. A secção de munições volta novamente à testa de *étapes*, em cujo depósito deverá encontrar as munições necessárias para se reabastecer. O serviço de reabastecimento dos depósitos de *étapes* por meio de munições existentes no depósito central de munições será regulado directamente pelo comando de artilharia de *étapes*, conforme as indicações que receber e os meios de transporte de que puder dispor.

Evacuação de material

A evacuação de material executar-se há aproveitando todas as viaturas de retôrno até dar entrada no depósito do Lubango, onde ficará até lhe ser determinado destino.

Foram organizados os depósitos fixos constantes destas instruções e duas secções de munições designadas pelos n.ºs 1 e 2, correspondentes aos destacamentos n.ºs 1 e 2, que, respectivamente, deviam seguir para o sul pelos vales do Caculevar e do Cubango.

As secções de munições saíram de Mossâmedes com a seguinte composição:

Pessoal.—Um official, um sargento, um cabo condutor de artilharia, quatro soldados serventes e quarenta soldados condutores.

Animal.—Três cavalos e oitenta muares.

Material.—Nove carros de munições de artilharia n.º 1, um carro n.º 3, dois carros de munições de metralhadoras, um carro alentejano.

Quando mais tarde o plano das operações se modificou e se organizaram os destacamentos do Cuanhama, do Cuamato, do Evale e de Naulila, as duas secções de munições estacionadas na Chibia fundiram-se numa só, que, por ordem superior, devia ser incorporada no destacamento do Cuanhama, passando, portanto, a ser uma formação da 1.^a linha, independente do serviço de artilharia de *étapes*.

Pelo que dizia respeito a municiação era condição imposta à organização dos destacamentos que estes deviam bastar-se a si próprios, não precisando em caso algum de recorrer aos serviços da retaguarda. A secção de munições foi reforçada nesse sentido, deixando os serviços de artilharia de se preocupar com o municiação das forças. Por ordem superior não chegou a ser organizado o depósito da base de operações no Humbe, como estava previsto nas instruções anteriormente apresentadas. Os últimos depósitos organizados à retaguarda foram: o dos Gambos, onde havia munições de infantaria e de artilharia de montanha, e o da Chibia com munições de artilharia 7,5, T. R., que ali ficaram por não ter havido meio de transporte para a frente.

Esta simplificação do serviço parece ter tido algum inconveniente, por isso que, sendo necessário, como efectivamente depois foi, o municiação da retaguarda, devido a um exagerado e não previsto consumo de munições, teve este serviço de ser feito directamente com as munições existentes em depósitos muito afastados, o que não só determinou um serviço de remuniciação mais demorado, como também devia ter prejudicado o serviço dos abastecimentos de géneros, pela utilização forçada de todos os camiões disponíveis durante algum tempo.

Ainda sobre a questão de municiação das baterias de artilharia desejo tocar um ponto que reputo importante e sobre o qual fui chamado a dar a minha opinião: é o que se refere ao número de granadas explosivas com que haviam de ir municiadas as baterias.

Fui de opinião que essa percentagem deveria ser muito reduzida (dois carros de munições n.º 3 por bateria, quando muito), visto tratar-se de obter efeitos sobre alvos animados. A granada explosiva teria apenas emprêgo se acaso surgissem obstáculos materiais.

S. Ex.^a o comandante, discordando um pouco desta maneira de ver, desejava fazer um emprêgo mais largo da granada explosiva para bater o mato e determinou uma percentagem de 50 por cento para o municiação das baterias, tiro e escalão, ficando a secção de munições toda municiada com granada de bala.

S. Ex.^a o comandante esperava obter com a granada explosiva um grande efeito moral, fazendo fugir o genio e abrindo o caminho a tiro.

Parece, porém, segundo informações dalguns camaradas que assistiram aos combates, que esse efeito não foi

efectivamente tam grande como se esperava, tendo a granada explosiva dado bom resultado na destruição de morros de salalé que serviam de abrigo aos atiradores do gentio.

A granada explosiva empregada contra alvos animados pode ter um grande efeito moral e mesmo material quando de um tiro feito com felicidade resulte o reben-tar duma granada num grupo de pessoas, mas isso será uma excepção. A granada explosiva tem um efeito muito local, de forma que o gentio, a principio assustado com o grande ruído da detonação, mas pouco sofrendo com isso, acaba por se acostumar a esse efeito espectacular, de pequenos resultados materiais, e o efeito moral acaba também por desaparecer.

A granada com balas parece-me ser a que deve constituir o municimento principal das baterias de artilharia nestes combates com o gentio, por isso que pode varrer grandes zonas com tiro eficaz e evitar que o inimigo, como é seu costume, ocupe as copas das árvores, que são magníficas posições mascaradas para os seus atiradores especiais.

Como chefe dos serviços de artilharia e engenharia da base de operações no Humbe, apenas tive a missão de dirigir ali uma oficina para conserto de carros. Essa oficina funcionou regularmente durante os dias que antecederam a partida das forças para o terreno das operações e prestou bom serviço, principalmente no conserto de carros alentejanos e de diversas rodas que foi necessário reapertar e que precisavam buchas novas.

Evacuação do material

No dia 12 de Agosto, em que as forças saíram do Humbe, recebi ordem directa de S. Ex.^a o general para vir immediatamente para a retaguarda tratar da evacuação rápida para a metrópole de todo o material de artilharia desnecessário às operações.

Ainda nos Gambos, propus a S. Ex.^a o general as bases em que poderiam assentar as instruções para a evacuação do material, que S. Ex.^a se dignou mandar pôr em execução.

A remessa de todo o material de guerra para o Arsenal do Exército pareceu-me a única forma viável de fazer evacuar esse material para a metrópole, pela impossibilidade de saber, depois das operações, a que uni-

dades pertenciam os diferentes artigos. Além disto, todo ou quasi todo o material de guerra necessita ser beneficiado e esse beneficiamento só pode ser feito no Arsenal, que depois tornará a distribuir às unidades o material, abatido à sua carga pelo efeito das operações.

Na data em que foi extinta a Direcção de *Étapes* (31 de Outubro de 1915), foi já embarcado para a metrópole o seguinte material (dum modo geral):

Três baterias de artilharia 7^c,5 T. R. ^m/904;

Duas baterias de artilharia 7^c T. R.;

Uma bateria de metralhadoras;

A maior parte do armamento, equipamento e arreios dos batalhões de infantaria n.^{os} 14, 16, 18 e 19;

Munições de artilharia e de infantaria existentes no paiol de Mossâmedes.

Lubango, 10 de Novembro de 1915.—O Comandante da artilharia de *étapes*, *Carminé Ribeiro de Melo Nobre*, capitão.

Relação dos officiaes que desempenharam cargos
no serviço de artilharia de «*étapes*»

| Postos | Nomes | Cargos |
|-----------------------------|--------------------------------|---|
| Capitão de artilharia | Carminé Ribeiro de Melo Nobre. | Comandante de artilharia de <i>étapes</i> |
| Tenente de artilharia | Walter Lima | Adjunto (a). |
| Tenente do quadro auxiliar. | Joaquim dos Santos. . | Delegado na Chibia |
| Alferes do quadro auxiliar. | José de Carvalho Cebola. | Delegado nos Gambos. |
| Alferes do quadro auxiliar. | António Isidoro Serafim. | Delegado em Mossâmedes. |
| Tenente do quadro auxiliar. | José Maria Anselmo | Delegado no Lubango. |
| Alferes de artilharia | Gabriel Barros Nápoles. | Em diligência no Depósito de Mossâmedes. |
| Capitão do quadro auxiliar. | Isidoro Francisco . . | Encarregado de evacuação no Baixo Cunene. |

(a) Comandou a secção de munições.

Lubango, 10 de Novembro de 1915.—O Comandante da artilharia de *étapes*, *Carminé Ribeiro de Melo Nobre*, capitão.

N.º 19

Relatório da diligência ao Tchipeiongo
de 28 a 30 de Maio de 1915

Causas.—No dia 28 de Maio de 1915 apresentou-se neste comando militar o superior da missão do Tchipeiongo-Humbe, padre Bellet, pedindo auxilio para poder retirar a missão, pois que o gentio tinha cercado a respectiva casa e ameaçava atacá-la, o que elle julgava, por várias ameaças que se iam repetindo, que esse ataque se efectuaria na madrugada de 29.

Informações.—O referido padre, conhecedor da região, informou que havia dois bandos em número aproximado de 80 a 100 homens e com umas trinta armas finas.

No caminho não há água e no Tchipeiongo pouquíssima.

Posteriormente soube-se, por homens e mulheres que fugiam, que o gentio já tinha atacado os chilongos próximos da missão, agredindo e ferindo quem não tinha podido fugir.

Resolução.—Resolvi pedir autorização para prestar o auxilio pedido e, como não tivesse tido resposta ao telegrama que tinha mandado a Cahama, em que dizia que, caso não recebesse ordem em contrário, partiria às dezassete horas, resolvi marchar, pois reputava o caso urgente e sem poder ser adiado.

Constituição da força.—Comandante, primeiro tenente de marinha, Cerqueira; segundo tenente de marinha, Botelho; 3 sargentos, 1 enfermeiro, 47 praças, 1 corneteiro; 15.^a indígena de Moçambique, tenente Ataíde, alferes Losa; europeus: 2 sargentos, 2 cabos, 1 contra-mestre de corneteiros; 47 praças indígenas, 1 corneteiro; acompanhavam a força dois carros com mantimentos e algumas munições de reserva.

Marcha.—Às dezassete horas e quarenta e quatro minutos de 28 marchou a força, parando na Mabera às vinte horas e cinqüenta e quatro minutos. Depois dum descanso, às zero horas e oito minutos de 29, marchou-se, parando-se na Mutuena, a fim de uns pretos da missão irem pedir informações; soube-se que havia sentinelas do gentio rodeando a distância a casa da missão; pelas cinco horas e quinze minutos viu-se um pôsto do

gentio, que eu mandei surprender por algumas praças, mas, como fugissem, houve troca de tiros que, apesar da grande distância, é possível que pusesse o gentio de sobre-aviso; apressou-se a marcha, pois já se estava fazendo tarde para chegar ao romper da aurora, hora a que eu desejava passar pela missão.

Combate. — Na madrugada de 29, tendo-se contornado a missão por leste, mandei coluna de companhia de costado, marinheiros no centro. Quando estava formando a linha estendida, a fim de tomar posições entre a missão e as libatas, vimos sair alguns pretos da libata mais próxima, que, juntando-se rápidamente a outros, emboscando-se a maior parte com árvores; às seis horas e dez minutos romperam fogo contra nós, procurando avançar e aumentando cada vez mais o número, nós estávamos em campo descoberto; depois de vários lanços com descargas, o fogo afrouxou um pouco e a maior parte dos pretos foram recuando, conservando-se alguns fazendo fogo, principalmente sobre a nossa esquerda. Como a nossa linha fôsse avançando e formando colchete ofensivo, o pelotão do tenente Ataíde (direita), obliquando pela esquerda, envolveu e entrou na libata; nessa altura, como o gentio procurasse envolver a nossa direita, o pelotão de marinha, avançando rápidamente, fez frente por aquele lado, continuando o pelotão do alferes Losa (esquerda) na sua posição, mantendo em respeito o gentio, que na sua frente fazia fogo, para evitar sermos envolvidos por aquele lado; tirou-se da libata todo o gado que lá havia e incendiou-se, sendo o gado tocado para a esquerda e retaguarda do pelotão do alferes Losa.

Todos os movimentos foram executados com a máxima rapidez, apesar da má qualidade do terreno, cheio de abrolhos; o gentio, mais ou menos abrigado com as árvores e palhotas, tinha na sua frente uma vala guarnecida de espinheiros.

Nessa altura, ouviram-se bastantes tiros para a nossa retaguarda, do lado onde se acha a missão; julgámos que estivesse sendo atacada; resolvi seguir para próxima da missão, vagarosamente e parando frequentes vezes, para que não parecesse uma retirada, acompanhando sempre o gado e fazendo fogo com serenidade e só a alvo a um ou a outro preto que mais se aventurava a aproximar-se e a descobrir-se.

Ao chegar à missão, pelas sete horas e cinquenta minutos, soube-se que os tiros tinham sido trocados entre

a escolta dos carros e montadas (três praças de marinha e dois landins, auxiliados por alguns pretos da missão) e a linha de gentio que tinha procurado envolver a nossa direita e que se prolongava até aquela altura.

Tendo cessado o fogo mais intenso, pelas nove horas, resolvi dar algum descanso a parte da fôrça, que se procedesse ao curativo mais cuidado dos feridos e que se cozinhasse o rancho.

Estabeleceram-se, para isso, algumas praças abrigadas com imbondeiros e outras estendidas ao abrigo dos sacos de areia, mantendo-se o gentio a distância.

Como aumentasse novamente o tiroteio, tornou-se a pegar em armas, fazendo-se fogo vagaroso, das dez horas e trinta minutos às onze horas e quinze minutos; tornou o fogo, da parte do gentio, a afrouxar, aproveitando-se para queimar algumas palhotas que ainda lhes serviam de abrigo, continuando um ou outro tiro até depois das treze horas, em que cessou por completo.

Tendo-se carregado os carros com pertences e distribuído o rancho à fôrça, iniciou-se a marcha de regresso às quinze horas e dez minutos, seguindo o gado apreendido e o da missão na frente e em seguida os carros, seguindo os feridos numa carroca, tudo escoltado pela fôrça.

A marcha fez-se sem novidade, exercendo-se sempre a máxima vigilância e chegando a Maberá às vinte e uma horas e cinquenta minutos.

Finalmente, iniciou-se de novo a marcha no dia 30, às cinco horas e quarenta e cinco minutos, chegando-se ao Tchicusse às oito horas e cinquenta minutos.

Comportamento das fôrças.— Todos os officiaes, sargentos e praças se portaram o melhor possível, com serenidade, sangue frio e valentia, obtendo-se logo pouco depois do início uma rigorosa disciplina de fogo.

Há a notar a boa vontade e esforço empregado por uma fôrça que, tendo chegado aqui em 27, logo em 28 aguentou, com a máxima boa vontade e quási sem descanso, uma longa marcha e serviço continuado de vinte e oito horas até o descanso de volta na Maberá; na nomeação do pessoal só houve dificuldade na escolha do que devia ficar, havendo praças que, com quanto doentes, desejavam marchar.

Julgo assim cumprido o fim principal, e que foi aplicar um severo castigo ao gentio rebelde que há muito ostentava atitudes provocantes e em que devia haver

gente que tinha ajudado ao massacre do pelotão de dragões que em Dezembro regressava do Humbe, e que hostilizou outro pelotão que mais tarde seguiu até o Tchipelongo, pois que, apesar de ser em número bastante superior ao que me tinham informado e com mais armas, teve bastantes baixas, mortos em número superior a 30 (entre elles 3 dos chefes parentes do soba do Humbe, um deles de nome Chivissa e os outros Chitongo e Chifito), devendo talvez chegar a 50 e muitos mais feridos (entre elles o outro chefe, o principal, de nome Murombelo); o próprio gentio se julgou bem batido, pois que, conquanto procurasse obter refôrço, não foi atendido e nem sequer se atreveu a hostilizar-nos na marcha de regresso. ocasião sempre julgada propícia e com probabilidades de êxito para gentio que se sente ainda com alento para resistir.

Podia-se, se não fôsse a absoluta falta de água, ter ali estabelecido fôrças; o que seria útil à reocupação projectada.

Juntas vão as relações n.ºs 1, 2 e 3, respectivamente do pessoal de marinha, da 15.ª companhia, de Moçambique que tomou parte na diligência e do pessoal que foi ferido, n.º 4 das avarias que houve no armamento, n.º 5 de uma montada morta e n.º 6 do gado apreendido.

Posteriormente têm apparecido alguns pretos vindos fugidos do sul e está-se procedendo às respectivas averiguações.— *Afonso Júlio Cerqueira*, primeiro tenente de marinha.

N.º 1

FORÇAS EM OPERAÇÕES NO SUL DE ANGOLA

Corpo de marinheiros da armada

Batalhão do marinha expedicionário a Angola — Destacamento no Tchicoussé

Relação dos oficiais, sargentos e praças que tomaram parte na diligência ao Tchipelongo de 23 a 30 de Maio de 1915

Primeiro tenente de marinha — Afonso Júlio Corqueira (ferido).
Segundo tenente de marinha — Armando Perestrelo Botelho.

| Companhia | Matrícula na 5.ª série | Matrícula na 6.ª série | Classes | Nomes |
|-----------|------------------------|------------------------|--|-----------------------------|
| 1.ª | 354 | 183 | Primeiro sargento artilheiro | António Augusto de Almeida. |
| 1.ª | 1:809 | 976 | Segundo sargento artilheiro. | Francisco Inácio Ramalho. |
| 2.ª | 1:276 | 729 | Segundo contramestre | Francisco José Lobo. |
| 1.ª | 1:385 | 780 | Cabo marinheiro. | Manuel dos Santos. |
| 1.ª | 3:901 | 1:711 | Primeiro artilheiro. | José Fontes. |
| 1.ª | 6:986 | 2:721 | Segundo artilheiro. | Luís Rosinha. |
| 1.ª | 8:937 | 3:850 | Primeiro grumete | Moisés Quintas. |
| 1.ª | 4:580 | 1:949 | Primeiro artilheiro. | António M. Júnior. |
| 2.ª | 7:655 | 3:042 | Segundo artilheiro. | Manuel de Jesus Vieira. |
| 1.ª | 4:609 | 1:955 | Primeiro artilheiro | António José. |
| 1.ª | 8:933 | 3:846 | Primeiro grumete | Manuel de Sousa Ribeiro. |
| 2.ª | 7:782 | 3:123 | Primeiro grumete | António Manuel. |

| | | | | |
|-----|-------|-------|-----------------------------------|----------------------------|
| 1.ª | 6:846 | 3:768 | Primeiro grumete | Francisco Severo. |
| 2.ª | 1:707 | 952 | Cabo marinhoiro | Joaquim Gomes. |
| 2.ª | 6:287 | 2:517 | Segundo artilheiro: | Antonio Simões. |
| 2.ª | 9:179 | 3:988 | Primeiro grumete | Manuel Fialho. |
| 2.ª | 7:964 | 3:235 | Segundo artilheiro | José Afonso. |
| 2.ª | 7:737 | 3:097 | Primeiro grumete | Ernesto Vieira Nobre. |
| 2.ª | 1:233 | 705 | Cabo marinhoiro | José Pedro. |
| 2.ª | 9:079 | 3:935 | Primeiro grumete | José F. dos Rios. |
| 2.ª | 7:345 | 2:885 | Primeiro grumete | Joaquim da Silva. |
| 2.ª | 9:043 | 3:923 | Primeiro grumete | José. |
| 1.ª | 8:415 | 3:537 | Primeiro grumete | Antonio C. Roscira. |
| 2.ª | 7:379 | 2:894 | Primeiro grumete | Paulo Miralto. |
| 2.ª | 8:712 | 3:685 | Primeiro grumete | Antonio Inácio da Cruz. |
| 1.ª | 1:542 | 863 | Cabo marinhoiro | Marcel no A. Almeida. |
| 1.ª | 2:432 | 1:149 | Primeiro marinhoiro | Augusto Pedro. |
| 1.ª | 8:853 | 3:757 | Segundo marinhoiro T. S. | João Baptista dos Anjos. |
| 1.ª | 9:247 | 4:031 | Primeiro grumete | Alberto Ribeiro. |
| 1.ª | 8:003 | 3:253 | Segundo artilheiro | Eduardo Rebelo (ferido). |
| 1.ª | 7:356 | 2:888 | Segundo artilheiro | João Baptista. |
| 1.ª | 7:008 | 2:736 | Segundo artilheiro | Dionísio S. C. Correia. |
| 1.ª | 6:075 | 2:390 | Primeiro grumete | Antonio A. Palmeira. |
| 1.ª | 4:021 | 1:757 | Cabo artilheiro | Albeto Tomás. |
| 1.ª | 7:044 | 2:757 | Segundo artilheiro | Felix do N. Baptista. |
| 1.ª | 7:724 | 3:058 | Grumete artilheiro | Alvaro Ribeiro. |
| 1.ª | 8:989 | 3:570 | Primeiro grumete | Manuel J. Ferreira. |
| 1.ª | 8:574 | 3:623 | Primeiro grumete | Germano dos Santos. |
| 1.ª | 8:955 | 3:466 | Primeiro grumete | Vergílio Cândido (ferido). |
| 1.ª | 8:360 | 3:502 | Segundo grumete | José Joaquim de Almeida. |
| 2.ª | 1:621 | 904 | Primeiro marinhoiro | Felisberto dos Santos. |
| 1.ª | 7:006 | 2:734 | Primeiro marinhoiro T. S. | Joaquim do Nascimento. |
| 2.ª | 7:041 | 2:756 | Segundo marinhoiro | Manuel Rodrigues Veloso. |
| 2.ª | 8:015 | 3:829 | Grumete artilheiro | Antonio de Jesus Brito. |
| 2.ª | 8:449 | 3:561 | Segundo artilheiro | José Manuel. |
| 2.ª | 7:883 | 3:189 | Segundo artilheiro | Antonio Lourenço. |

| Companhia | Matricula na 5.ª serie | Matricula na 6.ª serie | Classes | Nomes |
|-----------|------------------------|------------------------|-------------------------------|------------------------------------|
| 1.ª | 5:476 | 2:202 | Corneteiro | José Júlio da Silva. |
| 1.ª | 2:678 | 1:854 | Cabo artilheiro | Joaquim da Silva. |
| 1.ª | 1:750 | 951 | Primeiro artilheiro | Ladislau Gomes da Costa Fernandes. |
| 1.ª | 6:971 | 2:711 | Segundo mariuheiro | Abílio Ferreira da Silva. |
| 3.ª | 8:080 | 3:295 | Segundo enfermeiro | João Augusto da Silva Freire. |

Estacionamento no Telicusse, 2 de Junho de 1915.—O Comandante, *Afonso Júlio de Cerqueira*, primeiro tenente de marinha.

N.º 2

15.ª COMPANHIA INDÍGENA EXPEDICIONÁRIA
DE MOÇAMBIQUERelação das praças que tomaram parte na diligência
ao Tchipelongo

| Número de matrícula | Postos | Nomes |
|---------------------|-------------------|--|
| | Tenente | Humberto de Ataíde R. e Oliveira (ferido). |
| | Alferes | José Gonçalves Losa. |
| 1:349 | Segundo sargento | Adriano Augusto. |
| 1:437 | Segundo sargento | Antonio Simões. |
| 1:911 | Primeiro cabo . . | António da Cruz Catarro. |
| 1:920 | Primeiro cabo . . | António Joaquim Esperto. |
| 1:780 | Contramestre . . | Manuel de Oliveira. |
| 793/I | Primeiro cabo . . | Macilau. |
| 810/I | Primeiro cabo . . | M'Jecuana (ferido). |
| 874/I | Primeiro cabo . . | Uache. |
| 871/I | Segundo cabo . . | Mac-eu. |
| 627/I | Corneteiro. . . . | Foquiço. |
| 659/I | Soldado | Sequice. |
| 717/I | Soldado | D'Jange. |
| 718/I | Soldado | Pitorro. |
| 796/I | Soldado | Quilambo. |
| 799/I | Soldado | Bandana. |
| 729/I | Soldado | Facla. |
| 801/I | Soldado | Tafula. |
| 803/I | Soldado | Samenda. |
| 875/I | Soldado | Foquiço (ferido). |
| 986/I | Soldado | Mamburete. |
| 1:003/I | Soldado | Natingue. |
| 1:005/I | Soldado | Uache. |
| 1:006/I | Soldado | Sahite. |
| 1:007/I | Soldado | Godide. |
| 1:023/I | Soldado | Sequice. |
| 1:042/I | Soldado | Basse. |
| 713/Q | Soldado | João (ferido). |
| 747/M | Soldado | Salimo. |
| 750/M | Soldado | Cadeira. |
| 741/M | Soldado | Jorra. |
| 758/M | Soldado | Abudo (ferido). |
| 932/I | Soldado | Magaíça ô Chingam. |
| 935/I | Soldado | Manqueza ô Massanguina. |
| 936/I | Soldado | Uassequete ô Parrengue. |
| 938/I | Soldado | Estalica ô Macalonga. |
| 977/I | Soldado | Peuy. |
| 979/I | Soldado | Samo. |
| 104/I | Soldado | Satana. |

| Número de matrícula | Postos | Nomes |
|---------------------|-----------------|------------|
| 1:140/I | Soldado | Quilaze. |
| 895 I | Soldado | Hamela. |
| 1:032/I | Soldado | Ahuze. |
| 1:043/I | Soldado | Manqueza. |
| 889/I | Soldado | Peny. |
| 859/I | Soldado | Macassa. |
| 862/I | Soldado | Hamela. |
| 1:033/I | Soldado | Folice. |
| 1:039/I | Soldado | Sambulane. |
| 1:052/I | Soldado | Dorropane. |
| 1:033 I | Soldado | Comgela. |
| 1:018/I | Soldado | Baneane. |
| 878/I | Soldado | Ofice. |
| 1:050/I | Soldado | Sexene. |
| 1:035 I | Soldado | Sahite. |
| 1:036/I | Soldado | Tualufo. |
| 1:022/I | Soldado | Comeche. |
| 1:046/I | Soldado | Mabaço. |
| 1:016/I | Soldado | Macanza. |
| 1: 44/I | Soldado | Maxangota. |
| 1:034/I | Soldado | Dixe. |
| 891/I | Soldado | Taula. |
| 1:047/I | Soldado | Ofice. |
| 1:031 I | Soldado | Cheline. |
| 881/I | Soldado | Notice. |

Acampamento no Tchicusse, 30 de Maio de 1915.—
O Comandante, *Ilumberto de Ataíde*, tenente.

**Relação das praças que trouxeram as espingardas partidas
da diligência ao Tchipelongo**

Primeiro cabo n.º 810-I, M'jecuana — arma n.º 464-D. — Patilha partida e o fuste partido.

Soldado n.º 713-Q, João — arma n.º 214-UU. — Fuste, depósito e mola espiral partida e no sabre-baioneta o amarelo partido.

Soldado n.º 865-I, Foquiço — arma n.º L-835. — Falta-lhe a braga-deira superior e o fuste partido.

Acampamento no Tchicusse, 30 de Maio de 1915. —
O Comandante, *Humberto de Ataíde*, tenente.

Relação dos oficiais e praças feridos no combate do Tchipelongo, em 29 de Maio de 1915

Primeiro tenente de Marinhia Afonso Júlio de Cerqueira. — Ferimento produzido por bala, de raspão; escoriação da região tenar externa, atingindo tegumentos e músculos, dimensão de uma moeda de 20 centavos, profundidade de 5 milímetros. Não atingiu o osso e não importou lesão funcional.

Tenente de infantaria Humberto de Ataíde. — Bala de arma fina; presume-se Mauser. Penetrou na parte superior da espádua esquerda, seguiu trajeto oblíquo para cima e para dentro quasi 15 centímetros, profundando gradualmente. Orifício de saída na região infro-externa direita do pescoço com trajeto de quasi 5 centímetros, curvo para baixo, diante e dentro. A bala parece ter sofrido desvio sem ferir órgãos de importância vital porque o estado geral é satisfatório.

| Companhia | Matricula na 6.ª série | Classes | Nomes | Ferimentos |
|-----------|------------------------|------------------------|----------------------|--|
| 1.ª | 8:955 | 1.º grumete | Vergílio Cândido . . | Ferimento por bala; orifício de penetração no primeiro espaço inter digital do pé direito com mortificação dos tecidos; direcção do trajeto para baixo e para trás com orifício de saída na região plantar média, onde a bala se achava fortemente encravada, tendo sido extraída. Não há lesão sensível dos metatarsos correspondentes. Bala grande, parecendo de espingarda Martini Henri. |
| 1.ª | 8:003 | 2.º artilheiro | Eduardo Rebêlo . . . | Ferimento por bala; orifício de penetração no lado direito da região supra-hioídea. Trajecto horizontal, percorrendo tegumentos e massa muscular com orifício de saída na parte correspondente oposta. Não lesou o maxillar nem o hioídeo nem tam pouco a cartilagem tiroídea, tendo parado no espaço angular formado por estes. |

| | | | | | |
|------------------|-----|---|--------------------------------|--------------------|--|
| 15. ^a | 773 | - | Soldado | Foquisse | Ferimento por bala; orifício de penetração na face interna da perna direita, parte média. Encontrou no seu tracto a tibia que fracturou cominutivamente, projectando fragmentos no orifício de saída. Estes, de dimensões muito maiores na face externa e parte inferior do membro. Grande lesão nos tecidos com hemorragia abundante. |
| 15. ^a | 713 | - | Soldado | João | Ferimento por bala; orifício de entrada e saída no dorso do pé direito, percorrendo o tracto apenas dentro para fora, para diante e para baixo. |
| 15. ^a | 758 | - | Soldado | Abudo | Ferimento por arma de fogo (?). Orifício único na parte direita externa do occipital. A sondagem mostra a descoberto o occipital, que parece atingido por fractura linear da sua tábua externa. Os tecidos à roda empastados. Não se pode precisar que seja ferimento por bala. |
| 15. ^a | 810 | - | 1. ^o cabo | Mjacuana | Ferimento na face externa da perna direita, parecendo escoriações de maior ou menor profundidade, sendo um mais profundo e penetrante nos tecidos, não se achando porém o osso a descoberto. |

Estacionamento no Telicusse, 7 de Junho de 1915. — O Comandante, *Afonso Júlio de Cerqueira*, primeiro tenente de marinha.

Relação dos solípedes mortos no combate do Tchipelongo,
em 29 de Maio de 1915

| Designação | Unidade a que pertencia | Causa da morte |
|------------|-------------------------|---|
| Cavalo . . | Batalhão de marinha | Tiro no coração, disparado pelo gentio rebelde. |

Estacionamento no Tchicusse, 7 de Junho de 1915.—
O Comandante, *Afonso Júlio de Cerqueira*, primeiro tenente de marinha.

Relação do gado apreendido próximo da missão
do Tchipelongo, em 29 de Maio de 1915

| | | |
|---------------------|-------------------------|------------------|
| Bois | { 32 × 14\$00 = 448\$00 | |
| | { 2 × 20\$00 = 40\$00 | |
| Vacas | 56 × 10\$00 = 560\$00 | |
| | { 9 × 7\$00 = 63\$00 | |
| Garrotes | 4 × 5\$00 = 20\$00 | |
| | { 5 × 2\$50 = 12\$50 | |
| Nemas | 12 × 5\$00 = 60\$00 | |
| | { 5 × 2\$00 = 10\$00 | |
| Crias | 4 × \$5 = 2\$00 | |
| Laníferos | { 84 × 1\$20 = 100\$00 | |
| | { 7 × \$15 = 1\$05 | |
| Caprinos | { 76 × 1\$00 = 76\$00 | |
| | { 12 × \$12 = 1\$44 | |
| Soma | | <u>1:393\$99</u> |

Além d'êste gado ainda foi apreendido mais que se restitufu aos seus donos, gente pacífica que morava nos arredores da missão e que o gentio lhe tinha roubado; outro foi dado como pagamento a alguns auxiliares da missão que coadjuvaram a apreensão e condução do gado, e ainda algum que morreu no caminho.

Ao que consta desta relação foi dado o destino que consta da nota n.º 13, de 4 de Junho de 1915.

Estacionamento no Tchicusse, 7 de Junho de 1915.—
Afonso Júlio de Cerqueira, primeiro tenente de marinha.

Relatório da diligência a Otchinjou

3.º esquadrão de cavalaria n.º 9 — 4.º pelotão — Tchiepepe, 23 de Abril de 1915.— Ao Sr. Comandante do Esquadrão — Diligência no Otchinjou.— Em virtude da ordem n.º 29 sai do Tchiepepe às dezóito horas do dia 29 de Janeiro. No dia 30 apresentei-me na Cahama ao Sr. comandante militar, que, segundo instruções do quartel general, ali demorou o pelotão. Em 5 recebi guia para o Otchinjou e, chegando à Ediva às quinze horas, mandei os carros na frente para continuar a marcha às dezanove. Às seis horas do dia 6 estava no Otchinjou; os carros na noite de 8 chegaram com a secção de quartéis, tendo atrasado dois dias por causa dum grande areal que há no meio do caminho Ediva-Otchinjou.

Apresentei-me ao Sr. comandante dos auxiliares boers e alojei os soldados, arreios e armamento no barracão construído pela 11.ª companhia de infantaria 14. Mandei construir um quarto para os sargentos e uma arrecadação para viveres e rações. Fiz uma cavaliariça de troncos e ramos de árvore, onde os cavalos estavam abrigados do sol e tinham manjedouras de tábuas de caixote cobertas com a lata das caixas de bolacha. Mais tarde construiu-se outra cavaliariça, coberta com ramos e capim para os cavalos doentes.

As cavaliariças estavam separadas do barracão dos soldados uns 150 metros, passando pelo meio uma linha de água. Uma pequena ponte ligava a parada dos cavalos com o largo que se fez em frente do barracão.

Cuidou-se, quanto possível, da higiene, limpando-se as cacimbas e cobrindo-se uma delas, varrendo-se diariamente todos os alojamentos do pelotão e queimando-se sempre o estrume.

Levei da sede do esquadrão medicamentos para vinte dias, alguma ferragem e cravos de reserva, tudo em pouca quantidade. No dia 19 de Fevereiro tive de mandar para o Pocolo os soldados n.ºs 147 e 254. Já não tinha medicamentos e as dietas que lhes podia dar eram recursos de que dispunha—latas de rancho confeccionadas e conserva de peixe, massa, arroz e bolacha. No dia 6 de Abril foi transportado do pôsto do Evelo

para os Gambos, numa maca improvisada com sacos de ração e panos de tenda, o soldado n.º 395, que ali adoeceu gravemente. Foram estes três soldados os únicos que não agüentaram até o fim a diligência de Otchinjou.

Dos outros há alguns enfraquecidos, bastantes empaludados porque lhes faltou tudo, inclusivamente quinino, pois das requisições que fiz ao esquadrão e ao quartel general só consegui que um esquadrão me mandasse um frasco de quinino. Em 24 de Março tinha dez soldados com febres. Fui ao telefone de Cahama expor ao Sr. comandante do esquadrão o estado sanitário do pelotão; alguma coisa consegui: o comandante militar da Cahama, Sr. tenente Tôrres, de cavalaria 9, cedeu-me um frasco de quinino, sua propriedade, e o Sr. alferes Novais deu-me dois purgantes. O médico da Cahama nenhum auxílio me pôde prestar, porque não tinha medicamentos para cinqüenta doentes, a quem, dizia: «só dou caldos com arroz». Não é exagêro acrescentar que alguns soldados, para lavarem o fato de cotim, ficavam em camisa, e que a outros aconselhei andassem descalços no acampamento para terem botas quando saíssem.

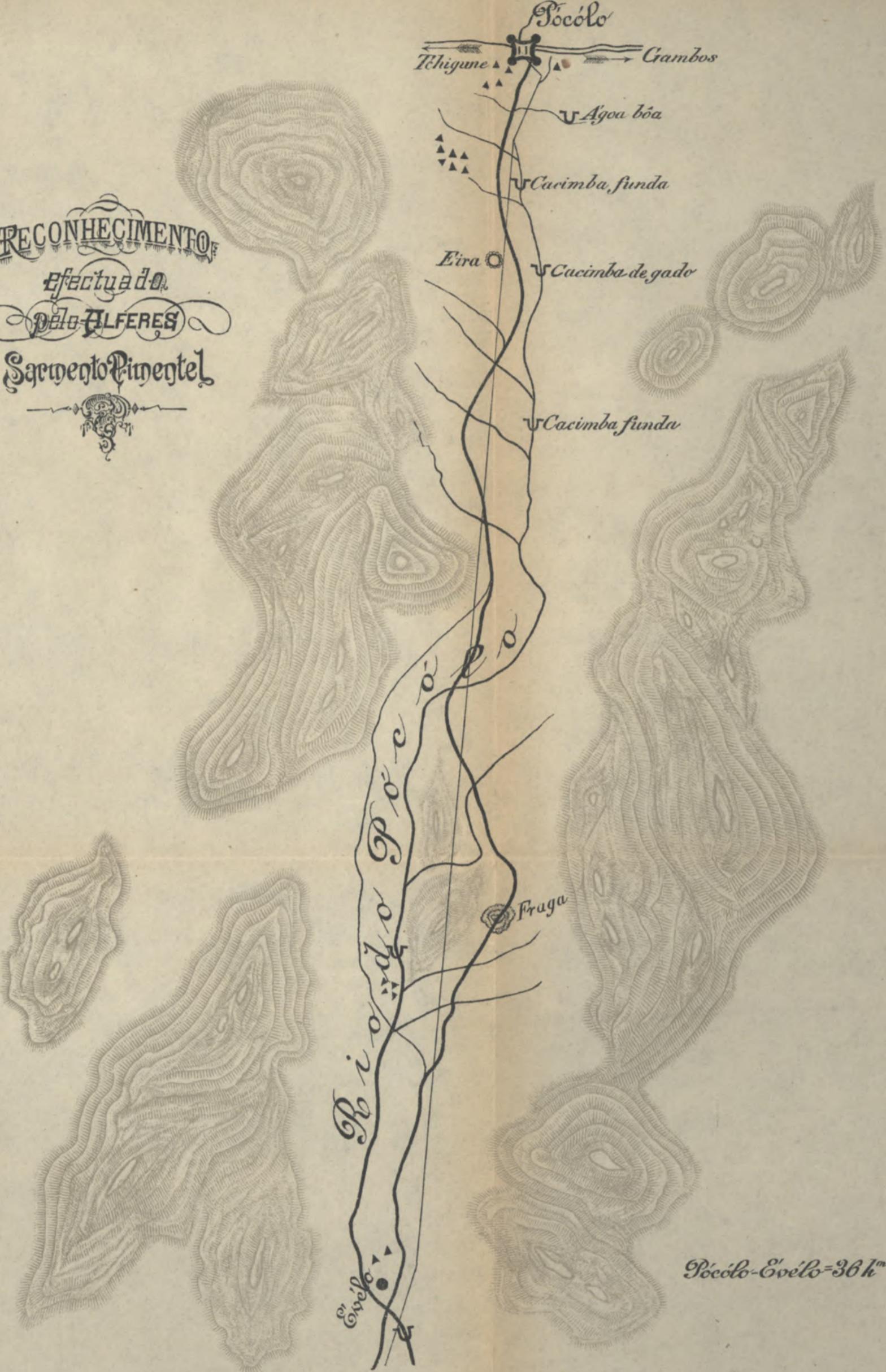
Morreram sete cavalos: um com uma congestão, quatro com diarreia e dois com *horsickness*, quasi todos sem se lhes fazer tratamento por absoluta falta de medicamentos. Dois cavalos com assentaduras no garrote — um que já a trouxe de Tchiepepe, outro que a adquiriu na marcha, apesar de não fazerem serviço — não foi possível curá-los, porque não havia outro desinfectante além da creolina. Os caminhos difíceis e de mau piso, as marchas longas, o capim fraco e a ração muitas vezes só milho, tudo contribuiu para o estado de fraqueza dalguns cavalos do pelotão.

Requisitei ao esquadrão e ao quartel general medicamentos, cravos e ferraduras. Dessas requisições só consegui que o esquadrão me mandasse trezentos cravos e dez ferraduras. Como consta da correspondência official, se vê que ou não havia as cousas que pedi ou que a dificuldade de transporte não as deixava chegar a tempo.

Do Sr. comandante militar do Otchinjou recebi as seguintes instruções para o serviço do pelotão: policiar os caminhos que vão ter ao rio Cunene e colocar um pôsto de correspondência no Evelo.

Esforçou-se o pelotão por o bom desempenho do serviço que lhe era ordenado; percorreu mais de 1:000 quilómetros, reconhecendo e registando em *croquis* todos os

RECONHECIMENTO
 Efectuado
 pelo ALFERES
 Sarmiento Pimentel

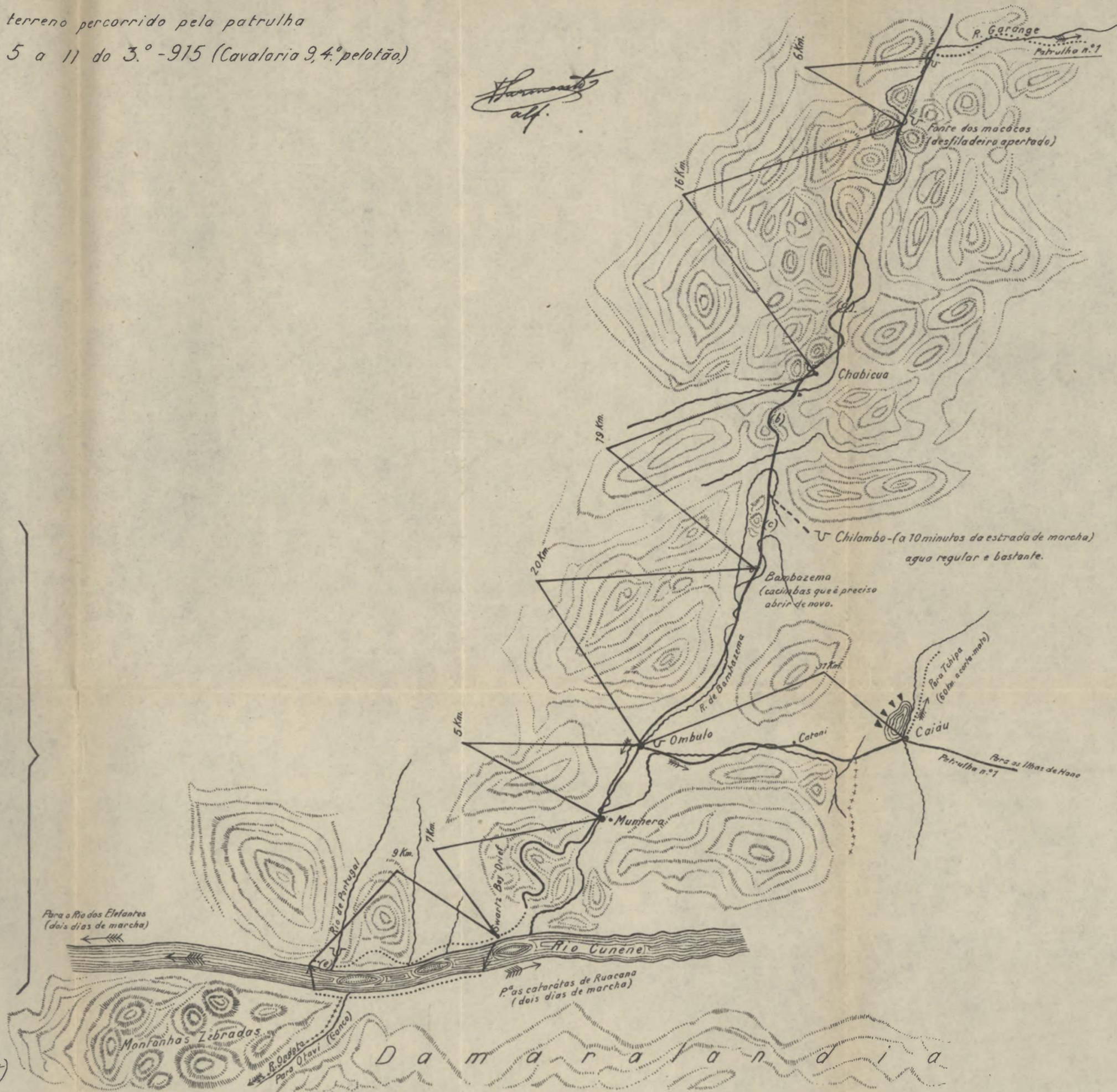


Pocólo-Evélo=36h^m

Esboço do terreno percorrido pela patrulha
n.º 2, de 5 a 11 do 3.º - 915 (Cavalaria 9.ª pelotão)



Sarmiento
alf.



Indicações

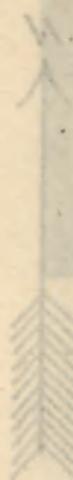
- (a) Caminho no leito do rio.
- (b) Caminho de pedra solta.
- (c) Caminho difícil de pedra solta.
- (a) " " " pé posto.
- Do Rio Garanje até Munhera encontram-se as arvores marcadas.
- De Ombulo a Caiá, ha algumas arvores marcadas.
- (c) Vieram ali os alemães em 4-12-914 colocar uma bandeira. Vou difícil.
- O desfiladeiro da Fonte dos Macacos, é passagem obrigada a quem vem de Swartz Boy Drief.
- Vou de Swartz Boy Drief - Margem direita - rampa de acesso, larga e suave, margem esquerda difícil por três caminhos estreitos.
- Leito do rio - pedra solta até proximo da margem esquerda que é logeado 20 m.
- Vou - 200 m. de largura.
- Corrente - fraca.
- Sinais convencionais - Os do croqui n.º 7.

(Alf. Sarmiento)

D a m a r a n d i a

Esboço do terreno

n.º 2 de 3 a 11



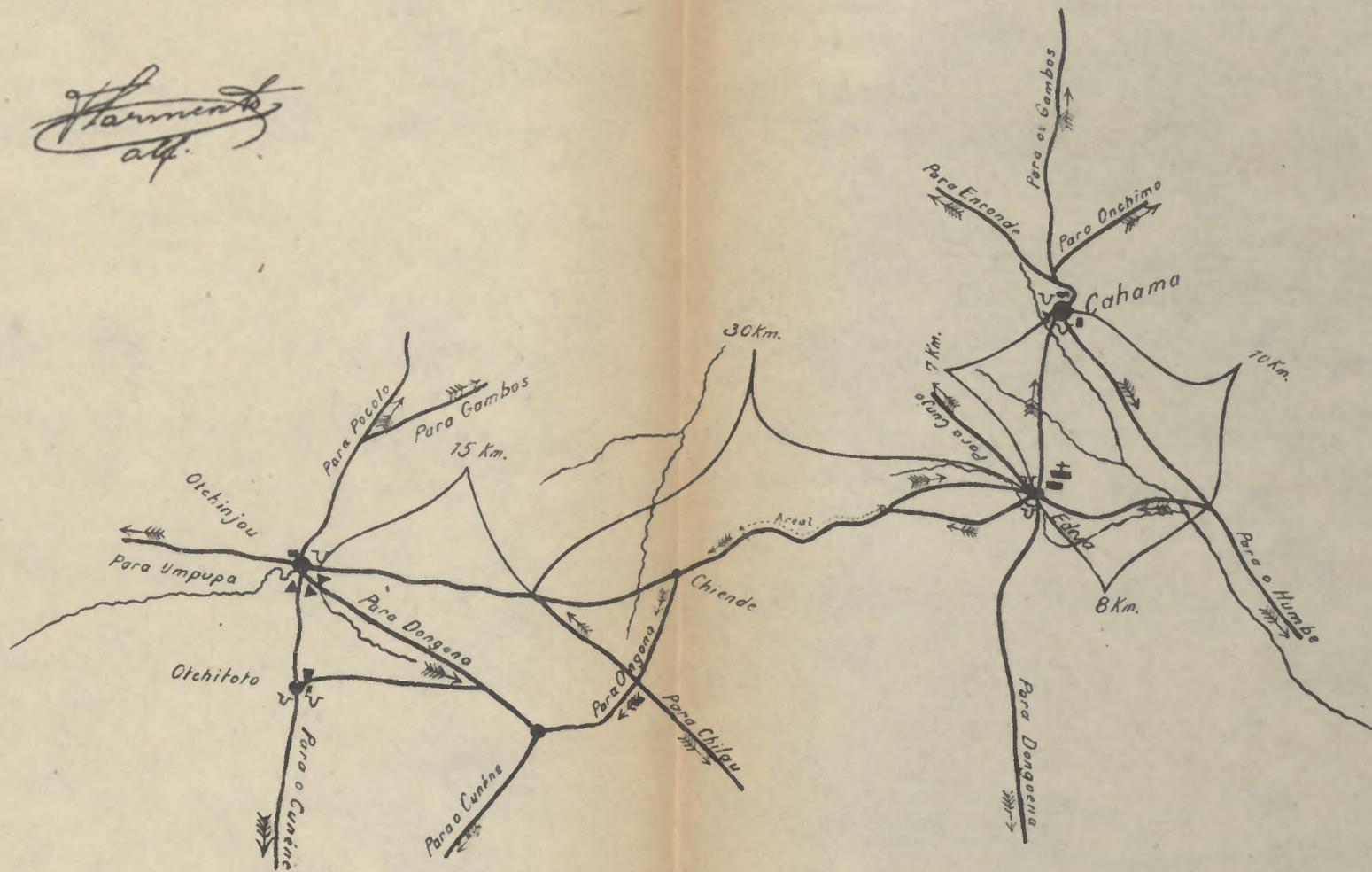
(Cap. 2)

Indicações
(a) Caminho de terra de m. 1000
(b) Caminho de terra de m. 1000
(c) Caminho de terra de m. 1000
(d) Caminho de terra de m. 1000
As indicações de terreno são as seguintes:
As áreas marcadas são as seguintes:
As áreas marcadas são as seguintes:

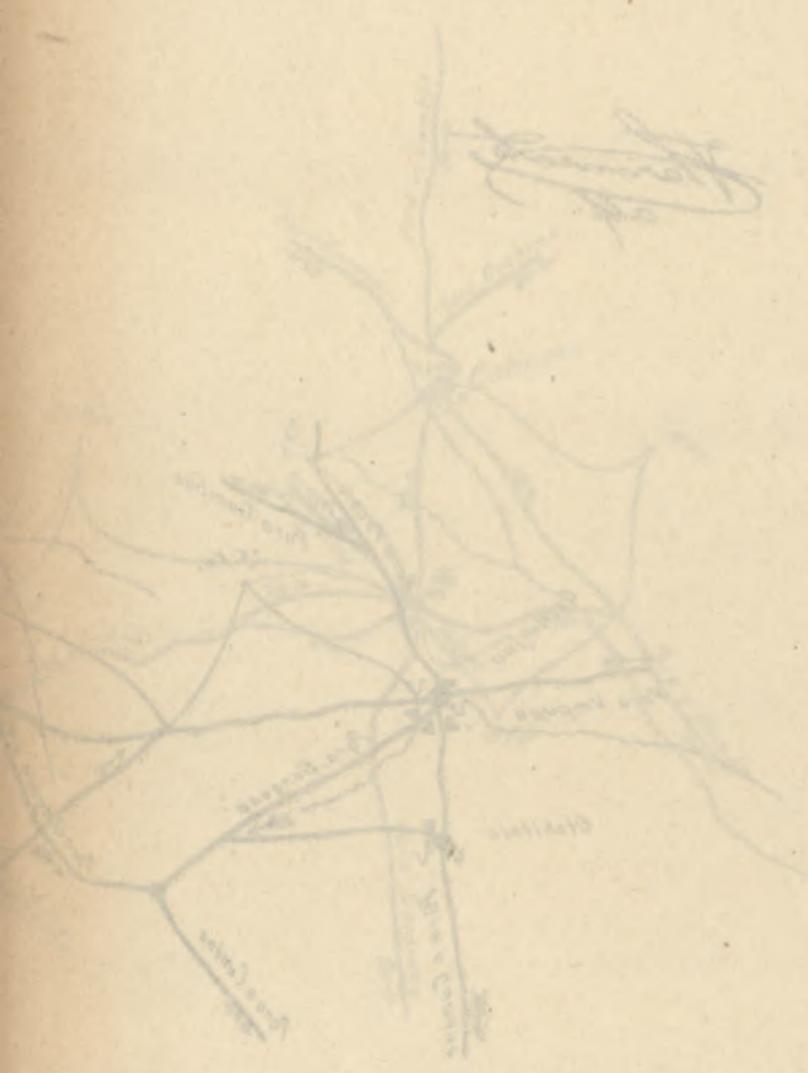
Reconhecimento do 4.º pelotão de Cavalaria n.º 9 (3.º esquadrão)
de 25 a 27 de Março de 1915.



Hammond
alf.

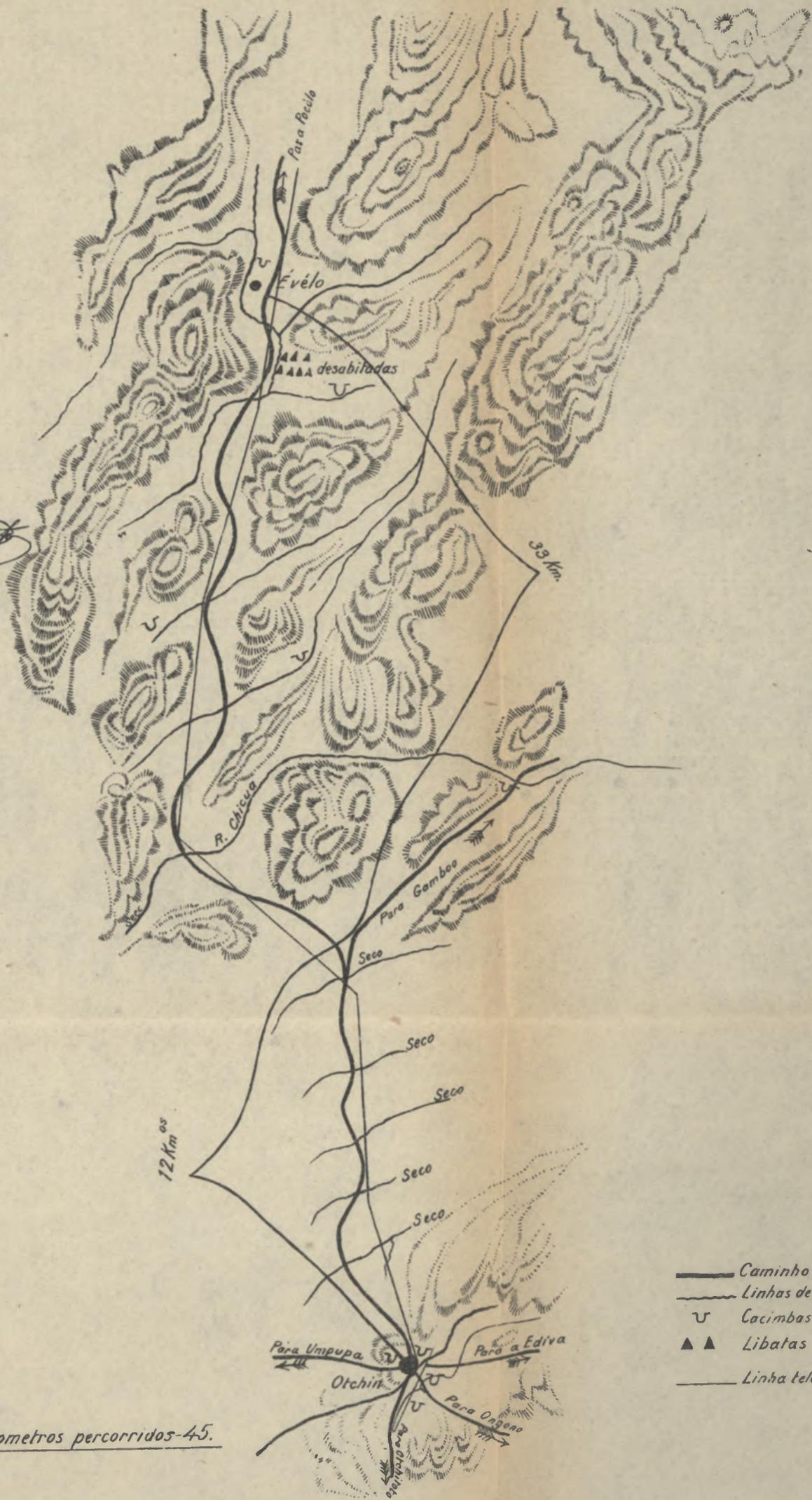


Map of the ...
No. 22 ...





*Harmant
alf.*

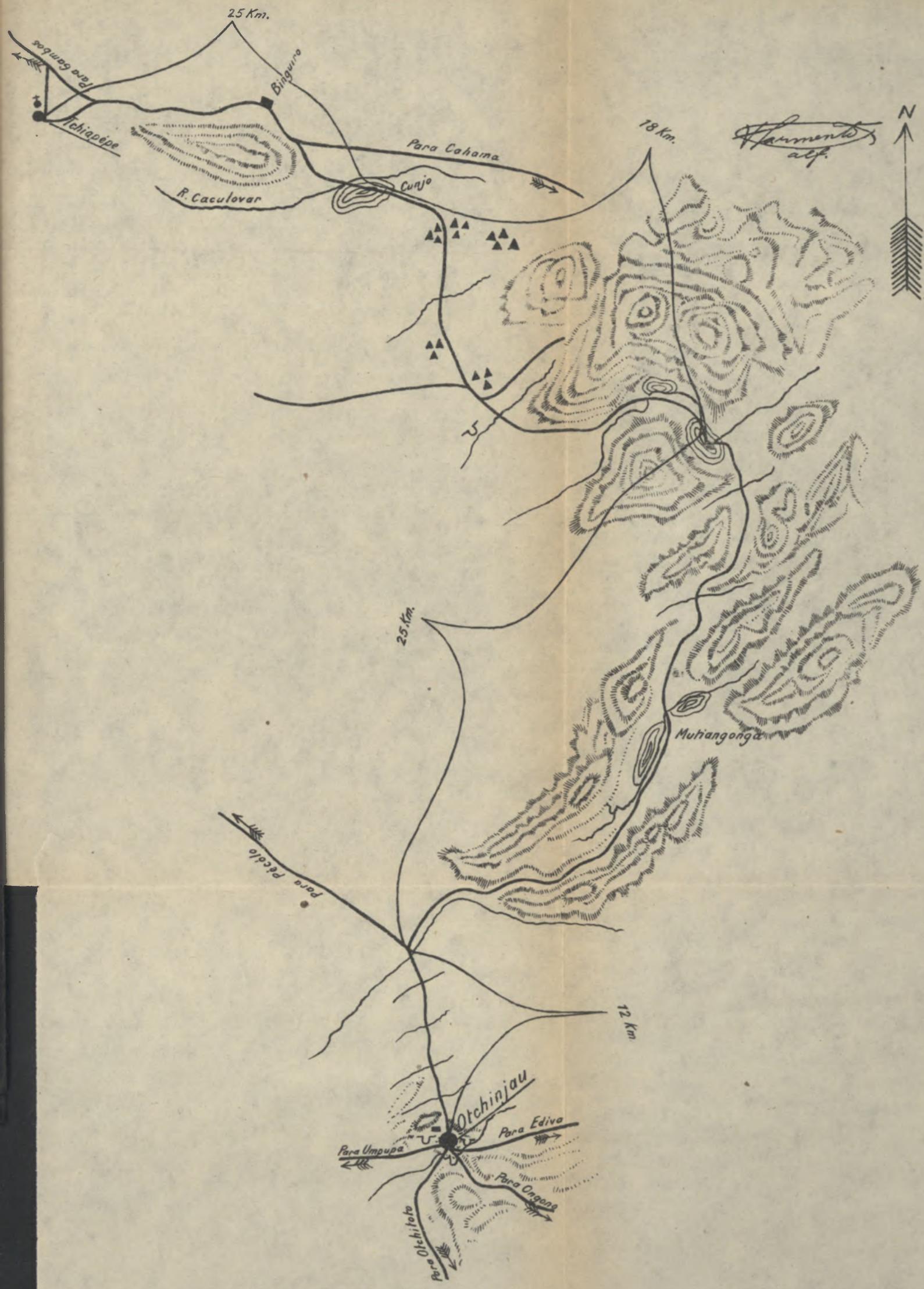


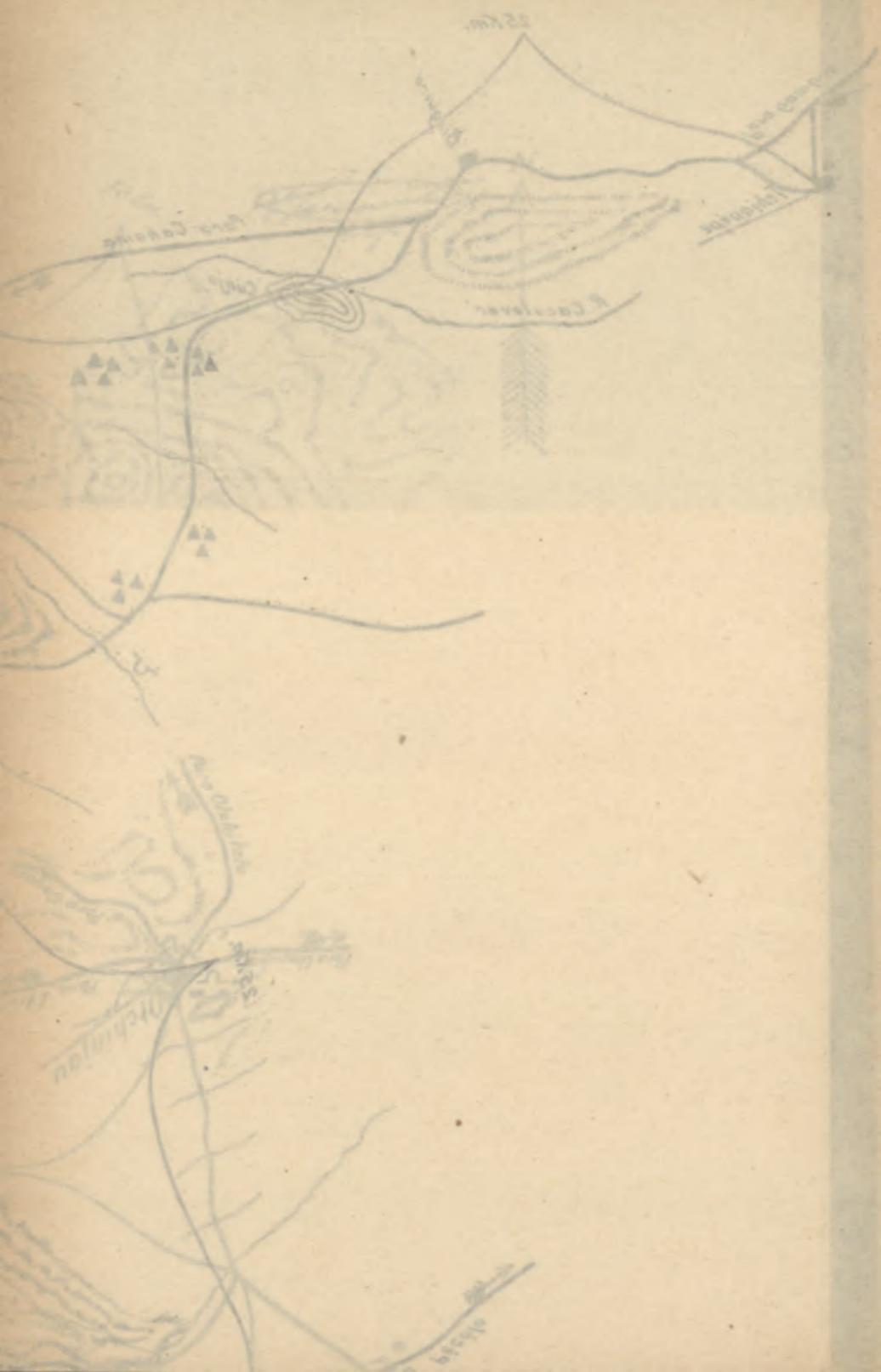
Kilometros percorridos-45.

*Esboço do terreno percorrido entre Otchinjau e Évêlo
(Caminho do Pícolo)
(4.º pelotão do 3.º esq.º de Cav.º 9.)*

- Caminho de Carro
- Linhas de agua
- ∪ Cacimbas com agua
- ▲▲ Libatas
- Linha telefônica

(Sarg.º Silva.)





caminhos; fez o policiamento do Cunene na zona que lhe indicaram e manteve sempre ligação com as forças de Cahama, por meio de patrulhas, que se encontravam com as do terceiro pelotão em Chiande. Os boatos da vinda dos alemães ao Cunene e os presumidos assaltos dos pretos ao acampamento não obstaram a que os reconhecimentos e vigilância se estendessem pelos caminhos da região da Dongoena e foz do rio Ondoto. Dêsses reconhecimentos há a destacar os dos vaus de Swarts Boy Drief e Coloeque, que demoraram dez dias, tendo-se levado víveres apenas para cinco. Nem a fome nem a sêde abateram o moral dos soldados, que durante dois dias comeram carne de zebra com fava e milho cozidos, bebendo água detestável. Utilizei sempre, como guias auxiliares, boers, homens que conhecem perfeitamente a região.

Uma patrulha que mandasse à Chipa, ao pôsto do Evelo, ao desfiladeiro da fonte dos macacos, tinham de percurso mais de 100 quilómetros, havendo sempre enorme dificuldade no transporte de víveres e rações, dificuldade que mais tarde desapareceu com a apreensão de duas muares que utilizei para reabastecer o pôsto Evelo e para levarem mantimentos e ferragens nas margens grandes.

Vi bem que os cavalos com o arreio em ordem de marcha não podem prestar o serviço que se lhes exige em campanha, porque o pêso que levam, os maus caminhos, o clima, a falta de água, prejudicam extraordinariamente a rapidez das marchas. Lutou-se com todos os sacrificios e privações conhecidas por quem faz serviço militar no interior de África (durou perto de seis meses a diligência no Otchinjou) e é de justiça salientar a coadjuvação dos sargentos do pelotão, porque ambos trabalharam com tenacidade e persistência, quer no acampamento, quer fora dêle, em patrulhas e reconhecimentos.

A disciplina foi sempre boa.

No fornecimento de géneros escasseou sempre vinho, açúcar e tabaco.

Em 22 de Abril fui substituído por um pelotão de dragões e regressei à sede do esquadrão.— *João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel*, alferes de cavalaria n.º 3.

N.º 21

Instruções referentes à organização das unidades em vista de ordens de operações que ulteriormente serão dadas.

Por ordem de S. Ex.^a o general comandante superior e governador geral, os Srs. comandantes das unidades darão immediato cumprimento ao que abaixo vai indicado:

Comandante do grupo de esquadões:

1.º Que o esquadrão de cavalaria n.º 11 (menos o pelotão destacado Otchinjou) no seu máximo efectivo esteja pronto a marchar. Acompanhá-lo hão os quatro carros alentejanos que lhe estão distribuídos.

2.º Que o esquadrão de cavalaria n.º 9 organize um pelotão que deve ficar pronto a marchar e terá a seguinte composição:

| | |
|--------------------|----|
| Oficiais | 2 |
| Praças | 38 |
| Cavalos | 42 |

3.º Que deve ser criado, quando se dê a respectiva ordem, o destacamento de Otchinjou cuja composição será a seguinte:

a) Comando:

Comandante, o major comandante do grupo de esquadões.

Ajudante, médico e veterinário, os do grupo de esquadões.

Vaguemestre, um sargento de cavalaria n.º 9.

Carros alentejanos, 4, sendo 1 para víveres, 2 para forragens, e 1 para bagagens. Estes carros serão fornecidos 3 por cavalaria n.º 9, e 1 pelo hospital.

b) Unidades:

Pelotão de cavalaria n.º 11 destacado em Otchinjou.

Pelotão de cavalaria n.º 9, a que se refere o n.º 2.º

Auxiliares boers com os carros boers que estão ao seu serviço.

4.º O pessoal e animal transportam consigo, respectivamente, um dia de víveres de reserva e um dia de grão; nas viaturas irão dois dias de víveres de reserva e dois dias de grão. Estes géneros e a ração só serão consumidos nos dias que a ordem de operações fixar.

5.º Que se execute o seguinte movimento de pessoal e animal fornecidos pelo esquadrão de cavalaria n.º 9:

a) Para a 15.ª companhia indígena de Moçambique (Tchicusse), 4 cavalos devidamente aparelhados e respectivos tratadores;

b) Para a 16.ª companhia indígena de Moçambique (Gambos), 5 cavalos, idem;

c) Para o batalhão de marinha (Cahama), 4 cavalos, idem. Todos estes cavalos devem ser dos classificados como incapazes e só depois dêses se recorrerá aos apurados para serviços moderados;

d) Para os postos do Binguiro e Cavalaua um cabo para cada um, que deve receber dos cabos de marinha ali existentes os géneros, barracões, etc. Após o que estes regressam ao seu batalhão;

e) Para o esquadrão de cavalaria n.º 11 um segundo sargento e o serralheiro, ferreiro do mesmo esquadrão, que se encontra em diligência nos Gambos.

16.ª Companhia indígena de Moçambique:

1.º Recebe: 5 cavalos de cavalaria n.º 9, aparelhados, e respectivos condutores;

2.º Fornece: à secção de engenharia, 1 camelo, respectivo arreio e tratador; à secção de adidos as muães montadas dos oficiais;

3.º O pessoal e animal transportam consigo, respectivamente, um dia de víveres de reserva e de grão; as viaturas dois dias e os camelos, além da sua ração, as munições.

15.ª Companhia indígena de Moçambique:

Recebe de cavalaria n.º 9, 4 cavalos devidamente aparelhados, para montadas dos oficiais, e respectivos tratadores. Sobre víveres e ração para solpedes e munições, o mesmo que a 16.ª de Moçambique.

16.ª Companhia indígena de Angola:

Fornece:

a) Para a secção de adidos, 3 carros alentejanos, atrelagens e condutores;

b) Para a 2.ª bateria de metralhadoras (Gambos), 4 camelos aparelhados e condutores;

c) Para a secção de engenharia, 1 camelo, idem.

2.ª Bateria do grupo de metralhadoras:

Recebe 4 camelos, com respectivos condutores e arreios, da 16.ª de Angola.

Fornece 8 carros alentejanos e respectivas atrelagens à secção de adidos. Víveres, forragens e munições o mesmo que para as outras unidades.

Director do hospital:

Fornece:

a) 3 carros, respectivas atrelagens e condutores à secção de adidos; 1 carro, idem, ao comando do grupo de esquadrões; e 3 carros, idem, à secção de engenharia;

b) Os 3 carros restantes serão aproveitados para o transporte de uma pequena ambulância, que organizará, e de barracas hospitalis. Devem ficar carregados desde já e postos à disposição do comando, com respectivas atrelagens e condutores, bem como um sargento enfermeiro e um ajudante.

Secção de adidos:

Recobe:

a) As muares montadas dos officiaes da 16.^a de Moçambique;

b) 3 carros alentejanos, atrelagens e condutores da 16.^a de Angola;

c) 3 carros, idem, do hospital;

d) 3 carros, idem, da 1.^a companhia europeia.

Providenciará para que desde já sejam colocados em três carros alentejanos depósitos-tanques, e para que as duas cozinhas rodadas fiquem atreladas.

Secção de engenharia:

Recebe:

a) 3 carros alentejanos do hospital, respectivas atrelagens e condutores;

b) 2 carros da 2.^a bateria do 3.^o grupo de metralhadoras;

c) 1 camelo da 16.^a de Angola;

d) 1 camelo da 16.^a de Moçambique.

Providenciará para que sobre os carros, camelos e muares de baste seja disposta a carga do material de engenharia e ferramentas indispensáveis à construção de quaisquer trabalhos ligeiros, como reparações de linhas telegráficas, abertura de cacimbas, reparações de viaturas, etc. O pessoal e animal devem, respectivamente, receber e transportar os viveres e a ração fixados para as outras unidades.

1.^a Companhia europeia de infantaria de Angola:

Fornece 3 carros alentejanos, respectivas atrelagens e condutores à secção de adidos.

Batalhão de marinha:

Recebe 4 cavalos de cavalaria n.^o 9 e outros elementos a determinar ulteriormente.

Municciamento:

As unidades terão municciamento por praça e em 1.^a linha de 240 cartuxos, 8 milímetros, na marinha e companhias indígenas, 120 na cavalaria, 30:000 por metralhadoras.

Apenas estas determinações estejam cumpridas, os Srs. comandantes das unidades e formações comunicá-lo hão a êste comando, nos Gambos, bem como enviarão um mapa detalhado do pessoal, animal e material com que ficam e das faltas notadas ou consertos a fazer para serem remediados tanto quanto possível.

S. Ex.^a o general exige a maior rapidez na execução destas prescrições.

Pelo Chefe do Estado Maior, *Freitas Soares*, capitão.

N.º 22

Ordem e instruções para a reocupação do Humbe e da Dongoena

N.º 1

Ordem para a reocupação do Humbe.

I — Situação

O gentio do Humbe e da Dongoena continua in-submisso.

Fôrças para a reocupação do vale do Cubango estão concentrando-se em Cassinga, estando o pôrto A (Caiundo) e o Mulondo em nosso poder.

As unidades estacionadas em Mossâmedes estão em marcha para o planalto.

II — Fim

a) *Destacamento do Humbe.*—Reocupar o Humbe batendo o gentio revoltado na zona de marcha.

b) *Destacamento da Dongoena.*—Cair sôbre a Dongoena, razeando a região entre o forte da Dongoena e o Humbe, reunindo-se em seguida ao destacamento do Humbe no qual ficará incorporado.

III — Disposição

c) Itinerários:

Destacamento do Humbe:

Primeiro dia.— Tchipelongo;

Segundo dia.— Bela-Bela;

Terceiro dia.— Humbe.

Destacamento da Dongoena.— As *étapes* serão estabelecidas de forma a atingir o forte da Dongoena na madrugada do terceiro dia de marcha do destacamento do Humbe, seguindo no mesmo dia para o Humbe.

b) *Alimentação.*— Para reabastecimento das tropas durante os dias de marcha até a sua reunião no Humbe estão estabelecidos depósitos no Chicusse em Otchinjou.

As unidades e formações do destacamento do Humbe transportam três dias de víveres e três dias de grão; as unidades do destacamento da Dongoena transportam três dias e meio de víveres, e três dias e meio de grão.

IV — Local do comando

Marcho com o destacamento do Humbe.

Está conforme.— O Chefe de Estado Maior, *O. Peres*, major.

Pereira de Eça, general.

N.º 1

Instruções

Ao comandante do destacamento de Dongoena.

1.º No mesmo dia em que o destacamento de Dongoena marchar para Chipa (primeiro dia de marcha do destacamento da Dongoena) deve o acampamento dos carros auxiliares boers mudar-se também para Chipa, constituindo coluna independente acompanhada unicamente de um ou dois auxiliares boers.

2.º No segundo dia de marcha do destacamento da Dongoena deve este destacamento estacionar próximo do forte Dongoena, de modo a na madrugada do terceiro dia de marcha cair de surpresa sobre a Dongoena.

3.º Raziar a Dongoena, tendo em atenção que as ci-batas se estendem principalmente para sul e sudoeste do forte da Dongoena.

4.º Raziada a Dongoena, deve o destacamento da Dongoena, com excepção dos auxiliares boers, recolher ao forte do Humbe, como prescreve a *Ordem para a reocupação do Humbe*.

Os auxiliares boers irão ocupar o vau do Calueque, para o que o comandante do destacamento da Dongoena entregará ao comandante dos mesmos auxiliares as *Instruções ao comandante dos auxiliares boers*.

O Chefe de Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

N.º 2

Instruções

Ao comandante dos auxiliares boers.

1.º No terceiro dia de marcha do destacamento da Dongoena e depois de raziada esta, devem os officiaes boers ir ocupar o vau do Calueque.

2.º Enquanto ocupar o vau do Calueque (que só deixará de ser occupado quando pelo comando superior fôr determinado), o comandante dos auxiliares *boers* procurará:

A) Reconhecer Naulila, informar-se da attitude do Cuamato a nosso respeito e de quantos combatentes pode dispor, indicando o número de armas finas e respectivo municionamento;

B) Informar-se do effectivo das forças alemãs, da sua situação e da situação das tropas inglesas, e bem assim das direcções prováveis a seguir por umas e outras;

C) Informar-se se sim ou não existe uma estrada para automóveis ligando Naulila com Okanknejo ou com qualquer ponto da Damaralândia;

D) Procurar resgatar um sargento e alguns soldados portuguezes que se encontram prisioneiros no Cuamato;

E) Pôr-se em ligação com o Cuambi, procurando por uma política de atração aumentar a sua simpatia por Portugal, e informar-se das relações de politica indígena existentes entre o Cuambi e o Cuamato, entre o Cuambi e o Cuanhama e entre este e o Cuamato, procurando definir:

a) Qual a attitude do Cuanhama no caso de atacarmos o Cuamato. Qual o número de combatentes que o Cuanhama pode pôr em campo, com indicação do número de armas finas e respectivo municionamento.

b) Qual a attitude do Cuamato no caso de atacarmos o Cuanhama.

c) Qual a attitude do Evale no caso de atacarmos o Cuanhama. Qual o número de combatentes que o Evale pode pôr em campo, com indicação do número de armas finas e respectivo municionamento.

F) Informar rapidamente o comando superior a fim de o ter constantemente ao corrente da situação.

O Chefe de Estado Maior, *Jodo Ortigao Peres*, major.

N.º 23

Instruções para o serviço de abastecimentos durante as operações

1.º Para conveniência dos serviços que affectam um carácter especial nas operações militares coloniais, e muito principalmente nas presentes circumstâncias, a Direcção dos Serviços de *Étapes* fica à retaguarda, na base marítima Mossâmedes.

2.º A Direcção do Serviço de *Étapes* receberá e armazenará todos os fornecimentos que vierem de qualquer pôsto nacional ou estrangeiro e bem assim daqueles que julgar necessário fazer na localidade.

§ único. O director do serviço de *étapes* fica autorizado a requisitar tudo quanto seja necessário para os serviços, invocando o meu nome e assinando qualquer telegrama que tenha de ser feito para o Ministério, para qualquer govêrno da província ou ainda directamente para qualquer fornecedor com a palavra «Governador», de que eu assumo toda e qualquer responsabilidade.

3.º A Direcção do Serviço de *Étapes*, pelos chefes de todos os serviços e principalmente dos víveres e forragens, informar-se há do que existe em Mossâmedes, considerando como consumido tudo quanto foi transportado para o planalto e requisitará, nos termos do § único do número anterior, o que fôr necessário.

Igualmente requisitará tudo quanto fôr necessário, incluindo o pessoal para o serviço de transportes e principalmente dos camiões automóveis, ainda nos termos do § único do número anterior.

À Direcção de *Étapes* são, pois, conferidas todas as attribuições para o melhor desempenho do serviço e sob a minha inteira responsabilidade.

4.º A Direcção do Serviço de *Étapes* terá como seu re-

presentante no Lubango o seu chefe de estado maior, que dirigirá no planalto o serviço de abastecimentos das forças em operações.

5.º Junto do chefe do estado maior da Direcção do Serviço de *Étapes* estará um official da administração militar, que é o delegado do chefe dos serviços administrativos da primeira linha, competindo-lhe, portanto, a execução do que fôr determinado em meu nome pelo referido chefe do estado maior.

6.º As requisições de quaisquer artigos serão feitas à Direcção do Serviço de *Étapes*, indicando:

a) Quanto a viveres: número de rações de reserva ou o número de rações de viveres normais, devendo, portanto, nos transportes as cargas ser feitas de modo que se constitua sempre um número exacto de rações, enviando todos os seus componentes nas proporções devidas;

b) Quanto a forragens, proceder-se há do modo indicado na alínea anterior;

c) As requisições de fardamento serão satisfeitas de modo que se não prejudique o transporte de viveres e forragens, que é essencial, e assim poderá constituir normalmente um complemento de carga a transportar nos diferentes combóios;

d) As requisições de munições de guerra e mais material desta especialidade serão satisfeitas conforme se indicar, devendo nas indicações a fazer mencionar-se se têm precedência sobre as requisições de viveres ou forragens;

e) As requisições de material sanitário serão feitas do modo indicado na alínea anterior;

f) As requisições relativas ao material para serviço de transporte serão satisfeitas imediatamente ou requisitando-se o que fôr necessário, nos termos do § único do n.º 2.º destas instruções.

7.º A Direcção do Serviço de *Étapes* continuará a mandar fiscalizar com o máximo rigor que os transportes se façam segundo as ordens da mesma direcção.

8.º A Direcção do Serviço de *Étapes* usará da máxima iniciativa e do mesmo modo dará a máxima iniciativa aos chefes dos serviços, tendo principalmente em vista a descentralização indispensável para que com a máxima urgência e em poucos dias possam começar as operações militares que constituem o segundo período.

Mossâmedes, 16 de Julho de 1915.—*António Júlio Costa Pereira Eça*, general.

N.º 24

Relatório do destacamento da Dongoena

Ex.^{mo} Sr.—Tendo-se constituído por determinação de S. Ex.^a o general comandante superior das forças em operação ao sul de Angola, em 29 de Junho próximo findo, o destacamento da Dongoena que tive a honra de comandar com a composição do mapa n.º 1 ¹; destacamento êste que seguiu a concentrar-se em Otchuijou, em 1 de Junho, como as ordens prescreviam, com o fim de bater Dongoena e o Humbe, devendo reúnir-se ao destacamento do Humbe criado pela mesma ordem e no qual se incorporaria.

É do meu dever apresentar a V. Ex.^a o relatório da marcha dêste destacamento, o qual submeto à aprovação de S. Ex.^a o comandante das fôrças.

*

* *

Partiu o destacamento em 1 do corrente dos Gambos, às seis horas e trinta minutos, chegando ao Binguiri em marcha itinerária às onze horas e trinta minutos, tendo percorrido 32 quilómetros em cinco horas.

Em 2 partiu do Binguiri às seis horas, chegando ao Cunjo às nove horas e cinqüenta minutos, onde teve um alto para as fôrças comerem o rancho frio e os solípedes ração e água das cacimbas.

Partiu do Cunjo às horas, chegando ao rio Mutiangonga às vinte horas e trinta minutos, tendo do Cunjo a Mutiangonga feito marcha de guerra, porque, quando a fôrça descansava, passou pelo nosso local do alto o chefe dos auxiliares indígenas, Orlog, ao serviço do comando superior, com vários auxiliares, dizendo-me que seria provável encontrar Humbles em Motiangonga, para onde os tinha atirado e me podiam atacar, sendo o único ponto com água até Otchinjou.

Apesar de ter chegado àquele ponto a horas bastante adiantadas para em boas condições se estabelecer biva-

¹ Êste mapa foi alterado conforme se pode ver das ordens n.ºs

que, nada me denunciou presença de indígenas rebeldes, tendo a marcha deste dia sido de 42 quilómetros em dez horas e vinte minutos.

Em 3 parti do rio Mutiangonga às cinco horas, chegando a Otchuijou às dez horas e trinta minutos, tendo percorrido 23 quilómetros, incorporando-se aqui na coluna o pelotão de cavalaria n.º 11 do comando do alferes Sr. Zarcó Gomes Pereira da Câmara, de guarnição neste ponto.

Tendo aqui deixado meia dúzia de praças de guarnição e carregados os quatro carros alentejanos com os víveres necessários para quatro dias, segui às quinze horas com destino Ongono, onde cheguei às vinte e duas horas e trinta minutos, a fim de completar a concentração de todo o destacamento com a incorporação dos auxiliares boers do comando do alferes Sr. João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel, de cavalaria n.º 9, tendo percorrido 22 quilómetros de Otchuijou a Ongono e marchando a força neste dia 45 quilómetros em doze horas.

A falta de água em direcção a Chipa (primeiro dia de marcha segundo as instruções recebidas, documento n.º 2) obrigaram-me a andar todo o dia e parte da noite, em um alto em Chilau, apenas o necessário para os cavalos beberem água das cacimbas de Chilau, onde reside o boer Joon Hiyms, pois que num percurso de 70 quilómetros só neste ponto havia água antes de Chipa.

Parti de Ongono em direcção a Chipa às cinco horas, por uns 6 quilómetros de péssimo caminho para carros, chegando a Chilau às dez horas e trinta minutos, tirando água dumas cacimbas muito fundas, e com muito trabalho deu-se água aos solípedes, partindo às treze horas com um sol que nos escaldava, chegámos às vinte e uma horas a um ponto da floresta chamado Catale, a 18 quilómetros de Chipa, onde bivotámos, tendo percorrido 55 quilómetros neste dia em doze horas e trinta minutos, encontrando muitas vezes terreno arenoso que muito dificultava a marcha do combóio.

Alterando o itinerário fiz no dia 3 a concentração em Ongono e não em Otchuijou, a fim de evitar o ter de percorrer no primeiro dia de marcha 77 quilómetros, o que muitas vezes por maus caminhos e sem água se tornaria impossível, e os carros, tendo de caminhar em terreno arenoso, por vezes, retardaram a marcha da coluna, tornando-a fatigante e inexplicável; se tivesse de

percorrer os 77 quilómetros no mesmo dia, obrigar-me-ia certamente a não atingir o fim no tempo marcado, o que eu, a todo o transe e a despeito de todas as contrariedades, queria evitar e evitei.

A 5 parti de Catale às seis horas, chegando a Chipa às nove horas, onde reside um inglês de nome Jackson Pearson, de onde partimos às treze horas, depois de ter mandado dar água duas vezes aos solípedes, que dêste ponto só poderiam beber no rio Cunene depois de passar pela Dongoena.

Atravessámos a floresta de mutiate na direcção leste (floresta em que fiz quasi sempre toda a marcha, intercalada com alguma de espinheiro) e chausas mais ou menos extensas, sendo uma de 4 quilómetros de comprimento, mas pouco longa, e fazendo à noite o percurso através da floresta de Chipa, iluminando o caminho com fogo deitado pelos auxiliares em árvores secas, de espaço a espaço, o que tornava num itinerário fantástico os tons de luz que dava à sua passagem na pequena coluna, a sua marcha sempre de arriscado avanço.

Bivacámos numa pequena clareira do mato chamada Entoala às vinte e uma horas, em bivaque de alarme, com todas as precauções, para não ser pressentido, tendo percorrido neste dia 70 quilómetros¹ em doze horas.

Este bivaque, verdadeira posição de espera, ficou a umas três horas da Dongoena, e, apesar de eu desejar fazer a empreza ao alvorecer, em vista da distancia, foi-me completamente impossivel; em tudo tive a vantagem de não ser pressentido pelos indigenas, não deixando acender fogo nem fósforos, apesar dos boers me dizerem que ia morrer tudo com frio.

Não me importando e sabendo, por experiência, que os indigenas nesta época, o frio, não os deixa arrancar das palhotas e do fogo senão com o sol alto, consegui assim a empreza que desejava.

A 6, tendo dado as instruções, documento n.º 10, aos comandantes das diferentes fracções, parti de Entrala às cinco horas, chegando às primeiras libatas às oito horas, em que a guarda avançada do comando do alferes Sr. Sarmiento, lançando-se ao galope sobre elas, as cerca, enquanto que o grosso da coluna marchando em

¹ Talvez se estranhe esta velocidade da marcha em outras no mesmo tempo, mas aqui os carros começaram a ir vazios.

linha aberta a 60 metros, com o combóio ao meio, em coluna de viaturas, pronta a apoiá-la e a formar quadrado caso a resistência inimiga a isso obrigasse.

Alguns tiros partem das libatas contra a guarda avançada que se tinha distanciado, raziando e incendiando conforme as ordens; mais alguns tiros feitos pelo pelotão do alferes Sr. Zarco, apeia alguns homens e mais algumas correrias da guarda avançada feita sôbre todas as libatas e vários tiros sôbre todas as direcções em que morreram uma centena de indigenas, que fugiam em todas as direcções deixando assim a acção à coluna que metódicamente continuava a avançar em direcção ao forte.

Os boers, verdadeira cavalaria irregular para surpresas, ora se apeavam para atirar e matar o inimigo, ora montavam para o perseguir, mostrando assim a sua tradicional destreza.

Depois de tudo destruído, chegámos ao forte às dez horas e trinta minutos, onde encontrámos tudo estragado pelos indigenas, o mastro da bandeira partido e lançado por terra, o reparo de uma peça todo inutilizado, etc., existindo de pé a rede de arame farpado em roda da fortaleza.

Como o alferes Sr. Sarmento levasse uma bandeira, resolvi prestar-lhe as devidas honras, e altiva se hasteou com a fôrça formada, os boers de chapéu na mão ao toque da marcha de continência depois duma pequena alocação às tropas em que a bravura e a resistência à fadiga mais uma vez afirmou o nosso heróico soldado português.

E com vivas à Pátria e à República levantados por mim e correspondidos por todos, ela tremulou por algum tempo tam altiva como os nossos maiores sempre a têm conservado, e novamente depois de tam impressionante acção naquelas paragens.

Com o mesmo ceremonial a mandei arriar e guardar ao Sr. Sarmento, visto não ficar fôrça no forte, a fim de impedir qualquer desacato na nossa ausência que só a presença de fôrças pode evitar e fazer respeitar.

As doze horas segui para o rio Cunene, onde a fôrça estacionou às catorze horas, tendo sido batidas entre as oito e as onze horas as terras da Dongoena.

Bivaquei depois na mata no sítio denominado Coacala, a 1 quilómetro do descanso no rio, um estacionamento de alarme para melhor guardar os gados apreendidos

(documento n.º 11) e os boers têm receio que lhes fôsem novamente tirados, caso ficassem sós, pedindo-mé para seguir para o Humbe no dia immediato.

Tendo andado neste dia 24 quilómetros em cinco horas. Acedi, visto não poder trazer o gado comigo, e na madrugada de 7, às seis horas e trinta minutos, parti para o Humbe onde cheguei às quinze horas e trinta minutos, tendo marchado nove horas e percorrido 50 quilómetros, sem que não houvesse várias dificuldades por me ser dado um guia boer que pouco ou nada sabia do caminho, sendo na floresta do Mutano que, aprisionando um indígena das povoações do Humbe, ia-nos raziando durante a marcha, conseguimos tomar a verdadeira direcção e, ao som da marcha de guerra, entrou a pequena coluna na fortaleza depois de andar quatro dias em país inimigo e hostil, raziando e dominando sem que da nossa parte houvesse perdas, e tendo no Mutano aprisionado um dos conselheiros mais importantes do soba do Humbe (documento n.º 16). Chegando assim êste destacamento no mesmo dia em que o do Humbe a incorporar-se nele onde se encontrou com uma diferença de minutos.

Vindo raziando pelo Mutano, mal sabia que o destacamento do Humbe tinha retardado a sua marcha de um dia, e que para a combinação de movimentos, para a acção de conjunto, o tempo e o espaço são tudo, podendo, quando não dá, ser as colunas batidas em detalhe.

Devo dizer que não me poupando a fadigas, com imensas dificuldades e contrariedades dos carros que me dificultaram a marcha, vi muitas vezes o meu objectivo a falhar no tempo, e lá mandando e tornando a mandar o ajudante do destacamento ao combóio, consegui sempre fazê-lo seguir, apesar de estar disposto a abandonar os carros em último recurso.

Por êste relatório simples e breve que mais brilho literário devia ter, para o que me faltam dotes, pode V. Ex.^a avaliar todo o trabalho da pequena coluna.—
Ernesto Maria Vieira da Rocha, major de cavalaria.

N.º 25

Ordem para a dissolução dos destacamentos
do Humbe e da Dongoena

Comando Superior.—Humbe, 7 de Julho de 1915.—
N.º 26.—Ordem.—Para o dia 7 de Julho.—Sua Ex.^a
o general comandante e governador geral determina e
manda publicar:

1.º Que ficam desde já dissolvidos os destacamentos
do Humbe e da Dongoena, sendo criado desde hoje o
comando militar do Humbe, constituído por todas as fôr-
ças dos dois destacamentos, com excepção dos auxilia-
res boers;

2.º É nomeado comandante militar do Humbe o coro-
nel Sr. Veríssimo de Sousa;

3.º Que lhe foi muito agradável ver a forma correcta
como foram executadas as marchas e a boa disposição
dos Srs. officiais e praças perante as difficuldades ineren-
tes às marchas em África;

4.º Que foi igualmente com muita satisfação que soube
da forma como o destacamento da Dongoena realizou a
missão de que foi incumbido, mostrando as unidades do
mesmo destacamento as melhores qualidades de resis-
tência e dedicação pelo serviço, e dando o seu coman-
dante um testemunho mais das suas qualidades milita-
res em tão brilhante missão.

O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

N.º 25—A

Instruções para o serviço dos camiões

1.º O serviço dos camiões é dirigido, em meu nome,
no Lubango, pelo chefe do estado maior do serviço de
étapes, e nos Gambos pelo official do estado maior in-
cumbido da mobilização e concentração das subsistên-
cias e mais material no Humbe;

2.º O serviço dos camiões comprehende: o serviço das
officinas e o serviço das secções de transporte;

3.º O serviço das officinas abrange, além dos conser-
tos que haja necessidade de fazer, a arrecadação de to-

dos os sobressalentes e mais material técnico e a distribuição desses sobressalentes pelas secções de transporte quando partirem para os seus destinos;

4.º As oficinas a montar serão: no Lubango, nos Gambos, na Ediva e no Humbe.

§ 1.º A oficina principal será, por enquanto, no Lubango, devendo as outras ser destinadas a pequenos concertos de ocasião, de modo a evitar-se a imobilização dos carros.

§ 2.º Todas as oficinas são subordinadas à oficina principal, devendo os diferentes directores de oficinas requisitar uns aos outros os artigos de que necessitarem, em casos de urgência, e nos outros casos a requisição será feita à direcção da oficina principal, que regulará a satisfação das requisições conforme for mais conveniente.

§ 3.º Enquanto não houver todas as ferramentas necessárias, aproveitar-se hão os carros *atelier* que se reconheça não serem próprios para acompanhar as secções de transporte, em trânsito, ou ainda, se as circunstâncias a isso forcarem, dispensar-se há o acompanhamento das secções pelos carros *atelier* e aproveitar-se hão todos para as oficinas.

5.º Cada oficina terá um director, que deve ter sempre em atenção a importância capital deste serviço para a execução das operações, e ao qual competirá o seguinte:

a) Dirigir metódicamente, e com a máxima disciplina, o serviço de modo que os concertos se executem no mínimo prazo de tempo e com a maior perfeição, devendo-se ter em vista a importância deste serviço;

b) Fixar as horas do trabalho e as gratificações por trabalhos extraordinários, tendo se em atenção que as operações militares exigem trabalho além das oito horas normais e bem assim nos dias feriados;

c) Impor multas por transgressões de disciplina e bem assim requisitar os meios coercivos para que o trabalho se faça devidamente, tendo em atenção que os operários estão sujeitos à disciplina militar e ao Código de Justiça Militar;

d) Requisitar aos oficiais a quem se refere o n.º 1.º destas instruções o que for necessário para o serviço, devendo haver a máxima descentralização, sem a qual este serviço não pode dar o rendimento necessário;

e) Verificar a existência dos sobressalentes e mais

material técnico, prevendo as necessidades futuras do serviço e requisitando o que fôr necessário nos termos da alinea anterior, de modo a que não haja dificuldades no serviço que não tenham sido previstas;

f) Revistar os carros que constituem as secções do transporte quando regressarem do serviço, a fim de indagar do seu estado de conservação;

g) Em circunstâncias normais fixar a carga que deve ser atribuída a cada carro, carga que, contudo, em casos de urgência, poderá ser excedida se as necessidades do serviço assim exigirem, o que será determinado, em meu nome, pelos oficiais a quem se refere o n.º 1.º destas instruções;

6.º Na questão dos sobressalentes compreende-se: a gasolina, as câmaras de ar, o carbonato para a iluminação e as ferramentas necessárias para qualquer reparação que deva ser feita durante a marcha de qualquer secção de automóveis;

7.º As secções de transporte são comandadas por um oficial, tendo para o coadjuvar o número de graduados que fôr necessário;

8.º Cada secção terá um guia, invocando a minha ordem e assinada pelos oficiais a quem se refere o n.º 1.º destas instruções, na qual se indicará o itinerário que, só em casos excepcionais de impossibilidade absoluta, poderá ser alterado;

9.º Os comandantes das secções de transportes devem ter sempre em vista a importância capital d'êste serviço para a boa execução das operações militares e competentes:

a) Passar uma revista minuciosa aos carros, antes da partida, verificando o estado em que estão e se levam todos os sobressalentes indispensáveis;

b) Verificar as disposições das cargas;

c) Participar qualquer ruína que se dê no trânsito e mudar os condutores dos carros quando essa ruína fôr resultante de desleixo;

d) Propor para serem gratificados todos os condutores dos carros que mostrem zelo notável e interesse pelo carro e pelo serviço que vão desempenhar.

Quartel General no Lubango, 19 de Julho de 1915.—
António Júlio da Costa Pereira de Eça, general.

Está conforme.— Pelo chefe do estado maior, *Freitas Soares*, capitão.

N.º 26

Ordem de batalha

Quartel general do comando superior

I—Comando e estado maior

Comandante superior das fôrças:

General, António Júlio da Costa Pereira de Eça.

Ajudantes de campo:

Capitão de artilharia, Henrique Júlio de Carvalho Dias.

Alferes de cavalaria, João Falcão Ramalho Ortigão.

Oficiais às ordens:

Capitão de infantaria, Sebastião Luís de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira.

Capitão de artilharia, António Gorjão Couceiro de Albuquerque.

Chefe do estado maior:

Major de infantaria e do serviço do estado maior, João Ortigão Peres.

Sub-chefe do estado maior:

Capitão de cavalaria com o curso do estado maior, António Maria de Freitas Soares.

Adjuntos do serviço do estado maior:

Capitão de artilharia e do serviço do estado maior, José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Capitão de infantaria e do serviço do estado maior, Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro.

Capitão de infantaria com o curso do estado maior, João Carlos Pires Ferreira Chaves.

Tenente de infantaria com o curso do estado maior, António de Sousa Guedes Cardoso Machado.

Tenente de infantaria com o curso do estado maior, Joaquim dos Santos Correia.

Tenente de cavalaria com o curso do estado maior,
Júlio de Abreu Campos.

Tenente de infantaria com o curso do estado maior,
José Joaquim Ramos.

Tenente de infantaria com o curso do estado maior,
Jorge Dias da Costa.

Intérprete:

Capitão reformado do quadro colonial, João Inácio Pa-
lermo de Oliveira.

Comandante do quartel general:

Tenente do quadro auxiliar de artilharia, Vítor Ma-
nuel Gonçalves Coelho.

Oficial provisor:

Alferes do serviço de administração militar, João Jo-
sino da Costa.

Oficiais do secretariado militar:

Tenente do secretariado militar, Mário Herculano de
Campos Rêgo.

Alferes do secretariado militar, Júlio de Carvalho Vi-
dal.

Alferes do secretariado militar, Miguel da Fonseca
Pinheiro.

Adidos:

Alferes do quadro auxiliar de artilharia, José Carva-
lho Cebola.

Alferes miliciano de cavalaria, Frederico da Fonseca
Rosado e Almeida Pinheiro.

II—Serviços de engenharia

Comandante da engenharia:

Capitão de engenharia, Rui Viterbo Fragoso Ribeiro.

Adjuntos:

Tenente de engenharia, Francisco dos Santos Pinto
Teixeira.

Tenente de engenharia, Henrique Mora.

III—Serviços de artilharia

Comandante:

Tenente-coronel de artilharia, Manuel Pereira Caldas.

Adjuntos:

Alferes de artilharia, Raúl Ferrão.

Alferes de artilharia, Gabriel Maria de Barros Nápoles de Sousa Homem.

Alferes de artilharia, Manuel António Mourinha de Almeida.

IV — Serviços administrativos

Chefe:

Major do serviço de administração militar, Francisco Augusto Henriques Segurado Achemann.

Adjuntos:

Major do serviço de administração militar, Amaden Damasceno Vieira de Castro.

Tenente do serviço de administração militar, Edgar Augusto Cardoso.

Tenente do serviço de administração militar, José Ribeiro de Castro Júnior.

Tenente do serviço de administração militar, Manuel da Costa Dias.

V — Serviços de saúde

Chefe:

Capitão de fragata médico, Alexandre Botelho de Vasconcelos e Sá.

Adjuntos:

Capitão médico do quadro de saúde da província de S. Tomé e Príncipe, Henrique Luis Homem Corte Real.

Tenente médico do quadro de saúde da província de S. Tomé e Príncipe, Alfredo Gomes da Costa.

Tenente médico, António Pereira Barbosa.

Tenente médico, Manuel Augusto Pinto.

VI — Serviço veterinário

Chefe:

Capitão veterinário, Armando Augusto Chaves de Lemos.

Adjuntos:

Tenente veterinário, João Jorge Lobato Guerra.

Tenente veterinário, Mário Gomes Saraiva.

Alferes veterinário, António Menias Abado.

VII — Serviço postal

Chefe:

Capitão de infantaria, Carlos Ribeiro Borges.

Adjuntos:

Alferes de infantaria, Joaquim Pedro de Magalhães Gama.

Alferes de infantaria, Francisco Bastos de Matos.

Primeiro aspirante dos correios, Joaquim de Oliveira.

VIII — Serviço de justiça

Auditores:

Juiz de direito, Arnaldo de Almeida Vidal.

Juiz de direito, Bernardo Augusto Amaral Polónio.

Promotor:

Capitão do serviço, M. Manuel António da Costa Carmona.

Secretários:

Alferes de infantaria, Arnaldo de Oliveira.

Tenente de infantaria, Caetano Alberto do Carmo Azevedo.

Alferes do secretariado militar, Fernando de Sousa Medeiros.

Defensores officiosos dos tribunais de guerra:

Capitão de infantaria, Sebastião Luís de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira.

Capitão de infantaria, António Lopes Martins.

Capitão de artilharia, Alfredo Carlos de Faria Leal.

Capitão de infantaria, Alexandre Martins Mourão.

IX — Prebostado

Preboste:

Capitão de infantaria, João Maria Pereira do Amaral.

Comandos militares especiais

Comando da região dos Gambos

Comandante:

Coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa.

Chefe do estado maior :
 Capitão de artilharia e do serviço do estado maior,
 José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Adjuntos do estado maior :
 Tenente de infantaria, com o curso do estado maior,
 José Joaquim Ramos.

Ajudante :
 Alferes miliciano de cavalaria, Frederico da Fonseca
 Reis Almeida Pinheiro.

Adido :
 Alferes do quadro auxiliar de artilharia, José Carvalho
 Cebolo.

Comando da região de Cassinga

Comandante :
 Major de infantaria, João Júlio Reis e Silva.

Chefe do estado maior :
 Capitão de infantaria, com o curso do estado maior,
 João Carlos Pires Ferreira Chaves.

Comando militar do Lubango

Comandante :
 Major de infantaria, Joaquim Emílio Lopes Jordão.

Comando militar da base do Humbe

Comandante :
 Capitão de infantaria, Jorge Frederico Velez Carogo.

Quartéis gerais dos destacamentos

Destacamento do Humbe

Comandante :
 Coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa.

Ajudante :
 Alferes miliciano de cavalaria, Frederico da Fonseca
 Rosado e Almeida Pinheiro.

Chefe do estado maior :

Capitão de artilharia e do serviço do estado maior,
José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Sub-chefe do estado maior :

Tenente de infantaria, com o curso de estado maior,
José Joaquim Ramos.

Chefe dos serviços de saúde :

Primeiro tenente médico da marinha, António Ruival
Saavedra.

Chefe dos serviços administrativos :

Tenente do serviço de administração militar, Manuel
da Costa Dias.

Comandante de artilharia :

Capitão de artilharia, Alfredo Augusto de Barros Jú-
nior.

Destacamento da Dongoena

Comandante :

Major de cavalaria, Ernesto Maria Viana da Rocha.

Ajudante :

Capitão de infantaria, Flausino Correia Tôrres.

Destacamento do Cuanhama

Comandante :

Tenente-coronel de artilharia, Manuel Pereira Caldas.

Ajudante :

Capitão de artilharia, Alfredo Leal.

Chefe do estado maior :

Capitão de infantaria e do serviço de estado maior,
Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro.

Sub-chefe do estado maior :

Capitão de infantaria com o curso do estado maior,
António de Sousa Guedes Cardoso Machado.

Adjuntos do estado maior :

Tenente de infantaria com o curso do estado maior,
Jorge Dias da Costa.

Chefe do serviço de saúde:
O do quartel general do comando superior.

Chefe do serviço veterinário:
O do quartel general do comando superior.

Comandante da artilharia:
Major de artilharia, José Afonso Pala.

Comandante de engenharia:
O do quartel general do comando superior.

Chefe dos serviços administrativos:
Capitão do serviço de administração militar, Amadeu Damasceno Vieira de Castro.

Comandante do quartel general:
O do quartel general do comando superior.

Provisor do quartel general:
O do quartel general do comando superior.

Comandante do combóio:
Capitão de artilharia, Aníbal Fernandes da Costa Pinto.

Comandante da coluna de munições:
Capitão de artilharia, António Carlos Cortês.

Comandante dos auxiliares:
Capitão de infantaria, João Maria Ferreira do Amaral.

Destacamento do Guamato

Comandante:
Coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa.

Ajudante:
Alferes miliciano de cavalaria, Frederico da Fonseca Rosado e Almeida Pinheiro.

Chefe do estado maior:
Capitão de artilharia e do serviço de estado maior,
José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Sub-chefe do estado maior:

Tenente de cavalaria e com o curso do estado maior,
Júlio de Abreu Campos.

Adjunto do estado maior:

Tenente de infantaria com o curso do estado maior,
José Joaquim Ramos.

Oficial às ordens:

Alferes de artilharia, Raúl Ferrão.

Comandante da artilharia:

Capitão, Abel Joaquim Travassos Valdês.

Chefe do serviço de saúde:

Capitão médico, Alberto Mendonça.

Chefe dos serviços administrativos:

Tenente dos serviços da administração militar, Manuel
da Costa Dias.

Comandante do combóio:

Alferes do grupo auxiliar de artilharia, José Carvalho
Cebola.

Chefe do serviço veterinário:

Tenente veterinário da 1.^a bateria de artilharia de
montanha, Joaquim Pais do Carmo.

Provisor:

Alferes miliciano do serviço de administração militar,
António Luis Caria Rodrigues.

Destacamento do Evale

Comandante:

Major de infantaria, João Júlio Reis e Silva.

Ajudante:

Tenente de infantaria, Júlio Soares Serrão da Silva
Machado.

Chefe do estado maior:

Capitão de infantaria, com o curso do estado maior,
João Carlos Pires Ferreira Chaves.

Chefe dos serviços administrativos :
Tenente dos serviços da administração militar, Edgar Augusto Cardoso.

Chefe dos serviços de saúde:
Capitão médico, Adelino Augusto Fernandes.

Destacamento de Naulila

Comandante :
Tenente de cavalaria n.º 9, Francisco Pessoa de Amorim.

Comandante dos auxiliares:
Alferes de cavalaria n.º 9, João Ferreira Sarmiento Pimentel.

Destacamento da N'giva

Comandante :
Coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa.

Ajudante:
Alferes miliciano de cavalaria, Frederico de Sousa Rosado e Almeida Pinheiro.

Chefe do estado maior:
Capitão de artilharia, e do serviço de estado maior, José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Sub-chefe do estado maior:
Capitão de infantaria com o curso do estado maior, António de Sousa Guedes Cardoso Machado.

Adjuntos do estado maior:
Tenente de cavalaria com o curso do estado maior, Júlio de Abreu Campos.
Tenente de infantaria com o curso do estado maior, José Joaquim Ramos.
Tenente de infantaria com o curso do estado maior, Jorge Dias da Costa.

Chefe dos serviços de saúde:
O do comando superior.

Chefe dos serviços veterinários:
O do comando superior.

Chefe dos serviços administrativos:
Capitão do serviço de administração militar, Amadeu Damasceno Vieira de Castro.

Comandante da engenharia:
O do comando superior.

Comandante da artilharia:
Capitão de artilharia, Abel Joaquim Travassos Valdês.

Oficiais às ordens:
Alferes de artilharia, Raúl Ferrão.
Alferes de cavalaria n.º 11, Joaquim Pedro de Faria.

Comandante do quartel general:
Tenente do quadro auxiliar de artilharia, Vítor Manuel Gonçalves Coelho.

Comandante dos trens de combate:
Tenente de artilharia, José Guerreiro de Oliveira Duarte.

Comandante dos combóios:
Tenente de infantaria, Bento Gonçalves Roma.

Comandante dos auxiliares:
Capitão de infantaria, João Maria Ferreira do Amaral.

Oficial provisor:
Tenente dos serviços de administração militar, João Josino da Costa.

Unidades e formações expedicionárias e coloniais de primeira linha

Batalhão expedicionário de marinha (duas companhias de infantaria e uma de metralhadoras):
Comandante, capitão tenente, Júlio Afonso Cerqueira.

Secção mixta de engenharia:
Comandante, segundo sargento de engenharia, Trajano.

Tropas de artilharia

8.^a bateria do regimento de artilharia n.º 1 (dissolvida):

Comandante, capitão Alfredo Leal.

8.^a bateria do regimento de artilharia n.º 2 (dissolvida):

Comandante, capitão Anibal Fernandes da Costa Pinto.

6.^a bateria do regimento de artilharia n.º 3 (dissolvida):

Comandante, capitão António Gorjão Couceiro de Albuquerque.

5.^a bateria do regimento de artilharia n.º 7:

Comandante, capitão Júlio Ferreira da Silva Alegria.

5.^a bateria do regimento de artilharia n.º 8:

Comandante, capitão Júlio Lourenço da Conceição Pereira.

1.^a bateria do regimento de artilharia de montanha (dissolvida):

Comandante, capitão António Carlos Cortês.

2.^a bateria do regimento de artilharia de montanha:

Comandante, capitão Alfredo Augusto Barros Júnior e capitão A. J. Travassos Valdês.

3.^a bateria do regimento de artilharia de montanha (dissolvida):

Comandante, Abel Joaquim Travassos Valdês.

Secções de munições n.º 1:

Comandante, tenente de artilharia, Walter Lima.

Secções de munições n.º 2 (dissolvida):

Comandante, tenente do serviço auxiliar de artilharia, José Bernardo de Almeida Temudo.

Tropas de cavalaria

3.^o esquadrão do regimento de cavalaria n.º 4:

Comandante, capitão Carlos Luiselo Godinho.

3.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 9:
Comandante, capitão Alberto Cardoso Martins Munyes
Mando é tenente Francisco Pessoa de Amorim.

3.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 11:
Comandante, capitão António Pereira da Cunha e Costa.

1.º esquadrão de dragões de Angola:
Comandante, capitão Arnaldo Ribeiro de Andrade
Piçarra.

Um pelotão do 2.º esquadrão de dragões de An-
gola:
Comandante, alferes David José de Carvalho.

Tropas de metralhadoras

1.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras:
Comandante, capitão Manuel Joaquim Crupo Júnior.

2.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras (ex-
tinta):
Comandante, José Mendes dos Reis.

1.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras:
Comandante, capitão José Martins Caunira.

2.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras:
Comandante, capitão António Moreira.

3.ª bateria de metralhadoras do 2.º grupo:
Comandante, capitão António José Teixeira.

1.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras (ex-
tinta):
Comandante, Carlos Ribeiro Borges.

2.ª bateria do 3.º grupo de metralhadoras:
Comandante, capitão Álvaro Teles de Azevedo.

2.ª bateria do 6.º grupo de metralhadoras:
Comandante, Francisco José Teixeira.

Tropas de infantaria

3.º batalhão do regimento de infantaria n.º 16:
Comandante, major Augusto Rodolfo da Costa Ma-
lheiro.

3.º batalhão de infantaria n.º 17:
Comandante, major João Pires Viegas.

3.º batalhão do regimento de infantaria n.º 18:
Comandante, major Alberto Salgado,

Uma companhia do regimento de infantaria n.º 19:
Comandante, capitão de infantaria Cunha Azevedo.

15.ª companhia indígena de Moçambique:
Comandante, capitão de infantaria Humberto de Ataíde.

16.ª companhia indígena de Moçambique:
Comandante, capitão Jaime Raúl Sepúlveda Rodri-
gues.

Formações sanitárias

Ambulância de combate n.º 1:
Comandante, tenente-médico Guilherme de Sena Ca-
bral.

Ambulância de combate n.º 2:
Comandante, tenente-médico Armando de Maudó.

Ambulância de combate n.º 3:
Comandante, tenente-médico Francisco Cortês Pinto.

Formações administrativas

Secção de padaria n.º 1:
Comandante, tenente do serviço de administração mi-
litar Alcide de Oliveira.

Parque de reses n.º 1:
Chefe, tenente do serviço de administração militar
António Álvaro dos Santos Pereira.

Auxiliares

Fôrça de condenados para construção de obras
de engenharia:
Comandante, capitão reformado do quadro colonial
João Inácio Palermo de Oliveira.

Auxiliares europeus e indígenas :

Comandante, capitão de infantaria João Maria Ferreira do Amaral.

Auxiliares boers :

Comandante, alferes de cavalaria João Sarmento Ferreira Pimentel.

Serviços de 2.^a linha

Direcção de «étapes»

Director de *étapes* :

Major de infantaria, António Eduardo Romeiras de Macedo.

Chefe de estado maior :

Tenente de infantaria com o curso do estado maior, Joaquim dos Santos Correia.

Adjuntos :

Tenente de infantaria, João Carlos Teles de Azevedo Franco.

Tenente de infantaria, João Centeno de Sousa.

Comandante de engenharia de *étapes* :

Tenente de engenharia, Henrique Mora.

Comandante de artilharia de *étapes* :

Capitão de artilharia, Carminé de Melo Ribeiro Nobre.

Chefe dos serviços de saúde de *étapes* :

Capitão médico, A. Santos Monteiro.

Chefe do serviço veterinário de *étapes* :

Capitão veterinário, Aniceto Rodrigues da Costa.

Chefe dos serviços administrativos de *étapes* :

Capitão do serviço de administração militar, J. Nunes Veiga.

Director do serviço do transporte :

Capitão de infantaria, José Mendes dos Reis.

Unidades e formações

Secção de camiões :

Comandante, capitão de artilharia, Roque Sequeira Vanjão.

Secção de carros alentejanos:

Chefe, tenente de cavalaria, A. A. Correia Matias.

Secção de camelos:

Chefe, tenente reformado de cavalaria, Diogo Fortunato de Cozinhais.

Tropas de *étapes*:

As que faziam parte das unidades dissolvidas.

Tropas de ocupação na zona da retaguarda.

3.º batalhão de infantaria n.º 19, menos uma companhia.

Comandante, major de infantaria, Joaquim Emílio de Sousa Lopes Jordão.

1.ª companhia europeia:

Comandante, capitão de infantaria, Rogério Augusto Afonso.

2.ª companhia europeia:

Comandante, capitão de infantaria, Germano Dias.

14.ª companhia de indígenas de Angola:

Comandante, capitão de infantaria, Manuel José de Novais.

15.ª companhia indígena de Angola:

Comandante, capitão do Q. C. Cabrita.

16.ª companhia indígena de Angola:

Comandante, capitão de infantaria, Egidio Melquiades Nepomuceno dos Santos.

17.ª companhia indígena de Angola;

Comandante, capitão António Fernandes Varão.

2.º esquadrão de dragões de Angola menos um pelotão:

Capitão de cavalaria, Paulo Teixeira.

Hospitais: Mossamedes, Lubango, Chibia, Gambos.

Enfermarias veterinárias, Mossamedes, Lubango.

Depósito de subsistências e fardamento, Mossâmedes, Hilba, Arriaga, Lubango, Chibia e Gambos.

Officinas, Mossâmedes, Lubango, Gambos.

N.º 27

Organização dos destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Naulila

Ordem de serviço

1.º Sua Ex.^a o general comandante e governador general determina que a organização e composição dos destacamentos destinados à reocupação e conquista dos territórios do Baixo Cunene sejam as seguintes:

A) Destacamento do Cuanhama

a) Quartel general: comandante, tenente-coronel de artilharia, Manuel Pereira Caldas; chefe de estado maior, capitão de infantaria com o curso do estado maior, Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro; subchefe de estado maior, tenente de infantaria com o curso de estado maior, António de Sousa Guedes Cardoso Machado; adjunto do estado maior, tenente de infantaria com o curso de estado maior, Jorge Dias da Costa; ajudante, capitão de artilharia, Alfredo Ernesto de Sousa Faria Leal; comandante do quartel general, tenente do quadro auxiliar dos serviços de artilharia, Vítor Manuel Gonçalves Coelho; provisor, alferes do serviço de administração militar, Josino da Costa; comandante da engenharia, capitão de engenharia, Rui Viterbo Fragoço Ribeiro; comandante de artilharia, o comandante do grupo de baterias de artilharia montada; chefe dos serviços de saúde, capitão de fragata, médico, Alexandre de Vasconcelos e Sá, tendo como adjunto o tenente médico, António Pereira Barbosa; chefe dos serviços veterinários, capitão veterinário, Armando Augusto Chaves de Lemos, tendo como adjunto o tenente veterinário, Mário Gomes Sarafina; chefe dos serviços administrativos, capitão da administração militar, Amadeu Damasceno Vieira de Castro,

tendo como adjunto o tenente do mesmo serviço, Vitorino Maria Gonçalves Canelhas.

Amanuenses, 4.
 Ferrador, 1.
 Espingardeiro, 1.
 Carpinteiro, 1.
 Enfermeiro, 1.
 Vaguemestres, 2.
 Tratadores, 12.
 Condutores, 21.
 Carros alentejanos para viveres e forragens, 2.
 Carros alentejanos para bagagens, 4.
 Cavalos, 21.
 Muares, 58.

b) Unidades:

Grupo de baterias de artilharia montada:

Comandante: major de artilharia, José Afonso Pala;
 ajudante, tenente de artilharia, Manuel Holbeche Correia de Freitas; tratadores, 2, cavalos, 3.

5.^a bateria de artilharia n.º 8:

7 oficiais, 173 praças, 4 peças, 12 carros de munições
 1 carro de bateria, 1 carro-forja, 7 carros alentejanos
 (5 de viveres e 2 de bagagens), 39 cavalos e 149 muares.

5.^a bateria de artilharia n.º 7:

5 oficiais, 183 praças, 4 peças, 12 carros de munições,
 1 carro de bateria, 1 carro-forja, 1 carro sanitário, 7
 carros alentejanos (5 de viveres e forragens e 2 de ba-
 gagens), 40 cavalos e 152 muares.

Grupo de esquadrões de cavalaria:

Comandante: major de cavalaria, Ernesto Maria Vieira da Rocha; ajudante, alferes de cavalaria, Joaquim Pedro de Faria.

Tratadores, 2, cavalos, 4.

3.º esquadrão de cavalaria n.º 4, menos o 4.º pelotão:

7 oficiais, 145 praças, 1 carro de ferramentas de es-
 quadrão, 7 carros alentejanos (5 do viveres e forragens
 e 2 de bagagens), 130 cavalos e 26 muares.

3.º esquadrão de cavalaria n.º 11, menos o 4.º pelotão:

6 oficiais, 108 praças, 7 carros alentejanos (5 de víveres e forragens e 2 de bagagens), 113 cavalos e 26 muares.

Batalhão de marinha:

10 oficiais, 342 praças, 4 metralhadoras, 8 carros alentejanos (1 sanitário, 4 de víveres e forragens e 3 de bagagens), 12 cavalos, 42 muares e 6 camelos.

3.º batalhão de infantaria n.º 17:

21 oficiais, 954 praças, 1 carro de ferramentas, 24 muares de munições, 19 carros alentejanos (8 de víveres e forragens e 9 de bagagens e 2 sanitários), 26 cavalos e 62 muares.

15.ª companhia de Moçambique:

4 oficiais, 130 praças, 3 carros alentejanos (2 de víveres e forragens e 1 de bagagem), 4 cavalos, 8 muares e 4 camelos.

2.ª e 3.ª de metralhadoras:

3 oficiais, 48 praças, 4 metralhadoras, 2 carros de munições, 2 carros alentejanos (1 de víveres e forragens e 1 de bagagem), 4 cavalos e 26 muares.

2.ª e 6.ª de metralhadoras:

Idem.

1.ª e 2.ª de metralhadoras:

Idem.

c) *Serviços e formações:*

I) Trem de combate: comandante, capitão de artilharia António Carlos Côrtes; subalerno, tenente de artilharia, José Guerreiro de Almeida Duarte; tratadores, 2, cavalos, 2.

1.º Coluna de munições:

a) Secção de munições: comandante, tenente de artilharia Walter Lima; 2 oficiais, 1 clarim, 1 ferrador, 61 praças, 10 carros de munições, 1 carro alentejano (víveres, forragens e bagagens), 12 cavalos e 87 muares.

b) Grupo de escalões das baterias.

c) Secção de munições de infantaria. — Infantaria n.º 17: 24 muares; batalhão de marinha: 4 camelos; e 15.ª de Moçambique: 4 camelos e 2 carros alentejanos para munições.

2.º Carros de ferramentas:

Carros de ferramentas de esquadrões, de batalhão e de engenharia.

3.º Carros sanitários:

Os das unidades.

4.º Serviço de projectores:

1 sargento, 10 praças, 1 carro alentejano (para material), 1 cavalo e 2 muares.

5.º Brigada de metralhadoras:

1 oficial, 70 condenados, 4 carros alentejanos (3 para material e 1 para víveres, forragens e bagagens) e 10 muares.

II) Combóio: comandante, capitão de artilharia Anibal da Costa Pinto; tratador, 1, cavalo.

1.º Secção de água:

a) Reserva de água: 6 carros alentejanos e 4 camiões. Comandante, tenente de infantaria, Bento Esteves Romão.

b) Secção automóvel de reabastecimento: comandante, alferes de infantaria, Miguel Ponces. 20 camiões.

c) Secção de víveres e forragens: os escalões de víveres e forragens das unidades e formações sob o comando dos respectivos provisores.

d) Reserva à disposição do comando: comandante, o provisor do quartel general. 36 carros alentejanos.

e) Secção de bagagens: chefe. Os escalões das unidades e formações.

f) Ambulância: chefe, tenente médico, Guilherme Sena Cabral. 3 médicos, 1 farmacêutico, 29 praças, 10 indígenas, 6 cavalos, 40 muares, 1 cozinha rodada, 1 carro sanitário, 2 carros pequenos de transporte de feridos, 1 forção mixto de farmácia e cirurgia e 7 carros alentejanos.

g) Auxiliares: comandante, capitão de infantaria, João Ferreira do Amaral. 1 soldado, 1 cavalo europeus e indígenas.

C) Municciamento

Batarias de artilharia — 368 tiros por peça.

Secção de munições — 137 tiros por peça.

Cavalaria — 130 por tiros carabina.

Infantaria — 270 por tiros espingarda.

Batarias de metralhadoras — 16:500 tiros por metralhadora.

A) Comando superior

Acompanha o destacamento do Cuanhama o seguinte pessoal e animal do quartel general do comando superior:

S. Ex.^a o general comandante superior das forças em operações e governador geral, chefe do estado maior, ajudante de campo e oficial às ordens; tratadores, 8; cavalos, 12.

B) Destacamento do Cuamato

a) Quartel general: comandante, coronel de infantaria, António Veríssimo de Sousa; chefe do estado maior, capitão de artilharia com o curso do estado maior, José Esteves da Encarnação Mascarenhas; sub-chefe do estado maior, tenente de infantaria com o curso do estado maior, José Joaquim Ramos; adjunto do estado maior, tenente de cavalaria com o curso do estado maior, Júlio de Abreu Campos; ajudante, o alferes de cavalaria, Frederico de Almeida Pinheiro; comandante do quartel general, o ajudante de campo; provisor, alferes da administração militar, António Luís Caria Rodrigues; comandante da artilharia, o comandante da bateria de artilharia de montanha; chefe do serviço de saúde, capitão-médico de infantaria n.º 18, Mendonça; chefe do serviço veterinário, José Paulo do Carmo; chefe dos serviços administrativos, tenente da administração militar, Manuel da Costa Dias.

Amanuenses, 3; vagemestre, 1; tratadores, 10; condutores, 6; carros alentejanos: 1 para víveres e forragens e 3 para bagagens; cavalos, 14 e muares, 12.

b) Unidades:

2.^a bateria de montanha:

8 oficiais, 170 praças, 4 peças, 6 carros alentejanos (sanitários e munições), 1 carro de bateria, 5 carros alentejanos (3 de víveres e forragens e 2 de bagagens), 100 muares, 25 cavalos e 3 carros alentejanos de munições.

Esquadrão de cavalaria :

Comandante, o tenente de cavalaria, Flausino Correia Tôres; tratadores, 1; cavalos, 2, os 4.^{os} pelotões de cavalaria n.^{os} 4 e 11; 2 oficiais, 66 praças, 3 carros alentejanos (2 de víveres e forragens e 1 de bagagens), 64 cavalos e 8 muares.

3.^o Batalhão de infantaria n.^o 18 :

21 oficiais, 687 praças, 1 carro de ferramentas, 1 carro sanitário, 24 muares de munições, 15 carros alentejanos (7 de víveres e forragens e 8 de bagagens), 26 cavalos e 56 muares.

1.^a/1.^o de metralhadoras :

3 oficiais, 48 praças, 4 metralhadoras, 2 carros de munições, 2 carros alentejanos (1 para víveres e forragens e 1 para bagagens), 4 cavalos e 26 muares.

3.^a/2.^o de metralhadoras :

Idem.

16.^a companhia de Moçambique :

4 oficiais, 138 praças, 3 carros alentejanos (2 de víveres e forragens e 1 de bagagens), 5 cavalos e 8 muares e 4 camelos.

C) Serviços e formações

I—Trem de combate :

Comandante : subalerno mais antigo.

1.^o) Coluna de munições :

- a) Escalão de bateria ;
- b) Secção de munições de infantaria ;
- c) Carro alentejano de bateria, 24 muares de metralhadoras e 4 camelos.

2.^o) Carros de ferramentas :

Das unidades e da brigada de trabalhadores.

3.^o) Carros sanitários :

Das unidades.

4.^o) Serviço de projectores :

5 praças, 1 carro alentejano para material e 2 muares.

5.º Brigada de trabalhadores:

1 sargento, 20 a 30 condenados, 1 carro alentejano (material, víveres e forragens) e 4 muares.

d) Combóio:

Comandante: alferes do quadro auxiliar dos serviços de artilharia, José Carvalho Cebola.

1.º Secção de água:

a) Reserva de água: 2 carros alentejanos.

b) Secção automóvel de reabastecimento: 8 camiões.

2.º Secção de víveres e forragens:

Comandante: provisor do quartel general.

3.º Secção de bagagens:

As secções das unidades e formações.

4.º *Ambulância:*

Chefe, tenente-médico Armando Macedo, 2 médicos, 17 praças, 5 indígenas, 4 cavalos, 26 muares, 1 cozinha rodada, 1 carro sanitário, 1 forção mixto de farmácia e cirurgia, 1 carro pequeno para transporte de feridos e 4 carros alentejanos.

5.º *Auxiliares:*

c) Municiamto:

Bateria de montanha, 200 tiros por peça.

Cavalaria, 130 tiros por carabina.

Infantaria n.º 18, 270 tiros por espingarda.

16.ª de Moçambique, 270 tiros por espingarda.

Baterias de metralhadoras, 15:500 tiros por metralhadora.

C) Destacamento de Naulila

Comandante, o comandante do esquadrão de cavalaria n.º 9. Médico, tenente-médico Vasconcelos. Veterinário, tenente-veterinário José Cândido Coelho. Provisor, tenente da administração militar, Joaquim Ribeiro da Cruz.

5 carros alentejanos (víveres e forragens para quinze dias e bagagens), 5 cavalos e 16 muares.

3.º esquadrão de cavalaria n.º 9:

3 oficiais, 34 praças e 38 cavalos.

Auxiliares boers :

1 oficial, 1 praça, 30 boers e 32 cavalos.

Municiamento :

Cavalaria, 200 tiros por carabina.

D) Armamento e equipamento :

a) Não é permitido aos oficiais o uso da carabina ;
As praças não transportam mochila mas levam cantil, marmitas e sacos para água.

b) O uniforme é o estabelecido para os serviços de campanha, sendo permitido o uso de chapéu ;

c) Alimentação.

2.º Que a organização e o funcionamento da base de operações no Humbe seja a seguinte :

A) Organização militar :

1.º Comandante militar, capitão de infantaria n.º 14, Velez Carogo.

2.º Tropas de segurança : 2 companhias de infantaria n.º 19.

3.º *Serviços :*

a) Serviço de engenharia e artilharia. Comandante, o comandante de artilharia de *étapes* ;

b) Serviço de saúde. Chefe, tenente-médico Manuel Pinto ;

c) Serviço veterinário. Chefe, o clinico da enfermaria ;

d) Serviços administrativos. Chefe, tenente da administração militar José Ribeiro da Costa Júnior ;

e) Serviço postal. Chefe, capitão de infantaria Carlos Ribeiro Borges, chefe do serviço postal do comando superior.

4.º *Estabelecimentos militares, depósitos, oficinas e formações :*

a) Depósito reunido de material de engenharia e artilharia. Chefe, alferes de artilharia José de Pina Cabral ;

b) Hospital. Director, o chefe dos serviços de saúde ;

c) Enfermaria para solípedes. Chefe clínico, alferes veterinário Messias Abade ;

d) Depósitos de subsistências e fardamentos. Gerente da administração, tenente César Martins de Freitas, tendo como adjunto o tenente José Gomes Soares de Mesquita. Ficam adstritos ao depósito o parque das reses n.º 1, secção de padaria n.º 1 e rebanho de abastecimento ;

e) Oficina de reparação de viaturas e depósito de gasolina e sobressalentes. Director, alferes de infantaria, Olímpio Ferreira Chaves;

f) Oficina de reparação de camions de tracção animal. Chefe, o chefe do depósito reunido de engenharia e artilharia;

g) Estação postal;

h) Estação telegráfica.

B) Funcionamento da base de operações:

Serviço de *étapes*:

1.º Que o funcionamento dos diversos órgãos da linha de comunicações desde a base marítima de Mossamedes continua a ser dirigido, sob a autoridade de S. Ex.ª o general, e nos termos das instruções emanadas do mesmo Ex.º Sr., pelo director do serviço de *étapes* e pelo chefe do estado maior do mesmo serviço, que estenderá a sua acção até as forças em operações.

O serviço de *étapes* deverá:

1.º Dirigir sobre a base de operações do Humbe os abastecimentos necessários à alimentação diária de 2:000 homens e 800 solípedes;

2.º Prover às necessidades dos diversos postos da linha de comunicações e da 1.ª companhia europeia que está no Pocolo e cujo efectivo é de 170 homens e 23 solípedes, e bem assim do comando militar dos Gambos;

3.º Criar, até o dia 31 de Agosto, depósitos de víveres de trânsito para o período das marchas de regresso:

a) Humbe — 4:700 rações para homem e 3:000 para solípede;

b) Chicusse — 5:000 rações para homem e 5:000 para solípede;

c) Gambos — 4:700 rações para homem e 3:000 para solípede;

d) Quihita — 2:000 rações para homem e 2:000 para solípede;

e) Chibia — 1:000 rações para homem e 1:000 para solípede.

4.º Conservar os estacionamento do Lubango e Mossamedes de modo a receber as tropas a repatriar e estudar as medidas a executar para efectivar mais rapidamente as marchas de regresso.

Comandante militar:

2.º Além das atribuições e deveres dos regulamentos em vigor, compete ao comandante militar:

a) Pôr à disposição do chefe do estado maior do serviço de *étapes* todos os recursos que, pelo mesmo, lhe forem requisitados;

b) Tomar as medidas necessárias à segurança, disciplina e higiene da base de operações, reprimindo os crimes e delitos cometidos pelo pessoal sob as suas ordens e pelos europeus ou indígenas;

c) Conservar-se em constante ligação com as testas de ponte que forem criadas ou com quaisquer postos que forem destacados, adoptando as medidas necessárias para a conservação e protecção das vias de comunicação de toda a espécie;

d) Conservar e procurar restabelecer as comunicações com as forças em operações;

e) Receber a apresentação de indígenas, interrogando-os de modo a averiguar o seu grau de culpabilidade no ataque às nossas tropas, à propriedade do Estado e dos particulares, dando-lhes o destino que superiormente fôr determinado;

f) O comandante militar da base de operações tem, relativamente a todo o pessoal sob as suas ordens, competência disciplinar de comandante de regimento.

3.º Aos chefes de serviço, directores de estabelecimentos militares, oficinas e formações compete:

a) Receber do chefe do estado maior da Direcção de *Étapes* as ordens relativas aos pedidos de abastecimento, substituição e evacuação emanadas do comando superior ou dos comandantes de destacamento, promovendo a sua imediata execução;

b) Receber toda a carga que seja enviada com destino às forças em operações, arrecadá-la por forma a poder satisfazer rápidamente qualquer requisição, resguardando-a tanto quanto possível para evitar os estragos devidos ao tempo, ao salalé ou a qualquer outra causa de deterioração;

c) Verificar no acto da recepção ou do envio de carga e com assistência do comandante do combóio e respectivo condutor, o conteúdo e pêsos de cada viatura, não se dispensando nunca desta obrigação;

d) Indicar nas respectivas guias de carga, de pêsos ou alteração nas viaturas, a dos abastecimentos que encontrar, lançando na mesma guia as horas de chegada de cada viatura ao Humbe;

e) Tomar a seu cargo todos os abastecimentos já existentes no Humbe e que lhes digam directamente respeito;

f) Ter sempre em dia os mapas da existência e movimento de abastecimentos e evacuação, de modo a estar permanentemente habilitado a informar o chefe de estado maior da divisão de *étapes*;

g) Solicitar do mesmo chefe, como delegado directo do comando superior, todas as medidas convenientes ao bom funcionamento do serviço, comunicando-lhe rapidamente todas as irregularidades que encontrar.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

N.º 27-A

Directiva para a ocupação do Baixo Cunene

I— Não há mais notícias sôbre a situação dos povos indígenas das bacias do Cunene e do Lubango.

II. É minha intenção fazer a ocupação do Baixo Cunene pela acção simultânea de quatro destacamentos. Os três primeiros concentrar-se hão no Humbe e o quarto no Mulondo, em dias oportunamente fixados, tendo, respectivamente, como objectivos:

Destacamento de Naulila.— Descer a margem direita do Cunene, atravessar o rio no vau Caloeque, operar em Naulila, dirigindo-se depois sôbre o forte do Cuamato, onde se operará no destacamento do Cuamato.

Destacamento do Cuamato.— Atravessar o Cunene junto ao Forte Roçadas, dirigindo-se sôbre o forte do Cuamato com o fim de reocupar o Cuamato.

Destacamento do Cuanhama.— Atravessar o Cunene no vau muesa (Chimbua) dirigindo-se sôbre a embala N'giva, com o fim de fazer a conquista e a ocupação do Cuanhama.

Destacamento do Evale.— Dirigir-se sôbre o Quiteve, bater os povos entre Mulondo e Cafu e atravessando o Cunene dirigir-se sôbre a embala do Evale a fim de fazer a reocupação dêste território.

III.— Os destacamentos iniciarão a marcha, a partir dos locais de concentração, nos dias que oportunamente forem determinados.

IV.— Os destacamentos enviarão sempre as suas comunicações sôbre o Humbe; e, sem prejuízo destas co-

munições, procurarão ligar-se transversalmente durante a marcha ou pelo menos logo que atinjam os seus objectivos especiais.

Lubango, 21 de Julho de 1915.—*António Júlio Costa Pereira de Eça*, general.

Está conforme.—O Chefe do Estado Maior, *Ortição Peres*, major.

N.º 28

Instruções aos destacamentos do Cuanhama, do Cuamato e de Naulila

1.º *Terreno*.—O terreno onde vai operar apresenta-se sob a forma duma vasta planície de mato (em geral mutiati, mupapa e espinheiros), mais ou menos espesso, abrindo-se de onde em onde clareiras ou chanas de maior ou menor extensão.

No Cuanhama o terreno é, em geral, mais aberto que o do Cuamato, apresentando-se as matas mais espessas sob a forma de faixas transversais à direcção da marcha e com uma profundidade média de 2 quilómetros.

É provável encontrar-se alguma água nas cacimbas abertas junto às povoações indígenas.

Não deve, porém, fazer-se uso dessa água, tanto para homens (mesmo depois de fervida, filtrada ou esterilizada) como para solípedes, senão depois de ordem emanada directamente do comando de cada destacamento. Há perigo de envenenamento. É também provável encontrar-se junto às libatas algum capim, e dentro das mesmas massango e massambala; é, pois, conveniente, fazer-se exploração destes recursos e recolhê-los antes de incendiar as libatas.

2.º *Inimigo*.—Não há informações sobre o número certo de combatentes que os cuanhamas e cuamatos podem apresentar em campo.

Devemos, porém, contar que o número de armas finas e munições tenha aumentado relativamente à época da retirada das nossas tropas.

Consta haver divergências políticas nos dois sobados.

A tática empregada, quer pelos cuanhamas, quer pelos cuamatos, visa o envolvimento, senão absoluto, pelo menos por três faces, estendendo-se em uma longa linha de atiradores em forma de meia-lua. Os restantes

combatentes, os que não dispõem de armas de ferro, aguardam em formações concentradas o momento do assalto.

Os lengas, chefes de guerra, dirigem as suas cuas no combate. Andam, geralmente, a cavalo, trajam à europeia, fato de *kaki*.

O soba não costuma apresentar-se á frente dos seus guerreiros. É, provável, porém, que o Manduma, soba do Cuanhama, quebre a tradição, e venha jogar os destinos do seu sobado.

Devemos, pois, contar com a maior resistência.

3.º *Marchas*. — A formação de marcha empregada será a que mais facilmente permita a passagem rápida à formação de combate. Empregar-se há, pois, sempre que o terreno o permita, a formação em *coluna tripla*.

Todas as unidades e formações procurarão, por sua iniciativa, estabelecer a ligação com as unidades ou formações, tanto para a frente como para os flancos.

Não deve responder-se aos tiros isolados do inimigo, devendo ter-se sempre em vista que este modo de proceder desmoraliza o inimigo, poupa as munições e dá às tropas a confiança em si mesmo e nos seus chefes.

Só o comando dos destacamentos pode ordenar, durante as marchas e combates, toques de clarim ou corneta. Nos comandos subordinados a atenção das tropas será chamada por toques de apito ou de viva voz.

Nunca deve iniciar-se a marcha depois das sete horas. Não há altos regulamentares, fazendo-se sómente os que forem determinados pelo comando do destacamento.

A grandeza de cada *étape* será regulada de forma que as tropas estejam sempre em condições de combater; que no fim de cada *étape* se encontre, sempre que seja possível, água; que se atinja o local do estacionamento antes das quinze horas, e que o número de *étapes* para alcançar o objectivo particular em cada destacamento seja o menor possível.

O serviço de exploração será incumbido à cavalaria. A cada patrulha de exploração será atribuído um grupo de dois a quatro auxiliares indígenas, cuja missão será proteger a marcha das patrulhas. Os restantes auxiliares marcham reúnidos e comandados junto da face da retaguarda, sendo empregados conforme as ordens do comando.

No destacamento do Cuanhama um esquadrão de cavalaria, pelo menos, marchará reúnido à retaguarda da

coluna, à disposição do comando do destacamento. Em caso de ataque, o serviço de exploração desembaraça rapidamente as faces atacadas, vindo os cavaleiros e auxiliares reünir-se junto ao grosso da cavalaria.

No fim de cada *étape*, sempre que seja possível, os destacamentos procurarão estabelecer as ligações transversais por meio de indígenas disfarçados. As comunicações serão escritas, empregando-se a cifra do comando.

4.º *Estacionamentos*.— Deve haver o maior cuidado na passagem das formações de marcha ao dispositivo de estacionamento. Esta passagem representa o momento crítico quando não seja feita na mais absoluta ordem. Para evitar isto, devem as diversas unidades e formações ocupar sucessivamente e pela ordem que lhes fôr determinada os seus locais no dispositivo de estacionamento, não abandonando, quer os homens, quer as viaturas, os locais que ocupem na forma quando superiormente fôr determinado. Em caso nenhum, porém, os oficiais e as praças abandonarão os seus locais de estacionamento.

A chegada do estacionamento, e depois de indicados a cada unidade e formação os seus locais de estacionamento, cada unidade e formação, com excepção dos quartéis gerais, mandará apresentar o oficial de serviço ao oficial superior da ronda e dia, quando o houver, ou na sua falta, ao oficial de serviço mais graduado das unidades, o qual dirigirá superiormente o serviço de rondas exteriores e serviço de distribuição de víveres, forragens e água às unidades, para o que mandará fazer os respectivos toques às horas que forem indicadas. A ordem de preferência às unidades para aquelas distribuições será regulada pelo oficial superior de dia e ronda.

Haverá sempre um clarim ou corneteiro de dia, o qual se apresentará, à chegada ao estacionamento, ao oficial superior de dia e ronda.

A não ser os toques mandados executar pelo comando, só o oficial superior de ronda e dia pode mandar fazer toques.

Não é permitido acender fogueiras nem ter luzes dentro das barracas.

Desde as dezóito horas às seis haverá, além do pessoal acima indicado, mais o seguinte pessoal de serviço:

a) Para todo o estacionamento um piquete de quarto nomeado pelo comando do destacamento entre os ofi-

ciais do quartel general, com excepção dos officiaes de serviço e respectivos adjuntos;

b) Por cada face, um official, um sargento, um cabo e patrulhas de ronda nomeados pelo comando da face e cujo serviço será regulado pelo official superior de dia e ronda segundo as instruções que receber do comando;

c) Em cada face estará sempre em armas um quarto, pelo menos, do effectivo de cada face. A duração d'este serviço nunca será superior a três horas;

d) Para effeito do disposto na alínea a) o tempo de duração do serviço será dividido da seguinte forma: 1.º quarto, das dezóito às vinte e duas horas; 2.º quarto, das vinte e duas às duas horas; 3.º quarto, das duas às seis horas.

Para garantir a protecção dos estacionamentoes cobrir-se hão estes com postos à cossaca, os quaes se ligarão entre si por praças do respectivo pôsto. A distância a que estes postos se estabelecerão do quadrado será variável com a configuração do terreno, variando entre 50 a 150 metros.

Os postos serão sempre numerados da direita para a esquerda, a contar da face da direita em relação à direcção da marcha. Os postos correspondentes a cada face serão rondados pelo pessoal de ronda de cada face.

Logo que um posto à cossaca dê pela presença do inimigo, comunica immediatamente esta informação ao commandante da face.

Em caso de ataque os postos à cossaca resistem, retirando sôbre as respectivas fôrças, desembaraçando o mais rãpidamente possível o campo de tiro. Em regra não se fará uso da fortificação, a não ser no caso de estacionamento prolongado, ou de destacamentos de pequenos effectivos que se não possam proteger com postos à cossaca.

Em caso de alarme todas as tropas pegam em armas no mais absoluto silêncio.

Todos os postos notãveis do terreno serão referenciados cuidadosamente durante o dia e reconhecidos os caminhos que se dirigem sôbre as faces.

As cinco horas todas as tropas estão em armas até o nascer do dia.

5.º *Combate*.— Apenas a cavalaria em exploração se veja obrigada a retirar sôbre a face da retaguarda, para desembaraçar o campo de tiro das faces atacadas, ficará desde logo toda ella à disposição immediata do co-

mando, pronta a ser empregada como e quando fôr julgado oportuno.

A artilharia deverá ter em vista que o efeito moral da sua presença e o próprio armamento do seu adversário não exigem desenhamentos a não ser para as atrelagens, sempre que seja possível. No fogo, em consequência da maneira de combater do adversário, haverá vantagem, muitas vezes, em tornar independentes as divisões e até mesmo as secções, e no tiro alterará as distâncias progressiva ou regressivamente por saltos de 50 a 100 metros, mas nunca o tiro progressivo, por isso que o tiro deve estar sempre na mão de quem o dirige.

Como efeito moral convém mudar de projectil pela impressão que devem produzir os seus diferentes efeitos.

A velocidade do tiro deve ser compatível com o resultado a obter, pois a grande velocidade do tiro só excepcionalmente deve ser empregada, e ainda assim deve-se ter em atenção que os destacamentos durante as operações não podem ser reabastecidos.

A infantaria empregará em regra o fogo por descargas, única maneira de regular o consumo de munições, devendo o tiro individual ser feito apenas por atiradores escolhidos.

Deve haver sempre o máximo cuidado na indicação das alças a empregar,

As metralhadoras devem cooperar eficazmente com a infantaria na defesa das faces, convindo conservar algumas como reserva de fogo à disposição dos comandantes das mesmas.

Em cada face o combate será dirigido pelo respectivo comandante, que será o oficial mais graduado ou antigo das forças de marinha, infantaria ou metralhadoras.

Em caso de ataque todas as viaturas da coluna ficam na disposição indicada para o estacionamento.

O combate revestirá as duas formas: ofensiva e defensiva.

A primeira apresentar-se há quando o adversário ocupa determinadas posições ou embals, com o fim de se opor à nossa marcha ou à tomada da embala. A segunda sempre que a coluna fôr atacada, quer em marcha, quer em estacionamento.

No combate ofensivo, apenas definido o contôrno da

posição inimiga, a cavalaria e auxiliares em exploração desmascaram as frentes de ataque. A artilharia avança a tomar posição, abrindo o fogo.

Batidas as posições do adversário, e logo que este seja suficientemente abalado pelo fogo de artilharia, constituem-se frentes de ataque com fracções de infantaria, devidamente apoiadas, ficando a artilharia e as restantes forças em reserva na formação do quadrado.

No momento oportuno as frentes de ataque avançam por lanços até a distância do assalto, e logo que este seja iniciado a cavalaria abandona o quadrado e procura envolver a posição do adversário, de modo a evitar a sua fuga e procurando fazer o maior número de prisioneiros importantes, sem prejuízo da perseguição.

No combate defensivo, logo que a cavalaria recolhe, a artilharia toma posição, abrindo o fogo. Quando o inimigo estiver suficientemente abalado por este fogo, a cavalaria carrega-o; e se fôr obrigada a bater-se ou retirar, será apoiada e substituída por fracções de infantaria destacadas das faces e constituindo frentes de ataque, que procurarão desalojar o inimigo de modo a permitir à coluna a continuação da marcha.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

CAPÍTULO I

Organização

1 *Instituição*.—O comando militar da região de Cassinga, criado em 27 de Maio de 1915 (ordem n.º 45 do comandante do estacionamento de Mossamedes), exercia a sua acção politico-militar em toda a região do distrito da Huila, desde Capelongo até o vale de Cubango, abrangendo os portos de Quipungo, Capelongo, Cassinga, Cahundo e Cuito Canavale.

2 *Composição* :

- a) Comando;
- b) Serviços auxiliares;
- c) Destacamento mixto;
- d) Postos militares;
- e) Auxiliares.

a) Comando—chefe de estado maior, capitão de infantaria com o curso de estado maior, *João Carlos Pires*

Ferreira Chaves. Ajudante de campo, tenente de infantaria n.º 16, Júlio Soares Serrão Machado.

b) Serviços auxiliares :

1. Serviço de saúde — chefe, de 26 de Junho de 1915 a 23 de Julho, o tenente médico de infantaria n.º 16, Levi de Almeida;

De 23 de Julho a 24 de Agosto, o tenente médico, F. Cortês Pinto;

De 24 de Agosto a 28 do mesmo, o capitão médico, Adelino Augusto Fernandes.

Director do hospital temporário estabelecido no Mulondo durante as operações, o tenente médico do quadro da província, Ataíde e Melo.

Director do hospital fixo de Capelongo, o tenente médico do quadro da província, João Ornelas.

2. Chefe de serviço veterinário, o tenente veterinário, João Jorge Lobato Guerra.

3. Chefe dos serviços administrativos, o tenente de administração militar, Edgar Augusto Cardoso.

4. Preboste, durante as operações, o capitão de infantaria, José Veloso de Castro.

c) Destacamento mixto :

3.º batalhão de infantaria n.º 16, comandante major de infantaria, Augusto Rodolfo da Costa Malheiro.

1.º esquadrão de dragões, comandante capitão de cavalaria, Arnaldo Ribeiro de Andrade Picarra.

8.ª bateria de artilharia n.º 1. Não chegou a encorporar-se no destacamento.

2.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras, comandante capitão de infantaria, António Moreira.

d) Postos militares :

Quipungo — comandante até 31 de Agosto de 1915, o alferes de administração militar, Cipriano Rodrigues da Costa, e desta data em diante o tenente do quadro especial, Armando Barata.

Capelongo — comandante o tenente de infantaria n.º 14, Reinaldo Vale de Andrade.

Cassinga — comandante o tenente de infantaria n.º 14, José de Araújo Pissarra.

Cahundo — comandante o capitão de infantaria, Mariano José Cabrita.

Cuito-Canavale — comandante, um segundo sargento.

e) Auxiliares :

1. Portugueses, comandante dos estacionados em Capelongo até 28 de Setembro de 1915, o auxiliar Bernardino Fraga; desta data em diante ficaram sob as ordens do comandante dos bailundos, excepto dois, que acompanharam a coluna do Evale, e o Fraga, que passou ao serviço da coluna do Cuanhama.

2. Indígenas bailundos, comandante o tenente de infantaria, Augusto Adriano Pires.

3. Estrangeiros, comandante o súbdito inglês, John Mason Gordon.

O mapa A contém composição detalhada do pessoal, animal, armamento e viaturas.

CAPÍTULO II

Situação

3. *Situação política e militar:*

a) Nossas forças. Ao instituir-se o comando, ocupavam os Gambos até a Cahama, Mulondo, Capelongo, Cassinga, Cahundo e Cuito Canavale, estavam abandonados o Humbe, Quiteve, todos os restantes postos da margem esquerda do Cunene e os do Cubango a juzante de Cahundo.

b) Forças alemãs. Não havia a certeza de existirem no nosso território, mas presumia-se que estivessem algumas forças nas proximidades do Cuangar. Patrulhas alemãs tinham sido avistadas em vários pontos próximos da nossa fronteira.

Posteriormente tive conhecimento de se terem internado no nosso território, seguindo o vale do Cubango, alemães e holandeses da rebelião sul-africana do general Maritze, dois destes foram aprisionados no Cuangar em Maio, e dez em Agosto.

Todos se declaram súbditos ingleses, rebeldes.

c) Gentio. Todo o território que abandonámos depois de Naulila estava em manifesta rebelião. No Evale porém havia indecisão, sendo-nos abertamente hostil a gente do soba Mastilefo, que domina na margem esquerda do Cuvelai, e segundo mais tarde averigui foi o próprio assassino do tenente comandante do posto de Cafima, quando este, ao retirar para se unir à guarnição do Evale, encontrou este posto abandonado. A gente

do soba Chimbobolo, que domina na margem direita do Cuvelai, parece não ter tomado parte no ataque ao posto e à guarnição de Cafima e não desejava a guerra conosco.

No vale de Cubango o gentio hostilizava por vezes as nossas patrulhas. Guerrilhas cuanhamas que frequentemente atravessavam o caminho Capelongo-Cassinga inutilizaram algumas vezes as linhas telegráficas.

4 — *Terreno* :

A rapidez com que percorremos as linhas Capelongo-Cassinga e Capelongo-Evale não nos permitiu um exame detalhado da região, aliás já completamente descrita em vários trabalhos conhecidos.

Todo o terreno em Capelongo e Cassinga está completamente inculto e despovoado, e todo arborizado e abundante de capim, em especial nas grandes chanas que se encontram.

Depois do caminho se desviar do Cunene, encontra-se água nos lugares habituais de paragem em cacimbas e milolas, que, apesar da grande estiagem d'este ano, não secaram por completo.

Nos caminhos seguidos pelas colunas de Colui e do Cuvelai, ao longo d'estes rios, encontrou-se também água suficiente em mulolas no leito dos rios e nas margens não falta o capim.

Do Mulondo ao Cafu escasseia o capim, do Cafu ao Evale encontra-se algum, mas não há a menor porção de água.

É possível que nas cacimbas chamadas do Meio, e bem assim nas de Cankula, no caminho directo que fizemos do Cafu a Mongua, se encontrasse água, escavando, mas certamente seria em quantidade muito pequena e nós não tivemos tempo de o experimentar.

O caminho que seguimos do Mulondo ao Cafu, quasi sempre entre a margem do rio e a orla do bosque, a uns 300 metros que o acompanha era unido e consistente, favorecendo muito a marcha; na estação das chuvas porém deve ser inundado e só poderá utilizar-se o outro caminho que segue pelo interior do bosque.

Do Cafu ao Evale e à Mongua o caminho é de areia muito solta fatigando muito os homens e o gado, o arvoredo é em geral bastante espaçado. Encontram-se algumas matas de espinheiros, mas pouco extensas.

CAPÍTULO III

Objectivo e preparação

5. *Objectivo*.—Ao C. M. R. C. foi atribuída a missão de observar quaisquer movimentos de forças alemãs ou indígenas que tentassem avançar pelo vale de Cubango ou do Cuito, e opor-se a esses movimentos, não se empenhando a fundo, a não ser que circunstâncias favoráveis permitissem uma acção enérgica e de resultados garantidos.

6.º *Intenções do comando*.—Para realizar esta missão foi resolvido:

a) Reforçar sucessivamente a guarnição do Cahundo com as forças do destacamento;

b) Esclarecer-se a situação a S. e SE. de Cahundo utilizando os auxiliares de Gordon e a cavalaria;

c) Organizar sólidamente a resistência no Cahundo, e nos pontos que o exame directo nos indicasse, para o caso de sermos forçados a uma atitude defensiva;

d) Reforçar a ligação de Cahundo com Cassinga ocupando um ponto intermédio, provávelmente nas proximidades da confluência do Umbalé.

7.º *Preparação*.—De 27 de Maio a 7 de Junho em Mossamedes e desta data a 22 de Junho no Lubango procurou-se conhecer e prover às necessidades das forças, organizar os diferentes serviços e activar a mobilização do primeiro esquadrão de dragões, a quem faltavam armamento, solípedes, capotes, mantas e outros artigos.

A chegada ao Lubango de S. Ex.^a o Sr. general permitiu a rápida solução destes assuntos e regulou os seguintes:

a) Independência da linha de *étapes*, consignando-lhe os elementos indispensáveis para o seu funcionamento;

b) Aproveitamento da linha de abastecimento Huambo-Cassinga;

c) Navegação do Rio Cubango;

d) Auxiliares bailundos.

Em 24 de Junho chegou o comando a Capelongo e em 29 o esquadrão.

Inspecionando-se os serviços e unidades reconheceu-se a impossibilidade de fazer avançar imediatamente a cavalaria pela falta de forragens, que desde logo forçou a reduzir as rações a metade, e poucas probabilidades de serem em breve recebidas, por se ter malogrado o

primeiro contrato para o fornecimento de viveres e forragens de Benguela, com que se contava.

Fez-se em consequência avançar, em primeiro lugar, a infantaria logo que foram recebidas as mantas, indispensáveis pela baixa temperatura das madrugadas (atingiu por vezes 4°).

Em 8 de Julho saíu de Capelongo para Cassinga a 10.ª companhia e em 9 o comando.

Informações acêrca da passagem freqüente de guerrilhas cuanhamas e outros rebeldes ao longo do Ossi levaram-me a estabelecer um pòsto (10.ª companhia) no cruzamento dêste rio com o caminho Capelongo-Cassinga, servindo igualmente de ligação necessária entre estes dois postos.

As constantes passagens, próximo de Quipungo, de rebeldes do Humbe e Quiteve, procurando pôr a salvo os seus gados e praticando por vezes atentados e furtos contra as linhas telegráficas e vários indigenas fiéis, determinaram-me o reforçar a guarnição de Quipungo com um pelotão de infantaria em 5 de Julho.

Aumentou-se assim a consistência e densidade da linha Quipungo-Capelongo-Cahundo, procurando-sê dificultar o abastecimento das regiões revoltadas e ainda a fuga dos rebeldes com os seus gados.

CAPÍTULO IV

Operações no Evale

1.º — Objectivo e preparação

8.º *Rendição dos alemães na Damaraland.*—Em consequência dêste facto fui chamado de Cassinga ao Lubango, onde cheguei em 21 de Julho, e de S. Ex.ª o Sr. general recebi ordem para a constituição de um destacamento, destinado a realizar o seguinte:

9.º *Objectivo:*

a) Bater os povos entre o Mulondo e o Cafu, com excepção dos da Camba e Pocolo, que se conservaram fiéis;

b) Reocupar o Evale.

10.º *Preparação.*—Fez-se marchar de Lubango para Capelongo um combóio e ambulância destinados às forças e algum material urgentemente necessário sob o comando de um subalerno do 2.º esquadrão de dragões, escoltado por vinte e duas praças do mesmo. Em Cape-

longo, até 30 de Julho, preparou-se a organização das forças destinadas a executar o seguinte:

11.º *Plano*:

a) São constituídas três colunas:

1.ª coluna do Evale—2 colunas de infantaria; 1 bateria de metralhadoras.

2.ª coluna do Colui—auxiliares estrangeiros, bailundos e portugueses.

3.ª coluna do Cuvelai—1 companhia de infantaria.

b) A 1.ª coluna (base do movimento) parte do Mulondo ao longo do Cunene, razia o Quitece e o Cafu, atravessa o rio Cunene no vau do Cafu e marcha sobre o Evale a reocupar esta região.

c) A 2.ª coluna parte de Cassinga ao longo do rio Colui, ataca todos os rebeldes que encontrar no seu caminho, atravessa o rio Cunene no vale do Quiteve, razia novamente as regiões do Quiteve e Cafu e espera ordens neste posto.

d) A 3.ª coluna parte de Cassinga ao longo do rio Colui até Mupope, tomando aí a direcção da Handa e seguindo depois o curso do Cuvelai até a missão de Mupa, onde espera ordens; ataca todos os rebeldes que encontrar no seu caminho.

e) As 2.ª e 3.ª colunas marcham escalonadas em relação à 1.ª e por ela regularão a sua marcha, para o que devem procurar estabelecer a ligação lateral.

f) As 2.ª e 3.ª colunas visam especialmente a evitar que os rebeldes acoçados pela 1.ª coluna consigam escoar-se para N. e NE., direcções entre o Ossi e Cassinga-Cassinga e Cahundo.

g) A 3.ª coluna tem ainda por missão substituir as forças da 1.ª coluna na ocupação do posto do Evale.

2.º—Execução das operações

I.—Coluna do Evale

12.º *Organização*.—Em 9 de Agosto estavam concentrados no Mulondo todos os elementos que deviam constituir a coluna do Evale e serviços relativos a estabelecer no Mulondo.

A coluna do Evale foi inicialmente constituída por:

30 oficiais, 263 solípedes.

611 praças, 54 viaturas.

3 civis, 23 camelos.

66 indigenas.

A composição detalhada consta dos mapas A, B e C. Para simplificação do serviço, em vista do pequeno efectivo da coluna, organizou-se para todas as unidades e serviços um único trem de combate e o único trem regimental; este último e o combóio constituíam uma coluna distinta que, com uma escolta especial, marchava à distância de 3 quilómetros da coluna de combate.

Teve-se em vista desembaraçar a coluna de combate do estôrvo que a marcha dos carros *boers* produz ás fôrças que os escoltam.

13. *Étapes do Mulondo ao Cafu*.— Em 11 partiu a coluna do Mulondo, fazendo uma pequena deslocação para melhor se constituir, e percorrendo 12 quilómetros.

Em 12 percorreu 15 quilómetros.

Em 13 percorreu 13 quilómetros e alcançou o forte novo do Quiteve; na tarde d'este dia fizemos com a cavalaria uma excursão, raziando para SO. NE, numa extensão de 10 quilómetros.

Em 14 percorremos 26 quilómetros, atravessando as terras do soba fiel de Camba.

Em 15 percorremos 21 quilómetros, atravessando as terras do soba fiel Pocolo.

Em 16 percorremos 16 quilómetros e alcançamos o forte do Cafu.

Em 17, com a cavalaria, raziámos a margem direita junto do Cafu e fizemos um reconhecimento até 10 quilómetros na direcção do Cuanhama, apanhando alguns espiões daquele povo, que vigiavam o movimento da coluna.

Em 18 pudemos marchar apenas até o ponto em que o caminho se desvia do Rio Cunene (7 quilómetros distante de Cafu), por não termos ainda recebido os depósitos de água, que mandáramos buscar ao Humbe para substituir grande número de barris vazios que trouxeramos de Capelongo e se inutilizaram com os solavancos dos carros durante a marcha.

A absoluta falta de água com que se contava entre o Cafu e o Evale, e a circunstância possível de não a encontrarmos no Evale, levou-nos a reduzir a coluna (o efectivo da coluna) em homens, solípedes e viaturas. Mapa B.

A guarnição do forte do Cafu ficou constituída por 100 praças brancas, 4 indígenas e 54 indígenas auxiliares.

Na marcha do Cafu ao Evale a ração da água foi 1 a 2 litros por homem e 5 a 10 litros por solípedes; aos bois e camelos não se deu água.

A escassez de água, a impossibilidade de se dar café aos homens, de manhã, a maior elevação de temperatura e a areia muito solta agravaram sensivelmente as dificuldades da marcha do Cafu em diante.

Em 19 percorremos 21 quilómetros.

Em 20 percorremos 22 quilómetros.

Em 21 percorremos 19 quilómetros e alcançamos o Evale.

14. *Acontecimentos da marcha.* — Em todo o percurso a coluna não foi hostilizada, havendo apenas por vezes ligeiro tiroteio com grupos de indígenas armados, foragidos do Quiteve, Cafu e Humbe ou espíões do Cuanhama.

As fortificações no Quiteve, Cafu e Evale tinham poucos estragos, facilmente reparáveis; das habitações, porém, restavam sómente as paredes, e todo o material e mobília desaparecera.

Não ocupei o Quiteve por não mo permitir o efectivo da coluna, especialmente em graduados, e não julgar indispensável para o bom seguimento das operações o fazê-lo desde logo.

O povo do soba Chimbobolo, do Evale, primeiro que se encontra ao penetrar nas terras, parecia seguro de não ser castigado, porque, homens, mulheres, crianças e gados permaneciam tranqüilamente nas suas terras, entregues aos seus trabalhos, sem fugirem à aproximação das forças.

O soba Mastilefo e os seus, ao contrário, haviam fugido para o Cuanhama, segundo uns, para Curiamanha, 15 a 20 quilómetros NE. do pôsto do Evale, segundo outros.

No Evale encontrámos água nas cacimbas e nas milolas de Cuvelai, com o que abastecemos todas as forças e o gado da coluna.

Sucedeu morrerem alguns bois afogados; na ansia de beberem atiraram-se para dentro de água, por não se cumprir a prescrição: «Quando o gado vem muito sequeioso, a aproximação da água tem de ser feita cautelosamente».

A gente da região acudiu logo ao pôsto do Evale; o soba enviou um chefe com presente de bois e galinhas.

Junto do pôsto havia um monte de mais de 200 rolos de arame farpado.

15. *Ligação com a coluna do Cuanhama.* — Ao atingir a Gamba e o Cafu, enviei comunicações para o Humbe

sobre a nossa situação e pedi informes da marcha da outra coluna.

As notícias recebidas no Cafu, até 19, davam como assegurada a execução de todas as operações; na tarde d'este dia recebeu-se do chefe do estado maior de *étapes* a cópia da nota do Comando Superior para o referido chefe, de 18-8-915, que embora apresentasse como delicada a situação da coluna do Cuanhama, não nos trazia preocupações sobre o êxito da missão que lhe fôra atribuída.

Em 20 recebemos do chefe do estado maior de *étapes* a seguinte nota:

Cópia. — Serviço de *étapes*. — 952. — Humbe, 20-8-915, às duas horas e quarenta e cinco minutos. — Ao Sr. chefe do estado maior do destacamento do Evale. — Para conhecimento do Ex.^{mo} Comandante, informo V. Ex.^a de que o destacamento do Cuanhama se encontra desde as quinze horas de hontem com as comunicações cortadas com a base de operações (Humbe). Hontem, à hora acima referida, saíu da testa de ponte do vau da Chimbua uma secção de camiões sob o comando do alferes Ponce que, passados quarenta e cinco minutos, diz ter encontrado o caminho cortado por abatizes e ter sido atacado pelo gentio, que o obrigou a retroceder, abandonando cinco camiões.

Outra secção de camiões que hontem às nove horas partiu do estacionamento para o vau da Chimbua informa que na ocasião da partida se iniciava um novo combate.

Como se depreende dos factos expostos, a situação do referido destacamento é difficil e esta base não dispõe dos recursos necessários para estabelecer as comunicações sem prejuizo da própria segurança. Com êste fim poderia talvez êste destacamento vir guardar o vau de Chimbua; mas em face da situação V. Ex.^a resolverá o que entender mais conveniente.

Rogo a V. Ex.^a se digne enviar-me, para minha orientação, o que por êsse comando fôr resolvido a êste respeito. — O Chefe do Estado Maior de *Étapes*, *Joaquim dos Santos Correia*, tenente.

Esta nota foi recebida na tarde do penúltimo dia de marcha do Cafu ao Evale e a 19 quilómetros d'este pôsto.

16.^o *Deliberação e seus fundamentos*. — Analisando a situação, resolvi:

1.^o Ocupar o Evale;

2.º Marchar sobre a Mongua com a maior rapidez possível.

Esta deliberação baseou-se nos seguintes fundamentos:

1.º Embora fôsse difícil a situação da coluna do Cuanhama, não a julguei, todavia, desesperada, porque possuía a força suficiente para, por si só, se desembaraçar do inimigo;

2.º Estando eu a um dia de marcha (19 quilómetros do Evale) e retirar sem cumprir a missão que me fôra atribuída equivalia a denunciar fraqueza e perigo nosso, que podia aumentar a força do adversário;

3.º Êste procedimento nem mesmo adiantaria a minha marcha para a Mongua porque, retirando sem ocupar o Evale, certamente seria hostilizado por êste povo durante a retirada, que, nestas condições, seria muito mais morosa.

17.º *Ocupação do Evale.*—Faz-se em 21, e tendo deixado ali de guarnição a 11.ª companhia de infantaria n.º 16 e ordenado à 9.ª que avançasse da missão da Mupa para o Evale a fim de substituir a 11.ª, tencionava retroceder com o restante da coluna na tarde dêste dia, mas uma indisposição que acometeu a maioria das praças e oficiais, atribuída pelos médicos a alteração no rancho de reserva consumido neste dia, só me permitiu marchar na madrugada de 22.

18.º *Marcha do Evale à Mongua.*—Marchando de dia e de noite conseguimos chegar ao Cafu em 24, de manhã, apesar da fadiga dos homens e especialmente do gado; o combóio, porém, só nos alcançou na madrugada de 25.

No Cafu recebemos do auxiliar Fraga a nota do Comando Superior, de 23 de Agosto de 1915, e tendo, em vista das informações do mesmo auxiliar e do reconhecimento por nós feito em 25, resôlvido marchar do Cafu directamente à Mongua, e não pela Chimbua, com o que poupávamos um dia de itinerário, organizámos neste dia o combóio com os víveres que nos restavam (20 toneladas) e marchámos sobre a Mongua em 26.

Contávamos fazer a marcha do Cafu à Mongua em um dia, mas, tendo-se embrenhado a testa do combóio à saída do Cafu, devido a um engano, num mato cerrado de espinheiros, não foi possível fazê-la retroceder e houve que abrir-lhe o caminho a machado, o que me atrasou duas horas na marcha.

À 1 hora da madrugada de 26 para 27 chegou ao estacionamento da coluna o tenente Pires, comandante da coluna do Colui (auxiliares bailundos); ordenei-lhe que fôsse buscá-los ao Cafu onde os deixara.

Em 27, às 10 horas e 30 minutos, alcançou-me o tenente Pires com os bailundos e tendo passado para estes a carga dos carros boers, com eles e com o esquadrão de dragões marchámos para a Mongua, onde chegámos à meia-noite de 27, tendo apenas havido alguns tiros de patrulhas próximo das cacimbas de Cankula (14 quilómetros ao sul do Cafu) contra um grupo de indígenas cuanhamas armados.

Em 28 de Agosto foi dissolvida a coluna do Evale por ordem do Comando Superior e em 12 de Setembro, por ordem do mesmo Comando, foi extinto o comando militar da região de Cassinga.

19.º *Marchas*.—Iniciavam-se entre as 5 horas e 5 horas e 30 minutos e terminavam, em geral, perto das 12 horas; só na marcha do Evale para a Mongua se fizeram marchas depois da terceira refeição e de noite.

O cansaço do gado impediu que a média das *étapes* fôsse além de 18, extensão que os carros boers difficilmente podem exceder em dias successivos de marcha.

Extensões percorridas pelas fôrças da coluna do Evale

Capelongo a Mulondo, 116 quilómetros em seis dias.

Mulondo ao Cafu, 108 quilómetros em seis dias.

Cafu ao Evale, 169 quilómetros em quatro dias.

Evale ao Cafu, 69 quilómetros em três dias.

Cafu à Mongua, 34 quilómetros em dois dias.

Extensão total percorrida, 396 quilómetros em vinte e um dias.

Média 18^k,50 por dia.

Formações de marcha

Guarda avançada:

O esquadrão e um pelotão de infantaria.—Patrulhas de soldados indígenas seguidas, 50 a 200 por patrulha de cavalaria, cobrindo uma frente de 500 a 1:500 metros.—Distância 100 a 200 metros.

Flecha, um pelotão de cavalaria.—Distância 100 a 300 metros.

Grosso do esquadrão.—Distância 100 a 500 metros.

Guarda avançada de infantaria, 1 pelotão.—Distância 100 metros.

Grosso da coluna:

Uma companhia de infantaria, menos 1 pelotão, uma bateria de metralhadoras e uma companhia de infantaria, menos 1 1/2 pelotão.—Distância 100 metros.

Trem de combate:

16 carros alentejanos e 4 camelos.—Distância 50 metros.

Guarda da retaguarda:

Uma secção de infantaria.—Distância 2 a 3 quilómetros.

Trem regimental:

10 carros alentejanos e 19 camelos.

Combóio:

2 carros alentejanos e 26 carros boers e o rebanho.

Escolta:

1 pelotão de infantaria e 1 oficial e 22 praças do 2.º esquadrão de cavalaria (dragões).

Do Mulondo ao Pocolo marchou-se em coluna simples e do Pocolo ao Evale em coluna dupla.

Do Cafu à Mongua o trem de combate, trem regimental e combóio fundiram-se num escalão único, constituído exclusivamente por carros boers e marchando em coluna dupla no interior da coluna dupla de infantaria do grosso da coluna.

Quando entre as cacimbas de Cankula e a Mongua os auxiliares bailundos transportaram todos os víveres dos carros, ocuparam na coluna durante a marcha o lugar destes.

Profundidade da coluna de combate na marcha, em coluna simples, 900 a 1:750 metros, até o Cafu, desde as patrulhas da flexa até a guarnição da retaguarda, em coluna dupla, 700 a 1:600 metros.

Profundidade do combóio, em coluna simples, durante a marcha, 900 metros.

20.º *Estacionamentos*.—Face da frente: o pelotão da guarda avançada prolongado por outro da mesma companhia.

Faces dos flancos: um pelotão e meio de infantaria em cada face.

Face da retaguarda: a cavalaria.

Metralhadoras: no centro da formação.

Reserva: uma secção e um pelotão de infantaria à retaguarda do comando.

Trem de combate: à retaguarda da reserva.

Combóio: 2^k,5 a 3 quilómetros distante da coluna de combate.

Serviço de segurança: duas a quatro sentinelas, simples ou dobradas, em cada face, à distância de 15 a 20 passos; postos à cossaca, constituídos por praças indígenas, 50 a 100 metros distantes.

Rondas — serviço permanente até a alvorada.

Entre o Cafu e a Mongua as viaturas que acompanharam a coluna — todas sistema boer — foram aproveitadas para fecharem o recinto do estacionamento.

II.— Coluna do Colui

21.º *Composição.*— Comandante: um oficial subalterno, tenente Adriano Pires; uma ordenança montada do 1.º esquadrão de dragões; duas ordenanças de soldados indígenas.

6 auxiliares portugueses, montados;

9 auxiliares estrangeiros, montados;

1 auxiliar português, montado (capataz e intérprete dos bailundos);

480 auxiliares bailundos;

18 solípedes.

22.º *Execução das operações.*— Formação de marcha: coluna dupla, marchando os auxiliares indígenas bailundos de costado com um intervalo de 50 metros entre as duas colunas.

Guarda avançada: um grupo de seis auxiliares brancos, cobertos na frente e flancos por patrulhas de auxiliares indígenas.

Guarda da retaguarda: um grupo de três auxiliares brancos, acompanhados de patrulhas indígenas.

Estacionamento: em quadrado, constituídas as faces pelos auxiliares indígenas, rodeados por postos de quatro auxiliares à distância de 300 metros e com intervalo de 50 metros.

Completado o serviço de vigilância com patrulhas de três homens e pelo serviço de rondas feito pelos auxiliares brancos.

A coluna não pôde partir de Cassinga no dia que lhe

fôra determinado, porque a maior parte do armamento destinado aos bailundos, e recebido nas vésperas da partida dos postos de Benguela, e ainda os do Depósito de Material de Guerra do Lubango não estava em condições de funcionar sem receber um beneficiamento demorado.

A coluna partiu de Cassinga em 18 de Agosto, chegou ao Quiteve em 24 de Agosto, à Camba em 25 de Agosto, e ao Cafu em 26 de Agosto às vinte e uma horas.

O comandante da coluna, sabendo que a coluna do Evale marchara para a Mongua foi ao seu encontro, acompanhado por quatro cavaleiros e, regressando em seguida ao Cafu a buscar os bailundos, reuniu-se com estes à coluna do Evale em 27 às dez horas e trinta minutos.

A partir do terceiro dia de marcha a coluna encontrou grupos de gentio armado, mulheres e crianças.

Não encontrou gado bovino, nem vestígios da sua passagem.

Apreendeu armas de fogo e gentílicas, que foram aproveitadas para os auxiliares bailundos.

III.—Coluna do Cavelai

23.º *Composição*.—3 oficiais, 148 praças, 6 solípedes, 1 carro alentejano, 6 carros boers.

24.º *Marchas e estacionamentos*.—Dispositivos:

Guarda avançada, um pelotão.

Grosso, dois pelotões em coluna dupla, menos dois grupos.

Viaturas.

Guarda da retaguarda, dois grupos.

Estacionamento em quadrado.

25.º *Execução das operações*.—Desde Mupôpa — 42 quilómetros de Cassinga junto ao rio Colui — até a missão de Mupa encontrou muitos grupos de rebeldes armados, que atacou, apreendendo muitas armas e mais de trezentas cabeças de gado.

Em Mupa recebeu ordem para ir render no Evale a 11.ª companhia, o que fez em 27 de Agosto.

A coluna partiu de Cassinga em 18 de Agosto e chegou à missão de Mupa em 24 do mesmo mês, tendo percorrido 129 quilómetros em oito dias de marcha; da missão de Mupa ao Evale percorreu mais de 45 quilómetros em três dias.

Total percorrido de Cassinga ao Evale, 170 quilómetros em onze dias.

Média 15^k,450.

CAPITULO V

Serviços

I.—Serviço de saúde

26.º *Hospitais*.— Logo em seguida a chegar o comando a Capelongo iniciou-se a construção de um hospital para substituir a enfermaria ali existente, que apenas alojava sete doentes, nas piores condições de higiene.

Foi construído, aproveitando-se os recursos locais, e completado mais tarde com o mobiliário recebido do Lubango.

Ficou em regulares condições de higiene e comodidade e constituído por:

4 pavilhões com lotação para oitenta doentes.

1 casa para curativos.

1 cozinha.

1 pavilhão para doenças infecto-contagiosas com lotação para vinte doentes.

Reconhecendo-se que a maioria dos doentes podia convalescer em boas condições em Capelongo, restringiu-se a sua remessa para o Lubango, donde em regra não voltavam.

Pensava-se em adaptar o vasto edificio da igreja na missão de Cassinga a hospital, o que não se realizou pela mudança de objectivo das operações.

27.º *Organização do serviço nas operações do Evale:*

I.—Serviço da 1.ª linha

a) Pessoal:

1 chefe de serviço.

2 subalternos médicos, nas unidades, esquadrão e grupo, companhias de infantaria.

2 enfermeiros praças, com a coluna de combate.

2 enfermeiros praças, com o combóio (um para acompanhar a coluna de evacuação de feridos, outro para o material sanitário).

3 porta-mochilas de pensos.

8 maqueiros, nas unidades.

4 serventes, indígenas.

b) Material:

1.º No trem de combate:

1 caixa de medicamentos transportada em camelo para acompanhar a cavalaria caso tivesse de separar-se da coluna para qualquer operação.

1 carro alentejano com material sanitário e medicamentos.

1 carro alentejano para transporte de feridos.

2.º No combóio:

Material sanitário de reabastecimento conduzido em carro boer.

1 carro alentejano com material para organizar um hospital de sangue temporariamente imobilizado, no caso de haver feridos, após qualquer combate importante, cujo estado grave não permitisse o seu transporte imediato.

II.— Serviço da 2.ª linha

1.º Um hospital temporário na testa de *étapes* no Mulondo e que posteriormente seria transportado para o Quiteve ou Cafu, tendo anexo o depósito avançado de material sanitário e destinado a:

a) Receber os doentes e feridos da 1.ª linha, conservando os que pelo seu estado não pudessem ser evacuados;

b) Satisfazer as requisições de material sanitário da 1.ª linha.

Composição

a) Pessoal:

1 subalterno médico do quadro da provincia.

1 enfermeiro.

1 segundo sargento desempenhando as funções de farmacêutico e fiel do depósito.

1 cozinheiro indígena.

6 serventes indígenas.

2 tratadores de gado (rebanho), indígenas.

b) Animal:

Rebanho de vinte vacas leiteiras.

2.º Um hospital fixo no Capelongo destinado a:

a) Receber os doentes evacuados do hospital temporário;

b) Receber os doentes de todos os postos do comando M. R. C. situados a L. de Capelongo.

Anexo ao hospital o depósito de material sanitário para reabastecer o do Mulondo, e os postos do R. M. C.

Composição

a) Pessoal:

- 1 subalterno médico do quadro da provincia.
- 1 enfermeiro.
- 2 ajudantes de enfermeiro-praças de infantaria n.º 16.
- 2 serventes indígenas.
- 2 tratadores para o rebanho, indígenas.

b) Animal:

Rebanho de vacas leiteiras.

Todos os chefes dos serviços referidos receberam do chefe do serviço de saúde do comando da R. M. C. instruções para o funcionamento dos serviços a seu cargo.

28.º *Organização do serviço na marcha para a Mongua.*—Tendo sido diminuído para esta marcha o efectivo da coluna e fundidos os trens de combate e regimental com o combóio constituído sómente de carros boers e camelos, o material sanitário foi reduzido a uma ambulância ligeira, transportada num carro boer e constituído por:

- a) 3 cêstos com material;
- b) 1 caixa com medicamentos;
- c) 4 macas.

No Cafu deixou-se preparar a montagem de um hospital.

A todos os postos do comando do R. M. C., forças e coluna independentes foram sempre fornecidas pequenas ambulâncias constituídas pelos medicamentos necessários para o tratamento das doenças mais vulgares na região.

II.—Serviço veterinário

29.º *No período de preparação.*—Os solípedes recebidos de cavalaria n.º 9 pelo esquadrão de dragões chegaram ao Lubango em tal estado de fraqueza que o chefe dos serviços veterinários entendeu não poderem marchar para o Capelongo, sem descansarem pelo menos um dia.

Todos os solípedes do esquadrão melhoraram com a

marcha do Lubango para Capelongo e durante a permanência em Capelongo; apesar de reduzida a ração não se ressentiram, devido certamente à abundância de capim na região e ainda ao muito cuidado que as praças do esquadro têm pelas suas montadas.

30.º *Nas operações.*— Todo o gado se portou bem na marcha do Mulondo ao Cafu; a partir porém deste ponto a falta de água e as dificuldades de tracção na areia causaram muitas baixas no gado muar e no bovino.

Os camelos não tiveram baixas e suportaram perfeitamente todas as fadigas e privações das marchas.

III. — Serviços administrativos

1.º No período de preparação

31.º *Do Lubango a Capelongo.*— As unidades transportaram nos trens regimentais víveres e forragens para a marcha até Quipungo, onde se reabasteceram.

O gado foi adquirido directamente, por cada unidade, no Lubango.

32.º *Organização do serviço em Capelongo.*— Com os géneros recebidos do Lubango, constituiu-se em Capelongo um depósito entregue a um sargento e que ao chegar o comando a Capelongo foi ordenado inventariar, assumindo o seu comando o subalerno de infantaria n.º 16, por o sargento ser manifestamente incompetente para esse serviço.

A quantidade de forragens existente era escassa e essa escassez manteve-se durante todas as operações, forçando a ter quasi constantemente o gado a meia ração.

Reconhecendo ainda o comando que o número de carros boers consignados ao seu serviço não bastava para garantir o abastecimento das tropas, porque raro cumpriam os itinerários marcados, foi estabelecido por proposta do chefe dos serviços administrativos:

1.º Todas as unidades tinham diariamente as mesmas refeições, para o que se estabeleceram oito tipos de rancho.

2.º A ração de víveres da tabela n.º 1 das instruções para o serviço das contabilidades das forças expedicionária a Angola (1915) foi substituída pela tabela n.º 2 das mesmas instruções, sendo o rancho cozinhado três

vezes por dia e aumentando a 0^k,800 a carne a distribuir ou suas substituições¹.

3.º A ordem do comando determinava cada dia um tipo de rancho para o dia seguinte, recebendo as unidades do pòsto de *étapes* os géneros e ferragens e dos serviços administrativos o pão e a carne.

33.º *O pão*.—Para o seu fabrico construíram-se dois fornos de adobos com 2^m,4 de diâmetro, dando cada um o rendimento de 700 a 800 rações de 0^k,500 nas vinte e quatro horas.

O pessoal da padaria foi fornecido por infantaria n.º 16 e o pão fabricado tinha esplêndido aspecto e fino sabor.

34.º *Carne*.—O rancho de abastecimento foi constituído com algumas cabeças de gado bovino, adquiridas na localidade, com outras vindas de Caconda e fornecidas pelos serviços administrativos do comando superior, por intermédio do parque de rezes estabelecido no Quipungo e ainda principalmente pelo gado apreendido ao gentio rebelde, em número superior a 1:000 cabeças.

35.º *Café e açúcar*.—Faltaram várias vezes, por não satisfazer o pòsto de Lubango as nossas requisições.

Para suprimir a falta destes géneros, tam necessários para a alimentação das tropas, muito especialmente durante as operações activas, distribuía-se na primeira refeição um caldo de carne e uma ração suplementar de 0^k,125 de pão.

36.º *Ferragens*.—A escassez já referida, além de ter demorado a marcha da cavalaria para Cassinga, levou-me a ordenar a suspensão da marcha da bateria de artilharia da Chibia para Capelongo, pelas razões seguintes:

1.ª Com os solípedes da bateria precisávamos diariamente de 4:500 quilogramas de ferragens, ou sejam 40 carros boers para as transportar do Lubango a Capelongo e 24 de Capelongo para Cassinga.

2.ª Tinham sido consignados 100 carros para o nosso serviço, mas nem todos se apresentaram e os itinerários que faziam não correspondiam aos cálculos que previamente se fizeram.

¹ Esta medida manteve uma sólida alimentação, permitiu reduzir notavelmente as quantidades de géneros que, pela falta de recursos locais, tinham de ser transportados de Lubango pelos carros boers.

3.^a Não foram recebidos de Benguela os víveres e forragens com que se contava para as operações.

4.^a Em Capelongo havia apenas forragens para dez dias a meia ração.

2.º Nas operações

37.º *Alimentação na marcha para o Mulondo.*— De 1 a 4 de Agosto partiram dos seus estacionamentos para Mulondo as unidades que deviam constituir a coluna de operações no Evale, levando nos seus trens regimentais os víveres e forragens para a marcha até o dia 10.

38.º *Alimentação durante as operações.*— Constituída a coluna, partiu do Mulondo em 11, levando alimentação para trinta dias, sendo vinte e quatro normais e seis de reserva e forragens para vinte dias, sendo tudo transportado em carros boers a 2:500 quilogramas cada um.

Durante a marcha suspendeu-se no rancho o feijão e o grão, por serem de difícil e morosa cozedura, aumentando-se a percentagem correspondente do arroz, massa e carne.

39.º *Rações de reserva.*— Cada homem transportava duas rações.

As conservas de peixe, na sua quasi totalidade sardinha e atum em azeite, dos fabricantes Brandão Gomes, Tenório e Pilotos, de Vila Real de Santo António, eram de boa qualidade e muito bem fabricadas, dando excelente resultado para alimentar as tropas, especialmente nas regiões em que a água faltava, impedindo cozinhar-se o rancho, como nos succedeu na marcha entre o Cafu, Evale e Mongua.

As conservas de carne e algumas sopas condensadas—fabrico da Manutenção Militar—na maior parte em mau estado de conservação, por imperfeição do fabrico, tiveram de ser inutilizadas.

Este facto reputo-o grave, pelos grandes inconvenientes que dele resultam para as tropas e, consequentemente, para as operações, como nos succedeu na marcha do Evale para Mongua, em que perdemos um dia, devido às perturbações digestivas que um rancho desses produziu na maioria das praças e officiais da coluna.

40.º *Reabastecimento da coluna na marcha.*— Diariamente o trem regimental esperava o contacto do comboio, recebia dele os víveres e forragens e adiantava-se seguidamente até alcançar a coluna no seu estacionamento.

Os géneros e forragens vinham nos carros boers, arrumados por dias completos, para facilitar o seu transporte.

O trem regimental era constituído por carros alentejanos e camelos.

O comboio compunha-se de carros boers e juntamente com elle marchava o rebanho de abastecimento que fornecia a carne para a alimentação da coluna.

41.º *Alimentação nos postos.*— O posto de Capelongo abasteceu todos os postos da R. M. C. e ao partir o commando de Capelongo para as operações no Evale todos ficaram com víveres para um mês.

A coluna entregou na Mongua o excedente de géneros que possuía ao terminar as operações: 6 toneladas e 28 cabeças de gado, deixando os postos do Cafu e Evale abastecidos por trinta dias.

IV.— Serviço de policia

42.º *Disciplina.*— No esquadrão de dragões, e especialmente em infantaria n.º 16, havia alguns elementos maus, para quem foi preciso usar de enérgica repressão, a fim de os coagir à severa disciplina indispensável às tropas em operações; todas as restantes praças cumpriram bem os seus deveres, suportando com a resignação característica do nosso soldado as fadigas e privações a que foram submetidos.

Pela forma como desempenharam serviços a seu cargo, foram louvados em ordem do commando 15 officiaes e 3 sagentos.

Por faltas de maior gravidade foram punidos:

1 segundo sargento da 2.ª companhia europeia, dez dias de prisão disciplinar por desleixo no serviço, escolta de comboio.

2 primeiros cabos de infantaria n.º 16, trinta dias de prisão disciplinar por abandono da escolta de um carro por modo injustificável.

1 soldado de cavalaria n.º 3, vinte dias de prisão disciplinar.

1 soldado de cavalaria n.º 3, quarenta dias de prisão correccional.

2 soldados de infantaria n.º 16, vinte dias de prisão disciplinar.

1 soldado do esquadrão de dragões, quarenta dias de prisão correccional.

4 soldados de infantaria n.º 16, sessenta dias de prisão correccional.

Todos por falta de respeito e insubordinação.

1 soldado do esquadrão de dragões, quinze dias de prisão correccional, por troca de artigos do uniforme.

43.º *Prisões e apreensões.*— Em todos os postos do comando da R. M. C. e durante a marcha das colunas do Evale, Colui e Cuvelai foram aprisionadas mulheres e crianças, apreendidas muitas espingardas modelos inferiores e algumas Snider, muitas armas gentílicas e cartuchame de vários modelos, sendo muito de espingarda Mauser e outras aperfeiçoadas.

Foram apreendidas mais de 1:000 cabeças de gado, sendo as maiores apreensões feitas :

No posto de Quipungo, 500.

No posto de Ossi, 77.

Pela coluna do Evale, 155.

Pela coluna de Cuvelai, 355.

As mulheres e crianças aprisionadas foram entregues aos sobas amigos da Camba e Pocolo.

O gado apreendido, e bem assim aquele com que o comandante foi presenteado pelos sobas do Evale, Camba e Pocolo, foi todo destinado à alimentação, e o que não foi consumido ficou nos postos ao dissolver-se a coluna.

O que a coluna do Evale não consumiu durante a sua marcha foi entregue no estacionamento de Mongua, em harmonia com o determinado na nota do comando superior das forças de 28 de Agosto de 1915.

O que a coluna de Cuvelai apreendeu ficou quasi todo na missão da Mupa, por não haver água e pastos suficientes junto ao posto do Evale para a sua alimentação.

V.— Serviço postal e telegráfico

44.º *Serviço postal.*— Funcionou bem e quasi exclusivamente para serviço particular; a correspondência de serviço foi quasi toda enviada e recebida pelo telégrafo.

45.º *Serviço telegráfico e telefónico.*— Funcionou bem entre Capelongo e Lubango; entre Capelongo e Cassinga a linha foi varias vezes avariada, certamente por guerrilhas cuanhamas, dificultando as comunicações.

Ao dissolver-se a coluna do Evale, a linha em construção de Cassinga ao Cahundo estava prestes a atingir este posto.

Não foi possível ligar Capelongo com o Mulondo,

nem o Cafu com a Chimbua, a despeito dos esforços empregados para esse fim, e por falta de material fio e isoladores.

VI.—Auxiliares

46.º *Portugueses*.—Não contratei auxiliar algum português para o serviço do comando; conservei os que estavam e que me pareceu que podiam ser utilizados e não me arrependi, porque prestaram excelente serviço com muita dedicação e inteligência, pelo que, julgo, de futuro sempre que fôr necessário devem ser aproveitados, mas dando-lhes o Estado armamento, montadas e alimentos, e podendo ser reduzida a remuneração, como se fez aos auxiliares estrangeiros do comando da R. M. C.

47.º *Estrangeiros*.—Os quinze boers que John Gordon trouxe com ele do Huambo, a quatro dias desta vila foram todos acometidos por uma doença desconhecida, que em dois dias vitimou cinco; os restantes tiveram de ser enviados para Huambo, utilizando o carro único que possuíam.

Gordon encontrou-se sem carregadores nem outro meio de transporte, fugindo todos à sua aproximação receosos da doença misteriosa que atacara os boers, e só pela muita tenacidade e esforço conseguiu chegar a Capelongo e seguindo para Cassinga e daí pelo Colui ao Quiteve encontrar-me no Cafu; quando dissolvida a coluna regressei a Mongua; a despeito, porém, de todos os seus esforços, não pôde alcançar a tempo de prestar qualquer serviço nas operações do comando da R. M. C.

Os nove boers que Gordon mandou vir da Humpata acompanharam a coluna de Colui, único serviço que prestaram; informou o comandante dessa coluna que a sua dedicação pelo serviço foi sempre inferior ao interesse pelas suas comodidades.

48.º *Indigenas bailundos*.—Eram principalmente destinados a trabalhos de viação e fortificação na linha Cassinga-Cahundo-Cubango.

A mudança na situação resultante da rendição dos alemães levou-me a empregá-los como auxiliares de guerra.

Nesta qualidade não eram gente para se defrontar com os povos da raça ovampo.

Como carregadores são magníficos.

Todavia, desompenharam perfeitamente a missão de guerra que lhes foi atribuída e apresentaram-se sempre muito correctos e disciplinados.

VII. — Serviços de 2.ª linha

49.º *Linha de étapes.* — Pessoal:

- 1 capitão em comissão na província, director;
- 1 segundo sargento;
- 6 soldados brancos;
- 19 soldados indigenas.

A linha de Lubango a Capelongo, trajecto dos carros boers, foi melhorada nos postos de *étapes* e reparada nalguns pontos.

Os postos foram ampliados, ficando todos ao pé do Quipungo com:

- Casa para officiais;
- Casa para sargentos;
- Casa para praças brancas;
- Casa para praças indigenas;
- Casa para arrecadações;
- Cavalariças.

No Quipungo foi construído um grande barracão para depósito de géneros.

Tencionava-se fazer igual melhoria em todos os restantes postos da linha de *étapes*.

Da estrada de automóveis Chibia-Capelongo ficaram por construir 60 quilómetros entre o Caculovar e o Quipungo, na de Capelongo-Cassinga 40 quilómetros entre Capelongo e Ossi, e 30 quilómetros entre o Ossi e Cassinga.

50.º *Serviço de transportes.* — Ao serviço do comando da R. M. C. foram consignados 100 carros boers, mas nem todos se apresentaram em Capelongo.

Os carros boers faziam a marcha isolados ou em pequenos grupos não policiados, nem comandados pelo pessoal competente, resultando demoras que anulavam todos os cálculos e previsões sobre os abastecimentos.

Só um combóio que fiz marchar do Lubango em 29 de Agosto com escolta de policia e comandado por um official cumpriu o seu itinerário nos prazos que lhe foram indicados.

Os 27 camelos que tivemos prestaram excelente serviço, em especial nas regiões em que a água faltava.

Precisam cangalhas que não os firam, tratadores que saibam lidar com êles, não serem exageradamente carregados (250 quilogramas) e receberem ração no dia em que marcham.

Oficiais que cumpriram o serviço com notável distinção

João Carlos Pires Ferreira Chaves, chefe do estado maior, capitão de infantaria com o curso do estado maior—cumpriu todos os serviços a seu cargo com muita dedicação e zelo, revelando muita inteligência, grande competência, método excelente e muita capacidade de trabalho.

J. Cortês Pinto, tenente médico, chefe do serviço de saúde durante as operações no Evale—desempenhou com muito zelo os deveres do seu cargo e na montagem dos respectivos serviços manifestou muita inteligência, actividade e especiais faculdades de organizador.

Edgar Augusto Cardoso, tenente da administração militar, chefe dos serviços administrativos—cumpriu com o maior zelo todos os serviços do seu cargo, revelando muita inteligência, decisão, método e capacidade de trabalho.

Augusto Adriano Pires, tenente de infantaria em comissão na província, comandante da coluna do Colui—no comando desta coluna revelou muita energia, inteligência, grande audácia e espírito organizador e disciplinador.

Júlio Soares Serrão Machado, tenente de infantaria n.º 16, ajudante de campo do comandante—no desempenho dos seus deveres foi sempre duma grande dedicação e zelo, revelando muita inteligência, energia, actividade e capacidade de trabalho.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1916.—O Comandante Militar da região de Cassinga, *João Júlio dos Reis e Silva*, tenente-coronel do estado maior de infantaria.

MAPA A

Pessoal, animal, armamento e viaturas do

| Designações | Oficiais | Praças | | Civis brancos | |
|---|-----------|--------------|------------|---------------|--------------|
| | | Branços | Indígenas | Portugueses | Estrangeiros |
| Destacamento mixto: | | | | | |
| Comando | 9 | 21 | - | - | - |
| 3.º batalhão de infantaria n.º 16 | 19 | 864 | - | - | - |
| 2.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras | 3 | 56 | - | - | - |
| 1.º esquadrão de dragões | 8 | 139 | - | - | - |
| Postos militares: | | | | | |
| Quipungo | 1 | 1 | 20 | - | - |
| Capelongo | 2 | 1 | 15 | - | - |
| Cassinga | 2 | 2 | 32 | - | - |
| Cahundo | 4 | 11 | 130 | - | - |
| Cuito-Canavale | - | 1 | 37 | - | - |
| Auxiliares: | | | | | |
| Portugueses | - | - | - | 19 | - |
| Estrangeiros | - | - | - | - | 26 |
| Indígenas bailundos | 1 | - | - | 1 | - |
| Linha de <i>étapes</i> | 1 | 7 | 19 | - | - |
| Serviço de transportes | 3 | - | 1 | - | 27 |
| Soma | 50 | 1:106 | 253 | 21 | 26 |

Comando militar da região de Cassinga

| Índigenas | | Solípedes | | Camelos | Viaturas | | Armamento | | | Observações |
|-----------|-----------|-----------|------------|---------|--------------------|--------------|------------------------|-------|---------------|--|
| Da região | Ballundos | De sela | De tracção | | Carros alentejanos | Carros boers | Espingarda ou carabina | Peças | Metralladoras | |
| 4 | - | 14 | 8 | - | 2 | - | 16 | - | - | Estão incluídos 1 oficial, 22 praças e 22 solípedes do 2.º esquadrão. |
| - | - | 24 | 64 | - | 22 | - | 818 | - | - | |
| - | - | 7 | 36 | - | 6 | - | 39 | - | - | |
| - | - | 131 | 64 | - | 9 | - | 100 | - | 4 | |
| - | - | - | - | - | - | - | 16 | 1 | - | |
| - | - | - | - | - | - | - | 42 | 2 | - | |
| - | - | - | - | - | - | - | 56 | 1 | - | |
| - | - | 3 | 2 | - | 1 | - | 176 | 2 | - | |
| - | - | - | - | - | - | - | 20 | - | - | |
| - | - | - | - | - | - | - | 19 | - | - | |
| - | 500 | 2 | - | - | - | - | 26 | - | - | Não está incluído o gado e o pessoal civil branco e indígena dos carros boers. |
| - | - | 1 | - | - | - | - | 317 | - | - | |
| - | - | - | - | 27 | - | - | 26 | - | - | |
| - | - | - | - | - | 100 | - | 4 | - | - | |
| 31 | 500 | 182 | 174 | 27 | 40 | 100 | 1:670 | 6 | 4 | |

MAPA B

Composição da columna na marcha Mulondo ao Cafu

| Designações | Oficiais | | Praças | | Civis | Indigenas | | Soltpedes | Viaturas | | Camellos | Observações |
|--|----------|-----------|---------|-----------|-------|-----------|-----------|-----------|----------|----------------------|----------|--|
| | Branços | Indigenas | Branços | Indigenas | | Da região | Ballandos | | Carros | Carros de muleteiros | | |
| Comando | 8 | - | 14 | - | 2 | - | - | 20 | - | - | - | |
| Grupo de companhias de infantaria n.º 16 | 8 | - | 309 | - | - | - | - | 8 | - | - | - | |
| 2.ª bateria de metralhadoras | 3 | - | 48 | - | - | - | - | 22 | - | - | - | 10.ª e 11.ª companhias. 4 metralhadoras |
| 1.º esquadrão de dragões | 7 | - | 106 | - | - | - | - | 144 | - | - | - | |
| Secção indigena | - | - | - | 31 | - | - | - | - | - | - | - | |
| Trém de combate | 1 | - | 29 | - | - | 4 | - | 48 | 16 | - | 4 | |
| Trém regimental | 1 | - | 14 | - | 1 | 19 | - | 21 | 10 | - | 19 | |
| Comboio e rebanho | - | - | 20 | - | - | 12 | - | 7 | 2 | 16 | - | |
| Escolta do comboio | 2 | - | 71 | - | - | - | - | 23 | - | - | - | O comandante da escolta de infantaria era o comandante do comboio. |
| <i>Soma</i> | 30 | 31 | 611 | 31 | 3 | 35 | - | 263 | 28 | 26 | 23 | |

Composição da coluna na marcha Cafu ao Evale

| Designações | Oficiais | | Praças | | Civis | Indígenas | | Solípedes | Viaturas | | Observações |
|---|----------|-----|---------|-----------|-------|-----------|-----------|-----------|--------------------|--------------|-------------|
| | | | Branços | Indígenas | | Da região | Ballundos | | Carros alentejanos | Carros boers | |
| Comando | 8 | | 14 | - | 2 | - | - | 18 | - | - | |
| Grupo de companhias de infantaria n.º 16 | 7 | 236 | 41 | - | - | - | - | 8 | - | - | |
| Bateria de metralhadoras | 3 | 103 | 27 | - | - | - | - | 17 | - | - | |
| Esquadrão de dragões | 7 | - | - | - | - | - | - | 111 | - | - | |
| Secção indígena | 1 | 20 | - | - | - | - | - | - | 9 | - | |
| Trem de combate | 1 | 14 | - | - | 1 | 23 | - | 21 | 10 | 23 | |
| Trem regimental | 1 | 14 | - | - | - | - | - | 3 | - | 18 | |
| Comboio e rebanho | 2 | 71 | - | - | - | - | - | 23 | - | - | |
| Escolta do comboio | | | | | | | | | | | |
| Soma | 30 | 513 | 27 | 3 | 23 | - | 220 | 19 | 18 | 23 | |

MAPA D
Composição da coluna na marcha Evale à Monguá

| Designações | Oficiais | | Praças | | Cavaleiros | Indígenas | | Solípedes | Viaturas | | Cameleões | Observações |
|---|----------|-----------|---------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|--------------------|--------------|-----------|--|
| | Brancos | Indígenas | Brancos | Indígenas | | Da região | Bailundos | | Carros alentejanos | Carros boers | | |
| Comando | 8 | 14 | — | — | 2 | — | — | 18 | — | — | — | Foi incorporada na coluna a escolta de infantaria do comboio. |
| 10.ª companhia de infantaria n.º 16 | 6 | 254 | — | — | — | — | — | 5 | — | — | — | |
| Esquadrão de dragões | 8 | 125 | — | — | — | — | — | 133 | — | — | — | Foi incorporada no esquadrão a escolta de cavalaria do comboio. |
| Bateria de metralhadoras | 3 | 41 | — | — | — | — | — | 17 | — | — | — | |
| Secção indígena | — | — | 21 | — | — | — | — | — | — | — | — | O trém de combate e o trém de reserva foram juntos no comboio e este marchou com a coluna. |
| Auxiliares bailundos | 1 | — | — | — | 1 | 480 | — | — | — | — | — | |
| Comboio | 2 | 22 | — | — | — | 30 | — | 4 | — | — | 23 | |
| <i>Soma</i> | 28 | 456 | 21 | 3 | 3 | 30 | 480 | 179 | — | 17 | 23 | |

N.º 30

Relatório do comandante do destacamento
de Naulila

Tendo sido nomeado por S. Ex.^a o comandante superior das forças em operações e governador geral comandante do destacamento de Naulila, saí do Humbe em 12, pelas sete horas, com a força do meu comando, cuja composição era de seis oficiais, cinquenta e três praças e cinco carros alentejanos.

Marchei pelo seguinte itinerário: Humbe 7 quilómetros S. da Dongoena—Vau do Caloeque, onde estavam os auxiliares boers que com a força do meu comando deviam cooperar na ocupação da região da Hinga.

Cheguei ao vau do Caloeque, em 13, pelas dezassete horas e quarenta minutos, onde descansei, para de harmonia com o comandante dos auxiliares boers colher as necessárias informações para operar na Hinga.

No dia 15 saí do acampamento do Caloeque para bater a região da Hinga, indo acampar a SE. da Dongoena, perto do rio Cunene, para o atravessar no dia seguinte, com o fim de começar a bater a região de norte para sul, evitando assim que o gentio pudesse escapar-se ou internar-se no Cuamato.

Para desviar as atenções do gentio, segui o itinerário marcado na ordem de marcha n.º 3, cujo fim era evitar a possibilidade de o gentio se internar no Cuamato e actuar por surpresa, visto que na véspera, pela uma hora, foi preso por uma patrulha de estacionamento um preto cuamato que vinha espionar, como éle próprio confessou pelo interrogatório feito.

Foi fuzilado. Iniciada a marcha na madrugada de 16, entrei nas primeiras libatas da Hinga, que foram incendiadas, e todo o gentio encontrado foi morto pelas forças do destacamento.

Deixei ficar uma patrulha mixta de auxiliares boers e praças na margem direita do Cunene, que, seguindo para o sul, ia acompanhando a marcha do destacamento com o fim de impedir a fuga do gentio batido para a região da Dongoena.

Prestou bons serviços esta patrulha. Também o des-

tacamento foi auxiliado por uns cento e cinquenta indígenas da região da Dongoena, tendo por chefes os lengas Cachinduo e Chibungo.

A região estava na sua maioria deserta, por se saber da chegada das forças ao vau de Caloeque e ao forte Cuamato.

Todavia fizemos bastantes baixas, principalmente perto do forte de Naulila, onde havia muitas libatas. Aí esacionámos durante duas horas para distribuição do rancho às praças e forragens aos solípedes. Numa rápida visita vi que o forte está completamente destruído, havendo muitos destroços de artigos de material de guerra. A NE. do forte, junto a um imbondeiro, vê-se um cemitério com quatro campas, alguns copos de granadas sobre os covais e um pau aplainado com a seguinte inscrição: «WII WIK».

Este é o cemitério dos alemães mortos no combate de Naulila, por informações dadas por alguns oficiais que neste tomaram parte.

Tem uma vedação em arame farpado. A SE. está outro também fechado por arame farpado e que o gentio diz ser dos alemães mortos antes do combate. Os portugueses mortos em combate parece-me estarem enterrados no fôssco da fortaleza, por alguns vestígios de roupas e tendas rasgadas que lá existem.

Também se vê numa árvore caída perto do forte seis cordas pendentes que serviram para enforcar gente... Uma delas ainda segura uma cabeça, que é de um preto. Regressámos novamente ao vau do Caloeque, e no caminho a SE. está um grande imbondeiro onde está uma sepultura de um alemão, Dr. Schultz, a 300 metros do forte.

O esquadrão vai diariamente a Naulila e proximidades com o fim de garantir a ocupação da região. Nas libatas foram encontradas duas espingardas, muitas munições e algumas roupas deixadas por praças na retirada em Dezembro passado. No dia imediato fez a sua apresentação o lenga da região Manicambe, que, ferido num braço, ia ao acampamento fazer curativo, levando tudo que encontrasse nas suas terras e pertencente aos portugueses. No dia imediato trouxe quatro espingardas, duas Mauser e duas Kropatchek, todas queimadas. A região ficou pacificada como o prova a apresentação imediata do lenga, que prestou submissão a Portugal.

O tenente médico e o tenente provisor não acompa-

nharam o esquadrão por estarem doentes. Os oficiais do esquadrão e comandante dos auxiliares boers auxiliaram-me com toda a sua energia e boa vontade para o bom desempenho da missão que honrosamente nos confiaram.

Vau do Caloeque, 17 de Agosto de 1915.— O Comandante do destacamento, *Francisco Pessoa Amorim*.

Destacamento a Naulia

Relação do pessoal que fez parte do referido destacamento

| Unidades | Número de esquadrao | Postos | Nomes |
|------------------------------------|---------------------|--------------------------------------|--------------------------------|
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | — | Tenente | Francisco Pessoa Amorim (a). |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | — | Tenente | Luis de Camões. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | — | Alfere | Carlos Novais e Silva. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 11. | — | Tenente médico | Antonio Emilio de Vasconcelos. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 11. | — | Tenente veterinario | José Cândido Coelho. |
| Administração militar | — | Tenente | Joaquim Ribeiro da Cruz (b). |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | — | Alfere | João Maria Serra Sarmento (c). |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 2 | Primeiro sargento | Manuel Guerreiro Mendinha. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 345 | Segundo sargento | Antero Fernandes. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 401 | Segundo sargento miliciano | Francisco Godinho Pilar. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 164 | Segundo sargento | Joaquim Fernandes. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 16 | Primeiro cabo | Evangelino Augusto. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 281 | Primeiro cabo | Noé Moreira Guimarães. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 423 | Segundo cabo | Manuel Chaves. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 202 | Clarim | Jorge Adelino. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 392 | Primeiro ferrador | João Francisco Luis. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 55 | Soldado | Joaquim Pinto da Costa. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 102 | Soldado | Joaquim José de Almeida. |
| 3.º esquadrao de cavalaria n.º 9. | 409 | Soldado | Antonio Teixeira. |

| | | | |
|-----------------------------------|-----|----------|-----------------------------------|
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 519 | Soldado. | José Justino de Sousa Martins. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 60 | Soldado. | Henrique da Silva. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 89 | Soldado. | José Joaquim. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 96 | Soldado. | Manuel da Silva Boecinha. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 57 | Soldado. | Antônio Domingos Quintas Júnior. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 224 | Soldado. | Amadeu de Azevedo Pinto. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 265 | Soldado. | Leandro de Jesus. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 287 | Soldado. | José Monteiro. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 286 | Soldado. | Antônio Augusto Pereira Ramalho. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 112 | Soldado. | Abel Moreira Cardoso. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 407 | Soldado. | David da Silva. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 419 | Soldado. | José Manuel Fernandes. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 413 | Soldado. | Aires Alves Teixeira. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 438 | Soldado. | Artur de Almeida. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 444 | Soldado. | José Marques. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 445 | Soldado. | José dos Anjos. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 446 | Soldado. | José Rocha. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 447 | Soldado. | José Ednarado. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 462 | Soldado. | Manuel dos Santos Oliveira. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 470 | Soldado. | Avelino Gonçalves da Silva. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 523 | Soldado. | Joaquim Ferreira Campos. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 238 | Soldado. | Francisco Machado. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 397 | Soldado. | José Antônio Pinto. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 73 | Soldado. | Abílio J. Lopes Fernandes Braga. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 317 | Soldado. | Joaquim de Sousa Pinto. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 390 | Soldado. | Artur de Oliveira. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 396 | Soldado. | Antônio Lopes Portela. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 52 | Soldado. | Armindo Augusto Ribeiro. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 131 | Soldado. | Antônio. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 231 | Soldado. | Antônio Fernandes de Oliveira. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 404 | Soldado. | José Maria Machado. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 420 | Soldado. | Graciano Augusto Baptista. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 422 | Soldado. | Augusto da Ressurreição Marrecas. |
| 3.º esquadrão de cavalaria n.º 9. | 424 | Soldado. | Antônio J. Gonçalves de Freitas. |

| Unidades | Número de esquadração | Postos | Nomês |
|--------------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------------------|
| 3.º esquadração de cavalaria n.º 9. | 436 | Soldado | Francisco Dias Sameira. |
| 3.º esquadração de cavalaria n.º 9. | 283 | Soldado | Manuel da Ressurreição. |
| 3.º esquadração de cavalaria n.º 11. | 39 | Soldado | Bernardino Rodrigues. |
| 3.º esquadração de cavalaria n.º 11. | 97 | Soldado | António B. Vieira da Silva. |
| Enfermeiro civil | — | — | Artur Vasques Vilar. |

(a) Comandante do destacamento.

(b) Provisor do destacamento.

(c) Comandante de auxiliares boers.

Destacamento de Naulila, 17 de Agosto de 1915. — O Comandante do destacamento, *Francisco Pessoa de Amorim*, tenente de cavalaria n.º 9.

N.º 31

Relatório do comandante do destacamento de Naulila, desde 18 de Setembro a 3 de Outubro de 1915

Tomei o comando d'este destacamento em virtude de ter baixado ao hospital do Humbe o Sr. tenente Amorim, seu anterior comandante.

Estabelecido o bivaque do esquadrão junto do vau de Cavelo (Naulila), em virtude do local anteriormente escolhido se tornar doentio devido à paragem das águas do rio, foi estabelecido um serviço de patrulhas que percorriam amiudadas vezes as regiões da Hinga e Dongoena, indo diáriamente uma patrulha ao forte de Naulila.

Esta medida só foi adoptada neste estacionamento, por a distância ao forte de Naulila ser aqui de 7 a 8 quilómetros, ao passo que no estacionamento anterior ela era apenas de pouco mais de um quilómetro.

Estas patrulhas não encontraram vez alguma qualquer cousa de anormal, mostrando-se os habitantes destas regiões perfeitamente submissos e cheios de fome, morrendo grande número de famintos, chegando mesmo a alimentar-se com os próprios mortos.

Apresentam-se diáriamente neste comando os dois chefes da Hinga e Dongoena, nomeados pelo comando dos auxiliares boers e que algumas vezes têm apresentado armas e munições que enviei ao comando militar do Humbe.

Como é do conhecimento geral, o forte de Naulila encontra-se completamente arruinado, sendo inútil fazer reparações onde só há escombros e artigos completamente arruinados.

Existe em todo o caso uma grande quantidade de munições de artilharia, estando algumas granadas rebentadas e muitas por explodir, algumas ainda ligadas ao respectivo cartucho com escorvamento feito e com espoleta.

Há também muito ferro e diferentes utensílios d'este metal, e principalmente dos carros boers que arderam, como correntes, aros de rodas, eixos, etc.

Todo este ferro e munições tem partes aproveitáveis que convém guardar e separar. Recomendiei ao comandante do posto de Naulila, que me veio substituir, o

máximo cuidado com as munições de artilharia, dizendo-lhe o que devia fazer para evitar qualquer desastre; disse-lhe a conveniência que havia em juntar e pedir a remoção de todas estas munições e ferro para onde lhe fôr determinado.

Entendi que era urgente enterrar condignamente os nossos camaradas mortos em 18 de Dezembro de 1914, cujas ossadas apareciam à superfície algumas, e outras quasi, devido a terem sido enterrados numa trincheira da face SE. do forte, que apenas tem 0^m,50.

Ordenei então que se fizesse uma sepultura funda e vasta, onde no dia 1 do corrente foram enterrados na presença de todo o esquadrão, que a isso se prestou da melhor vontade, os seguintes cadáveres:

1.º Capitão de infantaria 13, Homem Ribeiro — reconhecido pela marca da roupa branca A. R., botões do dólman.

2.º Alferes Alves, de cavalaria — estava o corpo completo e vestido, vendo-se os galões distintamente.

3.º Um soldado de infantaria 14 — reconhecido pelo número da gola.

4.º Um soldado de infantaria.

5.º Um soldado de infantaria.

6.º Um soldado de infantaria 14 — reconhecido como o primeiro.

7.º Um soldado de infantaria 14 — tinha sapatos e estava pensado na cabeça.

8.º Um soldado de infantaria 14 — que não tinha o braço direito, a tenda em que estava embrulhado tinha o n.º 247.

9.º Um soldado de infantaria 14.

10.º Um soldado de infantaria 14.

11.º Cabo de dragões — tinha penso na cabeça.

12.º Um soldado de infantaria 14.

13.º Um soldado de infantaria 14.

14.º Um soldado de infantaria 14 — tinha caderno de apontamentos narrando factos das operações até o combate.

15.º Um soldado de infantaria 14.

16.º Um soldado de infantaria 14 — tinha penso na cabeça.

17.º Um segundo sargento de infantaria 14.

18.º Um soldado de infantaria 14.

19.º Um soldado de infantaria.

20.º Um soldado de infantaria 14.

A respeito da identidade dos cadáveres não se pôde averiguar mais nada, apesar dos esforços empregados, devido ao estado adiantado de gastamento em que estavam.

A transladação fez-se com bastante dificuldade, ficando os mortos a mais de 1^m,50 de profundidade e a sepultura tendo na cabeça uma cruz grande com o seguinte letreiro:

O esquadrão de cavalaria 9 presta assim homenagem aos seus camaradas mortos no cumprimento do dever em 18 de Dezembro de 1914.

Em volta da campa foi feita uma vedação de arame farpado de mais de um metro de altura com cinco fiadas.

Apresentei ao novo comandante de Naulila os pretos chefes da Hinga e Dongoena, dando-lhe esclarecimentos precisos para seguir as questões encetadas e resolvê-las em harmonia com as ordens emanadas do comando do Humbe.

Marchei em seguida para o Humbe com o destacamento, a fim de reconhecer o Lubango, tendo assim terminado êste esquadrão o serviço de ocupação provisória de que tinha sido encarregado. — *Luis de Camões*, tenente de cavalaria.

N.º 31-A

Relatório do reconhecimento a Naulila

Comando dos auxiliares boers.—Vau do Coloeque, 16 de Julho de 1915, às 10 horas.—Ao Sr. Chefe do Estado Maior.—Quando no dia 9 do corrente fui a Naulila perguntei a um preto que vive junto do forte se havia alguma estrada de carro por onde tivessem vindo os alemães; disse-me que não. Percorrendo o terreno, 700 metros, em volta do forte, não vi indícios de caminho, pensando então que os alemães fôsem por o mato direitos a Naulila e que com a chuva já tivesse desaparecido o rasto das viaturas. No dia 14 de tarde veio ao meu acampamento um preto de Ocuancua pedir serviço, dizendo conhecer bem a estrada dos alemães. Em 15 saí com uma patrulha, levando-o como guia, e fui pela estrada militar alemã, cujo reconhecimento já tinha começado em 10.

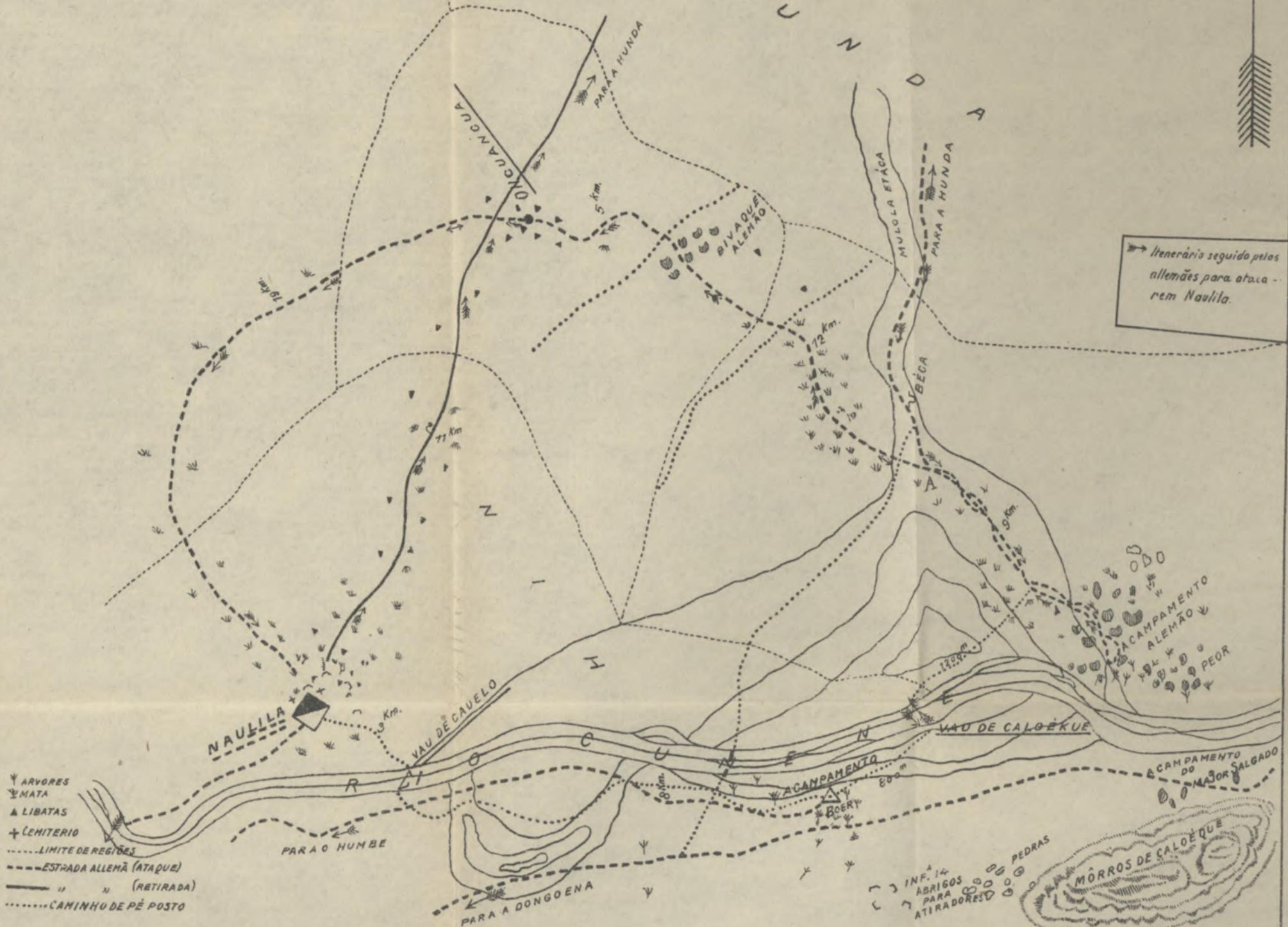
Depois da bifurcação para a Hunda (ponto A) a estrada, que é sempre sobre areia movediça, deixa a Mulola Etaca e segue por entre uma mata fechada durante uns 4 quilómetros. Encontram-se depois vestígios dum bivaque de alarme e indicando o estrago dos solípedes a disposição em sete agrupamentos (talvez pelotões), 5 a SO. da estrada, 2 a NE., numa clareira de 300 metros de raio. Não há vestígios de fogos. Em seguida a direcção é N. e logo para NE., vendo-se as primeiras libatas de Ocuancua. Aqui o caminho está mal distinto, devido à agricultura do gentio. Percorrendo mais 2 quilómetros, encontra-se o cruzamento das estradas, que cortam quasi em perpendicular, indo a de retirada para S. e a de ataque para E., aquela sobre terreno duro, esta continua no areal, fazendo uma grande volta para naturalmente iludir a vigilância das forças de Naulila. A estrada de retirada (assim lhe chamo pelas informações do gentio de Ocuancua) passa quasi sempre entre libatas e vai pela Hunda para Qualudi. Como nela tivesse visto o rasto mais pronunciado dum carro boer perguntei de quem era, dizendo-me o guia pertencer o carro ao soba do Qualudi, que o mandou ao Humbe buscar armamento e munições já há algum tempo. Tanto a estrada de ataque como a de retirada se perdem na orla da mata que envolve o forte de Naulila, tendo a clareira no meio da qual está o forte um raio entre 400 metros e 700 metros.

A estrada que do ponto A caminha para o sul, soube por informações do gentio «e reconheci em 18 de Julho» que foi a seguida pelos alemães quando vieram ao nosso território. Reconhecê-la hei na primeira oportunidade. Nas estradas que percorri podem transitar automóveis. Em Ocuancua não há água. Os pretos vêm à água ao Cunene. Um preto da Hunda trouxe-me uma Mauser-Vergueiro no dia 15. Mande-o recompensar com uma nema.

Esse preto informou-me que o gentio da Dongoena vendeu 20 Musers para o Qualudi, cujo soba está ao lado dos alemães.—*João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel*, alferes de cavalaria n.º 9.

Reconhecimento em 15-VII-915
 " " 18 " "

Reconhecimento efectuado pelo alferes
 Sarmento Pimentel

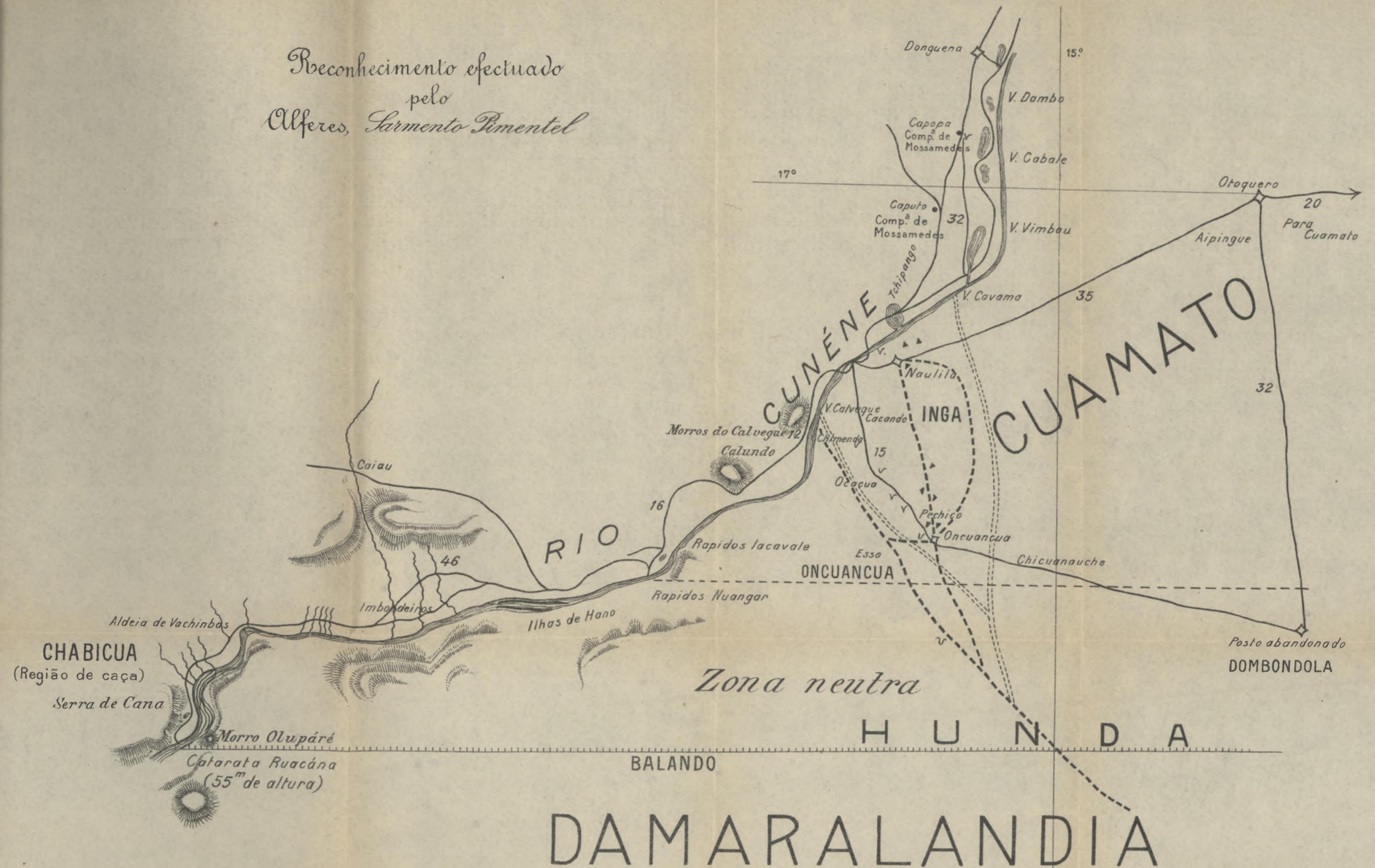


- Y ARVORES
- Y MATA
- ▲ LIBATAS
- + LEMITERIO
- LIMITE DE REGIÕES
- - - - - ESTRADA ALLEMÃ (ATAQUE)
- " " (RETIRADA)
- CAMINHO DE PÉ POSTO

INF. 14
 ABRIGOS
 PARA
 ATIRADORES

MORROS DE CALOEQUE

Reconhecimento efectuado
 pelo
 Alferes, Sarmiento Pimentel



Indicações

----- Estradas feitas pelos alemães
 para atacarem Naulila.

Receita

Alfresco

Lavrados feitas pelas alemãs
para afocarem Haullia

Indicações



N.º 51-B

Relatório do reconhecimento a Ruacaná

Destacamento de Naulila. — Vau do Coloeque, 24 de Agosto de 1915. — Ao Sr. Chefe do Estado Maior das forças em operações. — Reconhecimento a Ruacaná. — Segui em 18 para Ruacaná com o tenente Camões e comandante dos auxiliares boers, a fim de reconhecer o local para o estabelecimento de um posto militar.

A marcha do Vau do Coloeque para as cataratas de Ruacaná foi iniciada como já disse em 18 de Agosto, fazendo-se em boas condições de temperatura.

Os locais de descanso foram em geral bem escolhidos, ficando-se sempre nas margens do rio, onde o elemento primacial, a água, não faltou.

O caminho até às ilhas de Hauno é possível para carros desde já, apresentando todavia nalguns pontos pedras e areia misturada com argila, que devem dificultar um pouco o trânsito.

A partir das ilhas mencionadas torna-se o caminho difícil, impossível para carros sem reparações, e desvios que necessitam um estudo demorado; as matas fechadas e o piso por vezes pedregoso dificultam a passagem mesmo a cavalo.

Das imensas linhas de água que nesta margem entram no Cunene são algumas de bastante importância, devendo contribuir portanto para dificultar um caminho de certa permanência por esta região.

Não foi por nós percorrido um caminho definido para além das ilhas Hauno; seguimos sempre o mais curto, através dos matos, e seguindo por vezes trechos dos leitos dalguns rios e o próprio leito do Cunene a uns 7 quilómetros de Ruacaná.

De todas as vezes que chegámos ao Cunene, verificámos ser nesta região o seu leito pedregoso e cheio de fundões que impossibilitam a passagem na época das chuvas. Na época sêca, só com muito custo poderão os carros passar o rio, e a cavalo só é possível a travessia a três quilómetros para montante da catarata.

Nas cataratas estacionámos dois dias, durante os quais as explorámos, percorrendo as margens e o leito do rio, vendo os locais das quedas durante as chuvas, descendo à base dalgumas delas para fazermos idea à vista do des-

nível que já sabíamos ser de pouco mais ou menos de 95 metros.

Observámos que actualmente, 20 de Agosto, as quedas de água existentes têm pequeno volume e são apenas duas, não correspondendo ao desnível máximo e caindo no profundo leito do rio, uma vindo da direcção N., outra na direcção NE.

O Cunene, que é largo, embora pedregoso até a catarata, a seguir a esta o seu leito é apertado, dirigindo-se aproximadamente para SO., toma novamente a dezenas de metros a direcção O., devido às serras da margem esquerda que se lhe opõem.

Passámos a margem esquerda a pé e com dificuldade logo a montante da catarata, visto que o leito do rio, além de ser pedregoso, como já disse, apresenta numerosos sulcos profundos. O terreno desta margem encontra-se nesta altura coberto de pedras soltas que demonstram a existência de minério de diferentes espécies.

A vegetação é constituída por mutiati espinheiro, tendo nesta época um aspecto desolador. Subimos a um pequeno monte de mármore, no cume do qual se encontra uma espécie de marco de pedra solta, terminando por um poste de mutiati que nos pareceu não ter sido pôsto ali há muito.

Vai indicado no «croquis» este ponto com o sinal \triangle a E. das cataratas.

Concordámos que este sinal não indicava, pela forma como estava construído, sem indicação alguma, um marco fronteiro.

Na exploração feita em volta das cataratas não encontramos local que apresentasse grandes condições para estabelecimento de um pôsto. Em todo o caso concordamos com a sua grande utilidade nas proximidades do marco que tratamos como garantia da posse da margem esquerda a partir na direcção das cataratas E.; não nos ficou dúvida de que o pôsto será estabelecido nesta margem, mantendo-se por ora ligado com Naulila-Cuamato, por caminho de carro e outros meios de comunicação oportunamente construídos, o que não nos pareceu muito difícil por esta margem.

Concordamos também que, devido à distância a que este pôsto ficará de Naulila, aproximadamente 66 quilómetros, se estabeleça um ou mais postos intermediários junto da fronteira.

Voltámos ao Vau do Coloeque pela margem esquerda do Cunene, atravessando-o a 3 quilómetros para mon-

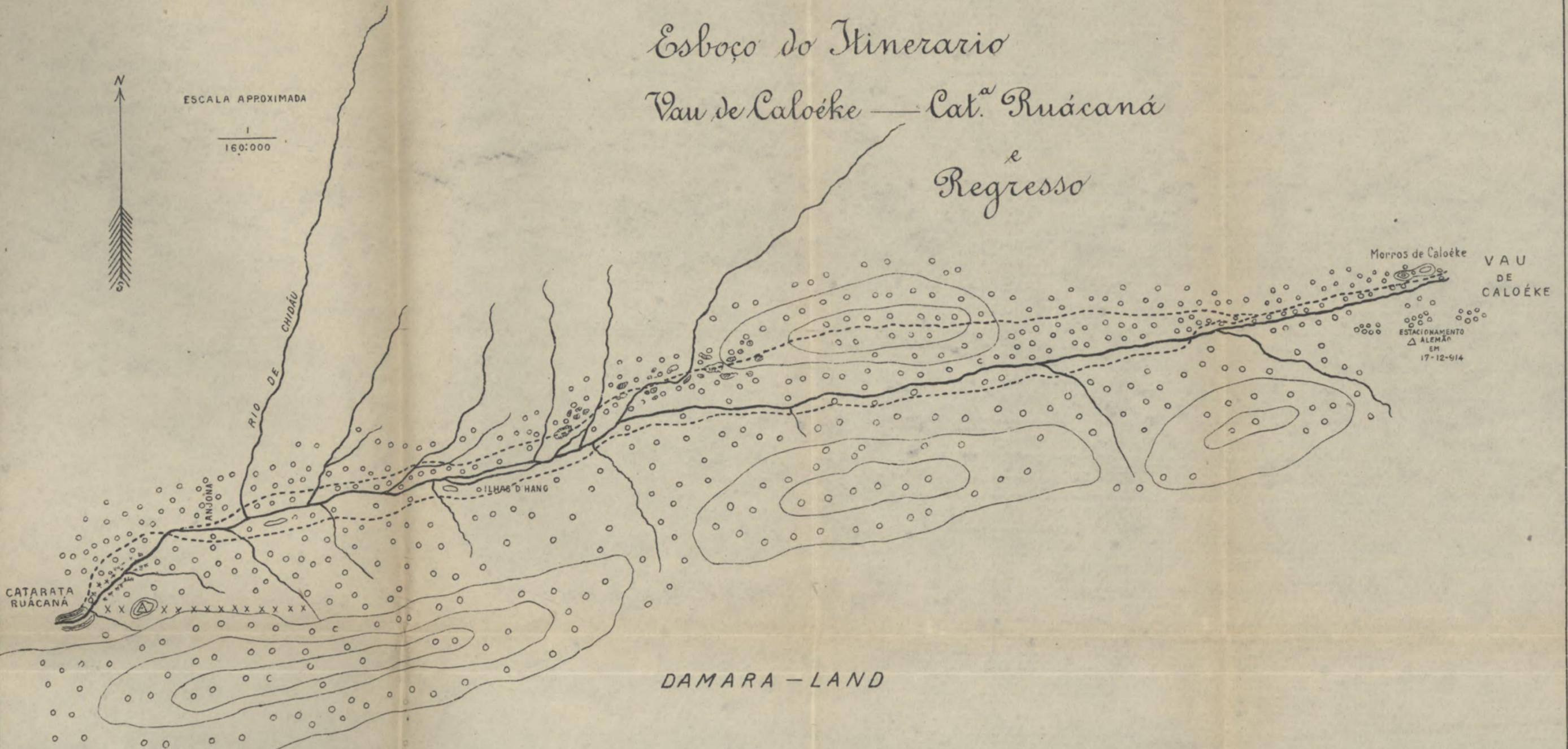
Esboço do Itinerario

Vau de Caloéke — Cat.^a Ruácaná

e
Regresso

ESCALA APROXIMADA

1
160:000



DAMARA — LAND

tante das cataratas. Seguimos sempre junto do rio através de matas de espinheiro e mutiati, que apesar de não serem tam espessas como as da margem direita, embaraçam a marcha a cavalo, assim como o piso, que era muito frequentes vezes a meia encosta e pedregoso.

O caminho, estreito e impossível para carro, algumas vezes se desvia um pouco do rio, ficando entre este e aquelle alguns pequenos morros pedregosos.

O Cunene, a uns 38 quilómetros para montante das cataratas, alarga bastante, chegando a ter coberto de água nesta época o seu leito, numa largura de 500 a 600 metros e numa extensão de 3 quilómetros.

Depois torna-se novamente o leito pedregoso e com desnívéis rápidos até o ponto onde o atravessámos outra vez para a margem direita, indo retomar a pouca distância o caminho seguido na ida.

Durante a nossa permanência no rio, observámos que existia nele, em grande abundância, peixe de diferentes qualidades, ostras pegadas às rochas do fundo e uma espécie de mexilhão em grande quantidade, de que se servem os indígenas para sua alimentação.

Nas suas margens verificámos a existência de grande quantidade de caça grossa: elefante, zebra, palanca, gunga, cabras, etc. Foi morto por mim um cavalo marinho num fundão onde apareceram mais alguns que se escaparam.

Tivemos ocasião de apreciar esta prêsa de caça, não só pelo seu valor por a pele que já conhecíamos, como pelo sabor da sua carne e toucinho muito apreciável.

Terminou êste reconhecimento pelo regresso sem incidente ao Vau do Coloeque, onde chegámos no dia 23 às 18 horas.

Junto um «croquis».

Vau do Coloeque, 24 de Agosto de 1915. — O Comandante do destacamento, *Francisco Pessoa de Amorim*, tenente de cavalaria n.º 9.

N.º 31-C

Relatório do comandante dos auxiliares boers

Comando dos auxiliares boers. — Lubango, 24 de Setembro de 1915. — Ao Sr. Chefe do Estado Major do Comando Superior.

Relatório.—Comandei os auxiliares boers de 18 de Maio a 25 de Setembro de 1915. Já os conhecia desde Janeiro quando fui para Otchingou comandante de um pelotão de cavalaria 9. Vi de perto os seus costumes, a sua índole e a maneira de actuarem, nos reconhecimentos que fiz ao Cunene e em que elles serviam de guias.

Continuei os reconhecimentos dos vaus que dão passagem para a Damara, dirigindo a atenção para o do Coloeque (Vide *croquis* n.º 2) por causa de Naulila, onde diziam chegar a estrada dos alemães. Era necessário atravessar a região de Dongoena em Tchipango e Jamba-Muciuo, terras, o que se fez às duas primeiras à viva força.

Com soldados de cavalaria 11 destacados no Otchingou e com os boers fui a Chipa nos princípios de Junho prender alguns pretos do Humbe ali refugiados.

Em 4 de Julho fui encorporado no destacamento de Dongoena; em 6 entrámos no forte e no dia 7, desligado do destacamento, comecei a raziar a região, queimando mais de 100 chilongos e sendo mortos uns 600 pretos durante as várias sórtidas que fiz, havendo a registar a morte do sobeta Cachipaleca. A acção contra os pretos era sempre com bom êxito, mostrando-se os boers experimentados nas apreensões de gado e na forma de surprender o gentio. As instruções do quartel general obedeciam principalmente à questão alemã e daí a ordem para reconhecimentos que se fizeram além do Cunene e à política de atracção que mantive com o soba do Quambi. Quando de um reconhecimento à Hunda tive de despedir alguns boers, como numa confidencial comuniquei ao quartel general. Organizei uma patrulha para ir ao Quambi, cujo soba me tinha convidado para visitar as suas terras, dirigindo-me por êste motivo ao Sr. chefe do estado maior a fim de levar comigo alguns presentes que mais tarde foram mandados por intermédio do lenga Johanes que o soba do Quambi mandára ao acampamento cumprimentar o Governo. E então nos Gambos me disse o Sr. chefe do estado maior que já não eram necessárias mais diligências além Cunene, porque a questão alemã acabara pela entrega da Damara às forças da União Sul Africana.

Voltei para o Coloeque e num terceiro reconhecimento a Naulila foi ferido o lenga Manipembe, principal da região.

Nos reconhecimentos a Swartz-Boi-Drift, foz do rio

Ondoto Ruacaná e estrada alemã Ombome, Hunda, Coloeque, registei em *croquis* um terreno percorrido, indicando distâncias e água.

Para juzante do vau do Coloeque os habitantes, muchacalas, mucancalas e muchimbas são nómadas, as duas primeiras raças vivendo da caça e a última dos gados lanígero, bovino e caprino. Os muchimbas de além Cunene fazem razias no nosso território, refugiando-se depois nas montanhas Rebradas e Zessefontein.

Ruacaná é abundante em caça, antílope, girafa, rinoceronte, zebra, elefante, hipopótamo, gunga, acolongo, etc., sendo contudo de maior conveniência proibir por tempo bastante longo que os caçadores ali vão, para compensar o desbaste dos últimos três anos.

O policiamento da região para sul da linha Ediva, Outchingou, Umpupa só poderá ser feito por destacamentos a cavalo.

Também lembro a necessidade de se regular a criação de gados, regime de alimentação para pastoreação em que o Estado é as mais das vezes ludibriado.

Em 13 de Agosto foi incorporado um destacamento de Naulila. Em 24 do mesmo mês deixei 10 boers no Coloeque e fui com os restantes para o forte do Cuamato reforçar a guarnição daquele forte.

Em 26 recebi ordem para voltar para Coloeque, seguindo pelo forte Roçadas, onde um telegrama do quartel general me fez seguir para o Cuanhama. Da Mongua para a Ngiva, os auxiliares boers auxiliaram a exploração da cavalaria.

Em 5 de Setembro regressei a Coloeque e dali segui a linha de Coloeque, Chipa, Outchingou, Evale, Pocolo, Campange, Moama, Humpata, para assim completar o conhecimento dos caminhos que os boers utilizam para ir ao Cunene.

Os boers são bons guias e auxiliares desembaraçados, conhecem como ninguém o sul de Angola.

São todos «afrikanders», desejando acima de tudo a independência do Transvaal os antigos, da União Sul-Africana os novos. Alguns d'elles eram affectos aos alemães por estes lhe prometerem a independência e outros a tróco de recompensas.

O nosso Governo pode d'elles tirar bons serviços, obrigando-os: primeiro, a falar português; segundo, a prestar serviço militar, sendo a instrução na Humpata e para infantaria montada. Elles são submissos e obedien-

tes, interessando-lhes o gado, a família e a caça.— *João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel*, alferes de cavalaria n.º 9:

N.º 32

Relatório

Ex.^{mo} Sr. General Comandante Superior das Fôrças.— Em breves palavras venho dar conta a V. Ex.^a da forma como foram desempenhadas as diferentes e sucessivas missões que a situação impôs ao destacamento do Cuamato, cujo comando V. Ex.^a me deu a honra de exercer e de que eu me orgulho.

Serei o mais breve possível, pois em assuntos de tal gravidade exige-se a precisão, clareza e verdade dos factos, com desprezo pelos longos períodos e cuidado fraseado que nada valem e só servem para muitas vezes tornar menos clara a exposição dos mesmos.

Pela directiva que no Humbe me foi entregue, ficou o destacamento do Cuamato com a composição que consta da «Ordem de Serviço» do comando superior das fôrças, (documento n.º 1), sendo-me ao mesmo tempo entregues as instruções (documento n.º 1) sôbre as principais disposições a adoptar na marcha.

O destacamento deveria marchar no dia 12 de Agosto ao seu destino, sendo-lhe attribuído o manter e ocupar a região do Cuamato até o forte do Cuamato, onde aguardaria ordens. Conforme estas, o destacamento iniciou a sua marcha, partindo do Humbe na manhã do referido dia 12, bivacando em Naunhango, próximo do Forte Roçadas.

Transportava o destacamento víveres e forragens para cinco dias (2 de V. R. com os homens e solípedes, 1 de V. R. e 2 V. N. nos trens regimentais), além de um dia que, previdentemente, de véspera se havia mandado colocar no local de bivaque do primeiro dia de marcha, a fim de ali ser consumido.

A marcha efectuou-se sem dificuldade e apenas houve uma pequena demora na passagem do Cunene por os carros virem pesados e a única parelha que os puxava ser insufficiente para os arrancar no vau onde a passagem se efectuou. No rio existia uma barragem feita pela engenharia apenas para a passagem dos camiões, pelo

que só por estes foi aproveitada, e mesmo assim, depois da intervenção da brigada de trabalhadores, que teve de a completar e consolidar com faxinagem.

Conforme o determinado na referida directiva, embora as ligações entre os destacamentos fôsem estabelecidas por intermédio da base do Humbe, à retaguarda das forças foi por dois auxiliares, após a chegada ao estacionamento, levada uma comunicação à Chimbua ao comando superior que acompanhava o destacamento do Cuanhama dando parte da marcha do primeiro dia.

Não foi neste estacionamento o destacamento incomodado nem se avistou gentio.

No dia 13, às 7 horas, iniciámos a marcha sobre o Aucongo, onde chegámos pelas 11 horas sem se ter dado novidade alguma, tendo apenas as patrulhas de cavalaria aprisionado algumas mulheres. Nesse dia, à fim de aliviar os homens e solípedes e ainda por se não encontrar água alguma, foi determinado que se consumisse uma ração de reserva individual.

Os camiões que se destinavam ao reabastecimento de água e de víveres e forragens foram apenas utilizados para aquele fim, e assim é que após a distribuição feita ao pessoal e animal (respectivamente 2 e 4 litros) foram reabastecer ao Cunene.

Pelos prisioneiros feitos soube-se que o gentio que se encontrava na região fugia na nossa frente, e que já tinha avisado o Tchiataquela (soba) conservando-se alguns espões nas proximidades.

Procedeu-se a todos os serviços de estacionamento sem novidade, até que pelas 18 horas e trinta minutos, quando já o crepúsculo estava bem acentuado, foi repentinamente a face da frente atacada por atiradores ocultos na orla do bosque que envolvia a chana onde estacionávamos, começando as balas a cair dentro do quadrado, junto do local do estacionamento do trem regimental. Os postos à cossaca dessa face retiraram vagarosamente, e, após serem recolhidos, foi ordenada à divisão de artilharia que estacionava no flanco direito dessa face para abrir o fogo sobre a orla e ao mesmo tempo à cavalaria para aparelhar.

Feitos alguns tiros; o ataque definiu-se mais para o flanco esquerdo da mesma face, procurando envolver parte da face esquerda do quadrado, para onde se deslocou o tiro. Dentro de pouco tempo o fogo do inimigo

cessou, ordenando-se então à cavalaria e aos auxiliares que saíssem do quadrado e fôsem bater o mato junto à orla, não se internando muito em vista do adiantamento da hora.

As poucas munições com que iam dotadas as peças da única bateria de que dispúnhamos levaram-nos a ser parcimoniosos e a não fazer a perseguição pelo fogo, única que neste momento se impunha.

A cavalaria, por seu lado, dispunha igualmente dum pequeno efectivo para que dela pudéssemos fazer um emprêgo que a situação aconselhava. Estas faltas fizeram-se sentir sempre durante as missões que o destacamento teve de desempenhar.

Depois da cavalaria ter recolhido sem haver encontrado alguêm, foi, como medida de precaução, aumentado o número de sentinelas, carregadas as peças e mandado funcionar o projector, e aqui devo desde já acentuar que este nos foi dum valioso auxilio durante todas as operações.

Igualmente foram dadas todas as ordens na hipótese dum ataque ao alvorecer — o que tudo fazia prever — ataque que se não realizou, continuando o destacamento às 7 horas do dia 14 a sua marcha para o Damequero, onde estacionou.

Após a chegada ao estacionamento começaram-se a ouvir uns tiros ao longe, pelo que a cavalaria e os auxiliares foram percorrer o terreno na direcção assignalada e, depois de tiroteio de parte a parte, foram feitos alguns prisioneiros, entre eles o sobeta do Damequero (fidalga Camuvari) e três dos seus lengas que mais destroços haviam feito nos postos do Cuamato e que eram fiéis súbditos de Tchiataquela. Por eles soubemos que os tiros de artilharia da véspera tinham causado algumas baixas ao inimigo e que este era constituído por gente do soba, que procurava demorar o avanço das nossas forças.

Trabalhou-se nas cacimbas durante toda a tarde e parte da noite, mas apenas de manhã se conseguiu arranjar alguma água para dessedentar o rebanho de reabastecimento.

Foi enviada directamente para o Cuanhama, por indígenas, uma comunicação para o comando superior, sobre a situação das nossas forças; para o chefe de estado maior de *étapes* fez-se igual comunicação sobre abastecimentos, frisando a impossibilidade de o destacamento prescindir

ou mesmo dispensar sequer um só dos camiões que para o seu serviço tinham sido destinados, em número inferior ao que estava determinado pela já referida directiva, e que em sucessivas notas pela mesma entidade nos eram solicitados.

No dia 15 de manhã, como de costume, levantou-se o bivaque e o destacamento continuou a marcha em direcção a Inhoca, onde tencionavam estacionar. De véspera foram dadas ordens para um combóio de carros alentejanos marchar para o Forte Roçadas a fim de receber aí viveres e forragens; por alturas da célebre cacimba da Inhoca, que se encontrava sêca, foram as patrulhas de cavalaria atacadas, pelo que a artilharia avançou a fazer alguns tiros para os «chilongos» donde o ataque partia, e a seguir foi a cavalaria lançada nessa direcção, nada encontrando digno de registo. A coluna continuou por isso a marcha até que, no mato rasteiro que precede a entrada na chana de Inhoca, foi de novo a cavalaria atacada, mas então por um forte núcleo inimigo, que depois se soube ser capitaniado pelo próprio Tchiataquela e seus lengas que dispunham de montadas.

A cavalaria apeou e sustentou fogo até a chegada da coluna, que tomou rapidamente o dispositivo de combate avançando um pouco além da posição primitivamente ocupada pela cavalaria. A face da frente e parte da esquerda foram logo visadas pelo fogo de atiradores inimigos deitados e cobertos pelas árvores de grande porte de que o terreno aqui estava cheio, mudado o aspecto, fogo ao qual respondeu a secção de metralhadoras da face da frente e as forças de infantaria 18 visadas. Por seu turno uma divisão de artilharia entrou em posição ao flanco esquerdo da face da frente, e bateu com os seus fogos o local donde o fogo do inimigo era mais intenso.

Como estes abrandassem e se percebesse que o inimigo começava retirando, a artilharia alongou o tiro, batendo o terreno em profundidade, de forma a executar a perseguição, até que aquele se calou por completo. Era aqui ocasião de lançar sobre o inimigo a cavalaria não lhe dando mais repouso, mas afora o efectivo necessário para patrulhas, esta dispunha apenas dum efectivo pouco superior a trinta cavalos. Insignificante para uma acção tam enérgica e isolada da coluna como era necessário.

O destacamento continuou a marcha, entrando em breve na chana da Inhoca, e como as tropas estivessem

relativamente frescas, a hora não fosse adiantada, houvesse necessidade de enviar outro combóio de carros alentejanos para reabastecer o Forte Roçadas, e ainda para evitar que o inimigo destruísse o Forte do Cuamato que informações davam como intacto até então, mostrando-se-lhe ao mesmo tempo que os seus ataques não nos detinham, resolvemos continuar a marcha e ir estacionar naquele Forte.

A excepção de três casos de insolação, devidos ao excessivo calor que fazia, e apesar da sede que as tropas sofriam, dada a fraca ração de água que diariamente se lhes podia distribuir, o destacamento marchou nessa pesada formação de combate, em quadrado, sem descanso, durante 30 quilómetros, dando entrada no Forte às 15 horas, na mais completa ordem e disciplina, sem mais termos sido incomodados pelo inimigo.

Assim nesse dia, aniversário da restauração de Angola, ficava cumprida a nossa missão, tendo entrado de novo na nossa posse uma vasta região, que tanto havia levado a conquistar e onde o generoso sangue português correu em várias ocasiões, como em 1904 e 1907.

Foi enviada por indígenas nova e directa comunicação ao comando superior no Cuanhama.

O Forte, próprio, encontrava-se bem conservado, embora saqueado, e apenas os edificios do comando e também os particulares, que se achavam na zona de servidão, tinham sido destruídos e igualmente saqueados, com excepção da cavalaria.

Todas as tropas ficaram alojadas dentro do Forte, menos a cavalaria que bivacou junto da cavalaria e a 16.^a companhia indígena de infantaria de Moçambique que protegia as viaturas e gado das diferentes unidades e formações.

No Forte, nos tambores da diagonal direita, ficaram as duas divisões de artilharia, e nos da diagonal esquerda uma bateria de metralhadoras em cada um, e ainda num deles o projector que durante toda a noite folheou com o seu feixe luminoso o terreno adjacente, facilitando o avanço do combóio de carros alentejanos que de Damaquero fôra ao Forte Roçadas abastecer-se, por o orientar na escuridão da noite.

No dia 16, novo combóio partiu, com todas as viaturas que o estado do gado consentiu, o que nos permitia calcular que em breve tempo teríamos um abastecimento de 7 dias de V. e F.

Como alguns indígenas se viessem apresentar, leram-se-lhes as condições dessa apresentação e intimaram-se a irem espalhá-las por toda a região do Cuamato.

De Cuanhama nenhuma comunicação até então havíamos recebido, e isso levava-nos a conservar os nossos efectivos completos, prevenindo qualquer hipótese de marcha que nos fôsse necessário executar. Isto mais vinha agravar a nossa situação, porquanto as informações que tínhamos sobre a existência da água, por um gentio, era o mais desanimadora possível, verificando-se que eram verdadeiras pelos reconhecimentos a que se mandou proceder até 25 quilómetros de distância. O gado, principalmente, sofreu muito, havendo bastantes baixas.

Dos camiões, cujo número era insuficiente (sete), apenas seis puderam prestar continuamente serviço, e apesar de toda a boa vontade dos *chauffeurs* que não pouparam as canceiras, não foi possível aumentar o rendimento, em água, que se esperava e havia determinado. Felizmente, dos próprios soldados partiu a idea de pendurarem os seus sacos em cordas prêsas exteriormente à carroçaria dos camiões, o que permitiu a confecção do rancho com a ração de água que deviam receber dos depósitos pelos mesmos transportados.

No dia 17 recebemos a primeira comunicação do comando superior, e no dia 16, às 17 horas, uma nova comunicação do mesmo comando, em que se determinava a evacuação das forças do nosso destacamento desnecessárias à occupação.

Quando o comando trabalhava na melhor forma de efectuar essa evacuação, pelas 21 horas e 30 minutos, chegou em camião o alferes Chaves de infantaria, trazendo uma comunicação urgente da retaguarda, na qual o chefe do estado maior de *étapes* informava que S. Ex.^a o general, dados os ataques violentos feitos à coluna do Cuanhama, determinava que o nosso destacamento fizesse uma demonstração sobre a fronteira do Cuanhama na direcção da N'giva, a fim de desviar daquele destacamento parte do pêso do inimigo.

Já durante o dia e a noite antecedentes se tinha ouvido grande número de tiros de peça e os auxiliares quasi que precisavam as horas a que os combates do Cuanhama principiavam e acabavam, deitando-se no chão e applicando a alguma distância do Forte.

O «seculo» Daitipo tinha também no mesmo dia avisado que algumas mulheres cuanhamas que tinham pas-

sado pela sua «mucunda» diziam ter havido grandes combates e que o gentio vinha às suas «libatas» buscar munições para voltar a combater.

Compreende decerto V. Ex.^a o enervamento causado nas nossas forças, sabendo que os seus camaradas combatiam, e sujeitos àquela passividade que nos tinha sido determinada e demais sem saber o que se passaria.

Com a chegada do documento acima referido tudo se esclareceu e prontamente o comando foi tratar dos trabalhos e preparativos diferentes para a marcha que se devia efectuar, dando balanço ao gado, subsistências e munições.

Na ocasião em que verificámos que, embora com dificuldades, tudo estava em condições e que a operação era possível, alguns oficiais manifestaram as suas apreensões de que o gado não pudesse marchar mais de 5 quilómetros, salientando-se então pela sua boa vontade e animador optimismo o comandante da cavalaria que, após termos feito sentir àqueles oficiais que a marcha tinha de ser efectuada, declarou que o esquadrão do seu comando estava naquela mesma ocasião pronto a marchar para onde fôsse preciso.

Demos as devidas ordens para que no dia 19 tudo ficasse preparado e pronto para que em 20 de madrugada o destacamento, deixando uma guarnição no Forte do Cuamato, avançasse com as restantes forças sobre a Umbumba, dentro do Cuanhama, e daí sobre a N'giva, onde chegaríamos em 22.

Sobre esta operação foram enviadas comunicações ao comando superior e ao chefe do estado maior de *étapes*.

No dia 19 nada se passou de anormal e foram dadas todas as ordens para a marcha de 20.

Pelas 15 horas foi recebida uma comunicação do chefe do estado maior de *étapes* com a cópia da nota que pelo comando superior lhe havia sido enviada, e que originou a sua nota do dia anterior.

Quando às 5 horas e 30 minutos do dia 20 as forças iam entrar na forma para seguirmos para N'giva, chegou um automóvel com o alferes Chaves, de infantaria, que era portador doutra nota do chefe do estado maior de *étapes*, em que se expunha que a situação do destacamento do Cuanhama era crítica, tendo as comunicações cortadas, sendo impossível o seu reabastecimento, para nosso conhecimento.

Desta forma falhava por completo o plano de avanço sobre a N'giva, e impunha-se antes a necessidade imediata de retrogradarmos, e a marchas forçadas irmos restabelecer as comunicações àquele destacamento. Foi isso o que resolvemos, dando logo conhecimento verbal ao oficial portador da referida nota.

O depósito que se havia criado no Forte estava convenientemente abastecido, com a chegada do segundo combóio de reabastecimento, e dêle tirámos apenas os víveres para dois dias, ficando ainda as fôrças que íamos deixar de guarnição ao mesmo com víveres para 12 dias.

Como em presença da situação nos pareceu insufficiente a guarnição primitivamente fixada, foi ela modificada para 2 pelotões da 16.^a companhia indígena de Moçambique (80 praças), 1 pelotão de infantaria n.º 18 (50 praças), uma secção da 3.^a bateria do 2.º grupo de metralhadoras, e ainda os condutores dos carros que não tinham gado a tratar e as praças doentes.

A guarnição ficava assim bastante forte, não havendo receio de qualquer fracasso em caso de ataque.

Foi também determinado o aligeiramento da carga das unidades e formações, a fim de que a marcha pudesse ser executada com rapidez, como era necessário.

Estando todas as ordens cumpridas, iniciámos pelas 7 horas a marcha que se fez seguidamente até ao Damequero, onde demos um grande alto.

Após a chegada ali, chegou outro camião que ia em direcção ao Forte do Cuamato, e em que vinha o capitão de infantaria Borges, portador doutra nota do chefe do estado maior de *étapes*, pela qual se vê que o official portador da mesma vinha ali como delegado da base do Humbe, saber qual era a resolução por nós tomada, dada a situação se tornar cada vez mais critica.

É claro que tal nota nos admirou, pois vimos que ali se ignorava que nós estávamos já em marcha para a retaguarda, e quais eram as nossas intenções, quando realmente as tínhamos já indicado antes da marcha, ao alferes Chaves. Assim se explica também o referido na mesma nota pelo chefe do estado maior de *étapes* em que comunica que ia fazer avançar para o Forte do Cuamato todos os camiões do destacamento Cuanhama, bem como gado para abater, o que evidentemente só podia supor a nossa primeira necessidade do avanço sobre a N'giva.

Ao capitão Borges se deu de novo conhecimento de que as nossas forças marchavam para o Cuanhama para restabelecer as comunicações, seguindo do Forte Roçadas ao vau da Cimbua, solicitando-se do chefe do estado maior de *étapes* as necessárias ordens para os abastecimentos nesta mudança de linhas de comunicações.

Pelas 19 horas iniciou-se de novo a marcha e pelas 4 de 21 deu-se o novo grande alto até as 6 horas, continuando-se a marcha até ao Forte Roçadas que atingimos às 11 horas e onde as forças estacionaram até as 19 horas.

Quando ali chegámos eramos já aguardados pelo chefe do estado maior de *étapes*, o comandante militar do Humbe, capitão Velez Caroço, que connosco desejava conferenciar. Foi-nos mais uma vez exposta a situação do destacamento do Cuanhama que era considerada gravíssima.

Foi resolvido que eu enviasse ordem ao destacamento do Evale para seguir a juntar-se ao nosso no vau da Cimbua, servindo as suas forças para guarnecer os postos da linha de comunicações, dado o fraco efectivo que connosco vinha e que seria perigoso desfalecer.

Ao mesmo tempo foi dada ordem para que as forças do Coloeque sustassem a marcha para Naulila e seguissem pelo Otequero sobre o Forte do Cuamato.

Devo dizer que o capitão Caroço se ofereceu para com uma companhia avançar de camião em reconhecimento sobre o Cuanhama, o que não foi aceite, pois, como a situação se apresentava, representava um perigo mais que viria agravar a situação, quer moralmente, quer ainda originando a perda dos poucos camiões de que dispúnhamos.

Começaram a ocorrer dúvidas se com a nossa retirada rápida de Cuamato, embora deixando o mesmo forte guarnecido, o gentio se não revoltaria de novo, cortando igualmente as comunicações nesta região. Nestas condições resolveu-se mandar guarnecer o Forte de Damequero pelo 3.º pelotão da 16.ª companhia indígena de Moçambique, que connosco havia marchado, e 10 praças de infantaria 18. Efectivamente, pelas 16 horas, foi recebida uma comunicação do comandante do Forte de Cuamato, em que sugeria a necessidade de guarnecer a linha de comunicações, acentuando já a mudança de atitude do gentio. Devo acrescentar o episódio curioso do *chauffeur* de um automóvel que ao serviço daquela

região havíamos deixado ficar, quando em marcha retrocedeu afrito, julgando-se perseguido por cavalaria cuamata (*sic*), quando afinal era um simples auxiliar boer que vinha pacificamente trazer uma comunicação ao Forte Roçadas.

Pelas 20 horas fez-se a passagem do Cunene e seguimos em direcção à Cimbua, mas pelo desconhecimento da região e engano dos auxiliares marchámos toda a noite até a 1 hora de 22, ficando ainda a 18 quilómetros da Cimbua, pelo que se ordenou um grande alto.

*Pelas 6 horas de 22 recomeçámos a marcha sobre a Cimbua e próximo deste vau recebemos uma comunicação do comando superior, que nada vinha alterar do que estava determinado.

Pelas 11 horas alcançámos o vau, cuja passagem se fez sem novidade, e pelas 12 horas estacionávamos na chana além do rio.

Como ali não encontrássemos o destacamento do Evale, contra o que esperávamos, falta cuja razão foi exposta em nota do seu comandante, mais tarde recebida na Mongua, e as forças de infantaria se encontrassem reduzidas ao batalhão de infantaria n.º 18, insuficientes para avançar e ao mesmo tempo estabelecer postos, além do grande número de soldados já cansados e quasi descalços pelas longas marchas efectuadas, resolvemos solicitar do comandante militar do Humbe o reforço duma companhia de infantaria n.º 19, ao que elle prontamente accedeu, sendo essa companhia (12.^a) encorporada no destacamento.

Pelas 19 horas continuámos a marcha, tendo tido antes noticia de que o comandante Roma havia conseguido forçar o bloqueio e chegar à Cimbua.

Tranquilizou-nos mais este official, porquanto esclareceu a situação, comunicando-nos que as forças do Cuanhama dispunham ainda de viveres até 24 e de munições suficientes para resistir a um combate.

Pelas 23 horas fizemos alto numa pequena chana, porquanto sendo o mato bastante denso e quasi próximo da zona dos ataques do inimigo, não era conveniente continuarmos executando marchas de noite.

As 6 horas de 23 iniciámos de novo a marcha, e pelas 14 horas fomos estacionar na chana do Enforcado. Pouco depois avançava para a Mongua um combóio de camiões, sob o comando do tenente Roma, a quem entregámos uma comunicação para o comando superior relatando a marcha do destacamento.

Pelas 17 horas fomos surpreendidos pela chegada de dois camiões do já referido combóio, dos quais o pessoal dizia o combóio ter sido atacado pela cavalaria cuanhama (*sic*) e que o resto do combóio havia ainda ficado para trás. Efectivamente a seguir vieram todos os carros menos três, que só chegaram muito depois e em que vinham o comandante, do combóio, o alferes Ponces, o sargento da armada Araújo, e que atribuíram a fuga ao pânico de que os *chauffeurs* dias antes se possuíram com a morte dum seu camarada, e isto mesmo havia também dito o *chauffeur* Albano, que chegou a arguir os seus camaradas daquele movimento.

Soube-se então que os grupos de cuanhamas que cortavam as comunicações tinham interceptado os caminhos com abatizes de espinheiro e feito alguns tiros sobre o combóio. O comandante do combóio quis de novo reconstituí-lo e avançar, o que lhe não consentimos, pelas razões já atrás expostas.

É preciso notar que esse combóio já levava como escolta 4 metralhadoras e 47 praças de infantaria e 17 de marinha, e nem assim tinha podido romper. No estacionamento encontrava-se um auxiliar cuanhama, destemido e de toda a confiança, que mediante um pequeno prémio aceitou o ir levar às fôrças na Mongua uma comunicação nossa, que soubemos ter sido depois recebida alta noite, animando muito o destacamento.

Na manhã de 24 iniciámos a marcha às 7 horas, em formação de combate, com o combóio de camiões dentro do quadrado, e assim seguimos até à Cachaqueira, onde montámos o primeiro pòsto com fôrças de infantaria 18 e duas metralhadoras da 3.^a bateria do 2.^o grupo de metralhadoras.

Continuámos o avanço, sem sermos incomodados, até a Cuancula, onde montámos novo pòsto com um pelotão de infantaria 18.

Após isto estabelecido, seguimos em direcção à Mongua, mas quando as patrulhas de cavalaria iam entrar na chana de Haiambo, foram repentinamente atacadas por fogo certo do gentio, que em grande número e com armas finas se ocultava nas árvores da orla direita da chana. A coluna avançou até a devida altura, onde fez alto, indo a artilharia entrar em bateria no flanco direito da face da frente e iniciando logo o fogo sobre a referida orla, que se via guarnecida em quasi toda a extensão por atiradores inimigos.

O fogo foi mantendo-se com a mesma intensidade, até que sendo descoberto um grupo, em que quasi todos trajavam à europeia, e se supôs por isso ser constituído pelos chefes, para aí se fez convergir o fogo da infantaria e artilharia, tendo uma granada rebentado junto do mesmo, produzindo-lhe algumas baixas, pelo que o inimigo começou retirando. A cavalaria carregou então sôbre a direcção de retirada daquele, e logo que esta voltou ao seu lugar o destacamento continuou a marcha. Já quasi ao chegarmos à Mongua, foi a face direita atacada por tiros isolados, a que não respondemos, e pelas 15 horas dávamos entrada no estacionamento do destacamento do Cuanhama, após a necessária autorização de V. Ex.^a, e connosco os camiões de reabastecimento.

Assim ficavam restabelecidas as comunicações, e o destacamento do Cuamato, que tinha já cumprido a sua missão, teve o ensejo de vir provar a união que liga as forças portuguesas, por, num rasgo de sacrificio, percorrendo rapidamente mais de 130 quilómetros, vir socorrer os seus camaradas que julgava em perigo.

Teve V. Ex.^a ocasião de reconhecer isto mesmo, dignando-se louvar em «Ordem» todas as forças do destacamento, e abraçando à chegada indistintamente officiais e praças.

Estava finda a última missão do destacamento, e dias depois, em 27, era elle dissolvido.

Para terminar, direi a V. Ex.^a que todos cumpriram o seu dever, e das praças há a louvar todo o sacrificio, toda a abnegação, toda a boa vontade e toda a coragem com que suportaram as enormes fadigas e privações, desde a falta de água e insuficiência da ração, até essa penosíssima marcha quasi sem dormirem e descansarem. Mas se todos cumpriram o seu dever, como era de esperar, muitos houve que se distinguiram pelo modo como desempenharam serviços árduos, e bem árduos, concorrendo pelo esforço heróico para o seu bom êxito. Deixá-los no esquecimento seria impróprio dum chefe; indicando-os a V. Ex.^a cumpro um gratíssimo dever, praticando um acto de justiça. Para elles peço uma recompensa que se harmonize com os serviços prestados.

Para o capitão de artilharia e do serviço do estado maior, José Esteves da Conceição Mascarenhas, chefe do estado maior das colunas do Humbe, Cuamato e N'giva, uma larga recompensa, pela muita intelligência, inexec-

divel zêlo, boa vontade, que pode ser igualada mas não excedida, com que desempenhou, mesmo com risco da sua vida, todos os serviços a seu cargo, e ainda pela lealdade com que cooperou com o comando, o que muito realça o seu provado valor militar.

E a seguir, e segundo o alto critério de V. Ex.^a, os seguintes officiais:

Júlio de Abreu Campos, tenente de cavalaria com o curso do estado maior, sub-chefe do estado maior do destacamento do Cuamato, pela dedicação, inteligência e leal cooperação, colaborando com o chefe do estado maior na boa execução dos serviços a seu cargo.

José Joaquim Ramos, tenente de infantaria com o curso de estado maior, adjunto do estado maior dos destacamentos do Humbe, Cuamato e N'giva, pela inteligência, muita dedicação e notável zêlo com que desempenhou o serviço de reconhecimentos e informações durante as marchas, tornando assim mais fácil a acção do comando.

Capitão de artilharia, Abel Joaquim Travassos Valdês, comandante de artilharia, pela competência profissional que revelou na direcção dos fogos e muita dedicação e inteligência com que se houve em todos os serviços a seu cargo.

Alferes de artilharia, Manuel de Almeida Caiola Bastos, pela notável dedicação e zêlo com que desempenhou, além dos serviços da sua bateria, outros ordenados pelo comando, em transmissão de ordens importantes, serviço de ligações, e como comandante dum combóio de víveres de Damequero ao Forte Roçadas-Cuamato, onde pela rapidez com que executou tal serviço mostrou as suas qualidades de official disciplinador, muita abnegação e uma compreensão nítida do dever imposto pelas difíceis circunstâncias do momento.

Capitão de infantaria n.º 14, em serviço em infantaria n.º 18, António Lopes Mateus, pela actividade e energia despendidas e pelos serviços prestados como comandante do pòsto da Balunganga, cuja rápida e boa construção dirigiu, coadjuvado pelo tenente de infantaria (3.º/2.º

de metralhadoras) a quem também proponho se recom-pense pelo zelo, boa vontade e energia com que sempre conduziu a secção de metralhadoras a seu cargo, Jaime Pereira Rodrigues Baptista.

Tenente de cavalaria Flausínio Correia Tôrres, pela inexcédível boa vontade, muito zelo e inteligência com que desempenhou o lugar de comandante de cavalaria do destacamento do Cuamato, como consta das ordens de serviço.

Alferes miliciano de cavalaria n.º 7, Frederico da Fonseca Rosado e Almeida Pinheiro, pela muita inteligência, inexcédível zelo e boa vontade com que se houve em todos os serviços que lhe foram ordenados pelo comando, além dos inerentes aos de ajudante de campo, desempenhados sempre com muita competência e a maior dedicação e lealdade, despendendo esforços que bem provam a sua muita abnegação e acrisolado patriotismo.

Alferes do quadro auxiliar de artilharia, José de Carvalho Cebola, pelo notável zelo, boa vontade e muita energia com que desempenhou as funções de comandante do combóio e trem de combate, resolvendo por iniciativa própria dificuldades que poderiam embaraçar a acção do destacamento.

Capitão médico, Alberto de Mendonça, chefe do serviço de saúde do destacamento do Cuamato, e tenente do serviço de administração militar, Manuel da Costa Dias, chefe dos serviços administrativos do mesmo destacamento, pela maneira distinta, boa vontade e competência como desempenharam as suas funções e coadjuvaram o comando.

Alem destes officiais devo também citar as seguintes praças:

Trajano Ambrósio da Silva, segundo sargento n.º 134 da 6.ª companhia do regimento de sapadores mineiros, e primeiro cabo n.º 3 da 4.ª companhia do mesmo regimento, João Ferreira da Silva Júnior, pelos esforços, energia e zelo, e pela boa vontade posta sempre no de-

sempenho de todos os serviços da sua especialidade que lhe foram ordenados.

Capitão Sepúlveda Rodrigues, comandante da 16.^a companhia indígena de Moçambique expedicionária a Angola, pela forma como comandou a sua companhia e executou todos os serviços que lhe foram cometidos.

Tenente de infantaria n.º 18, Carlos Henriques, pela forma como desempenhou o cargo de comandante dum combóio de reabastecimento na ida e regresso do forte do Cuamato ao forte de Roçadas, serviço que pela rapidez e boa execução permitiu que as fôrças do destacamento estivessem aptas a fazer quaisquer operações.

Tenente de artilharia Joaquim Silveira, pela forma como desempenhou os diferentes serviços que lhe foram determinados ainda mesmo durante os combates com o inimigo em que revelou sangue frio e conhecimentos técnicos.

Alferes de artilharia, Júlio Ferrão, meu oficial às ordens, pelos bons serviços e lealdade e boa vontade como cumpriu e transmitiu várias ordens inerentes ao cargo.

Alferes de infantaria n.º 18, Castro Silva, pela nítida compreensão dos seus deveres e a forma como desempenhou o comando do seu pelotão e o soube disciplinar e conduzir, ainda mesmo debaixo de fogo.

Alferes de infantaria n.º 18, Virgílio de Almeida, porque, encontrando-se doente nos Gambos e sabendo da marcha do seu batalhão para o Cuanhama, apresentou-se voluntariamente e com sacrificio da sua saúde, acompanhando-o na sua marcha.— *António Verissimo de Sousa*, coronel.

N.º 33

Relatório

Em nota confidencial de 4 de Agosto, entregue no Lubango, foi-me comunicado que V. Ex.^a se dignara nomear-me comandante do destacamento do Cuanhama,

determinando a minha apresentação no quartel general do comando superior, no Humbe, em 9.

Assim cumpri.

No dia 11, às 15 horas, assumi o comando que V. Ex.^a me confiara, e em 12, às 7 horas, iniciou o destacamento do Cuanhama a sua marcha para o objectivo que lhe fôra fixado, N'giva, local da embala do soba Mandume, do gentio Cuanhama.

Honrou V. Ex.^a êste destacamento de Cuanhama acompanhando-o na sua marcha e dispensando-lhe uma solicitude tam desvelada, e exercendo nele uma acção tão contínua e imediata, que me julgo dispensado de apresentar relatório desenvolvido; o que assim conviria mencionar conhece-o V. Ex.^a nas suas causas e efeitos e possuirá o quartel do comando superior elementos mais próprios para lhe fazer o conveniente relato.

Acêrca do assunto capital do destacamento, cujo fim era bater o inimigo—o encontro com êste e a acção subsequente das nossas armas—pouco direi, pois V. Ex.^a, nestas circunstâncias difíceis, houve por bem assumir de facto o comando das fôrças.

Em 17 de Agosto deu-se o primeiro encontro com o gentio—acção da Mongua—em 18 e 19 travaram-se o primeiro e segundo combates da Mongua, lutas renhidas, effectuando-se neste último dia a marcha debaixo de fogo para as cacimbas da Mongua, que foram conquistadas à baioneta.

No dia 20, reunidos já todos os combatentes do Cuanhama, auxiliados pela coligação dos sobas da bacia do Cunene, revoltados contra a soberania da República Portuguesa, realizou-se o terceiro combate da Mongua, que foi duma extrema violência, quási 10 horas de continuo e intenso fogo e que decidiu com pleno êxito para as nossas armas da sorte da campanha.

De facto, o inimigo, batido com enormíssimas perdas, retirou completamente desmoralizado, para não mais se defrontar com as nossas fôrças.

Restava effectuar a marcha até N'giva, cuja occupação era o natural complemento das nossas vitórias, afirmando-as politicamente.

Foi porém forçoso adiar a execução desta marcha. O corte da linha de communicações, no dia 19, effectuado por algumas guerrilhas cuanhamas e o grande número de baixas em solípedes, que os combatés e as marchas executadas em condições penosas tinham ocasionado, co-

locou o destacamento na impossibilidade de avançar emquanto não fôsses tomadas as devidas providências.

No dia 24 foram restabelecidas as comunicações interrompidas desde 19, com a aproximação do destacamento do Cuamato, que montando três postos no rio Cunene (vau de Chimbua à Mongua), assegurou assim eficazmente a linha de comunicações.

No dia 27 determinou V. Ex.^a a constituição dum novo destacamento — destacamento da N'giva — sendo dissolvidos os destacamentos do Cuamato e do Cuanhama, motivo por que este último não alcançou o objectivo que lhe fôra fixado.

A glória do êxito alcançado pelo destacamento do Cuanhama pertence exclusivamente a V. Ex.^a, assim como as responsabilidades de qualquer insucesso, não de esperar sob a direcção de V. Ex.^a, não me caberiam moralmente.— O Comandante, *Manuel José Pereira Caldas*, tenente-coronel de artilharia.

N.º 34

Relação dos mortos nos combates da Mongua

N.º 1

Combate de Cacimbas de Mongua

Em 18 de Agosto de 1915

Mapa nominal das perdas

Relação dos falecidos (a)

576

| Unidades | Postos | Núme- ros | Nomes |
|--|----------------------------|--------------|-----------------------------|
| Cavalaria n.º 4 | Soldado | 730 | Adriano de Matos. |
| Cavalaria n.º 11 | Alferes | - | Alvaro Damião Dias. |
| Cavalaria n.º 11 | Primeiro cabo | 346 | José do Espírito Santo. |
| Cavalaria n.º 11 | Soldado | 91 | Joaquim Rodrigues. |
| Cavalaria n.º 11 | Soldado | 309 | João de Almeida. |
| Cavalaria n.º 11 | Soldado | 361 | Manuel Joaquim de Sousa. |
| Cavalaria n.º 11 | Soldado | 453 | Antão de Oliveira. |
| Infantaria n.º 17 | Primeiro cabo | 341 | João das Dores Grazina (b). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 327 | João Martins (b). |
| 15.ª companhia de Moçambique | Segundo sargento | 1:140 | João Crisóstomo. |
| 15.ª companhia de Moçambique | Soldado | 664 | Pandulane. |
| 15.ª companhia de Moçambique | Soldado | 718 | Pitorro. |

| | | | |
|---|-------------------|-------|------------|
| 15. ^a companhia de Moçambique. | Soldado | 796 | Quimbambo. |
| 15. ^a companhia de Moçambique. | Soldado | 1:006 | Sapiti. |
| 15. ^a companhia de Moçambique. | Soldado | 695 | Sabité. |
| 15. ^a companhia de Moçambique. | Soldado | 1:023 | Séquisse. |

(a) Relações distintas por mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos.

(b) 10.^a companhia.

N.º 3

Combate de Cacimbas de Mongua

Em 19 de Agosto de 1915

Mapa nominal das perdas

Relação dos falecidos (a)

| Unidades | Postos | Núme- ros | Nomes |
|----------------------|---------|--------------|-----------------------------------|
| Infantaria n.º 17. . | Capitão | - | João Francisco de Sousa. |
| Infantaria n.º 17. . | Soldado | 148 | Manuel Joaquim Fernan- do (b). |

(a) Relações distintas por mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos.

(b) 10.ª companhia.

Combate de Cacimbas de Mongua

Em 20 de Agosto de 1915

Mapa nominal das perdas

Relação dos falecidos (a)

| Unidades | Postos | Núme- ros | Nomes |
|-----------------------------------|----------------------------|--------------|--------------------------------|
| Artilharia n.º 1 | S. c. | 515 | Artur Vicente. |
| Artilharia n.º 7 | Segundo sargento | 181 | António José de Abreu. |
| Artilharia n.º 7 | S. s. | 184 | Frederico Almeida Martins. |
| Artilharia n.º 7 | S. c. | 329 | Francisco Esteves. |
| Artilharia n.º 8 | 2.º c. c. | 424 | Francisco Luis. |
| Cavalaria n.º 4 | Soldado | 701 | António Paulo Martinho. |
| Cavalaria n.º 11 | Soldado | 448 | João Correia de Amorim. |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 299 | Joaquim Patricio (b). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 342 | Daniel dos Santos (b). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 225 | José da Silva (c). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 255 | António Coelho (d). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 55 | Manuel Gonçalves Isqueiro (b). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 78 | Joaquim Freira (b). |
| Infantaria n.º 17 | Soldado | 90 | José Bicho Mendes (b). |
| Infantaria n.º 17 | Primeiro grumete | 3:346 | Manuel de Sousa Ribeiro. |
| Marinha | — | — | Luis Baptista da Silva. |
| Civil — <i>Chaufeur</i> | — | — | |

(a) Relações distintas por mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros. (b) 11.ª companhia. (c) 12.ª companhia. (d) 9.ª companhia.

N.º 35



Fôrças em operações no Sul de Angola

Distrito do Cuanhama

N.º 2

Combate de Cacimbas de Mongua, em 18 de Agosto de 1916

Mapa nominal das perdas

Relação dos feridos (e)

| Unidades | Postos | Números | Nomes |
|---------------------------|----------------------------|---------|-------------------------------|
| Quartel general | Capitão | — | Henrique Pires Monteiro. |
| Trens de combate. | Major | — | José Afonso Pala. |
| Artilharia 8 | Capitão | 484 | Antonio Carlos Cortês. |
| | Segundo sargento | 486 | José Pinto Gonçalves Correia. |
| | Segundo sargento | 458 | Inocência Cordeiro. |
| | Alferezes | — | José Martins. |
| Cavalaria 11 | Primeiro cabo | 460 | Américo dos Santos Mateu. |
| | Soldado | 396 | João Pedro Brás. |
| | Soldado | 471 | João Rodrigues Aires. |
| | Primeiro cabo | 69 | Manuel Araújo. |
| | Segundo cabo | 57 | Fernando Augusto. |
| | | | Antero Anibal de Jesus. |

| | | |
|--|-------|------------------------------|
| Batalhão de marinha | 888 | Silvestre António. |
| Infantaria 17 (11.ª companhia) | 260 | João Cardoso. |
| | 371 | António Francisco. |
| | 232 | Joaquim Caetano Marcelo. |
| Infantaria 17 (10.ª companhia) | 88 | Agostinho Ildefonso. |
| | 156 | António Convento. |
| | 210 | António Lourenço. |
| Infantaria 17 (9.ª companhia) | 250 | Joaquim Gonçalves. |
| | 303 | Luís Banha. |
| | 793 | Bacilau. |
| | 1,058 | Jameuc. |
| | 672 | Toquico. |
| | 795 | Quiselo. |
| 15.ª Moçambique | 968 | Mozonda. |
| | 814 | Isofo. |
| | 937 | Quilande ô Natal. |
| | - | Humberto Ataíde de Oliveira. |
| | - | Alberto Mamede Pires. |

(*) Relações distintas por mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos.

Fôrças em operações no Sul de Angola

Distrito do Cuanhama

N.º 4

Combate de Cacimbas da Mongua, em 19 de Agosto de 1915

Mapa nominal das perdas

Relação dos feridos (a)

| Unidades | Postos | Números | Nomes |
|--|----------------------------|---------|--------------------------------|
| Projectores | Soldado | 50 | Francisco António Mateus. |
| Artilharia 8 | Segundo cabo | 421 | Francisco Luis. |
| Cavalaria 4 | Primeiro cabo | 192 | Artur Pereira Rodrigues. |
| Marinha | Segundo cabo | 745 | Antonio Antunes Gabado. |
| Infantaria 17 | Segundo sargento | — | Jerónimo Pedro Vilarinho. |
| 15.ª Moçambique | T-nente | — | Augusto Valdês Passos e Sousa. |
| Divisão Districtal de Angola | Soldado | 850 | Massaca. |
| | — | 8:490 | Antonio Fernandes. |

(a) Relações distintas por mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos.

EXÉRCITO PORTUGUÊS

Fôrças em operações no Sul de Angola

Distrito do Cuanhama

N.º 6

Combate de Mongua, em 20 de Agosto de 1916

Mapa nominal das perdas

Relação dos feridos (a)

| Unidades | Postos | Números | Nomes |
|--|-------------------------|---------|-----------------------------|
| Cavalaria 3 | Soldado | 195 | António Joaquim Rato. |
| 1.º grupo de administração militar | Segundo cabo | 203 | Alexandre Ferreira Almeida. |
| Artilharia 8 | Segundo cabo | 263 | Manuel Luis. |
| Artilharia 1 | Segundo cabo | 425 | Rafael da Silva. |
| Cavalaria 11 | Soldado | 464 | Isidro Nunes. |
| | Primeiro cabo | 380 | Décio A. de P. Pessoa. |
| Infantaria 17 (9.ª companhia) | Soldado | 140 | Bento Abrantes Barra. |
| | Soldado | 311 | Domingos dos Reis Botelho. |
| Infantaria 17 (10.ª companhia) | Alferes | - | Cândido de Campos Penedo. |
| Infantaria 17 (11.ª companhia) | Soldado | 162 | Manuel Malveiro. |
| | Soldado | 397 | Jacinto José Pelado. |
| 15.ª Moçambique | Tenente | - | Humberto Ataíde Oliveira. |

| | | | |
|---------------------------|----------------------------|-------|----------------------------|
| 15.ª Moçambique | Soldado | 842 | Terra. |
| | Segundo tenente | — | Fernando Fábio T. Dinis. * |
| | Primeiro grumete | 3:114 | Manuel Ribeiro. |
| Marinha | Primeiro grumete | 2:378 | José Anastácio Dias. |
| | Primeiro grumete | 1:716 | José António Pereira. |
| | Primeiro grumete | 3:551 | Carlos Cabral. |

(c) Relações distintas por mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos.

Relatório

Quartel General—2.^a Repartição.— Serviço veterinário.— Ex.^{mo} general comandante superior.— Nomeado, logo após o meu desembarque a 22 de Fevereiro de 1915, chefe do serviço veterinário do estacionamento em Mossamedes, e a 20 de Março, chefe do serviço veterinário de *étapes*, procurei primeiro que tudo regularizar e manter a assistência clínica dos solípedes pertencentes às unidades já desembarcadas, a maior parte dos quais reclamavam cuidados especiais, incessantes e meticulosos, tam maltratados êles chegaram pelos baldões e vicissitudes de uma longa travessia por mar, feita, por via de regra, em precárias condições de alojamento e tratamento. Enfraquecidos, contundidos, chagados, trôpegos e edemaciados por tam longa inacção, tornava-se urgente rodeá-los de muitos cuidados para poderem vencer o período da sua aclimação, sempre penoso e difficil e muito mais quando iniciado sob tam maus auspícios.

Feita a conveniente distribuição do serviço pelos officiais veterinários disponíveis, aos quais recomendei toda a solicitude indispensável, dei-me em seguida à tarefa de conseguir para êses animais alojamentos nas melhores condições possíveis de hygiene, no que fui grandemente coadjuvado pelas solicitações e esforços dos respectivos comandantes das unidades e officiais veterinários.

Devo, porém, confessar que nem sempre tais esforços foram coroados de êxito, já por que breve começaram a falhar os meios necessários, já ainda por que a aglomeração de solípedes, sempre crescente em successivos desembarques, chegou a tornar-se incomportável para os recursos locais, originando difficuldades insuperáveis para o seu tratamento e penso regular, visto que faltavam alojamentos próprios para a sua estabulação e não havia disponível pessoal idóneo em quantidade necessária para fazer a sua guarda e tratamento.

Houve, pois, de recorrer-se ao expediente de encurralar grande parte dêses solípedes em recintos fechados, mas desprovidos de qualquer cobertura e de manjedouras, onde os animais, bem apertados, permaneciam soltos, comendo como podiam e se podiam a ração do chão e sendo conduzidos em manada para a data de água. Como bem se depreende de tam más condições de vida, multiplicaram-se as feridas por mordeduras e couces, doram-

-se fracturas de membros, produziram-se casos de doença grave e alastrou mais do que podia considerar-se razoável o contágio do mormo, que da metrópole viera latente.

Desta sorte vários morreram sem proveito e inglóriamente, inutilizaram-se definitivamente alguns, tiveram de ser abatidos bastantes, e se muitos se salvaram foi à custa de um tratamento prolongado e insistente, depois de largo tempo de inabilidade para o trabalho.

Foi então que auxiliado pelo capitão veterinário, José Manuel de Barros Júnior, e tenente veterinário, João Jorge Lobato Guerra, examinei e resenhei 382 muarens enviadas pelo Ministério das Colónias para serviço de transportes, organizando assim um cadastro, que ao depois foi entregue na direcção de transportes, secção de carros alentejanos, quando esta se estabeleceu e dêsse gado tomou conta.

Entretantes, e logo após a aparição de casos de doença grave e doutros suspeitos de mormo, como os alojamentos dos animais no estacionamento não ofereciam condições suficientes para fazer o tratamento especial dos primeiros e o sequestro rigoroso dos segundos, solicitei (25-3-915) em proposta fundamentada ao director de *étapes* a organização e estabelecimento de uma enfermaria veterinária, aproveitando para isso uma casa abandonada, antiga fábrica de destilação de alcool, a qual pela sua situação e pela disposição interna dos seus compartimentos, suficientemente amplos e regularmente conservados de paredes, coberturas e pavimentos, muito bem e facilmente se prestava para êsse fim, mais não sendo preciso para sua adaptação do que calocar-lhe manjedouras e realizar uns pequenos reparos e limpezas, particularmente de um poço de água potável, que ficava contíguo e era pertença da mesma fábrica. Aprovada esta proposta e realizadas as obras de adaptação necessárias, sob a directã vigilância do capitão veterinário, Almeida Beja, seu chefe clinico, começou essa E. V., a que oportunamente me referirei, a funcionar regular e proficuamente.

As providências então adoptadas para restringir tanto quanto possivel e as circunstâncias o permitiam a epizootia de mormo, que se manifestara nos solípedes pertencentes a algumas unidades, foram as seguintes:

a) Estreita vigilância clinica exercida sôbre todos os animais;

b) Sequestro de todos os que apresentavam sintomas suspeitos;

c) Desinfecção dos locais ocupados por estes e separação com isolamento suficiente dos que mais de perto com elles coabitavam;

d) Ocisão imediata de todos os que a observação clínica, confirmada por uma junta de 3 oficiais veterinários, dava atacados de mormo.

Como não dispunha então de maleína, não podia socorrer-me dos meios de rápida verificação e acção combativa, que proporciona a sua inoculação reveladora.

De par e passo e dispondo do prestante auxílio do tenente veterinário Lobato Guerra, adjunto do S. V. E., reuni, inventariei e cataloguei todo o material sanitário, veterinário e siderotécnico, já desembarcado (e à medida que ia desembarcando) da metrópole e um pouco disperso e mal acondicionado pelos depósitos da B. M. E. em Mossâmedes, constituindo com êle, em compartimento próprio da D. E. (um pouco acanhado e deficiente mas aceitável), um depósito especial, por intermédio do qual se começou a fazer o abastecimento regular de medicamentos, material de pensos, etc., que as unidades na forma usual e corrente requisitavam para as suas necessidades clínicas e de ferração.

Ainda então (28-3-915), como se tornasse indispensável estabelecer doutrina acérea do arraceamento dos solípedes, tanto mais que em várias propostas, apresentadas pelos comandos das unidades sôbre o assunto, a quantidade de grão indicada era mui diversa e desarrazoada, por indicação do D. E., formulei um parecer fundamentado, que foi aceito e pôsto em execução e no qual aduzia:

Que tendo sido extinta, passando a zona de *étapes*, a chamada zona do interior (abrangendo todo o distrito de Mossâmedes até a Chibia no da Huila), criada por portaria n.º 1:237, de 7 de Novembro de 1914, do Governo Geral da Provincia, teria perfeito cabimento que aos animais fôsse distribuída a ração de campanha, visto que o serviço era para todos os efeitos considerado de campanha. Como porêm aos solípedes até então fôra distribuída apenas a ração normal e desta, segundo os melhores preceitos de hygiene alimentar e determinações regulamentares, não podia passar-se para aquela sem um regime de transição fisiológica e economicamente necessário; e ainda porque reputava demasiada a ração de campanha

para animais tam sómente utilizados em serviço de instrução e guarnição, podendo êsse facto dar origem a desperdícios importantes, propunha:

1.º Que aos solípedes fôsse distribuida a ração de marcha ou manobra, sendo-lhe fornecida a ração de campanha apenas a partir do momento em que as unidades iniciassem a marcha para a zona de operações.

2.º Que aos solípedes não fôsse fornecida qualquer porção de bólo alimentar, salvo quando algum motivo especial o justificasse, por isso que, sendo o bólo alimentar *uma ração de reserva*, só em circunstâncias e momentos particulares da campanha devia ser utilizado.

3.º Que a confecção e distribuição de regimes alimentares especiais fôsse restrita a casos particulares e justificada em proposta fundamentada do respectivo official veterinário, acêrca da qual seria ouvido o C. S. V. E.

4.º Que reputava dispensável a cama para os solípedes, já pela falta de substâncias próprias para a sua confecção e renovação freqüente, já pelo facto de os animais se deitarem sobre areia fina e sêca, que fácil e rápidamente podia ser removida e renovada tantas quantas vezes se julgasse necessário.

Tais são em resumo os factos dignos de referência especial no desempenho das minhas funções de C. S. V. E.

Nomeado por V. Ex.^a, a 8 de Abril de 1915, chefe do serviço veterinário das forças em operações ao sul de Angola e instalada e organizada a respectiva Repartição no quartel general do comando superior, continuei prevenido com cuidado, e tanto quanto me era dado fazê-lo, às necessidades clinicas dos solípedes, propondo para tal efeito as colocações, acumulações e transferências do pessoal técnico e auxiliar ao meu dispor, que me eram ditadas pelas conveniências do serviço.

Ainda com o intuito de velar pelo bem-estar dos animais, procurando manter-lhe a saúde e vigor, tive enjejo de formular algumas propostas, cuja necessidade e oportunidade de execução V. Ex.^a reconheceu, aprovando-as e mandando-as publicar sob a forma de circular para todas as unidades e formações, a fim de terem o devido cumprimento.

Delas apenas destacarei as que merecem particular referência, dando-as por ordem cronológica:

1.^a (10 de Abril de 1915). — Não se justificando o corte das crinas dos cavalos por falta de tratadores que os pensem convenientemente e tomando em conta a ne-

cessidade, nestas regiões mais imperativa, de os animais se defenderem com os meios naturais da grande quantidade de moscas, etc., que os flagelam durante o dia, obrigando-os a movimentos desordenados, quasi continuos, que, com a inevitável acção deprimente do clima, muito concorrem para o seu rápido esgotamento de forças e enfraquecimento de energia, proponho:

a) Que aos comandantes de unidades seja ordenada a suspensão do corte das crinas dos cavalos (topête, crineira e cauda), limitando-se a mandar apará-las mensalmente por maneira que o topête não exceda os sobrolhos, a crineira os dois terços da largura da tábua esquerda do pescoço e a cauda à altura dos curvilhões;

b) Que dessa prescrição não devem ser exceptuados os cavalos praças ou montadas de officiais, que devem merecer tantos senão mais cuidados do que os da fileira;

c) Que ao gado muar, por conveniência de applicação dos arreios de tracção, deve ser cortado o topête e crineira, aparando-se-lhe rente as crinas da cauda apenas na base.

2.^a (26 de Abril de 1915). — Como nesta quadra do predomínio do vento leste o organismo dos animais mais ainda se resente e enfraquece sob a influencia depressora da sua acção, que é indispensável tanto quanto possível atenuar, redobrando de cuidados, quer no seu tratamento e penso, quer, e muito principalmente, no regime de trabalho a que os solípedes estão submetidos, proponho:

a) Que os comandantes de unidades com especial cuidado e rigor dirijam e orientem o trabalho de instrução das suas unidades por maneira a torná-la o mais moderada possível, intervalando em cada semana os dias de exercício com outros de descanso para os animais;

b) Que (em Mossâmedes) nesses dias de descanso (da parte de manhã) e nos dias de exercício (da parte da tarde), os solípedes sejam banhados no mar;

c) Que durante a noite os cavalos sejam resguardados da cacimba cobrindo-os com os cobrejões impermeáveis ou as mantas, resguardando as muares o melhor e pelos meios de que puderem dispor;

d) Que nos serviços de guarnição ou de simples passeio sejam rigorosamente prohibidos os andamentos muito rápidos e acelerados.

3.^a (10 de Maio de 1915). — Para coligir todos os elementos necessários à organização duma estatística de

morbilidade e mortalidade dos solípedes, pertencentes às forças em operações, cuja utilidade se torna necessário encarecer, proponho:

a) Que os oficiais veterinários das unidades, formações e estabelecimentos militares enviem até o dia 10 de cada mês à Repartição do serviço veterinário do quartel general do comando superior o mapa nosológico referente ao mês anterior, organizando sob os mesmos preceitos seguidos na metrópole;

b) Que idêntico mapa nosológico, referente às unidades, formações e estabelecimentos militares, que não têm oficial veterinário privativo, seja organizado pelo oficial veterinário encarregado do serviço clínico e enviado até à mesma data à mesma Repartição;

c) Que conjuntamente com o mapa nosológico referente a Maio os oficiais veterinários enviem um outro ou outros, organizados com todos os elementos de morbidade e mortalidade dos solípedes das suas unidades, formações ou estabelecimentos militares e das outras onde prestaram serviço clínico, referentes aos meses decorridos desde o seu desembarque na província de Angola.

Graças aos elementos coligidos pude organizar as estatísticas de morbidade e mortalidade que vão juntas e na devida altura.

Acêrca do arraçoamento, como o abastecimento do capim sêco, que na confeção da ração substitua com vantagem a palha, se tornasse por vezes deficiente e irregular, pois que, muito parco e deficiente e irregular, pois que, muito parco e deficiente nos recursos locais (Mossâmedes), teve de ser contratado o seu fornecimento em Benguela com sujeição às contingências e irregularidades dos transportes, por mais de uma vez solicitei da D. E. medidas eficazes contra o facto, propondo por último (12 de Abril de 1915): «que aos solípedes fôsse distribuída por dia e durante 20 dias, como suplemento da ração de marcha ou manobra, um quilograma de bólo alimentar (então em depósito e disponível em grande quantidade), para dalgum modo os compensar das deficiências e irregularidades do seu arraçoamento em capim, visto que por êsse único meio ao meu dispor se lhes aumentava um pouco o volume da ração, ficando esta de par e passo muito melhorada no seu valor nutritivo».

Aprovada e posta em execução esta proposta, pude verificar que muito tinham beneficiado com êste regime, e tanto que reputei desnecessária a prorrogação do prazo

estipulado na proposta, tanto mais que o fornecimento de capim passou depois a fazer-se com a regularidade precisa.

No propósito de habilitar o D. M. S. V., da B. M. E., com os meios necessários ao reabastecimento regular das tropas em operações fiz (17 de Maio de 1915) uma requisição de medicamentos, material de pensos, de farmácia e enfermaria, bem como outra de 20:000 ferraduras e 200:000 cravos, frisando então a necessidade que havia de tais requisições serem satisfeitas com a brevidade possível. Se é certo que tais requisições (especialmente a primeira) só muito tarde e quando já pouco necessárias foram satisfeitas, não menos certo é que não houve deficiências no reabastecimento desse material, por isso que, nesse entretempo e com oportunidade, foram recebidas da metrópole quantiosas porções de medicamentos, etc., alguns mesmo bem dispensáveis e pouco utilizáveis, que eu não tinha requisitado, ignorando ainda hoje quem os requisitou.

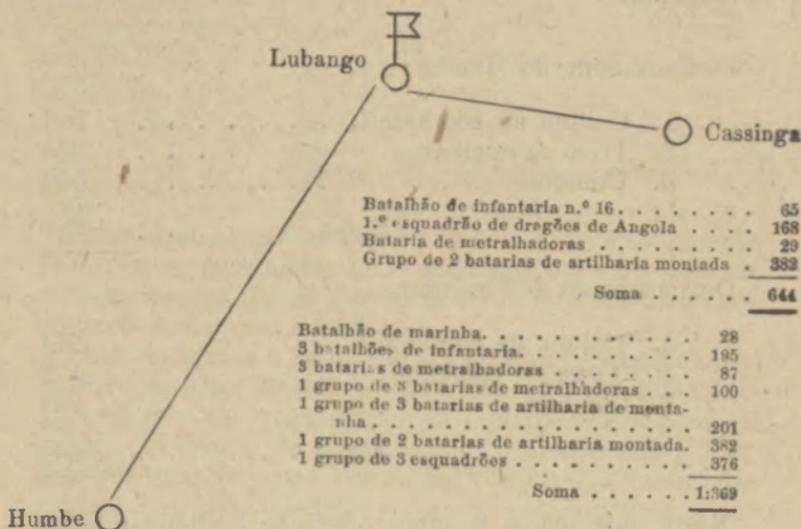
Mais solicitei ainda em proposta fundamentada (18 de Maio de 1915) que as unidades, mediante recibo, entregassem no D. M. S. V. E. todo o material sanitário, veterinário e siderotécnico que possuíssem a mais da sua dotação regulamentar e qualquer que se lhe tornasse dispensável, a fim de poder ser distribuído a outras unidades que dele tinham falta, e aos S. V. da 2.^a linha, que breve teriam de ser organizados. Desta forma consegui prover o D. M. S. V. E. dos recursos indispensáveis às necessidades daquelas unidades e serviços.

Por essa ocasião e em obediência a ordem especial recebida procedi, conjuntamente com os capitães veterinários Fontes Pereira de Melo e Almeida Beja, ao exame e classificação dos cavalos montadas, distribuídos aos subalternos de infantaria e ainda aos do serviço administrativo, que pela natureza sedentária dos cargos e funções que desempenhavam os podiam dispensar, aproveitando todos os que fôsem próprios para o serviço da cavalaria e que a essas unidades seriam entregues, recebendo em troca os subalternos de infantaria outros que nos esquadrões fossem classificados para serviço moderado. Por esta forma e com manifesta vantagem do serviço, se reconstituíram os esquadrões com boas montadas, limpando-os dos cavalos que, por motivo da sua utilização intensiva, não se achavam em condições de suportar o serviço próprio da arma, muito embora pudessem utilizar-se com proveito na infantaria.

Organização dos serviços veterinários de 1.ª e 2.ª linha.— Em momento oportuno recebi do sub-chefe do estado maior do comando superior as indicações essenciais necessárias, que me habilitaram a propor em devidos termos a organização a dar aos serviços veterinários de 1.ª e 2.ª linha.

Assim é que tomei conhecimento de que o plano de operações primitivamente adoptado implicava a constituição de duas colunas ou destacamentos mixtos: um, o mais forte, que se encontraria no Humbe, sua base de operações, era destinado a operar nas regiões do baixo Cunene, teatro principal das operações: outro, mais fraco, que se concentraria em Cassinga, sua base de operações, era destinado a operar na região do Cuangar, teatro secundário de operações.

Cada um d'elles teria os efectivos aproximados de solípedes e seria constituído pelas unidades formações e grupos táticos que vão indicados no esquema:



A composição de cada um d'estes destacamentos seria a seguinte:

1.º Coluna de combate:

2.º Trem de combate:

1.ª secção, munições.

2.ª secção, ferramentas.

3.ª secção, formações sanitárias.

3.º Combóio :

1.º escalão, subsistências :

Secção de água.
 Secção de viveres.
 Secção de forragens.

2.º escalão :

Material de bivaque.
 Bagagens.

3.º escalão, material sanitário.

4.º escalão, material de engenharia.

Para esta composição o efectivo total de solípedes ficaria em cada destacamento assim distribuído, numeros aproximados :

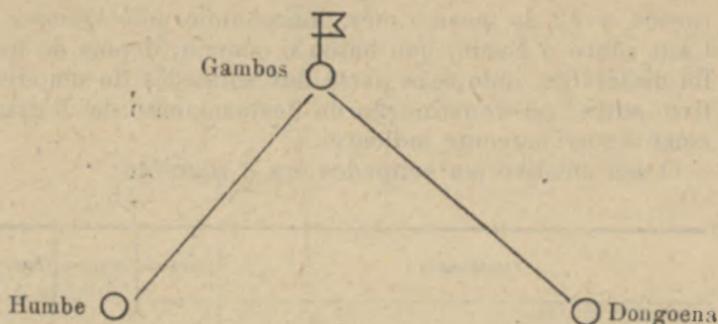
Destacamento do Humbe :

| | |
|---------------------------------|--------------|
| 1.º Coluna de combate | 591 |
| 2.º Trem de combate | 264 |
| 3.º Combóio | 514 |
| Soma | <u>1:369</u> |

Destacamento do Cuangar :

| | |
|---------------------------------|------------|
| 1.º Coluna de combate | 271 |
| 2.º Trem de combate | 132 |
| 3.º Combóio | 241 |
| Soma | <u>644</u> |

Neste entretempo e como operação preliminar indispensável para a organização e estabelecimento do B. O. no Humbe, foi ordenada a occupação dessa região, constituindo-se para tal efeito com as forças estacionadas nos Gambos, Fôrno da Cal, Tchiepepe, etc., dois destacamentos, chamados respectivamente do Humbe e Dongoena, com a composição e efectivo de solípedes que vão indicados no seguinte esquema :



| | Cava- los | Mua- res | | Cava- los | Mua- res |
|--|--------------|-------------|---|--------------|-------------|
| Comando | 13 | 24 | Comando | 8 | 16 |
| Secção de engenharia | — | 26 | Esquadrão de cavalaria n.º 9 | 42 | — |
| Bateria de montanha | 25 | 83 | Pelotão de cavalaria n.º 11 | 43 | — |
| Bateria de metralhadoras | 4 | 24 | Auxiliares boers | 35 | — |
| Esquadrão de cavalaria n.º 11, 3 pelotões | 104 | 16 | Soma | 128 | 16 |
| Batalhão de marinha | 12 | 42 | Total | 144 | |
| 15.ª companhia indígena de Moçambique | 4 | 12 | | | |
| 16.ª companhia indígena de Moçambique | 6 | 12 | | | |
| Auxiliares | 21 | — | | | |
| Ambulância | — | 12 | | | |
| Secção de Água | — | 20 | | | |
| Soma | 188 | 271 | | | |
| Total | 459 | | | | |

Estes destacamentos depois de cumprida a sua missão reuniram-se no Humbe, onde estacionaram até serem incorporados nas forças que mais tarde operaram no Cuamato, Cuanhama e Naulila.

Posteriormente à ocupação do Humbe o primitivo plano de operações sofreu modificações, assentando-se definitivamente na organização de quatro destacamentos mixtos, chamados do Evale, Cuamato, Cuanhama e Naulila, designações estas que foram tiradas dos nomes das regiões que cada um deles e respectivamente tinham por missão bater e ocupar.

A) Destacamento do Evale

Fra formado por parte das forças que primeiramente se destinavam a compor o destacamento do Cuangar, forças que já então estacionavam no Capelongo.

Este destacamento constituiu-se no Mulondo (sua B. O.) no dia 10 de Agosto de 1915 e iniciou as suas ope-

rações a 12 do mesmo mês, marchando pelo Quiteve e Cafu sobre o Evale, que bateu e ocupou, depois do que foi dissolvido, indo uma parte dos solípedes do seu efectivo entrar na constituição do destacamento da N'giva, como oportunamente indicarei.

O seu efectivo em solípedes era o seguinte :

| Designação | Cavalos | Muares | Camelos |
|---|---------|--------|---------|
| Comando | 22 | 2 | - |
| 1.º esquadrão de dragões de Angola | 119 | - | - |
| Bateria de metralhadoras | 4 | 18 | - |
| 10.ª e 11.ª companhias de infantaria n.º 16 | 2 | 5 | - |
| Trem de combate | 2 | 58 | 4 |
| Trem regimental | 1 | 20 | 19 |
| Combóio | - | 8 | - |
| <i>Soma</i> | 150 | 111 | 23 |
| <i>Total</i> | 261 | | |

B) Destacamentos de Naulila, Cuamato e Cuanhama

Constituíram-se estes destacamentos no Humbe (sua B. O. comum) no dia 10 de Agosto de 1915, iniciando as suas operações no dia 12 do mesmo mês pela marcha sobre as regiões que cada um dêles tinha por missão bater e ocupar. O seu efectivo em solípedes era o que para cada um dêles vai indicado no esquema seguinte :

| | Cava- los | Mu- res | | Cava- los | Mu- res | Ca- melos |
|---|--------------|------------|--|--------------|------------|--------------|
| Naulila | | | | | | |
| Comando | 5 | — | | | | |
| Esquadrão de cavalaria n.º 9 | 38 | — | | | | |
| Auxiliares boers | 32 | — | | | | |
| Combóio | — | 16 | | | | |
| Soma | 75 | 16 | | | | |
| Total | <u>91</u> | | | | | |
| Cuanhama | | | | | | |
| Comando | 33 | 24 | | | | |
| 2 baterias de artilha- ria montada | 82 | 301 | | | | |
| Grupo de esquadrões | 243 | 44 | | | | |
| Batalhão de marinha | 12 | 42 | | | 6 | |
| Batalhão de infantaria n.º 17 | 26 | 88 | | | | |
| 15.ª companhia indí- gena de Moçambi- que | 4 | 8 | | | 4 | |
| 3 baterias de metra- lhadoras | 12 | 78 | | | | |
| Auxiliares | 10 | — | | | | |
| Trem de combate | 24 | 140 | | | | |
| Combóio | 1 | — | | | | |
| Reserva de víveres e forragens | — | 82 | | | | |
| Soma | 417 | 807 | | | 10 | |
| Total | <u>1:254</u> | | | | | |
| Cuamato | | | | | | |
| Comando | 12 | 24 | | 2 | | |
| 2.ª bateria de montanha | 25 | 100 | | | | |
| Esquadrão de cavalaria | 66 | 10 | | | | |
| Batalhão de infantaria n.º 18 | 23 | 80 | | | | |
| 2 baterias de metralhadoras | 8 | 52 | | | | |
| 16.ª companhia indígena de Moçambique | 5 | 8 | | | 4 | |
| Auxiliares | 4 | — | | | | |
| Brigada de trabalhadores | — | 4 | | | | |
| Ambulância de combate | 4 | 26 | | | | |
| Projectores | — | 2 | | | | |
| Combóio | — | 2 | | | | |
| Reserva de água | — | 4 | | | | |
| Soma | 147 | 312 | | 6 | | |
| Total | <u>459</u> | | | | | |

Estes destacamentos, cumprida que foi a sua missão, foram dissolvidos. Como, porém, o destacamento do Cuanhama não a cumprira senão em parte, visto que, ao chegar às Cacimbas da Mongua, se achava muito depauperado de municionamentos e de víveres, numa situação deveras embaraçosa pelo corte de comunicações com a sua base de operações e reduzido a menos de um

terço do seu efectivo em solípedes, por motivo das marchas penosas e difíceis e dos rijos combates com o genio, houve necessidade de lançar mão de todos os elementos válidos, reputados necessários, dos destacamentos dissolvidos e com eles constituir um novo destacamento, que batesse e ocupasse o resto do território Cuanhama, marchando sobre a embala do soba na N'giva.

C) Destacamento da N'giva

Organizou-se a 27 de Agosto de 1915 nas Cacimbas de Mongua, iniciando as suas operações a 2 de Setembro.

O seu efectivo em solípedes era o seguinte:

| Designação | Cavalos | Muares | Camelos |
|---|---------|--------|---------|
| Comando | 35 | 38 | - |
| Bateria de artilharia montada | 13 | 100 | - |
| Bateria de montanha | 11 | 82 | 6 |
| Esquadrão de cavalaria n.º 4 | 125 | 10 | - |
| 1.º esquadrão de dragões de Angola | 126 | 10 | - |
| Batalhão de marinha | 2 | 37 | 4 |
| Batalhão de infantaria n.º 17 | 2 | 56 | 11 |
| 3 baterias de metralhadoras | 9 | 64 | - |
| 2 companhias de infantaria (do 18 e 19) | - | 19 | - |
| Ambulância | 3 | 16 | - |
| Engenharia | 1 | 22 | - |
| Auxiliares boers e indígenas | 42 | - | - |
| <i>Soma</i> | 369 | 454 | 21 |
| <i>Total</i> | 823 | | |

Para se constituir este efectivo foi necessário, como disse, não só recorrer aos solípedes válidos dos destacamentos dissolvidos, cuja selecção foi por mim realizada, mas ainda aos das *étapes*.

Assim é que na formação do destacamento da N'giva entraram:

| Designação | Cavalos | Muares | Camelos |
|---------------------------------------|---------|--------|---------|
| Do destacamento do Cuanhama | 133 | 175 | 4 |
| Do destacamento do Cuamato | 110 | 145 | 6 |
| Do destacamento do Evale | 103 | 78 | 11 |
| Do destacamento de Naulila | 23 | — | — |
| Das <i>étapes</i> | — | 56 | — |
| <i>Soma</i> | 369 | 454 | 21 |
| <i>Total</i> | 823 | | |

De conformidade com estas indicações, que sucessiva e oportunamente me foram feitas, tive ensejo de formular as respectivas propostas de organização dos serviços veterinários, que mais adequada e conforme me pareceu com a constituição dos destacamentos, as circunstâncias em que estes iam operar e as disponibilidades no momento do pessoal técnico e auxiliar, visto que a pouco e pouco, e por motivo de doença confirmada em opinião da junta médica, uma parte desse pessoal foi mandado repatriar.

I.— Serviço veterinário de 1.ª linha

I

a) Destacamentos do Humbe e Cuangar

Sete oficiais veterinários seriam incorporados no destacamento do Humbe para assegurarem a execução do serviço, sendo colocados :

Um no comando como comandante do serviço veterinário.

Quatro nos grupos táticos do destacamento (um para cada).

Dois para serem colocados no combóio de Oeste.

O serviço seria distribuído entre eles por maneira que três oficiais veterinários tomariam a seu cargo a assistência clínica dos solípedes da coluna de combate : um a dos solípedes do trem de combate e dois a dos solípedes do combóio. O comando do serviço veterinário dirigia todo o serviço, auxiliando-o conforme houvesse necessidade.

Três oficiais veterinários seriam incorporados no destacamento de Cuangar, sendo colocados :

Um no comando como comandante do serviço veteri-

nário e exercendo cumulativamente todo o serviço que lhe competisse.

Um no 1.º esquadrão de dragões.

Um no grupo tático de artilharia montada.

O serviço seria distribuído entre eles por maneira que dois tomassem a seu cargo a assistência clínica da coluna e trem de combate e um a dos solípedes do combóio.

b) Destacamentos do Humbe e Dongoena

Dois oficiais veterinários (um da 2.ª bateria de montanha e outro do esquadrão do cavalaria n.º 11), dos quais o mais antigo dirigia cumulativamente o serviço, asseguravam a assistência clínica dos solípedes de destacamento do Humbe.

O oficial veterinário do esquadrão de cavalaria n.º 9 tinha a seu cargo o serviço veterinário do destacamento da Dongoena.

c) Destacamento do Evale

Dois oficiais veterinários, colocados um no comando do destacamento e outro no 1.º esquadrão de dragões, asseguravam o serviço clínico dos solípedes, dirigindo-o cumulativamente o mais antigo.

Conquanto o seu efectivo fôsse pequeno, como o destacamento tinha de operar em linha diferente e região distante, facto que tornaria difíceis e demoradas as substituições, entendi conveniente destinar-lhe dois oficiais veterinários, pois assim melhor assegurado ficava o serviço, dado que algum dêles por doença ou acidente de guerra ficasse inibido de exercer as suas funções.

d) Destacamento de Naulila

Um oficial veterinário tinha o encargo de fazer, como se tornava mester, o serviço clínico dos solípedes do destacamento, não obstante o seu pequeno efectivo.

e) Destacamento do Cuamato

Dois oficiais veterinários, colocados um na bateria de montanha e outro nas metralhadoras, distribuíam entre si o serviço clínico dos solípedes do destacamento, desempenhando cumulativamente o mais antigo as funções de chefe de serviço.

f) Destacamento do Cuanhama

Cinco oficiais veterinários tinham a seu cargo o serviço veterinário do destacamento para o que foram colocados :

Dois no comando, como comandante do serviço veterinário, e adjunto.

Um no grupo tático de esquadrões (o de cavalaria n.º 4).

Um na bateria de artilharia n.º 7.

Um na bateria de artilharia n.º 8.

O serviço de assistência clínica ficou distribuído entre eles como segue :

O comandante do serviço veterinário prestava serviço no comando e trem de combate.

O adjunto prestava serviço no combóio.

O de artilharia n.º 7 prestava serviço também nos batalhões de marinha, infantaria n.º 17 e na 2.ª bateria do 3.º grupo de metralhadoras.

O de artilharia n.º 8 prestava serviço também na 15.ª companhia indígena de Moçambique e restantes baterias de metralhadoras.

O de cavalaria n.º 4 prestava serviço no grupo tático de esquadrões.

g) Destacamento da N'giva

Três oficiais veterinários exerciam a assistência clínica dos solípedes do destacamento, colocados :

Um no comando como C. S. V.

Um na bateria de artilharia n.º 8.

Um no 1.º esquadrões de dragões.

Distribuindo-se o serviço entre eles como segue :

O C. S. V. prestava serviço no comando, baterias de metralhadoras, batalhão de marinha e infantaria n.º 17.

O da bateria de artilharia n.º 8 prestava serviço também na bateria de montanha, auxiliares, engenharia e ambulância.

O do 1.º esquadrão de dragões prestava também serviço no esquadrão de cavalaria n.º 4.

Em todos estes destacamentos o pessoal auxiliar do serviço, convenientemente distribuído, era constituído pelos ferradores das respectivas unidades montadas, que entrava na sua composição.

Para estes o trabalho a executar quasi que se resumia ao curativo dos solípedes, prescrito pelos oficiais veteri-

nários, visto que o serviço de ferração, dado o gasto mínimo das ferraduras pela natureza mole e macia do terreno, pouco tempo lhes tomava, tornando-se mesmo dispensável até com vantagem, para a maioria dos solípedes, particularmente de gado muar.

Cada oficial veterinário dispunha do seguinte material sanitário veterinário :

Uma bolsa *Rach fall*.

Uma ambulância veterinária ^m/902 completa.

Duas ou mais caixas de medicamentos de reserva.

Esta reserva de medicamentos foi distribuída a todas as unidades, mesmo às de infantaria e era constituída por maior ou menor número de caixas (conforme o efectivo de solípedes a considerar) apropriadas, onde por minha ordem o director do D. M. S. V., da B. M. em Mossamedes acondicionou todos os medicamentos, que os officiaes veterinários, por minha indicação, requisitaram ao referido depósito na quantidade e qualidade que reputaram necessária ao consumo provável da sua clínica por espaço não inferior a 50 ou 60 dias. Dei essa ordem e fiz tal indicação no propósito de evitar quanto possível faltas que necessariamente derivariam das dificuldades dos reabastecimentos futuros, dada a deficiência grande de transportes, conjugada com a grande extensão dos percursos a fazer. Por esta forma consegui evitar faltas, tornando mesmo desnecessários os reabastecimentos de medicamentos durante todo o período de operações.

A cada ferrador estava distribuído o par de bolsas de ferrador regulamentar, que lhe competia, tendo ainda cada esquadrão, bateria de artilharia montada e grupo de metralhadoras, a officina de ferrador completa que por dotação regulamentar lhe pertencia.

2.º

A) D. S. D. F. das Cacimbas da Mongua

Quando nas Cacimbas da Mongua se fez a selecção de todos os solípedes válidos dos destacamentos, a que me referi precedentemente, para constituir o destacamento da N'giva, todos os inválidos, definitiva ou temporariamente foram por ordem superior entregues ao comando militar daquêlê pòsto fortificado. E assim recebeu êsse comando os seguintes solípedes :

| Proveniências | Cavalos | Muare | Cameloa | Total |
|----------------------------------|---------|-------|---------|-------|
| Do destacamento do Cuanhama. . . | 74 | 30 | 1 | 105 |
| Do destacamento do Cuamato . . . | 18 | 4 | - | 22 |
| Do destacamento do Evale. . . . | 9 | - | - | 9 |
| Soma ! | 101 | 34 | 1 | 136 |

Como se tratava de grande número de animais em boa parte susceptíveis de reabastecimento completo ou notável melhoria, que os tornasse ainda capazes de prestar algum serviço, propus que na Mongua se organizasse um D. S. D. F., para o qual em ordem foi nomeado um oficial veterinário, que seria coadjuvado no serviço pelos ferradores e algumas praças da bateria de artilharia n.º 7 que ali ficavam de guarnição, dispondo também de parte das reservas de medicamentos e ambulância veterinária da mesma bateria e do esquadrão de cavalaria n.º 11.

Atentas, porém, as dificuldades de abastecimentos de forragens e outros e a grande carência de meios e recursos locais de toda a ordem para fazer o tratamento regular de tantos solípedes, quási todos em mísero estado, propus também:

1.º Que fôsem abatidos imediatamente todos os animais que pelo seu estado de miséria fisiológica extrema não dessem esperanças de cura, bem como ainda os que apresentassem lesões graves ou incuráveis, das quais resultasse incapacidade para o serviço.

2.º Que o depósito funcionasse apenas o tempo necessário para que os animais ali em tratamento adquirissem fôrças e melhoria tal no seu estado, que lhes permitisse fazer a marcha de evacuação para a E. V. do Humbe (base de operações), onde continuariam já em melhores condições de êxito o tratamento necessário.

3.º Que essa evacuação se fizesse a pouco e pouco e sempre e logo que houvesse alguns solípedes em condições de fazer essa marcha retrógrada.

Accitas as propostas, como o oficial veterinário nomeado desse parte de doente, e, conjuntamente com mais quatro outros em idênticas circunstâncias, fôsse mandado evacuar para o hospital do Humbe e dali repatriado, tive eu de tomar conta do Depósito, cujo serviço não

cheguei a montar e organizar por completo, visto que quatro dias depois tive de o abandonar para seguir como chefe do serviço do destacamento da N'giva na sua marcha sobre a embala.

Limitei-me por isso a deixar indicações e normas verbais sobre o tratamento a fazer e processo de evacuação dos solípedes. Durante esses poucos dias mandei abater alguns dos solípedes doentes, nos precisos termos da minha proposta e morreram vários, mas só mais tarde e por informações subseqüentes conseguir organizar o mapa nosológico do Depósito (se assim em verdade pode chamar-se), a que em lugar próprio farei referência.

h) Saneamento do quadrado

Como nas cacimbas da Mongua o estacionamento em quadrado das forças se prolongasse desde 19 de Agosto a 2 de Setembro de 1915 e os cadáveres dos solípedes ali se acumulassem em grande quantidade, particularmente depois do combate do dia 20 de Agosto, durante o qual o gentio nos matou a tiro 235 solípedes, tornou-se de necessidade urgente e inadiável praticar o saneamento do quadrado, visto que esses cadáveres, entrando rapidamente em decomposição pútrida, exalavam um cheiro pestilencial e nauseabundo, com todos os incômodos e perigos sanitários inerentes.

Fez-se pois a sua remoção para fora do quadrado a distâncias variáveis de 600 a 1:000 metros, procedendo-se em seguida à sua cremação e enterramento dos despojos. Estes trabalhos, que se prolongaram por dias sucessivos, foram executados (penosa e difficilmente e sobretudo nos primeiros dias, a cada momento interrompidos por vários alarmes) por contingentes das unidades e brigada de trabalhadores que o comando punha à minha disposição, como C. S. V., para os dirigir e fiscalizar, coadjuvado nesse encargo pelos oficiais veterinários do destacamento, a cada um dos quais distribuíra tarefa e zona de acção.

3.º

Instruções técnicas sobre o serviço veterinário de primeira linha

Para conhecimento dos interessados elaborei as seguintes instruções técnicas, que lhes serviriam de norma e orientação, tornando os serviços harmónicos de execução:

a) Atribuições e deveres dos oficiais veterinários:

I. Aos C. S. V. compete a execução do preceituado no n.º 9.º e respectivas alíneas das instruções sobre S. V. do Regulamento para o serviço de campanha.

II. Aos oficiais veterinários das unidades e formações cumpre:

Nas marchas e estacionamentos

a) Dirigir todo o serviço clínico e de ferração dos solípedes da sua unidade ou formação e doutras onde prestem serviço, vigiando pela execução durante as marchas e nos locais de estacionamento de todos os preceitos e disposições higiênicas que superiormente forem determinados ou que por si julguem necessários ou úteis ao bom estado sanitário dos referidos solípedes;

b) Propor ao comandante da unidade ou formação, justificando-as, a adopção de todas as medidas acêrca de hygiene alimentar e de trabalho equino, que reputam indispensáveis à boa conservação da saúde e vigor dos solípedes a seu cargo, solicitando, quando o julguem conveniente e oportuno, providências a tal propósito do C. S. V.;

c) Propor ao comandante da unidade ou formação a adopção de medidas profiláticas e de desinfecção em casos averiguados de doença contagiosa, de carácter enzoótico ou epizootico, fazendo a devida comunicação ao C. S. V., do qual solicitarão medidas profiláticas, de desinfecção, ou terapêuticas de carácter mais geral, se o reputarem necessário ou útil;

d) Propor ao C. S. V., justificando-o, o destino a dar aos solípedes da sua unidade ou formação ou doutras onde prestem serviço, que, por motivo de doença ou lesão grave ou de cura incerta ou muito demorada, não possam acompanhar ou ser tratados convenientemente junto das respectivas unidades ou formações;

e) Apresentar por sua iniciativa, quer ao comando da unidade ou formação, quer ao C. S. V., todas as propostas tendentes a assegurar o bom funcionamento do seu serviço;

f) Requisitar em tempo oportuno ao C. S. V. o material sanitário, veterinário e siderotécnico de que precisem reabastecer-se, formulando as requisições por maneira que não precisem renová-las a curto prazo, o que dificultaria os reabastecimentos, originando porventura faltas;

g) Enviar ao C. S. V. sucintos relatórios dos factos dignos de referência, ocorridos nas marchas e estacionamentos, bem como os mapas nosológicos mensais, como está preceituado.

Durante o combate

h) Estabelecer junto do trem de combate da sua unidade ou em sítio adequado e o mais próximo possível da linha de fogo um pôsto de socorros, onde ministrem o devido tratamento a todos os solípedes a seu cargo, bem como aos doutras unidades ou formações que ali lhe forem apresentados, enviando depois ao C. S. V. um sucinto relatório, no qual, além de frisarem os factos dignos de registo, indicarão a hora a que montaram e encerraram o pôsto e a forma como decorreu o serviço.

Esse relatório será acompanhado de um mapa devidamente preenchido do seguinte modelo :

Depois do combate

i) Fazer a exploração do campo de batalha, se para isso forem nomeados, recolhendo os feridos e doentes susceptíveis de tratamento e cura e mandando abater os incuráveis, os quais, com os mortos, mandarão enterrar devidamente, elaborando no final de todo esse serviço um relatório, que enviarão ao C. S. V.;

j) Dirigir o tratamento, como chefes clínicos do ou dos D. S. D. F., caso haja possibilidade e conveniência na sua organização, se para tal cargo forem nomeados, apresentando ao C. S. V. todas as propostas sobre reabastecimentos de material sanitário veterinário, sobre classificação de doentes, feridos e extenuados e seu consequente destino e as mais que de sua iniciativa reputem necessárias ao bom andamento do serviço do depósito;

k) Dirigir, como chefes clínicos, o tratamento e a marcha das colunas de evacuação de solípedes doentes, feridos e extenuados da 1.^a para a 2.^a linha, quando tais colunas se organizem e para tal sejam nomeados, enviando no final do serviço ao C. S. V. um relatório sucinto das ocorrências havidas.

B) Funcionamento dos serviços

I— Nas unidades e formações de 1.^a linha o serviço veterinário é desempenhado pelos oficiais veterinários e ferradores, que pelo regulamento de mobilização fazem parte do efectivo dessas unidades e formações, utilizando para esse efeito o material sanitário veterinário, que pertence às mesmas unidades e formações e pelo qual são responsáveis, devida e oportunamente reabastecido com os recursos pedidos ao C. S. V., e directamente satisfeitos pelos depósitos estabelecidos na 2.^a linha.

II— Os solípedes doentes e feridos das unidades e formações de 1.^a linha desprovidas de oficial veterinário serão por via de regra socorridos pelo oficial veterinário da unidade ou formação que lhe fique mais próxima, caso o C. S. V. não lhe tenha designado veterinário especial.

III.— Nos estacionamentos e após os combates, o oficial veterinário passará uma revista geral a todos os solípedes a seu cargo, prescrevendo e dirigindo o tratamento dos doentes ou feridos e propondo ao C. S. V. o destino a dar aos que não possam ali ter o tratamento de que precisam.

IV — Durante as marchas, nos pequenos e grandes altos, os oficiais veterinários, auxiliados pelos ferradores, informar-se hão das doenças ou ferimentos produzidos por incidentes da marcha, fazendo os pensos e applicções medicamentosas de urgência que os casos reclamem.

V — Se durante as marchas ou nos estacionamentos se produzirem casos de fractura ou luxação, que inutilizem os animais, serão estes abatidos imediatamente sob proposta fundamentada do official veterinário. Igual procedimento haverá para os casos de doença contagiosa bem averiguada.

VI — Ao official veterinário compete a vigilância permanente e cuidadosa sobre a hygiene dos locais do estacionamento, sobre a hora mais conveniente para o abeberamento e arraçamento dos solípedes, sobre a qualidade e quantidade da água e forragens fornecidas, etc.

VII — Os solípedes doentes, feridos e extenuados, que durante as marchas e estacionamentos ou depois dos combates não possam acompanhar, nem ser devidamente tratados junto das respectivas unidades ou formações, serão, sob prévia proposta fundamentada dos officiais veterinários ao C. S. V., reunidos em local, que este designará, para serem evacuados para as E. V. da 2.^a linha ou internados nos D. S. D. F., caso haja conveniência e possibilidade de os organizar.

Ao C. S. V. compete propor a organização de colunas de evacuação para a 2.^a linha ou a organização desses D. S. D. F., e regular o seu funcionamento. Como regra todos os feridos ligeiros ou pouco graves e os doentes da mesma categoria continuarão recebendo tratamento junto das unidades e formações a que pertencem, acompanhando-as desmontados ou desatrelados e sem os arreios e sob a vigilância e prescrições especiais adequadas do official veterinário respectivo. Os doentes e feridos graves evacuáveis serão mandados para as E. V. de 2.^a linha ou internados em D. S. D. F. que se organizem e tenham capacidade para os receber e condições e meios de os tratar convenientemente, e os doentes e feridos graves não evacuáveis serão, depois de prévio exame do C. S. V., internados nos D. S. D. F., ou abatidos imediatamente os que forem de cura muito incerta ou duvidosa e os que, demandando tratamento muito prolongado, fiquem depois incapacitados para os serviços.

VIII — Nos D. S. D. F. haverá um registo de doentes do seguinte modelo:

II — Serviço veterinário de 2.ª linha

1.º

A organização destes serviços fez-se de harmonia com as indicações da minha proposta, por V. Ex.ª aprovada, e que transcrevo:

Para que os S. V. E. satisfatoriamente correspondam às necessidades prováveis dos destacamentos em operações, deverão compreender na sua organização o seguinte, que reputo indispensável e cabe dentro dos recursos em material sanitário e pessoal técnico e auxiliar disponível:

a) Estabelecimentos veterinários de hospitalização e evacuação

Além da E. V., da B. M. E., em Mossamedes, já estabelecida e a funcionar, deverão organizar-se três E. V.: uma na B. E. E., no Lubango e uma em cada T. E. E., das duas linhas de comunicação Lubango-Humbe e Lubango-Cassinga. Para estabelecer a primeira utilizar-se hão as cavalariças do aquartelamento do 1.º esquadrão de dragões, onde é possível hospitalizar em boas condições até 180 solípedes doentes, feridos e extenuados.

Para estabelecer as outras duas enfermarias utilizar-se hão quaisquer construções adequadas ou facilmente adaptáveis, se as houver nos pontos onde forem montadas as T. E. E., no Humbe e Cassinga, ou construir-se hão abarracamentos apropriados, embora de estrutura ligeira, o chamado pau a pique com coberturas de capim. Deverá contar-se com uma hospitalização de 60 solípedes para a E. V., da T. E. E., na linha de comunicações Lubango Cassinga: e de 130 solípedes para a E. V., da T. E. E., na linha de comunicações Lubango-Humbe.

Cada uma destas três E. V. deverá ter, bem separada e como dependência muito útil e necessária, uma pequena cavalariça, enfermaria de isolamento, destinada a recolher para tratamento e observação os solípedes que apresentem sintomas suspeitos de doença contagiosa, 12 a 15 para cada enfermaria de isolamento.

Como complemento indispensável e intermédio a estes estabelecimentos de hospitalização e evacuação, que

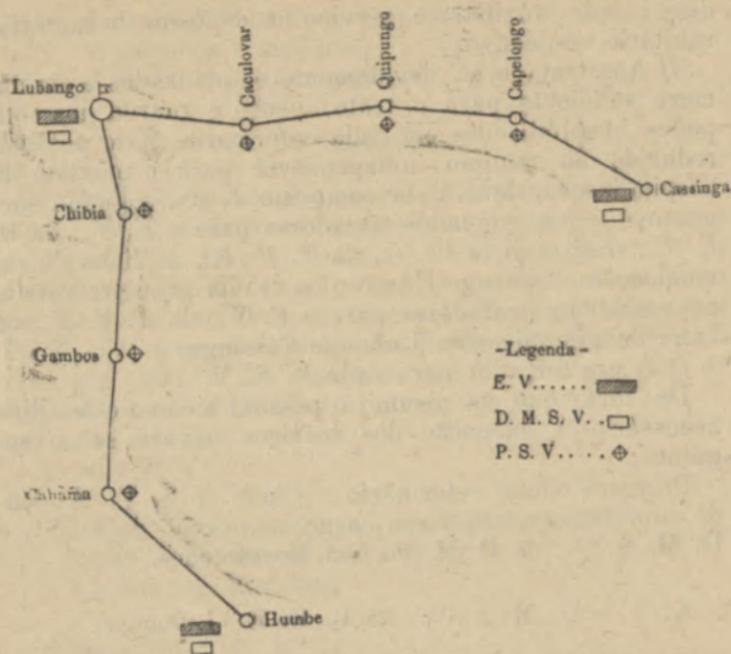
assim ficam muito distanciados, deverão montar-se ao longo das duas linhas de comunicação, em pequenos abarracamentos, cavalariças de estrutura ligeira e capacidade para 20 a 30 solípedes, postos de socorros veterinários, P. S. V., destinados a prestar tratamento e descanso a todos os solípedes em trânsito, que de tal necessitem e a tornar mais fáceis as evacuações das E. V., das T. E. E., para a da B. E. E., toda a vez que se torne necessário desaccumular as primeiras dos doentes, feridos e extenuados, cujo estado demande tratamento tam prolongado, que os impossibilite de voltar a tomar parte nas operações.

Os P. S. V. a montar são seis :— três na linha de comunicações Lubango-Humbe, colocados na Chibia, Gambos e Gahama; e três na linha de comunicações Lubango-Cassinga, colocados no Cacoluvar, Quipungo e Cape-longo.

b) Depósitos de material sanitário veterinário e siderotécnico
(D. M. S. V.)

Junto de cada E. V., em casa ou abarracamento apropriado, deverá montar-se um D. M. S. V., para reabastecimento da respectiva enfermaria, dos P. S. V. mais próximos e das unidades e formações de 1.^a linha. Por este facto deverão ter mais importância os depósitos das T. E. E., que serão mais fartamente providos de material.

Por desnecessário não farei referências especiais às instalações anexas a estes estabelecimentos e depósitos, destinadas a alojamento do pessoal, arrecadação de forragens, arreios, etc. O seu escalonamento vai indicado no seguinte esquema :



c) Pessoal técnico e auxiliar

A execução do serviço veterinário de *étapes* compete:

a) A um oficial veterinário que, como chefe do serviço e junto da D. E., dirigirá e regulará todo o serviço, segundo os preceitos regulamentares e de harmonia com as instruções técnicas especiais que oportunamente lhe serão transmitidas;

b) A três oficiais veterinários, subordinados do anterior, como chefes clínicos das E. V., e cumulativamente directores dos D. M. S. V. respectivos;

c) A dois ferradores para cada E. V. como pessoal de enfermagem. Dada, porém, a deficiência desse pessoal para todas as necessidades das tropas em operações, pode substituir-se em cada enfermaria um dos ferradores por uma praça habilitada com conhecimentos de medicina veterinária, pois da circular nesse sentido dirigida a todas as unidades se averiguou existirem três alunos do 2.º e 3.º anos do curso veterinário (um primeiro cabo do batalhão de infantaria n.º 18 e dois soldados do batalhão de infantaria n.º 16) que podem ser aproveitados com vantagem nesse serviço. Este pessoal de enfermagem

deve ainda auxiliar o serviço no depósito de material sanitário respectivo;

d) Aos tratadores, devidamente enquadrados e em número suficiente para o trato, penso e guarda dos soldados hospitalizados em cada enfermaria. Este pessoal, reduzido ao mínimo indispensável para o máximo da hospitalização, deverá ser composto de um segundo sargento e quinze soldados tratadores para a E. V., da B. E. E., Lubango, e E. V., da T. E. E., na linha de comunicações Lubango-Humbe; e de um primeiro cabo e nove soldados tratadores para a E. V., da T. E. E., na linha de comunicações Lubango-Cassinga;

e) A um ferrador para cada P. S. V.

De sorte que em resumo o pessoal técnico e auxiliar necessário à execução dos serviços deverá ser o seguinte:

Primeiro oficial veterinário — Chefe do S. V. E., tendo cumulativamente a seu cargo a direcção da E. V., e D. M. S. V., da B. M. E., em Mossamedes.

E. V. e D. M. S. V., da B. E. E., Lubango:

- 1 oficial veterinário.
- 1 segundo sargento, cavalaria ou artilharia montada.
- 1 ferrador.
- 1 praça aluno de veterinária.
- 15 soldados tratadores, cavalaria ou artilharia de montanha.

E. V. e D. M. S. V., da T. E. E., Humbe:

- 1 oficial veterinário.
- 1 segundo sargento, cavalaria ou artilharia montada.
- 1 ferrador.
- 1 praça, aluno de veterinária.
- 15 soldados tratadores, cavalaria ou artilharia montada.

E. V. e D. M. S. V., da T. E. E., Cassinga:

- 1 oficial veterinário.
- 1 primeiro cabo, cavalaria ou artilharia montada.
- 1 ferrador.

- 1 praça, aluno de veterinária.
- 9 soldados tratadores.
- 6 P. S. V., 6 ferradores.

d) **Material**

O C. S. V. E., depois de reservar para utilização da E. V. de Mossamedes o material sanitário veterinário indispensável, distribuirá todo o restante material do depósito da B. M. E. pelos outros depósitos a estabelecer, proporcionalmente às necessidades de consumo das E. V. correspondentes e aos reabastecimentos prováveis que tenham de fazer às unidades e formações de 1.^a linha e aos P. S. V.

Assim distribuirá:

A cada E. V.:

- 1 ambulância veterinária m/902 completa.
- 1 par de bôlsas de ferrador.
- 1 oficina de ferrador.

A cada D. M. S. V.:

- Medicamentos, material de enfermaria e de farmácia e material de pensos necessário.
- Material siderotécnico (cravos, ferraduras) necessário.

A cada P. S. V.:

- 1 par de bôlsas de ferrador.
- Medicamentos e pensos (pequena dotação).
- 200 ferraduras (de pé e mão) e 2:000 cravos.

A dotação em medicamentos e material de penso que deixei estabelecida para cada P. S. V. foi a seguinte:

- Ácido fénico, 500 gramas.
- Alcool canforado, 2:000 gramas.
- Alúmen, 1:000 gramas.
- Creolina, 2:000 gramas.
- Elixir de Lebas, 500 gramas.
- Enxôfre sublimado, 2:000 gramas.
- Embrocação, 2:000 gramas.
- Éter sulfúrico, 500 gramas.

Licor de Villate, 1:000 gramas.
 Linimento rupicante, 1:000 gramas.
 Nitrato de potassa, 1:000 gramas.
 Sementes de linho, 3:000 gramas.
 Sulfato de soda, 3:000 gramas.
 Tintura de iodo, 1:500 gramas.
 Idem de mostarda, 1:500 gramas.
 Vaselina, 3:000 gramas.

Material de pensos

Algodão hidro-estôpa, 3:000 gramas.
 Alfinetes de segurança, 24.
 Ligaduras, 24.
 Gaze e pano lavado, 20 metros.
 Nastro, 2 peças.
 Seda para suturas, 2 peças.
 Seringas de borracha, 2.
 Tigelas de esmalte, 2.
 Cafeteiras, 2.
 Garrafas de bebidas, 1.

Para reabastecimentos do material sanitário veterinário entre os estabelecimentos de 2.^a linha e destes para as unidades e formações de 1.^a linha não se torna necessário o emprêgo de viaturas especiais, por isso que tais reabastecimentos deverão normalmente ultrapassar o pêso máximo de 100 a 150 quilogramas em volumes reduzidos, podendo por isso ser acomodados e distribuídos pelas viaturas utilizadas em quaisquer outros reabastecimentos.

e) Serviço veterinário dos parques de reses

Pelo que respeita ao serviço veterinário junto dos *parques de reses* frisarei apenas que, como é preceito regulamentar que eles sejam estabelecidos junto das T. E. E., os chefes clínicos das respectivas E. V. podem cumulativamente fazer o serviço clínico, de vigilância e inspeção sanitárias das reses desses parques.

2.º

Instruções técnicas sôbre o S. V. de 2.º linha

De conformidade e como complemento da proposta de organização dos serviços precedentemente transcrita,

elaborei as seguintes instruções técnicas, que serviriam de procedimento harmónico ao pessoal affecto à execução dos mesmos serviços.

A) Atribuições e deveres dos officiaes veterinários

I—Ao C. S. V. E. compete a execução do preceituado no n.º 84.º e respectivas alíneas do regulamento para o serviço de *étapes*.

II—Aos officiaes veterinários em serviço nas *étapes* compete:

Como chefes clínicos de E. V.

a) Receber e alojar convenientemente, registando-os em livro especial, os solípedes feridos, doentes e extenuados que lhes forem remetidos das unidades ou formações de 1.ª linha, das tropas de *étapes* ou doutras E. V. mais avançadas, quando se reconheça a necessidade de as desaccumular de doentes de cura muito demorada.

O livro registo do movimento de doentes será do modelo seguinte:

b) Isolar ou sequestrar em dependência especial (enfermaria de isolamento) os animais suspeitos de doença contagiosa, enzoótica ou epizoótica;

c) Dirigir e estabelecer o serviço clínico da E. V., tal como é de uso corrente em tempo de paz, adoptando para isso todas as medidas terapêuticas, dietéticas, de higiene alimentar, profiláticas e de desinfectação que repute necessárias.

Propor ao C. S. V. E. todas as medidas indispensáveis ao cabal desempenho das suas funções;

e) Comunicar regular e periodicamente ao C. S. V. E. qual o número de solípedes curados e em estado de reentrar no serviço;

f) Enviar para a 1.^a linha ou para outro destino indicado todos os solípedes a que se refere a alínea anterior, quando lhe forem requisitados;

g) Propor ao C. S. V. E. o destino a dar aos solípedes incapazes de serviço e aos reputados incuráveis ou de cura incerta;

h) Fornecer ao C. S. V. E. todos os relatórios e informações, que lhe forem pedidos, ou que de sua iniciativa entendam de utilidade fornecer;

i) Elaborar o mapa nosológico mensal referente à sua E. V., remetendo-o ao C. S. V. E.

Como directores dos D. M. S. V.

j) Inventariar em livro próprio todos os medicamentos, material de pensos, de enfermaria e farmácia sidrotécnico que constitui o depósito.

Esse livro inventário será do seguinte modelo:

O inventário do material deve ser feito por ordem alfabética e as requisições satisfeitas no mesmo dia devem ter o mesmo número de ordem no depósito e assim arquivadas.

As existências devem ser escrituradas a tinta vermelha.

k) Satisfazer rapidamente todas as requisições que lhe forem feitas em devidos termos e na forma usual;

l) Requisitar do C. S. V. E. em tempo oportuno o reabastecimento de todo o material em depósito por maneira a manter este bem provido e habilitado a satisfazer as relações que lhe forem feitas;

m) Enviar com regularidade e periodicamente ao C. S. V., se o depósito é da T. E. E., uma relação quantitativa e qualitativa do material existente, a fim de por ela ser regulado o serviço de reabastecimento das unidades e formações de primeira linha.

Como veterinários adstritos aos parques de reses

n) Vigiar o estado sanitário dos animais pertencentes aos P. R., dirigindo o seu tratamento clínico;

o) Adoptar todas as medidas profiláticas e de desinfecção, que julguem necessárias para evitar a eclosão de doenças contagiosas, ou para as julgar, caso se manifestem nas reses;

p) Fazer o exame em vida e *post mortem* das reses que tenham de ser abatidas para consumo de tropas, verificando escrupulosamente a sua sanidade;

q) Indicar as reses que preferentemente devem ser abatidas e as que não podem deslocar-se para os rebanhos de abastecimento de primeira linha;

r) Dar todas as indicações técnicas acêrca de locais para matadouros, forma de matança e esartejamento das reses, aproveitamento ou inutilização dos seus despojos, bem como sobre o regime em que as reses devem ser mantidas e cuidados de toda a ordem a dispensar-lhes.

B) Funcionamento dos serviços

I. As E. V., regular-se hão tanto quanto possível pelas prescrições e normas que regulam os estabelecimentos similares em tempo de paz, requisitando ao respectivo depósito todo o material de que precisem. A confecção de papeletas reservar-se há apenas para os casos clínicos interessantes.

II. As evacuações de doentes, feridos e extenuados e sua substituição por solípedes já curados e aptos para o serviço serão feitas entre as unidades e formações de primeira linha e as E. V. das T. E. E., segundo as ordens e indicações do director de *étapes*.

III. As evacuações dos doentes, feridos e extenuados entre as E. V. das T. E. E., e a E. V. da B. E. E., será feita por ordem do director de *étapes*, mediante proposta fundamentada dos chefes clínicos das mesmas enfermarias, dirigida ao C. S. V. E.

IV. Os solípedes recebidos nas E. V. serão classificados pelos chefes clínicos para efeitos subseqüentes em três categorias ou grupos: curáveis, incuráveis e incapazes de todo o serviço. Aos do primeiro grupo será feito o tratamento conveniente e permanecerão nas E. V. por todo o tempo necessário à sua cura. Aos dois últimos grupos dar-se há o destino que, sob proposta fundamentada do chefe clínico da E. V., o C. S. V. E. determinar.

V. Os P. S. V. prestarão tratamento, descanso e ferração a todos os solípedes em trânsito, que o necessitem, e facilitarão assim as evacuações dos doentes, feridos e extenuados na segunda linha. Os ferradores que os dirigem farão applicações de medicamentos e de pensos, conforme as instruções que receberem do C. S. V. E.

VI. Os ferradores encarregados dos P. S. V. requisitarão do depósito próximo o material siderotécnico, medicamentos e pensos de que necessitem.

Logo que a proposta de organização dos serviços veterinários de segunda linha teve a devida sanção, propus a nomeação do C. S. V. E., que recaiu, como era preceito regulamentar, no capitão veterinário António Carlos Fontes Pereira de Melo, por ser o mais antigo. Pouco depois, como esse official veterinário, por motivo de falta de saúde, fôsse mandado repatriar, foi substituído pelo capitão veterinário que se lhe seguia por ordem de antiguidade, Aniceto Rodrigues da Costa, ao qual enviei o plano de organização dos serviços e instruções técnicas precedentes, solicitando ainda ordem superior para que lhe fôsse mandado apresentar para execução dos serviços, ficando à sua disposição, o pessoal técnico e auxiliar de que precisava e cuja relação nominal também lhe remeti.

Quando, posteriormente, se assentou em definitivo

organização dos quatro destacamentos mixtos, do Evale, Cuanhama, Cuamato e Naulila, a que fiz referências, abandonando-se portanto a linha de comunicações Lubango-Cassinga para se tomar a de Capelongo-Mulondo-Cafu, impuseram-se modificações correspondentes no plano de organização dos S. V. de segunda linha, que me apressei a telegrafar e a desenvolver em comunicações subsequentes ao C. S. V. E.

Assim a E. V. e o D. M. S. V. a estabelecer em Cassinga deixavam de montar se, já porque o destacamento, que eram destinadas a servir e a reabastecer, não seguia para o Cahundo (Pôsto A) e Cuangar, já porque não tinha então official veterinário disponível para tomar a sua chefia clinica e direcção.

Suprimiam-se, pois, essa E. V. e correspondente depósito de material, mantendo-se contudo a organização dos P. S. V., que seriam estabelecidos não já no Caculovar, Quipungo e a Capelongo, mas no Capelongo, Mulondo e Cafu, remetendo-se para este último todo o material destinado ao depósito de Cassinga, reduzido na quantidade proporcionalmente ao menor efectivo em solípedes no destacamento do Evale.

Ao C. S. V. d'este destacamento telegrafei também então para que do Capelongo fizesse evacuar os solípedes doentes, feridos e extenuados, considerados evacuáveis para a E. V. do Lubango, e os do Mulondo e Cafu para a E. V. do Humbe, respectivamente B. E. E. e T. S. E. da linha de comunicações Lubango-Humbe, que se mantinha.

Todos os solípedes doentes, feridos e extenuados, considerados não evacuáveis ou de cura rápida, ficariam em tratamento nos novos P. S. V. do Capelongo, Mulondo e Cafu, a cujos ferradores o mesmo official veterinário daria as instruções convenientes. E com o material sanitário veterinário enviado para o Cafu faria o reabastecimento necessário das unidades e formações do destacamento, entregando o restante à guarda do ferrador do P. S. V. respectivo.

Por esta forma modificada, a organização dos serviços veterinários da 2.^a linha teve a execução que se tornava mester.

Assim é que na linha de comunicações Capelongo-Mulondo-Cafu foram estabelecidos os P. S. V., que alguns serviços prestaram, muito embora o seu funcionamento fôsse efêmero, já porque as operações do destacamento

foram feitas rapidamente, ocupando o Evale sem resistência, já porque o seu número de doentes, feridos e extenuados foi muito restrito, graças principalmente ao facto de o destacamento ter realizado grande parte da marcha junto do rio Cunene, que muito lhe facilitava o abeberamento dos solípedes, já ainda porque a máxima parte do seu efectivo em solípedes seguia de Cafu para as Cacimbas da Mongua para se incorporar no destacamento da N'giva.

Na linha de comunicações Lubango-Humbe foram também estabelecidas as E. V. e P. S. V. indicadas no plano de organização dos serviços, encerrando-se primeiro a E. V. do Humbe, que apenas funcionou de 12 de Agosto a 25 de Setembro, isto é, o tempo necessário para melhorar os doentes recebidos do D. S. D. F. da Mongua e de outras proveniências, que rapidamente foi necessário evacuar para o Lubango, em obediência à ordem de retirada geral de todas as forças e serviços já dispensáveis, a fim de aproveitar todo o rendimento dos meios de transporte no abastecimento regular das forças que, guarnecendo os postos fortificados, tinham ficado encarregadas de ocupar provisoriamente as regiões batidas.

Pelas mesmas razões foram sucessivamente encerrados os P. S. V. da Cahama, Gambos e Cibibia, tanto mais que, efectuada essa retirada geral, tais postos se tornavam ali dispensáveis e o seu pessoal tinha de ser repatriado com as unidades a que pertencia.

A E. V. de Lubango, porém, que desde 1 de Agosto fôra estabelecida no aquartelamento dos dragões e funcionava regularmente, prestando serviços excelentes, como então recebesse os doentes feridos e extenuados evacuados da frente, manteve-se aberta e a funcionar com muito proveito, conservando-se ainda à data da minha saída para a metrópole, sob a chefia clínica do official veterinário das tropas de ocupação definitiva.

A E. V. de Mossâmedes, instalada desde 5 de Maio de 1915, passou a ser dirigida desde 15 de Julho pelo C. S. V. E., e foi encerrada a 31 de Outubro seguinte, sem prejuízo de tratamento dos cinco últimos solípedes doentes, que ali tinham baixado.

Aos D. M. S. V. dei eu depois a organização que me pareceu mais consentânea com as necessidades dos serviços veterinários das tropas de ocupação. Para esse efeito fui tomar conta e inventariar todo o material dos depósitos, com o qual, convenientemente distribuído, organizei

novos depósitos (um nos Gambos, outro no Humbe, N'giva e Capelongo), fazendo recolher ao depósito do Lubango, quem se manteve e era principal, as ambulâncias veterinárias, bôlsas de ferrador, oficinas de ferrador e vário material disponível, que às unidades pertencera e que ali foi devidamente encaixotado para seguir para Mossâmedes, a fim de ser enviado para a metrópole.

Os medicamentos e materiais de penso do depósito de Mossâmedes, então já muito reduzidos, foram entregues ao depósito do serviço de saúde na referida localidade, a fim de poderem ser utilizados no tratamento dos solípedes ali em serviço, quando se tornasse necessário.

Estatística de morbidade e mortalidade

Segundo o inquérito a que procedi depois de ter tomado conta da chefia do serviço veterinário e no qual, não obstante os esforços empregados, não consegui obter mais do que um número muito aproximado, o efectivo total dos solípedes utilizados pelas forças expedicionárias ao sul de Angola era de 3:400 (números redondos), sendo 1:150 cavalos e 2:250 muares, além de 108 camelos. Nestes números estão já compreendidos os solípedes pertencentes às unidades da província, que tomaram parte nas operações e já ali se encontravam e estão excluídos os que morreram a bordo durante a viagem, em número muito aproximado de 100.

Tais números servir-me hão, pois, de baliza e referência.

Coligindo todos os elementos, que acerca de morbidade e mortalidade desses solípedes, oportunamente me enviaram os oficiais veterinários tanto da 1.^a como da 2.^a linha, em obediência aos preceitos da circular do Commando Superior e das instruções técnicas, a que já fiz referência, organizei os quadros, que a seguir apresento, fazendo-lhes préviamente uma rápida análise.

O primeiro quadro estatístico abrange o largo período de preparação e mobilização das forças expedicionárias, e vai por isso desde o desembarque das unidades no sul da província até a sua concentração, a 10 de Agosto de 1915, nas respectivas B. O. (Mulondo para o destacamento do Evale e Humbe para os outros destacamentos).

Durante este período os solípedes, ainda mal refeitos das vicissitudes da viagem e das contingências mórbidas da aclimação, tiveram de suportar o penoso regime de

trabalho, a que os obrigava a instrução intensiva das unidades, seguida pelas duras condições em que foi forçoso efectuar as longas marchas para a concentração sob um sol ardente, por caminhos difíceis e quasi desprovidos de água. Ainda aqui se compreendem algumas operações de menor monta, como a ocupação do Humbe, etc.

De sorte que e por isso mesmo durante este período o quadro nosológico é complexo e completo, verificando-se do seu exame que nelle é representado:

A morbidade geral por 61,73 por cento.
 A curabilidade geral por 79,60 por cento.
 A mortalidade geral por 20,39 por cento.

Eis porque essa nosologia compreende e nela avultam :

1.º *As doenças de aclimação*, tais como: astenia, ceratites, conjuntivites, corizas, dermatoses, eczemas, furunculoses, gastro-enterites, inapetência, meningite, urticária, representando :

A morbidade por 19,81 por cento.
 A curabilidade por 90,86 por cento.
 A mortalidade por 9,13 por cento.

2.º *As doenças regionais*, tais como: enterite desintérica, febre tifóide, hepatite, *horse-sickness*, linfangite, epizoótica, representando :

A morbidade por 11,76 por cento.
 A curabilidade por 47,76 por cento.
 A mortalidade por 52,24 por cento.

3.º *As doenças e accidentes de trabalho*, tais como: artrites, artro-sinovites, claudicações, contusões, entorses, esforço articular, feridas contusas, fracturas, hidartroses, miosite, periostite, pedofilite, pedodermite, prego de rua e sinovites tendinosas, representando :

A morbidade por 41,25 por cento.
 A curabilidade por 96,88 por cento.
 A mortalidade por 3,12 por cento.

4.º *As doenças e acidentes de guerra*, tais como: a eventração, rotura do coração e do figado e a síncope cardíaca, representando:

A morbidade por 3,71 por cento.

A mortalidade por 100 por cento.

5.º *As doenças contagiosas*, tais como: o mormo, representando:

A morbidade por 2 por cento.

A mortalidade por 100 por cento.

6.º *As doenças banais*, que são todas as restantes do quadro, representando:

A morbidade por 21,82 por cento.

A curabilidade por 74,66 por cento.

A mortalidade por 25,33 por cento.

Todos os outros quadros estatísticos compreendem e se referem ao período das operações e marchas de guerra, estendendo-se ainda por todo o tempo que durou o tratamento dos solípedes doentes e feridos nas operações e marchas de evacuação para as E. V. da 2.ª linha, nas quais conjuntamente foram também tratados vários solípedes não utilizados nas operações.

Este período vai, pois, desde 12 de Agosto de 1915 até se estabelecer em Dezembro seguinte a ocupação definitiva dos territórios batidos. Ao iniciarem-se as operações o número total de solípedes baixara a 2:964 e 101 camelos, tendo sido apenas utilizados nas operações 2:121 solípedes (819 cavalos e 1:302 muares) e 41 camelos.

O quadro nosológico aqui reflecte bem impressivamente as condições penosas, duras e difficilimas de campanha, principalmente para os destacamentos que operaram no Cuanhama. Assim avultam as doenças e accidentes de guerra e de trabalho, multiplicando-se principalmente os casos de morte por síncope cardíaca e por ferimentos de arma de fogo.

Os primeiros, porque os solípedes submetidos a um violento regima de trabalho, sob um sol ardente — os de tiro traccionando cargas excessivas, mais do que seria razoável por terrenos arenosos, movediços ou cobertos de mato denso (o que lhes duplicava o esforço de tracção) — os de sela, fazendo o serviço de exploração

e transmissão de ordens e as cargas, apenas recebiam uma quantidade mínima e insufficientíssima de água para abeberamento (3 a 7 litros por dia e cabeça) e por este facto mal debicavam na ração, que, embora reduzida já a 4 quilogramas para as muares, 4,5 para os cavalos e 6 para os camelos, sobejava ainda em grande quantidade.

Por isso os animais, sempre sequiosos, muito enfraquecidos e fatigadíssimos, morriam perfeitamente esgotados, de síncope cardíaca, que muitas vezes lhes sobrevinha no momento em que, ainda atrelados ou montados, exerciam os últimos esforços.

Os ferimentos por arma de fogo deram-se, porque os solípedes, mal abrigados e presos dentro do quadrado, ofereciam um alvo fixo e bem exposto aos tiros do inimigo, que sobre elle podia a seu talante afinar as pontarias. Assim morreram muitos de extensas e graves lesões e hemorragias internas e foram vários outros abatidos por apresentarem artrites supuradas e fracturas completas, cominutivas e incuráveis dos membros produzidas por bala.

De sorte que, se neste período a nosologia é menos variada, visto como apenas se registam alguns casos de doenças regionais e banais e poucas de doenças contagiosas, a morbidade e a mortalidade, devido às circunstâncias precedentemente apontadas, exageram-se, diminuindo muito a curabilidade, já que era nula a interferência que em tais casos podia ter a acção terapêutica exercida pelos officiaes veterinários.

Por isso é representada neste período em geral:

- A morbidade por 116,36 por cento.
- A curabilidade por 42,50 por cento.
- A mortalidade por 57,49 por cento.

1.º As doenças e accidentes de guerra são representadas:

- Na morbidade por 59,80 por cento.
- Na curabilidade por 22,83 por cento.
- Na mortalidade por 77,16 por cento.

2.º As doenças e accidentes de trabalho são representadas:

- Na morbidade por 26,66 por cento.
- Na curabilidade por 95,74 por cento.
- Na mortalidade por 4,26 por cento.

3.º As doenças regionais são representadas :

Na morbidade por 7,17 por cento.

Na curabilidade por 14,12 por cento.

Na mortalidade por 86,87 por cento.

4.º As doenças contagiosas são representadas :

Na morbidade por 2,36 por cento.

Na mortalidade por 100 por cento.

5.º As doenças banais são representadas :

Na morbidade por 4,01 por cento.

Na curabilidade por 54,54 por cento.

Na mortalidade por 45,45 por cento.

Mapa estatístico da morbidade, curabilidade e mortalidade dos solípedes pertencentes às forças expedicionárias a Angola e referente ao período de preparação e mobilização.

| Doenças | Doentes tratados | Curados | Mortos | Mandados matar | Vendidos por incapacidade |
|--------------------------------|------------------|---------|--------|----------------|---------------------------|
| Abcessos | 46 | 46 | - | - | - |
| Anginas | 17 | 17 | - | - | - |
| Artrites | 19 | 19 | - | - | - |
| Artro-sinovites | 20 | 20 | - | - | - |
| Astenia | 99 | 86 | 13 | - | - |
| Balanite | 8 | 8 | - | - | - |
| Bronquite aguda | 10 | 6 | 4 | - | - |
| Caquexia senil | 4 | - | 4 | - | - |
| Ceratites | 22 | 22 | - | - | - |
| Claudicações | 102 | 101 | - | - | 1 |
| Cólicas intestinais | 41 | 24 | 17 | - | - |
| Cólicas císticas | 43 | 37 | 6 | - | - |
| Congestão cerebral | 19 | 10 | 9 | - | - |
| Congestão intestinal | 28 | 16 | 12 | - | - |
| Congestão medular | 11 | - | 11 | - | - |
| Congestão pulmonar | 28 | 4 | 24 | - | - |
| Conjuntivites | 44 | 44 | - | - | - |
| Contusões | 66 | 66 | - | - | - |
| Corizas | 83 | 83 | - | - | - |
| Dermatoses | 16 | 16 | - | - | - |
| Diérese da taipa | 7 | 7 | - | - | - |
| Eczemas | 21 | 21 | - | - | - |
| Edemas | 19 | 19 | - | - | - |
| Enfisema | 6 | 6 | - | - | - |
| Endocardite | 3 | - | 3 | - | - |
| Enterite disentérica | 59 | 31 | 8 | - | - |
| Entorse | 20 | 20 | - | - | - |
| Esfôrço articular | 18 | 18 | - | - | - |
| Estomático | 17 | 17 | - | - | - |
| Eventração | 1 | - | - | 1 | - |
| Febre tifóide | 88 | 41 | 47 | - | - |
| Feridas contusas | 510 | 500 | - | 10 | - |
| Fistulas | 6 | 6 | - | - | - |
| Fleimõe | 17 | 15 | 2 | - | - |
| Fracturas | 19 | - | - | 19 | - |
| Furunculose | 18 | 18 | - | - | - |
| Ganglionites | 9 | 9 | - | - | - |
| Gastro-enterites | 33 | 24 | 9 | - | - |
| Hematoma | 19 | 19 | - | - | - |
| Hepatite | 5 | 3 | 2 | - | - |
| <i>A transportar</i> | 1:601 | 1:399 | 171 | 30 | 1 |

| Doenças | Doentes tratados | Curados | Mortos | Mandados matar | Vendidos per incapacidade |
|------------------------------------|------------------|---------|--------|----------------|---------------------------|
| <i>Transporte</i> | 1:601 | 1:399 | 171 | 30 | 1 |
| <i>Horse-sickness</i> | 90 | 22 | 68 | - | - |
| Hidartroses | 15 | 15 | - | - | - |
| Higromas | 21 | 21 | - | - | - |
| Hidrocefalia ventricular | 4 | - | - | 4 | - |
| Inanição | 1 | - | 1 | - | - |
| Inapetência | 45 | 45 | - | - | - |
| Linfangite epizootica | 25 | 21 | 4 | - | - |
| Meningite | 16 | - | 16 | - | - |
| Mormo | 42 | - | - | 42 | - |
| Miosite | 9 | 9 | - | - | - |
| Necrose da ranilha | 21 | 21 | - | - | - |
| Otite | 5 | 5 | - | - | - |
| Periostite | 22 | 22 | - | - | - |
| Peritonite | 3 | - | 3 | - | - |
| Pleurisia purulenta | 3 | - | 3 | - | - |
| Pneumonia | 16 | 7 | 9 | - | - |
| Podofilite | 21 | 18 | - | 3 | - |
| Pododermite | 3 | 3 | - | - | - |
| Prego de rua | 5 | 5 | - | - | - |
| Reumatismo muscular | 10 | 10 | - | - | - |
| Rotura do coração | 1 | - | 1 | - | - |
| Rotura do fígado | 3 | - | 3 | - | - |
| Síncope cardiaca | 65 | - | 65 | - | - |
| Sinovites tendinosas | 17 | 17 | - | - | - |
| Timpanite | 16 | 12 | 4 | - | - |
| Urticária | 19 | 19 | - | - | - |
| <i>Soma</i> | 2:099 | 1:671 | 348 | 79 | 1 |

Durante as marchas para a concentração desapareceram oito muas.

Mapa estatístico da morbidade, curabilidade e mortalidade dos camelos, referente ao mesmo periodo

| Doenças | Doentes tratados | Curados | Mortos | Mandados matar | Vendidos por incapacidade |
|-------------------------------------|------------------|---------|--------|----------------|---------------------------|
| Fractura do maxilar. | 1 | - | - | 1 | - |
| Feridas contusas | 28 | 28 | - | - | - |
| Indigestão por sobrecarga | 2 | - | 2 | - | - |
| Pneumonia | 4 | - | 4 | - | - |
| Timpanite | 3 | 3 | - | - | - |
| Urticária | 7 | 7 | - | - | - |
| <i>Soma</i> | 45 | 38 | 6 | 1 | - |

Destacamento do Evale

Mapa da morbidade, curabilidade e mortalidade de solípedes referente ao periodo das suas operações

| Doenças | Doentes tratados | | Curados | | Mortos | | Mandados matar | |
|--------------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------------|---------|
| | Cavalos | Muarcas | Cavalos | Muarcas | Cavalos | Muarcas | Cavalos | Muarcas |
| Asfixia por submersão. | 1 | - | - | - | 1 | - | - | - |
| Asthenia | 2 | 7 | 2 | 5 | - | 2 | - | - |
| Claudicação | 4 | - | 4 | - | - | - | - | - |
| Cólicas intestinais | 2 | 2 | - | 2 | 2 | - | - | - |
| Enterite disentérica | 7 | 3 | 1 | 1 | 6 | 2 | - | - |
| Feridas contusas | 12 | 18 | 12 | 18 | - | - | 2 | - |
| Mormo | - | 2 | - | - | - | - | - | - |
| Síncope cardíaca | 2 | 16 | - | - | 2 | 16 | - | - |
| <i>Soma</i> | 30 | 48 | 19 | 23 | 11 | 20 | 2 | - |
| <i>Total dos solípedes</i> | 78 | | 45 | | 31 | | 2 | |

Morreram mais dois camelos de síncope cardíaca.

Destacamento de Naulila

Mapa da morbidade, curabilidade e mortalidade de solípedes, referente ao período das suas operações

| Doenças | Doentes tratados | | Curados | | Mortos | | Mandados matar | |
|--------------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------------|---------|
| | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees |
| Enterite disentérica | - | 2 | - | - | - | 2 | - | - |
| Feridas contusas | 10 | 6 | 10 | 6 | - | - | - | - |
| <i>Soma</i> | 10 | 8 | 10 | 6 | - | 2 | - | - |
| <i>Total dos solípedes</i> | 18 | | 16 | | 2 | | - | |

Destacamento do Cuamato

Mapa estatístico da morbidade, curabilidade e mortalidade dos solípedes, referente ao período das suas operações

| Doenças | Doentes tratados | | Curados | | Mortos | |
|----------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees |
| Feridas por armas de fogo | - | 2 | - | - | - | 2 |
| Astenia | 6 | 22 | 6 | 22 | - | - |
| Feridas contusas | 18 | 37 | 18 | 37 | - | - |
| Síncope cardíaca | 19 | 161 | - | - | 19 | 161 |
| <i>Soma</i> | 43 | 222 | 24 | 59 | 19 | 163 |
| <i>Total dos solípedes</i> | 265 | | 83 | | 182 | |

Feram tratados e curados três camelos com feridas contusas.

Destacamento do Cuanhama

Mapa estatístico
da morbidade, curabilidade e mortalidade dos solípedes,
referente ao período das suas operações

| Doenças | Doentes tratados | | Curados | | Mortos | | Mandados matar | |
|----------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------------|---------|
| | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees |
| Artrites traumáticas . . . | 15 | - | 6 | - | - | - | - | 9 |
| Asthenia | 15 | 13 | 9 | 4 | 6 | 9 | - | - |
| Cólicas intestinais . . . | 20 | 4 | 3 | 4 | 17 | - | - | - |
| Congestão pulmonar . . . | 18 | - | - | - | 18 | - | - | - |
| Enterite disintérica . . . | 9 | 92 | - | 6 | 9 | 86 | - | - |
| Feridas por armas de fogo | 159 | 303 | 52 | 81 | 86 | 199 | 21 | 23 |
| Feridas contusas | 58 | 70 | 58 | 70 | - | - | - | - |
| Mormo | - | 18 | - | - | - | - | - | 18 |
| Síncope cardíaca | 69 | 241 | - | - | 69 | 241 | - | - |
| Sinovites tendinosas . . . | 14 | 1 | 10 | - | - | - | 4 | 1 |
| <i>Soma</i> | 377 | 742 | 138 | 165 | 205 | 535 | 25 | 51 |
| <i>Total dos solípedes</i> | 1:119 | | 303 | | 740 | | 76 | |

Nas cargas de cavalaria e marchas do destacamento desapareceram dez cavalos e dezasseis muarees.

Mapa estatístico
da morbidade, curabilidade e mortalidade dos camelos
pertencentes ao destacamento do Cuanhama

| Doenças | Doentes tratados | Curados | Mortos |
|------------------------------------|------------------|---------|--------|
| Feridas por arma de fogo | 6 | 1 | 5 |
| Feridas contusas | 4 | 4 | - |
| | 10 | 5 | 5 |

Destacamento do Cuanhama

Perdas de solípedes
nos combates de 18, 19 e 20 de Agosto de 1915

| Designação | Dia 18 | | | Dia 19 | | | Dia 20 | | |
|---|---------|--------|---------|---------|--------|---------|---------|--------|---------|
| | Cavalos | Muarec | Camelos | Cavalos | Muarec | Camelos | Cavalos | Muarec | Camelos |
| Mortos por ferimentos de arma de fogo | 16 | 31 | - | 12 | 24 | - | 58 | 144 | 5 |
| Abatidos | 4 | - | - | 4 | 8 | - | 13 | 15 | - |
| Desaparecidos | 6 | 5 | - | 2 | 8 | - | 2 | 3 | - |
| <i>Soma</i> | 26 | 36 | - | 18 | 40 | - | 73 | 162 | 5 |
| <i>Total dos solípedes</i> | 62 | | | 58 | | | 235 | | |

Destacamento do Cuanhama

Perdas totais de solípedes durante as suas operações

| Designação | Cavalos | Muarec | Camelos |
|--|---------|--------|---------|
| Mortos por ferimentos de arma de fogo | 86 | 199 | 5 |
| Abatidos por ferimentos graves. | 21 | 23 | - |
| Desaparecidos | 10 | 16 | - |
| Mortos por síncope cardíaca e outras doenças | 119 | 336 | - |
| Abatidos por lesões incuráveis | 4 | 28 | - |
| <i>Soma</i> | 240 | 602 | 5 |
| <i>Total dos solípedes</i> | 842 | | |

Destacamento da N'giva

Mapa estatístico
da morbilidade, curabilidade e mortalidade dos solípedes,
durante as suas operações

| Doenças | Doentes tratados | | Curados | | Mortos | | Mandados matar | |
|-------------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------------|---------|
| | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees | Cavalos | Muarees |
| Astenia | 16 | 74 | 14 | 62 | - | - | 2 | 12 |
| Claudicações | 4 | 3 | 4 | 3 | - | - | - | - |
| Enterite disentérica. | 19 | 8 | - | - | 19 | 8 | - | - |
| Feridas contusas | 61 | 107 | 61 | 107 | - | - | - | - |
| Síncope cardíaca | 32 | 102 | - | - | 32 | 102 | - | - |
| <i>Soma</i> | 132 | 294 | 79 | 172 | 51 | 110 | 2 | 12 |
| <i>Total dos solípedes</i> | 426 | | 251 | | 161 | | 14 | |

D. S. D. F. da Mongua

Mapa nosológico
referido ao periodo de 27 de Agosto a 15 de Setembro
de 1915

| Doenças | Doentes tratados | Evacuados para a E. V. do Humbe | Mortos | Mandados matar |
|-------------------------------|------------------|---------------------------------|--------|----------------|
| Astenia | 33 | 16 | 12 | 5 |
| Claudicações | 17 | 13 | - | 4 |
| Enterite disentérica. | 24 | 4 | 17 | 3 |
| Feridas contusas | 30 | 10 | 6 | (a) 14 |
| Miséria orgânica | 32 | 17 | 6 | 9 |
| <i>Soma</i> | 136 | 60 | 41 | 35 |

(a) Neste número entra 1 camelo.

Enfermaria Veterinária do Humbe

Mapa nosológico
referido ao periodo do seu funcionamento

| Doenças | Entrados | | | Saídos | | | |
|--------------------------------|-------------------------------|-------------------------|-------|---------|-----------|--------|--------------------|
| | De D. S. D. P. da Moçua | De outras provincias | Total | Curados | Evacuados | Mortos | Mandados abater |
| Astenia | 16 | 2 | 18 | - | 16 | 2 | - |
| Claudicações | 13 | 12 | 25 | 7 | 17 | 1 | - |
| Enterite disentérica. | 4 | - | 4 | 2 | 2 | - | - |
| Feridas contusas (a) | 10 | 12 | 22 | 3 | 19 | - | - |
| Esfalfamento | - | 3 | 3 | - | 3 | - | - |
| Miséria orgânica | 17 | - | 17 | - | 17 | - | - |
| Mormo | - | 2 | 2 | - | - | - | 2 |
| | 60 | 31 | 91 | 12 | 74 | 3 | 2 |

(a) Não comprehendidos alguns feridos por arma de fogo.

Enfermaria Veterinária do Lubango

Mapa nosológico referido ao periodo
de 1 de Agosto a 31 de Dezembro de 1915

| Doenças | Doentes tratados | Saídas | | | |
|---|------------------|---------|--------|----------------|----------------------|
| | | Curados | Mortos | Mandados matar | Incapazes do serviço |
| Abcessos | 10 | 10 | - | - | - |
| Anemia | 4 | 3 | 1 | - | - |
| Artrites | 6 | 6 | - | - | - |
| Astenia | 93 | 86 | 3 | (a) 4 | - |
| Claudicações | 28 | 23 | - | - | 5 |
| Congestão cerebral | 1 | - | 1 | - | - |
| Cólica intestinal | 1 | - | 1 | - | - |
| Conjuntivite | 6 | 6 | - | - | - |
| Contusões | 10 | 10 | - | - | - |
| Dermatites | 2 | 2 | - | - | - |
| Distensão muscular | 4 | 4 | - | - | - |
| Edemas | 4 | 4 | - | - | - |
| Enterite disentérica | 5 | 1 | 4 | - | - |
| Entorses | 7 | 7 | - | - | - |
| Exostose da 2. ^a falange | 1 | - | - | - | 1 |
| Feridas contusas | 57 | 57 | - | - | - |
| Filoma | 1 | 1 | - | - | - |
| Fístula | 6 | 6 | - | - | - |
| Gastro-enterite | 2 | 2 | - | - | - |
| Hidartroses | 1 | 1 | - | - | - |
| Linfangite epizootica | 8 | 4 | - | 4 | - |
| Mielite | 1 | - | 1 | - | - |
| Mormo | 11 | - | - | 11 | - |
| Paraplegia | 1 | - | 1 | - | - |
| Periostite | 2 | 1 | - | - | 1 |
| Pneumonia | 1 | - | 1 | - | - |
| Pododermite | 4 | 4 | - | - | - |
| Reumatismo muscular | 4 | 4 | - | - | - |
| Sinovite tendinosa | 1 | 1 | - | - | - |
| <i>Soma</i> | 282 | 243 | 13 | 19 | 7 |

(a) Miséria orgânica incurável.

N. B. Os solípedes julgados incapazes foram vendidos em hasta pública, atingindo preços remuneradores.

Enfermaria Veterinária de Mossâmedes

Mapa nosológico referido ao periodo do seu funcionamento

| Doenças | Doentes tratados | Saídas | | | |
|--------------------------------|------------------|---------|--------|----------------|----------------------|
| | | Curados | Mortos | Mandados matar | Incapazes do serviço |
| Adenite | 2 | 2 | - | - | - |
| Astenia | 3 | 3 | - | - | - |
| Claudicações | 7 | 7 | - | - | - |
| Congestão cerebral | 1 | - | 1 | - | - |
| Cólica intestinal | 4 | 4 | - | - | - |
| Dermite | 2 | 2 | - | - | - |
| Edema | 2 | 2 | - | - | - |
| Esfôrço articular | 9 | 5 | - | - | 4 |
| Feridas contusas | 16 | 16 | - | - | - |
| Fístula | 1 | 1 | - | - | - |
| Hipertrofia do casco | 1 | - | - | - | 1 |
| Mormo | 25 | - | - | 25 | - |
| Nefrite | 1 | - | 1 | - | - |
| Podoflíte crônica | 1 | - | - | - | 1 |
| Reumatismo muscular | 4 | 4 | - | - | - |
| Sinovites tendinosas | 6 | 6 | - | - | - |
| Surmenage | 22 | 14 | 8 | - | - |
| | 107 | 66 | 10 | 25 | 6 |

Os solípedes julgados incapazes foram vendidos em hasta pública, atingindo preços remuneradores.

Inventário geral do material sanitário, veterinário e siderotécnico, referido a 31 de Dezembro de 1915

| Designação | Unidades | Recebido | | | Consumido | | | Fica existindo | | | | | | Total |
|---|----------|--------------------|--------------------------------|--------|-------------------------------------|---|--------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|-----------------------------------|--------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Cambos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | No depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Moçâmedes | |
| Medicamentos | | | | | | | | | | | | | | |
| Acetato de amoníaco | Quilog. | 18 | 2 | 20,800 | 2 | - | 2 | 5,300 | 7 | 1,800 | 1,700 | - | 3 | 18,800 |
| Acetato de chumbo | " | 50 | 6 | 56 | 17,500 | - | 17,500 | 10,800 | 11,700 | 9 | 3 | 2 | 2 | 38,500 |
| Acido arsenioso | " | 8 | - | 8 | 1,300 | - | 1,300 | 1,900 | 1,100 | 2,200 | 1 | 0,500 | 0,100 | 6,700 |
| Acido azótico | " | 1 | - | 1 | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Acido bórico | " | 50 | - | 50 | 6,500 | - | 6,500 | 21,500 | 10 | - | 6 | 1 | 5 | 43,500 |
| Acido félico | " | 12 | - | 12 | 2,500 | - | 2,500 | 2,500 | 1 | 4 | - | 2 | - | 9,500 |
| Acido pírico | " | 2,500 | - | 2,500 | 0,600 | - | 0,600 | 0,800 | - | - | 1 | 0,100 | - | 1,900 |
| Acido salicílico | " | 2 | - | 2 | 0,300 | - | 0,300 | 0,400 | - | 0,300 | - | - | 1 | 1,700 |
| Acido sulfúrico | " | 1 | - | 1 | 0,100 | - | 0,100 | 0,900 | - | - | - | - | - | 0,900 |
| Acido tânico (tanino) | " | 12 | - | 12 | 1,900 | - | 1,900 | 4,200 | 0,900 | - | 1 | - | 4 | 10,100 |
| Agua destilada | " | 20 | 4 | 24 | 7,600 | - | 7,600 | 5,400 | 3 | - | 2 | 2 | 4 | 16,400 |
| Agua oxigenada | " | 60 | - | 60 | 14 | 26 | 40,000 | 16 | - | - | - | 3 | 1 | 20 |
| Alcatrão vegetal | " | 60 | - | 60 | 4,500 | - | 4,500 | 4,900 | 2 | 3 | - | 5 | 40,600 | 55,500 |
| Aconitina | Tubos | 3 | - | 3 | - | - | - | - | - | - | - | 3 | - | 3 |
| Alcool a 90° | Quilog. | 60 | - | 60 | 8,100 | - | 8,100 | 21,900 | - | - | - | - | 30 | 51,900 |
| Alcool a 85° | " | 8 | - | 8 | 4 | - | 4 | - | - | - | - | 2 | 2 | 4 |
| Alcool a 65° | " | 100 | 6 | 106 | 10,500 | - | 10,500 | 14 | 4,500 | 5 | 5 | 2 | 65 | 95,500 |
| Alcool desnaturado | " | 40 | - | 40 | 18,500 | - | 18,500 | 11,500 | - | 5 | - | - | 5 | 21,500 |
| Alcaçuz em pó | " | 50 | - | 50 | 9,500 | - | 9,500 | 2,400 | 14 | 8 | 3 | 3 | 10,100 | 40,500 |
| Alteia em pó | " | 50 | - | 50 | 8,200 | - | 8,200 | 8,800 | 14 | 10 | 3 | 5 | 1 | 41,800 |
| Aloés em pó | " | 15 | - | 15 | 2,200 | - | 2,200 | 6,800 | 3,500 | - | - | 1 | 1,500 | 12,800 |
| Alúmen cristalizado | " | 30 | 2 | 32 | 11,800 | - | 11,800 | 5,700 | - | - | 4 | 0,500 | 10 | 20,200 |
| Amônia | " | 45 | 1 | 46 | 21,700 | 2,500 | 24,200 | 6 | 2 | 0,800 | 3 | 1 | 9 | 21,800 |
| Ampôlas de cafeína | - | 200 | - | 200 | 34 | - | 34 | 49 | 56 | 11 | - | 50 | - | 166 |
| Ampôlas de cocaína | - | 50 | - | 50 | 3 | - | 3 | 27 | - | - | - | 20 | - | 47 |
| Ampôlas de bicloreto de quinino | - | 200 | - | 200 | 20 | 8 | 28 | 100 | 12 | - | - | 60 | - | 172 |
| Ampôlas de sulfato de quinino | - | 200 | - | 200 | 8 | - | 8 | 104 | 88 | - | - | - | - | 192 |
| Ampôlas de éter | - | 500 | - | 500 | 100 | - | 100 | 148 | 84 | - | 38 | 30 | 100 | 400 |
| Ampôlas de ergotina | - | 20 | - | 20 | 2 | - | 2 | 8 | - | - | 10 | - | - | 18 |
| Ampôlas de pilocarpina | - | 300 | - | 300 | 13 | - | 13 | 53 | 54 | 100 | 30 | 40 | 10 | 287 |
| Antipirina | Quilog. | 1 | - | 1 | 0,300 | - | 0,300 | - | - | 0,700 | - | - | - | 0,700 |
| Antifebrina | " | 5 | - | 5 | 0,200 | - | 0,200 | 2 | 0,800 | - | 1 | - | 1 | 4,800 |
| Assafétida | " | 1,700 | - | 1,700 | - | - | - | - | 0,500 | 0,200 | - | - | 1 | 1,700 |
| Açúcar cãndi | " | 0,500 | 0,100 | 0,600 | 0,400 | - | 0,400 | 0,200 | - | - | - | - | - | 0,200 |
| Azotato de pilocarpina | " | 0,200 | - | 0,200 | 0,100 | - | 0,100 | - | - | - | - | 0,100 | - | 0,100 |
| Azotato de potassa | " | 40 | 0,500 | 40,500 | 8,700 | - | 8,700 | 9,000 | 8,300 | 4,500 | 2 | 3 | 5 | 31,800 |
| Azotato de prata | " | 1 | 0,100 | 1,100 | 0,167 | - | 0,167 | 0,520 | 0,013 | - | - | 0,020 | 0,280 | 0,833 |
| Azul de metilena | " | 0,200 | - | 0,200 | - | - | - | - | - | 0,100 | - | - | 0,100 | 0,200 |
| Benzina | " | 2 | - | 2 | 0,300 | - | 0,300 | 0,700 | 1 | - | - | - | - | 1,700 |

| Designação | Unidades | Recebido | | | Consumido | | | Fica existindo | | | | | | | |
|---|------------|--------------------|--------------------------------|--------|-------------------------------------|---|--------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------------------------|--------|-------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Gambos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | No depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Mossâmedes | Total | |
| Glicerina | Quilog. | 5 | - | 5 | 1,600 | - | 1,600 | 1,400 | 2 | - | - | - | - | - | 3,400 |
| Glicerina iodada | " | 15 | - | 15 | 5 | - | 5 | 6 | - | - | - | - | 4 | 10 | |
| Gliceróleo de sub-acetato de chumbo | " | 0,800 | - | 0,800 | - | - | - | 0,800 | - | - | - | - | - | 0,800 | |
| Goma-amoniaco | " | 2 | - | 2 | - | - | - | 2 | - | - | - | - | - | 2 | |
| Goma arábica | " | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - | 1 | |
| Hortelã pimenta | " | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | 1 | |
| Hidrato de cloral | " | 4 | - | 4 | 0,500 | - | 0,500 | 2 | 1,500 | - | - | - | - | 3,500 | |
| Hidrocloreto de quinino | " | 1 | - | 1 | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | 1 | |
| Ietiol | " | 0,500 | 0,500 | 1 | 0,800 | - | 0,800 | 0,100 | 0,100 | - | - | - | - | 0,200 | |
| Iodo metálico | " | 2 | - | 2 | - | - | - | 2 | - | - | - | - | - | 2 | |
| Iodeto de potássio | " | 9 | - | 9 | 1,400 | - | 1,400 | 1,500 | 2 | 1,600 | 1 | 0,500 | 1 | 7,000 | |
| Iodeto de sódio | " | 1 | 0,500 | 1,500 | 0,500 | - | 0,500 | - | - | - | - | - | 1 | 1 | |
| Iodipina | Frascos | 12 | - | 12 | - | 1 | 1 | 4 | - | - | - | - | 7 | 11 | |
| Iodofórmio | Quilog. | 6 | 0,100 | 6,100 | 1,200 | - | 1,200 | 3,900 | - | - | 1 | - | - | 4,900 | |
| Quermes mineral | " | 15 | 0,200 | 15,200 | 2,600 | - | 2,600 | 7 | 0,400 | 1 | 1 | 0,200 | 3 | 12,600 | |
| Láudano de Sydenham | " | 6 | - | 6 | 1,400 | - | 1,400 | 2,200 | 1,700 | - | 0,700 | - | - | 4,600 | |
| Lenticulas de aconitina | Número | 250 | - | 250 | 30 | - | 30 | 110 | - | - | 110 | - | - | 220 | |
| Lenticulas de cacodilato de soda | " | 350 | - | 350 | 100 | - | 100 | 100 | - | - | 100 | - | 50 | 250 | |
| Lenticulas de sulfato de estriquinina | " | 50 | - | 50 | 31 | - | 31 | 19 | - | - | - | - | - | 19 | |
| Lenticulas de arrenal | " | 200 | - | 200 | - | - | - | 100 | - | - | 100 | - | - | 200 | |
| Lenticulas de atoxil | " | 200 | - | 200 | - | - | - | 100 | - | - | 100 | - | - | 200 | |
| Lenticulas de colargol | " | 200 | - | 200 | - | - | - | 100 | - | - | 100 | - | - | 200 | |
| Lenticulas de cloridrato de cocaína | " | 250 | - | 250 | 30 | - | 30 | 120 | - | - | 100 | - | - | 220 | |
| Lenticulas de cloridrato de morfina | " | 280 | - | 280 | - | - | - | 140 | - | - | 140 | - | - | 280 | |
| Lenticulas de cafeína | " | 400 | - | 400 | 70 | - | 70 | 220 | - | - | 100 | - | 10 | 330 | |
| Lenticulas de digitalina | " | 250 | - | 250 | 25 | 6 | 31 | 119 | - | - | 100 | - | - | 219 | |
| Lenticulas de eserina | " | 150 | - | 150 | 35 | 15 | 50 | 50 | - | - | 50 | - | - | 100 | |
| Lenticulas de brometo de potássio | " | 200 | - | 200 | - | - | - | 100 | - | - | 100 | - | - | 200 | |
| Lenticulas de brometo de cânfora | " | 200 | - | 200 | - | - | - | 100 | - | - | 100 | - | - | 200 | |
| Lenticulas de bromidrato de arecolina | " | 400 | - | 400 | - | - | - | 200 | - | - | 200 | - | - | 400 | |
| Lenticulas de nitrato de prata | " | 250 | - | 250 | 50 | - | 50 | 263 | - | - | 200 | - | 10 | 473 | |
| Lenticulas de nitrato de pilocarpina | " | 500 | - | 500 | 27 | - | 27 | 280 | - | - | 200 | - | - | 480 | |
| Lenticulas de sulfato de atropina | " | 500 | - | 500 | 20 | - | 20 | 138 | - | - | 150 | - | - | 288 | |
| Licor de Charry | Quilog. | 0,080 | - | 0,080 | - | - | - | 0,080 | - | - | - | - | - | 0,080 | |
| Licor de Villate | " | 80 | - | 80 | 21,400 | 7 | 28,400 | 12,100 | 6,250 | 4,750 | 6 | 2,500 | 20 | 51,600 | |
| Licor de Squire | " | 0,250 | - | 0,250 | - | - | - | 0,250 | - | - | - | - | - | 0,250 | |
| Linimento de óleo calcáreo | " | 2 | - | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 | |
| Linimento vesicante Boyer | " | 50 | 6 | 56 | 31 | 3 | 34 | 14 | - | 3 | 2 | 1 | 2 | 22 | |
| Linhaça | " | 100 | - | 100 | 29 | - | 29 | 7 | 32 | 10 | - | - | 22 | 71 | |
| Maleína bruta | Cent. cúb. | 140 | - | 140 | 20 | 20 | 40 | 80 | - | - | 20 | - | - | 100 | |
| Mostarda inglesa | Quilog. | 10 | - | 10 | 2 | - | 2 | - | - | 1 | - | 1 | 6 | 8 | |
| Naftalina | " | 50 | - | 50 | 10 | - | 10 | 19 | 10 | - | - | - | 11 | 20 | |
| Naftol B. | " | 2 | - | 2 | 1,310 | - | 1,310 | 0,190 | 0,500 | - | - | - | - | 0,690 | |
| Noz vômica em pó | " | 9 | - | 9 | 1,400 | - | 1,400 | 3,900 | 1,500 | - | 1 | 0,200 | 1 | 7,600 | |
| Óleo de ricino | " | 40 | - | 40 | 11,200 | - | 11,200 | 13,600 | 0,200 | - | 5 | - | 10 | 28,800 | |
| Ópio em pó | " | 2,500 | - | 2,500 | 1,300 | - | 1,300 | 0,700 | - | - | 0,500 | - | - | 1,200 | |

| Designação | Unidades | Recobido | | | Consumido | | | Fica existindo | | | | | | Total |
|--|----------|--------------------|--------------------------------|-------|-------------------------------------|---|---------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------------------------|---------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Gombos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | No depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Mossamedes | |
| Óxido de zinco | Quilog. | 8,000 | 1 | 9 | 3,500 | - | 3,500 | 4 | - | 0,500 | 1 | - | - | 5,500 |
| Óxido vermelho de mercúrio | " | 0,500 | 0,200 | 0,700 | 0,600 | - | 0,600 | - | - | 0,100 | - | - | - | 0,100 |
| Percloreto de ferro | " | 6 | - | 6 | 1,200 | - | 1,200 | 1,100 | 2 | 1,700 | - | - | - | 4,800 |
| Permanganato de potássio | " | 2,500 | - | 2,500 | 0,500 | - | 0,500 | 1,100 | 0,300 | 0,200 | - | 0,400 | - | 2 |
| Podofilino | " | 3,500 | - | 3,500 | 0,540 | - | 0,540 | 0,260 | 1,900 | - | - | - | - | 2,960 |
| Pomada de beladona | " | 3 | 0,500 | 3,500 | 2,500 | - | 2,500 | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| Pomada de iodeto de potássio | " | 1,500 | 0,200 | 1,700 | 1,200 | - | 1,200 | - | 0,500 | - | - | - | - | 0,500 |
| Pomada mercurial | " | 8,000 | 0,200 | 8,200 | 2,050 | 1 | 3,050 | - | 5 | - | - | - | 0,150 | 5,150 |
| Pomada de óxido de zinco | " | 18 | 0,500 | 18 | 6,200 | 0,300 | 6,500 | 10 | - | 1 | - | 1 | - | 12 |
| Pomada de amarelo de mercúrio | " | 1 | - | 1 | 0,700 | - | 0,700 | 0,300 | - | - | - | - | - | 0,300 |
| Potassa | " | 20 | - | 20 | 9 | - | 9 | - | 11 | - | - | - | - | 11 |
| Protargol | " | 0,500 | - | 0,500 | 0,450 | - | 0,450 | - | 0,050 | - | - | - | - | 0,050 |
| Quina amarela em pó | " | 7 | - | 7 | - | - | - | 2 | 3 | - | - | 2 | - | 7 |
| Raiz de piritro | " | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| Raiz de genciana | " | 2 | - | 2 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Resorcina | " | 1 | - | 1 | 0,500 | - | 0,500 | 0,500 | - | - | - | - | - | 0,500 |
| Salicilato de bismuto | " | 3 | - | 3 | 1,600 | - | 1,600 | 0,400 | 1 | - | - | - | - | 1,400 |
| Salicilato de metila | " | 7 | - | 7 | - | - | - | - | 7 | - | - | - | - | 7 |
| Salicilato de sódio | " | 10 | - | 10 | 1,750 | - | 1,750 | 1,600 | 1,250 | 2,250 | 1 | 0,500 | 1,650 | 8,250 |
| Salol | " | 10 | - | 10 | 1,250 | - | 1,250 | 4 | 2,500 | 0,750 | 1 | 0,500 | - | 8,750 |
| Sementes de linho | " | 60 | - | 60 | 25 | - | 25 | 13 | 3 | - | 6 | 5 | 8 | 35 |
| Soluto de cloreto férrico | " | 1 | - | 1 | 0,500 | - | 0,500 | - | 0,500 | - | - | - | - | 0,500 |
| Sôro anti-tetânico | Frascos | 150 | - | 150 | 50 | - | 50 | 60 | - | - | 40 | - | - | 100 |
| Sôro anti-estreptocócico | " | 30 | - | 30 | 7 | - | 7 | 13 | - | - | 10 | - | - | 23 |
| Sôro fisiológico cafeinado | " | 32 | - | 32 | 4 | 1 | 5 | 15 | - | - | - | - | 12 | 27 |
| Sub-azotato de bismuto | Quilog. | 3 | - | 3 | 1,500 | - | 1,500 | 0,500 | - | - | 1 | - | - | 1,500 |
| Sulfonal | " | 0,500 | - | 0,500 | 0,250 | - | 0,250 | 0,150 | 0,100 | - | - | - | - | 0,250 |
| Sulfureto de antimónio | " | 15 | - | 15 | 5 | - | 5 | 2,500 | 1,500 | 2 | 1,600 | 0,500 | 1,900 | 10 |
| Sulfato de alumina e potassa | " | 25 | 2 | 27 | 6,800 | - | 6,800 | 1,700 | 2 | - | - | - | 16,500 | 20,200 |
| Sulfato de cobre | " | 65 | - | 65 | 18 | 3 | 21 | 22 | 7 | 6 | 3 | 4 | 20 | 44 |
| Sulfato de ferro | " | 120 | - | 120 | 7 | - | 7 | 102 | 6 | - | - | 5 | - | 113 |
| Sulfato de magnésia | " | 180 | - | 180 | 40 | 6,500 | 46,500 | 58 | 46 | 6 | - | 20 | 3,500 | 133,500 |
| Sulfato de quinino | " | 15 | 1 | 16 | 2,730 | - | 2,730 | 6,200 | 2,300 | 1,770 | - | - | 3 | 13,270 |
| Sulfato de soda | " | 800 | 20 | 820 | 247,500 | 12 | 259,500 | 221 | 72 | 1 | 50 | 9 | 207,500 | 560,500 |
| Sulfato de zinco | " | 2 | - | 2 | 0,775 | - | 0,775 | 0,025 | - | 0,100 | 1 | 0,100 | - | 1,225 |
| Talco | " | 5 | - | 5 | - | - | - | 4 | - | - | - | - | - | 5 |
| Tanofórmio | " | 2 | - | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| Tártaro emético | " | 1,500 | - | 1,500 | 0,730 | - | 0,730 | 0,270 | 0,500 | - | - | - | - | 0,770 |
| Tartarato de potassa e antimónio | " | 0,500 | - | 0,500 | 0,850 | - | 0,850 | - | 0,150 | - | - | - | - | 0,150 |
| Terebintina em rama | " | 18 | - | 18 | - | - | - | 8 | 10 | - | - | - | - | 18 |
| Tintura de aloés | " | 17 | - | 17 | 3,500 | - | 3,500 | 5,600 | 1,200 | 0,200 | - | 1,500 | 5 | 13,500 |
| Tintura de cânfora | " | 50 | 20 | 70 | 20 | - | 20 | 16 | 9 | 5 | 10 | 5 | 5 | 50 |
| Tintura de cantáridas | " | 1 | - | 1 | 0,500 | - | 0,500 | - | 0,300 | - | - | 0,200 | - | 0,500 |
| Tintura de digitalis | " | 1,500 | 0,500 | 2 | 1,500 | - | 1,500 | 0,500 | 0,500 | - | - | - | - | 1 |
| Tintura de genciana | " | 6 | - | 6 | 1,400 | - | 1,400 | 3,900 | - | - | 0,700 | - | - | 4,600 |
| Tintura de iodo | " | 35 | 15 | 50 | 22,450 | 8 | 30,450 | 3,600 | 0,200 | - | 7 | 3,000 | 3,750 | 19,550 |

| Designação | Unidades | Recebido | | | Consumido | | | Fica existindo | | | | | | |
|---|----------|--------------------|--------------------------------|-------|-------------------------------------|---|--------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|---------------------------|------------------------------------|--------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Gombos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | N.º depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Moatamedes | Total |
| Tintura de mostarda | Quilog. | 21 | 6 | 27 | 9,900 | - | 9,900 | 8,600 | 2,500 | 2 | 3 | 1 | - | 17,100 |
| Tintura de noz vômica | " | 2 | - | 2 | 1,210 | - | 1,210 | 0,440 | 0,350 | - | - | - | - | 0,790 |
| Tintura de ópio | " | 4 | 1,200 | 5,200 | 2,200 | - | 2,200 | 3 | - | - | - | - | 3 | |
| Tintura de quina | " | 12 | - | 12 | 2,500 | - | 2,500 | 2,800 | 3 | - | 0,700 | 2 | 1 | 9,500 |
| Unguento vesicatório | " | 3 | 2,500 | 5,500 | 2,200 | - | 2,200 | 3,300 | - | - | - | - | - | 3,300 |
| Vaselina | " | 120 | 4 | 124 | 30 | - | 30 | 16 | 44 | 12 | 11 | 2 | 49 | 94 |
| Vinagre | Litros | 180 | - | 180 | - | - | - | 90 | - | - | - | - | 90 | 180 |
| Vaselina iodoformada | Quilog. | 4 | 6 | 10 | 10 | - | 10 | - | - | - | - | - | - | - |
| Material de pensos | | | | | | | | | | | | | | |
| Agrafes para suturas | Número | 600 | - | 600 | 100 | - | 100 | 300 | - | - | 100 | - | 100 | 500 |
| Alfinetes vulgares | Cartas | 9 | 3 | 12 | 3 | - | 3 | 5 | 2 | - | - | 2 | 9 | |
| Alfinetes de segurança | Número | 500 | - | 500 | 160 | - | 160 | 160 | 36 | - | 120 | 24 | - | 340 |
| Alfinetes de sutura | Cartas | 1,000 | 200 | 1,200 | 200 | - | 200 | 500 | - | - | 500 | - | - | 1,000 |
| Algodão hidrófilo | Quilog. | 40 | 20 | 60 | 24,600 | - | 24,600 | 6 | 1 | - | 8,600 | 3 | 16,800 | 35,400 |
| Algodão em pasta | " | 30 | - | 30 | 10 | - | 10,000 | 3 | - | - | 3,500 | - | 13 | 19,500 |
| Ataduras | " | 25 | - | 25 | 18 | - | 18 | 7 | - | - | - | - | - | 7 |
| Cauchu laminado | Metros | 100 | - | 100 | 38 | - | 38 | 30 | 4 | 4 | - | 4 | 20 | 62 |
| Estôpa | Quilog. | 100 | - | 100 | 20 | 9 | 20 | 15 | 2 | - | 2 | 2 | 50 | 71 |
| Gaze hidrófila | Metros | 500 | - | 500 | 80 | - | 80 | 120 | 1 | 50 | 100 | 50 | - | 420 |
| Gutapercha | Quilog. | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Ligaduras de pano | Número | 600 | 50 | 650 | 145 | - | 145 | 102 | 42 | 31 | 100 | 60 | 120 | 455 |
| Ligaduras de cauchu | " | 60 | - | 60 | 14 | - | 14 | 24 | - | - | 12 | - | 10 | 46 |
| Nastro | Peças | 40 | 10 | 50 | 25 | - | 25 | 4 | 11 | - | 6 | 4 | - | 25 |
| Pano lavado | Metros | 500 | - | 500 | 118 | - | 118 | 100 | 22 | 40 | 100 | 20 | 100 | 382 |
| Sabonetes de alcatrão | Número | 20 | 5 | 25 | 13 | - | 13 | 12 | - | - | - | - | - | 12 |
| Sabonetes de sublimado | " | 40 | - | 40 | 19 | - | 19 | 15 | - | - | - | 6 | - | 21 |
| Sêda para suturas | Peças | 100 | - | 100 | 30 | - | 30 | 20 | 18 | 3 | 9 | 18 | 2 | 70 |
| Material de farmácia e de enfermaria | | | | | | | | | | | | | | |
| Agulhas de sutura | Número | 50 | - | 50 | 50 | - | 50 | 25 | - | - | 25 | - | - | 50 |
| Ambulâncias veterinárias n.º/902 | " | 14 | - | 14 | 13 | 1 | 13 | 1 | - | - | 1 (a) | - | - | 2 |
| Aparelhos de suspensão | " | 4 | - | 4 (b) | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Bacias de ferro esmaltado | " | 10 | 4 | 14 | 14 | - | 14 | 1 | - | - | 2 | 1 | 10 | 14 |
| Baldes de lona | " | 32 | - | 32 | 30 | 2 | 32 | 6 | - | 15 | 5 | - | 4 | 30 |
| Balança de cantina veterinária | " | 2 | - | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | 1 | - | - | 2 |
| Balança dinamómetro | " | - | 2 | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | - | - | 1 | 2 |
| Balança de Roberval | " | 4 | - | 4 | 4 | - | 4 | 1 | - | 1 | - | 1 | 1 | 4 |
| Balões para sôro | " | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Blusas brancas | " | 4 | - | 4 | 4 | - | 4 | 2 | 1 | - | - | - | 1 | 4 |

(a) Entregue ao 2.º esquadrão. (b) Enviados para a metrópole.

| Designação | Unidade | Recebido | | | Consumido | | | Fica existindo | | | | | | Total |
|---|---------|--------------------|--------------------------------|-------|-------------------------------------|---|-------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------------------------|-------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Gambos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | No depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Mossâmedes | |
| Bridão para bebidas | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Cafeteiras esmaltadas | - | 24 | - | 24 | 8 | - | 8 | 7 | 2 | 1 | - | - | - | 16 |
| Cápsulas de ferro esmaltado | - | 50 | 14 | 64 | 50 | 14 | 64 | 24 | 2 | 2 | 12 | 2 | - | 50 |
| Carteira cirúrgica de ambulância | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | 8 | 1 |
| Chaves de parafusos | - | 4 | - | 4 | 4 | - | 4 | 2 | - | - | - | - | - | 4 |
| Copos graduados | - | 12 | - | 12 | 7 | 5 | 12 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 7 |
| Escopros | - | 2 | - | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | - | - | 1 | 2 |
| Escóvas para unhas | - | 12 | - | 12 | 7 | 5 | 12 | 2 | - | - | 2 | 1 | 2 | 7 |
| Espátulas de buxo | - | 6 | - | 6 | 6 | - | 6 | 2 | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 6 |
| Espátulas de ferro | - | 6 | - | 6 | 6 | - | 6 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | - | 6 |
| Espunjas | - | 300 | 50 | 350 | 290 | 60 | 350 | 50 | 20 | 20 | 20 | 10 | 170 | 290 |
| Estôjo de autopsias | - | 2 ^(a) | - | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Esterilizador | - | 1 ^(a) | - | 1 | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - |
| Frascos conta-gotas | - | 12 | 2 | 14 | 8 | 6 | 14 | 4 | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 8 |
| Frascos vazios | - | 200 | - | 200 | 137 | 63 | 200 | 70 | 10 | - | 34 | - | 23 | 137 |
| Filtros de papel | - | 1:500 | - | 1:500 | 500 | - | 500 | 300 | 50 | 50 | 100 | 50 | 450 | 1:000 |
| Funis de ferro esmaltado | - | 6 | - | 6 | 4 | 2 | 6 | 2 | 1 | - | 1 | - | - | 4 |
| Funis de vidro | - | 16 | 2 | 16 | 11 | 7 | 18 | 2 | 2 | 1 | 2 | 1 | 3 | 11 |
| Fogão Primus | - | 2 | - | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | 1 | - | - | 2 |
| Fogão de alcool | - | 2 | - | 2 | 2 | - | 2 | - | 1 | 1 | - | - | - | 2 |
| Garrafas vazias | - | 200 | - | 200 | 106 | 94 | 200 | 15 | 15 | 10 | 20 | 20 | 26 | 106 |
| Gral de pedra | - | 3 | - | 3 | 3 | - | 3 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | 3 |
| Irrigadores | - | 4 | - | 4 | 3 | 1 | 4 | 1 | 1 | 1 | - | - | - | 3 |
| Lâmpadas de alcool | - | 10 | - | 10 | 10 | - | 10 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 10 |
| Lanterna | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Máquina de desinfecção | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Martelos | - | 2 | - | 2 | 2 | - | 2 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Maçarico | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Novelos de fio | - | 8 | 4 | 12 | 4 | - | 4 | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 8 |
| Pás de cabo | - | 12 | - | 12 | 12 | - | 12 | 6 | - | - | - | - | 6 | 12 |
| Pinças para agrafes | - | 12 | - | 12 | 9 | 3 | 12 | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 9 |
| Pincéis de cabelo | - | 25 | 12 | 37 | 22 | 15 | 37 | 6 | 4 | 2 | 4 | 2 | 4 | 22 |
| Provetas graduadas | - | 6 | - | 6 | 6 | - | 6 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 6 |
| Púcaros de ferro esmaltado | - | 12 | 3 | 15 | 7 | 8 | 15 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 7 |
| Regadores | - | - | 4 | 4 | 4 | - | 4 | 2 | - | - | - | - | 2 | 4 |
| Rôlhas de borracha | - | 24 | - | 24 | 12 | 12 | 24 | 6 | - | - | - | - | 6 | 12 |
| Rôlhas de cortiça | - | 200 | - | 200 | 110 | 90 | 200 | 50 | 20 | - | 30 | - | 20 | 100 |
| Rêdes | - | 12 | - | 12 | 12 | - | 12 | 6 | - | - | - | - | 6 | 12 |
| Saca-rôlhas | - | 6 | - | 6 | 6 | - | 6 | 2 | - | - | 2 | - | 2 | 6 |
| Sacos de papel | - | 500 | - | 500 | 250 | - | 250 | 100 | 50 | - | 50 | - | 50 | 250 |
| Seringas para injeções hipodérmicas | - | 24 | - | 24 | 23 | 1 | 24 | 5 | 2 | - | 3 | 2 | 9 | 23 |
| Seringas para clisteres | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Seringas de borracha | - | 30 | 6 | 36 | 30 | 6 | 36 | 10 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 30 |
| Serrotos grandes | - | - | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 1 |

(a) Um foi reenviado para a metrópole.

| Designação | Unidade | Recebido | | | Consumido | | | Flea existindo | | | | | | Total | |
|--|---------|--------------------|--------------------------------|---------|-------------------------------------|---|---------|------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------------------------|-------|---------|
| | | Vindo da metrópole | Adquirido nas farmácias locais | Total | Utilizado pelas unidades e serviços | Inutilizado pelo transporte e outras causas | Total | No depósito do Lubango | No depósito dos Gombos | No depósito do Humbe | No depósito da N'giva | No depósito do Capelongo | No depósito de saúde em Mossâmedes | | |
| Serrotes ingleses | - | - | 1 | 1 | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Suporte para tubos de ensaio | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Tesoura curva | - | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 3 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Termómetros clínicos | - | 50 | - | 50 | 35 | 15 | 50 | 6 | 5 | 6 | 6 | 6 | 4 | 5 | 35 |
| Toalhas de mão | - | 24 | - | 24 | 24 | - | 24 | 5 | 2 | 2 | 6 | 4 | - | - | 24 |
| Trocarte cilíndrico | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Tubos de borracha | Metros | 10 | 5 | 15 | 5 | 10 | 15 | 5 | - | - | - | - | - | - | 5 |
| Tubos de ensaio | - | 12 | - | 12 | 12 | - | 12 | 12 | - | - | - | - | - | - | 12 |
| Verrumas | - | 6 | - | 6 | 3 | 3 | 6 | 1 | 1 | - | 1 | - | - | - | 3 |
| Zoocautério | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Material siderotécnico | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aventais de coiro | - | 18 | - | 18 | 15 (a) | 3 | 18 | 4 | - | - | 2 | - | - | - | 6 |
| Bigornas | - | 17 | - | 17 | 16 | - | 16 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Bólsas de ferrador | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 1 | - | 1 | - | - | - | 4 |
| Cravos | - | 300:000 | - | 300:000 | 136:000 | 2:000 | 138:000 | 150:000 | 2:000 | - | 5:000 | 5:000 | - | - | 162:000 |
| Cepos | - | 21 | - | 21 | 21 (b) | - | 21 | 1 | - | - | 1 | - | - | - | 2 |
| Ferradoras de cavalo | - | 8:000 | - | 8:000 | 5:508 | - | 5:508 | 1:392 | 200 | - | 600 | - | - | - | 2:492 |
| Ferraduras de muar | - | 40:000 | - | 40:000 | 13:754 | - | 13:754 | 21:946 | 1:500 | 1:200 | 800 | 800 | - | - | 26:246 |
| Formões | - | 16 | - | 16 | 11 (c) | 5 | 16 | 1 | - | - | 1 | - | - | - | 2 |
| Grosas | - | 6 | - | 6 | 2 | 4 | 6 | 1 | - | - | 1 | - | - | - | 2 |
| Martelos de pena pequenos | - | 4 | - | 4 | 4 (d) | - | 4 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Martelo de bola | - | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | 1 | - | - | - | 2 |
| Oficinas de ferrador | - | 12 | - | 12 | 5 (d) | 7 | 12 | 4 | - | - | - | - | - | - | 4 |
| Turqueses | - | 6 | - | 6 | 6 (e) | - | 6 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Tenazes de forja | - | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

(a) 9 foram enviados para a metrópole. (b) 19 foram reenviados à metrópole. (c) 9 foram reenviados à metrópole. (d) 3 foram reenviados à metrópole. (e) 2 foram reenviados à metrópole.

| Date | Description | Debit | Credit | Balance |
|------|-------------|-------|--------|---------|
| 1880 | Jan 1 | | | |
| | Feb 1 | | | |
| | Mar 1 | | | |
| | Apr 1 | | | |
| | May 1 | | | |
| | Jun 1 | | | |
| | Jul 1 | | | |
| | Aug 1 | | | |
| | Sep 1 | | | |
| | Oct 1 | | | |
| | Nov 1 | | | |
| | Dec 1 | | | |
| | Total | | | |

Relação do material sanitário veterinário e siderotécnico
mandado recolher ao Arsenal do Exército em Lisboa

| Designação | Quantida- des | Observações |
|---|------------------|--------------------------|
| Aparelhos de suspensão | 4 | Estão completos. |
| Aventais de coiro | 9 | Idem. |
| Bolsas de Rachfall | 3 | Idem. |
| Bolsas de ferrador (pares) . . . | 27 | Estão muito incompletos. |
| Baldes de lona | 9 | Estão completos. |
| Bigornas | 16 | Idem. |
| Ambulâncias metálicas, modelo 1902 | 9 | Estão muito incompletas. |
| Ambulâncias veterinárias para artilharia de campanha | 3 | Idem. |
| Cápsulas de ferro esmaltado . . | 12 | Em bom estado. |
| Cepos | 19 | Idem. |
| Esterilizadores | 1 | Está completo. |
| Estôjo de autopsias | 1 | Idem. |
| Facas inglesas | 13 | Idem. |
| Formões | 9 | Idem. |
| Martelos de pena grande . . . | 7 | Idem. |
| Martelos de pena pequena . . . | 3 | Idem. |
| Oficina de ferrador | 3 | Estão incompletas. |
| Ponteiros | 13 | Em bom estado. |
| Puchavantes | 9 | Idem. |
| Riscadeiras | 2 | Idem. |
| Safra | 1 | Idem. |
| Seringas para injeções hipodér- micas | 4 | Idem. |
| Tais | 9 | Idem. |
| Talhadeiras | 10 | Idem. |
| Turquesas | 2 | Idem. |
| Trocarte grande | 1 | Idem. |

Quartel no Pôrto, 7 de Agosto de 1915. — O chefe do
serviço veterinário, *Armando Augusto Chaves de Lemos*,
capitão veterinário.

N.º 37

Estacionamento no Huilo, 16 de Agosto de 1915, às 6 horas.— Ao sr. comandante da coluna do Cuamato.— O Sr. general tem recebido com satisfação as comunicações de V. Ex.^a

A nossa coluna, Cuanhama, tem marchado sempre espiada pelo gentio, mas este, apesar de ontem o termos provocado com fogo de artilharia, ainda não resistiu. Espera-se porém que resista durante a marcha de hoje.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Estacionamento na Mongua, 17 de Agosto de 1915, às 18 horas.— Ao Sr. chefe do estado maior dos serviços de *étapes*.— Em referência à nota n.º 406, de V. Ex.^a, encarrega-me S. Ex.^a o general de dizer que determina faça telegrama, em nome de S. Ex.^a, para o secretário geral para adquirir e mandar com urgência no *Salvador Correia*, se não houver paquete, toda a gasolina que V. Ex.^a julga precisa e telegrafe nos mesmos termos aos Srs. Ministro das Colónias e nosso cônsul no Cabo, pedindo para mandar tudo o que está requisitado para camiões, com a máxima urgência, a fim de se poder terminar as operações e deixar os indispensáveis recursos para a ocupação dos territórios conquistados e retomados.

Mais me encarrega S. Ex.^a de dizer que fomos hoje atacados na Mongua, às 10 horas, sendo o inimigo batido após 15 minutos de fogo de artilharia.

Este combate teve como consequência a conquista de cacimbas numerosas com alguma água.

Neste local será estabelecido um posto guardado pela 15.^a indígena. Amanhã descansaremos neste estacionamento e aligeiraremos a coluna, a fim de continuarmos no dia seguinte a marcha para N'giva.

V. Ex.^a deverá mandar de preferência víveres, pois temos muitas sobras em forragens.

Deverá também V. Ex.^a procurar obter informações sobre a possibilidade de reabastecer a região do Cuanhama através do Cuamato, a fim de haver uma única linha de comunicações ou reabastecimento.

V. Ex.^a deverá telegrafar ao Sr. Ministro um resumo do conjunto de operações realizadas até este momento.

Também V. Ex.^a continuará a empregar todo o zelo, intelligência e actividade em fazer seguir para o Cuanhama e Cuamato, por intermédio da criação de grandes depósitos de víveres e forragens no Humbe, sobretudo, o que puder, a fim de, chegada a época das chuvãs, ficar garantida a alimentação das tropas de occupação. Quaisquer outras medidas que a V. Ex.^a ocorram nesta orientação, poderá V. Ex.^a pôr em prática, para o que tem toda a latitude, conferida por S. Ex.^a o general. Na remessa de víveres preferem se os de reserva.

Destas communicações dará V. Ex.^a conhecimento ao comandante da base de operações do Humbe de tudo quanto a elle possa interessar.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Estacionamento da Mongua, 18 de Agosto de 1915, às 7 horas.—Ao Sr. comandante da coluna do Cuamato.—Sua Ex.^a o general comandante encarrega-me de comunicar a V. Ex.^a o seguinte:

1.º Que lhe foi muito agradável saber que a coluna do comando de V. Ex.^a alcançou o objectivo que lhe foi marcado, havendo-se por forma digna de louvor.

2.º Que V. Ex.^a se digne determinar que o major Salgado fique no Cuamato com uma companhia do seu batalhão e com um pelotão de cavalaria até nova ordem, retirando V. Ex.^a com as restantes forças para o Humbe.

3.º Que chegado ao Humbe V. Ex.^a ali fique com o capitão Mascarenhas, a fim de fazerem marchar o mais rapidamente possível para o Lubango as forças do seu comando pela via ordinária, e aproveitando os automóveis de retôrno que estejam disponíveis.

4.º Que ao major Salgado seja dada ordem para aproveitar o pelotão de cavalaria que fica sob as suas ordens, para, em especial, fazer o reconhecimento do caminho Cuamato-N'giva.

Mais me encarrega S. Ex.^a de comunicar que a coluna de Cuanhama foi ontem atacada ao chegar próximo das cacimbas da Mongua, sendo o gentio repellido com muitas baixas, depois de 15 minutos de fogo de artilharia e de ter sido perseguido pela cavalaria.

Conquistadas as cacimbas, estacionámos junto das mesmas.

Hoje aqui descansámos e deixámos um posto constituído pela 15.^a companhia indígena. Amanhã continuamos a marcha para a N'giva.

A estas determinações do Sr. general poderá V. Ex.^a, se a situação o exigir, fazer qualquer modificação que não altere fundamentalmente o seu espirito.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Estacionamento na Mongua, 18 de Agosto de 1915, às 15 horas.—Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—Comunico a V. Ex.^a que acabamos de sofrer um ataque violentíssimo do gentio, que durante duas horas nos obrigou a um grande consumo de munições, tanto de artilharia como de infantaria, mas principalmente de artilharia.

Em vista da situação o Sr. general resolve não proseguir sem ser reabastecido em munições e víveres, e espera da muita inteligência e grande actividade de V. Ex.^a todas as medidas de que puder lançar mão para nos mandar munições, preferindo de artilharia, algum líquido para as peças (garrações para o freio e para o recuperador), e os víveres que puder mandar. Também tem de continuar a mandar alguma água, pois é provável que não possamos utilizar as cacimbas, e estas têm pouca água.

Pelo que deixo exposto, vê V. Ex.^a quanto é delicada a situação, devendo V. Ex.^a puxar todos os camiões, ou quasi todos, para o serviço da coluna do Cuanhama.

V. Ex.^a mandará imediatamente uma cópia desta informação ao Sr. comandante da coluna do Cuamato, com ordem do Sr. general para não retirar para o Humbe senão o efectivo que julgue não fazer falta no Cuamato, e para não retirarem tropas para o Lubango sem nova ordem.

V. Ex.^a mandará aproximar do Humbe todo o gado muar que puder alimentar.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Aditamento:

Seria muito bom que a coluna do Cuamato pudesse fazer uma demonstração em direcção à N'giva.

Mande também empanques.—*Ortigão Peres*, major.

Estacionamento na Mongua, 18 de Agosto de 1915, às 18 horas.—Ao Sr. comandante da coluna do Cuamato.—O Sr. general encarrega-me de comunicar a V.

Ex.^a que hoje às nove horas e trinta minutos fomos rudemente atacados pelo gentio, que nos forçou a um fogo de duas horas e meia, com grande consumo de munições, principalmente de artilharia.

Em vista da situação, o Sr. general resolveu não avançar sem ser reabastecido, e determina que V. Ex.^a não retire do Cuamato senão a força que julgue dispensável, demorando-se V. Ex.^a aí o tempo que julgar conveniente.

Muito bom seria que V. Ex.^a pudesse realizar uma demonstração em direcção à N'giva, a fim de obrigar os cuanhamas a dividirem as suas atenções.

Claro está que a ordem de retirar tropas para o Humbe e Lubango será cumprida em harmonia com as modificações que o alto critério de V. Ex.^a lhe apontar conforme a situação.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Estacionamento na Mongua, 21 de Agosto de 1915, às 18 horas.—Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—S. Ex.^a o general encarrega-me de comunicar a V. Ex.^a o seguinte:

a) Ontem a coluna do Cuanhama sustentou o fogo do gentio durante nove horas, terminando por repelir este às 17 horas, por meio duma carga à baioneta;

b) V. Ex.^a empregará todos os meios para que os camiões não deixem de reabastecer a coluna, pois disso depende a sua existência, avançando os camiões devidamente escoltados e mesmo através de quaisquer riscos, pois no serviço de guerra eles são inevitáveis;

c) V. Ex.^a nesses reabastecimentos não esquecerá mandar sempre víveres, munições e forragens, sendo a água mais dispensável, pois as cacimbas estão fornecendo mais alguma;

d) Pensa o Sr. general em fazer d'este posto base de operações para quando tiver recebido muares e abastecimentos, prosseguir até a conquista da N'giva, e pensa também em estabelecer um posto de ligação entre este ponto e o Cunene, sendo a guarnição d'este posto (uma companhia, duas peças e duas metralhadoras) fornecida pelas colunas do Cuamato e do major Reis e Silva, devendo V. Ex.^a proceder neste sentido e dar as devidas ordens em nome do Sr. general;

e) Temos o gado muar reduzido a menos de metade pelo cansaço, sede e combates, sendo pois necessário

que V. Ex.^a faça avançar todo o gado que possa alimentar, incluindo o que deve estar desembarcado ou a desembarcar em Mossamedes, convindo que mesmo o que não possa vir até a frente dela se aproxime o mais possível;

f) De todas estas comunicações V. Ex.^a dará conhecimento aos comandantes da base de operações do Humbe e das colunas do Cuamato e Evale;

g) Muito convêm que as duas colunas laterais procurem com a maior brevidade estabelecer a ligação com este posto (Mongua);

h) Terminadas as operações dessas colunas, os efectivos que restarem da ocupação serão evacuados para o Lubango, vista a dificuldade em os alimentar na zona de operações;

i) Com as muares que vierem para a frente, devem vir também os cavalos que estiverem em estado de fazer serviço, pois o grupo de esquadrões da coluna do Cuanhama está reduzido a um quinto de cavalos;

j) Pela última nota de V. Ex.^a verificou o Sr. general quanto era fundamentada a confiança na muita inteligência e actividade de V. Ex.^a, qualidades de que espera tirar valiosíssimo auxílio para conjurar as dificuldades e perigos com está a braços. V. Ex.^a continuará a usar da máxima iniciativa, tanto nas medidas a tomar em Angola como nas providências a pedir para o Ministro ou para os nossos cônsules;

k) Conseguindo V. Ex.^a continuar a abastecer a coluna do Cuanhama, a situação não é crítica, e representa apenas uma paragem, mas no caso contrário, que o Sr. general de modo algum deseja que se dê, esta coluna terá de retirar em circunstâncias muito graves e então V. Ex.^a terá imediatamente de providenciar para que forças do Cuamato e do major Reis e Silva viessem proteger essa retirada, a fim de evitarem um sério desastre, que, repito, as diligências de V. Ex.^a, no sentido de nos reabastecer, mais do que quaisquer outras hão-de evitar;

l) Resumindo: o podermos sustentar aqui representa apenas um compasso de espera, que pode ser pequeno ou grande conforme as circunstâncias; qualquer outro procedimento tem os inconvenientes que ao alto espírito de V. Ex.^a se apresentariam, mesmo sem os considerandos que deixo expostos;

m) V. Ex.^a mandará em cada camião algum arame

farpado.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Comando Superior—Estacionamento na Mongua—22 de Agosto de 1915, ás 13 horas—Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—Como V. Ex.^a sabe, há três dias que o destacamento do Cuanhama não recebe cousa alguma da retaguarda. Só temos viveres até amanhã e já não temos forragens. Munições ainda temos e a água vai dando para o consumo. Em vista da situação aguardamos a chegada dos camiões como quem aguarda a salvação.

Esperamos que todos os esforços tenham sido feitos e continuem a fazer-se para que elles nos cheguem sem demora. Além de forças do Cuamato e do major Reis e Silva, pode V. Ex.^a lançar mão das de Naulila (empregando especialmente o alferes Sarmiento e os seus boers) na segurança da linha de comunicações. Temos feito todos os esforços para comunicar com V. Ex.^a Antes de ontem partiu um camião com uma metralhadora e uma força comandada por um valente sargento da armada e ontem à noite partiu um serviçal de José Guerreiro com uma nota minha para V. Ex.^a Hoje esta nota é escoltada por uma força constituída por três camiões com duas metralhadoras e trinta praças comandadas pelo tenente Roma. O conselho de officiais, ontem reunido, resolveu quasi por unanimidade que fiquemos aqui até à última extremidade, e, como disse na minha anterior nota a V. Ex.^a, mesmo uma retirada só a poderíamos fazer protegidos por tropas vindas da retaguarda e representaria um gravissimo desastre sob todos os pontos de vista.

S. Ex.^a o general e todos os officiais da coluna do Cuanhama confiam em absoluto nas providências adoptadas por V. Ex.^a para os socorrer.

O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Comando Superior—Acampamento na Mongua—22 de Agosto de 1915, às 15 horas—Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—Por via Cafu, solícito, mais uma vez, providências no sentido do restabelecimento das comunicações com a coluna do Cuanhama, há quatro dias rotas, apesar dos esforços diários que temos feito, por várias vias, camiões escoltados, escoteiros, tudo sem resultado. O conselho de officiais, antes de

ontem reunido, resolveu ficar aqui a todo o transe e urge que V. Ex.^a lance mão de todos os meios, ainda os mais extremos, para nos socorrer principalmente com víveres, pois em água e munições temos o indispensável.

O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, major.

Comando Superior — Estacionamento na Mongua — 22 de Agosto de 1915, às 17 horas — Ao Sr. Chefe do Estado Maior do Serviço de *Étapes* — Humbe. — S. Ex.^a o general encarrega-me de comunicar a V. Ex.^a:

a) Que louva V. Ex.^a pela muita inteligência, actividade e zelo com que fez face às dificuldades em que acabava de se encontrar durante a critica situação resultante do ataque às comunicações da coluna do Cuanhama;

b) Que hoje, pelas 15 horas, deu entrada neste estacionamento a coluna do Cuamato com o combóio de camiões;

c) Que, com os elementos de que fica dispondo, pensa S. Ex.^a em, o mais brevemente possível, prosseguir nas operações sobre a N'giva, para o que V. Ex.^a se esforçará por mandar víveres, segundo a razão que foi proposta pelo Sr. chefe do serviço de saúde e que ontem enviei a V. Ex.^a por intermédio do auxiliar Fraga, que seguiu pelo Cafu, e por mandar o maior número possível de bois para este estacionamento e abundância de sal;

d) Que a coluna do Cuamato deixou estabelecidos entre o vau da Chimbua e este estacionamento os postos constantes da relação junta;

e) Que V. Ex.^a empregue todos os esforços para pôr em serviço o maior número possível de camiões, podendo até adquirir alguns dos que estão à venda no Cabo;

f) Que esses camiões a adquirir servirão para o serviço de abastecimento das tropas de occupação;

g) Que sejam apressados os trabalhos da construção das pontes sobre o Cunene e V. Ex.^a telegrafe ao encarregado do governo da Huila para ele tratar de ver se o Hendrinks se encarrega de construir rapidamente as pontes sobre o Caculevar;

h) Que V. Ex.^a diga ao mesmo encarregado do governo que S. Ex.^a concede a autorização pedida para a aquisição de milho;

i) Que seja remetida para este estacionamento a cor-

respondência para oficiais e praças que aqui se encontram;

j) Que V. Ex.^a transmita ao Sr. Ministro o telegrama que acompanha esta nota;

k) Que V. Ex.^a faça saber aos *chauffeurs* em serviço na 1.^a linha que S. Ex.^a o general tenciona recompensá-los se fizerem bom serviço;

l) Que mande avançar para os postos aquêem Cunene tudo quanto lhe seja possível, empregando todos os meios de transporte, de modo que antes das chuvas estejam constituídas reservas de abastecimentos para as tropas de ocupação;

m) Que os postos que a coluna do Cuamato estabelecem na sua marcha do Cunene para a Mongua são os seguintes:

Cachaqueira, 62 homens e 5 solípedes.

Cuancula, 68 homens e 1 solípede.

Chana da Muia, 89 homens;

n) Que quando avançarmos para a N'giva deixaremos na Mongua, actual estacionamento, um sólido pôsto e estabeleceremos outros, cuja situação e efectivos oportunamente comunicarei a V. Ex.^a; e que principiaremos desde já a evacuar as bôcas inúteis, condutores, etc., que V. Ex.^a fará seguir para Lubango nos camiões de retôrno;

o) Que V. Ex.^a continua a ter a mais completa e merecida confiança do Sr. general para tomar em seu nome todas as medidas que julgue facilitarem a execução do plano por S. Ex.^a traçado e que V. Ex.^a muito bem conhece.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

Estacionamento na Mongua, 26 de Agosto de 1915, às 10 horas.—Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—S. Ex.^a o general encarrega-me de dizer a V. Ex.^a que se digne providenciar no sentido de:

a) Ser dada ordem ao alferes Sarmiento para com a brevidade possível se apresentar neste estacionamento com os auxiliares boers que o acompanham, ficando a força do tenente Amorim encarregada da ocupação na região de Naulila e cataratas Roacaná;

b) Ser dada ordem ao major Reis e Silva para retirar toda a força que não seja precisa na Chimbua para o Capelongo e mandar apresentar neste estacionamento, Mongua, os auxiliares do Gordon e os Bailundos;

c) Ser dada ordem ao mesmo oficial para fazer seguir

para a Chimbua todos os víveres que possa dispensar, aproveitando a linha de comunicações do Cunene, podendo V. Ex.^a sobre este assunto dar-lhe todas as instruções que julgar convenientes;

d) Ver com atenção como é feito o serviço dos camiónes, fazendo com que os officiaes encarregados desse serviço procedam de modo a obter o maior rendimento, que é perfeitamente compatível com a pequenez do trajecto e com a segurança derivada da existência de postos ao longo desse trajecto;

e) Procurar concentrar neste estacionamento, Mongua, o mais rapidamente possível abastecimentos para 2:600 homens e 700 solípedes, para 5 dias, abastecimentos estes reputados indispensáveis para o avanço da coluna destinada à occupação da N'giva; nestes abastecimentos não se incluem os necessários para os postos estabelecidos desde a Mongua, inclusive, até à Chimbua, devendo este posto da Mongua ficar com uma guarnição, aproximada, de 230 a 240 homens e alguns solípedes incapazes de fazerem a marcha.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

Estacionamento na Mongua, 27 de Agosto de 1915, às 15 horas.—Ao sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.—Em referência à última nota de V. Ex.^a encarrega-me S. Ex.^a o general de lhe dizer:

a) Que deseja que V. Ex.^a venha a este estacionamento, por umas horas, conferenciar;

b) Que recomenda a remessa para este estacionamento do maior número possível de bois, adquiridos por todas as formas possíveis e de grande quantidade de sal, pimenta, café e açúcar e bolacha;

c) Que sejam tomadas providências para apressar a marcha dos solípedes, de modo que a sua chegada aqui seja tam breve quanto a permita a resistência do gado, devendo este ser em termos de prestar serviço;

d) Que ao major Reis e Silva sejam dadas as mais terminantes instruções, em nome do Sr. general, para fazer seguir pelo Cunene para a Chimbua, ou qualquer outro ponto que V. Ex.^a lhe indique todos os carros boers que possa obter, com víveres para as tropas do Cuanhama, tornando a recomendar-lhe que siga para o Capelongo, ou para o Lubango, se a V. Ex.^a mais convier, com todas as suas tropas que não forem necessárias na Chimbua;

e) Que o auxiliar Fraga, como eu já disse a V. Ex.^a, foi ao Cafu tratar de obter bois, mas este facto não deve obstar a que V. Ex.^a por sua vez os obtenha no maior número possível e os faça seguir para aqui.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

Estacionamento na Mongua, 29 de Agosto de 1915.— Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de *étapes*.— Chimba.— Em referência à nota n.º 531, de V. Ex.^a, encarrega-me S. Ex.^a o general de dizer :

a) Relativamente às pontes do Caeulevar, o encarregado do govêrno da Huila tem no Lubango o tenente de engenharia Teixeira que lhe pode fornecer todas as indicações pedidas e outras sob o ponto de vista técnico;

b) Relativamente aos auxiliares para a aquisição de gado e que deixaram de seguir nos camiões, resolveu-se mandá-los seguir directamente para o sobado da Camba para ganhar tempo; V. Ex.^a, porém, não deixará, pelo seu lado, de procurar obter o maior número possível de bois e de os fazer seguir ao encontro da coluna da N'giva. Hoje segue para aí a ficar à disposição de V. Ex.^a, para o empregar nesse serviço, o auxiliar Lino Laje;

c) V. Ex.^a fará expedir os três telegramas que acompanham esta nota, para os Srs. Ministro das Colónias e Presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados.— O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

N.º 38

Relatório

Ex.^{mo} Sr. General Comandante Superior das Forças em Operações — Pouco poderei e deverei dizer neste relatório, porquanto V. Ex.^a se dignou acompanhar o destacamento da N'giva, cujo comando me honrou confiando-mo, tendo tido ocasião de fazer directamente as suas observações e até de intervir durante as operações do mesmo.

No dia immediato ao da chegada do destacamento do Cuamato à Mongua, mandou-me V. Ex.^a transmitir pelo chefe do estado maior, tenente-coronel Sr. Ortigão Peres, que se ia organizar o destacamento da N'giva para

o qual eu eu ia ser nomeado comandante, conservando todo o quartel general do destacamento do Cuamato o pessoal do do Cuanhama. Devo dizer que tanto eu, que já me sentia cansado pelo excesso de trabalho e enorme fadiga a que operações anteriores tinham obrigado, como o pessoal do meu quartel general no Cuamato, pelo mesmo motivo, e ainda o chefe do estado maior pela doença que havia adquirido, julgávamos e esperávamos ser dispensados de futuras operações. A comunicação surpreendeu-nos, pois, mas lisonjeou-nos com a honra que nos era conferida, tanto mais que se presumia, pelas informações colhidas, que as nossas forças teriam de novo, na Sadiuca, rijo combate com o gentio. Não aceitar, em tais condições, era impossível, e sem hesitações, pois, as ordens de V. Ex.^a foram cumpridas, embora pudessem originar melindres para que em nada havíamos concorrido, antes com risco da nossa vida, havíamos provado o nosso desinterêsse e camaradagem com o avanço para a Mongua.

Organizou-se o destacamento e no dia 2 de Setembro foi com o mesmo iniciada a marcha sobre a Balunganga, onde estacionamos nesse dia. Durante a marcha, grupos inimigos atacaram as patrulhas de cavalaria do 1.º esquadrão de dragões, que, sem reforço, os repeliu.

Na Balunganga foi montado o primeiro posto.

No dia 3 avançamos até Oxindo, sem novidade, onde se montou o segundo posto. A falta de água que se havia feito sentir já no primeiro dia de marcha, mais se acentuou neste.

No dia 4 avançamos sobre a N'giva que indicações de auxiliares conhecedores da região davam a 9 quilómetros de distância e onde se contava por isso chegar às 9 horas. Infelizmente, porém, os 9 quilometros prolongaram-se a 28 e as tropas, já gastas e cansadas dos anteriores esforços, mal puderam suportar tam longa marcha, agravada pela falta de abastecimento de água.

O gado ressentiu-se da mesma forma.

Desta forma, o batalhão de infantaria n.º 17, foi no entanto o que mais sofreu, e os homens desalentados, mal acompanhavam a marcha da coluna, abandonando-a mesmo pouco a pouco, e de tal forma que o tenente de cavalaria, com o curso de estado maior, Campos, encarregado de regular a marcha na retaguarda da coluna, se viu obrigado a enviar a comunicação junta (documento n.º 7).

Das unidades apeadas destacaram-se, mantendo se continuamente nos seus lugares e suportando os horríveis sacrifícios da sede e da fadiga, o batalhão de marinha e parte da 2.^a bateria de artilharia de montanha.

Felizmente, os dragões e os auxiliares tinham ocupado já a embala do soba, quebrando todo o prestígio do mesmo, não havendo assim a recear qualquer ataque.

Quanto aos retardatários, com os enormes e generosos esforços dalguns oficiais, de todo o esquadrão de dragões e de alguns *chauffeurs*, foram trazidos para o estacionamento, e ao cair da tarde o quadrado estava constituído normalmente.

Na manhã de 7 retirou V. Ex.^a com o comando superior e alguns oficiais, da N'giva, tendo deixado elaboradas instruções sobre a criação do comando militar dos territórios do baixo Cunene, e sobre a evacuação das fôrças.

No dia 13, após a evacuação completa do batalhão de marinha, retirei com o meu quartel general para o Lubango, tendo dissolvido em 12 o destacamento da N'giva.

Como circunstâncias a ponderar nesse intervalo, há a da vinda à N'giva da missão inglesa estabelecida em Mamacunde, do que V. Ex.^a teve conhecimento pela correspondência que directamente lhe foi enviada pelo comandante dos territórios do baixo Cunene.

Também no dia 8 ordenei que o esquadrão de cavalaria fizesse um reconhecimento à Ompanda. Dêsse reconhecimento dá conta o relatório junto (documento n.º 2).

Julgando intimamente ter cumprido com o meu dever, findo este relatório, afirmando a V. Ex.^a que o espírito de boa vontade que animou as nossas fôrças foi por vezes realmente admirável.

Destacamento da N'giva, Vila de Sá da Bandeira, Lubango, em 16 de Setembro de 1915. — O Comandante, *Antonio Verissimo de Sousa*, coronel.

Nota — Não posso nem devo deixar de aqui frisar que a bateria de artilharia de montanha, que fez parte deste destacamento, tinha sobre si todo o peso dos esforços despendidos já no destacamento do Humbe, sendo certo que a maioria do seu pessoal fizera anteriormente parte da expedição do comando do tenente-coronel Sr. Roçadas, tendo estado em operações no Caloeque, quando da retirada da Naulila.

Isto mais faz realçar a linha de conduta por essa unidade seguida. — *Verissimo de Sousa*.

N.º 39

Correspondência com as autoridades
inglesas da Damaraland

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de enviar a V. Ex.^a a cópia do officio que recebi do encarregado dos negócios indígenas de U. S. A., e a que me referi no meu telegrama expedido da Mongua; e bem assim a cópia da resposta que dei àquele officio.

Como V. Ex.^a verá, o officio é datado de Namakunde, que fica no limite norte da zona litigiosa da fronteira, quando o Sudoeste Africano estava em posse dos alemães.

Devo ainda acrescentar que fui informado de que o Mandume, soba do Cuanhama, se internou na Donga e de que foi acompanhado por dois ou três boeres transportando munições e armas finas.

Por noticia hoje recebida do comando militar de N'giva, fui igualmente informado de que a missão da Mupanda se retirou e deseja agora voltar, estando os missionários em Namakunde com um official inglês, que supponho ser o signatário do officio.

Tudo isto mais uma vez confirma o que tenho dito a V. Ex.^a quanto à nossa situação no sul de Angola: não melhorou com a rendição dos alemães; continuam os mesmos perigos, agora do lado da U. S. A.

É indispensável que haja uma occupação positiva e forte, e que se procure desenvolver por todos os modos a acção colonizadora portugueza, aliás o sul de Angola será fatalmente perdido.

Não permite que a missão alemã voltasse.

Saúde e Fraternidade.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro das Colónias. — Lubango, 9 de Setembro de 1915. — *Pereira de Eça*, general.

Union of South Africa. — Namakunde — Ovamboland. — 30th August 1915. — The offices commanding of the forces of the Portuguese Gov.^t of Angola. — Omangua.

Sir. — It has been with regret that, while on an official visite to Ovamboland. I have heard of the out-break of hostilities between the Portuguese forces in Angola and Ovakuanyama Tribe of the Ovambo Nation.

I have the honour, in this connection to inform you that Mandume — Chief of the Ovakuanyama — hearing of my presence in this country, has appealed to me for advice and assistance in enabling him to bring about a cessation of hostilities between himself, and the forces under your command.

You are doubtless aware that the boundary line between Angola and the British Protectorate of South West Africa passes through the country occupied by the Ovakuanyama, a very large proportion — at least one half — of that tribe being resident South of that boundary and within British Territory.

I am led to understand that many of these natives have already been called by Mandume to his assistance, have crossed into Angola and become engaged in the hostilities now proceeding.

It is this latter fact, together with a very earnest desire to render all possible assistance in securing at the earliest moment a termination of hostilities and the avoidance of further bloodshed that impels me to place my services at the disposal both of yourself and Mandume for this purpose.

Should you, in these circumstances, be willing to accept this proposal. I shall be glad, to meet you wherever it may be convenient in order that matters may be discussed between us.

I am camped at Namankunde and will here await your reply which. I have the honour to request may be sent to me as soon as possible.

I have the honour to be, Sir, your obedient servant.—
S. Pritchard, officer in charge of Native Affairs in the Protectorate of South West Africa.

Comando superior das forças em operações em Angola.—Quartel general.—Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. major encarregado dos negócios indígenas no Proctetorado de Sudoeste Africano.—Namacundo.—Tendo a honra de acusar o officio de V. Ex.^a de 30 do corrente; devo principiar por agradecer profundamente reconhecido a expressão dos generosos sentimentos que traduz e que não me surpreenderam por provirem dum distinto official do exército britânico, tradicional aliado daquele a que me honro de pertencer; mas permita-me V. Ex.^a que chame a sua esclarecida atenção para um ligeiro equívoco em que julgo assentar a amável proposta de V. Ex.^a

Não se trata de hostilidades entre as forças do meu comando e as do chefe da nação Ovampo, e sim do facto de as forças do meu comando, atravessando território incontestadamente português, serem atacadas por gentio que tem como soba o Mandume.

É pois dum acto de pura rebelião que se trata e que tem de ser encarado como todos os estados soberanos encaram actos análogos, podendo assegurar a V. Ex.^a que as tropas do meu comando terão o maior escrúpulo em não realizar qualquer operação de guerra que não seja em território incontestadamente português e que em todos os actos procederão tendo na máxima atenção que os nossos actuais vizinhos na Damaralândia pertencem a uma nacionalidade pela qual Portugal professa a mais alta admiração e amizade desde os mais remotos tempos.

Acampamento da Mongua, 31 de Agosto de 1915.—
Pereira de Eça, general comandante e Governador Geral.

Union of South Africa. — Namakunde — Ovambo-land. — September 7th 1915. — So General N. Pereira de Eça — Commanding the forces and Governor General in Angola. — Ondjiwa.

Sir. — I have the honour to acknowledge the receipt of and to thank you for your letter of the 31st ultimo, in reply to mine of the 30th idem.

In reply thereto, I beg to inform you that, immediately upon its receipt, I definitely informed the chief Mandume that it was not possible for me to interfere in any way in the hostilities proceeding in Angola between himself and the forces under your command.

Mandume is now in no doubt as to the meaning of this decision.

In the past considerable uncertainty would appear to have existed between the Portuguese and German Governments as to the precise locality of the boundary line between Angola and South West Africa.

I would therefore ask and more particularly in view of the fact that the establishment of a permanent military post on this side of the border, is at present receiving consideration, that you may be good enough so to arrange that when your forces have arrived at or near to the boundary line I may have the honour of meeting and discussing this important matter with you at same time and place as you may desire to appoint.

May I ask, in conclusion, that you will kindly cause a reply to be sent to this letter at the earliest opportunity and that owing, as I must regret, to my having no knowledge of Portuguese your letter may, in possible, be accompanied by a translation thereof in the English language.

I have the honour to be, Sir, your obedient servant—
S. Pritchard, Officer in charge of Native Affairs in the Protectorate of South West Africa.

Cópia— Union of South Africa— Office of the Namakunde.— September 12th 1915 — Major J. Pires Viégas.— Commandant of the Territory of Baixo Cunene— Ondjiwa.— Sir, I have the honour now to place on record the following details, as I understand thereof the working arrangement arrived as yesterday between us, during my visit to Ondjiwa, with regard to the boundary line to be observed as between the Protectorate of South West Africa and Angola:

- (2) That for the present, and pending a definitive to East through Namakunde shall be taken to be the boundary between the Protectorate of South West Africa and Angola. That Namakunde shall be the residential Aesd Quarters of the officers of the Protectorate of South West Africa in this part of Ovamboland and that one officer of the Portuguese Army shall also reside there as the Political Representative of that Government.
- (3) That a Portuguese Military post of adequate strength shall be established forthwith at Omapanda.
- (4) That all reasonable steps shall be taken by the force under your command to patrol the boundary line on the Portuguese side in order to prevent incursions either from the North or South into our respective territories.
- (5) That the country falling between the boundaries claimed by the late German Government and the Portuguese Government—as indicated on the maps in use by our respective Governments— shall be regarded as a Neutral Zone.
- (6) That all matters appertaining to the Administration of this neutral zone shall be dealt with jointly by the Officers representing our respective Governments and that, failing agreement between them, such matters as may be in dispute shall be referred for the consideration of those Governments.
- (7) That this working arrangement shall be regarded as provisional and in no way binding either the Government of the Protec-

torate of South West Africa or that of Angola.— May I ask, that, should you agree arrived as between us, you will kindly favour me with your confirmation thereof in writing. I have the honour to be, Sir, Your obedient servant.—*S. M. Pritchard's*, Major, Officer in charge of Native Affairs in the Protectorate of South West Africa.

Está conforme.—Comando militar dos territórios do Baixo Cunene, em 16 de Setembro de 1915.—O comandante militar, *J. Pires Viegas*, major de infantaria n.º 17.

Cópia.—Union of South Africa.—Office of the.—Namakunde.—Sept. 13th 1915.—The Major J. Pires Viegas.—Commandant of the territory of Baixo Cunene.—Ondjiwa.—Sir.—In forwarding Major Pritchard's letter to you, I have the honour to place my services at Your disposal should they be required, at any theme by your to explain any position of Major Pritchard's letter which may not be quite clear to you.

I have the honour to be, Sir, Your obedient servant.—*J. Ehiefeldt*, captain. Officer in Charge post. Namakunde.

Está conforme:—Comando militar dos territórios do Baixo Cuneue, em 16 de Setembro de 1915,

O comandante militar, *J. Pires Viegas*, major de infantaria n.º 17.

N.º 40

Portaria

Tendo sido reocupado o território do Humbe, Cuamato e Évale e tendo sido feita a ocupação de território do Cuanhama, o que impõe desde já a tarefa difícil e importantíssima da pacificação daqueles territórios, sem a qual todos os esforços feitos resultam inúteis;

Atendendo a que os territórios acima referidos não podem deixar de estar sob regime de administração excepcional, completamente fora da rigidez da legislação em vigor em territórios já pacificados;

Considerando que é altamente prejudicial e desmoralizadora a publicação de regulamentos inviáveis e ine-

xequíveis em territórios nas circunstâncias em que se encontram aqueles acima referidos, cuja administração deve mais ser regulada por medidas de ocasião, baseadas num são critério, do que em regulamentos que, por emquanto, ali se não podem executar;

Considerando que é necessário dar a mais rasgada iniciativa e as mais largas atribuições ao funcionário a quem fôr confiada a administração daqueles territórios:

Hei por conveniente determinar que seja organizado o território militar do baixo Cunene, observando-se na sua administração as disposições que abaixo se seguem.

Cumpra-se. — *Pereira de Eça*, general.

Organização militar do território do baixo Cunene (Ovampo)

Disposições gerais

1.º O território militar do baixo Cunene é constituído pelas regiões do Humbe, Cuamato, Cuanhama e Évale, e é dividido em zonas militares e estas em sectores militares.

§ único. São desde já constituídas as zonas militares do Humbe, Cuamato, Cuanhama e Évale, sendo a sede do comando do território militar na zona do Cuanhama.

A divisão das zonas em sectores compete ao comandante do território militar.

2.º O território militar do baixo Cunene é administrado por um oficial superior do exército, unicamente subordinado ao Governador Geral da província de Angola, e que é o comandante do território militar.

§ único. O comandante do território militar, no exercício das suas atribuições, tem a maior latitude, devendo pôr-se de parte a legislação rígida e formalista, que não é adequada a povos nas condições dos que habitam o território, e tomar principalmente em consideração os costumes, guiando-se por um bom critério e um elevado patriotismo na sua maneira de administrar.

3.º O comandante do território militar terá imediatamente debaixo das suas ordens os seguintes oficiais: um capitão ou subalerno de qualquer arma, que será o ajudante e secretário do comando do território; um capitão ou subalerno de qualquer arma ou do serviço de administração militar, que será o tesoureiro do Conselho; um capitão ou subalerno do serviço de administração militar, que será o secretário do Conselho administrativo.

§ único. À medida que o território se fôr desenvolvendo, e as circunstâncias o impuserem, o comandante do território militar do baixo Cunene proporá ao Governo Geral a nomeação dos officiaes que a criação de novos serviços exigir.

4.º As tropas da guarnição do território militar serão europeus e indígenas.

As tropas europeias serão: infantaria montada; artilharia de montanha ou artilharia ligeira de campanha e metralhadoras.

As tropas indígenas serão infantaria.

§ único. O comandante do território proporá desde já qual o efectivo das unidades que devem constituir definitivamente a guarnição.

5.º O serviço de saúde do território militar será desempenhado por três médicos do exército da metrópole ou do quadro de saúde da provincia, sendo o mais graduado ou antigo o chefe do serviço de saúde.

Serão montados os hospitais e enfermarias que forem julgados necessários, aproveitando-se o material de serviço de saúde à disposição das forças expedicionárias ao Sul de Angola.

6.º Para o serviço de abastecimentos será pôsto à disposição do comandante do território militar o número de viaturas que fôr necessário, aproveitando-se os solípedes, os carros, arreios, camelos e camiões ao serviço das forças expedicionárias ao Sul de Angola.

§ único. Para regularidade do serviço de camiões é organizada em diploma especial a companhia de camiões.

7.º Os vencimentos do comandante do território militar serão todos os da sua patente, como se estivesse em serviço efectivo no exército da metrópole, e mais a gratificação mensal de 300 escudos.

8.º Enquanto a guarnição do território fôr constituída por tropas do corpo expedicionário do sul de Angola, tem direito aos seus vencimentos durante as operações e mais aos seguintes:

Aos officiaes e sargentos a importância da ajuda de custo.

As mais praças \$05 diários de gratificação.

9.º Enquanto não forem rendidas por tropas de guarnição da provincia as tropas indígenas serão constituídas por uma companhia de Moçambique, tendo direito aos vencimentos que recebiam durante as operações.

Ação política

10.º Ao comandante do território militar compete dirigir a acção política, orientando os comandantes de zona ou de sector de forma que haja a indispensável unidade de acção.

11.º Para a mais eficaz acção política torna-se necessário:

a) Percorrer o território com frequência para ajuizar do espirito dos habitantes, dos seus costumes, das suas tendências, tendo sempre em vista que uma boa acção política resulta do conhecimento do país e dos seus habitantes;

b) Procurar conhecer as rivalidades entre os diferentes povos, aproveitando-as, já opondo uns aos outros, já apoiando se nuns para subjugar os outros;

c) Ter em atenção que o elemento essencialmente prejudicial são os chefes grandes, convindo portanto acabar com eles, destruir-lhes o prestígio e constituir núcleos pequenos sob a direcção de chefes que possam merecer confiança e que deverão ser muito vigiados;

d) Aproveitar todos os elementos locais que possam ser úteis, investindo-os em autoridades indígenas, inspirando-lhes confiança, mas exercendo sobre elles toda a vigilância;

e) Respeitar os costumes e proceder rigorosamente contra todos aqueles que não respeitarem esse costume.

12.º Os comandantes de zonas e sectores militares deverão exercer a mais eficaz acção política na zona ou sector que comandam, inspirando sempre o seu modo de proceder na orientação geral dada pelo comandante do território.

Ação militar

13.º Ao comandante do território militar compete exercer o comando superior das tropas da guarnição, e tem a competência disciplinar do general comandante da divisão.

14.º Compete ao comandante do território militar:

a) Exercer o comando a que se refere o número anterior, orientando a acção dos comandantes de zona e sectores de modo que haja uma verdadeira unidade de acção.

b) Organizar a rede de segurança tendo em vista que a disseminação de forças é sempre prejudicial.

c) Considerar as propostas que lhe sejam apresentadas, sobre a organização defensiva, pelos comandantes de sector ou de zona;

d) Aproveitar as aptidões especiais das praças, como operários e como agricultores, fazendo-lhes ver a grande influência que a acção e a direcção deles pode ter sobre a civilização do indígena e sobre o desenvolvimento do território;

e) Organizar e preparar todos os projectos de operações que haja necessidade de executar.

15.º A acção militar, depois da conquista ou reocupação, deve fazer-se sentir de modo diferente, conforme os indígenas se apresentam em cada zona, em cada sector;

a) Se ficam apenas pequenos agrupamentos rebeldes, basta, em geral, organizar em cada zona ou sector um posto forte de onde saiam patrulhas montadas com efectivo conveniente para manter a ordem e a segurança. Em caso de absoluta necessidade podem organizar-se pequenos postos provisórios, que poderão ir avançando; nesta maneira de proceder deve haver toda a prudência a fim de se não disseminarem as forças;

b) Se os bandos rebeldes têm uma certa importância, a maneira de os subjugar é pela marcha de colunas dotadas de grande mobilidade, acompanhadas de pequeno impedimento, a fim de operarem com rapidez e energia. O emprêgo destas colunas impõe a necessidade de se não disseminarem forças em postos de pequeno valor.

16.º Os comandantes de zona e sector na área do território sob o seu comando exercem o comando das forças que constituem a guarnição e têm a competência disciplinar seguinte:

§ 1.º Os comandantes têm a competência disciplinar do coronel comandante do regimento.

§ 2.º A competência disciplinar do comandante de sector será a que fôr determinada pelo comandante do território militar, conforme a graduação do comandante, o efectivo da guarnição, e qualquer outras circunstâncias que o comandante do território militar tenha a considerar.

Ação administrativa

17.º A acção administrativa é orientada pelo comandante do território, competindo mais especialmente aos comandantes de zona e de sector a execução de medidas

necessárias para se realizar o pensamento do comandante do território e portanto as suas ordens.

18.º Na acção administrativa deve ter-se em atenção o seguinte:

a) Promover o repovoamento das povoações que tenham sido abandonadas;

b) Procurar fundar novas povoações nos arredores do local, sede de zona ou sector;

c) Mandar abrir estradas, tendo em atenção que se prestem a via automóvel;

d) Regularizar e prover ao abastecimento da água;

e) Estabelecer comunicações telegráficas e telefónicas;

f) Promover o estabelecimento de feiras e mercados;

g) Regular o trabalho indígena remunerado e o que fôr imposto como medida correccional, tendo em atenção que a pena de prisão para o indígena tem como efeito o trabalho durante o tempo de prisão;

h) Facilitar o angariamento de serviçais, tanto para o trabalho na zona ou sector como para qualquer parte da província e ainda para a ilha de S. Tomé, tendo em vista a influência civilizadora que resulta do trabalho, como ainda a vantagem económica para a província que resulta do trabalho em S. Tomé;

i) Valorizar o território debaixo do ponto de vista agrícola;

j) Promover por todos os modos e desenvolver a criação de gados, estabelecer mercados para este fim, fazendo ver ao indígena a vantagem que resulta da exportação;

k) Promover por todos os modos o desenvolvimento e a civilização dos povos, adoçando quanto possível os costumes.

19.º Os comandantes de zona e de sector deverão ter em muita atenção o aproveitamento da aptidão das praças, fazendo-lhes sentir que o soldado colonial não é só um elemento de força, é também um elemento de civilização.

Acção de justiça

20.º O comandante do território militar e o administrador da justiça na área do território, delegará os seus poderes nos comandantes de zona e de sector do modo que achar mais conveniente para a rápida resolução das questões.

21.º Na administração da justiça o comandante do

território militar inspirar-se há principalmente nos costumes, devendo a sua acção procurar adoçar esse costume com um fim civilizador.

Deve ter-se em atenção que, em povos de civilização rudimentar, não pode executar-se a lei geral, rígida e formalista, dos povos civilizados, nem tam pouco as exigências burocráticas que exigem delongas.

O comandante do território militar deverá ter sempre em atenção que o indígena tem uma noção simplista e brutal da justiça, e que um espírito justo tem alta influencia sobre os indígenas.

22.º As questões entre indígenas deverão ser tratadas e resolvidas pelos chefes indígenas, havendo recurso para o comandante de zona ou sector e ainda em última instância para o comandante do território militar.

As questões entre indígenas e europeus serão resolvidas pelo comandante de zona ou sector, havendo recurso em última instância para o comandante do território militar.

23.º Os crimes, delitos ou transgressões praticados por europeus serão julgados nos termos da lei geral, na comarca da Hulla, competindo às autoridades militares proceder ao levantamento do auto de investigação, que será enviado ao tribunal competente.

§ único. O comandante do território militar pode expulsar do território todo e qualquer europeu, cuja permanência no território seja julgada prejudicial à administração do território, embora não previsto e punível na lei geral.

Administração financeira

24.º Enquanto o território estiver num regime especial de administração em que se deve permitir a maior simplicidade nos processos de administração financeira, compete a um conselho administrativo presidido pelo comandante do território e de que fazem parte o tesoureiro e o secretário.

§ único. Em cada sector ou zona (se assim fôr julgado necessário) haverá um conselho eventual composto do comandante da força e de mais dois oficiais. Se as circunstâncias o indicarem, a administração ficará a cargo do comandante das forças de guarnição na zona ou sector.

25.º Quando qualquer resolução do conselho administrativo não fôr de harmonia com o parecer do presidente,

tem este o direito de mandar executar segundo seu parecer, lavrando-se neste caso uma acta que será enviada ao governador geral da província para resolver sôbre o incidente.

26.º Todos os membros do conselho administrativo são claviculários do cofre.

27.º Compete ao conselho administrativo :

- a) Fixar as receitas do território ;
- b) Fixar as despesas ;
- c) Formular o orçamento de previsão ;
- d) Fazer quaisquer transferências de verba no orçamento de previsão.
- e) Fazer o registo de todos os valores pertencentes ao Governo tanto de natureza militar como de carácter civil.

28.º As receitas do território são provenientes :

- a) Do imposto de cubata ;
- b) Das taxas de licença para exercício de comércio e indústria ;
- c) Das importâncias que eventualmente dêem entrada no cofre, tais como receitas de explorações agrícolas, de criação de gados, de multas, etc.

29.º O imposto de cubata deverá ser fixado pelo conselho administrativo e poderá ser pago em dinheiro, gado ou qualquer outro produto agrícola da região.

§ 1.º O imposto de cubata deverá ser recebido pelo chefe indígena, que o entregará no comando da zona ou sector correspondente, recebendo uma percentagem fixada pelo conselho administrativo do território.

§ 2.º A percentagem deverá ser fixada todos os anos.

§ 3.º O arrolamento das cubatas será feito em cada zona ou sector conforme fôr determinado pelo comandante do território, devendo os indígenas encarregados destes serviços receber uma gratificação fixada pelo conselho administrativo.

30.º As taxas de licença para comércio e indústria serão fixadas pelo conselho administrativo do território, devendo ter-se em vista que as taxas de licença para estabelecimentos comerciais na sede da zona, sector ou ainda posto militar devem ser moderadas, e as que forem para estabelecimentos a mais de cinco quilómetros devem ser muito fortes, bem como as exigidas aos vendedores ambulantes.

31.º Enquanto o comando do território militar não tiver cobrado receita e bem assim para as despesas de

instalação, será um suprimento saído do orçamento da província, observando-se as disposições regulamentares a este respeito.

32.º O comandante do território militar montará a escrituração do conselho administrativo de modo que a escrituração seja simples, clara e de fácil fiscalização.

33.º Mensalmente será presente ao conselho administrativo do território a conta corrente das receitas e despesas das zonas e sectores, e trimestralmente o conselho administrativo organizará a sua conta corrente, que será enviada ao governador geral da província.—O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

N.º 40-A

**Projecto de occupação do território militar
do Baixo Cunene**

Comando do

Cuanhama
 2 companhias europeias (m).
 16.ª companhia indígena
 2 1/2 pelotões do 2.º esquadrão de dragões
 Bateria de artilharia de montanha.
 8 metralhadoras
 4 peças 8 cm. P.

Balunganga
 { 1 pelotão da companhia europeia.
 1 metralhadora.
 2 pelotões da companhia europeia.
 1 pelotão da companhia indígena.
 Bateria de montanha.
 2 peças 8 cm. P.
 3 metralhadoras.
 1 pelotão de cavalaria.
 Ompondia (Namacude)
 { 1 pelotão da companhia europeia.
 1 pelotão de cavalaria.
 1 metralhadora.
 Ombunda.
 { 1 pelotão da companhia indígena.
 1/2 pelotão de cavalaria.
 Sede.
 { 2 peças.
 1 1/2 pelotão da companhia europeia.
 2 metralhadoras.
 Caju.
 { 1 companhia europeia (m).
 2 metralhadoras
 2 peças 8 cm. P.
 Cafima.
 { 1/2 pelotão da companhia europeia.
 1/2 pelotão da companhia europeia.
 Ponto de ligação à N'giva.
 { 1/2 pelotão da companhia europeia.

Nota (m) — Quere dizer com efectivo vindo da metrópole.

| | |
|---|---|
| Distrito da Huila | |
| Lubango | { 2 pelotões do 1.º esquadrão de dragões. 1 companhia a criar menos 1 pelotão. 5.ª companhia de depósito. |
| Chibia | — 1 pelotão da companhia a criar. |
| Gambos | { 1 companhia europeia menos 1 pelotão. 2 peças 8 cm. P. |
| Pocolo | — 1 pelotão da 1.ª companhia europeia. |
| Comando do Alto Cunene | |
| Sede — Capelongo | |
| 14.ª companhia indígena | Quipungo — 1/2 pelotão de infantaria e 1 oficial. |
| 3.ª secção de artilharia | Mulondo { 1 pelotão de infantaria. 2 metralhadoras. |
| 2 metralhadoras | Cassinga — 1/2 pelotão de infantaria e 1 oficial. |
| | Capelongo { 1 pelotão de infantaria. 3.ª secção de artilharia. |
| Comando do Lubango | |
| Sede no Cungar | |
| 15.ª companhia indígena | Pôsto A — 1 pelotão de infantaria. |
| 4.ª secção de artilharia | Dirico — 1 pelotão de cavalaria. |
| 1 pelotão do 1.º esquadrão de dragões | Cuangar { 2 pelotões de infantaria. 4.ª secção de artilharia. |

N.º 41

Comando superior. — N'giva — 5 de Setembro de 1915, às 13 horas — Ao sr. comandante da coluna da N'giva. — S. Ex.ª o general encarrega-me de comunicar a V. Ex.ª, para ser publicado em ordem à coluna do seu mui digno comando :

a) Que louva V. Ex.ª e o seu chefe do estado maior pela muita inteligência, dedicação e actividade que, mais uma vez, demonstraram na preparação e execução das operações realizadas pela coluna da N'giva ;

b) Que louva os Srs. oficiais e as praças que constituíram a mesma coluna pelas demonstrações que constantemente deram de patriotismo, mais uma vez, sofrendo com a maior resignação as privações bem duras inerentes às marchas em Africa, a uma grande distância da base de operações e com grande falta de água ; e igualmente louva o Sr. chefe do serviço de saúde, e os oficiais e praças do mesmo serviço, pela muito inteligência, dedicação e zêlo com que trataram os doentes e feridos durante o período de marchas, estacionamentos e combates e pela forma perfeita e cuidada com que foi feito o serviço de evacuação de doentes e feridos e de distribuição de socorros médicos pelos postos de ocupação ;

c) Que o comando da coluna da N'giva fica encarregado de dirigir o serviço de evacuação das tropas pela seguinte ordem :

1. Quartel general do comando superior.
2. Batalhão de marinha.
3. Auxiliares.
4. Tropas de artilharia, cavalaria, condutores e quaisquer outras praças que não fiquem provisoriamente na ocupação.

5. Quartel general da coluna da N'giva ;

d) Que é criado o comando do território militar do Baixo Cunene, constituído pelas regiões do Evale, Cuanhama e Cuamato, tendo-a sede na N'giva e regulando-se por instruções que vão ser publicadas em portaria ;

e) Que é nomeado comandante do referido território o Sr. major de infantaria n.º 17, João dos Santos Pires Viegas ;

f) Que à disposição d'este official ficam, até chegarem as tropas urgentemente requisitadas para guarnição do referido território militar :

1. Todo o batalhão de infantaria n.º 17.

2. Todas as fôrças que occupam os postos do Evale, Cuanhama e Cuamato, com excepção da guarnição do posto de Oxinde, que, logo que seja possível, será evacuada e substituída por uma companhia de infantaria n.º 17.

3. Pelas peças de artilharia e respectivas guarnições que fizeram parte da coluna da N'giva enquanto não forem substituídas pelo material e pessoal requisitados à metrópole.

4. Pelas metralhadoras e respectivas guarnições em circunstâncias análogas.

5. Por um forte pelotão de cavalaria constituído pelos cavalos do esquadrão de cavalaria n.º 4.

6. Pelos condenados que constituíram a brigada de trabalhadores da coluna da N'giva;

g) Que ao pessoal que fica provisóriamente na occupação são mantidos os vencimentos como expedicionário e são abonados mais os seguintes:

Aos Srs. officiaes e sargentos a ajuda de custo;

Aos cabos e soldados a gratificação diária de \$05;

h) Que o Sr. comandante do território militar do Baixo Cunene proporá os vencimentos ou gratificações a arbitrar a um intérprete, aos condenados ou a qualquer outro pessoal que venha a fazer serviço sob as suas ordens;

i) Que todos os carros alentejanos com o respectivo gado, que fizeram parte da coluna, ficam à disposição do referido comandante;

j)* Que o subsidio diário de \$60 mandado abonar aos Srs. officiaes para alojamento seja extensivo aos que tomaram parte nas operações e aos que ficarem na occupação de modo que todos estes officiaes não fiquem prejudicados em relação aos seus camaradas que não tiveram occasião de tomar parte nas operações;

k) Que no serviço de evacuação das tropas se utilizem, sempre que seja possível, os automóveis de retorno;

l) Que esta evacuação seja dirigida sobre o Lubango, onde será feita toda a liquidação de vencimentos;

m) Que a sede do comando do território militar do Baixo Cunene seja na embala do soba Mandume e que a missão que lhe fica próxima seja aproveitada para enfermaria e quartel de uma companhia de infantaria 17, ficando a enfermaria na capela e sendo a água da cacimba existente na missão especialmente destinada à enfermaria, podendo o excedente, se o houver, ser apro-

veitado como; o comandante do território julgar conveniente;

n) Que logo que o esquadrão de dragões tenha os cavalos em condições, realize-se o reconhecimento da linha N'giva, Forte do Cuamato, voltando à N'giva e indo depois a guardar ordens no Cafu;

o) Que, logo que este reconhecimento esteja efectuado, o Sr. comandante do território militar do Baixo Cunene mande estabelecer um pôsto no local da referida linha que lhe pareça mais apropriado;

p) Que, nas nomeações a fazer para as unidades, formações, ou guarnições que provisoriamente ficam na occupação, se prefiram os voluntários e, caso não appareçam, se observem os preceitos regulamentares;

q) Que o Sr. comandante do território militar do Baixo Cunene acumula as suas funções com as de comandante de batalhão de infantaria n.º 17 até o momento em que esta unidade foi evacuada, e tem desde já os seguintes vencimentos:

1. Os vencimentos da sua patente.

2. A gratificação mensal de 300\$.

O Chefe do Estado Maior, *João Ortigão Peres*, tenente-coronel.

N.º 42

Portaria

Considerando que a posse do território do S. W. africano (Damaraland) por parte do govêrno da União Sul Africana trouxe consigo a necessidade de estabelecer relações políticas entre o govêrno da provincia e govêrno da União embora estas relações sejam *ad referendum* do Govêrno da metrópole;

Considerando que a zona litigiosa na delimitação da fronteira sul da provincia de Angola com o território da Damaraland continue no *statu quo* até que as negociações entre o Govêrno Português e o Govêrno de S. M. Britânica resolvam definitivamente;

Considerando as solicitações feitas amigavelmente pelo chefe dos serviços indígenas no território da União Sul Africana, relativamente à resolução de questões indígenas no território da zona litigiosa;

Considerando que o território do Cuanhama foi ocupado pela força das armas:

Hei por conveniente determina o seguinte:

1.º As questões indígenas no território da zona litigiosa da fronteira sul da província são tratadas de comum acôrdo entre um delegado da província e um delegado do govêrno da União Sul Africana.

2.º O delegado português tem para residência Namakunde no território do Cuanhama.

3.º Ésse delegado official do exêrcito, tem o vencimento da sua patente como official destacado e mais a gratificação de 100\$ mensais para despesas de representação.

4.º É nomeado delegado do govêrno da província para tratar dos negócios indígenas na zona litigiosa o tenente de cavalaria, Roque Artur de Melo Fonseca de Aguiar.

Cumpra-se.—Lubango, 16 de Setembro de 1915.—*Pereira de Eça*, general.

N.º 43

Comando militar da base de operações no Humbe

Relatório de operações do comandante da Base, no período decorrido de 10 de Agosto a 5 de Setembro de 1915.

Assumi o comando da base de operações no Humbe no dia 10 de Agosto de 1915.

Instalei-me na fortaleza com as 11.^a e 12.^a companhias de infantaria n.º 19, sob os comandos, respectivamente, dos capitães Fontoura e Azevedo e na força total, aproximadamente, de 300 homens.

Mandei nomear o serviço de segurança e vigilância ao acampamento e que ficou constituído, além dos guardas às cacimbas, hospital e fortaleza, por uma guarda ao depósito de *étupes* e edificio dos correios e telégrafos, do comando dum subalterno, e por uma força também de comando do subalterno, que se conservava de piquete no recinto da fortaleza, desde o toque de retrete ao toque da alvorada do dia seguinte. Estas guardas eram rondadas durante a noite por um official escalado para ronda.

No dia 11 fui chamado a conferenciar com o Sr. chefe do estado maior do comando superior, assistindo a essa conferência S. Ex.^a o General e o Sr. chefe de estado maior de *étapes*.

Recebi instruções sobre os serviços a meu cargo e ficou assente que se constituíssem duas testas de ponte, uma no forte Roçadas e outra no vau de Chimbua.

Lembrei nessa conferência a conveniência de se mandarem, da retaguarda para o Humbe, uma divisão de artilharia de montanha e duas metralhadoras, aumentando assim os recursos em material e pessoal da base de operações.

Pelo Sr. chefe de estado maior foi-me, porém, observado, que não havia necessidade dêsse material no Humbe, visto a região estar pacificada e que, além disso, não podia desviar do serviço de abastecimentos camiões para tal fim.

Não insisti sobre este assunto, não fôsse alguém julgar que essa insistência derivava de qualquer receio, ou preocupação pela minha segurança pessoal.

(Mais tarde, reconheceu-se, porém, que a assistência dêsse material no Humbe grandes serviços teria prestado à coluna, pois que, só com os seus recursos, poderia a base ter tentado com todas as probabilidades de êxito, o restabelecimento das comunicações interrompidas).

No dia 12 marcharam aos seus destinos as colunas do Cuanhama e Cuamato.

Em 13 instalavam-se no Forte Roçadas e no Vau da Chimbua, dois destacamentos de infantaria 19 de comando de subalternos, tendo os respectivos comandantes como missão, especial, o dirigirem a construção de pontes sobre o Cunene, que permitissem a passagem da artilharia e dos camiões.

No dia 16 deu-se um pequeno incidente com o Sr. chefe do estado maior de *étapes*, que aqui convém frisar.

Em virtude duma queixa apresentada no comando por dois pretos ao serviço das oficinas, que tinham sido roubados e atacados por gentio armado nas proximidades do acampamento, resolveu-se, de acôrdo com o Sr. chefe do estado maior, raziar a região, lembrando até este senhor a conveniência de fazer acompanhar a força nomeada para tal fim por uns homens a cavalo sob a direcção do Sr. tenente Moura Borges.

Assim se fez, mas, na manhã de 16, quando a força já estava formada e eu a cavalo para a acompanhar, chegou-se ao pé de mim o Sr. chefe do estado maior e observou-me que aquela missão excedia um pouco as atribuições do comando da base!

Pasmei de tal observação — como era natural depois do que na véspera se tinha combinado — e, não só por achar essa observação tardia mas principalmente por não concordar com ela, visto que era missão do comandante da base, vigiar pela segurança dos depósitos — adoptando as providências conducentes a tal fim —, assegurar os abastecimentos e manter as comunicações com as forças em operações, segui com a coluna composta de 78 praças de infantaria sob o comando do Sr. capitão Azevedo e 10 homens montados em muares sob a direcção do Sr. tenente Moura Borges. Do desempenho da missão desta coluna enviei relatório ao comando superior.

No dia 18 pelas 17 horas, chegou ao acampamento do Humbe o Sr. alferes de infantaria n.º 17, Andrade, com as seguintes informações:

Que no dia 17 a coluna do Cuanhama tinha chegado à Mongua, acampando nas proximidades das cacimbas (a 400 metros, pouco mais ou menos);

Que a companhia de landins, que tinha sido encarregada de ocupar as cacimbas, tinha sido repelida pelo gentio com algumas perdas;

Que nesse dia tinha sido atacado o quadrado, mas que o inimigo tinha sido repellido depois de uma carga de cavalaria, em que morreu o alferes Damião;

Que no dia 18 tinha havido novo ataque, mais violento que o de 17, tendo ficado feridos mais ou menos gravemente, 6 oficiais;

Finalmente, que tendo saído do quadrado quando ainda se fazia fogo, vinha encarregado da missão de conduzir para a coluna, com urgência, munições — preferindo as de artilharia —, água, forragens e víveres.

Marchou nessa mesma noite com dois camiões, levando as munições de que podíamos dispor e entregando-se-lhe simplesmente 30 granadas explosivas 7,5 por não haver mais na base de operações. Conduziu também alguns víveres e forragens.

Este official deixou a melhor das impressões a todos que apreciaram a sua serenidade, tanto no relato dos acontecimentos, como à safda dos camiões que escoltava. É um valente e brioso official!

Deu-se ordem para marchar nessa mesma noite um combóio de camiões com mais víveres, forragens e água, sendo confiado o comando dêsse combóio ao sr. alferes de infantaria 14, Miguel Ponees.

Na noite do dia 19 tínhamos, porém, conhecimento de que êsse combóio não tinha podido avançar por ter sido atacado, morrendo nesse ataque um ajudante de *chauffeur* e 3 praças de infantaria 17, que faziam parte da escolta e perdendo-se, além disso, 6 dos 13 camiões que faziam parte do combóio. Estavam interrompidas as comunicações da base com a coluna do Cuanhama!

No dia 20 recebia-se uma comunicação do comando superior, dirigida ao sr. chefe do estado maior de *étapes*, em que se expunha a situação da coluna, que se reputava difícil devido à falta de abastecimentos e ordenava que se enviasse essa comunicação às colunas do Cuamato e Evale, lembrando a conveniência de que a coluna do Cuamato fizesse uma demonstração sôbre a N'giva.

Ordenava também que se providenciasse para que todo o gado já enviado para a retaguarda voltasse a aproximar-se da base de operações.

Enviaram-se todas estas ordens, sendo o sr. alferes Chaves, ao serviço dos camiões, o encarregado de levar essas comunicações à coluna do Cuamato.

Na manhã dêste dia, dirigi-me a Vau da Chimbua, a fim de melhor me informar sôbre o acontecido, visto que as primeiras comunicações tinham sido recebidas pelo telefone, que funcionava mal.

Voltei ao Humbe acompanhado pelo sr. alferes Ponees.

Procurei o sr. chefe do estado maior de *étapes* e disse-lhe que eu era de opinião que se devia tentar imediatamente o restabelecimento das comunicações, marchando do Humbe um combóio de camiões escoltado por 100 praças de infantaria e pela metralhadora da escolta do sr. alferes Ponees.

O sr. chefe de estado maior foi de opinião contrária, dizendo que não podíamos afastar do Humbe essa força, por ser indispensável para a guarda do depósito.

Não podendo chegar a acôrdo, alvitrou o sr. tenente Santos Correia que se convocasse um conselho de officiais. Anui, e convoquei os srs. capitão Borges, director do serviço postal militar, capitães Fontoura e Azevedo, de infantaria 19, reunindo o conselho na barraca do sr. tenente Santos Correia. A êste conselho assistiu o sr.

alferes Miguel Ponces, comandante do combóio atacado, como informador dos acontecimentos.

Expus a situação ao conselho e, ouvindo em seguida a opinião dos oficiais que o compunham, todos concordaram em que as forças de que dispúnhamos eram insuficientes e que devíamos aguardar os socorros das outras colunas. O sr. capitão Borges, declarou que só expunha a sua opinião por escrito, mas, no decorrer da discussão, claramente manifestou que era esta também a sua opinião.

Nesta altura, sustentei eu a minha opinião, de que, independentemente e sem prejuízo da acção das colunas do Cuamato e Evale, que então ainda ignorávamos as suas resoluções, devia marchar do Humbe um combóio de camiões com uma escolta de 100 homens e, aproveitando a metralhadora que tinha vindo no combóio atacado, ir até à Chana, onde tinha ficado num camião carregado de géneros e o qual, segundo o sr. alferes Ponces informava, ainda não tinha sido atacado, levando-nos por isso à convicção de que os Cuanhamas ainda não tinham chegado a essa Chana.

Aí devia a escolta aprear-se e, avançando com as precauções devidas, tentar forçar a passagem na Chana onde o combóio tinha sido atacado.

Se o conseguisse, resolvido estava o problema; se fôsse repelida, os camiões retirariam imediatamente e a escolta agüentaria o gentio, fazendo a sua retirada para a Chimbua.

Declarei que era meu propósito tomar o comando dessa escolta. Este propósito não envolvia qualquer dúvida ou menos aprêço ao valor, brio e aptidões militares dos meus camaradas presentes, mas que o mantinha porque julgava ser êsse um dever do comando, dar o exemplo do sacrificio, e que por principio algum eu desejaria impor êsses sacrificios a camaradas meus não compartilhando dêles.

Que o restabelecimento das communicações se impunha e que não podia suportar a situação comodista de resignadamente estar à espera dos acontecimentos, quando tantos nossos camaradas se encontravam numa situação difficil. A salvação de 2:500 homens e o prestígio da nossa bandeira mereciam bem o sacrificio de 100 vidas.

Isto é textual.

Observei-lhes ainda que o voto do conselho era meramente consultivo, mas que, tomando-o na devida consi-

deração, transigia com a opinião dos srs. oficiais até o seguinte ponto :

Que fôsse enviado ao encontro da coluna do Cuamato um official, que podia ser o sr. capitão Borges, e que estaria de regresso à noite. Que êsse sr. official daria conhecimento à coluna da situação e tomaria conhecimento das resoluções tomadas. Se a coluna do Cuamato pudesse de pronto acudir à situação, desistiria do meu propósito; no caso contrário, eu marcharia no dia seguinte com o combóio, assumindo por completo todas as responsabilidades dessa resolução.

Concordando o conselho com esta orientação, desistiu-se de lavrar a acta, que eu também tinha proposto se fizesse, embora êste facto pudesse levantar acalorada discussão, visto o sr. chefe de estado maior de *étapes*, official menos graduado dos presentes, ter declarado não poder desempenhar essas funções por representar ali S. Ex.^a o general !

Pelas 18 horas, estava de regresso ao Cuamato o Sr. capitão Borges, que nos informou das resoluções tomadas pela coluna e nos deu a agradável noticia de que, pelas 6 horas do dia seguinte, essa coluna devia chegar ao forte Roçadas.

Na manhã do dia 21, dirigi-me, com o sr. chefe de estado maior de *étapes*, ao encontro da coluna, que chegou ao forte Roçadas um pouco mais tarde da hora marcada, devido ao cansaço do gado, que difficilmente vinha suportando a falta de água.

Falando com o sr. coronel Veríssimo, comandante da coluna, e com o sr. capitão Mascarenhas, chefe de estado maior, tive o prazer de constatar que essa coluna trazia já uma orientação definida. O sr. capitão Mascarenhas expôs o plano de campanha com uma tal firmeza e clareza, que me deixou desde logo a impressão de que S. Ex.^a estava seguro do resultado e que contava com o patriotismo e disciplina das suas tropas, para obter delas o esforço excepcional que lhes ia exigir.

Disse o sr. capitão Mascarenhas que tinham desistido da demonstração sôbre a N'giva, como tinha sido alvitado pelo comando superior, porque receava ver-se collocado na mesma situação da outra coluna, visto que a gente principal do Cuamato ali se tinha refugiado e que, por consequência, entendia que se devia marchar sôbre o Vau da Chimbua, onde acamparia nessa mesma noite.

Que dali marcharia então em direcção à coluna do

Cuanhama, tendo o cuidado de assegurar as comunicações com o estabelecimento de postos e que o combóio de reabastecimentos devia marchar na retaguarda da coluna, passando à sua frente só no segundo dia de marcha, isto é, a coluna do Cuanhama devia ser abastecida no dia 23.

Assim se executou.

Ainda neste dia, a requisição do sr. chefe de estado maior da coluna do Cuamato, mandei apresentar nesta coluna 150 praças de infantaria 19, sob o comando do sr. capitão Azevedo.

Da requisição desta força teve conhecimento o sr. chefe de estado maior de *étapes*, não só porque estava no forte Roçadas quando o sr. capitão Mascarenhas me fez a requisição pelo telefone, mas porque, inclusivamente, assistiu à sua partida do Humbe para a Chimbuá, em camiões, os quais por S. Ex.^a foi ordenado que fôsem postos à minha disposição para tal fim. Pois bem: no dia 22, quando se chegou a recear que o gentio do Humbe tentasse um ataque ao depósito de *étapes*, S. Ex.^a, que parece sofrer duma amnésia de certa gravidade, o que deveras lastimo, observava-me que «se o tivesse consultado, êle não aprovaria o fornecimento daquela força». Isto é espantoso, mas é assim.

No dia 21 à noite chegou ao acampamento o sr. tenente Roma, de infantaria 19, que nos deu noticias desenvolvidas do combate do dia 20 e como tivesse conseguido passar com o seu camião no ponto onde o combóio do alferes Ponces tinha sido atacado, deu-nos a todos a esperança de que as dificuldades tivessem terminado.

No dia 23 tivemos noticia de que o combóio de abastecimentos, que tinha passado à frente da coluna do socorro, não tinha conseguido passar.

Voltaram as inquietações.

No dia 25 era, porém, recebida com alegria a noticia de que a coluna do Cuamato tinha avançado até o quadrado, tendo repellido o inimigo, desobstruído o caminho e perdendo simplesmente duas muares, que foram mortas pelas balas do gentio.

Parece-me oportuno apreciar nesta altura a minha situação neste comando.

Pesando sobre mim graves responsabilidades, que seriam tremendas no caso de um desastre, principalmente antes da chegada da coluna do Cuamato, pois continuo

a manter a opinião de que alguma cousa se deveria ter tentado com as forças de que dispunha, pelo menos um reconhecimento ofensivo, isto sem prejuízo da acção das colunas que vinham em nosso socorro, antes pelo contrário, podendo então prestar-lhes esclarecimentos de grande utilidade para o seu avanço, não me foi dada a mínima iniciativa.

O comando superior dirigia todas as comunicações ao chefe do estado maior de *étapes* e era para elle que apelava e pedia providências nas situações difíceis!

O comandante militar do Humbe ficou sendo, portanto, uma espécie de cabeça de turco.

Só a gravidade das circunstâncias e o amor que tenho ao meu pobre país me obrigaram a suportar uma tal situação. Seja tudo pró Pátria!

Desde o dia 25 até a entrada das nossas tropas na N'giva, tudo correu normalmente e sem incidentes de maior importância.

O sr. chefe do estado maior de *étapes* mudou a sua residência para o Vau da Chimbua, estabelecendo ali a sua base de abastecimentos.

Com as suas tendências absorventes, pretendeu impor-me que às forças que transitou da frente para a retaguarda, fôsem passados itinerários pela via ordinária, quando é certo os camiões de retorno passavam pela Chimbua vazios, chegando mesmo a passar de itinerário a uma força que da Mongua se dirigia para o Humbe e que, pela via ordinária, mandava seguir para o Lubango!

Opus-me, como era natural, e comuniquei o facto ao comando superior, seguindo essa força, mais tarde, em carros alentejanos e utilizando um carro boer que se dirigia para o Lubango. Não obtive resposta à minha exposição, mas, dali para o futuro, os camiões continuaram a ser utilizados na evacuação de tropas.

Comando militar da base de operações no Humbe, 4 de Outubro de 1915.— O comandante militar, *Jorge Frederico Velez Caroço*, capitão.

The first part of the paper is devoted to a general
 introduction of the subject. It is shown that the
 theory of the present paper is a natural
 extension of the theory of the previous
 paper. The second part is devoted to the
 study of the properties of the
 functions which are defined in the
 first part. It is shown that these
 functions are analytic in the
 interior of the unit circle and
 that they satisfy certain
 conditions. The third part is
 devoted to the study of the
 asymptotic behavior of the
 functions. It is shown that the
 functions approach a certain
 limit as the argument tends to
 infinity. The fourth part is
 devoted to the study of the
 connection between the
 functions and the theory of
 the previous paper. It is shown
 that the functions are closely
 related to the theory of the
 previous paper. The fifth part
 is devoted to the study of the
 applications of the theory to
 the theory of the previous
 paper. It is shown that the
 theory of the present paper
 has many applications to the
 theory of the previous paper.

N.º 44

ESTATÍSTICA DOS CORREIOS

Relativa ao movimento de Julho e Agosto

Estação Pos

Mapa estatístico da correspondência entrada

| Paquetes | Data de entrada | Data de saída | Correspondência entrada | | | | | Total |
|---|--------------------|------------------|-------------------------|---------|-----------|-----------------------------------|---------------------------|--------|
| | | | Cartas | Postais | Officinas | Avisos de cartas registadas | Jornals e Impressos | |
| Loanda | - | 2 | - | - | - | - | - | - |
| Ambaca | - | 3 | 180 | 59 | 28 | - | 52 | 319 |
| Cabo Verde | 14 | 24 | 13.138 | 1.451 | 198 | - | 939 | 15.726 |
| Beira | 14 | 14 | 45 | 6 | - | - | 2 | 53 |
| Zaire | - | 17 | - | - | - | - | - | - |
| Moçambique | 21 | 21 | 4.179 | 341 | 72 | - | 490 | 5.082 |
| Angola | 22 | 27 | 2 | - | 1 | - | 7 | 10 |
| Navios costeiros (em diversas datas) | - | - | 358 | 35 | 17 | - | 9 | 419 |
| Interior (diáriamen- te) | - | - | 2.242 | 140 | 524 | - | 39 | 2.945 |
| Total | - | - | 20.144 | 2.032 | 846 | - | 1.538 | 24.554 |

Transitou por esta estação a correspondência acima indicada, no total

Comando Superior das forças em operações, 31 de Julho de
ma, alferes de infantaria.

tal Militar

e saida nesta estação no mês de Julho de 1915

| Correspondência saída | | | | | | Observações |
|-----------------------|---------|---------|------------------------------------|---------------------------|-------|---------------------------------|
| Cartas | Postais | Ofícios | Avisos de cartas registradas | Jornais e impressos | Total | |
| 680 | 117 | 61 | - | 9 | 867 | |
| 8 | 6 | 4 | - | 3 | - | |
| 280 | 13 | 46 | - | 8 | 368 | Foi ao Sul e voltou. |
| 1.209 | 61 | 15 | - | 45 | 1.330 | |
| 198 | 53 | 16 | - | 42 | 309 | Veio do Sul. |
| 2.381 | 362 | 118 | - | 37 | 2.898 | |
| 45 | 1 | - | - | 2 | 53 | Foi ao Sul. |
| 75 | 4 | 17 | - | 8 | 104 | |
| 72 | 1 | 6 | - | 3 | 82 | Entre Loanda e Pôrto Alexandre. |
| 1.336 | 414 | 899 | - | 700 | 3.409 | |
| 6.284 | 1.037 | 1.182 | - | 917 | 9.420 | |

geral de 26.428 cartas, 3.069 postais, 2.022 officios, 2.455 jornais e impressos.

1915.— O Chefe da Estação, *Joaquim Pedro de Magalhães Ga-*

Estação Postal Mili

Mapa estatístico da correspondência entrada

| Paquetes | Data de entrada | Data de saída | Correspondência entrada | | | | |
|---|-----------------|---------------|-------------------------|---------|----------|---------|--------|
| | | | Cartas | Postais | Offícios | Jornais | Soma |
| Africa | 3 | - | 47 | 8 | 12 | 20 | 87 |
| | - | 4 | - | - | - | - | - |
| | 3 | - | 12.591 | 834 | 40 | 64 | 13.529 |
| Portugal | - | 7 (b) | - | - | - | - | - |
| | 9 | - | - | - | 9 | 18 | 27 |
| | - | 11 | - | - | - | - | - |
| Dondo | - | - | - | - | - | - | - |
| | 12 (a) | - | - | - | - | - | - |
| | 29 | 16 (b) | 10 | - | 3 | - | 13 |
| | 14 | - | 14.363 | 612 | 65 | 73 | 15.113 |
| Cazengo | - | 16 | - | - | - | - | - |
| | 18 (a) | - | - | - | - | - | - |
| | - | 18 | - | - | - | - | - |
| Ambriz | - | - | - | - | - | - | - |
| | 22 (a) | - | - | - | - | - | - |
| | - | 22 | - | - | - | - | - |
| Peninsular | 23 | - | 2.315 | 133 | 25 | 23 | 2.496 |
| Malange e Insulano | 24 | - | 23.375 | 2.852 | 132 | 1.875 | 28.234 |
| Malange | - | 25 | - | - | - | - | - |
| Moçambique | 25 | - | 4 | - | 3 | 10 | 17 |
| | - | 26 | - | - | - | - | - |
| Insulano | - | 26 | - | - | - | - | - |
| Navios costeiros (em diversas datas) . . | - | - | 93 | 12 | 7 | 9 | 121 |
| Interior (diariamente) | - | - | 2.221 | 223 | 428 | 58 | 2.930 |
| Total | - | - | 55.019 | 4.674 | 724 | 2.150 | 62.567 |

Transitou por esta estação a correspondência acima indicada, no total

Comando Superior das forças em operações, 31 de Agosto de
lhães Gama, alferes de infantaria.

(a) Não trouxe malas. (b) Não levou malas.

tar da Base Marítima

e saída nesta estação no mês de Agosto de 1915

| Correspondência saída | | | | | Observações |
|-----------------------|---------|---------|---------|--------|--------------------|
| Cartas | Postais | Ofícios | Jornais | Soma | |
| - | - | - | - | - | Vindo do Sul. |
| 15.511 | 720 | 110 | 26 | 16.367 | Para Portugal. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Portugal. |
| - | - | - | - | - | Para o Sul. |
| - | - | - | - | - | Vindo do Sul. |
| 4.856 | 121 | 53 | 27 | 5.057 | Para Portugal. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Portugal. |
| - | - | - | - | - | Para Loanda. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Loanda. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Portugal. |
| 3 | - | 7 | 1 | 11 | Para o Sul. |
| - | - | - | - | - | Vindo do Sul. |
| 5.473 | 248 | 35 | 27 | 5.783 | Para Portugal. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Loanda. |
| 35 | 2 | 10 | - | 47 | Para Loanda. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Portugal. |
| - | - | - | - | - | Vindo de Portugal. |
| - | - | 1 | - | 1 | Para Portugal. |
| - | - | - | - | - | Vindo do Sul. |
| 5.985 | 152 | 33 | 38 | 6.208 | Para Portugal. |
| 3 | - | 5 | 8 | 16 | Para o Sul. |
| 65 | 3 | 6 | - | 74 | |
| 1.315 | 982 | 318 | 780 | 3.395 | |
| 33.246 | 2.228 | 578 | 907 | 36.959 | |

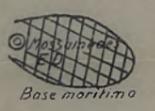
de 88.265 cartas, 6.902 postais, 1.302 officios e 3.057 impressos e postais.

1915.—O Chefe da Estação Postal, *Joaquim Pedro de Maga-*

Dispositivo das forças e funcionamento dos serviços no início das operações.

Schema 1

Do Huambo (estação ao com. de ferro de Benguela)



F.º HUMBE

- Posto avançado de cavalaria e auxiliares montados.
- Posto avançado.
- ⊗ Locais de reunião de forças.
- Área abrangida pelos comandos militares em fase das futuras operações.
- Carros Forma como era feito o abastecimento.

Postos estabelecidos de ocupação

Schema IV

F. CÁFU

ÉVALE

Chana Cuacula

(A montar) Nhambangie

MONGUA

F. HUMBE

F. ROÇADAS

Balunganga

F. DAMEQUERO

F. DONGOENA

F. CUAMATO

(A montar) Oroquero

NGIVA

Omponda { Depois da delimitação da fronteira
deve ser transferido para Nama-
Ihende ou Omatemba.

F. NAULILA

(A montar) Matengua

NAMACUNDE
Residentes portugueses e
ingleses.

Itinerarios dos diferentes destacamentos



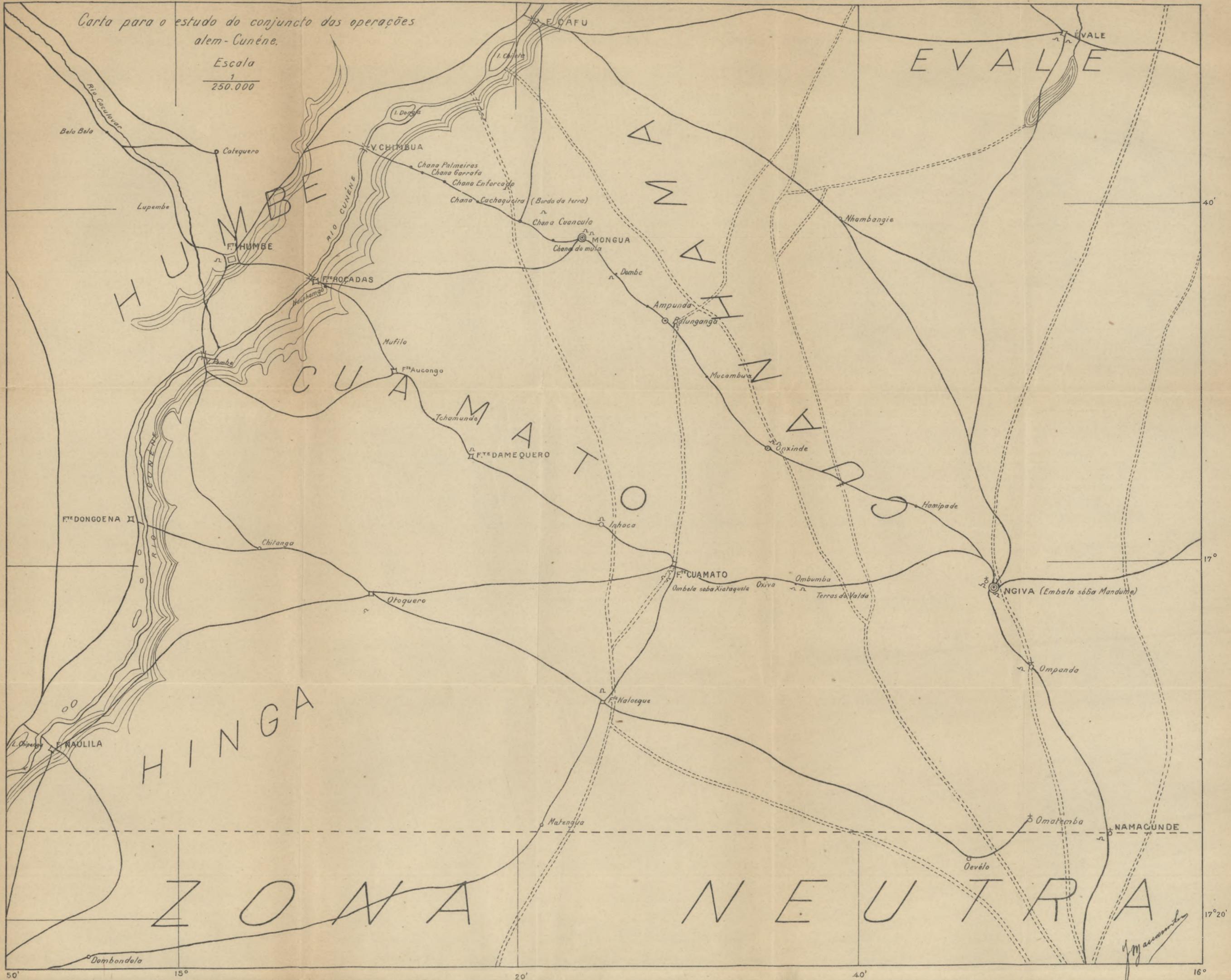
- - - - - Itinerario do Dest.º de Evale.
 " do " de Naulila (Cav.º 9 e esq.º boers).
 + + + + + " do " da Ngiva.
 + + + + + " do " do Cuanhama.
 + + + + + " do " do Cuamato.
 - - - - - Marcha de serviço do Dest.º do Cuamato ao Cuanhama.
 □ □ □ □ □ Locais de estacionamento.
 ■ ■ ■ ■ ■ Postos montados.
 ✕ ✕ ✕ ✕ ✕ Escaramuças e combates.

Esboço de carta para o estudo do conjunto das operações no Sul da Provincia de Angola em 1915.



Carta para o estudo do conjunto das operações alem-Cunene.

Escala
1
250.000



BEHUINGA

CUAMATO

AMBANGIA

HINGA

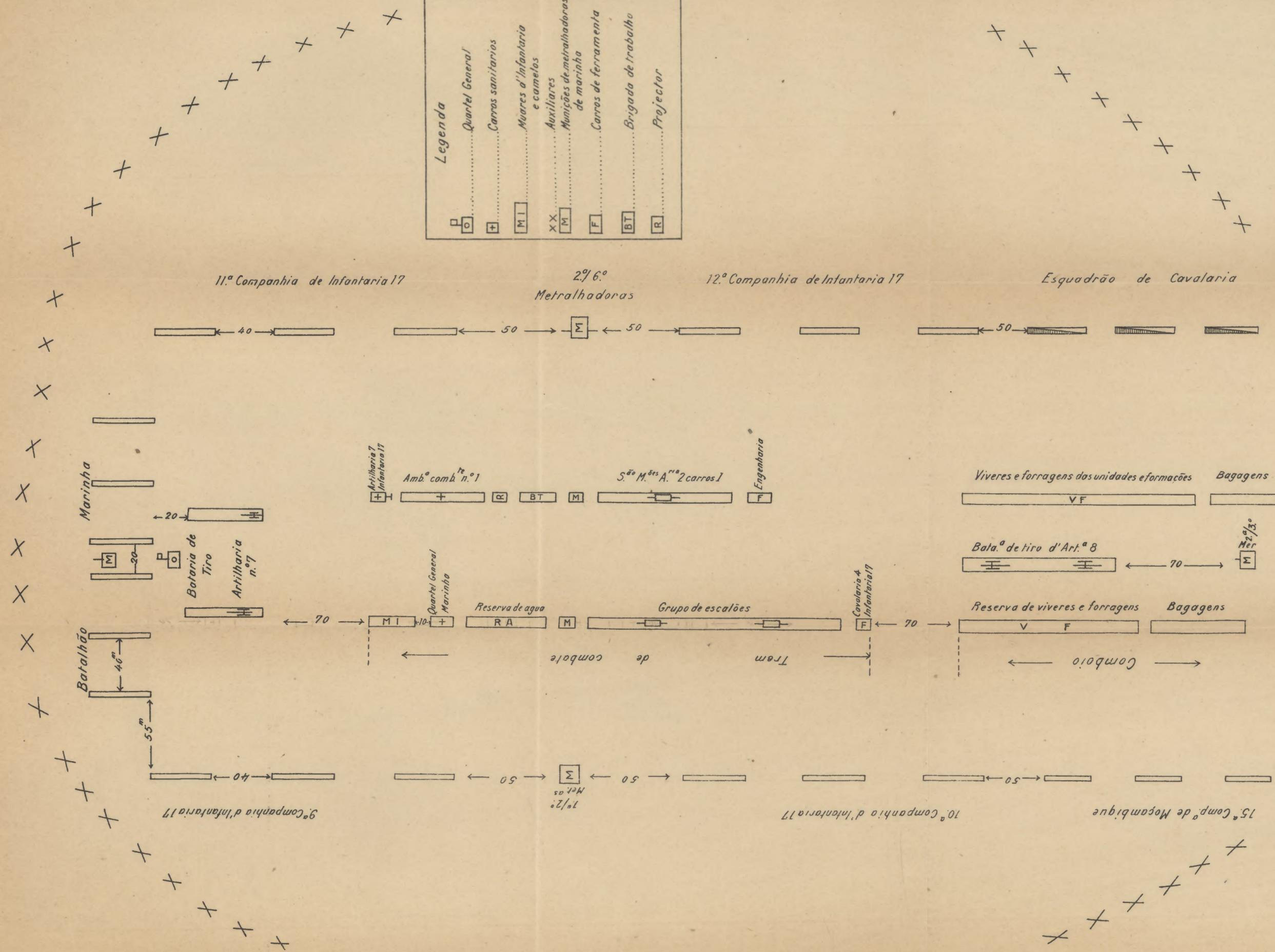
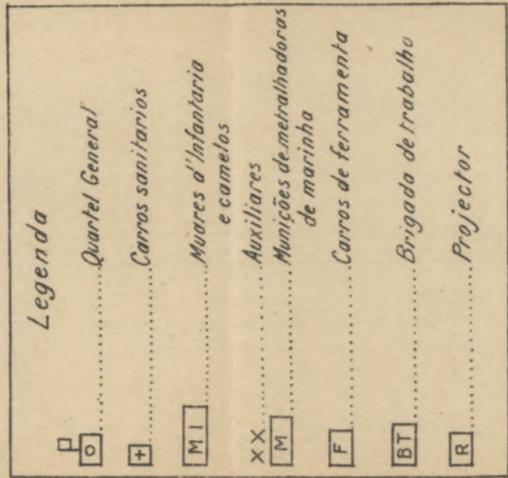
ZONA NEUTRA

EVALE

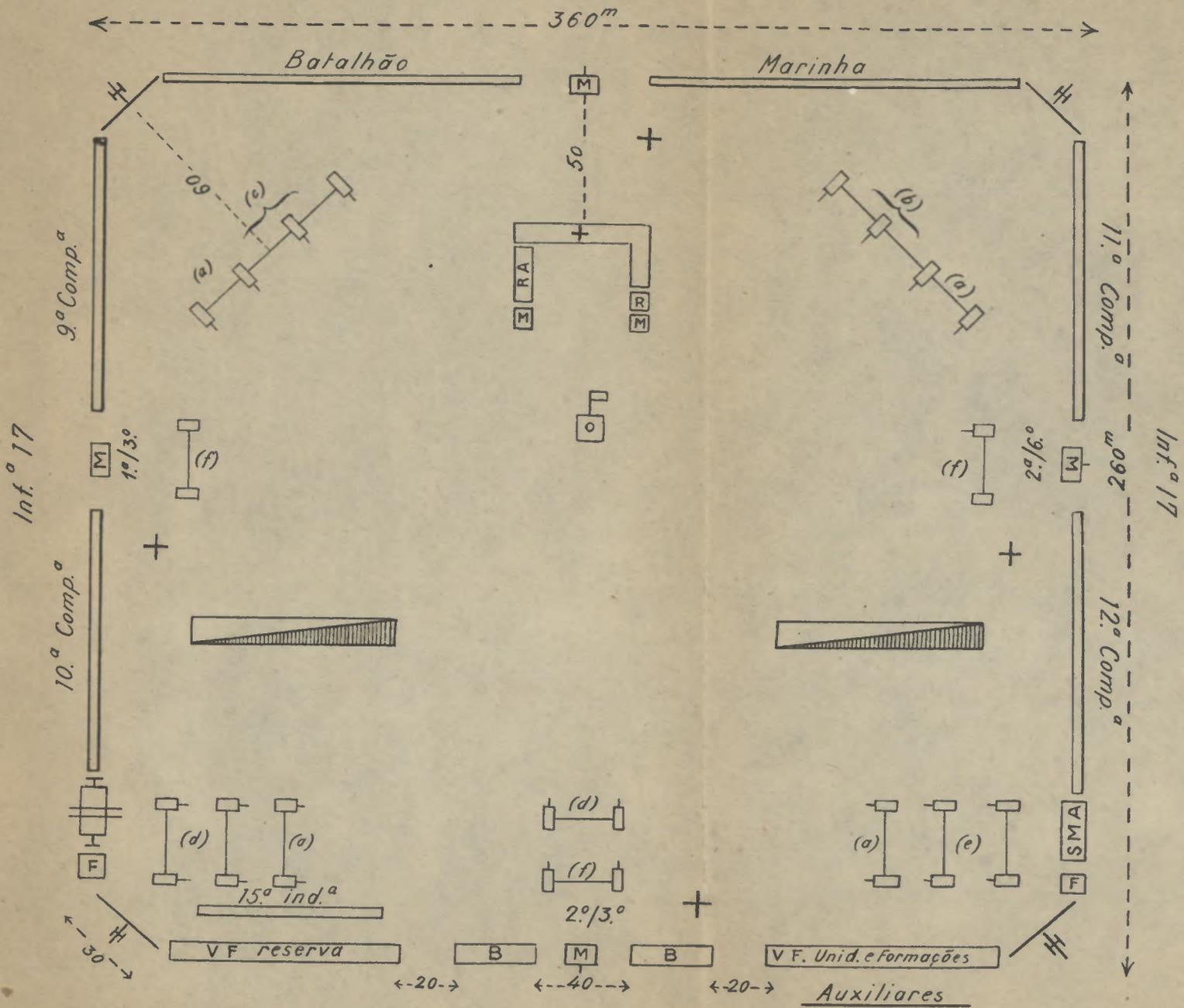
NAMACUNDE

50' 15° 20' 40' 16°

J. M. ...



Dispositivo de Estacionamento

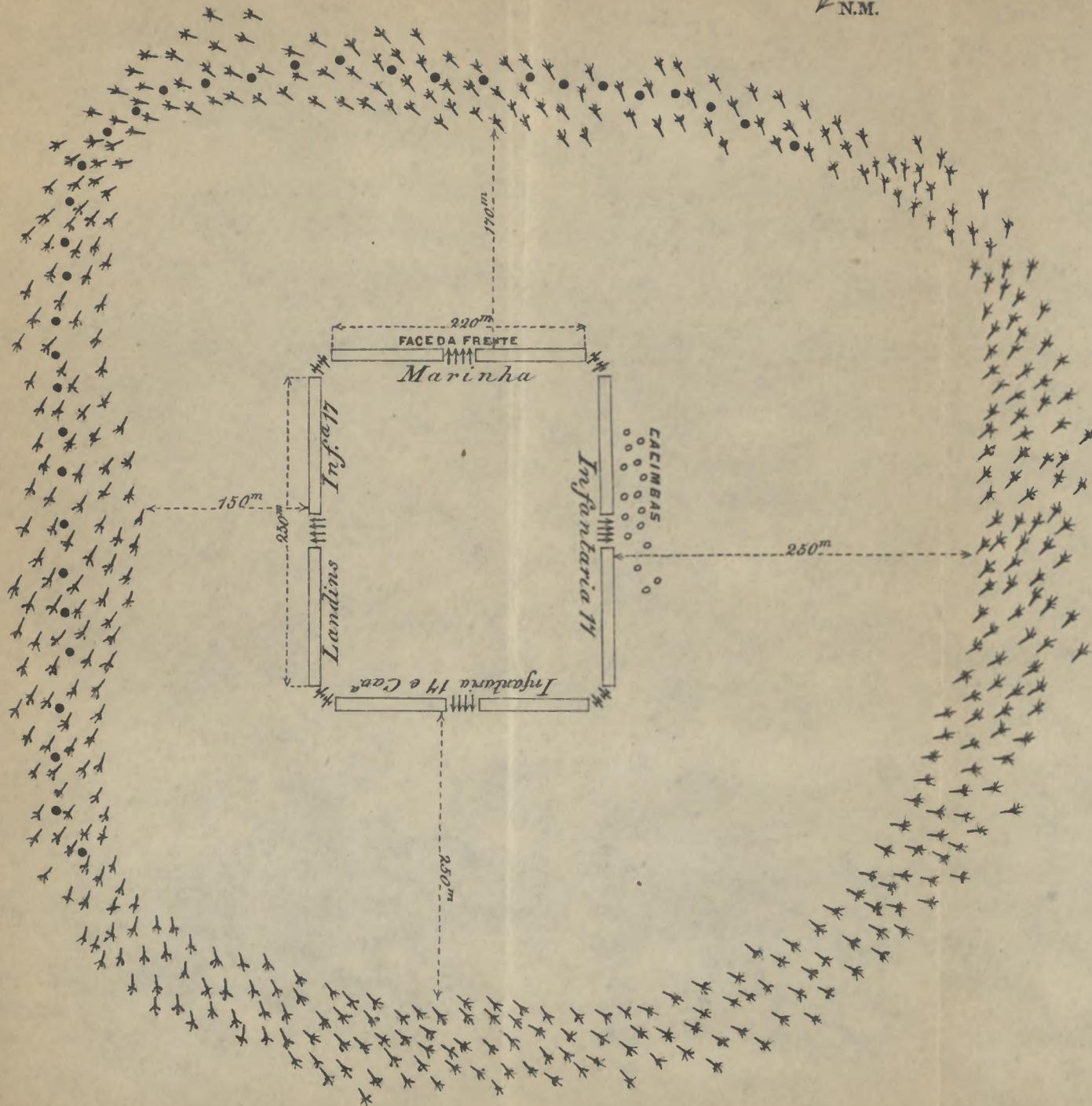


Legenda

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Quartel General. Ambulancia de combate. Carro sanitario. Posto de socorro. Divisão de Artilharia. Esquadrão de Cavalaria. Bateria de Metralhadoras. (a) Gado das divisões em frente. (b) Gado da ambulancia de combate. (c) Gado do Quartel General e Metralhadoras de Marinha. (d) Gado dos Escalões. (e) Gado da Secção de Munições de Artilharia. | <ul style="list-style-type: none"> Escalões das baterias. Secção munições de Artilharia. Projetor. Carro de ferramentas. Carros de viveres e forragens. " " bagagens. Cordas de bivaque. Reserva de agua. Munições de Metralhadoras de Marinha. (f) Gado das Metralhadoras em frente. |
|--|--|

SITUAÇÃO NO DIA 20 DE AGOSTO

Escala $\frac{1}{5.000}$

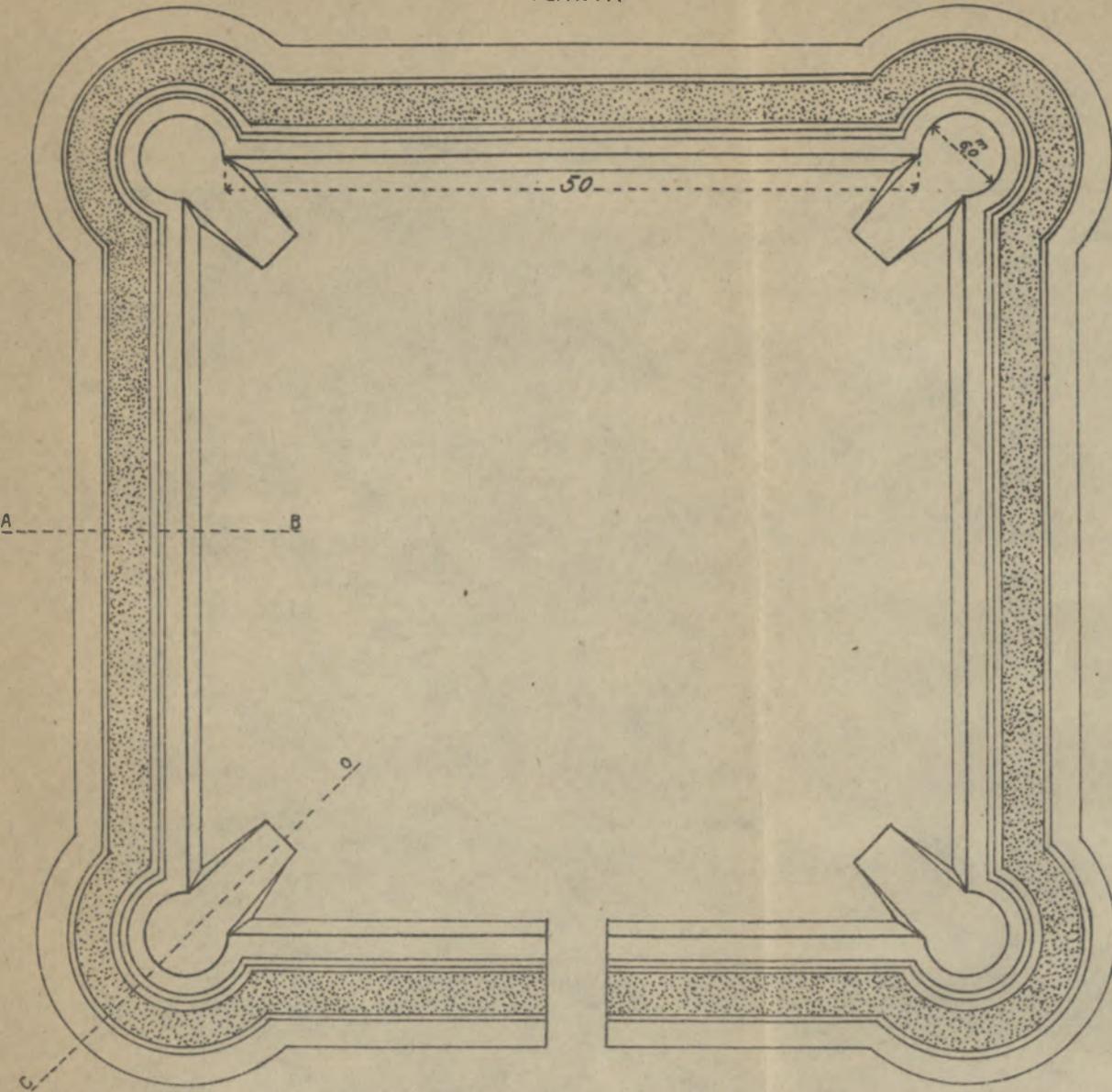


Legenda

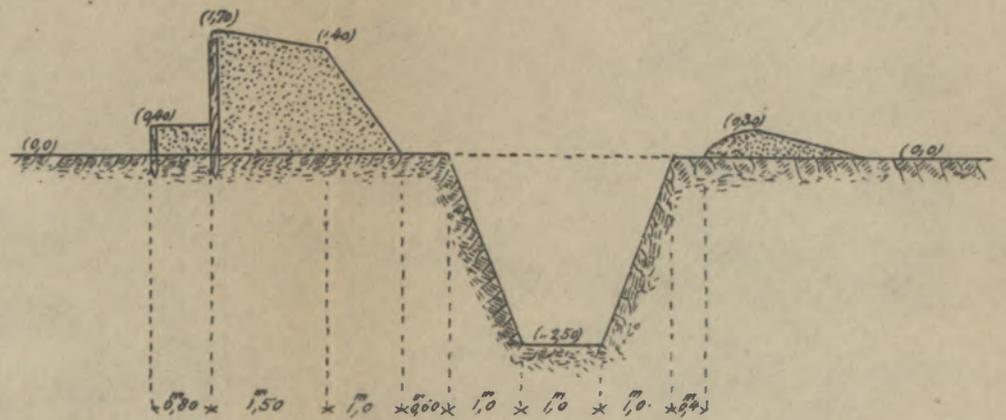
- Infantaria.....
- Artilharia.....
- Metrallhadôras.....
- Mata.....
- Direcção do principal ataque ao quadrado.....

FORTE DA MONGUA

PLANTA



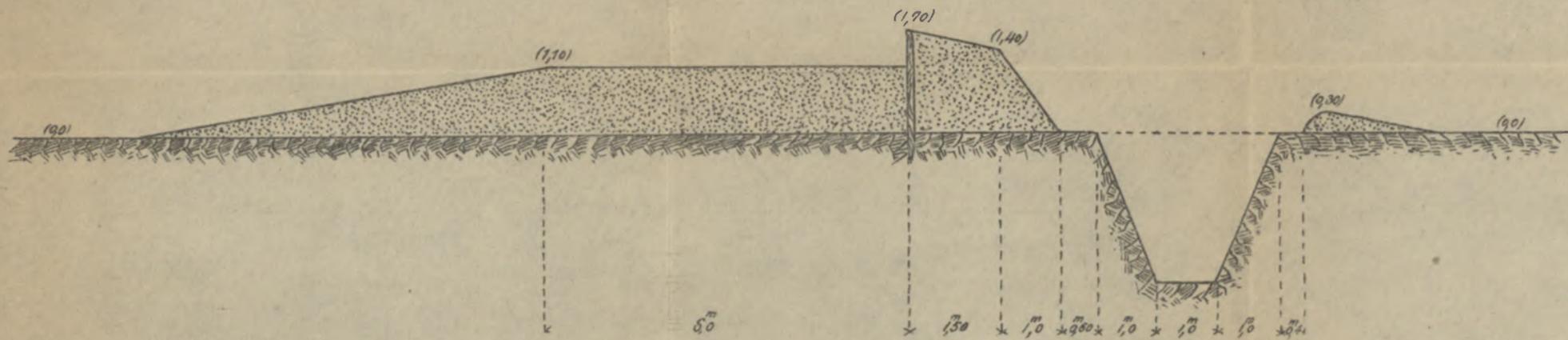
PERFIL AB



ESCALAS:

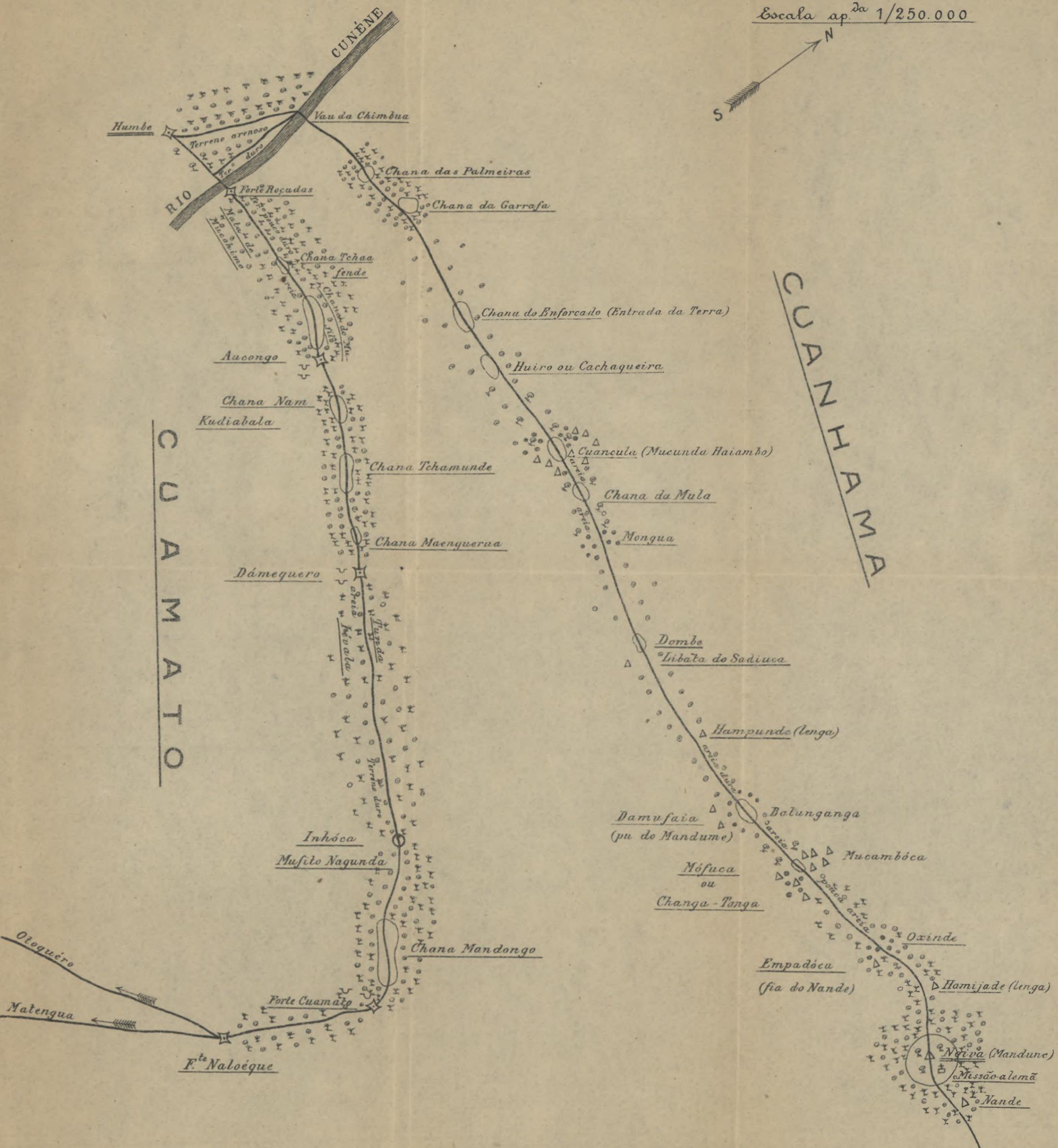
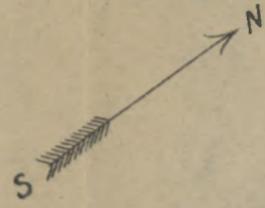
PLANTA $\frac{1}{500}$
 PERFIS $\frac{1}{100}$

PERFIL CD



ITINERARIOS

Escala ap.^{da} 1/250.000



Humbe

CUNENE

Vau da Chimbuá

RIO

Terreno arenoso

Forte Roxadas

Chana das Palmeiras

Chana da Garrafa

Chana Tchaa

fende

Chana do Enforcado (Entrada da Terra)

Aucongo

Huiro ou Cachaqueira

Chana Nam

Kudiabala

Cuancula (Mucunda Haiambo)

Chana Tchamunde

Chana da Mula

Chana Maenquerua

Mongua

Dámequero

Dombe

Libata do Sadiuca

Hampunde (lenga)

Damvfaia (pu do Mandume)

Balunganga

Mucambóca

Mófuca

ou Changa-Tanga

Inhóca

Musilo Nagunda

Chana Mandongo

Empadócu

(fia do Nande)

Oxinde

Hamijade (lenga)

Nai va (Mandume)

Missão alemã

Nande

C U A M A T O

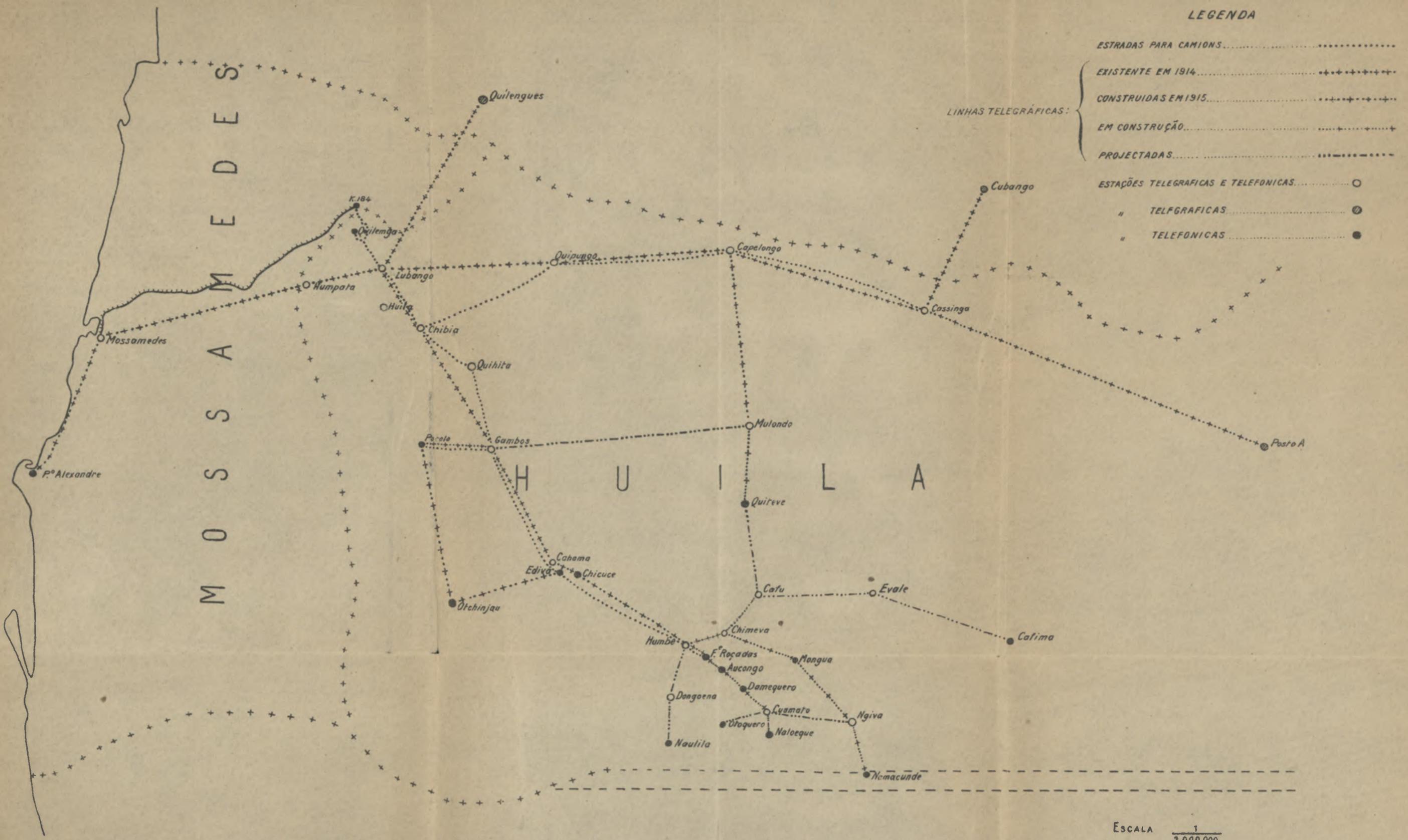
C U A N H A M A

Oloquero

Matengua

F. Naloéque

ESTRADAS PARA CAMIONS E LINHAS TELEGRAFICAS



ESCALA $\frac{1}{2.000.000}$